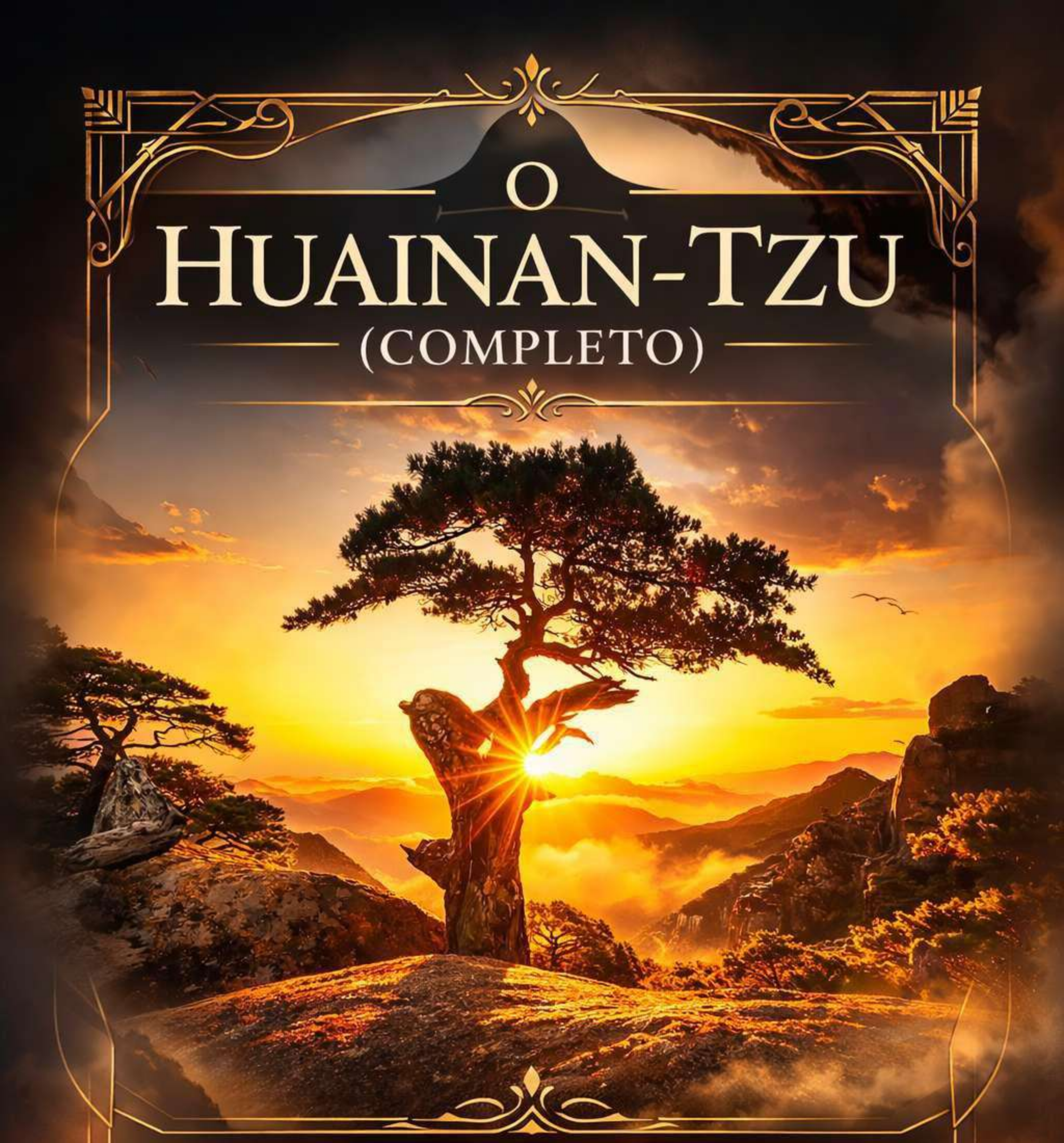
O HUAINAN-TZU

(COMPLETO)



Tradução: Amadeu Antònío

LIU AN, REI DE HUAINAN

UM GUIA PARA A TEORIA E PRÁTICA DO GOVERNO

NA CHINA DO INÍCIO DA DINASTIA HAN

John S. Major, Sarah A. Queen, Andrew Seth Meyer, Harold D. Roth
Com contribuições adicionais de Michael Puett e Judson Murray

Conselho Editorial:
Wm. Theodore de Bary (Presidente), Paul Anderer, Irene Bloom, Donald Keene, George A. Saliba, Haruo Shirane, Wei Shang, Burton Watson

Columbia University Press
Editores desde 1893
Nova Iorque – Chichester, West Sussex
cup.columbia.edu

Índice

Agradecimentos
Introdução

1. A Origem no Caminho
2. Ativar o Genuíno
3. Padrões Celestes
4. Formas Terrestres
5. Regras Sazonais
6. Investigando as Obscuridades
7. Espírito Quintessencial
8. O Caminho Fundamental
9. As Técnicas do Governante
10. Preceitos Profundos
11. Integração dos Costumes
12. Respostas do Caminho
13. Discursos Sem Limites
14. Ditos Explicados
15. Uma Visão Geral da Questão Militar
16. Montanha das Persuasões
17. Floresta das Persuasões
18. Entre Outros
19. Cultivar o Esforço
20. A Linhagem Exaltada
21. Visão Geral dos Elementos Essenciais

Apêndice A – Termos-Chave Chineses e as Suas Traduções
Apêndice B – Termos Categóricos
Apêndice C – Breve História Textual do *Huainanzi* e Bibliografia de Estudos sobre o *Huainanzi*
Índice

INTRODUÇÃO

Este livro é a primeira tradução completa para inglês do *Huainanzi*, uma obra da primeira fase da dinastia Han, de importância fundamental para a história intelectual da China antiga. Com esta tradução, pretendemos dar a conhecer tanto a especialistas como ao público em geral, de forma até agora impossível, a riqueza filosófica do texto, a sua organização cuidada e deliberada, a vasta gama de materiais que apresenta e a sofisticação do seu estilo literário e das suas técnicas retóricas.

Em 139 a.C., Liu An, parente do imperador e rei de Huainan, apresentou ao jovem Imperador Wu da dinastia Han um livro composto por vinte e um capítulos, hoje conhecido como *Huainanzi* (O Mestre de Huainan). Conciso mas enciclopédico, e reunindo uma ampla variedade de fontes, este livro foi concebido como uma síntese do conhecimento necessário para que um monarca da época pudesse governar de forma bem-sucedida. Estruturado segundo o princípio de "raiz e ramos", os primeiros capítulos da obra estabelecem a natureza fundamental do mundo e da sociedade humana, enquanto os capítulos seguintes tratam da aplicação prática desse conhecimento a diversas questões. No seu conjunto, a obra funciona como um currículo-modelo para a formação de um futuro soberano.

Nesta introdução, oferecemos uma visão geral do *Huainanzi*, o seu contexto histórico e os princípios e métodos usados na nossa tradução. Abordamos também o conteúdo, a organização e as fontes do texto, o seu lugar na história da dinastia Han inicial e as diferentes formas como tem sido interpretado pelos estudiosos. Para além disso, fornecemos uma introdução substancial a cada um dos capítulos. Os capítulos traduzidos constituem o verdadeiro coração do livro.

Acreditamos que a maior parte do *Huainanzi* foi escrita durante o reinado do Imperador Jing (157–141 a.C.), várias décadas e três gerações imperiais após o início da era Han. Durante esse período, houve um intenso debate sobre a organização e estrutura apropriadas do império: deveria ser centralizado, descentralizado ou uma combinação de ambos? Embora o *Huainanzi* trate muito mais de questões filosóficas fundamentais e da sua aplicação do que de aspetos administrativos concretos do governo, esse debate constitui um pano de fundo essencial para compreender a obra como um todo. Na verdade, esse conflito estava diretamente relacionado com as esperanças e ambições do patrono, editor e coautor da obra, Liu An. É, por isso, com este contexto que iniciamos a nossa análise.

O CONTEXTO DA DINASTIA HAN PRIMITIVA NO HUAINANZI:

HISTÓRIA, POLÍTICA E IMAGENS RIVAIS DO IMPÉRIO

Quando o líder rebelde Liu Bang se proclamou rei de Han, em 206 a.C., teve de enfrentar as causas do colapso da dinastia Qin e lidar com o seu legado ambíguo. Embora os Qin tivessem conseguido unificar o império ao derrotar ou forçar a rendição dos estados independentes do final do período dos Reinos Combatentes, o seu império revelou-se efémero, dissolvendo-se em rebeliões após a morte do Primeiro Imperador. À medida que Liu Bang triunfava sobre o seu rival Xiang Yu na luta pelo poder após a queda dos Qin, e assumia o título de imperador em 202 a.C., é possível que já pensasse em como perpetuar a unificação do império, evitando ao mesmo tempo as causas da rápida derrocada dos Qin. Que visão de império, forma de governo e técnicas de administração estatal seriam mais eficazes na missão de estabelecer uma dinastia duradoura? Como poderia a recém-fundada dinastia Han aproveitar os êxitos administrativos dos Qin sem repetir os seus fracassos catastróficos?

As respostas a estas perguntas estavam longe de ser claras e foram sendo delineadas apenas gradualmente ao longo das décadas seguintes, durante os reinados do próprio Liu Bang (Imperador Gaozu) e dos seus sucessores Liu Ying (Imperador Hui), a Imperatriz-Viúva Lü Zhi (cujo reinado contestado durou de 188 a 180 a.C.), Liu Heng (Imperador Wen), Liu Qi (Imperador Jing) e Liu Che (Imperador Wu). Durante esse período, que durou pouco mais de um século, diversos estudiosos, funcionários e membros da família imperial apresentaram visões concorrentes e responderam de formas variadas a estas questões cruciais.

O fundador da dinastia Han e os seus sucessores imediatos não careciam de conselhos. O próprio Liu Bang, um homem de ação sem formação literária, desprezava a verbosidade dos eruditos, mas ainda assim mostrou-se recetivo às recomendações de Lu Jia (c. 228–140 a.C.) sobre os méritos dos rituais cortesãos ao estilo Zhou (ainda que possivelmente idealizados), bem como sobre a manutenção, embora atenuada, de muitas das políticas administrativas Qin e técnicas para recrutar oficiais competentes. Shusun Tong (m. após 188 a.C.) desempenhou um papel central na conceção dos rituais imperiais de Liu Bang. Os imperadores Hui e Wen beneficiaram dos conselhos do cortesão Jia Yi (201–169 a.C.), cujas obras literárias se inserem na tradição confucionista e que criticou as políticas estatistas dos Qin (associadas a pensadores como o Lorde Shang e Li Si) por serem excessivamente severas. Chao Cuo (m. 154 a.C.) fundamentou grande parte do seu aconselhamento político na sua leitura do *Shang shu* (Clássico dos Documentos), mas defendeu ainda assim o fortalecimento do poder central face aos reinos neofeudais.

Durante os reinados dos imperadores Wen e Jing, e especialmente sob a influência da mãe de ambos, a Imperatriz-Viúva Dou, ganharam destaque os pareceres de vários estudiosos que propunham políticas estatais inspiradas no ideal do sábio-imperador representado no *Laozi* e nas tendências centralizadoras e legitimadoras cosmológicas associadas aos ensinamentos atribuídos ao Imperador Amarelo. Como discutiremos mais adiante, todos esses conselheiros basearam os seus argumentos em interpretações de textos específicos e recorreram a tradições diversas. Por isso, consideramos que tentativas posteriores de os classificar em "escolas" são anacrónicas e pouco úteis.

Apesar de seis décadas de conselhos contraditórios, o que era verdade para Liu Bang, fundador da dinastia, continuava a sê-lo para o seu bisneto e sucessor Liu Che. Modelos diversos de organização e governação do império, inspirados na experiência histórica da China, competiam entre si. Num extremo, encontrava-se o modelo altamente centralizado dos Qin, que, pela forma como foi implementado, deve ter parecido um erro grave a muitos observadores Han. No outro extremo, estava o modelo descentralizado da era Zhou Ocidental, anterior à unificação imperial, legitimado pela associação aos sábios-governantes Reis Wen e Wu e ao Duque de Zhou. Segundo argumenta Michael Puett, o reinado de Liu Bang refletia uma ambivalência em relação a esses modelos rivais de império – ambivalência essa que deu origem a um terceiro modelo, que combinava elementos centralizados e descentralizados e que se tornou o arranjo sociopolítico de fato do Império Han aquando da ascensão de Liu Che.

Por um lado, ao adotar o título Qin de "imperador" e instituir o sistema de comando territorial dos Qin em cerca de um terço do império, Liu Bang demonstrava inclinações para uma visão centralizada do poder imperial. Por outro lado, tomou também várias medidas que visavam distanciar-se dos Qin. Reduziu os impostos, medida imediatamente popular, embora as propostas para suavizar o rigor do código legal Qin tenham sido discutidas mas nunca implementadas. Para administrar os restantes dois terços do império, reviveu a prática tradicional de estabelecer reinos regionais, distribuindo vastas extensões de terra, primeiro a aliados militares que o ajudaram a vencer Xiang Yu e, mais tarde, a seus parentes. Ambos os grupos receberam o título de "rei" e beneficiaram de ampla autonomia nas suas respetivas regiões. Durante as primeiras décadas do período Han, esta abordagem integradora de Gaozu foi objeto de debate entre estudiosos e estadistas, devido à sua associação com o fundador da dinastia e ao fato de representar o estado sociopolítico vigente no início do reinado de Liu Che.

O compromisso do Imperador Gaozu com os ideais de governo dos Zhou Ocidentais também se evidenciava nos rituais da corte que escolheu seguir e na sua decisão de governar segundo a "Potência da Água", no contexto político da teoria dos Cinco Elementos (ou Cinco Fases), segundo a qual cada dinastia governava sucessivamente através de uma das potências: Terra, Madeira, Metal, Fogo ou Água. Estes atos simbólicos legitimavam os Han como sucessores da dinastia Zhou Ocidental. Contudo, os perigos do sistema de feudos tornaram-se cada vez mais claros para o imperador, à medida que vários reis regionais se revoltavam contra a corte central. Para evitar uma

crise, substituiu os governantes rebeldes por membros da sua própria família, mas o perigo apenas foi atenuado – não eliminado, como a história dos anos seguintes viria a demonstrar. Reza a tradição que o próprio Gaozu terá morrido devido a um ferimento sofrido em combate contra o antecessor de Liu An, Ying Bu, o primeiro rei de Huainan, que se tinha revoltado contra o imperador.

Após a morte de Gaozu, a dinastia enfrentou vários problemas relacionados com a sucessão. Um dos episódios mais significativos foi a tentativa de golpe levada a cabo pela Imperatriz-Viúva Lü, que assumiu o poder após a morte do Imperador Hui em 188 a.C. e exerceu um controlo de fato durante um interregno conturbado até à sua morte, em 180. Com o enfraquecimento do poder central nos anos que se seguiram à morte de Gaozu, os reinos regionais foram ganhando cada vez mais força. Já durante o reinado do Imperador Wen (180–157 a.C.), esses reinos tinham-se tornado tão poderosos que alguns ministros começaram a defender uma maior centralização como resposta aos desafios colocados pelos feudos. Assim teve início uma política de redução gradual do tamanho dos maiores reinos.

A história do reino de Huainan é particularmente elucidativa. Inicialmente, o feudo foi atribuído a Ying Bu (que não era parente da família imperial Liu) em 203 a.C. Após a rebelião e morte de Ying Bu, em 196, o território foi concedido a Liu Chang, o sétimo filho do Imperador Gaozu e futuro pai de Liu An. Liu Chang era ainda bebé quando foi nomeado rei de Huainan. O seu irmão Liu Ying (Imperador Hui) subiu ao trono em 193 e reinou até 188. Depois do período de governação da Imperatriz-Viúva Lü, o trono passou, em 180, para outro irmão, Liu Heng (Imperador Wen).

Liu Chang, insatisfeito por ter sido preterido na sucessão imperial e, aparentemente, ressentido por ser apenas um rei territorial, revoltou-se contra o Imperador Wen em 174, pouco depois de atingir a maioridade. O plano falhou, Liu Chang foi acusado de traição e morreu a caminho do exílio. Muitos dos seus cúmplices foram executados, e o reino de Huainan foi temporariamente abolido, sendo substituído por comandos administrativos sob controlo direto do governo central. Em 172, talvez movido por remorsos pela morte do irmão, o Imperador Wen concedeu feudos a quatro dos filhos de Liu Chang, entre os quais Liu An, com cerca de sete anos, que se tornou senhor de Fuling. Em 164, o imperador restaurou os reinos no antigo território de Huainan, mas dividiu a vasta região em três entidades menores: um reino de Huainan reduzido e os novos reinos de Hengshan e Lujiang. Liu An foi então nomeado rei de Huainan, sucedendo finalmente ao título do pai. Este desfecho terá sido ambivalente: se por um lado Liu An foi elevado à dignidade de rei, por outro, o território que governava era muito inferior ao que o pai tinha administrado no auge da sua carreira.

O acordo de 164 a.C., no entanto, apenas conteve temporariamente a maré de instabilidade dentro do clã imperial. Durante o reinado do Imperador Jing, a situação dos reinos tornou-se tão volátil que, em 154, sete reis enfeudados se revoltaram contra a corte central. De forma significativa, Liu An não participou na revolta, optando antes

por demonstrar lealdade e apoio à corte imperial. O Imperador Jing reprimiu com sucesso a revolta e aprofundou a centralização do poder através da expansão do sistema de comandos administrativos.

Ainda assim, o conflito entre as duas visões opostas de império — uma exclusivamente centralizada e outra amplamente descentralizada — estava longe de resolvido, o que abriu espaço para o desenvolvimento de um modelo intermédio. O interesse de Liu An em fazer sentir a sua influência na corte durante o reinado do Imperador Jing foi certamente moldado pelas políticas e dinâmicas complexas desse período. O *Huainanzi*, que reflete a visão pessoal de Liu An sobre a organização e governação do império, terá sido provavelmente escrito durante esses anos, em resposta direta à conjuntura política.

Quando Liu Che (mais tarde Imperador Wu) subiu ao trono com cerca de quinze anos de idade (dezasseis segundo o sistema de contagem chinês, *sui*), em 141 a.C., grande parte do império permanecia sob controlo dos reis enfeudados. Não era claro se o jovem imperador — ainda sob forte influência da avó, a Imperatriz-Viúva Dou — continuaria os esforços centralizadores do seu predecessor ou se retomaria as políticas de compromisso de Gaozu. Foi nesse contexto que Liu An, já conhecido como patrono das letras e membro destacado da família imperial, apresentou ao novo imperador a obra de vinte e um capítulos que hoje conhecemos como o *Huainanzi*.

A oferta terá tido como objetivo impressionar o jovem soberano com a visão particular de Liu An sobre o império. A obra reflete os interesses de um parente real preocupado, acima de tudo, em preservar tanto a independência do seu reino como a sua autoridade como governante.

O império ideal descrito no *Huainanzi* assume a forma de um domínio à maneira dos Zhou, no qual os parentes do imperador governam reinos locais semi-autónomos, mantendo porém a lealdade suprema à autoridade benevolente de um soberano-sábio iluminado. Inspirando-se no modelo integrador do Imperador Gaozu, Liu An e os autores do *Huainanzi* incorporaram — embora de forma mais limitada — políticas, técnicas e instituições características tanto do poder centralizado como do descentralizado.

No início da era Han, a metade oriental do império era constituída por reinos semi-autónomos governados por membros do clã Liu, enquanto a metade ocidental se encontrava sob domínio direto do imperador. Na época em que o *Huainanzi* foi escrito (durante o reinado do Imperador Jing), muitos desses reinos tinham já sido extintos, com os seus territórios transformados em comandos administrativos dirigidos por oficiais nomeados que respondiam diretamente ao governo imperial. O reino de Huainan seria abolido definitivamente em 122 a.C. No final do século II a.C., os reinos tinham praticamente desaparecido, com excepção de alguns casos mais notórios como Changsha, a sul do médio curso do rio Yangzi, Guangling, no baixo Yangzi, e Yan, na planície oriental do rio Amarelo.

Conseguir que o imperador desse ouvidos aos argumentos vigorosos apresentados no *Huainanzi* em defesa dessa visão — e às afirmações implícitas e explícitas sobre Liu An e o seu reino nesse quadro ideal — deve ter sido a principal preocupação de Liu An durante a sua permanência em Chang'an. Enquanto o jovem imperador — presumivelmente com base nos conselhos "avunculares" de Liu An — procurava firmar o seu poder e libertar-se da influência da Imperatriz-Viúva Dou, o futuro era incerto: não se sabia que fações cortesãs sairiam vencedoras, nem qual seria a orientação política definitiva da corte central. O momento parecia ideal para que Liu An reivindicasse a sua autoridade política e intelectual.

LIU AN E O *HUAINANZI*

Quando Liu An sucedeu ao trono do seu pai no reino de Huainan, é provável que tivesse dois grandes objetivos políticos e, talvez, uma ambição oculta. O primeiro objetivo seria manter-se nas boas graças do seu tio, o Imperador Wen, e mais tarde do seu primo, o Imperador Jing, bem como da mãe deste, a poderosa Imperatriz-Viúva Dou. (Figura imponente, Dou tornara-se concubina secundária de Liu Heng — o futuro Imperador Wen — em 188 a.C., e exerceu influência dominante desde a sua subida ao trono em 180. Continuou a exercer poder efetivo durante os reinados do filho, o Imperador Jing, e do neto, o Imperador Wu, até à sua morte em 135.) O segundo objetivo de Liu An seria promover, pelos meios ao seu alcance, políticas que preservassem e reforçassem o poder dos reinos Han face às tendências centralizadoras do trono imperial. Uma possível ambição secreta — que não podia ser expressa nem perseguida abertamente, sob pena de ser acusado de traição — poderia ter sido posicionar-se como potencial herdeiro do trono durante o reinado de Jing. Tal possibilidade não seria absurda, já que era concebível que outro neto do fundador Liu Bang pudesse ser considerado para a sucessão.

Perseguir o primeiro objetivo (e o terceiro, se realmente aspirava ao trono) exigia sobretudo prudência, paciência e evitar aventuras arriscadas. Por isso, Liu An recusou participar na Revolta dos Sete Reis, em 154 a.C. Quanto ao segundo objetivo, este exigia domínio da arte da persuasão política — um campo no qual Liu An demonstrou grande habilidade à medida que amadurecia.

Liu An era um entusiasta das letras, com interesses que iam da administração à cosmologia, da retórica à poesia, da filosofia natural ao ocultismo. Foi um generoso patrono das artes e da erudição, reunindo na sua corte numerosos homens de saber. Ganhou fama como escritor rápido, hábil e prolífico, sendo-lhe atribuída a autoria de diversas obras originais, entre elas mais de oitenta *fu* (composições poéticas formais), tratados sobre alquimia, música e filosofia natural, e um comentário ao poema *Li sao* ("Encontro com a Tristeza") da antologia *Chuci*. É também considerado o autor da obra que hoje conhecemos como *Huainanzi* ("O Mestre de Huainan"), embora, nos dias de hoje, talvez fosse mais apropriado chamá-lo seu editor geral.

A descrição mais antiga do *Huainanzi* encontra-se na "Biografia de Liu An" no *Han shu* (História da [Antiga] Dinastia Han), da autoria de Ban Gu (32–92 d.C.), que afirma que a obra foi resultado do trabalho de muitas mãos. Segundo Ban Gu, Liu An terá convocado à sua corte "vários milhares de convidados e visitantes", entre os quais um grupo denominado "mestres de técnicas esotéricas" (*fangshushi*), presumivelmente com o intuito de contribuírem para o livro.

Ban Gu descreve ainda a obra como tendo uma estrutura tripartida: um "livro interior" com vinte e um capítulos; um "livro exterior" com mais capítulos (embora o número exato não seja especificado); e um "livro médio" constituído por oito secções (*zhuan*), também de extensão desconhecida. Este último, com mais de 200.000 caracteres, tratava de técnicas alquímicas associadas à busca da imortalidade espiritual (*shen xian*). Fragmentos dessa obra perdida foram recompilados por estudiosos da dinastia Qing e revelam um conteúdo repleto de conhecimentos e fórmulas típicas dos mestres esotéricos.

O comentador Gao You, na sua introdução ao *Huainanzi* (por volta de 212 d.C.), dá mais pormenores: "Muitos mestres de técnicas esotéricas do império viajaram para Huainan e aí se instalaram. Posteriormente, Liu An, com os seguintes oito homens — Su Fei, Li Shang, Zuo Wu, Tian You, Lei Bei, Mao Bei, Wu Bei e Jin Chang — e vários confucionistas (*ru*), discípulos das tradições da Grande e da Pequena Montanha, debateram juntos o Caminho (*Dao*) e a sua Potência (*De*), unificando os conceitos de Humanidade (*Ren*) e Retidão (*Yi*) para compor esta obra."

Ban Gu sublinha a riqueza dos debates que animaram a corte de Liu An e que provavelmente deram origem ao conteúdo de vários capítulos do *Huainanzi*. "Tan lun" ("Discursos Sem Limites") é um título apropriado para os ensaios que possivelmente resultaram dessas discussões moderadas por Liu An. Com base no conteúdo e forma, o capítulo "Xiu wu" ("Cultivar o Esforço") pode ser interpretado como um modelo de construção argumentativa eficaz. Outros capítulos apresentam-se como compilações de literatura performativa ou versos gnómicos. É possível que relatórios e resumos de capítulos tenham sido apresentados oralmente e debatidos na corte. Ainda assim, o conteúdo e a estrutura da maioria dos capítulos indicam fortemente que o *Huainanzi* é predominantemente fruto de compilação e composição a partir de fontes escritas — o que está de acordo com a fama de Liu An como possuidor de uma biblioteca magnífica no seu palácio.

Independentemente da forma exacta como os capítulos foram escritos, é impossível afirmar com certeza se os nomes mencionados por Gao You são de fato autores de alguma parte. O papel de Liu An na compilação do livro também não é claro — é possível que tenha escrito alguns ensaios. Benjamin Wallacker sugere que Liu An pode ter sugerido temas ou delineado esboços a partir dos quais os seus estudiosos discutiam e redigiam os textos. É bastante plausível que tenha supervisionado editorialmente o processo e aprovado os ensaios finais.

Uma leitura atenta de vários capítulos mostra claramente que os textos não foram todos redigidos pela mesma mão, embora o livro como um todo apresente uma coerência temática notável (como será discutido mais à frente). No fim de contas, qualquer discussão sobre a autoria do *Huainanzi* é necessariamente inconclusiva. Sabe-se apenas, com segurança, que a obra resulta do trabalho coletivo de um grupo de estudiosos sob a supervisão e o patrocínio de Liu An. É igualmente evidente, pelas palavras de Ban Gu, que o texto é uma produção colaborativa, envolvendo Liu An de alguma forma, e vários homens com diferentes especializações. Apesar de se basearem em fontes diversas e pontos de vista distintos, os autores procuraram essencialmente forjar uma síntese entre os pares conceptuais do Caminho e da Potência, por um lado, e da Humanidade e Retidão, por outro.

Como referido anteriormente, Liu An apresentou-se na corte do Imperador Wu em 139 a.C., no segundo ano após a sua ascensão ao trono. Nessa ocasião, entregou-lhe um livro descrito na *História da Dinastia Han* como sendo composto por vinte e um capítulos (*pian*), intitulado *Nei shu* ("Livro Interior"), que foi devidamente adicionado à biblioteca imperial. Embora alguns estudiosos tenham levantado dúvidas sobre o que exatamente Liu An apresentou ao imperador durante essa visita, a maioria concorda que se tratava de uma versão substancialmente idêntica, ou pelo menos muito próxima, da obra que hoje conhecemos como *Huainanzi*.

LIU AN E O PÚBLICO DO *HUAINANZI*

Posto isto, devemos perguntar novamente: para quem foi escrito o *Huainanzi*? Muitos estudiosos assumiram naturalmente que, tendo sido o *Huainanzi* (ou uma versão do mesmo) apresentado ao Imperador Wu, a obra teria sido escrita para ele. Mas, ao refletir com mais cuidado, essa hipótese parece pouco provável. Em primeiro lugar, antes do ano 141 a.C., não havia qualquer razão para pensar que Liu Che viria a suceder ao trono. A sua ascensão foi resultado de uma luta de poder sangrenta e complexa travada na corte pela sua mãe e pela Imperatriz-Viúva Dou, e ninguém podia prever esse desfecho com antecedência.

Tendo isso em conta, também parece improvável que uma obra tão extensa, complexa e sofisticada como o *Huainanzi* pudesse ter sido redigida e editada por Liu An e os seus estudiosos entre o momento em que a notícia da entronização de Liu Che chegou a Huainan, em 141, e a visita de Liu An à corte imperial em Chang'an, em 139. (É possível que alguns capítulos da obra tivessem sido escritos anteriormente por estudiosos de Huainan como textos independentes; se muitos desses capítulos já estivessem prontos, talvez tenha sido possível compilar o *Huainanzi* no espaço de dois anos. Mas mesmo nesse cenário, isso não contradiz a ideia de que a maior parte do conteúdo do *Huainanzi* precede 141. E parece-nos improvável que uma obra com a coerência organizacional do *Huainanzi* pudesse ter sido reunida tão rapidamente a partir de materiais dispersos.)

Acreditamos ser muito mais plausível que o *Huainanzi* tenha sido composto durante o reinado do Imperador Jing, quando Liu An era ainda um jovem talentoso e ambicioso, interessado em afirmar a sua importância enquanto membro da família imperial e governante de um reino territorial. A influência marcante do *Laozi* em várias partes da obra — influência que era notoriamente valorizada com apoio oficial durante esse período — apoia esta interpretação. Se assim for, então quem seria o público-alvo? Talvez o próprio Imperador Jing, primo de Liu An, de quem dependeria, em grande parte, o futuro político de Liu An como possível herdeiro. Talvez os intelectuais da corte imperial Han, num sentido mais lato. Talvez o próprio Liu An, que poderia usar a obra como um manual para orientar as suas ambições. Ou talvez os seus filhos, que poderiam herdar tais aspirações, caso as circunstâncias se mostrassem favoráveis.

Voltaremos à questão do público-alvo do *Huainanzi* mais adiante. Por agora, basta dizer que parece extremamente improvável que a obra tenha sido escrita especificamente para o Imperador Wu. Acreditamos, antes, que ao apresentar o livro ao trono imperial, Liu An estava a responder a uma nova conjuntura e a tirar o melhor proveito possível da situação. Liu Che tornara-se imperador; Liu An não. Assim, interessava-lhe cultivar influência política e familiar sobre o jovem sobrinho e, se possível, convencê-lo da importância de governar um império constituído, em grande parte, por reinos feudais como Huainan, e não por comandos burocráticos.

A apresentação do *Huainanzi* ao Imperador Wu foi um acontecimento relevante, e compreende-se que os historiadores e bibliotecários Han tenham feito questão de registar, retrospetivamente, as circunstâncias desse momento. Isso é tanto mais compreensível dado o papel decisivo desse imperador, não apenas na redefinição das relações entre o trono e os reis enfeudados, mas também nos debates sobre os modelos centralizado, descentralizado ou misto de império, e sobre as diferentes teorias de governação.

Outra questão relevante é: será que a obra apresentada ao Imperador Wu era a mesma que a versão recebida do *Huainanzi*? Concordamos com a maioria dos estudiosos ao considerar que sim, embora não haja prova definitiva. Os registos indicam que a obra entregue ao imperador tinha vinte e um capítulos, e o *Huainanzi* tal como hoje o conhecemos tem exatamente esse número. O fato de esta obra ter sido preservada — quando todos os outros escritos de Liu An se perderam, à exceção de citações dispersas — poderá dever-se ao fato de ter sido integrada na biblioteca imperial após a visita de Liu An em 139 a.C. Como argumentamos mais à frente, o capítulo 21, que serve como posfácio, resumindo e integrando os conteúdos dos vinte capítulos anteriores, pode muito bem ter sido escrito especificamente para essa ocasião, com o intuito de explicar ao jovem imperador o que estava a receber.

A forma literária do capítulo 21 sugere que foi redigido para ser declamado oralmente na corte imperial, talvez pelo próprio Liu An, como discurso poético. A referência nesse capítulo ao "livro da casa de Liu" reforça esta hipótese. É também bastante possível que

certos conteúdos dos capítulos tenham sido adaptados para a apresentação ao imperador — por exemplo, incluindo passagens que destacassem os benefícios de confiar em subordinados leais e competentes, ou alertassem contra os perigos de um despotismo centralizado. Assim, consideramos que a obra apresentada ao Imperador Wu era substancialmente a mesma que o *Huainanzi* que hoje conhecemos.

Alguns estudiosos, no entanto — com destaque para Michael Loewe — sustentam que, embora partes da obra atual datem do período entre 164 e 139 a.C., o trabalho sobre o compêndio continuou até à morte de Liu An, dezassete anos depois. Os livros e papéis de Liu An foram confiscados pelos funcionários do Imperador Wu após o seu suicídio, pelo que qualquer obra escrita por ele ou sob a sua direção entre 139 e 122 poderia ter sido incorporada (ou substituído material) na cópia já existente do *Huainanzi* na biblioteca imperial. No entanto, não encontrámos argumentos convincentes a favor desta tese, que parece basear-se apenas na possibilidade de tal ter acontecido.

Além disso, a ideia de que capítulos poderiam ter sido acrescentados após 139 obriga a rejeitar a hipótese de que o capítulo 21 tenha sido escrito especificamente para essa ocasião. Tal argumento também pressupõe que o *Huainanzi* seria, na melhor das hipóteses, um texto minimamente estruturado, ao qual se poderiam adicionar conteúdos arbitrariamente. Pelo contrário, acreditamos que os capítulos correspondem ao *Nei shu* descrito por Ban Gu e foram organizados de forma consciente e deliberada, como parte de um todo coeso. Essa intenção organizacional é fortemente reforçada pelo fato de os títulos dos capítulos formarem um conjunto rimado.

Como veremos, a estrutura e organização do texto são intencionais e coerentes, e os pontos de vista do autor sobre as questões-chave do seu tempo são informados, racionais e reconhecíveis através de uma leitura atenta. Além disso, o arranjo sistemático da obra e os argumentos retóricos e polémicos são resumidos e apresentados por aquele que esteve mais intimamente ligado ao texto — Liu An, presumível autor do capítulo 21.

Naturalmente, uma vez integrado na coleção da biblioteca imperial no final do século II a.C., o *Huainanzi* iniciou um percurso próprio. O texto tal como hoje o conhecemos reflete, sem dúvida, o trabalho de redatores e editores posteriores. Um de nós escreveu extensamente sobre a história textual do *Huainanzi*, e a sua complexa evolução ao longo dos séculos é sintetizada no Apêndice C.

Tendo abordado as questões de quando e por quem foi escrito o *Huainanzi*, e qual teria sido o seu conteúdo original, retomaremos em seguida as questões do público-alvo da obra e do seu impato pretendido. Antes disso, porém, é necessário dizer mais sobre a vida de Liu An.

LIU AN NOS ANOS FINAIS E A ORGANIZAÇÃO DO *HUAINANZI*

Nos primeiros anos do reinado do Imperador Wu, as ambições políticas de Liu An não tiveram grande sucesso. Apesar da receção cordial que lhe foi concedida pelo imperador em 139 a.C., parece que Liu An adquiriu pouca influência efetiva na corte. Em 139 e durante visitas subsequentes, terá tentado conquistar (ou comprar) o favor de figuras influentes da corte, mas nunca conseguiu entrar no círculo restrito do imperador. Com a morte da Imperatriz-Viúva Dou, em 135, as suas aspirações sofreram um duro revés. O Imperador Wu, então um jovem com vontade firme, iniciou uma purga da corte, afastando as figuras protegidas da falecida imperatriz e do seu filho, o Imperador Jing — homens cujos pontos de vista, como os expressos no *Huainanzi*, favoreciam o *Laozi* enquanto texto canónico.

A posição de Liu An passou, assim, de conselheiro potencial do imperador e seu tio honorário, para a de compilador de uma obra politicamente sensível, informada por ideias agora mal vistas. A sua aposta ao apresentar o *Huainanzi* ao trono falhara, e encontrava-se numa situação delicada.

De volta ao reino de Huainan, Liu An poderá ter-se dedicado ao trabalho com os seus eruditos na elaboração do chamado "livro médio" e "livro exterior" do *Huainanzi* — secções hoje perdidas, cuja data de redação é incerta. Mas os esforços literários e académicos não lhe bastaram. Talvez por frustração e ressentimento, foi acusado (com que justiça, hoje é difícil dizer) de alimentar ambições imperiais e de conspirar contra o trono. Se foi de fato conspirador, revelou-se inábil. Mesmo enquanto alegadamente conspirava, chegaram à corte relatórios sobre a sua crescente deslealdade. Em 123 a.C., uma comissão imperial concluiu que Liu An era culpado de conduta gravemente imprópria.

Alguns estudiosos posteriores contestaram esse veredicto, em parte porque o principal testemunho contra Liu An veio de Wu Bei — um dos eruditos associados à autoria do *Huainanzi* segundo Gao You —, que procurava salvar a própria vida. No entanto, algumas provas eram comprometedores, como o fato de Liu An ter mandado esculpir um selo imperial para seu uso pessoal. Quando os oficiais imperiais foram enviados a Huainan para o prender e levar a Chang'an, Liu An cometeu suicídio em 122. A sua esposa principal e o seu herdeiro foram executados, juntamente com outros membros da família; os seus bens — incluindo a sua vasta biblioteca — foram confiscados pelo trono; e o reino de Huainan foi abolido definitivamente.

Segundo uma lenda posterior, registada na coleção hagiográfica taoista da dinastia Tang intitulada *Shenxianzhuan* ("Relatos de Imortais Espirituais"), no momento da sua morte Liu An e os membros da sua casa — até os seus animais domésticos — transformaram-se em imortais e ascenderam fisicamente aos céus em pleno dia. Assim, embora Liu An tenha sido politicamente derrotado no seu tempo, foi não só estimado como pensador e

escritor, mas também reverenciado como verdadeiro imortal por alguns em épocas posteriores.

O CONTEÚDO E A ORGANIZAÇÃO DO *HUAINANZI*

Na tentativa de compreender os princípios que guiaram Liu An e os seus eruditos na organização dos vinte e um capítulos do *Huainanzi*, partimos do capítulo 21, intitulado "Visão Geral dos Elementos Essenciais" (*Yao lüe*). Partimos do pressuposto de que este posfácio terá sido escrito por Liu An quando a obra estava perto de ser concluída ou acabada de concluir, mas ainda antes de ser apresentada ao Imperador Wu, em 139 a.C. É bastante provável que este capítulo, escrito na forma literária de um *fu* (discurso poético), tenha sido recitado por Liu An durante a apresentação da obra ao trono.

Consideramos esta hipótese plausível com base em indícios internos e externos: a forma e o conteúdo do posfácio, os dados biográficos sobre Liu An e as descrições bibliográficas do *Huainanzi*. Como discutido anteriormente, o capítulo "Visão Geral dos Elementos Essenciais" é inestimável para obter uma compreensão interna (émica) do conteúdo, da estrutura e dos objetivos da obra.

Neste capítulo, defende-se que o *Huainanzi* é: (1) um texto abrangente, que contém todo o conhecimento teórico necessário para que um governante administre eficazmente o seu império; (2) um texto prático, preocupado em explicar as interligações entre o Caminho (*Dao*) como entidade abstrata e as suas manifestações nos assuntos concretos; (3) um texto programático, que oferece ao governante as técnicas necessárias para agir de forma eficaz em qualquer circunstância, seja voltando-se para o mundo exterior ou para a introspeção; e (4) uma obra sem precedentes, que não só continua a missão dos sábios da Antiguidade como a expande de forma inovadora. O resultado pretendido era uma síntese sem paralelo do pensamento chinês antigo e da filosofia política, que englobasse e superasse tudo o que a precedera.

Para apreciar estas e outras características da obra, é útil que os leitores comecem por ler o capítulo 21, para se familiarizarem com o conteúdo, a estrutura e os objetivos tanto do texto como um todo, como dos seus capítulos individuais. O posfácio funciona assim como uma espécie de prefácio, concebido para ajudar a navegar neste compêndio longo e complexo. A leitura deve ser feita de forma sequencial, do início ao fim, com cada capítulo a construir sobre o anterior. Deste modo, o *Huainanzi* revela-se uma obra coerente, com uma organização deliberada, longe de ser arbitrária. Os autores conceberam um texto interligado, cuja coerência se revela através de uma leitura acumulativa dos seus capítulos.

Ao observar os vinte capítulos principais da obra (excluindo o posfácio), percebe-se que o texto se divide em duas partes, correspondentes aproximadamente à primeira e segunda metades. Charles Le Blanc argumentou que a primeira parte (capítulos 1–8) trata dos "Princípios Fundamentais", enquanto a segunda parte (capítulos 9–20) se foca

em “Aplicações e Exemplificações”. Concordamos com esta leitura da estrutura da obra, bem como com a ideia de que há uma transição clara dos princípios básicos para os exemplos práticos.

Essa leitura é sustentada pelos títulos dos capítulos. Os títulos dos primeiros vinte capítulos formam um conjunto rimado; a primeira sequência de rimas termina no capítulo 8, e uma nova sequência começa com o capítulo 9. Além disso, o posfácio explicita essa mudança de foco, com duas afirmações complementares: a obra passa da explicação dos princípios do Caminho (*dao*) para a sua aplicação nos assuntos humanos (*shi*), e das raízes (*ben*) para os ramos (*mo*). O capítulo 9, conforme indicado no resumo feito no capítulo 21, trata das “Técnicas do Governante” e das “questões práticas” (*shi*) relativas ao governo da humanidade.

A ESTRUTURA DA OBRA: RAÍZES E RAMOS

RAÍZES: PRINCÍPIOS TEÓRICOS DO CAMINHO

Propomos que esta divisão em duas partes da obra tem um significado ainda mais profundo do que se reconheceu até agora. A separação entre o Caminho (*Dao*) e os assuntos humanos (*shi*), entendida como distinção entre princípios e aplicações, é uma chave poderosa para compreender o sentido geral do texto, além de ser a manifestação de uma metáfora ainda mais fundamental — a de “raízes e ramos” — que opera em múltiplos níveis ao longo de toda a obra. Talvez seja o próprio autor do posfácio que melhor resume essa visão ao afirmar:

“Assim, numerosas são as palavras que compusemos e extensas as ilustrações que oferecemos, e ainda assim receamos que as pessoas abandonem a raiz e sigam os ramos. Por isso, se falarmos apenas do Caminho e não dos assuntos humanos, não haverá meio de acompanhar os tempos. Por outro lado, se falarmos apenas dos assuntos e não do Caminho, não haverá forma de acompanhar o processo de transformação.” (21.1)

E mais adiante:

“Se falássemos exclusivamente do Caminho, nada ficaria fora do seu alcance. No entanto, só os sábios são capazes de captar a raiz e, assim, conhecer os ramos. Nos dias de hoje, os estudiosos não possuem as capacidades dos sábios e, se não lhes dermos explicações detalhadas, passarão a vida às escuras, sem conhecer o grande despertar proporcionado pelas técnicas luminosas e brilhantes destes escritos.” (21.3)

Para o autor do posfácio, o texto foi composto com o propósito de integrar tanto a raiz do Caminho como os seus ramos, tal como estes se manifestam nos assuntos humanos. Além disso, a estrutura da obra obedece fielmente à metáfora raiz–ramo, que informa a discussão sobre cosmologia, cosmogonia, história humana e desenvolvimento individual ao longo de todo o texto. O capítulo 1, “A Origem no Caminho”, representa a

raiz da obra, a partir da qual se desenvolve uma progressiva ramificação até atingir o tempo presente dos Han no capítulo 20.

A coerência teórica do texto é mais evidente nos primeiros oito capítulos, que constituem os princípios fundamentais — ou seja, a "raiz" da obra. O capítulo 1 é a raiz desses capítulos, e esses capítulos são, por sua vez, a raiz do todo. Dentro de cada capítulo, nota-se igualmente a presença da estrutura raiz–ramo. Sugerimos que esse princípio opera em múltiplos níveis ontológicos e existenciais ao longo do *Huainanzi*. Ao nível cósmico, vê-se no processo da cosmogénese: o universo começa como uma massa energética indiferenciada que, por etapas, se organiza em *yin* e *yang*, nos Cinco Elementos, e no mundo cada vez mais complexo da matéria e do espaço-tempo (ver as cosmogonias do capítulo 2.1).

Ao nível do desenvolvimento humano, o processo aparece no progresso do ser humano pré-nascente, que evolui de "massa corporal" para embrião, integrando gradualmente elementos distintos como carne, músculo e osso (capítulo 7.2). Ao nível histórico, o princípio é visível na evolução da sociedade humana, desde a espontaneidade não estruturada da era de Fuxi e Nüwa até às formas cada vez mais complexas e sofisticadas de organização social e política (nomeadamente em 6.7, 8.1 e 9.3).

Estes vários níveis — cósmico, pessoal e histórico-político — operam tanto de forma sincrónica como diacrónica ao longo do *Huainanzi*. Um excelente exemplo disto está no capítulo 8.7:

"O imperador encarna o Grande Uno;
o rei emula o *yin* e o *yang*;
o líder segue as quatro estações;
o príncipe usa os seis tubos sonoros."

Esta sucessão, dos imperadores (*di*) aos reis, líderes e príncipes, tem uma leitura histórica: os governantes antigos, como o Imperador Amarelo, eram chamados *di*, enquanto os da dinastia Zhou eram *wang* (reis). Durante o período das Primaveras e Outonos, alguns aristocratas poderosos tornaram-se "líderes", exercendo autoridade sobre outros senhores feudais; no período dos Reinos Combatentes, vários governantes reinavam como príncipes, praticamente independentes da monarquia Zhou. Assim, cada tipo de governante modelava-se consoante o princípio cósmico adequado ao seu tempo.

Como os *di* viveram numa era mais simples, encarnavam o Grande Uno, monista e primordial; os reis, em épocas mais complexas, seguiam os princípios dualistas do *yin* e do *yang*; e assim sucessivamente. Esta estrutura pode também ser lida de forma sincrónica: os elites Han viviam num tempo que tinha simultaneamente imperadores (como o Imperador Wu, a quem o *Huainanzi* foi apresentado) e reis (como Liu An, patrono da obra). O modelo cosmogónico de raiz e ramo funciona, portanto, não apenas como mapeamento do passado, mas também como guia normativo para o presente.

Os imperadores deviam continuar a encarnar o Uno superior, que permeia a realidade ramificada dos tempos recentes, enquanto os reis deviam espelhar o fenómeno subordinado do *yin* e *yang*. Estes significados sincrónicos e diacrónicos coexistem e são fundamentais para compreender a estrutura geral do *Huainanzi*.

RAMOS: APLICAÇÕES

E EXEMPLIFICAÇÕES DO CAMINHO NOS ASSUNTOS HUMANOS

A coerência da segunda metade da obra é menos evidente, o que levou alguns estudiosos a concluir que a organização da obra se desintegra a partir do capítulo 9. Nesse sentido, concordamos com algumas reservas com a posição de Charles Le Blanc, que argumenta que os capítulos posteriores se concentram principalmente em aplicações e ilustrações dos princípios — o que é confirmado pela sua forma literária, conteúdo e títulos.

Estes capítulos são geralmente compilações de materiais de vários géneros literários, organizados de modo a ilustrar os grandes princípios do Caminho expostos nos capítulos 1 a 8. Muitos vêm acompanhados de comentários editoriais fornecidos pelos compiladores do *Huainanzi*. Os títulos destes capítulos incluem termos como "preceitos" (*cheng*), "respostas" (*ying*), "visões gerais" (*lüe*), "discursos" (*lun*), "ditos" (*yan*) e "persuasões" (*shui*).

Defendemos, assim, que há uma mudança propositada de foco entre a primeira e a segunda metade da obra, tal como é afirmado no posfácio: o texto visa esclarecer a relação entre o Caminho e os assuntos humanos. Compreendida desta forma, a relação entre as duas partes torna-se clara: trata-se de raízes e ramos. Isso também explica por que a progressão lógica da obra pode parecer mais difusa na segunda metade. O leitor depara-se com uma torrente de exemplos, casos e aplicações. Esta multiplicidade corresponde à intenção declarada dos autores: apresentar uma visão abrangente do Caminho como raiz e das aplicações como ramos — uma obra que resistisse ao tempo, trouxesse glória à casa de Liu e prosperidade à dinastia reinante.

As abordagens Caminho-e-assuntos e Raízes-e-ramos podem ser sintetizadas num quadro conceptual que mostra a ligação entre conteúdo e forma. Em ambas, o capítulo 9 funciona como ponto de transição entre as duas metades da obra. Cada capítulo de 9 a 19 trata de um determinado *assunto* (*shi*), que dá origem a uma forma literária específica (*wen*), com o próprio capítulo a exemplificar o género que analisa.

A ESTRUTURA DA OBRA: RAÍZES E RAMOS

RAÍZES: PRINCÍPIOS TEÓRICOS DO CAMINHO

Propomos que esta divisão em duas partes tem um significado ainda mais profundo do que até agora se reconheceu. A separação entre o Caminho (*Dao*) e os assuntos (*shi*), compreendida como a distinção entre princípios e aplicações, oferece uma chave essencial para interpretar o significado global do texto. Esta separação é também uma manifestação de uma metáfora ainda mais fundamental, a de "raízes e ramos", que opera em vários níveis ao longo de toda a obra.

Talvez seja o próprio autor do posfácio quem melhor sintetiza esta ideia, ao declarar:

"Assim, numerosas são as palavras que compusemos e extensas as ilustrações que fornecemos, e ainda assim receamos que as pessoas abandonem a raiz e sigam os ramos. Portanto, se falarmos do Caminho sem falar dos assuntos, não teremos como acompanhar os tempos. [Por outro lado,] se falarmos dos assuntos mas não do Caminho, não teremos como acompanhar as transformações." (21.1)

"E mais ainda... se falássemos apenas do Caminho, nada ficaria fora dele. No entanto, só os sábios são capazes de captar a raiz e, por ela, conhecer os ramos. Atualmente, os estudiosos carecem da capacidade dos sábios, e se não lhes fornecermos explicações detalhadas, passarão a vida mergulhados na obscuridade, sem conhecer o grande despertar proporcionado pelas técnicas luminosas e brilhantes destes escritos." (21.3)

Para o autor do posfácio, o texto visa integrar tanto a raiz do Caminho como os ramos representados pelos assuntos humanos. A organização da obra segue esta metáfora estrutural, que é recorrente nas suas discussões sobre cosmologia, cosmogonia, história humana e cultivo pessoal. O capítulo 1, "A Origem no Caminho", representa a raiz de todo o texto, que depois se desdobra por esferas cada vez mais complexas até chegar ao "tempo presente" da dinastia Han, no capítulo 20.

Os primeiros oito capítulos fornecem os princípios fundacionais — a "raiz" — da obra. Cada um deles contém, por sua vez, a mesma estrutura de raiz e ramo. Acreditamos que este princípio é operativo em diversos níveis existenciais e ontológicos ao longo do *Huainanzi*. A nível cósmico, vê-se na génese do universo: um estado indiferenciado de energia que se estrutura em *yin* e *yang*, nos Cinco Elementos, e num mundo material e temporalmente diferenciado (cf. 2.1).

No desenvolvimento humano, este processo manifesta-se na transição do ser pré-natal de "massa corporal" a embrião, com a progressiva formação de carne, músculo e osso (cf. 7.2). No plano histórico, verifica-se na passagem de uma sociedade espontânea e desestruturada — como nos tempos de Fuxi e Nüwa — para formas cada vez mais complexas de organização social e política (cf. 6.7, 8.1, 9.3).

Estes níveis (cósmico, pessoal, político-histórico) interagem de forma simultaneamente sincrónica e diacrónica. Um exemplo disso encontra-se em 8.7:

"O imperador encarna o Grande Uno;
o rei emula o *yin* e o *yang*;
o líder segue as quatro estações;
o príncipe usa os seis tubos sonoros."

Esta sucessão reflete tanto uma linha histórica (dos imperadores ancestrais aos reis Zhou, passando pelos líderes e príncipes dos períodos posteriores), como uma organização normativa do presente político: no tempo dos Han coexistiam imperadores (como Wu) e reis regionais (como Liu An). Assim, o modelo cosmogónico de raiz e ramo é tanto um mapa do passado como uma chave normativa para o presente.

RAMOS: APLICAÇÕES E EXEMPLIFICAÇÕES

DO CAMINHO NOS ASSUNTOS HUMANOS

A segunda metade da obra é menos obviamente coerente, o que levou alguns estudiosos a considerar que a estrutura se dilui após o capítulo 9. Concordamos, com algumas reservas, com a análise de Charles Le Blanc, que argumenta que os capítulos posteriores se focam sobretudo em aplicações e ilustrações práticas, o que se confirma pela forma literária, pelo conteúdo e pelos títulos.

Estes capítulos consistem, em geral, em compilações de géneros literários distintos, utilizados para ilustrar princípios expostos nos primeiros oito capítulos. São frequentemente acompanhados por comentários editoriais dos compiladores. Os títulos desses capítulos incluem termos como "preceitos" (*cheng*), "respostas" (*ying*), "visões gerais" (*lüe*), "discursos" (*lun*), "ditos" (*yan*) e "persuasões" (*shui*).

Assim, afirmamos que há uma mudança de foco intencional entre as duas metades da obra, em conformidade com o posfácio: clarificar a relação entre o Caminho e os seus assuntos. Vista desta forma, a relação entre ambas as metades é inequívoca: trata-se da relação entre raiz e ramos. Isso ajuda a explicar por que razão a progressão lógica pode parecer menos linear: o leitor depara-se com uma sucessão de exemplos e aplicações variadas, que correspondem ao objetivo explícito dos autores de apresentar uma visão total do Caminho e das suas aplicações nos assuntos humanos — uma obra destinada a resistir ao tempo e a glorificar o clã Liu e a dinastia Han.

Tanto a estrutura Caminho–assuntos como a de Raízes–ramos podem ser sintetizadas na Tabela 1, onde se demonstra como conteúdo e forma estão intimamente ligados. Em ambas, o capítulo 9 funciona como ponto de articulação entre as duas metades. Cada

capítulo de 9 a 19 trata de um assunto (*shi*) e da forma literária (*wen*) que dele decorre, ilustrando com o próprio texto o género de que trata.

Tabela 1 – Estrutura do Huainanzi

Capítulo	Caminho (*Dao*) / Raiz (*Ben*)	Assunto (*Shi*) / Ramo (*Mo*)
1. A Origem no Caminho	Princípio da universalidade: o Caminho como origem e fonte do todo.	
2. Ativar o Genuíno	Princípios cosmogónicos: diferenciação, divisão, transformação.	
3. Padrões Celestes	Astronomia, astrologia, harmonia matemática.	
4. Formas Terrestres	Geografia, topografia, ecologia.	
5. Regras Sazonais	Ciclos anuais de *yin* e *yang* e os Cinco Elementos.	
6. Investigação das Obscuridades	Ressonância entre fenómenos.	
7. Espírito Quintessencial	Consciência humana, fisiologia, cultivo do eu, sabedoria.	
8. A Trama Fundamental	Virtude sábia, autoridade dos Cinco Imperadores e Três Reis.	
9. Técnicas do Governante	Técnicas do governante sábio.	
10. Preceitos Profundos	Comportamento correto perante o povo, com base na Sinceridade Quintessencial.	
11. Integração dos Costumes	Integração de costumes e rituais diversos.	
12. Respostas do Caminho	Respostas às circunstâncias à maneira do *Laozi*.	
13. Discursos Sem Limites	Ajuste à mudança como faz o sábio.	
14. Ditos Explicados	Comparações, analogias, poesia gnómica.	
15. Visão Geral da Questão Militar	Métodos militares e seus contextos.	
16. Montanha das Persuasões	Técnicas de argumentação persuasiva.	
17. Floresta das Persuasões	Continuação das técnicas de persuasão.	
18. Entre Outros	Paradoxos como expressão do Caminho na vida quotidiana.	
19. Cultivar o Esforço	A importância do esforço e da refutação argumentativa.	
20. Linhagem Exaltada	Continuação da linhagem dos imperadores antigos e glória do clã Liu.	

Capítulo	Caminho (*Dao*) / Raiz (*Ben*)	Assunto (*Shi*) / Ramo (*Mo*)
21. Visão Geral dos Essenciais	Exposição final e poética do propósito e estrutura da obra.	

A Tabela 1 confirma de forma inequívoca a afirmação feita no capítulo 21 de que a obra deve ser lida de forma sequencial, do início ao fim; neste sentido, o *Huainanzi* pode ser visto como um currículo cuidadosamente construído para um governante-sábio em formação. Sublinhamos que esta estrutura de raiz e ramos deve ser interpretada tanto diacronicamente como sincronicamente. À medida que o leitor avança do capítulo 1 até ao capítulo 20, percorre domínios cada vez mais tardios na história progressiva da cosmogénese e da sociedade humana — desde as origens do universo, ainda indiferenciado, até ao mundo complexo e diversificado da dinastia Han. Simultaneamente, o leitor percorre, em termos normativos, esferas de prioridade decrescente, passando do Caminho que permeia e dirige todas as coisas até às minúcias da política interpessoal e do dever individual. Através deste método, o *Huainanzi* propõe uma estrutura dentro da qual todo o conhecimento e esforço humanos podem ser hierarquizados e integrados.

AS REIVINDICAÇÕES DO *HUAINANZI* SOBRE SI PRÓPRIO

Formalmente, o capítulo 21 — "Visão Geral dos Elementos Essenciais" — é o último do *Huainanzi*, mas, como já foi referido, funciona efetivamente como uma introdução à obra no seu todo. Este capítulo orienta o leitor e fornece um guia para navegar pela longa e complexa travessia do texto. Destaca-se pelo fato de, através da "Visão Geral", o leitor ser introduzido à estratégia retórica da obra e ao seu grande projeto estrutural, que se estende a cada capítulo subsequente. A "Visão Geral" combina prosa com verso tetrassilábico em estilo *fu* e organiza-se em quatro partes que apresentam o texto com um alcance progressivamente mais vasto. Elucida os objetivos teóricos da obra, o conteúdo de cada capítulo, o encadeamento organizacional progressivo entre capítulos e a contribuição do texto num enquadramento histórico e comparativo.

Na primeira parte do capítulo 21, o autor expõe as suas principais reivindicações filosóficas e apresenta os títulos dos capítulos que identificam os respetivos conteúdos. As linhas iniciais explicam que o *Huainanzi* é uma exposição do Caminho e da sua Potência, esclarece a sua relação com os seres humanos e os seus assuntos, e reúne todo o conhecimento necessário para governar com sucesso. Ao sugerir que obras anteriores e contemporâneas falharam na articulação adequada destas conexões, o autor define a sua missão como a de explicitar a ligação essencial entre a ordem cósmica e a ordem política. A introdução enfatiza a inter-relação entre o Caminho e os assuntos humanos e afirma que esse conhecimento permitirá ao governante agir de forma eficaz e adaptável aos tempos. Esta secção termina com os títulos dos vinte capítulos apresentados em verso rimado, sublinhando a ordenação cuidada e deliberada dos conteúdos da obra.

A segunda secção do capítulo 21, constituída por resumos dos vinte capítulos anteriores, introduz os principais temas de cada capítulo e familiariza o leitor com as categorias, conceitos e vocabulário relevantes. O mais importante, porém, é que destaca as diferentes aplicações práticas e benefícios do conhecimento derivado de cada capítulo. Esta ligação entre o teórico e o prático, entre o descritivo e o prescritivo, está patente tanto na estrutura semântica como sintática dos resumos. Enquanto a primeira parte da "Visão Geral" aborda a relação entre o Caminho e os assuntos humanos, esta segunda parte é um esforço concertado para harmonizar o cosmológico com o político — um processo que o autor afirma ser a contribuição distintiva dos vinte capítulos da obra.

A terceira parte oferece uma leitura diferente dos capítulos. Em vez de os descrever um a um, esta secção mostra como eles se relacionam entre si e se desenvolvem de forma encadeada, sugerindo que a sua disposição foi feita de forma deliberada e coerente. O texto deve ser lido e estudado sequencialmente, demonstrando que a compreensão de cada capítulo depende da assimilação dos princípios do capítulo anterior.

Tal como a estrutura do texto, esta parte move-se da cosmogonia para a cosmologia e para a ontologia; do Caminho meta-fenomenal enquanto indistinção absoluta, até ao mundo fenomenal das coisas diferenciadas por ele geradas; das manifestações macrocósmicas do Caminho — visíveis no Céu, na Terra e nas quatro estações — até às manifestações microcósmicas nos seres humanos; da criação do universo à génese da humanidade; dos movimentos dos corpos celestes à evolução da história humana; e do cultivo do eu à governação do mundo. Assim, esta secção demonstra a autoridade da obra como compêndio de tudo quanto há de valioso para conhecer e aplicar na arte de governar.

A quarta e última secção do capítulo 21 reforça a reivindicação do autor quanto ao carácter ímpar da obra ao situar o *Huainanzi* no seio de uma tradição evolutiva — em parte lendária — de práticas e textos, desde o exemplar Rei Wen da dinastia Zhou, passando pelas inovações do período dos Reinos Combatentes, até à dinastia Qin e ao tempo de Liu An. Esta classificação do passado resume acontecimentos marcantes de quase mil anos, relatando as suas circunstâncias históricas específicas e as contribuições dadas por figuras e textos-chave de cada época. Entre os momentos destacados figuram as estratégias do Grande Duque ao serviço do Rei Wen, os ensinamentos dos confucionistas, os escritos do Mestre Guan, as advertências do Mestre Yan, as alianças verticais e horizontais, as coligações de curto e longo prazo, tratados sobre desempenho e títulos, e as leis criadas por Shang Yang.

A criação do *Huainanzi* é apresentada como diferente e superior à natureza circunstancial de todas essas políticas e ensinamentos. Esta ideia é reforçada no trecho final da secção, que se refere ao "livro do clã Liu" em termos muito distintos dos usados para descrever os desenvolvimentos anteriores, caracterizando a obra como um repositório exaustivo de conhecimento teórico e prático.

Um dos propósitos retóricos centrais desta digressão histórica final é demonstrar como, em cada época, certas figuras marcaram a diferença sem ocuparem elas próprias o trono ou sequer cargos de governo. Personagens como Guan Zhong, Confúcio e o Grande Duque não foram reis, mas estabeleceram os princípios fundamentais pelos quais o governo foi conduzido nas suas respetivas eras. Esta é uma súplica subtil por parte de Liu An e da sua corte: embora a apresentação de uma *summa* ideológica abrangente — que poderia ou deveria servir de plano ideológico para o império Han — possa parecer um ato de lesa-majestade, existe ampla precedência histórica para tal iniciativa.

Vale a pena notar que esta afirmação, embora atenue em parte a "ameaça" representada pelo *Huainanzi*, continua a ser bastante ousada; Liu An reivindica para si e para a sua corte um papel de "parceria na governação" comparável ao que se atribui a figuras grandiosas do passado como Guan Zhong e Confúcio. Usando uma alusão clássica que os seus contemporâneos compreenderiam de imediato, Liu An apresenta Huainan como o novo "Zou e Lu" — o lar dos conselheiros virtuosos e sábios da era Han.

O LUGAR DO *HUAINANZI*

NA HISTÓRIA DA DINASTIA HAN PRIMITIVA

Retomamos agora as questões levantadas anteriormente: para quem foi escrito o *Huainanzi* e com que objetivo?

Após décadas de relativo esquecimento por parte da academia ocidental, o *Huainanzi* voltou a suscitar interesse a partir da publicação, em 1962, da tradução do capítulo 11 por Benjamin Wallacker. Uma estratégia comum para compreender o *Huainanzi* consistiu em tentar enquadrá-lo numa ou noutra "escola" do pensamento chinês antigo. Durante anos, a afiliação intelectual do texto foi alvo de intenso debate. Nesse contexto, quase todos os principais estudiosos do *Huainanzi* (incluindo alguns dos autores desta obra) emitiram pareceres sobre se o texto seria "miscellaneous" (misto), "ecletico", daoista, *Huang-Lao*, ou ainda um exemplo de sincretismo.

Não pretendemos prolongar esse debate nestas páginas. Reconhecemos a extensa bibliografia sobre o tema, mas damos maior destaque ao consenso emergente, que defende que a questão não é nem tão simples nem tão útil como outrora se pensava. Muitos estudiosos consideram hoje que pouco se ganha em afirmar que "o *Huainanzi* pertence à escola X (ou Y, ou Z)".

A essência dessa nova posição pode talvez resumir-se assim: os autores dos períodos dos Reinos Combatentes e início dos Han falavam frequentemente das *bai jia*, as "Cem Tradições" (ou "Cem Linhagens Intelectuais", ou "Cem Especialistas"). O termo aparece três vezes no *Huainanzi* com este sentido. Mesmo assumindo que "cem" é aqui uma forma de dizer "muitas", o termo implica uma grande variedade, fluidez e diversidade de pensamento. Ora, isto significa que ao redigir o seu ensaio famoso sobre

a vida intelectual Han — o *Liujiayao zhi* (“Princípios Essenciais das Seis Linhagens”) — Sima Tan estava, no mínimo, a condensar imensamente uma realidade multifacetada.

Neste enquadramento, surge outro problema: embora Sima Tan escrevesse como historiador, com o objetivo de apresentar uma síntese esquemática das principais tradições intelectuais até ao seu tempo, o seu ensaio parece antecipar o trabalho dos bibliotecários Liu Xiang e seu filho Liu Xin na organização e catalogação da biblioteca imperial Han. Este esquema, por sua vez, foi adotado por Ban Gu no seu “Monógrafo sobre Artes e Literatura” no *Han shu* (*História da Dinastia Han*), fonte central para muitos dos debates sobre os textos e a sua filiação. Segundo alguns estudiosos, essas categorias foram criadas essencialmente para responder à pergunta “em que prateleira deve ficar este livro?”, e não como uma tentativa real de compreender a complexidade da vida intelectual da época.

Aplicadas retrospetivamente aos pensadores dos Reinos Combatentes e do início dos Han, essas categorias de “escolas” funcionam como autênticas “camas de Procusto”, onde tudo tem de caber forçosamente num molde fixo. Assim, classificar textos pré-Han com base em categorias bibliográficas de meados da dinastia Han obscurece tanto quanto esclarece.

A vida intelectual da China antiga era muito mais dinâmica do que essas categorias sugerem. Os intelectuais criavam textos não só como contribuições para determinadas tradições, mas também em resposta a contextos sociais, políticos, económicos e culturais complexos e em constante mutação.

Confiar excessivamente em categorias bibliográficas também obscurece o papel da *praxis* na construção da identidade intelectual durante os períodos referidos. Para os pensadores antigos, a prática partilhada de rituais ou métodos de cultivo pessoal era motivo suficiente para estabelecer afinidades. Além disso, Sima Tan estava ciente da importância da *praxis* nas linhagens que identificava: menciona, por exemplo, o foco confucionista nos rituais e na hierarquia, e as práticas daoistas de cultivo do eu. Por isso, as suas categorias não eram arbitrárias nem inéditas: tinham uma relação direta tanto com o conteúdo dos textos de onde derivavam como com as práticas características desses círculos. Usadas com discernimento, as classificações de Sima Tan podem fornecer insights valiosos sobre a vida intelectual Han e pré-Han. Tornam-se problemáticas quando são aplicadas como categorias absolutas, como fizeram os bibliotecários posteriores e aqueles que ainda hoje dependem dos seus esquemas.

Nas nossas análises ao *Huainanzi* — quer nas introduções de capítulos, quer nas notas de rodapé — esforçámo-nos por identificar as ligações entre o texto, as fontes escritas e as técnicas específicas utilizadas, e apontar, quando apropriado, a sua filiação intelectual. Ao mesmo tempo, tivemos em mente a própria afirmação do *Huainanzi* de que se inspira num grande número de tradições, mas transcende todas elas.

Desta perspetiva, o ponto de partida para qualquer discussão sobre o lugar do *Huainanzi* na história intelectual da dinastia Han deve ser lembrar que o *Huainanzi* é o produto de um grupo particular de intelectuais, num local e num contexto geopolítico singulares. Por conseguinte, começamos pelo próprio texto, perguntando que reivindicações explícitas e implícitas este grupo específico de autores formula. Nesse sentido, o capítulo 21 é especialmente relevante, pois descreve as preocupações específicas que inspiraram a sua criação, os seus objetivos e a sua organização interna. Situa ainda o *Huainanzi* numa longa tradição de produção textual, com início nas *Estratégias do Grande Duque*, atribuídas ao Rei Wen.

A nossa análise gira, assim, em torno das mensagens que o texto pode ser interpretado como transmitindo, de como essas mensagens seriam entendidas por um público leitor Han e dos efeitos práticos que poderiam ter tido caso o programa proposto na obra tivesse sido adotado.

O ambiente imediato em que o *Huainanzi* foi criado era marcado por uma profunda agitação política em torno da questão de saber se o império devia ser um Estado burocrático centralizado ou uma entidade neofeudal relativamente descentralizada. Isto ajuda a explicar por que razão o *Huainanzi* é melhor compreendido como o plano conceptual de uma visão descentralizada do império — uma visão que aspirava a uma forma de governação partilhada ou difusa, em que a corte central estabeleceria um entendimento com as fontes locais de poder e autoridade, especialmente os parentes imperiais enfeudados como reis em várias regiões do império.

As inúmeras referências a narrativas aparentemente históricas dos Três Reis e das Três Dinastias constituem comentários velados sobre a situação política contemporânea e apelam a que o regime imperial reinstitua um modelo de governação descentralizada, como aquele que os Três Reis simbolizam.

Um exemplo particularmente elucidativo encontra-se no capítulo 6, "Investigação das Obscuridades", onde se atribui a degeneração sociopolítica e cósmica do mundo, desde a era das Três Dinastias até ao final do período dos Reinos Combatentes e da dinastia Qin, à rutura dos laços de sangue — ou seja, das relações de parentesco — entre o "Filho do Céu" e os seus "carne e osso" nos feudos regionais. O autor responsabiliza a multidão de funcionários eruditos bajuladores, intrigantes e ambiciosos, que se interpuseram entre o soberano e os seus parentes reais, pelo afastamento entre eles e, em última análise, pelo declínio do mundo.

Não surpreende, portanto, que figuras como o infame ministro Qin Li Si e importantes conselheiros Han como Gongsun Hong, Zhang Tang e Dong Zhongshu culpassem a decadência do sistema Zhou Ocidental pela deslealdade dos parentes reais para com o imperador, o "Filho do Céu". Os autores do *Huainanzi*, no entanto, veem o problema de forma oposta e, em "Investigação das Obscuridades", elogiam o imperador Han por ter restaurado os laços de parentesco e, com isso, reunificado o mundo como uma só

família. Esta ênfase na importância das relações familiares e na contribuição dos "carne e osso" do imperador para a causa imperial surge repetidamente ao longo do texto.

Enquanto alguns estudiosos interpretaram essa preferência por uma governação descentralizada como reflexo de um ecletismo de perspetivas no *Huainanzi*, discordamos dessa leitura. Em vez de defender que uma visão multiperspetivista é condição necessária para governar com sucesso, o texto argumenta de forma coerente que a sua própria perspetiva é correta precisamente porque a sua estrutura de raiz e ramos contém a chave para reconciliar todas as formas aparentemente divergentes de conhecimento e prática produzidas pela civilização humana.

O texto que o *Huainanzi* declara ser "sagrado por toda a eternidade" é ele próprio, porque só ele demonstra como todos os textos anteriormente produzidos podem ser integrados numa unidade coerente. Isto é algo diferente de uma visão pluralista ou relativista: o *Huainanzi* não afirma que todos os pontos de vista estão certos, mas sim que uma perspetiva — e as ações que dela derivam — só se tornam corretas quando colocadas adequadamente dentro da estrutura de desenvolvimento delineada pelo próprio *Huainanzi*.

Os defensores dos rituais, por exemplo, têm um lugar no império, mas as suas preocupações ocupam uma posição inferior à do estudo dos padrões fundamentais do Céu ou da auto-cultivação apofática do governante. A mensagem do *Huainanzi* não é a de um pluralismo aberto e indefinido, mas sim a de uma integração de elementos diferenciados dentro de uma estrutura hierárquica intrínseca.

Ao fornecer esta estrutura vigorosa e plausível do ponto de vista empírico — uma estrutura que permite compreender a inter-relação de todos os domínios do conhecimento e da ação humana — o *Huainanzi* mostra como uma diversidade aparentemente irreconciliável pode funcionar como parte de uma unidade integrada. E isso reflete diretamente o desafio fundamental de governar o império Han.

Tal proposta constituía uma ameaça clara para muitos dos interesses bem enraizados na corte Han, pois os autores do *Huainanzi* haviam conseguido (ou podiam plausivelmente afirmar ter conseguido) aquilo por que tantos outros haviam lutado sem êxito. Por exemplo, os confucionistas da corte imperial haviam alcançado um consenso aproximado sobre quais os textos antigos a serem reconhecidos como canónicos, mas continuavam a divergir quanto à sua interpretação — o que levou ao desenvolvimento de várias tradições exegéticas para cada clássico — e também quanto à sua hierarquia relativa.

A estrutura do *Huainanzi* demonstra como os cinco grandes domínios representados pelos cinco clássicos podem ser ordenados entre si e integrados num contexto mais vasto, que inclui conhecimentos e práticas exteriores ao cânone confucionista:

1. **Os *Changes* (Yi Jing)** → Capítulo 6: "Investigação das Obscuridades"
2. **Os Anais da Primavera e Outono** → Capítulo 8: "A Trama Fundamental"
3. **Os Ritos** → Capítulo 11: "Integração dos Costumes"
4. **As Odes** → Capítulo 12: "Respostas do Caminho"
5. **Os Documentos** → Capítulo 14: "Ditos Explicados"

A lógica que fundamenta estas correlações é longa e complexa, mas pode resumir-se da seguinte forma:

1. O *Yi Jing* relaciona-se com "Investigação das Obscuridades" porque ambos lidam com conexões correlativas entre fenómenos aparentemente desconexos — ligações misteriosas e difíceis de explicar.
2. Os Anais da Primavera e Outono correspondem a "A Trama Fundamental" porque ambos examinam a dimensão moral da história humana e atribuem louvor e censura a acontecimentos passados.
3. Os Ritos associam-se a "Integração dos Costumes" porque ambos tratam da teoria e prática ritual, incluindo observâncias religiosas, luto, vestuário, alimentação, música e outras manifestações culturais.
4. As Odes correspondem a "Respostas do Caminho" porque este capítulo recorre ao *Laozi* como autoridade exegética da mesma forma que as *Odes* eram usadas em textos como o *Hanshi waizhuan* (*Dissertações Suplementares do Mestre Han sobre as Odes*).
5. Os Documentos ligam-se a "Ditos Explicados" porque ambos utilizam apotegmas e interpretações para clarificar normas de comportamento humano, tal como os *Shu Jing* (Documentos) usam os registos históricos para ilustrar ações bem-sucedidas e mal-sucedidas de governantes do passado.

Este "apropriar-se" dos clássicos — assim seria certamente percebido — teria deixado intelectuais como Dong Zhongshu furiosos. O *Huainanzi* realiza o que os confucionistas não conseguiram: mostra como os cinco clássicos se relacionam entre si numa ordem coerente e, implicitamente, sugere que o cânone confucionista representa apenas uma fração (metaforicamente, "um canto de um quadrado") de uma enumeração verdadeiramente abrangente dos fundamentos da governação. (*"Um canto do quadrado"* é uma metáfora recorrente no *Huainanzi* para designar um conhecimento limitado.)

Talvez este tenha sido mais um fator que levou os estudiosos da corte Han — profundamente envolvidos na política — a concluir que Liu An e todo o seu projeto intelectual representavam uma ameaça demasiado perigosa para ser tolerada.

FONTES DO HUAINANZI

A nossa compreensão atual do lugar do *Huainanzi* na vida intelectual da dinastia Han assenta num conjunto de pontos fundamentais. Em primeiro lugar, o *Huainanzi* inspira-se no clássico fundacional do daoismo, o *Laozi*; retira extensamente do *Zhuangzi*; e recomenda ao governante-sábio em formação técnicas de cultivo pessoal intimamente associadas à tradição daoista.

É igualmente verdade que o texto recorre de forma substancial a obras não daoistas, incluindo os *Cânticos*, os *Mutações* e os *Documentos*; o *Hanfeizi*, o *Guanzi* e o *Liishi chunqiu*; o *Chuci* e o *Shanhaijing*; o *Zisizi* e o *Mozi*; e, sem dúvida, a outros textos que não chegaram até nós enquanto parte do corpus canónico da literatura antiga. O texto contém também muito material extraído de um corpo de anedotas históricas, semi-históricas ou lendárias, bem como de verso gnómico, amplamente disseminado através de tradições orais e escritas nos períodos dos Reinos Combatentes, Qin e Han.

Apesar desta diversidade de fontes, o *Huainanzi* é muito mais do que uma mera coleção de capítulos desconexos; trata-se de uma obra marcada por um elevado grau de coerência organizacional e filosófica, reflexo das intenções dos seus autores e editores.

Como argumentámos anteriormente, embora a estrutura e o conteúdo global do *Huainanzi* sejam coesos e deliberadamente organizados, é fácil demonstrar que grande parte do seu conteúdo consiste em citações ou paráfrases de fontes anteriores. É igualmente fácil — e mais relevante para compreender a obra — demonstrar que essas citações são muitas vezes subtilmente modificadas ou inseridas em novos contextos, alterando o seu sentido original para servir os argumentos desenvolvidos pelos mestres de Huainan. (Retomamos este ponto nas introduções a vários capítulos da obra.)

Os estudiosos identificaram mais de oitocentas citações diretas ou paráfrases próximas de obras dos Zhou e do início da dinastia Han no *Huainanzi*. Destas, de longe as mais numerosas provêm de quatro fontes: *Zhuangzi* (269 referências, segundo a contagem de Charles Le Blanc), *Liishi chunqiu* (190 referências), *Laozi* (99 referências) e *Hanfeizi* (72 referências).

O capítulo 1 do *Huainanzi* baseia-se fortemente no *Laozi*, e o capítulo 2 de forma igualmente intensa no *Zhuangzi*. As citações do *Liishi chunqiu* estão presentes ao longo de quase toda a obra (em vinte dos vinte e um capítulos), sendo particularmente proeminentes nos capítulos 3, 4 e 5. Com efeito, grande parte do capítulo 5 é composta por citações diretas das primeiras secções de cada um dos doze primeiros capítulos do *Liishi chunqiu* (e, por isso, também paralela ao capítulo "Yueling" do *Liji*, que se baseia na mesma fonte).

O capítulo 10 desenvolve conceitos e termos que aparecem num conjunto de textos antigos tradicionalmente associados a Confúcio e aos seus primeiros discípulos, como os *Lunyu*, *Mengzi*, *Xunzi* e *Zisizi*. O capítulo 12 recorre extensivamente ao *Laozi*,

usando-o de forma efetiva para validar a análise feita nesse capítulo sobre o significado de várias anedotas.

Para além destas observações gerais sobre as fontes, remetemos o leitor para as discussões específicas presentes nas introduções aos vinte e um capítulos que compõem a obra.

UM
ORIGINANDO NA MANEIRA

1. 1

Com respeito ao Sentido:
Ele cobre o Céu e sustenta a Terra.
Ele estende-se pelas quatro direções e divide os oito pontos terminais.
É tão alto que não pode ser alcançado.
Tão profundo que não pode ser sondado.
Ele abraça e envolve o Céu e a Terra
Ele doa e concede o sem-forma.
Fluindo como um manancial, borbulhando como uma fonte, é vazio, mas gradualmente se enche.
Por se agitar e fervilhar, mostra-se lúgubre, mas aos poucos torna-se claro.

Por isso:
Empilhem-no na vertical: ele preencherá tudo dentro do Céu e da Terra.
Estiquem-no na horizontal: ele abrangerá tudo no âmbito dos Quatro Mares.
Soltem-no sem limites: e ele não comportará distinção entre o amanhecer e anoitecer.
Desenrolem-no, e ele expandir-se-á pelas seis coordenadas.
Enrolem-no e ele não fará um punhado.
É restrito, mas pode estender-se.
É escuro, mas pode desanuviar-se.
É maleável, mas capaz de se fortalecer.
É flexível, mas capaz de se tornar firme.
Ele estende os quatro cordões de ligação e restringe o yin e o yang.
Suspende as vigas cósmicas e exibe as Três Luminárias.
Intensamente saturando e encharcando,
Intensamente subtil e minucioso.
As montanhas são altas por causa dele.
Os abismos são profundos por causa dele.
As feras podem correr por causa dele.
Os pássaros podem voar por causa dele.
O sol e a lua brilham por causa dele.
As estrelas e os cronómetros movem-se por causa dele.
Os *Qilins* vagueiam livremente por causa dele.
A Fénix voa por causa dele.

1. 2

Os dois Augustos Senhores da alta antiguidade
captavam as alças do Caminho e assim se estabeleceram no centro.
Os seus espíritos vagavam misteriosamente juntos
com todas as transformações e, assim, pacificaram as quatro direções.

Consequentemente, eles podiam girar como os céus
e ficar parados como a terra,
girar e girar sem parar,
fluindo incessantemente como a água,
eles terminaram e começaram junto com todas as coisas.
Quando os ventos surgiram e as nuvens se formaram,
não houve nenhum evento ao qual eles não respondessem.
Quando o trovão ribombava e a chuva caia,
eles respondiam a tudo sem fim.

Fantasmas partiam e espíritos entravam.
Dragões surgiam e as fênix pousavam.

Como a roda do oleiro girando,
como o cubo da roda que gira, eles giravam em círculos.

Ambos esculpidos e polidos, eles devolviam ao Unhewn.*
Eles agiam de forma não-ativa e estavam unidos ao Caminho.
Eles falavam de forma não-ativa e eram inundados pela sua Potência.
Eles eram pacíficos e despreocupados e alcançavam a harmonia

Embora houvesse uma miríade de coisas diferentes no mundo,
elas concordavam com a diversidade da sua natureza.
Os seus espíritos podiam concentrar-se [em algo tão diminuto quanto]
a ponta de um cabelo - e em algo tão vasto quanto a totalidade do espaço e do tempo.

A sua Potência:
Revelava-se em conformidade com o Céu e a Terra
e em harmonia com o yin e o yang;
delimitava as quatro estações e sintonizava as cinco fases. **
[Por] elas os apoiar e os nutrir afetuosamente,
a miríades de coisas nutria-lhes a vitalidade.
Podia infiltrar-se na relva e nas árvores
e mergulhar no metal e na rocha.

Entre a multidão de espécies de animais selvagens,
os pelos das suas pelagens eram lustrosos e húmidos.
As suas penas e asas vibraram; os seus chifres e galhos cresciam.
Os embriões de bestas não morriam ao nascer.
Os ovos das aves não eram inférteis.
Os progenitores eram poupados à dor de prantear as proles.
Os irmãos mais velhos eram poupados à tristeza de lamentar a perda dos mais novos.
As crianças não ficavam órfãs.

As esposas não ficavam viúvas.
Arco-íris duplo não apareceu.
Estrelas malignas não ocorreram.
Tudo isso é resultado da Potência de que eram imbuídos.

**Símbolo do sem-desejos*
*** Madeira, fogo, terra, metal e água*

1. 3

O Caminho mais exaltado
gera as miríades de coisas, mas não as possui,
completa as imagens transformadoras, mas não as domina.

Criaturas que andam sobre cascos e respiram por bicos,
que voam pelo ar e se contorcem no chão,
dependem disso para a vida, mas ninguém entende a sua Potência;
dependem dela para morrer, mas ninguém é capaz de se ressentir disso.
Aqueles que o alcançam e lucram são incapazes de o elogiar;
aqueles que o usam e perdem não podem culpá-lo.

Reúne e coleta, mas não é mais rico por isso.
Concede e confere, mas não é prejudicado por isso.
É um ciclo infinito, mas não pode ser compreendido.
É delicado e minúsculo, mas não pode ser exaurido.
Empilha-o, que ele não ficará mais alto;
Recolha-o, que ele não diminuirá.
Acrescenta-lhe, que ele não aumentará.
Retira dele, que ele não diminuirá.
Divide-o, que ele não ficará mais fino.
Liquida-o, que ele não será destruído.
Penetra-o, que ele não se aprofundará.
Preenche-o, que ele não ficará mais raso.
Nebuloso! Nebuloso! Não o podes imaginar.
Nebuloso! Nebuloso! O seu uso não te exaurirá.
Escuro! Obscuro! Ele responde sem forma.
Profundo! Penetrante! Não age em vão.

Ela rola e desenrola com o firme e o flexível.
Ele curva-se e endireita-se com o yin e o yang.

1. 4

Nos tempos antigos, quando Feng Yi e Da Bing conduziam carruagens, elevavam-se em carros de trovão e entravam no arco-íris nas nuvens. Vagueavam pelas névoas etéreas e galopavam em meio à bruma e às névoas. Indo cada vez mais longe e mais alto, atingiram o auge. Atravessaram a geada e a neve, mas não deixaram rastos. Iluminados pela luz do sol, não projetavam sombras. Entrando numa espiral, ascenderam no turbilhão. Atravessando montanhas e rios, passaram sobre o Monte Kunlun. Forçando o portão de Chang He, irromperam pelo portão do Céu.

Se compararmos isso à condução de carruagens nos tempos recentes, embora haja carros leves e bons cavalos, chicotes fortes e aguilhões afiados, estes não conseguem competir nem ultrapassá-los.

Portanto, o Grande Homem permanece calmo, sem preocupações, e sereno, sem ansiedade.
Ele toma o Céu como seu dossel;
a Terra como sua carruagem;
as quatro estações como seus corcéis, e o yin e yang como seus cocheiros.

Ele cavalga nas nuvens e eleva-se pelo céu, tornando-se companheiro do poder que nos molda e transforma. Deixando a imaginação voar e relaxando o controlo, galopa pela abóbada vasta
[dos céus].

Quando é apropriado, ele faz os seus cavalos trotar.
Quando é apropriado, ele fá-los galopar.
Ele ordena ao mestre da chuva que humedeça as vielas e atalhos.
E orienta o mestre do vento no sentido de varrer a poeira.
Ele toma o relâmpago como seu chicote e o trovão como as rodas da sua carruagem.
Acima, vagueia livremente pelos reinos nebulosos e turvos.
Abaixo, emerge do portão do ilimitado.

Tendo observado tudo ao redor e iluminado todas as coisas,
ele regressa a preservar [o Uno] para permanecer íntegro.
Ele supervisiona os quatro cantos [da Terra]
Mas sempre volta ao eixo central.

Assim, com o Céu por vosso dossel, nada ficará descoberto.
Com a Terra por vossa carruagem, nada ficará sem suporte.
Com as quatro estações por vossos corcéis, nada ficará desempregado.
Com o yin e yang como teus cocheiros, nada ficará incompleto.

Portanto, por que é que ele avança célere, mas não vacila;
vai longe, mas não se cansa;
os seus quatro membros não enfraquecem;
a acuidade da sua perceção não diminui,
e ele compreende as formas e os contornos das oito regiões distantes e dos nove campos dos céus?
É por agarra as alavancas do Caminho e vaguear pela terra do inesgotável.

1.5

Portanto, os assuntos do mundo não podem ser deliberadamente controlados.
É necessário conduzi-los, seguindo a direção natural que tomam.
As alterações das miríades de coisas não podem ser completamente compreendidas.
É necessário captar as suas tendências essenciais e guiá-las para os seus lugares.

Quando um espelho de água entra em contato com formas, não é por sabedoria ou precedente que consegue refletir, sem falhas, o quadrado, o redondo, o curvo e o reto.

Assim, o eco não responde ao acaso, e a sombra não surge de forma independente.
Eles imitam sons e formas e captam-nos tacitamente.

Aquilo que é tranquilo desde o nosso nascimento é a nossa natureza celestial.
Agitar-se apenas após ser estimulado é prejudicial à nossa natureza.
Quando as coisas surgem e o espírito responde, isso é a atividade da perceção.
Quando a perceção entra em contato com as coisas, surgem preferências.
Quando as preferências tomam forma e a perceção é seduzida por coisas externas,
a nossa natureza não consegue regressar a si mesma, e os padrões celestiais são despedaçados.

Por isso, aqueles que alcançam o Caminho não usam o humano para alterar o celestial.
Externamente, transformam-se juntamente com as coisas,
mas internamente não perdem as suas respostas genuínas.
Eles não atingem Nada, mas as suas necessidades são providenciadas.
Estão sempre em movimento, mas encontram um lugar para repousar.

Pequeno e grande, alto ou baixo, cada um tem o seu papel adequado.
As miríades de coisas brotam, saltam e dançam em profusão,
mas não perdem de vista as suas normas.

Assim, quando repousam no alto, o povo não as acha pesadas.
Quando são postas à sua frente, as multidões não os prejudicam.
Todo o mundo regressa a elas.
Os perversos e os ímpios receiam-nas.
É por não competirem com as miríades de coisas
que nenhuma consegue competir com eles.

1.6

Ora, se alguém passar o dia inteiro a pescar com cana à beira de um rio, nem sequer conseguirá encher um pequeno cesto.
Ainda que possua anzóis com farpas e lanças afiadas, linhas finas e isco perfumado, e, além disso, as habilidades de Zhan He ou Juan Xuan, não conseguirá rivalizar com a quantidade de peixe capturada por uma rede de arrasto.
Ou imaginemos um arqueiro que estica o famoso arco Wuhao, o equipa com as finas flechas de Qi, e ainda possui a mestria de Yi ou Feng Mengzi — se quiser caçar aves em voo, não conseguirá igualar a quantidade apanhada por uma rede de gaze.
Porque acontece isto? Porque aquilo que segura é pequeno [em comparação].

Se estenderes o mundo e fizeres dele o teu cesto, e seguires os cursos dos rios e dos oceanos e fizeres deles a tua rede de arrasto,
como poderias perder algum peixe ou deixar escapar alguma ave?

Assim, a flecha não se compara à lança; a lança não se compara à rede de arrasto; mas a rede de arrasto não se compara à Imagem Sem Forma.
Ora, se abandonares o Grande Caminho e te apoiares em métodos inferiores, isso não é diferente de usar um caranguejo para apanhar um rato ou uma rã para apanhar uma

pulga: é insuficiente para impedir a perversidade e travar a depravação.
Apenas fará aumentar a desordem.

Nos tempos antigos, Gun da dinastia Xia construiu uma muralha com sete metros de altura, mas os Senhores da Terra voltaram-se contra ele e os que habitavam para além dos mares tinham corações traiçoeiros.
[O seu filho] Yu compreendeu que o mundo se tornara rebelde, e por isso derrubou a muralha, tapou o fosso em torno da cidade, distribuiu os recursos, queimou as armas e tratou todos com benevolência.
E assim, as terras para além dos Quatro Mares submeteram-se respeitosamente, e as quatro tribos Yi trouxeram tributo. Quando reuniu os Senhores da Terra no Monte Du, vieram pessoas de incontáveis principados trazendo oferendas de jade e seda.
Assim, quando um coração traiçoeiro se oculta no peito, a tua pureza interior não brilhará e a tua Potência espiritual não será plena.
Quando não conheces o que reside dentro de ti próprio, como poderiam os de longe apreciar-te?

Por isso, quando as armaduras se tornam duras, as armas tornam-se mais afiadas; quando se constroem muralhas, surgem os aríetes.
É como usar água a ferver para reduzir a ebulição: a desordem apenas aumentará.
Portanto, se castigares um cão raivoso com pancadas ou um cavalo irrequieto com chicotadas para os ensinar, ainda que sejas tão dotado como Yi Yin ou Zaofu, não conseguirás transformá-los dessa forma.
Mas se desaparecer do teu interior o desejo de magoar os outros, então poderás puxar o rabo de um tigre esfomeado; quanto mais fácil será domar cães e cavalos?

Assim, os que incorporam o Caminho são serenos e nunca se exaurem.
Os que dependem de métodos [inferiores] trabalham muito mas alcançam pouco.
Recorrer a leis severas e castigos arbitrários não é prática de líderes nem de reis.
Repetir chicotadas cortantes não é o método dos que viajam longe.
A visão de Li Zhu era tão aguçada que conseguia distinguir a ponta de uma agulha a mais de cem passos, mas não conseguia ver os peixes nas profundezas.
O Mestre da Música Kuang tinha uma audição tão precisa que conseguia harmonizar os tons dos oito ventos, mas não ouvia nada para além de dez li.

Assim, confiar apenas nas capacidades de uma única pessoa é insuficiente para governar mesmo uma parcela de três mou.
Mas se seguires as normas do Caminho e acompanhares a naturalidade do Céu e da Terra, então ninguém nas seis direções poderá igualar-te.
Por isso, quando Yu drenou o dilúvio, seguiu a água como seu mestre.
Quando o Lavrador Divino semeou grãos, seguiu as plantas como seus mestres.

1.7

Plantas como a lentilha-d'água enraízam-se na água.
Plantas como as árvores enraízam-se em terra firme.
As aves batem as asas no ar para voar.
Os animais selvagens pisam o chão sólido para correr.
As serpentes e os dragões vivem na água.
Os tigres e os leopardos vivem nas montanhas.

Esta é a natureza do Céu e da Terra.
Quando dois pedaços de madeira se friccionam, produzem fogo.
Quando o metal e o fogo se encontram, o metal derrete.
As coisas redondas giram sempre.
As coisas ocadas flutuam com facilidade.
Esta é a sua propensão natural.
Assim, quando os ventos da primavera chegam, chuvas doces caem; vitalizam e nutrem as miríades de seres.
Os seres com asas assentam nos ninhos e chocam os ovos.
Os seres com pelos gestam e dão à luz.
As ervas e as árvores tornam-se viçosas e floridas.
As aves e os animais selvagens produzem ovos e embriões.
Ninguém vê o que provoca tudo isto, mas as realizações são feitas.

Os ventos de outono trazem a geada, e os seres vivos [que são atingidos por ela] são quebrados e feridos.
Águias e falcões atacam com ferocidade; os insetos em enxame hibernam; as ervas e árvores recuam às raízes; peixes e tartarugas mergulham nas profundezas.

Ninguém vê o que causa isto; tudo desaparece no Sem Forma.
Os que vivem nas árvores constroem ninhos nos bosques; os que vivem na água habitam grutas.
Os animais selvagens fazem camas de palha; os humanos constroem casas.
Os lugares montanhosos são próprios para bois e cavalos.
Para viajar de barco, é bom haver muita água.
Os Xiongnu produzem roupas de pele rançosa.
Os povos Gan e Yue fazem roupas finas de tecido de puerária.
Cada povo produz aquilo de que necessita urgentemente para se adaptar à secura ou à humidade.

Cada um ajusta-se ao local onde vive para se proteger do frio e do calor.
Todos os seres atingem o que lhes é adequado; cada coisa ajusta-se ao seu nicho.
Deste ponto de vista, as miríades de seres seguem aquilo que lhes é natural — então, por que haveriam os sábios de interferir?

1.8

A sul das Nove Passagens, as tarefas em terra são poucas, e as tarefas na água são muitas.
Por isso, as pessoas cortam o cabelo e tatuam o corpo para se assemelharem a criaturas escamosas.
Usam calções curtos, e não calças compridas, para nadar com mais facilidade.
Têm mangas curtas para remar melhor.
Com isto, estão a adaptar-se [ao ambiente natural].

A norte da Passagem de Yanmen, as tribos Di não comem grãos.
Desvalorizam os velhos e valorizam os fortes, e têm o costume de honrar os que possuem energia vital vigorosa.
Ali não se desapertam os arcos, nem se retiram os arreios dos cavalos.
Com isto, também se estão a ajustar [ao ambiente natural].

Assim, quando Yu foi ao País dos Nus, tirou as roupas ao entrar e vestiu-se ao sair.
Com isso, adaptou-se [ao seu ambiente].
Hoje em dia, se quem transplanta árvores negligenciar os aspetos yin e yang da sua natureza, nenhuma deixará de murchar e morrer.
Se plantares uma tangerineira a norte do Yangzi, transformar-se-á numa laranja amarga.
Um pássaro mynah não pode viver para lá do rio Qi, e se um texugo atravessar o rio Min, morrerá.
A forma física e a natureza inata não podem ser alteradas, e a propensão e o local não podem ser deslocados.

Por isso, os que rompem até ao Caminho regressam à clareza e à tranquilidade.
Os que investigam profundamente acabam por não agir.
Se nutrires a tua natureza com serenidade, e fixares o teu espírito com quietude, entrarás na porta do Céu.

Aquilo a que chamamos “Céu” é puro e imaculado, simples e despojado, e nunca começou a ser corrompido por impurezas.
Aquilo a que chamamos “humano” está enviesado por causa da sabedoria e da tradição.
Desviante e enganador, olha para trás, para as gerações passadas, e interage com o vulgar.
Assim, que o boi ande com cascos fendidos e tenha cornos, e que o cavalo tenha crina e cascos quadrados,

isso é celeste [i.e., natural].
Mas colocar um freio na boca do cavalo e um anel no nariz do boi,
isso é humano.
Os que se conformam ao Céu vagueiam com o Caminho.
Os que seguem o humano interagem com o mundano.
Ora, não se pode falar com um peixe num poço sobre coisas grandiosas, pois está confinado ao seu espaço estreito.
Não se pode falar com um inseto de verão sobre o frio, pois está limitado à sua estação.
Não se pode falar com estudiosos mesquinhos sobre o Caminho Supremo, pois estão confinados ao mundano e presos ao ensino.

Por isso, os sábios não permitem que o humano obscureça o celeste, nem deixam que o desejo corrompa as suas respostas genuínas.
Acertam no alvo sem esquemas; são sinceros sem palavras; alcançam sem planeamento; completam sem esforço.
A sua essência vital circula para o Armazém Mágico, e tornam-se humanos juntamente com aquilo que os molda e transforma.

1.9

Quando um excelente nadador se afoga, ou um exímio cavaleiro cai, é porque, ao contrário do que seria de esperar, cada um usou aquilo de que mais gostava para criar a própria desgraça.

Por isso, aqueles que gostam de lutar nunca deixam de cair em armadilhas, e os que competem por ganhos estão sempre exaustos.
Em tempos antigos, a força de Gong Gong era tal que investiu de cabeça contra o Monte Buzhou e fez a terra inclinar-se para o sudeste. Competiu com Gao Xin — para se tornar

imperador. Acabou por desaparecer num abismo; todo o seu clã foi destruído; e os sacrifícios ancestrais da sua linhagem cessaram.
O rei de Yue fugiu para uma caverna nas montanhas, mas o povo de Tue fumou-o para fora, e acabou por não ter escolha senão regressar com eles.

Vendo as coisas sob esta perspetiva, alcançar algo depende do momento certo, não da competição com os outros.
A boa ordem reside no Caminho, não nos sábios.
O solo está por baixo de todas as coisas e não compete para estar acima delas. Por isso, é seguro e não corre perigo.
A água flui para baixo e não disputa o primeiro lugar. Por isso, move-se rapidamente, sem atrasos.

Em tempos antigos, Shun lavrava no Monte Li. Após um ano, os camponeses disputavam os campos pedregosos e cediam uns aos outros os campos férteis.
Pescava junto ao rio. Passado um ano, os pescadores competiam pelas corredeiras e águas rasas, e davam uns aos outros as enseadas distantes e os poços profundos.
Durante esse tempo, a sua boca não falava, e as suas mãos não agitavam estandartes.
Conservava uma potência misteriosa na mente, e transformava as coisas com tal rapidez que parecia espiritual.
Se Shun não tivesse essa consciência, ainda que tivesse um discurso tão persuasivo que convencesse todos os lares, não teria conseguido transformar sequer uma pessoa.

Por isso, o Caminho de que não se pode falar é vastíssimo!
Shun conseguiu regular os San Miao, subjugar o Povo das Plumas, mudar-se para o País dos Nus e receber tributo dos Sushan.
Não foi porque proclamou títulos ou decretou editos que ajustou os costumes e transformou hábitos — foi apenas por via da sua atividade mental.
Como poderiam leis e regulamentos, punições e restrições, permitir-lhe alcançar isso?

Por isso, os sábios cultivam interiormente a raiz [do Caminho] e não se adornam exteriormente com os seus ramos.
Protegem o seu Espírito Quintessencial e dispensam sabedoria e precedentes.
Na quietude, não atuam deliberadamente, mas nada deixam por fazer.
Na tranquilidade, não tentam governar, mas nada fica sem governo.
O que se chama “não agir deliberadamente” é não antecipar a ação das coisas.
O que se chama “nada deixar por fazer” é adaptar-se ao que as coisas já fizeram.
O que se chama “não governar” é não mudar o que naturalmente já é.
O que se chama “nada ficar sem governo” é adaptar-se ao modo como as coisas se relacionam entre si.
Todos os seres têm uma origem de onde surgem; só os sábios sabem como proteger essa raiz.
Todos os esforços têm uma fonte de onde provêm; só os sábios sabem como guardar essa entrada.

Assim, esgotam o inesgotável, alcançam o limite do infinito, iluminam as coisas sem ofuscá-las, e respondem incessantemente às coisas como o eco ao som:
Isto é o que se chama “ser libertado pelo Céu”.

1.10

Assim, os que alcançam o Caminho:
Têm a vontade flexível, mas os atos firmes.
Têm a mente vazia, mas as respostas certeiras.

O que chamamos de vontade flexível é ser maleável e suave, calmo e tranquilo; esconder-se quando os outros não ousam; agir quando os outros não conseguem; estar sereno e sem inquietação; agir sem perder o momento certo; girar e rodar com os inúmeros seres. Nunca antecipar nem iniciar, apenas responder quando provocado.

Por isso, os honrados tomam sempre o seu título do que é humilde, e os que estão em alta posição tomam o que está abaixo como base.
Confiam no pequeno para abarcar o grande; repousam no interior para regular o exterior; agem com flexibilidade para se tornarem firmes; usam a fraqueza para se tornarem fortes; acompanham as transformações e empurram onde as coisas estão em mudança; alcançam o Caminho do Um e usam o pouco para corrigir o muito.

O que chamamos força nos atos é responder com rapidez perante as mudanças; afastar desastres e prevenir dificuldades; ser tão forte que nada o derrota; enfrentar inimigos sem ser envergonhado; responder às transformações acertando no momento certo, e não ser prejudicado por nada.

Por isso, se quiseres ser firme, protege-o com flexibilidade.
Se quiseres ser forte, guarda-o com suavidade.
Ao acumulares flexibilidade, tornas-te firme.
Ao acumulares suavidade, tornas-te forte.
Observa bem o que acumulas, para conheceres a tendência para a fortuna ou a desgraça.

A força vence aquilo que lhe é inferior. Mas quando encontra um igual, é neutralizada.
A flexibilidade vence aquilo que a excede. O seu poder não pode ser medido.
Assim, quando um exército é forte, será destruído.
Quando uma árvore é forte, partir-se-á.
Quando uma armadura de couro é dura, rasgar-se-á.
Como os dentes são mais duros que a língua, gastam-se primeiro.
Por isso, o flexível e o fraco são o suporte da vida, e o duro e forte são discípulos da morte.

1.11

Antecipar [o momento certo] e iniciar é o caminho para a ruína; seguir é a origem do êxito.

Como sei isto? A maioria das pessoas, ao longo da vida — cerca de setenta anos até à morte —, persegue coisas e depois rejeita-as; divide-as e depois volta a reuni-las; e todos os dias se arrepende do que faz.
Assim, Qu Boyu, aos cinquenta anos, já se criticava há quarenta e nove. Porquê?

Porque os que antecipam têm dificuldade em agir com sabedoria, mas os que seguem agem com eficácia com facilidade.
Quando os que antecipam sobem alto, os que seguem puxam-nos para baixo.
Quando os que antecipam descem, os que seguem saltam por cima.
Quando os que antecipam caem num buraco, os que seguem aprendem com isso.
Quando os que antecipam acumulam derrotas, os que seguem evitam-nas.

Desta perspetiva, os que antecipam tornam-se o alvo que desvia as flechas dos que seguem.
É como o punho em relação à lâmina da espada: a lâmina sofre a tensão, enquanto o punho permanece intato. Porquê? Porque se coloca na posição de seguir e tem um lugar protegido.
Isto vê-se amplamente no mundo vulgar e entre o povo comum — e nem os sábios e dignos o podem evitar.

O que chamamos “seguir” não significa estagnação nem ausência de fluxo.
Significa, sim, valorizar a capacidade de girar segundo as normas e unir-se ao momento certo.
Agora, os que dominam os Padrões do Caminho e se tornam companheiros das mudanças — a sua antecipação governa o que segue, e o seu seguimento governa aquilo que anteciparam.
Qual a razão disto? Não perdem aquilo com que governam os outros [isto é, os Padrões do Caminho], e por isso ninguém os pode governar.

O tempo gira e gira.
Não há um instante de descanso.
Antecipar é ultrapassar o alvo; seguir é não ficar aquém.
Os dias giram e os meses rodopiam:
O tempo não brinca com a humanidade.

Por isso, os sábios não valorizam um pé de jade mais do que prezam o movimento de um polegar da sombra do relógio de sol.
O tempo é difícil de ganhar e fácil de perder.

Quando Yu perseguia o momento certo, se perdesse uma sandália, não parava para a apanhar.
Se o chapéu ficasse preso num ramo, nem olhava para trás.
Não era porque quisesse antecipar o momento, mas porque queria alcançá-lo.

Por isso, os sábios guardam o Caminho Puro e abraçam os limites do princípio feminino.
Adaptam-se às coisas e conformam-se com elas; respondem às mudanças espontaneamente; seguem constantemente e não antecipam.

São flexíveis e maleáveis, e por isso tornam-se tranquilos,
São descontraídos e calmos, e por isso têm a mente estável.
Vencem o grande e desgastam o duro, e ninguém os pode igualar.

1.12

De todas as coisas sob o Céu, nenhuma é mais maleável e flexível do que a água.
Ainda assim, é tão grandiosa que os seus limites não podem ser alcançados; tão profunda que não pode ser sondada; tão elevada que toca o infinito; tão vasta que se funde com o ilimitado.
Aumentando e diminuindo, escoando-se e preenchendo, circula sem restrições pelo incomensurável.
Quando sobe aos céus, torna-se chuva e orvalho.
Quando desce à terra, torna-se humidade e frescura.
Se os inumeráveis seres não a obtêm, não nascerão.
Se os múltiplos esforços não a recebem, não terão êxito.

Ela acolhe todas as coisas sem parcialidade nem favoritismo.
Penetra até às criaturas mais ínfimas sem esperar gratidão.
A sua abundância sustenta o mundo inteiro sem se esgotar.
A sua Potência estende-se às cem famílias sem se consumir.
Circula por toda a parte, e não a conseguimos exaurir.
É tão subtil que não podemos agarrá-la com as mãos.
Se a golpearmos, não se fere.
Se a perfurarmos, não se magoa.
Se a cortarmos, não se separa.
Se a quisermos incendiar, não arde.
Escorrendo, drenando, fluindo, desaparecendo,
Misturando-se e entrelaçando-se com as coisas, não pode ser distinguida.
É tão aguçada que perfura metal e pedra.
É tão forte que sustenta o mundo inteiro.
Dissolve-se no domínio do Sem Forma,
E eleva-se para além da região do Nebuloso.
Serpenteia pelos rios e vales, e irrompe pelas vastas planícies.

Conforme seja abundante ou escassa, tira ou dá ao Céu e à Terra.
Dá aos inumeráveis seres com igualdade, sem preferência.
Por isso, sem ser parcial nem imparcial, ondulante e fluída, funde-se inteiramente com o Céu e a Terra.
Sem favorecer esquerda nem direita, enrolando-se e girando, termina e começa com os inumeráveis seres.
Isto é o que chamamos de “Potência Perfeita”.

A razão pela qual a água consegue alcançar a sua Potência Perfeita no mundo inteiro é porque é suave e infiltrante, húmida e escorregadia.
Assim, nas palavras de Lao Dan:

“As coisas mais maleáveis do mundo dominam as mais rígidas.”
[Isto porque] emergem do Inexistente e entram no Sem Costura.
Assim compreendo os benefícios de não agir.

Ora, o Sem Forma é o Grande Ancestral das coisas, e o Sem Som é o Grande Ancestral do som.
O seu filho é a luz; o seu neto é a água;
E ambos são gerados pelo Sem Forma.
A luz pode ser vista, mas não pode ser agarrada; a água pode ser agarrada, mas não pode ser destruída.
Por isso, de todas as coisas com forma, nenhuma é mais honrada do que a água.

1.13

Emergir na vida, entrar na morte; do Nada pisar o Ser; do Ser pisar o Nada — e assim decaímos para a humildade.

Por isso, clareza e tranquilidade são a perfeição da Potência; maleabilidade e flexibilidade são essenciais ao Caminho.

O vazio da Inexistência e a calma da serenidade são os ancestrais dos inumeráveis seres.
Responder rapidamente ao estímulo e ousadamente regressar à Raiz é fundir-se com o

Sem Forma.
O que chamamos de “Sem Forma” é um nome para o Um. O que chamamos de “Um” é aquilo que não tem par no mundo inteiro.
Majestosamente independente, imensamente solitário; em cima, penetra os Nove Céus; em baixo, atravessa as Nove Regiões.
Embora redondo, não cabe no compasso; embora quadrado, não cabe no esquadro.
Múltiplo, e ainda assim unidade; proliferante, e ainda assim sem raiz.
Envolve o Céu e a Terra como um saco; fecha os portões do Caminho.
Misterioso e vago, escondido e obscuro, toda a sua Potência se conserva na solidão.
Espalha-se — e nunca cessa; utiliza-se — e nunca se esgota.

Por isso, embora o procures, nunca verás a sua forma; embora o ouças, nunca escutarás o seu som; embora o agarres, nunca sentirás os seus contornos.
É uma ausência de forma da qual nascem as formas.
É uma ausência de som da qual os cinco tons se fazem ouvir.
É uma ausência de sabor da qual se formam os cinco sabores.
É uma ausência de cor da qual se desenvolvem as cinco cores.

Assim, o Existente surge do Inexistente; o Real emerge do Vazio.
Como o mundo inteiro é envolto por ele, nome e realidade convergem.
O número de tons não ultrapassa cinco, mas as variações não podem ser todas ouvidas.
A harmonia dos sabores não passa de cinco, mas as transformações não podem ser totalmente saboreadas.
O número de cores é cinco, mas as variações não podem ser todas vistas.

Assim, quanto ao som: quando a nota gong é estabelecida, os cinco tons ganham forma;
Quanto ao sabor: quando o doce se estabelece, os cinco sabores se fixam;
Quanto à cor: quando o branco se estabelece, as cinco cores se desenvolvem;
Quanto ao Caminho: quando o Um se estabelece, os inumeráveis seres nascem.

Por isso, o princípio guia do Um estende-se pelos Quatro Mares.
A sua difusão estende-se pelo Céu e pela Terra.
Na sua inteireza, é puro como madeira não talhada.
Na sua dispersão, é confuso como água turva.
Embora turva, aos poucos torna-se clara; embora vazia, gradualmente se preenche.
Silenciosa! Assemelha-se a uma lagoa profunda.
Flutuante! Lembra nuvens errantes.
Parece inexistente, mas existe; parece ausente, mas está presente.

As inumeráveis coisas passam todas por esta única porta.
As raízes dos cem empreendimentos emergem todas deste único portal.
Os seus movimentos são sem forma; as suas mudanças e transformações são espirituais; as suas ações não deixam rasto; antecipa constantemente ao seguir depois.

Por isso, os aperfeiçoados escondem a acuidade da mente; extinguem o brilho das letras.
Confiando no Caminho, põem de lado a sabedoria e agem com imparcialidade para com o povo.
Limitam as suas posses e reduzem as suas necessidades.
Abandonam ambições, rejeitam desejos e afastam preocupações.
Limitando as posses, veem com clareza; reduzindo as necessidades, alcançam o que desejam.

Ora, aqueles que dependem dos olhos e ouvidos para ver e ouvir, esgotam o corpo e não são claros.
Aqueles que governam com conhecimento e cálculo afligem a mente e nada alcançam.

Por isso, os sábios usam a medida única para seguir os trilhos das coisas.
Não alteram a sua adequação; não mudam a sua constância.
Aplicam-na como o seu nível, confiam nela como sua corda de marcação, e através das serpenteantes voltas da vida seguem-na como referência.

1.14

A alegria e a ira são desvios do Caminho; a preocupação e o pesar são perdas de Potência.
Gostos e aversões são excessos da mente; luxúria e desejos são entraves à natureza.
A ira violenta destrói o yin; a alegria extrema colapsa o yang.
A repressão da energia vital causa a mudez; o medo e o terror levam à loucura.
Quando estás preocupado, afligido ou furioso, a doença cresce.
Quando gostos e aversões se acumulam em demasia, os infortúnios surgem em sequência.

Por isso, quando a mente não está preocupada nem eufórica, alcança a perfeição da Potência.
Quando a mente se mantém amplamente expansiva, atinge a perfeição da tranquilidade.
Quando desejos e luxúrias não pesam sobre a mente, alcança a perfeição do vazio.
Quando a mente está livre de gostos e aversões, alcança a perfeição da equanimidade.
Quando a mente não se enreda nas coisas, alcança a perfeição da pureza.
Se a mente for capaz de atingir estas cinco qualidades, então romperá até à iluminação espiritual. Romper até à iluminação espiritual é realizar o que é intrínseco.

Por isso, se usares o interior para governar o exterior, os teus vários empreendimentos não falharão.

Se fores capaz de realizar interiormente, então o exterior poderá ser bem cuidado.
Se realizares por dentro, os teus Cinco Órgãos estarão em repouso; preocupações e ansiedades em paz.
Os teus tendões estarão fortes, os músculos vigorosos; os teus ouvidos e olhos aguçados e nítidos.
Mesmo sendo plácido e calmo, não vacilarás.
Mesmo sendo firme e forte, não quebrarás.
Nada ultrapassarás nem ficarás aquém.
Se viveres no pequeno, não te sentirás apertado; se viveres no grande, estarás sem restrições.
A tua alma não será agitada; o teu espírito não será perturbado.
Claro e límpido, sereno e calmo — serás um herói para o mundo inteiro.

1.15

O Grande Caminho é vasto e sereno.
Nunca está distante da tua própria pessoa.
Se o procurares no que está próximo, partirás com ele e a ele regressarás.

Quando fores estimulado, poderás responder; quando fores pressionado, poderás agir.
Misteriosamente subtil e inesgotável, transformas-te sem forma nem imagem.
Quando vagueares plenamente [com o Caminho], em total abandono, serás como o seu eco ou a sua sombra.
Subindo a grandes alturas e olhando para baixo, nunca perderás aquilo a que te agarras.
Ao pisares perigos e atravessares desfiladeiros, nunca esquecerás o teu apoio misterioso.

Se fores capaz de o preservar dentro de ti, a tua Potência não diminuirá.
As miríades de coisas misturam-se em profusão, e poderás girar e transformar-te juntamente com elas, escutando assim o mundo inteiro.
É como galopar com o vento a favor.
A isto se chama “Potência Perfeita”.
Se alcançares a Potência Perfeita, então estarás verdadeiramente satisfeito.

Entre os antigos, havia quem vivesse em cavernas e grutas, mas cujo espírito não os abandonava [isto é, não perdiam a centralidade interior].
Entre os contemporâneos, há quem possua o poder de dez mil carros de guerra, mas que todos os dias se preocupa e se entristece.

Visto por esta ótica, a sabedoria perde-se no governo das pessoas, mas encontra-se ao alcançar o Caminho.
A satisfação perde-se na riqueza e na posição, mas encontra-se na harmonia da Potência.

Quando compreendes como enfatizar o eu e atenuar o mundo exterior, então estarás próximo do Caminho.

O que se chama “satisfação”?
Por que razão há de consistir em residir na Esplanada Elevada ou no Terraço Floral Elegante; ou vaguear pelo Lago dos Sonhos Nublados ou pela Colina Arenosa?
Ouvidos a escutar os “nove shao” ou os “seis ying”; boca a saborear iguarias requintadas; cavalgar por uma estrada plana; caçar o martim-pescador turquesa auspicioso —
é isto o que se chama satisfação?
O que eu chamo “satisfação” é a pessoa realizar a sua mais profunda realização [ou seja, o Caminho].

Agora, aqueles que realizam a sua realização:

Não encontram alegria na extravagância, nem tristeza na frugalidade.
Fecham-se com o yin e erguem-se com o yang.

Assim, quando [o discípulo de Confúcio] Zixia estava em conflito interior, emagreceu; mas quando alcançou o Caminho, voltou a engordar.
Os sábios não permitem que as suas pessoas sejam escravizadas por coisas externas, nem deixam que os desejos perturbem a sua harmonia interior.

Por isso, quando estão satisfeitos, não se regozijam com isso; quando estão aflitos, não se deixam abater por isso.

Ao longo de milhares de situações e centenas de transformações, fluem livremente e não se fixam em nada:

“Eu sozinho permaneço desapegado;
abandono o mundo exterior e caminho com o Caminho.”

Assim, se tens os recursos para realizar [o Caminho] por ti mesmo, então, debaixo das copas das florestas altas ou nas profundezas das grutas, terás como responder adequadamente às circunstâncias.
Mas se não tiveres os meios para o realizar por ti próprio, então mesmo que tomes o mundo inteiro como tua família e as miríades de pessoas como servos e concubinas, não terás o que é necessário para nutrir a vida.

Se fores capaz de aperfeiçoar a condição de estar totalmente isento de satisfação, então nada deixará de te satisfazer.
E se nada deixar de te satisfazer, então alcançarás a satisfação perfeita.

1.16

Agora, organizar sinos e tambores, alinhar instrumentos de sopro e cordas, estender esteiras e almofadas, pendurar bandeiras e esculturas de marfim, ouvidos atentos à música licenciosa da última capital da dinastia Shang, apresentar beldades de tez refinada, servir vinho e passar as taças noite adentro, bestas poderosas a disparar sobre aves em voo, cães velozes a perseguir lebres astutas:
Tudo isto pode trazer-te prazer, consumir-te com uma paixão ardente e seduzir-te com desejo.
Mas quando desmontas o carro, dás descanso aos cavalos, paras o vinho e calas a música, o teu coração subitamente sente-se em luto, e estás tão abatido como quem sofreu uma grande perda.

Qual a razão para isto?
Porque não usas o que é intrínseco para trazer contentamento ao que é extrínseco, mas sim usas o extrínseco para satisfazer o intrínseco.
Por isso, quando a música toca, estás feliz; mas quando as canções cessam, ficas triste.
A tristeza e a alegria giram e geram-se mutuamente; o teu Espírito Quintessencial torna-se caótico e defensivo, e não encontra descanso.

Se examinares as razões disto, não conseguirás agarrar as suas formas, e, no entanto, todos os dias com isso prejudicas a tua vitalidade e negligencias a tua realização mais profunda.

Assim, se não realizares a natureza intrínseca que reside em ti, acabarás por oferecer o teu dom natural [o Espírito Quintessencial] às coisas externas, usando-o para te adornares falsamente.

Ele não penetrará na tua carne e pele; não chegará aos teus ossos e tutano; não permanecerá na tua mente e consciência; não se acumulará nos teus Cinco Órgãos.

Por isso, se não tiveres um mestre interior, aquilo que entra do exterior não cessará.
E se não estiver a responder a algo externo, o que sair do interior não será ativado.

Assim, quando ouvem palavras boas e conselhos sábios, até os tolos sabem aceitá-los.
Quando ouvem falar da Potência Perfeita e de ações elevadas, até os indignos desejam alcançá-las.
Contudo, embora muitos aceitem, poucos fazem uso disso.
Embora muitos o desejem, poucos o praticam.
Porquê?
Porque não sabem como regressar à sua natureza.

Quando aqueles cuja natureza interior ainda não se abriu insistem em estudar [a Potência e as ações elevadas], as palavras entram-lhes pelos ouvidos mas não se fixam na mente.
Como se diferencia isto das canções de mudos surdos?
Limitam-se a imitar os outros, mas não têm os meios para fazer música por si próprios.
Os sons saem das suas bocas, mas apenas se derramam e dissipam.

1.17

A mente é a mestre dos Cinco Órgãos.
Regula e dirige os Quatro Membros, faz circular o sangue e a energia vital, galopa pelos reinos da aceitação e rejeição, e entra e sai pelas portas dos cem empreendimentos.
Por isso, se não realizares [a tua natureza intrínseca] na tua própria mente e ainda assim quiseres controlar o mundo inteiro, isso é como não ter ouvidos e querer afinar sinos e tambores, ou como não ter olhos e querer apreciar padrões e ornamentos.
Seguramente, não estarás à altura da tarefa.

Assim, o mundo é um recipiente espiritual: não podes agir sobre ele deliberadamente; não o podes controlar.
Aqueles que tentam agir sobre ele serão vencidos por ele; os que tentam controlá-lo acabarão por perdê-lo.
Ora, a razão por que Xu You desprezou o mundo e não quis trocar de lugar com Yao foi porque tinha a intenção de se afastar do mundo.
Porquê?
Porque pensava que deveríamos agir sobre o mundo adaptando-nos a ele [e não impondo a nossa vontade].

O essencial do mundo: não reside no Outro, mas em ti mesmo; não reside nos outros, mas na tua própria pessoa.

Quando realizares plenamente [o Caminho] em ti próprio, então todas as miríades de coisas se disporão perante ti.
Quando penetrares completamente os ensinamentos das Técnicas da Mente, então serás capaz de colocar fora de ti a luxúria e os desejos, os gostos e as aversões.

Assim, [se realizares o Caminho] não haverá nada em que te alegres nem nada com que te enerves, nada que te entusiasme nem nada que te amargure.
Estarás misteriosamente unificado com as miríades de coisas, e não rejeitarás nem afirmarás nada.
Transformas-te e nutres um esplendor misterioso e, em vida, pareces estar morto.

1.18

O mundo é minha posse, mas eu também sou posse do mundo.
Como poderia haver sequer o mais pequeno hiato entre mim e o mundo?

Porque haveria de consistir “possuir o mundo inteiro” em agarrar o poder, manter a autoridade, empunhar os comandos da vida e da morte, e usá-los para fazer valer títulos e decretos?
O que eu chamo de possuir o mundo certamente não é isso. É simplesmente realizá-lo [o Caminho] por si mesmo.
Uma vez que eu o consiga realizar, o mundo inteiro poderá também realizar-me.

Quando o mundo e eu nos realizamos mutuamente, possuímo-nos sempre um ao outro. Então, como poderia haver algum hiato entre nós que precise de ser preenchido?

O que eu chamo de “realizá-lo por si mesmo” significa cumprir a tua própria pessoa. Cumprir a própria pessoa é unificar-se com o Caminho.

Assim, vaguear à beira de rios ou junto ao mar, galopar com Yao Niao ou conduzir uma carruagem sob um dossel de penas de martim-pescador, ver com os olhos a dança das “Plumas do Faisão” ou o espetáculo musical dos “Emblemas do Rei Wu”, ouvir com os ouvidos melodias elegantes, claras e arrebatadoras, ou ser estimulado pela música licenciosa de Zheng e Wey, ou embrenhar-se nas baladas tradicionais emocionantes de Chu, ou disparar sobre aves em voo junto ao lago, ou caçar bestas selvagens nas reservas:
tudo isto são coisas que o comum das pessoas acha sedutoras e embriagantes.

Os sábios experimentam-nas, mas não ao ponto de estas dominarem o seu Espírito Quintessencial, perturbarem a sua energia vital ou dispersarem a mente da sua verdadeira natureza.

Habitar numa aldeia remota à beira de um desfiladeiro profundo, escondido em vegetação densa, numa pobre cabana com telhado de colmo onde a erva brota, cuja porta está coberta de trepadeiras, com pequenas janelas redondas como bocas entreabertas e um bastão de amoreira como dobradiça, um telhado com goteiras, chão húmido, aposentos frios cobertos de neve e geada, onde os tapetes de erva estão encharcados; vaguear por pântanos vastos e encostas montanhosas:
são coisas que deixariam o comum das pessoas em estados melancólicos, ansiosas, tristes e incapazes de se concentrarem.

Mas os sábios vivem em lugares assim sem se preocuparem nem se irritarem, sem perderem o que os faz contentes em si mesmos.
Porquê?

Porque possuem interiormente os meios para penetrar no Mecanismo do Céu e não permitem que honra ou humilhação, pobreza ou riqueza os façam perder a consciência da sua Potência.

Assim, o grasnar do corvo ou o gritar da pega — terão o frio ou o calor, a secura ou a humidade, alguma vez alterado os seus sons?

Por isso, quando a realização do Caminho está segura, não depende das idas e vindas das miríades de coisas.
Não foi por uma mudança momentânea que encontrei os meios de o realizar em mim.
O que chamo de “realização” é compreender as inclinações inatas da natureza e do destino, e repousar com segurança na calma que elas geram.

1.19

Agora, a nossa natureza e destino surgem do Ancestral juntamente com as formas do nosso corpo.
Uma vez completadas estas formas, a natureza e o destino desenvolvem-se; e, uma vez que se desenvolvem, surgem os gostos e aversões.

Assim, os estudiosos têm o formato estabelecido do ensaio; as mulheres têm padrões fixos de conduta.
O compasso não pode tornar-se quadrado, e o esquadro não pode tornar-se redondo.
A linha de marcação não se pode torcer, nem a régua de ângulos pode tornar-se curva.
As constâncias do Céu e da Terra são tais que subir uma colina não te torna mais alto, nem sentar-te no chão te torna mais baixo.

Por isso, aqueles que realizam o Caminho: quando estão empobrecidos, não se acanham; quando são bem-sucedidos, não se ensoberbecem.
Quando habitam alturas, não se perturbam; quando seguram um vaso cheio, não o entornam.
São novos, mas não brilhantes; são velhos, mas não desbotados.
Entram no fogo e não se queimam; entram na água e não se molham.

Assim, não dependem de cargos políticos para serem honrados.
Não dependem da riqueza para serem ricos.
Não dependem da força física para serem fortes.
Equilibrados e vazios, fluem para baixo e elevam-se com as transformações.

Pessoas assim escondem o ouro nas montanhas, ocultam pérolas no fundo do mar, não lucram com bens e riquezas, não cobiçam cargos nem fama.

Por isso, não tomam a prosperidade como contentamento, nem a privação como desgraça.
Não tomam a honra como segurança, nem a humilhação como perigo.

O corpo, o espírito, a energia vital e a consciência habitam todos nas suas funções apropriadas, e assim seguem o funcionamento do Céu e da Terra.

O corpo físico é a morada da vitalidade; a energia vital é a sua fonte; o espírito é quem a regula.
Se um deles perde o seu lugar, os outros dois sofrem.

Assim, os sábios asseguram que cada um permaneça no seu lugar próprio, preserve a sua função específica, e não interfira com os demais.

Se o corpo físico se encontrar onde não está seguro, será destruído.
Se o uso da energia vital não se ajustar ao que a renova, ela esvair-se-á.
Se o espírito atuar de forma imprópria, tornar-se-á obscurecido.

Estes três devem ser atentamente guardados.

1.20

Considera agora as miríades de coisas deste mundo — até mesmo aranhas e vespas, que rastejam e zumbem.
Todas sabem o que gostam e o que evitam, o que lhes traz proveito ou dano.
Porquê? Porque são constantemente guiadas pelas suas naturezas.
Se essa natureza as abandonasse subitamente, os seus ossos e carne não teriam guia constante.

As pessoas de hoje veem claramente e ouvem bem; os seus corpos suportam peso, e as suas cem articulações podem dobrar-se e esticar-se; distinguem o branco do preto, o feio

do belo; compreendem semelhanças e diferenças, discernem o certo e o errado.
Porquê? Porque a energia vital infunde estas atividades, e o espírito regula-as.

Como sabemos que assim é?

De modo geral, quando algo ocupa a consciência das pessoas e o espírito se prende a isso, elas tropeçam em raízes de árvores ou batem com a cabeça em ramos sem se aperceberem.
Se as chamares com um aceno, não te veem; se lhes gritares, não te ouvem.
Os olhos e os ouvidos não desapareceram, mas não respondem.
Porquê? Porque o espírito perdeu aquilo que devia guardar — a concentração.

Assim, quando se foca no pequeno, esquece o grande; quando se foca no interior, esquece o exterior; quando se foca no alto, esquece o baixo; quando se foca na esquerda, esquece a direita.

Quando não há lugar onde não penetre, não há lugar onde não se foque.
Por isso, os que valorizam o vazio [isto é, a atenção refinada], escolhem habitar na ponta de um cabelo de outono.

1.21

Existe uma razão para que os loucos não consigam evitar os desastres da água e do fogo, e não consigam atravessar valas ou sarjetas.
Será por não terem corpo, espírito, energia vital e consciência?
Têm, mas usam-nos de outra forma.
Perderam as posições relativas que deveriam guardar e deixaram as suas moradas externas ou internas.

Assim, se os loucos cometem erros, não conseguem compensá-los; não sabem equilibrar atividade e repouso.
Ao longo da vida, arrastam os corpos mirrados pelas beiras dos montes e barrancos, tropeçando em valas sujas e fossas imundas.
Embora tenham nascido como qualquer outra pessoa, não escapam à condenação nem ao ridículo.

Porquê?
Porque os seus corpos e espíritos perderam as suas posições relativas.
Assim, quando o espírito governa, o corpo segue e beneficia.
Quando o corpo governa, o espírito segue e sofre.

As pessoas gananciosas, cheias de desejos, cegam-se com poder e lucro, e são seduzidas pela fama e pelo estatuto.
Se, ao quererem superar a sabedoria dos outros, esperam crescer aos olhos do mundo, o seu Espírito Quintessencial será diariamente desperdiçado e afastar-se-á cada vez mais.

Se persistirem nisso sem inverter o rumo quando o corpo se encerra nas atividades do dia-a-dia, então o espírito já não terá como regressar.

Por isso, pelo mundo, há vezes em que as pessoas se perdem por cegueira e tolice.
Isto é como o sebo da vela: quanto mais o fogo a consome, mais ela derrete e desaparece.

Ora, quanto mais tranquilos forem a essência vital, o espírito, a energia vital e a consciência, mais abundantes e fortes serão.
Quanto mais agitados estiverem, mais se esgotarão e envelhecerão.

Por isso, os sábios nutrem o espírito, harmonizam e suavizam o sopro vital, pacificam o corpo.

Afundam-se e flutuam, mergulham e ascendem, atravessando a vida em companhia do Caminho.
Na calma, relaxam-se nele.
Quando pressionados, recorrem a ele.
Relaxar-se nele é como despir a roupa; usá-lo é como disparar uma besta.

Assim, não há transformação das miríades de coisas que não acolham, nem mudança dos cem assuntos a que não respondam.

Traduzido do original por Harold Roth

DOIS
ACTIVAR O AUTÊNTICO

2.1

[1] Houve um princípio.
[2] Ainda não havia começado a haver “Houve um princípio.”
[3] Ainda não havia começado a haver “Ainda não havia começado a haver ‘Houve um princípio.’”
[4] Havia Algo.
[5] Havia Nada.
[6] Ainda não havia começado a haver “Havia Nada.”
[7] Ainda não havia começado a haver “Ainda não havia começado a haver ‘Havia Nada.’”

[1] O que se chama “Houve um princípio”:
Confuso e indistinto: ainda não manifesto; botões a surgir, rebentos a despontar; ainda sem forma ou contorno.
Indiferenciado, contorcendo-se, está prestes a desejar nascer e florescer, mas ainda não forma coisas nem categorias.

[2] O que se chama “Ainda não havia começado a haver ‘Houve um princípio’”:
O qi do Céu começava a descer; o qi da Terra começava a subir; yin e yang misturavam-se e encontravam-se; vagueando livremente e correndo para preencher os interstícios do tempo e do espaço, envolviam Potência e engoliam a harmonia; densamente entrelaçados; desejosos de se ligar às coisas mas ainda sem ter formado fronteiras nem corpos.

[3] O que se chama “Ainda não havia começado a haver ‘Ainda não havia começado a haver ‘Houve um princípio’””:
O Céu engolia a harmonia mas ainda não a deixava cair;
A Terra abraçava a energia vital mas ainda não a deixava subir;
vazia e quieta, inerte e isolada,
Nada e Algo eram um par combinado.
A energia vital penetrava profundamente a Obscuridade Sombria.

[4] O que se chama “Há Algo”:
Fala do florescimento das miríades de coisas. As raízes, troncos, ramos e folhas eram

viçosos e abundantes, generosos e brilhantes. Os insetos contorciam-se e moviam-se, rastejavam e andavam, deslizavam e arfavam. Tudo isso podia ser tocado, agarrado e contado.

[5] O que se chama “Há Nada”:
Olha-se e não se vê forma; ouve-se e não se escuta som.
Tenta-se alcançar e não se consegue agarrar; contempla-se e não se consegue sondar.
Coletado e fundido, vasto como uma cheia, expansivo,
é algo cuja luz não pode ser penetrada por nenhum instrumento.

[6] O que se chama “Ainda não havia começado a haver ‘Havia Nada’”:
Envolve Céu e Terra, funde as miríades de coisas, penetra profundamente o caótico e o obscuro.
Profundamente impenetrável, vasto e grandioso, não pode ter exterior; tão fino como a ponta de um cabelo, tão afiado como uma ponta, não pode ter interior.
Um espaço sem contenção, gerou a raiz do Algo e do Nada.

[7] O que se chama “Ainda não havia começado a haver ‘Ainda não havia começado a haver ‘Havia Nada’””:
Céu e Terra ainda não se tinham separado; yin e yang ainda não tinham sido delineados; as quatro estações ainda não estavam diferenciadas; as miríades de coisas ainda não tinham sido geradas.
Enormemente pacífico e tranquilo, silenciosamente claro e límpido, ninguém via a sua forma.

Era como a Luz Resplandecente perguntando ao Não Algo, que estava recolhido e se perdera: “Posso conceber ter Nada, mas não consigo conceber não ter Nada. Se eu conseguisse alcançar o estado de Não Nada, como poderia até o mais maravilhoso ultrapassar isso?”

2.2

O Grande Torrão carrega-me com um corpo, sobrecarrega-me com uma vida, alivia-me com a velhice, repousa-me com a morte.

Ter achado bom viver é exatamente o motivo pelo qual acho bom morrer.
Pode-se esconder um barco numa ravina, esconder uma rede de pesca num pântano: as pessoas chamam a isso “seguro.”

No entanto, a meio da noite, um homem forte pode carregá-lo às costas e fugir com ele, e o que dorme nem sequer sabe.
É apropriado esconder pequenas coisas dentro das grandes. Mas, se o fizeres, o teu objeto pode desaparecer.
Mas se escondes o mundo no mundo, então nada poderá esconder a sua forma.

Como se pode dizer que as coisas não são grandiosamente indiscriminadas? Por vezes, cruzas-te com a forma de um ser humano e ficas especialmente satisfeito.
Mas a humanidade tem mil alterações e dez mil transformações, nunca alcança um limite, desgasta-se e depois renova-se; não deveria então a tua alegria ser incalculável?

Compara com um sonho:
Num sonho tornamo-nos uma ave e voamos pelo céu.
Num sonho tornamo-nos um peixe e desaparecemos nas profundezas.

Quando estamos a sonhar, não sabemos que estamos a sonhar; só quando despertamos percebemos que era um sonho.
Só quando temos um grande despertar percebemos que este momento presente é o sonho último.
No princípio, antes de eu nascer, como poderia ter conhecido a alegria de estar vivo?
Agora, neste momento em que ainda não morri, como posso saber que a morte também não é uma alegria?

Em tempos antigos, Gongniu Ai sofria de uma doença cíclica: a cada sete dias transformava-se num tigre.
O seu irmão mais velho abriu a porta e entrou para o espiar, e o tigre atacou-o e matou-o.
Assim, os seus padrões exteriores tornaram-se os de uma besta; as unhas e os dentes alteraram-se; a sua consciência e mente mudaram; o seu espírito e forma transformaram-se.

Quando era tigre, não sabia que tinha sido humano.
Quando era humano, nada sabia sobre ser tigre.
Estas duas formas alternavam-se em oposição, e cada uma encontrava alegria na forma que tomava.
A esperteza e a confusão substituem-se uma à outra sem fim, e quem sabe de onde brotam?

Quando a água se aproxima do inverno, solidifica-se e torna-se gelo.
Quando o gelo recebe a primavera, derrete e torna-se água.

Gelo e água alternam-se nas suas posições anteriores e posteriores como se corressem num círculo eterno; qual deles tem tempo para conhecer amargura ou alegria?

Assim:
O corpo é afetado pelas privações de frio, calor, secura e humidade: o corpo enfraquece, mas o espírito permanece forte.
O espírito é afetado pelo sofrimento da alegria, raiva, meditação e preocupação: o espírito esgota-se, mas o corpo ainda tem reservas.
Por isso, quando se esfolia um cavalo velho após a morte, é como madeira seca; quando se esfolia um cão jovem, ainda se contorce.

Assim, os assassinados, os seus fantasmas vagueiam; os que atingem o seu tempo, os seus espíritos silenciam-se.

Nenhum destes tem o espírito e a forma a expirar simultaneamente.
No uso da mente, os sábios apoiam-se na sua natureza e confiam no seu espírito.
Natureza e espírito sustentam-se mutuamente, e assim os sábios alcançam os seus fins e os seus inícios.

Assim, quando dormem, não sonham, e quando despertam, não ficam tristes.

2.3

Entre os povos da antiguidade havia aqueles que se situavam no caótico e no obscuro.
O seu espírito e a sua energia vital não se derramavam para o exterior.
As miríades de coisas eram pacíficas e imparciais, e assim tornavam-se satisfeitas e tranquilas.
O qi dos [cometas funestos como] “magnólias”, “lanças”, “colisores” e “cabos” era em todos os casos bloqueado e dissipado, de modo que não podiam causar dano.

Naquele tempo, os povos eram selvagens e indomados, sem saber distinguir Leste de Oeste; vagueavam de boca cheia, batiam nos seus ventres com satisfação.
Na cópula seguiam a harmonia do Céu; na alimentação, estavam de acordo com a Potência da Terra.

Não usavam precedentes minuciosos ou conceitos de “certo e errado” para se sobrepor uns aos outros.
Vasto e sem limites — é o que chamamos de “Grande Ordem”.
E assim, os que estavam em posição elevada dirigiam [os ministros] à esquerda e à direita sem perverterem a sua natureza; possuíam e pacificavam [o povo] sem comprometerem a sua Potência.

Assim, a Humanidade e a Retidão não eram proclamadas, e as miríades de coisas floresciam.
Recompensas e castigos não eram aplicados, e todos no mundo eram respeitados.

O seu Caminho podia dar origem à grande perfeição, mas é difícil encontrar medida para ele.
Assim,
Calculando por dias, não há suficiente;
calculando por anos, há excedente.

Os peixes esquecem-se de si nos rios e lagos.
Os humanos esquecem-se de si nas técnicas do Caminho.

O Autêntico da antiguidade sustentava-se nos fundamentos do Céu e da Terra, centrava-se na errância ininterrupta, abraçava a Potência e repousava na harmonia.
As miríades de coisas eram para eles como fumo que se acumulava em altura.
Qual deles criaria de boa vontade discórdia nos assuntos humanos ou usaria as coisas para perturbar a sua natureza e destino?

2.4

O Caminho tem tanto uma urdidura como uma trama ligadas entre si.
Os [Perfeitos] alcançam a unidade do Caminho e unem-se aos seus mil ramos e dez mil folhas.
Assim, por o terem em posição elevada, podem promulgar os seus decretos;
por o terem em posição baixa, podem esquecer a sua baixeza;
por o terem na pobreza, podem alegrar-se no seu labor;
por o terem na aflição, podem manter-se firmes no perigo.

Quando chega o grande frio, geada e neve descem: só então se compreende o vigor do pinheiro e do cipreste;
Ao suportar dificuldades, ao caminhar para o perigo, com o lucro e o prejuízo alinhados diante de si: só então se compreende como os sábios não perdem o Caminho.

Assim, aqueles que conseguem usar sobre a cabeça o Grande Círculo [do Céu] atravessarão o Grande Quadrado [da Terra];
espelhar a Pureza Vasta contemplará a Grande Luminosidade;
estar em Paz Vasta será como estar situado no grande salão;
vaguear na Obscuridade Profunda terá o mesmo brilho que o sol e a lua.

Assim, tomam o Caminho como haste;
a Potência como linha;
os Ritos e a Música como anzol;
a Humanidade e a Retidão como isco; lançam-nos aos rios; fazem-nos flutuar até aos mares.
Ainda que as miríades de coisas sejam incontáveis em número, qual delas não possuirão?

2.5

Mesmo aqueles que se apoiam estreitamente em técnicas desviadas, que controlam o reino humano, que buscam o lucro acima e abaixo conforme os costumes da época para apalpar e unir os subtis das coisas: mesmo esses atingirão os seus objetivos e satisfarão os seus desejos.
Quanto mais ainda aqueles que abraçam o precioso Caminho, esquecem as [emoções ligadas aos] órgãos hepáticos e biliosos, abandonam ouvir e ver, flutuam solitários para além do ilimitado e não se envolvem com as coisas do mundo, que por dentro permanecem no reino do Informal e se harmonizam com o Céu e a Terra?

Para esses, interrompem a percepção e abraçam a Simplicidade Vasta.
Veem o benefício e o prejuízo como pó e sujidade, veem a vida e a morte como o dia e a noite.

Assim, quando os seus olhos veem a forma da carruagem imperial adornada com jade e marfim; quando os seus ouvidos ouvem os sons de “Neve Branca” e da nota pura *jue*; essas coisas não conseguem perturbar o seu espírito.

Quando escalam o desfiladeiro de mil *ren* ou espreitam de um penhasco íngreme; nada disso consegue perturbar a sua harmonia.
É como o jade do Monte do Sino: se o assares num forno de carvão durante três dias e três noites, a sua cor e brilho não se alteram.
Eles [os sábios] alcançaram a Quintessência do Céu e da Terra.

Por estas razões, se a vida não é suficiente para os motivar, como poderia o lucro ser suficiente para os mover?
Se a morte não é suficiente para os deter, como poderia o prejuízo ser suficiente para os assustar?
Eles são claros sobre a divisão entre vida e morte e penetram a distinção entre benefício e dano.

Mesmo que lhes ofereças a grandeza do mundo em troca de um único pêlo do seu braço, nada disso chamará a sua atenção.
O significado da nobreza e da baixeza para as suas pessoas é como a breve passagem de uma brisa veloz.
O impato da crítica e do louvor sobre os seus “eus” é como o encontro com mosquitos e moscas.

2.6

Agarrar o intensamente brilhante sem o escurecer, agir com o perfeitamente puro sem o macular, repousar na obscuridade profunda sem a obscurecer, sentar-se no eixo do Céu sem o destruir, não ser obstruído pelas montanhas Mengmen ou Zhonglong, nem por correntes rápidas, abismos profundos ou as profundezas de Luliang, não ser impedido

pelos obstáculos de Taihang, Shijian, Feihu ou Gouwang.
Só aqueles que encarnam o Caminho são capazes de não serem vencidos por essas coisas.

Por essas razões, os seus corpos habitam nos rios e mares, e os seus espíritos vagueiam sob os portais do palácio.
Se não tivessem alcançado a Fonte Única, como poderiam ter chegado a tal ponto?

Por essas razões, habitar junto dos Perfeitos faz com que as famílias esqueçam a sua pobreza, faz com que reis e duques desprezem honras e riquezas e se deleitem com a humildade e a simplicidade, faz com que os valentes suavizem a sua ira e os gananciosos reduzam os seus desejos.
Sentam-se e não ensinam; levantam-se e não discutem.
Quando estão vazios, vão; quando estão cheios, regressam.

Assim, não falam e conseguem saciar os outros com harmonia.

Por essas razões, aqueles que encarnam o Caminho Supremo nada fazem.
Agora dragão, depois serpente, expandem-se e contraem-se, enrolam-se e desenrolam-se, transformam-se com as estações.
Por fora, seguem os costumes em voga; por dentro, preservam a sua natureza.
Os seus ouvidos e olhos não se deslumbram.

Os seus pensamentos e reflexões não se enredam.
Aqueles que assim hospedam o seu espírito mantêm a simplicidade para poder vaguear na pureza vasta, atraem a conformidade das miríades de coisas e fazem germinar as múltiplas virtudes.

Por essas razões, o espírito afasta-se daqueles que o forçam; o espírito habita com aqueles que o aquietam.

O Caminho emerge da Fonte Única, penetra os Nove Portões, espalha-se pelos Seis Cruzamentos e manifesta-se no domínio do ilimitado. É calmo e silencioso e, assim, vazio e inexistente.
Não é que actue sobre as coisas; são as coisas que atuam sobre si mesmas.

Por isso, quando os acontecimentos se alinham com o Caminho, não é que o Caminho os tenha realizado, mas sim que os tenha impulsionado.

2.7

Aquilo que o Céu cobre, aquilo que a Terra sustenta, aquilo que está contido nas seis direções, aquilo que é animado pelo yin e pelo yang; aquilo que é humedecido pela chuva e pelo orvalho; aquilo que é sustentado pelo Caminho e pela sua Potência:

Tudo isso nasce de um único pai e mãe e participa de uma única harmonia.
Por isso, o gafanhoto e o ulmeiro, a laranja e o toranja, são todos irmãos; os You Miao e os povos de San Wei estão unidos como uma só família.
Quando os teus olhos veem o voo dos gansos selvagens e dos cisnes, quando os teus ouvidos escutam os sons do *qin* e do *se*, e a tua mente está no meio de Yanmen,

Dentro de uma só pessoa, o espírito divide-se e dispersa-se pelas seis direções, e num instante percorres dez milhões de milhas.

Por estas razões, quando vistos pela diferença, [coisas tão próximas quanto] os órgãos hepáticos e biliosos podem ser tão distintas quanto Hu ["bárbaros" do norte] e Yue ["bárbaros" do sul].
Mas quando vistos pela semelhança, as miríades de coisas são um único conjunto.

As Cem Tradições têm diferentes teorias, e cada uma possui a sua origem.
Por exemplo, a relação de Mo[zi], Yang [Zhu], Shen [Buhai] e [Senhor] Shang com o Caminho do Governo é como a de uma única haste de guarda-chuva com o seu dossel, ou de um único raio com a roda de uma carroça.
Se tiveres qualquer um deles, podes completar o número; se faltares com um, isso não prejudicará a utilidade do todo.
Cada um pensava que possuía o monopólio do governo verdadeiro; não compreendiam a disposição genuína do Céu e da Terra.

Quando um ferreiro forja uma ferramenta e o metal voa para fora da forja, deve tratar-se de excesso ou desperdício.
Quando atinge o chão, endurece e toma forma.
Embora a sua forma possa ter alguma pequena utilidade, não pode ser valorizada como os Nove Caldeirões da casa de Zhou — quanto mais ainda quando comparada com aquele que os moldou?
E comparada com o Caminho, a distância é ainda maior.

Quando as miríades de coisas se diferenciam e ramificam, quando as centenas de assuntos proliferam e divergem, todas têm a sua fundação numa única raiz, apesar dos seus dez mil desdobramentos.
Aqueles que recebem não são o que dá.
O que dá não recebe, e no entanto não há nada que não conceda.
Aquilo que tudo concede é como nuvens carregadas que se acumulam, formando e espalhando-se até chover, encharcando profundamente as miríades de coisas, sem contudo se molharem.

Um bom arqueiro tem como padrão a mira e o alvo, tal como um carpinteiro tem como referência o compasso e o esquadro. Cada um possui meios para determinar a perfeição.
Contudo, Xi Zhong não poderia ser Feng Meng, e Zaofu não poderia ser Bo Le.
Cada um delineou um canto, mas não compreendeu o domínio completo das miríades de técnicas.

Se tingires seda com sulfato ferroso, ela tornar-se-á mais negra que o próprio sulfato;
se tingires [tecido] com anil, ficará mais azul que o anil.

O sulfato ferroso não é negro; o anil não é azul.
Embora [os tecidos] tenham superado a sua "mãe" [isto é, o corante original], não são capazes de regressar à sua forma anterior.
Porquê?
Isto seria como se a sua cor se tornasse mais pálida a cada imersão.
Quanto mais ainda será o caso das coisas que ainda não começaram a ser moldadas e transformadas pelo sulfato ou pelo anil?
Mesmo que gravasses as suas transformações em metal e pedra, ou as inscrevesses em bambu e seda, como poderíamos alguma vez enumerá-las?

Sob esta perspetiva, nenhuma coisa deixa de ser gerada por algo, e o pequeno e o grande vagueiam como companheiros.
A ponta de um cabelo de outono pode ser minúscula, mas se a colocares num espaço sem

brechas, torna-se, na prática, imensa.
Se pegares na finura de um junco e a inserires em algo sem fissura, torna-se, na prática, volumosa.

Aquilo que não possui sequer a delicadeza de um cabelo de outono ou a finura de um junco, estendendo-se sem limite até aos quatro extremos, permeando o Ilimitado — nada o pode parar ou impedir.
É requintadamente subtil e duplamente maravilhoso.
Ergue e baixa as miríades de coisas, harmoniza as nove alterações e transformações — como pode algo no Céu e na Terra ser suficiente para explicá-lo?

Um vento veloz pode partir árvores, mas não consegue arrancar penas ou cabelos.
De um terraço nas nuvens, uma pessoa que caia partirá a coluna e esmagará o crânio, mas para um mosquito ou um inseto, é altura suficiente para descolar.
Ora nós, tal como centopeias e vermes, montamos o Mecanismo do Céu e recebemos a nossa forma como parte do mesmo conjunto de seres vivos.
Mas são os seres que voam e são leves, pequenos e minúsculos, que encontram na sua forma o suficiente para escapar com vida.
Quanto mais ainda será o caso daquilo que não tem categoria?
Visto sob esta perspetiva, torna-se ainda mais evidente que o que não tem forma é aquilo que gera o que tem forma.

2.8

Por estas razões, os sábios confiam o seu espírito ao Armazém Numinoso e regressam ao princípio das miríades de coisas.
Eles espreitam a Obscuridade Profunda e escutam o que não tem som.
No seio da Obscuridade Profunda, só eles veem a luminosidade.
No seio do silêncio e da quietude, só eles irradiam luz.

O seu uso [do Caminho] reside em não o usarem; só ao não o usarem é que conseguem usá-lo.
O seu saber consiste em não saber; só ao não saberem é que verdadeiramente conhecem.
Se o Céu não fosse estável, o sol e a lua não teriam apoio.
Se a Terra não fosse estável, as ervas e as árvores não teriam onde ser plantadas.
Se o que está estabelecido dentro da tua pessoa não for tranquilo, o “é isso!” e o “não é isso!” não podem tomar forma.
Por estas razões, só quando existe uma Pessoa Genuína existe Saber Genuíno.
Se aquilo que compreendo não é claro, como posso saber que aquilo a que chamo saber não é ignorância?

Acumular sabedoria e multiplicar generosidade, recolher amor e concentrar bondade.
Com uma reputação gloriosa, amar e proteger as miríades de pessoas e as cem famílias, levando-as a alegrar-se e a regozijar-se na sua natureza — isto é Humanidade.
Alcançar grande mérito, estabelecer um nome ilustre, apoiar governante e ministro, corrigir superiores e inferiores, distinguir parente de estranho, ordenar nobre e vil, preservar reinos em risco, continuar linhagens interrompidas.

Romper com os rebeldes e controlar os desordeiros, reviver templos ancestrais destruídos e estabelecer descendência para os que não a têm — isto é Retidão.

Bloquear os nove orifícios, armazenar a atenção da mente, descartar a audição e a visão, regressar à ausência de consciência, vaguear amplamente para lá do pó e da sujidade, mover-se livremente na actividade do não-esforço, inspirar o yin e expirar o yang, harmonizar-se completamente com as miríades de coisas — isto é Potência.

Por estas razões, quando o Caminho se dispersa, existe Potência.
Quando a Potência se dissipa, surgem a Humanidade e a Retidão.
Quando a Humanidade e a Retidão se estabelecem, o Caminho e a sua Potência são abandonados.

2.9

Toma uma árvore com cem palmos de diâmetro, corta-a e transforma-a em cálices sacrificiais.
Grava-os com facas e punções, salpica-os de azul e amarelo.
Ficam ricamente adornados e magnificamente embutidos, com dragões, serpentes, tigres e leopardos, trabalhados com padrões intricados e elaborados.

Contudo, assim que um se parte, é lançado para a valeta.
Comparando um cálice sacrificial com algo lançado para a valeta, embora quanto a fealdade e beleza sejam diferentes, na perda da natureza da madeira são iguais.

Por esta razão, as palavras de quem esvaziou o espírito tornam-se rebuscadas; a conduta de quem bloqueou a Potência torna-se artificial.
Se te falta a Essência Suprema por dentro, mas percebes palavras e conduta por fora, não conseguirás evitar tornar-te escravo das coisas materiais.
Se, nos teus atos de escolher e rejeitar, a conduta se torna artificial, isso é procurar a Essência por fora.
Se a Essência se esvai por completo mas a conduta não é refreada, isso perturba a mente e agita o espírito, confundindo e desordenando a fonte.

Aquilo que preservas não é estável: por fora estás mergulhado nos costumes da moda.
Os teus erros já estão cometidos: por dentro a tua clareza pura está manchada.

Assim, vives receoso até ao fim, sem jamais conhecer um momento de contentamento.
Por esta razão, os sábios cultivam internamente as técnicas do Caminho e não se ornamentam externamente com Humanidade e Retidão.
Ignoram as exigências dos ouvidos e dos olhos, vagueiam na harmonia do Espírito Quintessencial.

Aqueles que são assim observam, em baixo, as três nascentes; inspeccionam, em cima, os nove céus; percorrem amplamente as seis direções; unem e ligam as miríades de coisas.
Tais são os caminhos dos sábios.
Os Genuínos fluem no vazio extremo e vagueiam pelos campos da extinção; montam o grifo e seguem a esfinge; galopam para lá dos limites do mundo e repousam sob o tecto do cosmos.

Usam dez sóis como lâmpada e comandam o vento e a chuva.
Subjugam o Duque do Trovão, empregam Kuafu, tomam Mi Fei como concubina e a Tecelã como esposa.

O que há entre Céu e Terra que seja digno da sua ambição?

Assim:

O Vazio e o Nada são a morada do Caminho;
o equilíbrio e a simplicidade são o tecido fundamental do Caminho.

Quando as pessoas forçam o espírito e perturbam a essência, procurando racionalmente as coisas do lado de fora, perdem todo o brilho espiritual e expulsam-no da sua morada.
Assim, aquele que gelou usará um manto duplo na primavera, e aquele que sofreu um golpe de calor desejará uma brisa fresca no outono.
Quando há doença dentro, ela manifesta-se sempre no exterior.
O osmanthus doce alivia as cataratas; o caracol cura a irite; ambos são remédios que podem tratar os olhos.
Mas se as pessoas os tomarem sem causa, certamente obscurecerão a visão.

2.10

Aquilo com que os sábios impõem respeito ao mundo nunca foi ultrapassado pelos Genuínos.
Aquilo com que os dignos se rebaixam perante os vulgares nunca foi notado pelos sábios.

Ora, uma poça deixada por uma pegada de boi não conterá sequer uma carpa de um pé de comprimento; um montículo de terra amontoada não sustentará sequer uma árvore de um *braça* de altura.

Porque é assim? Porque os seus limites são estreitos e pequenos, e não conseguem acomodar o que é grandioso e vasto.
Quanto mais ainda aquilo que nem sequer consegue envolver essas mesmas coisas? Isso está ainda mais longe da grandeza das montanhas e dos abismos.
Quando os seres humanos se debatem com o seu tempo, inevitavelmente a sua forma torna-se enredada e o seu espírito esgota-se; assim, não podem evitar o cansaço.
Se posso ser atado e dirigido, é certamente porque o meu destino está enraizado fora de mim.

Numa era de Potência Suprema, as pessoas dormiam tranquilamente em domínios sem fronteiras e moviam-se, habitavam em moradas indefinidas.

Abraçavam o Céu e a Terra e deixavam de lado as miríades de coisas.
Tomavam o caos primordial como o seu *gnómon* e flutuavam livremente num domínio ilimitado.
Por isso, os sábios limitavam-se a inspirar e expirar o *qi* do yin e do yang, e nenhuma das miríades de coisas deixava de florescer enquanto reconhecia a sua Potência em harmonia.
Nessa altura, nada era dirigido ou ordenado; cada coisa, de forma autónoma e separada, completava-se por si.
Misturadas e fundidas, simples e não dispersas, unificavam-se numa só, e as miríades de coisas tornavam-se extremamente abundantes.
Por esta razão, mesmo que tivesses o saber de [Arqueiro] Yi, não haveria onde o aplicar.

Quando a era declinou, no reinado de Fuxi, o seu Caminho tornou-se obscuro e indistinto.
Ele continha a Potência e abraçava a harmonia, difundindo-as de forma subtil e abrangente, e mesmo assim o conhecimento começou a agitar-se e a brotar.
Todos queriam afastar-se da mente infantil e ignorante, e a consciência surgiu no seio do Céu e da Terra; assim, a sua Potência ficou perturbada e não pôde mais unificar-se.

Ao chegar à era do Agricultor Divino e do Imperador Amarelo, eles dividiram e rasgaram o Grande Ancestral, analisando e dirigindo o Céu e a Terra, enumerando as Nove Lacunas e demarcando as Nove Fronteiras.

Agarraram o yin e o yang, moldaram o duro e o brando, dividiram os ramos e ordenaram as folhas.

As miríades de coisas e as cem famílias receberam cada uma estrutura e ordem.
A partir daí, todos estavam despertos e atentos, e não havia ninguém que não se endireitasse para escutar e observar.
Assim, estavam organizados, mas não conseguiam harmonizar-se.

Descendo até à era de Kun Wu e os descendentes dos Xia, os desejos ligaram-se às coisas; a audição e a visão foram atraídas para o exterior, e assim natureza e destino perderam a sua realização apropriada.

Descendo até à casa de Zhou, a decadência dispersou a simplicidade; o Caminho foi abandonado em favor da artimanha; tornaram-se avarentos da Potência no agir; e germinaram a esperteza e a precedência.
Quando a casa Zhou declinou, o Caminho régio foi abandonado.
Os confucionistas e os mohistas começaram então a enumerar os seus Caminhos e a debater, dividindo discípulos e recitando doutrinas.
Desde então, o grande saber gerou dúvidas sobre os sábios; o engano elaborado tiranizou as massas.
Tocavam e cantavam, batiam tambores e dançavam, bordavam os Cânticos e os Documentos para comprar fama e louvor no mundo.
Multiplicaram os rituais de subida e descida, adornaram vestimentas com aventais e toucados.

As massas reunidas eram insuficientes para sustentar os extremos das suas alterações; a riqueza acumulada [do mundo] era insuficiente para suprir os seus gastos.
Foi então que o povo começou a esquecer os trilhos e abandonar o Caminho; todos queriam praticar o seu próprio saber e artifício, procurando forçar as condições do tempo e adquirir fama e lucro de forma enviesada.
Por isso, o povo foi lançado à libertinagem e perdeu a raiz do Grande Ancestral.
A era presente, desprovida de natureza e destino, é fruto de um declínio gradual; a sua origem é longínqua.

Por isso, o saber do sábio busca reconduzir a natureza à sua origem e orientar a mente a vaguear no vazio.

O saber dos conhecedores busca ligar a natureza à vastidão do mundo e despertar para a quietude e a serenidade.
O saber vulgar da época não é assim.
Puxa pela Potência e arrasta a natureza.

Interiormente perturba os cinco órgãos; exteriormente força os ouvidos e os olhos.

Então começa-se a esmiuçar as minúcias ondulantes e contorcidas das coisas; a mover-se e balançar com Humanidade, Retidão, Rito e Música.
Faz-se alarde da conduta e projecta-se a astúcia sobre o mundo, buscando título, fama e reputação perante a época.
A isso tenho demasiada vergonha para me prestar.

Por isso, possuir o mundo não se compara a estar contente.
Estar contente não se compara a vaguear livremente pelos fins e começos das coisas e a penetrar a fronteira entre o Algo e o Nada.
Aqueles que são assim não se alegram mais se toda a época os louvar; nem se entristecem mais se toda a época os contradisser.

São firmes no limite entre vida e morte e compreendem o padrão orientador da honra e da desonra.
Mesmo que fogos furiosos e águas devastadoras destruam o mundo, o seu espírito permanece inabalável no peito.
Aqueles que são assim veem o domínio do mundo como penas ao vento e ramos à deriva.
Como poderiam desejar ocupar-se afanosamente com coisas?

2.11

A natureza da água é límpida, mas o solo turva-a.
A natureza do ser humano é tranquila, mas os desejos desordenam-na.

Aquilo que os seres humanos recebem do Céu são [as tendências] dos ouvidos e olhos para perceber cores e sons, da boca e nariz para perceber fragrâncias e sabores, da pele e carne para perceber o frio e o calor.

As respostas instintivas são as mesmas para todos, mas alguns penetram até à iluminação espiritual, enquanto outros não conseguem evitar o delírio e a loucura. Porquê? Porque aquilo que governa estas tendências é diferente.

Assim, o espírito é a fonte da consciência. Se o espírito for límpido, a consciência será iluminada.
A consciência é o armazém da mente. Se a consciência for imparcial, a mente será equilibrada.

Ninguém se pode espelhar em água corrente, mas pode ver o seu reflexo em água parada, porque ela é quieta.
Ninguém pode ver a sua forma em ferro bruto, mas pode vê-la num espelho límpido, porque este é nivelado.
Só o que é nivelado e imóvel pode, assim, dar forma à natureza e às inclinações fundamentais das coisas.
Visto sob esta perspetiva, a utilidade depende do que não é usado.

Assim, quando a sala vazia está pura e límpida, a boa fortuna ali habita.
Se o espelho é brilhante, o pó e a sujidade não o podem obscurecer.
Se o espírito é claro, os desejos e as paixões não o podem perturbar.
Trabalhar para recuperar o Espírito Quintessencial depois de já ter extravasado é perder a raiz e procurá-la nos ramos.
Se interior e exterior não estão em harmonia e ainda assim desejas interagir com as coisas; se escondes a tua luz misteriosa e tentas conhecer o mundo através dos ouvidos e dos olhos — isto é descartar o brilho e seguir a cegueira. A isso chama-se “perder o Caminho.”
Quando a mente se dirige a algum lugar, o espírito logo ali se aloja. Ao devolver o espírito ao vazio, esse alojamento dissolve-se e extingue-se. Esta é a errância do sábio.

Assim, aqueles que na antiguidade ordenavam o mundo penetravam invariavelmente as inclinações fundamentais da natureza e do destino.
Tomar e dar não eram necessariamente iguais, mas eram como um só ao unirem-se ao Caminho.
Não deixas de usar peles no verão por as valorizares, mas porque são demasiado quentes.
Não deixas de usar um leque no inverno por o quereres preservar, mas porque é demasiado frio para tal.
Os sábios medem o estômago para comer; ajustam o corpo para vestir.
Compõem-se, e é tudo — de onde poderia então surgir uma mente de ganância e dissociação?

Assim, quem é capaz de possuir o mundo é invariavelmente aquele que não luta por ele.
Quem pode possuir a fama e o louvor é aquele que não corre atrás deles.
O sábio já rompeu com isso. Tendo rompido, os desejos e paixões estão-lhe externos.

2.12

Os discípulos de Confúcio e de Mozi ensinam todos as técnicas de Humanidade e Retidão à sua época, e mesmo assim não evitam a ruína.
Se nem eles próprios conseguem praticar o que ensinam, quanto menos os que os escutam?
Porquê? Porque o seu Caminho é externo.
Pedir aos ramos que regressem às raízes: se nem Xu You o conseguiu, quanto menos o povo comum?
Se genuinamente rompes com as inclinações fundamentais da natureza e do destino, e assim a Humanidade e a Retidão aderem às tuas ações, então como poderiam a escolha e a rejeição confundir-te?

Se o espírito não encontra obstruções e a mente não carrega peso;
se são abrangentemente compreensivos e penetrantemente subtis, calmos e quietos, livres de tarefas, sem estagnação nem condensação, atentos na quietude vazia, então o poder e o lucro não os seduzem; os lógicos não os encantam; sons e cores não os corrompem; a beleza não os perturba; a sabedoria não os move; a coragem não os intimida.

Este é o Caminho dos Genuínos.
Aqueles que são assim moldam e forjam as miríades de coisas e, enquanto humanos, estão ligados ao que cria e transforma.

Entre Céu e Terra, no espaço e no tempo, nada os pode destruir ou impedir.
O que gera a vida não é a própria vida; o que transforma as coisas não é a transformação.
Os seus espíritos atravessam o Monte Li ou os Taihang sem dificuldade; entram nos Quatro Mares ou nos Nove Rios sem ficarem presos; alojam-se em desfiladeiros apertados sem serem impedidos; estendem-se pelo domínio do Céu e da Terra sem serem esticados ou restringidos.

Se não alcançares este estado, mesmo que os teus olhos contem mil carneiros, mesmo que os teus ouvidos distingam os tons dos oito ventos, que os teus pés dancem a dança da “Margem do Norte” e as tuas mãos executem o ritmo das “Águas Verdes”; que a tua

inteligência abarque o Céu e a Terra, que o teu brilho ilumine o sol e a lua, que os teus argumentos desatem jóias entrelaçadas e as tuas palavras façam reluzir jade e pedra:

Tudo isso ainda assim não servirá para governar o mundo.

2.13

A tranquilidade e a calma são aquilo que nutre a natureza.
A harmonia e o vazio são aquilo que cultiva a Potência.
Quando o exterior não perturba o interior, então a nossa natureza alcança o que lhe é próprio.
Quando a harmonia da natureza não é perturbada, a Potência repousa firmemente na sua posição.
Nutrir a vida para ordenar a época, abraçar a Potência para completar os nossos anos —

Isto pode chamar-se ser capaz de encarnar o Caminho.

Aqueles que são assim:
O seu sangue e pulsação não apresentam lentidão nem estagnação; os seus cinco órgãos não albergam *qi* doentio; calamidade e boa sorte não os perturbam; crítica e louvor não se colam a eles como poeira; assim conseguem atingir o supremo.
[Contudo,] se não tiveres a época a teu favor, como poderás ter sucesso?
Se tiveres o carácter certo mas não encontrares o teu tempo, nem sequer conseguirás proteger a tua pessoa.
Quanto menos alguém que esteja sem o Caminho!

Além disso, as respostas instintivas do ser humano são que os ouvidos e olhos reagem ao estímulo e ao movimento, a mente e a consciência reconhecem a preocupação e a alegria, as mãos e os pés esfregam as dores e comichões e evitam o frio e o calor.
É assim que interagimos com as coisas.

Se uma vespa ou escorpião pica o teu dedo, o espírito não pode manter-se sereno.
Se um mosquito ou um tábanos morde a tua carne, a natureza não pode permanecer estável.
As preocupações e calamidades que perturbam a mente não se limitam às picadas venenosas de vespas ou à irritação dos mosquitos, mas queres manter-te tranquilo e vazio — como poderá isso ser feito?

Os ouvidos de alguém que esteja a examinar a ponta de um cabelo de outono não escutarão o som do trovão.
Os olhos de quem esteja a harmonizar os tons do jade e da pedra não verão o Monte Tai.

Porquê? Porque se concentram no pequeno e esquecem o grande.
Agora, a chegada das miríades de coisas, puxando e arrancando a minha natureza, agarrando e apertando os meus sentimentos, é como uma fonte que jorra — mesmo que alguém queira não ser regido por elas, será isso possível?

Ora, uma pessoa que planta uma árvore rega-a com água da nascente e planta-a em solo fértil.
Se uma pessoa a cultiva e dez a colhem, certamente não sobrará sequer uma lasca; quanto mais se for o reino inteiro a cortá-la?
Mesmo que se queira que viva por muito tempo, como poderá isso ser alcançado?

Se deixares uma bacia de água no pátio a assentar por um dia inteiro, ainda assim não conseguirás ver as tuas pestanas ou sobrancelhas.
Se a agitares uma única vez, já não distinguirás o quadrado do redondo.
O espírito humano é fácil de turvar e difícil de clarear, tal como a bacia de água.
Quanto mais quando é toda uma época que o agita e perturba — como poderá alcançar um momento de equanimidade?

2.14

A antiguidade foi uma era de Potência Suprema.
Os mercadores prosperavam nos mercados; os agricultores rejubilavam no seu trabalho; os grandes senhores repousavam seguros nos seus postos; e os eremitas eruditos praticavam o seu Caminho.

Nessa altura, os ventos e as chuvas não eram destrutivos; as ervas e as árvores não morriam precocemente; os Nove Caldeirões duplicavam o sabor das oferendas; as pérolas e o jade eram fulgentes; o rio Luo revelava os “Escritos Carmesins”; o rio Amarelo fazia surgir o “Mapa Verde”.

Assim, Xu You, Fang Hui, Shan Juan e Pi Yi todos realizaram o seu Caminho. Porquê?
Os governantes da época tinham uma mente voltada para beneficiar o mundo; assim, o povo podia desfrutar da tranquilidade.
O talento dos quatro mestres não os tornava inteiramente virtuosos — tal como as pessoas da era presente — mas ninguém hoje iguala o seu brilho, porque viveram na era de Tang e Yu.

Chegando à época de Jie da dinastia Xia e Zhou da dinastia Yin, cozinhavam pessoas vivas, condenavam os que os admoestavam, criavam a “trave de assadura”, forjavam o “pilar de metal”, abriam o coração de um homem virtuoso, cortavam os pés de um cavaleiro talentoso, picavam em pedaços a filha do marquês de Gui, pulverizavam os ossos do conde de Mei.

Nesse tempo, montanhas altas colapsaram; três rios secaram; aves em voo quebraram as asas; bestas em corrida perderam os cascos.

Será que nessa altura não havia sábios?
Havia, mas não puderam cumprir o seu Caminho, pois não encontraram a sua era.

O pássaro celeste voa acima de mil *ren*.
A besta corre para a floresta densa.

[Mas] ainda assim, a calamidade alcança-os — quanto mais o povo comum, das casas humildes?
Visto assim, encarnar o Caminho não depende inteiramente de nós; está também, de fato, ligado à época em que vivemos.
Quando a capital de Liyang se tornou um lago numa só noite, os fortes e corajosos, os sábios e justos partilharam o mesmo destino dos cobardes e indignos.
Quando no topo do monte Wu um vento casual soltou fogo, as grandes árvores *gaoxia* e o fungo brilhante *lingzhi* morreram com os simples arbustos de losna e *moxa*.

Assim, os peixes do rio não têm olhos límpidos; as colheitas jovens não vivem uma estação inteira.
Foi assim que nasceram.

Se a era é ordeira, só os tolos não se conformarão.
Se a era é caótica, só os sábios não conseguirão restabelecê-la.

Culpar-se por o Caminho não se cumprir, estando preso numa era corrupta, é como colocar correntes duplas no cavalo Qiji e pedir-lhe que percorra mil *li*.
Se colocares um macaco numa jaula, tornar-se-á como um porco.
Não é que tenha perdido agilidade ou inteligência, mas não tem onde exercer a sua capacidade.
Quando Shun lavrava a terra em Tao, não conseguiu beneficiar a sua aldeia.
Mas ao sentar-se no trono, voltado para o sul, a sua Potência estendeu-se aos Quatro Mares.
Não foi que a sua Humanidade tivesse aumentado — foi que a sua posição era favorável e a sua conjuntura vantajosa.

Para os antigos sábios, a harmonia e a tranquilidade eram naturais; alcançar a ambição e cumprir o Caminho era destino.

Por isso, quando a natureza encontra o destino, só então pode ser eficaz; quando o destino alcança a natureza, só então pode ser esclarecido.
Nem arcos de madeira de cudrania nem bestas de Xizi podem disparar sem corda.
Nem os barcos de Yue nem os esquifes de Shu podem flutuar sem água.

Se agora os dardos são lançados para cima, e as redes e armadilhas estendidas por baixo —
Mesmo que [um pássaro] queira voar, como poderá reunir força para tal?
Assim diz o Canto:

“Apanho e apanho o *chickweed*, mas não encho o meu cesto raso.
Suspiro por quem estimo, alistado entre os exércitos de Zhou.”

Isto fala da saudade por eras distantes.

TRÊS
PADRÕES CELESTIAIS

3.1

Quando o Céu e a Terra ainda não estavam formados, tudo subia e voava, mergulhava e se enterrava.

Por isso se chamava a Grande Iniciação.
A Grande Iniciação gerou o Vazio Nebuloso.
O Vazio Nebuloso gerou o espaço-tempo; o espaço-tempo gerou o *qi* original.

Um limite dividiu o *qi* original.
Aquilo que era puro e luminoso espalhou-se e formou o Céu;
aquilo que era pesado e turvo condensou-se e formou a Terra.
É fácil que o que é puro e subtil se reúna, mas difícil que o pesado e turvo se compacte.

Portanto:
O Céu completou-se primeiro;
A Terra firmou-se depois.
As essências conjugadas do Céu e da Terra produziram o yin e o yang.
As essências sucessivas do yin e do yang causaram as quatro estações.

As essências dispersas das quatro estações criaram as miríades de coisas.
O *qi* quente do yang acumulado produziu o fogo; a essência do *qi* ígneo tornou-se o sol.
O *qi* frio do yin acumulado produziu a água; a essência do *qi* aquático tornou-se a lua.

O *qi* transbordante das essências do sol e da lua originou as estrelas e os planetas.
Ao Céu pertencem o sol, a lua, as estrelas e os planetas; à Terra pertencem as águas e as cheias, o pó e o solo.

Em tempos antigos, Gong Gong e Zhuan Xu disputaram o título de soberano.
Enfurecidos, colidiram com o Monte Buzhou;

Os pilares do Céu quebraram; os laços da Terra romperam-se.
O Céu inclinou-se para noroeste — e por isso o sol, a lua, as estrelas e os planetas movem-se nessa direção.
A Terra ficou afundada no sudeste — e por isso as águas e os solos acumulam-se nessa direção.

3.2

O Caminho do Céu chama-se o Circular; o Caminho da Terra chama-se o Quadrado.
O quadrado rege o obscuro; o circular rege o luminoso.
O luminoso emite *qi*, e por essa razão o fogo é o brilho externo do sol.
O obscuro absorve *qi*, e por essa razão a água é a luminosidade interior da lua.
O *qi* emitido concede; o *qi* retido transforma.

Assim, o yang concede e o yin transforma.
O *qi* desequilibrado do Céu e da Terra, ao perturbar-se, gera vento; o *qi* harmonioso do Céu e da Terra, ao acalmar-se, gera chuva.

Quando o yin e o yang se friccionam, a sua interação produz trovão.
Quando se excitam, geram trovoadas; quando se desordenam, produzem neblina.
Quando o *qi* yang prevalece, dispersa-se em chuva e orvalho; quando o *qi* yin domina, congela-se em geada e neve.

Os seres peludos e com penas pertencem à classe dos que voam e caminham, e estão sujeitos ao yang.
Os seres com escamas e carapaças pertencem à classe dos que rastejam e se escondem, e estão sujeitos ao yin.
O sol é o regente do yang. Por isso, na primavera e no verão, os animais perdem o pêlo; no solstício de verão, os veados perdem os chifres.
A lua é o fundamento do yin. Por isso, quando mingua, os cérebros dos peixes encolhem; quando “morre”, as vespas e os caranguejos secam.

O fogo sobe; a água flui para baixo.
Assim, o voo das aves é para cima; o movimento dos peixes é para baixo.
As coisas da mesma classe movem-se mutuamente; raiz e ramo respondem entre si.

Por isso, quando o espelho ardente vê o sol, incendeia o isco e produz fogo.
Quando o receptáculo quadrado vê a lua, humedece-se e gera água.
Quando o tigre ruge, os ventos do vale correm; quando o dragão se ergue, acumulam-se nuvens brilhantes.
Quando os *qilin* se confrontam, o sol ou a lua eclipsam-se; quando o leviatã morre, surgem cometas.
Quando os bichos-da-seda secretam seda fragmentada, a corda *shang* do instrumento

musical rompe-se.
Quando caem meteoros, o mar de Bohai eleva-se.

3.3

Os sentimentos dos governantes penetram até ao Céu superior.
Assim, se há castigos e crueldade, surgirão redemoinhos.
Se há decretos injustos, haverá pragas de insetos devoradores.
Se há execuções erradas, a terra avermelhar-se-á com a seca.
Se há ordens fora de tempo, haverá excesso de chuva.

As quatro estações são os oficiais do Céu.
O sol e a lua são os agentes do Céu.
As estrelas e os planetas marcam os tempos determinados pelo Céu.
Arco-íris e cometas são presságios do Céu.

3.4

O Céu tem nove campos e 9.999 articulações. Está a 150.000 *li* de distância da Terra.
Existem cinco planetas, oito ventos e vinte e oito mansões lunares.
Há cinco ofícios e seis departamentos.
Os [seis departamentos] chamam-se: Palácio Púrpura, Grande Recinto, Estrutura da Carruagem, Lago de Xian, Quatro Guardiões e Declive Celestial.

3.5

Quais são os nove campos?

O central chama-se Céu do Equilíbrio. Os seus asterismos são: Chifre, Pescoço e Raiz.
O do leste chama-se Céu Azul. Os seus asterismos são: Sala, Coração e Cauda.
O do nordeste chama-se Céu Variável. Os seus asterismos são: Cesto de Joeirar, Concha e Condutor do Boi.
O do norte chama-se Céu da Sombra. Os seus asterismos são: Criada, Vazio, Telhado e Acampamento.
O do noroeste chama-se Céu Recluso. Os seus asterismos são: Muro Oriental, Passo Largo e Ligação.
O do oeste chama-se Céu Luminoso. Os seus asterismos são: Estômago, Plêiades e Rede.
O do sudoeste chama-se Céu Vermelhão. Os seus asterismos são: Bico da Tartaruga, Tríade e Poço Oriental.
O do sul chama-se Céu Ardente. Os seus asterismos são: Portador de Fantasmas, Salgueiro e Sete Estrelas.
O do sudeste chama-se Céu Yang. Os seus asterismos são: Extensão, Asas e Plataforma da Carruagem.

3.6

Quais são os cinco planetas?

O Leste é Madeira. O seu deus é Tai Hao. O seu assistente é Gou Mang.
Ele segura o compasso e rege a primavera.
O seu espírito é a Estrela do Ano (*Júpiter*).
O seu animal é o Dragão Azul-Esverdeado.
A sua nota musical é *jue*; os seus dias são *jia* e *yi*.

O Sul é Fogo. O seu deus é Yan Di. O seu assistente é Zhu Ming.
Ele segura a balança e rege o verão.
O seu espírito é o Enganador Brilhante (*Marte*).
O seu animal é o Pássaro Vermelhão.
A sua nota musical é *zhi*; os seus dias são *bing* e *ding*.

O Centro é Terra. O seu deus é o Imperador Amarelo. O seu assistente é Hou Tu.
Ele segura o cordel de marcação e rege os quatro quadrantes.
O seu espírito é a Estrela Pacificadora (*Saturno*).
O seu animal é o Dragão Amarelo.
A sua nota musical é *gong*; os seus dias são *wu* e *ji*.

O Oeste é Metal. O seu deus é Shao Hao. O seu assistente é Ru Shou.
Ele segura o esquadro e rege o outono.
O seu espírito é o Grande Branco (*Vénus*).
O seu animal é o Tigre Branco.
A sua nota musical é *shang*; os seus dias são *geng* e *xin*.

O Norte é Água. O seu deus é Zhuan Xu. O seu assistente é Xuan Ming.
Ele segura o peso e rege o inverno.
O seu espírito é a Estrela Cronográfica (*Mercúrio*).
O seu animal é o Guerreiro Negro.
A sua nota musical é *yu*; os seus dias são *ren* e *gui*.

3.7

Quando *taiyin* (a lua) está em qualquer um dos quatro pontos médios, o planeta Júpiter atravessa três das mansões lunares.
Quando *taiyin* está em qualquer um dos quatro ganchos, Júpiter atravessa duas mansões lunares.

Duas vezes oito dá dezasseis; três vezes quatro dá doze. [16 + 12 = 28]
Portanto, em doze anos, Júpiter percorre as vinte e oito mansões lunares.
O movimento diário médio de Júpiter é aproximadamente um doze avos de um grau chinês.
Num ano, Júpiter percorre 307/16 de grau. Em doze anos, completa um circuito celeste.

3.8

Marte entra normalmente no asterismo do Grande Recinto no décimo mês.
[O estado correspondente] fica então sob o seu controlo.
Depois emerge, atravessando sucessivamente as mansões lunares.
Marte governa os estados que carecem do Caminho.
Causa desordem, causa violência; causa doenças, causa morte; causa fome e causa guerra.

As suas entradas e saídas nas mansões lunares são irregulares.
A sua cor varia visivelmente.
Às vezes é visível, outras vezes não se nota.

3.9

No dia *jiayin* [n.º 51], no primeiro ano da Época, Saturno encontra-se na mansão lunar *Concha*.
Saturno move-se uma mansão lunar por ano.

Se Saturno deveria estar numa mansão e não está, o estado correspondente perderá território.
Se Saturno ocupa uma mansão antes do tempo, o estado correspondente ganhará território e as colheitas amadurecerão.
O movimento diário médio de Saturno é um vinte e oito avos de um grau chinês.
O seu movimento anual é de 135/112 de grau.
Em vinte e oito anos, completa um circuito celeste.

3.10

No primeiro mês, no dia *jiayin*, no primeiro ano da Época, Vénus nasce ao amanhecer no leste, na mansão lunar *Acampamento*.
Após 240 dias, desaparece.
Permanece oculta durante 120 dias, depois reaparece à noite no oeste.
Após mais 240 dias, desaparece novamente.
Trinta e cinco dias depois, aparece de novo a leste.
Surge nas mansões *chen* ou *xu* e desaparece em *chou* ou *wei*.

Quando Vénus deveria aparecer mas não aparece, ou deveria desaparecer mas não desaparece, exércitos serão retirados por todo o mundo.
Quando Vénus deveria desaparecer mas não desaparece, ou deveria ainda não aparecer mas aparece, exércitos lançar-se-ão em campanhas.

3.11

Os movimentos de Mercúrio correspondem exatamente às quatro estações.
Normalmente, no segundo mês, no equinócio da primavera, aparece nas mansões *Passo Largo* e *Ligação*.
No quinto mês, no solstício de verão, aparece nas mansões *Poço Oriental* e *Portador de Fantasmas*.
No oitavo mês, no equinócio de outono, aparece nas mansões *Chifre* e *Pescoço*.
No décimo primeiro mês, no solstício de inverno, aparece nas mansões *Concha* e *Condutor do Boi*.

Mercúrio aparece nos cronogramas *chen* ou *xu* e desaparece em *chou* ou *wei*.
Surge por vinte dias e depois desaparece.

Ao amanhecer acompanha o sol a leste; ao anoitecer acompanha o sol a oeste.
Se numa estação não aparece, essa estação será desafortunada.
Se não aparece durante quatro estações, haverá fome por todo o mundo.

3.12

Quais são os oito ventos?

Quarenta e cinco dias após o solstício de inverno chega o Vento Regular [nordeste].
Quarenta e cinco dias depois chega o Vento Abundantemente Luminoso [este].
Quarenta e cinco dias depois chega o Vento Brilhante e Claro [sudeste].
Quarenta e cinco dias depois chega o Vento do Sol [sul].
Quarenta e cinco dias depois chega o Vento Refrescante [sudoeste].
Quarenta e cinco dias depois chega o Vento de *Changhe* [oeste].
Quarenta e cinco dias depois chega o Vento de *Buzhou* [noroeste].
Quarenta e cinco dias depois chega o Vento Ampliadamente Extensivo [norte].

Quando chega o Vento Regular, liberta-se quem foi preso por crimes menores e enviam-se embora os estrangeiros detidos.
Quando chega o Vento Abundantemente Luminoso, rectificam-se os limites dos feudos e reparam-se os campos.
Quando chega o Vento Brilhante e Claro, distribuem-se tecidos de seda e enviam-se embaixadas aos Senhores da Terra.
Quando chega o Vento do Sol, conferem-se honras a homens de posição e recompensam-se os meritórios.
Quando chega o Vento Refrescante, relata-se a Potência da terra e realizam-se sacrifícios nas quatro periferias.
Quando chega o Vento de *Changhe*, guardam-se os sinos suspensos e as pedras sonoras; *qin* e *se* devem ser desafinados.
Quando chega o Vento de *Buzhou*, reparam-se palácios e residências, melhoram-se diques e muralhas.
Quando chega o Vento Ampliadamente Extensivo, fecham-se portões e pontes e executam-se castigos.

3.13

Quais são os cinco ofícios?

O do leste é a Agricultura.
O do sul é o Comando Militar.
O do oeste é a Ordem Pública.
O do norte são as Obras Públicas.
O do centro são os Assuntos Metropolitanos.

Quais são os seis departamentos? São *ziwu*, *chouwei*, *yinshen*, *maoyu*, *chenxu* e *sihai*.
O Grande Recinto é o salão do Grande Um.
O Palácio Púrpura é a morada do Grande Um.
A Estrutura da Carruagem é a residência da concubina imperial.
O Lago de Xian é um parque de águas e peixes.
O Declive Celestial é a torre-porta dos espíritos reunidos.
Os Quatro Guardiões são aqueles que distribuem recompensas e punições.

O Grande Recinto governa o Pássaro Vermelhão.

3.14

O Palácio Púrpura controla a constelação *Concha* (Dipper) e gira para a esquerda.
O sol desloca-se 1 grau por dia [em relação às estrelas fixas] a cada revolução celeste.
No solstício de inverno, o sol está na constelação *Monte do Lobo Elevado*.
O sol move-se 1 grau por dia.
Assim, após percorrer 182 graus e 5/8, no solstício de verão o sol está na constelação *Monte Cabeça de Boi*.
Depois, inverte a sua trajetória e, após percorrer 365 1/4 graus, completa um ano.

3.15

No início de uma Época de Singularidade Celeste, sendo o primeiro mês civil estabelecido em *yin*, o sol e a lua entram juntos no quinto grau da mansão lunar *Acampamento*.
Setenta e seis anos após o início dessa época, o sol e a lua voltam a entrar no quinto grau de *Acampamento*, sem qualquer fração restante.
A isto se chama uma Era.

Vinte Eras perfazem 1.520 anos, chamados uma Grande Conclusão.
[Após três Grandes Conclusões], o sol, a lua e os asterismos recomeçam em *jiayin*.

3.16

O movimento diário do sol é de 1 grau. Assim, num ano há um excedente de 1/4 de grau. Após quatro anos, acumula-se um total de 1.461 dias, e as frações diárias completam-se novamente.
Assim, após oitenta anos, os dias do ciclo sexagenário repetem-se nos mesmos dias do ano.
Por isso se diz que *ziwu* e *maoyu* são os dois cordões diametrais; *chouyin*, *chensi*, *weishen* e *xuhai* são os Quatro Ganchos.

O nordeste é o cordão de União do Acréscimo Retornante.
O sudoeste é o cordão de Retorno do Yang.
O sudeste é o cordão do Oceano Perpétuo.
O noroeste é o cordão da Fenda Penetrante.

Quando o sol está no solstício de inverno, a constelação *Concha* aponta para norte, exatamente sobre a linha de marcação norte-sul.
O *qi* yin atinge o máximo, e o *qi* yang começa a crescer.
Por isso se diz que o solstício de inverno produz acréscimo.

Quando o sol está no solstício de verão, a *Concha* aponta para sul, também sobre a linha de marcação norte-sul.
O *qi* yang atinge o máximo, e o *qi* yin começa a crescer.
Por isso se diz que o solstício de verão produz recessão.

Quando o *qi* yin está no máximo, o norte encontra-se no seu ponto mais distante em relação ao sol.
O Limite Norte penetra até às Fontes Amarelas.
Por isso, não se deve escavar a terra nem perfurar poços.
As miríades de criaturas recolhem-se em hibernação, e os insetos voltam-se de cabeça para baixo nos seus abrigos.
Diz-se, então, que o acréscimo está na Sala (*Room*).

Quando o *qi* yang está no máximo, o sul encontra-se no seu ponto mais distante em relação ao sol.
O Limite Sul penetra até ao Céu Vermelhão.
Por isso, não se devem aplanar colinas nem levantar vigas de telhado.
As miríades de criaturas florescem e multiplicam-se, e os cinco cereais crescem com abundância.
Diz-se, então, que o acréscimo está no Campo (*Field*).

Quando o sol está no solstício de inverno, o fogo segue-o.
Quando o sol está no solstício de verão, a água segue-o.

Assim, no quinto mês, o fogo está no seu auge e a água começa a emergir.
No décimo primeiro mês, a água está no seu auge e o fogo começa a surgir.
O *qi* yang gera o fogo; o *qi* yin gera a água.
[Porque] a água começa a dominar, o solstício de verão é húmido.
[Porque] o fogo começa a dominar, o solstício de inverno é seco.

Quando o clima é seco, o carvão vegetal é leve.
Quando o clima é húmido, o carvão vegetal é pesado.

No solstício de inverno, os poços estão cheios e as bacias transbordam.
As cabras perdem o pêlo, os veados perdem os chifres e as pegas constroem ninhos.
Um gnômon de oito pés projeta uma sombra de treze pés ao meio-dia.

No solstício de verão, as cheias amarelas enriquecem os campos e as essências minerais emergem do solo.
As cigarras começam a cantar e a erva de meio-verão cresce;
os insetos voadores não mordem potros nem vitelos, e as aves de rapina não atacam os filhotes nos ninhos.
Um gnômon de oito pés projeta uma sombra de um pé e meio ao meio-dia.

Quando a sombra do gnômon é longa, o *qi* yin domina.
Quando a sombra do gnômon é curta, o *qi* yang domina.
Quando o *qi* yin domina, há água.
Quando o *qi* yang domina, há seca.

3.17

Yin e yang, acréscimo e recessão, têm sete habitações.
Quais são essas sete habitações?
São a Sala (*Room*), o Salão (*Hall*), o Pátio (*Court*), o Portão (*Gate*), a Viela (*Lane*), a Estrada (*Road*) e o Campo (*Field*).

No décimo primeiro mês, o acréscimo habita na Sala durante trinta dias — quinze antes e quinze depois do solstício de inverno.
Depois, muda de posição a cada trinta dias.

Quando o acréscimo está na Sala, a recessão está no Campo.
Quando o acréscimo está no Salão, a recessão está na Estrada.
Quando o acréscimo está no Pátio, a recessão está na Viela.

Quando yin e yang estão em poder igual, acréscimo e recessão encontram-se juntos no Portão.
No segundo e no oitavo mês, o *qi* de yin e yang é igual, e dia e noite têm igual duração.
Por isso se diz que acréscimo e recessão se encontram no Portão.

Quando o acréscimo está no sul, há nascimento;
quando a recessão está no sul, há morte.

Assim, no encontro [no Portão] do segundo mês, as miríades de criaturas ganham vida.
No encontro [no Portão] do oitavo mês, ervas e árvores começam a morrer.

3.18

Entre os dois cordões de ligação há um intervalo de 91 5/16 graus.
Sendo o movimento diário do sol de 1 grau, quinze dias constituem um nó.
Deste modo, produzem-se vinte e quatro alterações sazonais.

Quando o cabo da Concha aponta para *zi* à meia-noite, é o nó do Solstício de Inverno. O seu som é como o do tubo de afinação “Sino Amarelo”.
Quinze dias depois, o cabo aponta para *gui*. Este é o nó do Frio Menor. O seu som é como o do tubo “Sino Responsivo”.
Mais quinze dias, aponta para *chou*. Este é o nó do Grande Frio. O seu som é como o do

tubo “Incansável”.
Mais quinze dias, aponta para o cordão de União do Acréscimo Retornante — há um excedente de *yin* na terra.
Diz-se, então, que o 46.º dia após o solstício de inverno marca o Início da Primavera. O *qi* yang dissipa o frio. O seu som é como o do tubo “Regulador Meridional”.

Mais quinze dias, o cabo aponta para *yin*. Este é o nó da Chuva. O seu som é como o do tubo “Padrão Tranquilo”.
Mais quinze dias, aponta para *jia*. Este é o nó do Despertar dos Insetos. O seu som é como o do tubo “Sino da Floresta”.
Mais quinze dias, aponta para *mao*. Assim, o 46.º dia após o Início da Primavera é o nó do Equinócio da Primavera. Troveja. O seu som é como o do tubo “Luxuriante”.

Mais quinze dias, aponta para *yi*. Este é o nó do Vento Brilhante e Claro. O seu som é como o do tubo “Regulador Mediano”.
Mais quinze dias, aponta para *chen*. Este é o nó da Chuva de Grãos. O seu som é como o do tubo “Pureza Virgem”.
Mais quinze dias, aponta para o cordão de ligação do Oceano Perpétuo — termina a porção da primavera.
Assim, o 46.º dia após o equinócio da primavera é o Início do Verão. Os grandes ventos cessam. O seu som é como o do tubo “Sino Apertado”.

Mais quinze dias, aponta para *si*. Este é o nó da Plenitude Menor. O seu som é como o do tubo “Grande Germinação”.
Mais quinze dias, aponta para *bing*. Este é o nó do Grão na Espiga. O seu som é como o do tubo “Grande Regulador”.
Mais quinze dias, aponta para *wu*. O *qi* yang atinge o seu máximo. O 46.º dia após o Início do Verão é o nó do Solstício de Verão. O seu som é como o do tubo “Sino Amarelo”.

Mais quinze dias, aponta para *ding*. Este é o nó do Calor Menor. O seu som é como o do tubo “Grande Regulador”.
Mais quinze dias, aponta para *wei*. Este é o nó do Grande Calor. O seu som é como o do tubo “Grande Germinação”.
Mais quinze dias, aponta para o cordão de Retorno do Yang. Assim, o 46.º dia após o solstício de verão é o Início do Outono. Este é o nó do Vento Refrescante. O seu som é como o do tubo “Sino Apertado”.

Mais quinze dias, aponta para *shen*. Este é o nó do Fim do Calor. O seu som é como o do tubo “Pureza Virgem”.
Mais quinze dias, aponta para *geng*. Este é o nó da Descida do Orvalho Branco. O seu som é como o do tubo “Regulador Mediano”.
Mais quinze dias, aponta para *you*, na linha central de marcação. É o nó do Equinócio do Outono. O trovão cessa, e os insetos viram-se para o norte. O seu som é como o do tubo “Luxuriante”.

Mais quinze dias, aponta para *xin*. Este é o nó do Orvalho Frio. O seu som é como o do tubo “Sino da Floresta”.
Mais quinze dias, aponta para *xu*. Este é o nó da Geada. O seu som é como o do tubo “Padrão Tranquilo”.

Mais quinze dias, aponta para o cordão da Fenda Perpétua. Assim termina a porção do Outono. O 46.º dia após o equinócio do outono é o Início do Inverno. As ervas, árvores e flores morrem. O seu som é como o do tubo “Regulador Meridional”.

Mais quinze dias, aponta para *hai*. Este é o nó da Neve Menor. O seu som é como o do tubo “Incansável”.
Mais quinze dias, aponta para *ren*. Este é o nó da Grande Neve. O seu som é como o do tubo “Sino Responsivo”.
Mais quinze dias, aponta de novo para *zi*.

Assim se diz: o *yang* nasce em *zi*; o *yin* nasce em *wu*.
O *yang* nasce em *zi* — por isso, no 11.º mês, o sol está no solstício de inverno, as pegas constroem ninhos e o *qi* humano acumula-se na cabeça.
O *yin* nasce em *wu* — por isso, no 5.º mês, realizam-se punições menores, *capsella* e trigo deixam de crescer e murcham. As ervas e árvores que brotaram no inverno devem morrer.

3.19

O cabo da Concha define o Ano Menor. No primeiro mês civil, estabelece-se em *yin*. Os meses movem-se para a esquerda através dos doze cronogramas.

O Lago de Xian define o Ano Maior. O segundo mês estabelece-se em *mao*. A lua move-se para a direita através dos quatro quadrantes. Quando completa o ciclo, recomeça.

Quanto ao Ano Maior:
aquele que o enfrenta é humilhado;
aquele que se afasta dele é fortalecido;
aquele que está à sua esquerda decai;
aquele que está à sua direita alcança glória.

Quando o Ano Menor está a sudeste, há nascimento;
quando está a noroeste, há morte.

Isto é o que significa o dito:

Não se deve enfrentá-lo, mas pode-se evitá-lo;
não se deve estar à esquerda, mas pode-se estar à direita.

A Grande Estação é regida pelo Lago de Xian.
A Estação Menor é a dos estabelecimentos mensais.
Os cordões celestes estabelecem a Época, que começa sempre em *yin*.
Ao surgir, *taisui* move-se para a direita durante um ano e depois muda de posição.
Após doze anos, completa um circuito celeste e recomeça.

No inverno do primeiro ano do [Rei de] Huainan, o Grande Um estava no ano cíclico *bingzi*.
O solstício de inverno foi no dia cíclico *jiawu*; o nó do Início da Primavera começou no dia *bingzi*.

3.20

Um *yin* e um *yang* produzem dois *qi*.
Dois *yang* e um *yin* produzem três *qi*.
Combinando estes *qi* formam-se as notas do [escalão] pentatónico.
Combinando os *yin*, forma-se o *yang*.
Combinando este número com o *yang*, formam-se os tubos de afinação.

Assim, existem cinco notas e seis tubos sonoros.
As notas duplicam-se para produzir o número dos dias.
Os tubos duplicam-se para gerar os ramos terrestres.

Assim, existem dez dias e doze ramos.

3.21

O movimento diário da lua é de 13 26/76 graus.
Um mês lunar tem vinte e nove dias e 499/940.
Doze meses perfazem um ano lunar.

O ano [trópico] é dez dias e 827/940 mais longo do que o ano lunar.
Por isso, em dezanove anos existem sete meses intercalares.

3.22

Os dias do solstício de inverno correspondem aos ramos *zi* e *wu*.
Os dias do solstício de verão correspondem aos ramos *mao* e *you*.

Somando três dias aos ramos do solstício de inverno, obtêm-se os dias do solstício de verão.
O ano inteiro desloca-se seis dias e recomeça em *renwu*.

No solstício de inverno, o dia cíclico *jiazi* assume o comando.
A fase Madeira é usada em todos os assuntos, e o fumo dos fogos é azul-esverdeado.
Após setenta e dois dias, *bingzi* assume o comando.
A fase Fogo é usada em todos os assuntos, e o fumo é vermelho-vivo.
Após mais setenta e dois dias, *wuzi* assume o comando.
A fase Terra é usada em todos os assuntos, e o fumo é amarelo.
Após mais setenta e dois dias, *gengzi* assume o comando.
A fase Metal é usada, e o fumo é branco.
Após mais setenta e dois dias, *renzi* assume o comando.
A fase Água é usada, e o fumo é negro.

Após mais setenta e dois dias, o ano termina e *gengwu* assume o comando.
O ano avança seis dias, de modo a completar a contagem total de 366.
Após dez anos, o ciclo recomeça com *jiazi*.

Quando *jiazi* está no comando, age-se com gentileza e cortesia, aliviando muitas proibições.
Abrem-se portas e tampas, superam-se barreiras.
É proibido cortar árvores.

Quando *bingzi* está no comando, promovem-se os virtuosos e os bons, e recompensam-se os meritórios.
Concedem-se feudos e distribuem-se riquezas.

Quando *wuzi* está no comando, alimentam-se os idosos e os viúvos, distribuem-se alimentos e dádivas de graça.

Quando *gengzi* está no comando, melhoram-se os muros e cercas, reforçam-se muralhas e fortificações, examinam-se as proibições, reparam-se armaduras, admoestam-se os oficiais e punem-se os infratores.

Quando *renzi* está no comando, fecham-se portas e portões, investigam-se os estrangeiros, aplicam-se castigos, executam-se os condenados, [ordena-se ao povo que] permaneça dentro das suas portas e sob as vigas dos telhados, proibindo-se vaguear fora dos muros da cidade.

O *qi* de *jiazi* é seco e turvo.
O *qi* de *bingzi* é seco e claro.
O *qi* de *wuzi* é húmido e turvo.
O *qi* de *gengzi* é seco e frio.
O *qi* de *renzi* é claro e frio.

3.23

Quando o dia *bingzi* se opõe à "estação" regida por *jiazi*, os insetos hibernantes eclodem prematuramente e há trovões fora de tempo.

Quando *wuzi* se opõe a *jiazi*, as grávidas sofrem calamidades, os ovos tornam-se inférteis, e aves e insetos sofrem grandes danos.

Quando *gengzi* se opõe a *jiazi*, haverá operações militares.
Quando *renzi* se opõe a *jiazi*, ocorrerão geadas na primavera.

Quando *wuzi* se opõe a *bingzi*, haverá trovoadas.
Quando *gengzi* se opõe a *bingzi*, surgirão relâmpagos.
Quando *renzi* se opõe a *bingzi*, cairá granizo.
Quando *jiazi* se opõe a *bingzi*, ocorrerão terramotos.

Quando *gengzi* se opõe a *wuzi*, os cinco cereais sofrerão calamidades.
Quando *renzi* se opõe a *wuzi*, haverá ondas de frio no verão, com chuva e geada.
Quando *jiazi* se opõe a *wuzi*, os bichos-da-seda não amadurecerão.
Quando *bingzi* se opõe a *wuzi*, haverá grande seca; as ervas aquáticas secarão completamente.

Quando *renzi* se opõe a *gengzi*, os peixes não crescerão.
Quando *jiazi* se opõe a *gengzi*, as ervas e árvores morrerão e depois brotarão novamente.
Quando *bingzi* se opõe a *gengzi*, as ervas e árvores florescerão uma segunda vez [fora de estação].
Quando *wuzi* se opõe a *gengzi*, parte da colheita anual será conservada e parte perdida.

Quando *jiazi* se opõe a *renzi*, os seres vivos não hibernarão como deveriam.
Quando *bingzi* se opõe a *renzi*, surgirão meteoros.
Quando *wuzi* se opõe a *renzi*, no inverno os insetos abandonarão os seus abrigos.
Quando *gengzi* se opõe a *renzi*, haverá trovões no inverno.

3.24

No terceiro [e último] mês da primavera, trovoadas abundantes ressoam, trazendo as chuvas.

No terceiro [e último] mês do outono, o *qi* da Terra ainda não se tornou [completamente] silencioso, e recolhem-se as coisas mortas. Todos os seres rastejantes tornam-se letárgicos e escondem-se, e os habitantes do campo fecham os portões.
A Mulher Cinzenta aparece e traz a geada e a neve.

Assim, o *qi* dos doze períodos do ano progride até alcançar um novo fim no segundo mês da primavera, altura em que o que foi armazenado é novamente libertado e o frio é encerrado. Então, a Mulher Tranquila toca tambor e canta para regular a harmonia do Céu e fazer crescer as cem espécies de cereais, os animais e aves, as ervas e as árvores.

No primeiro mês do verão, as colheitas amadurecem; os gritos dos faisões e das pombas prolongam-se, fazendo com que o imperador antecipe a colheita anual.

Assim, se o Céu não emitir *yin*, as miríades de seres não podem nascer; se a Terra não emitir *yang*, as miríades de seres não podem amadurecer.

O Céu é redondo;
a Terra é quadrada; o Caminho está exatamente no meio.
O sol [produz] acumulação; a lua [produz] subtração.
Quando a lua regride [no seu curso], as miríades de criaturas morrem.
Quando o sol atinge o seu auge, as miríades de criaturas nascem.
Separado das montanhas, o *qi* das montanhas esconde-se.
Separado da água, os insetos aquáticos entram em dormência.
Separado das árvores, as folhas murcham.
Quando o sol não é visto durante cinco dias, [o governante] perderá o trono. Nem mesmo um [governante que seja] sábio pode resistir a isso.

3.25

O sol nasce do Vale Brilhante, banha-se na Lagoa de Xian e repousa na Árvore Fusang. A isto chama-se Luz da Alvorada.

Ascendendo a Árvore Fusang, inicia então a sua jornada. A isto chama-se Brilho Emergente.
[Quando o sol] alcança a Encosta Curva, chama-se Brilho da Alvorada.
[Quando o sol] alcança a Fonte Fumegante, chama-se Refeição Matinal.
[Quando o sol] alcança o Campo das Amoreiras, chama-se Refeição do Fim da Manhã.
[Quando o sol] alcança a Viga de Equilíbrio do Yang, chama-se Dentro do Ângulo.
[Quando o sol] alcança Kun Wu, chama-se o Centro Exato.
[Quando o sol] alcança o Poleiro das Aves, chama-se Retorno Menor.
[Quando o sol] alcança o Vale da Tristeza, chama-se Hora do Jantar.
[Quando o sol] alcança a Sequência da Mulher, chama-se o Grande Retorno.
[Quando o sol] alcança o Ângulo do Abismo, chama-se Pilão Elevado.
[Quando o sol] alcança a Pedra da Carruagem, chama-se Pilão Descendente.
[Quando o sol] alcança a Fonte da Tristeza, detém-se; a sua acompanhante feminina descansa os cavalos. A isto chama-se Carruagem Suspensa.
[Quando o sol] alcança o Abismo da Ansiedade, chama-se Crepúsculo Amarelo.
[Quando o sol] alcança o Vale da Obscuridade, chama-se Crepúsculo Definitivo.

O sol entra nas águas do Abismo da Ansiedade; o nascer do sol emerge do riacho de drenagem do Vale da Obscuridade.
[O sol] percorre os nove continentes, [passando por] sete lugares de repouso, [cobrindo uma distância de] 507.309 *li*. As divisões [da sua jornada] criam a aurora, o dia, o crepúsculo e a noite.

3.26

No solstício de verão, o *yin* começa a sobrepor-se ao *yang*. Por esta razão, as miríades de criaturas chegam ao fim e morrem.
No solstício de inverno, o *yang* começa a sobrepor-se ao *yin*. Por esta razão, as miríades de criaturas levantam a cabeça e voltam à vida.

A luz do dia é a porção de *yang*; a noite é a porção de *yin*.
Assim, quando o *qi yang* domina, os dias são longos e as noites curtas.
Quando o *qi yin* domina, os dias são curtos e as noites longas.

Aparecendo em *mao* e *you* [nos equinócios], *yin* e *yang* dividem o dia e a noite de forma igual.

Por isso se diz que, quando nasce o compasso, morre o quadrado; quando a balança é colocada, o peso é escondido; quando o cordel marcador ocupa o centro, marca-se o fundamento das quatro estações.

3.27

O Imperador Celestial estende as quatro cordas de ligação do Céu e utiliza o Cocheiro (Big Dipper) para girar por elas. A cada mês, muda de cronograma, sendo sucessivamente deslocado. No primeiro mês [civil], aponta para *yin*; no décimo primeiro mês, aponta para *zi*. Completa um círculo num ano; ao terminar, começa de novo.

[No primeiro mês civil, o Cocheiro] aponta para *yin*. As miríades de criaturas agitam-se como minhocas debaixo da terra. Os tubos de afinação tomam a nota *Grande Germinação*. *Grande Germinação* significa que há rebentos mas ainda não emergiram.

[No segundo mês civil, o Cocheiro] aponta para *mao*.
Mao significa "germinação", por isso [os seres vivos] germinam. Os tubos de afinação tomam a nota *Sino Apertado*. *Sino Apertado* significa que as sementes começam a inchar.

[No terceiro mês civil, o Cocheiro] aponta para *chen*.
Chen significa "agitar-se". Os tubos de afinação tomam a nota *Pureza da Donzela*. *Pureza da Donzela* significa que o que está murcho desaparece e o novo surge.

[No quarto mês civil, o Cocheiro] aponta para *si* [feto]. Havendo feto, certamente haverá nascimento. Os tubos de afinação tomam a nota *Regulador Mediano*. *Regulador Mediano* significa que o centro cresce.

[No quinto mês civil, o Cocheiro] aponta para *wu*.
Wu significa "opor-se". Os tubos de afinação tomam a nota *Luxuriante*. *Luxuriante* significa que tudo está tranquilo e apropriado.

[No sexto mês civil, o Cocheiro] aponta para *wei*.
Wei significa "sabor". Os tubos de afinação tomam a nota *Sino da Floresta*. *Sino da Floresta* significa estender-se e depois parar.

[No sétimo mês civil, o Cocheiro] aponta para *shen*.
Shen significa "entoar". Os tubos de afinação tomam a nota *Padrão Tranquilo*. *Padrão Tranquilo* significa que o padrão muda. A força da acumulação é expurgada [do ciclo anual].

[No oitavo mês civil, o Cocheiro] aponta para *you*.
You significa "saciedade". Os tubos de afinação tomam a nota *Regulador Sul*. *Regulador Sul* significa que se reconhece grande saciedade.

[No nono mês civil, o Cocheiro] aponta para *xu*.
Xu significa "destruição". Os tubos de afinação tomam a nota *Incansável*. *Incansável* significa recolher sem satisfação.

[No décimo mês civil, o Cocheiro] aponta para *hai*.
Hai significa "obstáculo". Os tubos de afinação tomam a nota *Sino Responsivo*. *Sino Responsivo* significa responder ao sino.

[No décimo primeiro mês civil, o Cocheiro] aponta para *zi*.
Zi significa "negro". Os tubos de afinação tomam a nota *Sino Amarelo*. *Sino Amarelo* significa que o sino começa a ficar amarelo.

[No décimo segundo mês civil, o Cocheiro] aponta para *chou*.
Chou significa "atar". Os tubos de afinação tomam a nota *Grande Regulador*. *Grande Regulador* significa sair um após o outro.

3.28

Assim se diz: “O Caminho começa com o um.” No entanto, o um [sozinho] não gera nada. Por isso se dividiu em *yin* e *yang*. Da união harmoniosa de *yin* e *yang*, nasceram as miríades de coisas. Assim se afirma:

“Um gerou dois, dois geraram três, três geraram as miríades de seres.”

No que diz respeito ao Céu e à Terra, três meses constituem uma estação. Por isso, nos ritos fúnebres usam-se três [tipos ou porções] de cereais cozinhados. O ano avança em três transições [de estações] para completar o ciclo dos nós sazonais. Os exércitos utilizam três bandeiras de sinalização para manter o controlo.

Usando o três para examinar as coisas: 3 x 3 = 9. Assim, o tubo tonal do Sino Amarelo tem nove polegadas de comprimento e harmoniza com a nota *gong*. Além disso, 9 x 9 = 81. Assim se estabelece o número do Sino Amarelo. O amarelo é a cor da Potência da Terra; o sino é aquilo por onde o *qi* é semeado. No solstício de inverno, o *qi* da acumulação gera a Terra; a cor da Terra é o amarelo. Por isso, a [nota do solstício de inverno] chama-se Sino Amarelo.

O número de tubos tonais é seis, classificados como femininos e masculinos [para um total de doze]. Assim se diz que há doze sinos que atuam como auxiliares dos doze meses. Cada um dos doze baseia-se em três. Por isso, se começarmos com o número um e o triplicarmos onze vezes [ou seja, 3^{11}], o total é 177.147. O Grande Número do Sino Amarelo é assim revelado.

3.29

Há doze tubos tonais.

Sino Amarelo produz a nota *gong*.
Grande Germinação produz a nota *shang*.
Pureza da Donzela produz a nota *jue*.
Sino da Floresta produz a nota *zhi*.
Regulador Sul produz a nota *yu*.
As coisas completam-se pelo três;
As notas estabelecem-se em cinco. 3 + 5 = 8. As criaturas que nascem de ovos têm oito orifícios corporais. Foi este o início dos tubos tonais. Os antigos registaram os sons da fénix; por isso, as notas nascem do oito.

Sino Amarelo produz a nota *gong*; *gong* é o soberano das notas. Assim, o Sino Amarelo está estabelecido em *zi*; o seu número é 81, e governa o décimo primeiro mês.

Descendendo, [o Sino Amarelo] produz o Sino da Floresta.
O número do Sino da Floresta é 54 [81 x 2/3]; governa o sexto mês.
Ascendendo, produz-se Grande Germinação. O seu número é 72 [54 x 4/3]; governa o primeiro mês.
Descendendo, produz-se Regulador Sul. O seu número é 48 [72 x 2/3]; governa o oitavo mês.
Ascendendo, produz-se Pureza da Donzela. O seu número é 64 [48 x 4/3]; governa o terceiro mês.
Descendendo, produz-se Sino Responsivo. O seu número é 42 [64 x 2/3]; governa o décimo mês.
Ascendendo, produz-se Luxuriante. O seu número é 57 [42 x 4/3 + 1]; governa o quinto mês.
Ascendendo, produz-se Grande Regulador. O seu número é 76 [57 x 4/3]; governa o décimo segundo mês.
Descendendo, produz-se Padrão Tranquilo. O seu número é 51 [76 x 2/3]; governa o sétimo mês.
Ascendendo, produz-se Sino Apertado. O seu número é 68 [51 x 4/3]; governa o segundo mês.
Descendendo, produz-se Incansável. O seu número é 45 [68 x 2/3]; governa o nono mês.
Ascendendo, produz-se Regulador Mediano. O seu número é 60 [45 x 4/3]; governa o quarto mês.

[Fora deste] limite, nada mais é produzido.

Os tubos que descem são criados multiplicando o número do tubo anterior por 2/3.
Os tubos que sobem são criados multiplicando o número do tubo anterior por 4/3.

3.30

Gong produz *zhi*;
Zhi produz *shang*;
Shang produz *yu*;
Yu produz *jue*;
Jue produz Pureza da Donzela.
Pureza da Donzela produz Sino Responsivo.
Sino Responsivo é comparável à nota fundamental (isto é, Sino Amarelo) e por isso gera harmonia.
Sino Responsivo produz Luxuriante. Luxuriante não é comparável à nota fundamental e por isso gera dissonância.

No solstício de inverno, a nota assemelha-se ao Sino da Floresta num tom achatado;
No solstício de verão, a nota assemelha-se ao Sino Amarelo num tom claro.

Os doze tubos tonais respondem às alterações dos vinte e quatro nós sazonais.

Em *jiazi*, Regulador Mediano move-se para *zhi*.

Em *bingzi*, Sino Apertado move-se para *yu*.

Em *wuzi*, Sino Amarelo move-se para *gong*.

Em *gengzi*, Incansável move-se para *shang*.

Em *renzi*, Padrão Tranquilo move-se para *jue*.

3.31

Em tempos antigos, criaram-se pesos e medidas; a leveza e o peso nasceram do Caminho do Céu.

O comprimento do tubo tonal do Sino Amarelo é de nove polegadas. Todas as coisas são geradas pelo três. [3 x 3 = 9.] 3 x 9 = 27. Assim, a largura de um rolo padrão de tecido é de dois pés e sete polegadas. Este é o padrão antigo.

Existem formas; portanto, existem também sons [musicais].
As notas musicais são mutuamente geradas através do número oito. Assim, a envergadura dos braços de um homem mede quatro pés.

Um *xun* é o dobro disso; portanto, oito pés fazem um *xun*. Um *xun* é a altura de um homem médio.

O número de notas é cinco. Usando o cinco para calcular com base em oito, 5 x 8 = 40. Assim, quatro *zhang* fazem um *pi*. Portanto, um *pi* é usado como unidade padrão na administração do imposto sobre o tecido.

No equinócio de outono, as barbas das cascas dos grãos estão totalmente desenvolvidas. Quando estas barbas estão completas, o grão amadurece. O número de tubos tonais é doze. Assim, a largura de doze barbas de casca, colocadas lado a lado, equivale a um *fen*.

Os tubos tonais correspondem aos cronogramas. As notas pentatónicas correspondem ao sol. O número do sol é dez. Assim, dez *fen* fazem uma polegada; dez polegadas fazem um pé; e dez pés fazem um *zhang*.

Para unidades de peso: doze grãos de milho fazem um *fen*; doze *fen* fazem um *zhu*; doze *zhu* fazem uma meia-onça (*ban liang*). A balança tem um lado esquerdo e um lado direito. Por isso, dobrando o peso, vinte e quatro *zhu* fazem uma onça.

O Céu tem quatro estações, completando um ano.
Assim, contando em conjuntos de quatro: 4 x 4 = 16. Portanto, dezasseis onças fazem uma *catty*. Três meses fazem uma estação, e trinta dias fazem um mês. Assim, trinta *catty* fazem um *jun*. Quatro estações fazem um ano; portanto, quatro *jun* fazem um *dan*.

Para unidades de medição musical: um tubo tonal produz cinco tons; doze tubos produzem sessenta tons.
Assim, contando em sextos, 6 x 6 = 36. Portanto, 360 tons correspondem aos dias de um ano. Assim, o número de [notas dos] tubos tonais e os [dias do] calendário estão em harmonia com o Caminho do Céu e da Terra.

3.32

O início do ciclo Joviano está estabelecido em jiayin.
Após uma conclusão, [recomeça,] estabelecido em jiaxu.
Após duas conclusões, [recomeça,] estabelecido em jiawu.
Após três conclusões, regressa ao seu início em jiayin.

A mudança anual do ano equivale a um cronograma. Após o [nó sazonal] Início da Primavera, atinge a sua posição [anual adequada] deslocando-se da anterior. Quando tiver avançado três posições e recuado cinco, então todas as atividades podem ser iniciadas.

Onde taiyin está estabelecido, os insetos ficam de cabeça para baixo nas suas tocas e permanecem quietos; as pegas fazem ninho no campo e constroem as suas casas.

Quando taiyin está em yin, o Pássaro Vermelhão está em mao; o Conjunto Curvo está em zi; o Guerreiro Negro está em xu; o Tigre Branco está em you; o Dragão Azul-esverdeado está em chen.

Se yin for o cronograma de estabelecimento, então:

mao é Remoção;

chen é Plenitude;

si é Uniformidade, governando o nascimento;

wu é Fixidez;

wei é Firmeza, governando armadilhas;

shen é Ruptura, governando a viga de equilíbrio;

you é Perigo, governando a concha de medida;

xu é Conclusão, governando a Potência menor;

hai é Recepção, governando a grande Potência;

zi é Abertura, governando *taisui*;

chou é Fecho, governando [...].

3.33

Quando taiyin está em yin, o ano chama-se Shetige.
O par masculino de taiyin é Júpiter. Este reside nos [alojamentos lunares] Cocheiro e Líder do Boi. No décimo primeiro mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Os alojamentos Poço do Oriente e Portador de Fantasmas estão do lado oposto (isto é, põem-se a ocidente ao amanhecer).

Quando taiyin está em mao, o ano chama-se Ming'e.
Júpiter reside em Criada de Serviço, Vazio e Telhado. No décimo segundo mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Salgueiro, Sete Estrelas e Extensão estão no lado oposto.

Quando taiyin está em chen, o ano chama-se Zhixu.
Júpiter reside em Acampamento e Muro do Oriente. No primeiro mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Asas e Plataforma da Carruagem estão no lado oposto.

Quando taiyin habita si, o ano chama-se Dahuangluo.
Júpiter reside em Passo e Vínculo. No segundo mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Chifre e Pescoço estão no lado oposto.

Quando taiyin está em wu, o ano chama-se Dunzang.
Júpiter reside em Estômago, Plêiades e Rede. No terceiro mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Raiz, Quarto e Coração estão no lado oposto.

Quando taiyin está em wei, o ano chama-se Xiexia.
Júpiter reside em Bico de Tartaruga e Alinhamento. No quarto mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Cauda e Cesto de Joeirar estão no lado oposto.

Quando taiyin está em shen, o ano chama-se Tuntan.
Júpiter reside em Poço do Oriente e Portador de Fantasmas. No quinto mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Cocheiro e Líder do Boi estão no lado oposto.

Quando taiyin está em you, o ano chama-se Zuo'e.
Júpiter reside em Salgueiro, Sete Estrelas e Extensão. No sexto mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Criada de Serviço, Vazio e Telhado estão no lado oposto.

Quando taiyin está em xu, o ano chama-se Yanmao.
Júpiter reside em Asas e Plataforma da Carruagem. No sétimo mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Acampamento e Muro do Oriente estão no lado oposto.

Quando taiyin está em hai, o ano chama-se Dayuanxian.
Júpiter reside em Chifre e Pescoço. No oitavo mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Passo e Vínculo estão no lado oposto.

Quando taiyin está em zi, o ano chama-se Kundun.
Júpiter reside em Raiz, Quarto e Coração. No nono mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Estômago, Plêiades e Rede estão no lado oposto.

Quando taiyin está em chou, o ano chama-se Chifenruo.
Júpiter reside em Cauda e Cesto de Joeirar. No décimo mês, nasce com eles a oriente ao amanhecer. Bico de Tartaruga e Alinhamento estão no lado oposto.

3.34

Quando taiyin está em jiazi, recisão e acumulação estão harmoniosamente juntas no Palácio Celeste do Oriente. Nos seus movimentos regulares, que não podem ser contrariados, estão juntas durante quatro anos e depois se separam. Permanecem separadas por dezasseis anos e então voltam a reunir-se. Quanto à razão da separação: a recisão não pode entrar no Palácio Central e move-se para a Madeira.

No lugar onde taiyin habita, o dia provoca acumulação.
Os cronogramas provocam recisão.

Com a acumulação, [o número de] dias inflexíveis duplica naturalmente, pois os dias flexíveis não os podem superar.
Com a recisão, os cronogramas associados à Água movem-se para a Madeira.
Os cronogramas associados à Madeira movem-se para a Água.

O Metal e o Fogo permanecem nos seus lugares designados.
De um modo geral, taiyin move-se através dos deuses direccionais da seguinte forma:

O Pássaro Vermelhão está uma posição à frente de taiyin.

O Conjunto Curvo está três posições atrás.

O Guerreiro Negro está cinco posições à frente.

O Tigre Branco está seis posições atrás.

A Estrela Vazia carrega o Conjunto Curvo, e Céu e Terra estão em harmonia com isto.

Dos dias [isto é, os troncos celestes], jia é inflexível, yi é flexível, bing é inflexível, ding é flexível, e assim até gui.

A Madeira nasce em hai, amadurece em mao, e morre em wei. Estes três cronogramas juntos são Madeira.

O Fogo nasce em yin, amadurece em wu, e morre em xu.

A Terra nasce em wu, amadurece em xu, e morre em yin.

O Metal nasce em si, amadurece em you, e morre em chou.

A Água nasce em shen, amadurece em zi, e morre em chen.

Assim, quanto aos cinco domínios da superação: se o nascimento ocorre na etapa 1, a maturidade na 5, e a morte na 9 [numa sequência dos ramos terrenos]: 5 >< 9 = 45.
Assim, os deuses direccionais mudam de posição a cada 45 dias.
Tomando três e respondendo com cinco, há assim oito dessas mudanças, e o ano termina.

Ao usar taiyin [para prognóstico], regra geral:
– Tudo o que está à esquerda (isto é, à frente de taiyin) sofre corte ou redução;
– Tudo o que está à direita (isto é, atrás de taiyin) recebe aumento.

Quanto ao cronograma que suspende o Conjunto Curvo na viga de equilíbrio:
– Se houver guerra, [o estado associado a esse cronograma] certamente vencerá;
– Se houver ataque, será bem-sucedido.

3.35

Se alguém deseja conhecer o Caminho do Céu, deve tomar o sol como o fator dominante. No sexto mês, corresponde ao [alojamento lunar] Coração. Girando para a esquerda, move-se, dividindo o círculo celeste e formando os doze meses. Quando estes estão de acordo com os movimentos do sol, Céu e Terra estão duplamente em harmonia. A partir daí, não poderá haver asterismos funestos.

O primeiro mês está estabelecido em Acampamento e Muro do Oriente.

O segundo mês está estabelecido em Passo e Vínculo.

O terceiro mês está estabelecido em Estômago e Plêiades.

O quarto mês está estabelecido em Rede, Bico de Tartaruga e Alinhamento.

O quinto mês está estabelecido em Poço do Oriente e Portador de Fantasmas.

O sexto mês está estabelecido em Salgueiro, Sete Estrelas e Extensão.

O sétimo mês está estabelecido em Asas e Plataforma da Carruagem.

O oitavo mês está estabelecido em Chifre, Pescoço e Raiz.

O nono mês está estabelecido em Quarto e Coração.

O décimo mês está estabelecido em Cauda e Cesto de Joeirar.

O décimo primeiro mês está estabelecido em Cocheiro e Líder do Boi.

O décimo segundo mês está estabelecido em Vazio e Telhado.

Chifre: 12 dias
Pescoço: 9 dias
Raiz: 15 dias

Quarto: 5 dias
Coração: 5 dias
Cauda: 18 dias
Cesto de Joeirar: 11,25 dias
Extensão: 18 dias
Cocheiro: 26 dias
Líder do Boi: 8 dias
Estômago: 14 dias
Asas: 18 dias
Plataforma da Carruagem: 17 dias
Plêiades: 11 dias
Rede: 16 dias
Criada de Serviço: 12 dias
Bico de Tartaruga: 12 dias
Vazio: 9 graus
Alinhamento: 9 graus
Telhado Oriental: 17 graus
Poço Oriental: 30 dias
Acampamento: 16 dias
Portador de Fantasmas: 4 dias
Muro do Oriente: 9 graus
Salgueiro: 15 dias
Passo: 16 dias
Vínculo: 12 dias
Sete Estrelas: 7 dias

As estrelas (ou alojamentos lunares) são atribuídas a territórios, a saber:
Chifre e Pescoço a Zheng
Raiz, Quarto e Coração a Song
Cauda e Cesto de Joeirar a Yan
Cocheiro e Líder do Boi a Yue
Criada de Serviço a Wu
Vazio e Telhado a Qi
Acampamento e Muro do Oriente a Wey
Passo e Raiz a Lu
Estômago, Plêiades e Rede a Wei
Bico de Tartaruga e Alinhamento a Zhao
Poço Oriental e Portador de Fantasmas a Qin
Salgueiro, Sete Estrelas e Extensão a Zhou
Asas e Plataforma da Carruagem a Chu.

Quando Júpiter habita [um alojamento correspondente a um estado, nesse estado] os cinco cereais serão abundantes. A situação do estado correspondente ao alojamento oposto será o contrário; a colheita sofrerá uma calamidade. Se Júpiter deveria habitar [um alojamento] e não o faz, se o salta e entra noutro lugar, o governante do país [governado por esse alojamento] morrerá e o seu estado será extinto.

3.36

Quando taiyin governa as ordenações da primavera, o governante deve agir com flexibilidade, bondade, suavidade e virtude.
Quando taiyin governa as ordenações do verão, o governante deve publicar, conceder, proclamar e esclarecer.
Quando taiyin governa as ordenações do outono, o governante deve reparar, organizar e preparar as suas tropas.
Quando taiyin governa as ordenações do inverno, o governante deve ser ferozmente corajoso, resoluto e fortalecer as defesas fronteiriças.

A cada período de três anos, ocorre uma alteração do que é habitual.
A cada seis anos, há mudanças em relação ao normal.

Assim, dentro de três anos, ocorre um ano de fome; dentro de seis anos, ocorre um ano de depressão; e uma vez a cada doze anos, há abundância.

3.37

As atribuições territoriais dos troncos celestes são as seguintes:
jia com Qi
yi com Yi Oriental
bing com Chu
ding com Yi Meridional
wu com Wei
ji com Harm
geng com Qin
xin com Yi Ocidental
ren com Wey
gui com Yue

As atribuições territoriais dos ramos terrestres são as seguintes:
zi com Zhou
chou com Di
yin com Chu
mao com Zheng
chen com Jin
si com Wey
wu com Qin
wei com Song
shen com Qi
you com Lu
xu com Zhao
hai com Yan

As correlações entre troncos, ramos e as Cinco Fases (elementos) são:
jia e *yi* com *yin* e *mao* — Madeira
bing e *ding* com *si* e *wu* — Fogo
wu e *ji* com as quatro estações — Terra
geng e *xin* com *shen* e *you* — Metal
ren e *gui* com *hai* e *zi* — Água

3.38

A Água gera a Madeira; a Madeira gera o Fogo; o Fogo gera a Terra; a Terra gera o Metal; o Metal gera a Água.

Se o filho gera a mãe, chama-se Retidão.
Se a mãe gera o filho, chama-se Nutrição.
Se mãe e filho se geram mutuamente, chama-se Concentração.
Se a mãe vence o filho, chama-se Controlo.
Se o filho vence a mãe, chama-se Obstrução.

Se se usa a vitória para atacar e matar, a vitória será sem recompensa.
Se se usa a Concentração para tratar de assuntos, haverá realização.
Se se usa a Retidão para executar princípios fixos, a fama será estabelecida e não diminuirá.
Se se usa a Nutrição para sustentar as miríades de seres, haverá crescimento exuberante e prosperidade.
Se se usa a Obstrução para tratar de assuntos, haverá destruição, extermínio, morte e extinção do estado.

3.39

Os deuses da Ursa Maior (Cocheiro do Norte) são tanto femininos como masculinos.
No décimo primeiro mês, no início do ano, estão estabelecidos juntos em *zi*.
A cada mês, deslocam-se um cronograma. O masculino move-se para a esquerda, o feminino para a direita. No quinto mês, coincidem em *wu* e geram recisão. No décimo primeiro mês, coincidem em *zi* e geram acumulação.

3.40

O cronograma no qual taiyin se encontra é chamado “dia opressivo”. Em dias opressivos não é possível prosseguir com os cem assuntos habituais. A Terra e o Céu movem-se com dignidade e lentidão; o masculino reconhece o feminino pelo som [do seu canto]. Por isso, esse cronograma é conhecido como “cronograma extraordinário”.

Os números do ciclo sexagenário começam com *jiazi*. O filho e a mãe procuram-se mutuamente. O lugar onde se encontram é chamado Concorrência.

Dez troncos e doze ramos compõem um ciclo sexagenário.

No total, existem oito concorrências. Se a concorrência ocorre antes do ponto do ciclo onde se encontra taiyin, haverá morte e destruição; se ocorre depois, não haverá calamidade.

As atribuições territoriais das oito concorrências são:

jiaxu com Yan
yiyou com Qi
bingwu com Yue
dingsi com Chu

gengchen com Qin
xinmao com as tribos Rong
renzi com as tribos Dai
guihai com as tribos Hu

As atribuições territoriais dos pares da “pequena conjunção” são:

yiyou, *wuxu*, *wuwu*, *yimao* com Wei
yihai com Han
wuzi com [...]

As oito concorrências, juntamente com as oito pequenas conjunções, correspondem ao mundo.

Quando taiyin, o Ano Menor, os asterismos (alojamentos lunares), os ramos, os troncos e os cinco deuses direcionais coincidem todos no mesmo dia, haverá nuvens, vapores e chuva. O estado e o governante estarão em conformidade com a previsão.

3.41

De tudo o que é valorizado pelos espíritos celestes, nada é mais precioso do que o Dragão Azul-esverdeado. O Dragão Azul-esverdeado também é chamado de Unidade Celeste ou, alternativamente, taiyin.
O país correspondente ao lugar onde taiyin habita não pode recuar, apenas pode avançar.
O país que é atingido pela Ursa Maior (Cocheiro do Norte) não consegue resistir ao ataque.

Quando o Céu e a Terra foram fundados, dividiram-se para formar o *yin* e o *yang*.
Yang nasce do *yin*; *yin* nasce do *yang*; estão num estado de alternância mútua. As quatro cordas de ligação [do Céu] comunicam com eles.
Por vezes há morte; por vezes há nascimento. Assim se completam as miríades de seres.

De todas as criaturas que se movem e respiram, nenhuma é mais preciosa do que o ser humano. Os orifícios, membros e tronco do corpo comunicam-se com o Céu.

O Céu tem nove camadas; o ser humano tem também nove orifícios.
O Céu tem quatro estações, para regular os doze meses;
O ser humano tem quatro membros, para controlar as doze articulações.

(Diagrama omitido)

Este diagrama dos troncos, ramos, alojamentos lunares e das Cinco Fases está na forma da placa terrestre de um cosmógrafo *shi*, mostrando alinhamentos significativos com o "ponteiro" da Ursa Maior gravado na placa celeste rotativa (não ilustrada aqui).
O Céu tem doze meses para regular os 360 dias;
O ser humano também tem doze articulações para regular os 360 pontos de conexão.
Aquele que empreende ações sem obedecer ao Céu é alguém que se desvia daquilo que lhe deu origem.

3.42

Toma-se a chegada do solstício de inverno e contam-se os dias até ao primeiro dia do primeiro mês do novo ano.
Se houver exatamente cinquenta dias, o fornecimento de alimentos do povo será suficiente.
Se forem menos de cinquenta, as rações diárias do povo diminuem em uma medida (*pint*) por dia.
Se forem mais, as rações aumentam em uma medida por dia.
Isto determina o controlo da colheita.

(Diagrama omitido)

Ano Shetige: Ano de humidade precoce e seca tardia. As plantas de arroz adoecem e os bichos-da-seda não amadurecem. As leguminosas e o trigo prosperam. A ração alimentar do povo é de quatro medidas. *Yin* em *jia* é chamado “rebentos impedidos”.

Ano Ming’e: Ano harmonioso. Arroz, leguminosas, trigo e bichos-da-seda prosperam. A ração é de cinco medidas. *Mao* em *yi* é chamado “rebentos bandeira”.

Ano Zhixu: Seca precoce e humidade tardia. Fome leve. Bichos-da-seda são obstruídos, e o trigo amadurece. A ração é de três medidas. *Chen* em *bing* é chamado “presságio flexível”.

Ano Dahuangluo: Ano de conflitos menores. Poucos bichos-da-seda amadurecem, o trigo prospera, e as leguminosas adoecem. Ração de duas medidas. *Si* em *ding* é chamado “reforçar a fronteira”.

Ano Dunzang: Grande seca. Bichos-da-seda amadurecem, o arroz adoece, e o trigo prospera, mas as colheitas não rendem. Ração de duas medidas. *Wu* em *wu* é chamado “harmonia manifesta”.

Ano Xiexia: Conflitos menores. Bichos-da-seda amadurecem, o arroz prospera, mas as leguminosas e o trigo não rendem. Ração de três medidas. *Wei* em *ji* é chamado “diferenciar e separar”.

Ano Tuntan: Ano harmonioso. As pequenas chuvas caem na altura certa. Bichos-da-seda amadurecem; leguminosas e trigo prosperam. Ração de três medidas. *Shen* em *geng* é chamado “elevar e manifestar”.

Ano Zuo’e: Grande guerra. As pessoas adoecem, os bichos-da-seda não amadurecem, leguminosas e trigo não rendem, e as colheitas sofrem com insetos. Ração de cinco medidas. *You* em *xin* é chamado “brilho redobrado”.

Ano Yanmao: Fome e guerra menores. Bichos-da-seda não amadurecem, trigo não rende, mas leguminosas prosperam. Ração de sete medidas. *Xu* em *ren* é chamado “escuridão umbral”.

Ano Dayuanxian: Grande guerra e grande fome. Bichos-da-seda rompem os casulos; leguminosas e trigo não rendem; pragas atacam as colheitas. Ração de três medidas. *Hai* em *gui* é chamado [...]

Ano Kundun: Ano de nevoeiros intensos e grandes cheias. Bichos-da-seda, arroz e trigo prosperam. Ração de três alqueires. *Zi* em *jia* é chamado “brilho nascente”.

Ano Chifenruo: Guerra menor e humidade precoce. Bichos-da-seda não eclodem. O arroz adoece, leguminosas não rendem, mas o trigo prospera. Ração de uma medida. *Chou* em *yi* é chamado [...]

3.43

Para determinar as direções do nascer e do pôr do sol, primeiro coloca-se um gnómon a leste. Toma-se outro gnómon e recuam-se dez passos a partir do primeiro. Usa-se esse segundo gnómon para alinhar a vista com o sol quando ele emerge na borda norte da linha do horizonte oriental.

Quando o sol está a pôr-se, coloca-se novamente um gnómon a leste do segundo, e usa-se o gnómon mais a oeste para alinhar com o sol quando este se põe na borda norte. Depois, estabelece-se o ponto médio entre os dois gnómon orientais; esse ponto, em conjunto com o gnómon ocidental, define a verdadeira linha este-oeste.

No solstício de inverno, o sol nasce na corda de ligação sudeste e põe-se na corda de ligação sudoeste.
Nos equinócios da primavera e do outono, nasce exatamente a leste e põe-se exatamente a oeste.
No solstício de verão, nasce na corda de ligação nordeste e põe-se na nordoeste.
No zénite, está exatamente a sul.

3.44

Se desejares conhecer os valores numéricos da largura e comprimento este-oeste e norte-sul da Terra, coloca quatro gnômones de forma a formarem um quadrado com um li de lado. Dez ou poucos dias antes do equinócio da primavera ou do outono, usa os dois gnômones do lado norte do quadrado para alinhar com o sol nascente quando este aparece pela primeira vez no horizonte. Espera até ao dia em que os gnômones coincidam com o alinhamento do sol nascente. Quando coincidirem, corresponderá à verdadeira posição do sol a leste. De seguida, usa imediatamente o gnômon sudoeste para fazer a visada do sol em alinhamento. A quantidade pela qual esta visada se encontra dentro da linha formada pelos gnômones da frente será tomada como padrão.

Divide-se a largura e o comprimento entre os gnômones (ou seja, um li) por essa medida, e assim se obtém o valor numérico da largura da Terra de este a oeste. Por exemplo, observa-se que o alinhamento do gnômon sudoeste com o sol nascente está um cun (polegada) dentro da linha frontal dos gnômones. Se se tomar uma polegada como equivalente a um li, e sabendo que um li equivale a 18.000 polegadas, então a distância do ponto de observação até ao sol a leste é de 18.000 li. Ou, no mesmo dia, observa-se o sol poente; o alinhamento do sol com o gnômon sudeste situa-se meia polegada dentro da linha dos gnômones frontais. Se meia polegada equivale a um li, divide-se o número de polegadas de um li por meia polegada, obtendo-se assim o valor de 36.000 li. Desta forma, obtém-se o valor numérico da distância do ponto de observação até ao sol a oeste. Ao somar os dois valores, obtém-se o valor total da distância de este a oeste. Este número representa a extensão entre os pontos extremos da Terra.

Se o alinhamento dos gnômones do lado norte do quadrado ocorrer antes do equinócio da primavera ou depois do equinócio do outono, então estás a sul da linha média da Terra. Se o alinhamento ocorrer antes do equinócio do outono ou depois do equinócio da primavera, então estás a norte. Se o alinhamento ocorrer exatamente no equinócio, então estás no ponto intermédio entre norte e sul.

Se desejares conhecer o verdadeiro sul a partir de uma posição exatamente central, observa que, se o alinhamento dos gnômones do lado norte do quadrado não ocorrer antes do equinócio do outono, então a posição é exatamente intermédia entre norte e sul. Se desejares conhecer a distância até aos limites extremos do sul e do norte a partir da posição central, usa o gnômon sudoeste para alinhar com o sol. Quando o sol no solstício de verão nasce pela primeira vez, faz a visada para o gnômon noroeste, e verás que o sol se encontra a igual distância a leste, alinhado com o gnômon nordeste. A distância para leste é de 18.000 li, pelo que a distância do centro até ao norte é também de 18.000 li. Dobra-se esse valor para obter o valor numérico da distância de sul a norte.

A quantidade pela qual uma posição se afasta do centro é proporcional à medida pela qual a linha de visada está dentro ou fora da linha frontal dos gnômones. Se estiver uma polegada dentro dos gnômones, o sol está uma li mais próximo. Se estiver uma polegada fora dos gnômones, o sol está uma li mais distante.

3.45

Se desejares conhecer a altura do céu, planta um gnômon com uma altura de um *zhang* (ou seja, dez pés) no sul e outro no norte, a uma distância de mil *li*. Mede-se as sombras ao meio-dia no mesmo dia. Suponhamos que o gnômon do norte projeta uma sombra de dois pés, e o gnômon do sul uma sombra de um pé e nove polegadas.

Assim, ao deslocares-te mil *li* para sul, a sombra encurta uma polegada. Indo vinte mil *li* para sul, não haveria sombra — estar-se-ia diretamente sob o sol. Uma sombra de dois pés resulta de uma altura de dez pés, pelo que ao deslocar-se um *li* para sul, a altura aumenta cinco *li*. Portanto, se se medir os *li* desde o gnômon norte até ao ponto diretamente sob o sol e se multiplicar por cinco, obtém-se 100.000 *li*, que é a altura do céu. Ou, se se supuser que o comprimento da sombra é igual à altura do gnômon, então a altura do céu seria igual à distância para sul até ao ponto diretamente sob o sol.

QUATRO – FORMAS TERRESTRES

4.1

Tudo o que existe na Terra situa-se dentro das seis coordenadas e dentro dos limites exteriores das quatro direções. Para a iluminar, tem o sol e a lua; para os seus fios de trama, tem as estrelas e os planetas; para a regular, tem as quatro estações; para a governar, tem a grande Estrela do Ano.

Entre o Céu e a Terra existem nove continentes e oito pilares. A terra firme tem nove montanhas; as montanhas têm nove passagens. Existem nove pântanos, oito ventos e seis rios.

Quais são os nove continentes? A sudeste encontra-se a Província de Shen, chamada a terra da agricultura. A sul está a Província de Zi, chamada a terra da fertilidade. A sudoeste está a Província de Rong, chamada a terra da abundância. A oeste está a Província de Yan, chamada a terra da maturação. No centro está a Província de Ji, chamada a terra central. A noroeste está a Província de Tai, chamada a terra da abundância. A norte está a Província de Qi, chamada a terra da consumação. A nordeste está a Província de Bo, chamada a terra do isolamento. A leste está a Província de Yang, chamada a terra do recomeço.

Quais são as nove montanhas? São o Monte Guiji, o Monte Tai, o Monte Wangwu, o Monte Shou, o Monte Taihua, o Monte Qi, o Monte Taihang, o Monte Yangchang e o Monte Mengmen.

Quais são as nove passagens? São a Passagem de Taifen, a Passagem de Min'ou, a Passagem de Jingruan, a Passagem de Fangcheng, a Passagem de Yaoban, a Passagem de Jingxing, a Passagem de Lingci, a Passagem de Gouzhu e a Passagem de Juyong.

Quais são os nove pântanos? São o Pântano de Juqu em Yie, o Pântano de Ymmeng em Chu, o Pântano de Yangyu em Qin, o Pântano de Dalu em Jin, o Pântano de Putian em Zheng, o Pântano de Mengzhu em Song, o Pântano de Haiyu em Qi, o Pântano de Julu em Zhao e o Pântano de Zhaoyu em Yan.

Quais são os oito ventos? O vento do nordeste chama-se Vento Ardente. O vento do leste chama-se Vento Prolongado. O vento do sudeste chama-se Vento Luminoso. O vento do sul chama-se Vento Ameno. O vento do sudoeste chama-se Vento Refrescante. O vento do oeste chama-se Vento Elevado. O vento do noroeste chama-se Vento Elegante. O vento do norte chama-se Vento Frio.

Quais são os seis rios? São o Rio Amarelo, o Rio Vermelhão, o Rio Liao, o Rio Negro, o Rio Yangzi e o Rio Huai.

4.2

A extensão dentro dos quatro mares mede 28.000 *li* de este a oeste e 26.000 *li* de sul a norte. Existem 8.000 *li* de cursos de água que atravessam seis vales; há seiscentos cursos de água com nome. Existem 3.000 *li* de estradas e caminhos.

Yu empregou Tai Zhang para medir a Terra desde o seu extremo oriental até ao extremo ocidental. A medição totalizou 233.500 *li* e 75 passos duplos. Também empregou Shu Hai para medir do extremo norte ao extremo sul, e a medição foi igualmente de 233.500 *li* e 75 passos duplos.

No que respeita às terras alagadas, poças profundas e pântanos com mais de trezentos *fathoms* de extensão, dentro da área anteriormente designada de 233.500 *li*, existem nove.

4.3

Yu também utilizou terra expansiva para preencher a grande inundação, criando as grandes montanhas. Escavou as terras áridas de Kunlun para criar planícies. No centro de Kunlun há uma muralha múltipla de nove camadas, com uma altura de 11.000 *li*, 114

passos duplos, dois pés e seis polegadas. No cume das alturas de Kunlun crescem plantas cereais em forma de árvore com trinta e cinco pés de altura.

A oeste dessas plantas crescem árvores de pérola, de jade, de cornalina e as chamadas árvores da imortalidade. A leste encontram-se árvores de ameixa-de-areia e árvores de malaquite. A sul crescem árvores escarlates. A norte, árvores de jade *bi* e árvores de jade *yao*.

Nas proximidades existem 440 portões. Há quatro *li* entre cada portão, e cada um tem quinze *shun* de largura (sendo um *shun* igual a quinze pés).

Perto dali encontram-se nove poços. A trave de jade liga o canto noroeste. O portão noroeste abre-se para deixar entrar o vento vindo do Monte Buzhou. O Palácio Amplo, a Casa Giratória, o Jardim Suspenso, o Vento Fresco e a Floresta de Sebes situam-se dentro do Portão Changhe das Montanhas Kunlun. Este conjunto é chamado o Jardim Esculpido. As piscinas do Jardim Esculpido estão cheias de água amarela. Esta água circula três vezes e depois regressa à sua fonte. É chamada de água de cinábrio; quem a beber não morrerá.

4.4

As águas do Rio Amarelo emergem do canto nordeste das Montanhas Kunlun e entram no oceano, fluindo para leste pelo percurso de Yu através das Montanhas Empilhadas.

O Rio Vermelhão nasce no canto sudeste e corre para sudoeste até ao Mar do Sul, passando a leste do Pântano de Cinábrio. O Rio da Água Fraca origina-se no canto sudoeste; ao chegar a Heli, as suas ondas transbordantes atravessam as Areias Fluentes e correm para sul até entrar no Mar do Sul. O Rio Yang nasce no canto noroeste e entra no Mar do Sul a sul do país dos Homens Alados.

Os quatro rios têm origem nas fontes divinas do Imperador Amarelo, das quais se podem preparar substâncias medicinais capazes de proporcionar bem-estar físico às miríades de criaturas.

4.5

Se alguém subir a uma altura dupla à das Montanhas Kunlun, atinge-se o Monte do Vento Fresco. Quem o escalar, não morrerá. Se se subir o dobro dessa altura, chega-se ao Jardim Suspenso. Quem o alcançar, obterá poder sobrenatural e será capaz de controlar o vento e a chuva. Se se subir o dobro ainda dessa altura, chega-se ao próprio Céu. Quem ali chegar tornar-se-á um espírito. Este local é chamado a morada do Soberano Supremo.

A Árvore Fu (*Fusang*) na Província de Yang é cozida pelo calor do sol. A Árvore Jian, no Monte Duguang — por onde os deuses ascendem e descem do Céu — não projeta sombra ao meio-dia. Se alguém clamar nesse local, não há eco. Esta árvore forma um dossel sobre o centro do mundo. A Árvore Ruo está a oeste da Árvore Jian. Nos seus ramos existem dez sóis; as suas flores lançam luz sobre a Terra.

4.6

Os limites de cada uma das nove províncias abrangem mil *li*. Para além das nove províncias, existem oito regiões distantes, cada uma também com mil *li*.

A do nordeste chama-se Intransponível, também chamada Grande Pântano. A do leste chama-se Grande Ilha, também chamada Mar Arenoso. A do sudeste chama-se Juqu, também chamada Pântano Enevoado. A do sul chama-se Grande Sonho, também chamada Grande Pântano. A do sudoeste chama-se Riqueza Insular, também chamada Pântano de Cinábrio. A do oeste chama-se Nove Distritos, também chamada Pântano das Fontes. A do noroeste chama-se Daxia (Bactriana), também chamada Pântano Oceânico. A do norte chama-se Grande Obscuridade, também chamada Pântano Gélido.

Todas as nuvens destas oito regiões distantes e dos oito pântanos trazem chuva às nove províncias.

Para além das oito regiões distantes, existem oito regiões periféricas, cada uma com mil *li*.

A do nordeste chama-se Colina Harmónica, também chamada Terras Áridas. A do leste chama-se Floresta de Espinhos, também chamada Deserto de Amoreiras. A do sudeste chama-se Grande Escassez, também chamada Multidão de Mulheres. A do sul chama-se Duguang, também chamada Portas Invertidas (ou voltadas a norte). A do sudoeste chama-se Pigmeus Queimados, também chamada Terra Ígnea. A do oeste chama-se Colina de Metal, também chamada Deserto Fértil. A do noroeste chama-se Um-Olho, também chamada Lugar das Areias. A do norte chama-se Amontoado de Gelo, também chamada Asas Abandonadas.

O *qi* das oito regiões periféricas são aqueles que emitem frio e calor. Para harmonizar os oito *qi* direccionais adequados, deve haver vento e chuva.

Para além das oito regiões periféricas estão as oito regiões extremas.

A do nordeste chama-se Montanha do Solo Quadrado, também chamada Portão Azul.

A do leste chama-se Montanha do Extremo Oriente, também chamada Portão da Claridade Aberta. A do sudeste chama-se Montanha Mãe das Ondas, também chamada Portão de Yang. A do sul chama-se Montanha do Extremo Sul, também chamada Portão do Calor Estival. A do sudoeste chama-se Montanha do Cordão de Potros, também chamada Portão Branco. A do oeste chama-se Montanha do Extremo Ocidente, também chamada Portão de Changhe. A do noroeste chama-se Monte Buzhou, também chamada Portão da Escuridão. A do norte chama-se Montanha do Extremo Norte, também chamada Portão do Frio Invernal.

As nuvens das oito regiões extremas são as que trazem chuva ao mundo inteiro; os ventos dos oito portões são os que regulam o calor e o frio das estações. As nuvens das oito regiões periféricas, das oito regiões distantes e dos oito pântanos trazem chuva às nove províncias e produzem harmonia na província central.

4.7

As coisas belas do leste são os jades *xun*, *yu* e *qi* da Montanha Yimulu. As coisas belas do sudeste são os bambus de flechas da Montanha Guiji. As coisas belas do sul são o corno

de rinoceronte e o marfim de elefante da Montanha Liang. As coisas belas do sudoeste são os metais preciosos e o jade da Montanha Hua. As coisas belas do oeste são as pérolas e o jade da Montanha He. As coisas belas do noroeste são os jades *qiu*, *lin* e *lang'gan* das Montanhas Kunlun. As coisas belas do norte são os tendões e o corno da Montanha Youdu. As coisas belas do nordeste são as peles com padrões da Montanha Zhi. As coisas belas do centro encontram-se em torno do Pico Dai, que produz os cinco cereais, amoreiras e cânhamo. Também se produzem aí peixe e sal.

4.8

Na estrutura da forma da Terra, este e oeste são a trama; norte e sul são a urdidura. As montanhas resultam da acumulação; os vales resultam da escavação. Os locais elevados regem o nascimento; os locais baixos regem a morte. As colinas regem o masculino; os vales regem o feminino. A água que se solidifica em forma redonda forma pérolas; a água que se solidifica em forma quadrada forma jade.

Água límpida produz ouro; a toca do dragão nas profundezas gera a essência do jade mais belo. Diversos tipos de solo dão origem a seres vivos, cada um de acordo com a sua natureza.

Por essa razão, o *qi* das montanhas dá origem a uma predominância de homens. O *qi* dos terrenos baixos e alagadiços dá origem a uma predominância de mulheres. O *qi* dos diques produz muitos casos de mudez. O *qi* do vento produz muitos casos de surdez. O *qi* das florestas origina muitos casos de paralisia das pernas. O *qi* da madeira produz muitos casos de deformidades da espinha. O *qi* das zonas costeiras produz muitas úlceras nos membros inferiores. O *qi* das pedras gera grande força. O *qi* das passagens íngremes causa muitos casos de bócio. O *qi* do calor provoca muitas mortes precoces. O *qi* do frio proporciona grande longevidade. O *qi* dos vales causa muitos casos de reumatismo. O *qi* das colinas provoca muitos casos de raquitismo. O *qi* das terras baixas produz grande sentimento de solidariedade humana. O *qi* dos outeiros produz grande cobiça. O *qi* dos solos leves produz uma busca constante pelo lucro. O *qi* dos solos pesados gera lentidão. O som da água clara é suave; o som da água turva é forte. As pessoas que vivem junto de águas correntes são leves; as que vivem junto de águas calmas são pesadas.

A região central produz muitos sábios. Todas as coisas são iguais ao seu *qi*; todas as coisas respondem à sua própria categoria.

Assim, no sul há ervas que não morrem; no norte há gelo que não derrete. No leste encontram-se países de pessoas superiores. No oeste está o cadáver de Xing Can.

4.9

Dormir sentado gera sonhos corretos; uma pessoa morre e torna-se um espírito. A pedra-ímã sobe ao ar; a mica atrai a água.

O dragão terrestre traz a chuva; andorinhas e gansos selvagens voam alternadamente. Amêijoas, caranguejos, ostras e tartarugas florescem e minguam com a lua. Assim, pelas mesmas razões, as pessoas que vivem em solos duros são duras e inflexíveis.

As que vivem em solos fáceis de trabalhar são gordas. As que vivem em solos irregulares são grandes; as que vivem em solos arenosos são pequenas. As que vivem em solos férteis são belas; as que vivem em solos áridos são feias. As que vivem em terrenos planos são inteligentes. As que vivem em planícies são sensíveis e adaptam-se bem aos cinco cereais.

Os seres que se alimentam de água são excelentes nadadores e suportam bem o frio. Os que se alimentam da terra (como as minhocas) não têm mente, mas são sensíveis. Os que se alimentam de madeira são muito fortes e ferozes. Os que se alimentam de erva correm bem, mas são estúpidos. Os que se alimentam de folhas de amoreira produzem seda e transformam-se em traças. Os que se alimentam de carne são corajosos e audazes, mas cruéis. Os que se alimentam de *qi* atingem a iluminação espiritual e têm longa vida. Os que se alimentam de cereais são sábios e inteligentes, mas vivem pouco. Os que não se alimentam de nada não morrem — são espíritos.

4.10

No que diz respeito aos humanos, aves e bestas, às miríades de criaturas e aos organismos minúsculos, cada um tem a sua origem. Alguns são ímpares, outros pares; alguns voam, outros caminham, mas ninguém compreende plenamente estas respostas instintivas.

Apenas quem sabe traçar o Caminho consegue chegar à origem e à raiz de tudo.

O Céu é um, a Terra é dois, o homem é três.

Três vezes três é nove. Nove vezes nove é oitenta e um. O um rege o sol. O número do sol é dez. O sol rege o homem, por isso o homem nasce no décimo mês de gestação.

Oito vezes nove é setenta e dois. O dois rege os números pares. Os números pares contêm os ímpares. Os números ímpares regem os cronogramas. Os cronogramas regem a lua. A lua rege o cavalo, por isso os cavalos nascem no décimo segundo mês de gestação.

Sete vezes nove é sessenta e três. O três rege a Ursa Maior. A Ursa Maior rege o cão, por isso os cães nascem no terceiro mês.

Seis vezes nove é cinquenta e quatro. O quatro rege as estações. As estações regem o porco, por isso os porcos nascem no quarto mês.

Cinco vezes nove é quarenta e cinco. O cinco rege as notas musicais da escala pentatónica. Estas notas regem o macaco, por isso os macacos nascem no quinto mês.

Quatro vezes nove é trinta e seis. O seis rege as notas dos tubos sonoros. Estas notas regem o veado, por isso os veados nascem no sexto mês.

Três vezes nove é vinte e sete. O sete rege as estrelas. As estrelas regem o tigre, por isso os tigres nascem no sétimo mês.

Duas vezes nove é dezoito. O oito rege o vento. O vento rege os insetos, por isso os insetos sofrem metamorfose no oitavo mês.

4.11

Todas as aves e peixes nascem do *yin*, mas pertencem à categoria dos seres *yang*. Por isso, aves e peixes são ovíparos. Os peixes nadam na água; as aves voam nas nuvens. Assim, no início do inverno, as andorinhas e os pardais entram no mar e transformam-se em amêijoas.

As miríades de seres vivos nascem todos como tipos distintos.

Os bichos-da-seda comem mas não bebem. As cigarras bebem mas não comem. As efémeras nem comem nem bebem. Os animais com carapaça e escamas alimentam-se no verão, mas hibernam no inverno. Os animais que se alimentam sem mastigar têm oito aberturas corporais e são ovíparos. Os que mastigam têm nove aberturas corporais e são vivíparos. Os quadrúpedes não têm penas nem asas. Os animais com cornos não têm dentes incisivos superiores. Alguns animais não têm cornos e são gordos, mas não têm dentes frontais. Outros têm cornos e são gordos, mas não têm dentes posteriores. Criaturas nascidas durante o dia assemelham-se ao pai; criaturas nascidas à noite assemelham-se à mãe. *Yin* extremo gera fêmeas; *yang* extremo gera machos. Os ursos hibernam e as aves migram conforme as estações.

4.12

Pelas mesmas razões, a água branca é adequada ao jade branco; a água preta é adequada à pedra negra (ardósia?); a água azul-esverdeada é adequada ao jade azul; a água vermelha é adequada ao cinábrio; a água amarela é adequada ao ouro; a água límpida é adequada às tartarugas.

As águas do rio Fen são turvas e lamacentas, adequadas ao cânhamo. As águas do rio Qi fluem harmoniosamente, adequadas ao trigo. As águas do rio Amarelo são misturadas, adequadas às leguminosas. As águas do rio Luo são leves e benéficas, adequadas aos cereais. As águas do rio Wei são potentes, adequadas ao milho-painço. As águas do rio Han são pesadas e calmas, adequadas ao bambu. As águas do rio Yangzi são férteis e benevolentes, adequadas ao arroz.

4.13

O leste é onde correm os rios e vales e de onde surgem o sol e a lua. Os povos do leste têm corpos pesados e cabeças pequenas, narizes salientes e bocas grandes. Têm os ombros elevados, como falcões, e andam em bicos dos pés. Todas as suas aberturas corporais estão canalizadas para os olhos. Os nervos e o *qi* corporal pertencem ao leste. A cor verde governa o fígado. As pessoas são altas e corpulentas; tornam-se eruditas cedo, mas não vivem muito tempo. A terra é adequada ao trigo e está cheia de tigres e leopardos.

O sul é onde o *qi yang* se acumula. O calor e a humidade residem aí. Os povos do sul têm corpos longos e parte superior pesada. Têm bocas grandes e pálpebras salientes. Todas as suas aberturas corporais estão canalizadas para os ouvidos. O sangue e os vasos

sanguíneos pertencem ao sul. A cor vermelha governa o coração. As pessoas amadurecem cedo, mas morrem jovens. A terra é adequada ao arroz e está cheia de rinocerontes e elefantes.

O oeste é uma região de terrenos elevados. Os rios têm aí as suas nascentes e o sol e a lua ali se põem. Os homens do oeste têm rostos pouco favorecidos e pescoços deformados, mas caminham com dignidade. Todas as suas aberturas corporais estão canalizadas para o nariz. A pele pertence ao oeste. A cor branca governa os pulmões. As pessoas são ousadas, mas não humanas. A terra é adequada ao milho-painço e está cheia de iaques e rinocerontes.

O norte é um lugar escuro e sombrio, onde o céu está fechado. O frio e o gelo acumulam-se ali. Os insetos nas suas fases larval e pupal permanecem ocultos. Os corpos das pessoas do norte são compatos, com pescoços curtos, ombros largos e ancas baixas. Todas as suas aberturas corporais estão canalizadas para os genitais. Os ossos pertencem ao norte. A cor preta governa os rins. As pessoas são tão ignorantes como aves ou bestas, mas têm longa vida. A terra é adequada às leguminosas e está cheia de cães e cavalos.

O centro é onde o vento e o *qi* convergem de todas as direções e é o lugar de confluência das chuvas e do orvalho. As pessoas da região central têm rostos largos e queixos curtos. Consideram as barbas belas e desprezam a obesidade. Todas as suas aberturas corporais estão canalizadas para a boca. A carne e os músculos pertencem ao centro. A cor amarela governa o estômago. As pessoas do centro são inteligentes, sábias e boas no governo. A terra é adequada aos cereais e está cheia de gado, ovelhas e diversos animais domésticos.

4.14

A Madeira domina a Terra, a Terra domina a Água, a Água domina o Fogo, o Fogo domina o Metal, e o Metal domina a Madeira. Assim, o cereal nasce na primavera e morre no outono. As leguminosas nascem no verão e morrem no inverno. O trigo nasce no outono e morre no verão. Os vegetais verdes nascem no inverno e morrem no meio do verão.

Quando a Madeira está no seu auge, a Água está velha, o Fogo está prestes a nascer, o Metal está paralisado (aprisionado) e a Terra está morta. Quando o Fogo está no auge, a Madeira está velha, a Terra está prestes a nascer, a Água está paralisada e o Metal está morto. Quando a Terra está no auge, o Fogo está velho, o Metal está prestes a nascer, a Madeira está paralisada e a Água está morta. Quando o Metal está no auge, a Terra está velha, a Água está prestes a nascer, o Fogo está paralisado e a Madeira está morta. Quando a Água está no auge, o Metal está velho, a Madeira está prestes a nascer, a Terra está paralisada e o Fogo está morto.

Existem cinco notas musicais, das quais a principal é *gong*. Existem cinco cores, das quais a principal é o amarelo. Existem cinco sabores, dos quais o principal é o doce. Em termos de posicionamento, há cinco elementos, dos quais a Terra é o principal.

Por isso:
refinar a Terra produz Madeira,
refinar a Madeira produz Fogo,

refinar o Fogo produz nuvens (de *qi* metálico),
refinar as nuvens produz Água,
e refinar a Água retorna à Terra.

Refinar o doce produz o ácido,
refinar o ácido produz o picante,
refinar o picante produz o amargo,
refinar o amargo produz o salgado,
e refinar o salgado retorna ao doce.

Alterar *gong* (nota 1) produz *zhi* (nota 4);
alterar *zhi* produz *shang* (nota 2);
alterar *shang* produz *yu* (nota 5);
alterar *yu* produz *jue* (nota 3);
alterar *jue* produz *gong*.

Assim, usa-se:
Água para harmonizar a Terra,
Terra para harmonizar o Fogo,
Fogo para transformar o Metal,
Metal para dominar a Madeira,
e a Madeira retorna à Terra.

As Cinco Fases interagem entre si, e assim as coisas úteis chegam à realização.

4.15

Para além dos mares existem trinta e seis países.

Na região que se estende do noroeste ao sudoeste, encontram-se os de Coxas Longas; os Povos do Céu, os Povos de Sushen, os Povos Brancos, os Povos da Terra Fértil, os Povos Femininos, os Povos Masculinos, os Povos de Uma Só Perna, os Povos de Um Só Braço e os Povos de Três Corpos.

Na região que se estende do sudoeste ao sudeste, estão os Povos de Peito Atado, os Povos Alados, os Povos de Huantou, os Povos Nus, as Três Tribos Miao, os Povos de Pernas Cruzadas, os Povos Imortais, os Povos de Peito Trespassado, os Povos de Língua Presa, os Povos de Focinho de Porco, os Povos de Dentes de Cinzel, os Povos de Três Cabeças e os Povos de Braços Compridos.

Na região do sudeste ao nordeste estão a Terra dos Gigantes, a Terra dos Povos Superiores, os Povos de Dentes Negros, os Povos de Pernas Escuras, os Povos Peludos e os Povos Trabalhadores.

Na região do nordeste ao noroeste encontram-se os Povos que Andam em Bicos de Pés, os Povos de Juying, os Povos de Olhos Profundos, os Povos Sem Ânus, os Povos de Rouli, os Povos de Um Olho Só e os Povos de Wuji.

4.16

As Montanhas Luotang e Guerreiro estão no canto noroeste. A sul delas encontra-se o Peixe Pang. Vinte e oito deuses entrelaçam os braços e servem o soberano, vigiando a noite a sudoeste dali. Três árvores de pérolas estão a nordeste. Árvores de jade crescem ao longo das margens do Rio Vermelhão.

As Montanhas Kunlun e a Colina da Artemísia estão a sudeste. Lá se encontram jade precioso e os países de Cavalo-Cinzento e Carne-Vista. Nesse lugar crescem árvores de carambola, marmelos floridos doces, flores doces e cem tipos de fruto.

A Colina Harmónica está no canto nordeste. Três amoreiras sem ramos ficam a oeste dela. O Pai Fanfarrão e as Orelhas Penduradas vivem a nordeste. O Pai Fanfarrão atirou o seu bastão ao chão, e este transformou-se na Floresta de Deng.

A Colina de Kun Wu está a sul. A Colina da Estrutura de Carroça fica a oeste. O xamã Xian vive a norte, de pé sobre a Montanha Dengbao. O Vale do Nascer do Sol e a Árvore Fusang estão a leste.

A terra de You Song (ou You Rong) situa-se a norte do Monte Buzhou. A irmã mais velha era Jian Di; a mais nova, Jian Ci. A Rainha Mãe do Oeste vive à beira das Areias Fluentes. Os Povos Felizes e os Povos de Nalu habitam numa ilha na Água Fraca em Kunlun. A Montanha dos Três Perigos está a oeste dos Povos Felizes.

Luz da Escuridão e Brilho de Vela estão numa ilha do Rio Amarelo; iluminam uma área de mil *li*. O Portão do Dragão encontra-se nas profundezas do Rio Amarelo. A Lagoa Torrencial está em Kunlun. A Fundição Sombria situa-se perto do Monte Buzhou. A Lagoa Shen está no Pântano Haiyu. O Pântano Mengzhu está em Pei. As Mansões Menor e Maior estão na Província de Ji.

O Dragão Tocha habita a norte do Portão dos Gansos Selvagens. Esconde-se na Montanha das Asas Abandonadas e nunca vê o sol. Este deus tem rosto humano e corpo de dragão, mas não tem pés.

O túmulo do Senhor Milho está a oeste da Árvore Jian. As pessoas desse lugar voltam à vida depois de morrer. Entre elas vivem semi-peixes. As águas Corrente Amarela e os Povos da Terra Fértil ficam trezentos *li* a norte. A Terra dos Cães está a leste. No Pântano do Trovão habitam deuses com corpos de dragão e cabeças humanas. Batem nas barrigas para se divertirem.

4.17

O rio Yangzi nasce no Monte Min e corre para leste, passando por Han e entrando no oceano. Depois vira à esquerda e segue para norte até um ponto a norte da Montanha Kaimu.

Em seguida, vira à direita e corre para leste até ao Pilar Oriental.
O rio Amarelo nasce na Montanha das Pedras Empilhadas.
O rio Qu nasce no Monte Jing.
O rio Huai nasce no Monte Tongbo.
O rio Sui nasce na Montanha da Pena.
O rio Zhang Claro nasce no Monte Jieli.

O rio Zhang Turvo nasce no Monte Fabao.
O rio Qi nasce no Monte Wangwu.
Os rios Shi, Si e Yi nascem respetivamente no Monte Tai, no Monte Tai (outra vertente) e no Monte Shu.
O rio Fuo nasce no Monte Fie.
O rio Wen nasce no Monte Fuqi e corre para oeste até se juntar ao rio Qi.
O rio Han nasce no Monte Bozhong.
O rio Jing nasce no Monte Boluo.
O rio Wei nasce na Caverna do Pássaro e do Rato.
O rio Yi nasce no Monte Shangwei.
O rio Fuo nasce na Montanha da Orelha de Urso.
O rio Jun nasce na Fenda das Flores.
O rio Wei (variante) nasce na Montanha do Barco Virado.
O rio Fen nasce no Monte Yanjing.
O rio Ren nasce no Monte Fenxiong.
O rio Zi nasce no Monte Muyi.
O rio de Cinábrio nasce na Montanha da Capital Elevada.
O rio Pan nasce no Monte Qiao.
O rio Hao nasce em...
O rio Bo nasce no Monte Xianyu.
O rio Liang nasce no Monte Maolu e no Monte Shiliang.
O rio Ru nasce no Monte Meng.
O rio Qi nasce no Monte Dahao.
O rio Jin nasce no Monte Jiezhu, também chamado de Montanha do Dragão.
O rio He nasce no Monte Fengyang.
O rio Liao nasce na Montanha da Pedra de Afiar.
O rio Fu nasce no Monte Jing.
O rio Qi nasce na Montanha da Ponte de Pedra.
O rio Hutuo nasce no Monte Luping.
O rio Nituyuan nasce no Monte Man.
Os rios Wei e Shi correm para norte até Yan.
O rio da Água Fraca nasce na Montanha da Pedra Exaurida e entra nas Areias Fluentes.

4.18

Zhu Ji e She Ti nasceram do Vento Regular (nordeste). Tong Shi nasceu do Vento Abundantemente Luminoso (leste). Chifenruo nasceu do Vento Claro e Brilhante (sudeste). Gong Gong nasceu do Vento Solar (sul). Zhu Bi nasceu do Vento Refrescante (sudoeste). Gao Ji nasceu do Vento de Changhe (oeste). Yu Qiang nasceu do Vento de Buzhou (noroeste). Qiong Qi nasceu do Vento Ampla e Expansivamente Frio (norte).

Pelo Cabelo Fino nasceu o Homem-Oceano. O Homem-Oceano deu origem a Ruojun. Ruojun deu origem aos sábios; os sábios deram origem às pessoas comuns. Assim, criaturas com pouco cabelo nascem das pessoas comuns.

A Excelência Alada deu origem ao Dragão Voador. O Dragão Voador deu origem à fénix. A fénix deu origem ao *symurgh* (pássaro mitológico). O *symurgh* deu origem às aves comuns. As criaturas com penas nascem, em geral, das aves comuns.

A Novilha Peluda deu origem ao Dragão Responsivo. O Dragão Responsivo deu origem ao Cavalo Estabelecido. O Cavalo Estabelecido deu origem ao *qilin* (unicórnio chinês). O *qilin* deu origem aos animais comuns. Os animais peludos, em geral, nascem dos animais comuns.

O Escamoso deu origem ao Dragão Ondulante. O Dragão Ondulante deu origem ao Leviatã. O Leviatã deu origem à Emanação Estabelecida. Esta deu origem aos peixes comuns. As criaturas com escamas, em geral, nascem dos peixes comuns.

O Abismo Blindado deu origem ao Primeiro Dragão. O Primeiro Dragão deu origem à Tartaruga Marinha Sombria. Esta deu origem à Tartaruga Divina, que por sua vez deu origem às tartarugas comuns. As criaturas com couraça, em geral, nascem das tartarugas comuns.

A Humidade Quente deu origem à Fisionomia. A Humidade Quente nasceu do Vento Capilar. O Vento Capilar nasceu da Escuridão Húmida. A Escuridão Húmida nasceu do Vento de Penas.

O Vento de Penas deu origem à Criatura Blindada Suave. Esta deu origem ao Escamoso Parcial. O Escamoso Parcial deu origem à Criatura Blindada Quente.

As cinco classes de animais, nas suas várias manifestações, prosperaram no mundo exterior e multiplicaram-se segundo as suas espécies.

O Trepador do Sol deu origem ao Bloqueador da Luz. Este deu origem ao Nobre Ru. O Nobre Ru deu origem à Árvore-Tronco. Esta deu origem às árvores comuns. Todas as plantas com folhas que tremem nascem das árvores comuns.

O Caule com Raiz deu origem a Chengruo. Chengruo deu origem ao Jade Sombrio. O Jade Sombrio deu origem à Fonte Pura. A Fonte Pura deu origem à Culpa do Soberano. A Culpa do Soberano deu origem às ervas comuns. Todos os caules enraizados nascem das ervas comuns.

O Portão do Oceano deu origem ao Dragão Nadador. O Dragão Nadador deu origem à Flor de Lótus. A Flor de Lótus deu origem à Lentilha-de-Água. A Lentilha-de-Água deu origem à Planta Aquática. Esta deu origem às algas. Todas as plantas sem raiz nascem das algas comuns.

4.19

O *qi* da terra equilibrada é recebido no céu amarelo, que após quinhentos anos gera jade amarelo (possivelmente realgar ou âmbar). Após mais quinhentos anos, gera mercúrio amarelo, que após outros quinhentos anos gera ouro (“metal amarelo”). Após mil anos, o ouro gera o dragão amarelo. O dragão amarelo, ao ocultar-se, gera as nascentes amarelas.

Quando o pó das nascentes amarelas sobe e se torna uma nuvem amarela, o atrito entre o *yin* e o *yang* produz trovões; a sua ascensão e dispersão produzem relâmpagos. Aquilo que subiu depois desce como fluxo de água e acumula-se no mar amarelo.

O *qi* da terra desequilibrada é recebido no céu azul-esverdeado, que após oitocentos anos gera malaquite azul-esverdeada. Após outros oitocentos anos, esta gera mercúrio azul-esverdeado, que após mais oitocentos anos gera chumbo (“metal azul-esverdeado”). Após mil anos, o chumbo gera o dragão azul-esverdeado. O dragão azul-esverdeado, ao ocultar-se, gera as nascentes azul-esverdeadas.

Quando o pó das nascentes azul-esverdeadas sobe e se transforma numa nuvem da mesma cor, o atrito entre *yin* e *yang* cria trovões; o seu elevar-se e espalhar-se cria relâmpagos. Aquilo que subiu depois desce como água e forma o mar azul-esverdeado.

O *qi* da terra vigorosa é recebido no céu vermelho-vivo, que após setecentos anos gera cinábrio vermelho. Após mais setecentos anos, gera mercúrio vermelho, que após outros setecentos anos gera cobre (“metal vermelho”). Após mil anos, o cobre gera o dragão vermelho. Este, ao esconder-se, gera as nascentes vermelhas. Quando o pó das nascentes vermelhas sobe, torna-se uma nuvem vermelha; o atrito entre *yin* e *yang* faz trovões; o seu movimento ascendente e expansão criam relâmpagos. O que subiu depois desce e torna-se fluxo de água que se acumula no mar vermelho.

O *qi* da terra fraca é recebido no céu branco, que após novecentos anos gera arsenólito branco. Após novecentos anos, este gera mercúrio branco, que após novecentos anos gera prata (“metal branco”). Após mil anos, a prata gera o dragão branco. Este, ao ocultar-se, gera as nascentes brancas. Quando o pó das nascentes brancas sobe e se transforma numa nuvem branca, o atrito entre *yin* e *yang* cria trovões; o seu elevar-se e espalhar-se produz relâmpagos. O que subiu depois desce e torna-se fluxo de água que se acumula no mar branco.

O *qi* da terra passiva é recebido no céu negro, que após seiscentos anos gera ardósia preta. Após mais seiscentos anos, esta gera mercúrio negro, que após seiscentos anos gera ferro (“metal negro”). Após mil anos, o ferro gera o dragão negro. O dragão negro, ao esconder-se, gera as nascentes negras. Quando o pó destas nascentes sobe e forma uma nuvem negra, o atrito entre *yin* e *yang* cria trovões; a sua ascensão e dispersão formam relâmpagos. O que subiu depois desce como água e forma o mar negro.

CINCO – REGRAS SAZONAIS

5.1

No primeiro mês da primavera, Zhaoyao aponta para o ramo terrestre *yin* (entre nordeste e leste). A mansão lunar *Array* culmina ao anoitecer; *Cauda* culmina ao amanhecer. A primavera ocupa o leste. Os seus dias correspondem aos troncos celestes *jia* e *yi*. A plenitude da Potência está na Madeira. Os seus animais são os da classe dos escamosos. A sua nota pentatónica é *jue*. O tubo sonoro do primeiro mês é *Grande Germinar*. O número da primavera é oito. O seu sabor é o ácido. O seu cheiro é forte. Os sacrifícios são dedicados ao deus das portas. Do corpo da vítima sacrificial, o baço é a primeira oferenda.

O vento do leste dissipa o frio. As criaturas em hibernação começam a mover-se e a reviver. Os peixes sobem e esfregam o dorso no gelo. As lontras sacrificam peixes. Observa-se o regresso dos gansos a norte. O Filho do Céu veste roupa azul-esverdeada.

Conduz uma carruagem puxada por cavalos dragão azul. Usa pendentes de jade azul e desfralda uma bandeira da mesma cor. Come trigo com carne de carneiro. Bebe água recolhida dos oito ventos e cozinha com fogo obtido de caules de samambaia.

As damas imperiais do Palácio Oriental usam vestes azul-esverdeadas com adornos do mesmo tom. Tocam *qin* e *se* (instrumentos musicais). A arma da primavera é a lança. O animal doméstico da primavera é a ovelha. O Filho do Céu realiza a audiência matinal no canto esquerdo (isto é, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio) da Câmara Yang Azul-Esverdeada no Mingtang para promulgar os decretos da primavera. Estende a sua Potência Moral, concede favores, realiza ritos de celebração e louvor e reduz os encargos de trabalho obrigatório e os impostos.

No primeiro dia da primavera, o Filho do Céu lidera pessoalmente os Três Patriarcas, os Nove Senhores e os grandes nobres para dar as boas-vindas ao ano no altar dos subúrbios orientais. Repara e limpa o local do sacrifício e utiliza oferendas de riqueza para rezar aos espíritos e fantasmas. Apenas animais machos são usados como vítimas sacrificiais. É proibido cortar árvores. Não se devem destruir ninhos nem matar crias ou ovos. Não se pode convocar o povo para trabalhos forçados, nem construir fortificações. Ossadas devem ser novamente sepultadas e cadáveres enterrados.

Se durante o primeiro mês da primavera fossem aplicadas as ordens do verão, haveria ventos e chuvas fora de época, as plantas e árvores murchariam cedo e haveria medo no reino. Se fossem seguidas as ordens do outono, surgiriam epidemias, ventos violentos e chuvas torrenciais simultaneamente, e cresceriam espinhos, ervas daninhas e vegetação descontrolada. Se fossem aplicadas as ordens do inverno, inundações causariam destruição, com chuva, geada e granizo severo. As primeiras sementes semeadas não germinariam.

O primeiro mês é regido pelo Ministro das Obras. A sua árvore é o salgueiro.

5.2

No mês intermédio da primavera, Zhaoyao aponta para *mao* (leste). A mansão lunar *Arco* culmina ao entardecer; *Estabelecer Estrelas* culmina ao amanhecer. A primavera ocupa o leste. Os seus dias são *jia* e *yi*. Os seus animais são os da classe dos escamosos. A sua nota pentatónica é *jue*. O tubo sonoro deste segundo mês é *Sino Beliscado*. O número da primavera é oito. O seu sabor é ácido. O seu cheiro é forte. Os sacrifícios são feitos ao deus das portas. Do corpo da vítima sacrificial, o baço é oferecido primeiro.

As chuvas começam. As árvores de pêssego e pereira começam a florir. O rouxinol canta. Os falcões transformam-se em pombos. O Filho do Céu veste roupa azul-esverdeada. Conduz uma carruagem puxada por cavalos-dragão azuis. Usa pendentes de jade azul e desfralda uma bandeira azul-esverdeada. Come trigo com carne de carneiro. Bebe água recolhida dos oito ventos e cozinha com fogo obtido a partir de caules de samambaia. As damas imperiais do Palácio Oriental vestem roupa azul-esverdeada com adornos do mesmo tom. Tocam *qin* e *se*. A arma da primavera é a lança. O animal doméstico da primavera é a ovelha.

O Filho do Céu realiza a audiência matinal na Câmara Yang Azul-Esverdeada do Mingtang. Ordena às autoridades que suavizem as penas de servidão, mandando retirar

grilhões e algemas. Proíbe os açoites e suspende os julgamentos criminais. Os jovens e os pequenos devem ser alimentados, e os órfãos e sem descendência protegidos, para que tais políticas comuniquem a sua eficácia aos rebentos em crescimento. Escolhe um dia auspicioso e ordena ao povo que realize sacrifícios nos santuários.

Neste mês, os dias e noites dividem-se de forma igual. O som do trovão começa a ouvir-se. Os insetos em hibernação despertam todos. Três dias antes do trovão, mensageiros tocam sinos com batentes de madeira, proclamando ao povo: “O trovão está prestes a soar. Aqueles que não cuidarem do seu comportamento e que derem à luz sem as devidas precauções sofrerão seguramente catástrofes.” Ordena-se ao Ministro dos Mercados que uniformize todos os pesos e medidas: o *jun*, a balança de braço, o *dan*, o *catty*, o *peck* e o *pail*. Neste mês é proibido drenar rios e pântanos, desviar águas de lagoas com diques, incendiar florestas nas montanhas ou iniciar grandes obras que dificultem a eficácia da agricultura.

Nos sacrifícios, não se usam vítimas animais; em vez disso, utilizam-se cetros e discos de jade, peles e rolos de seda.

Se no segundo mês da primavera se aplicassem os decretos do outono, o país sofreria grandes inundações e ventos frios simultâneos. Bandos de salteadores e bárbaros *Rong* atacariam. Se se aplicassem os decretos do inverno, o *qi yang* não prevaleceria; o trigo não amadureceria; e o povo sofreria grande ruína. Se se aplicassem os decretos do verão, o país enfrentaria grande seca e o *qi* quente chegaria prematuramente. Pragas de insetos causariam estragos.

O segundo mês rege o celeiro. A sua árvore é a amendoeira.

5.3

No último mês da primavera, Zhaoyao aponta para *chen* (entre leste e sudeste). A mansão lunar *Sete Estrelas* culmina ao entardecer; *Líder dos Bois* culmina ao amanhecer. A primavera ocupa o leste. Os seus dias são *jia* e *yi*. Os seus animais são os da classe dos escamosos. A sua nota pentatónica é *jue*. O tubo sonoro deste terceiro mês é *Pureza da Donzela*. O número da primavera é oito. O seu sabor é ácido. O seu cheiro é forte. Os sacrifícios são feitos ao deus das portas. Do corpo da vítima sacrificial, o baço é oferecido primeiro.

A árvore *tong* começa a florescer. Ratos de campo transformam-se em codornizes. Arco-íris aparecem pela primeira vez. Lentilhas-de-água começam a germinar. O Filho do Céu veste roupa azul-esverdeada. Conduz uma carruagem puxada por cavalos-dragão azuis. Usa pendentes de jade azul e hasteia uma bandeira azul-esverdeada. Come trigo com carne de carneiro. Bebe água recolhida dos oito ventos e cozinha com fogo de caules de samambaia. As damas imperiais do Palácio Oriental vestem roupa azul-esverdeada com adornos da mesma cor. Tocam *qin* e *se*. A arma da primavera é a lança. O animal doméstico da primavera é a ovelha.

O Filho do Céu realiza a audiência matinal na câmara adjacente à direita da Câmara Yang Azul-Esverdeada. Ordena ao Mestre dos Barcos que vire os barcos cinco vezes para cada lado para inspeção e depois apresente um relatório ao Filho do Céu. Este embarca então

pela primeira vez no novo ano. Um esturjão é oferecido na câmara interna do templo ancestral, e são feitas preces para que o trigo dê grão.

Neste mês, a produção de *qi* atinge o seu auge, e o *qi yang* é libertado. As plantas jovens já não crescem, e as que germinaram alcançam o seu crescimento máximo, mas ainda não podem ser colhidas. O Filho do Céu ordena às autoridades que abram os celeiros e armazéns para ajudar os pobres e desamparados, aliviar os exaustos e os isolados, e abrir os cofres para distribuir rolos de seda. Envia embaixadas aos nobres, indaga sobre estudiosos eminentes e presta homenagens aos dignos.

Ordena ao Ministro das Obras que, quando as chuvas sazonais estiverem prestes a cair, monte a sua carruagem ao descer da água e, partindo da capital, percorra todos os caminhos até à fronteira, inspecionando planícies e campos incultos, reparando diques e taludes, escavando valas e canais, sem deixar estrada ou desvio por compreender.

É proibido caçar, quer com redes ou flechas, armadilhas para coelhos ou redes para pássaros, ou através de iscos envenenados, saindo pelos nove portões da cidade. Também se emite uma proibição aos guardas florestais das zonas selvagens: não se devem cortar árvores de amoreira nem de cudrania. A rola estende as asas e a poupa pousa na amoreira.

Preparando armações simples para casulos, cestos redondos e retangulares, a consorte real e as concubinas reais jejuam e fazem austeridades. Depois dirigem-se aos bosques de amoreiras nos subúrbios orientais, onde as damas supervisores iniciam e coordenam o trabalho da sericicultura.

Ordena-se aos responsáveis pelos cinco armazéns que exijam dos trabalhadores a inspeção do ouro e do ferro, das peles e dos couros, dos tendões e cornos, do bambu para hastes de flechas e da madeira para arcos, da gordura e cola, do cinábrio e da laca, garantindo que tudo esteja em perfeitas condições. Escolhido um dia auspicioso nos últimos dez dias do mês, realiza-se uma grande performance musical, trazendo júbilo. Além disso, manda-se acasalar touros com vacas e garanhões com éguas; depois, os animais fêmeas são conduzidos aos seus pastores. Ordena-se um exorcismo em nome do reino junto às nove portas da capital, e as vítimas sacrificiais são rasgadas para dissipar o *qi* da primavera.

Se os decretos deste mês forem seguidos, doces chuvas cairão durante os três *xun* (períodos de dez dias) do mês. Se durante o último mês da primavera se aplicassem os decretos do inverno, o *qi* frio surgiria de tempos a tempos; todas as plantas e árvores murchariam; e o estado viveria em grande medo. Se se aplicassem os decretos do verão, o povo sofreria epidemias; as chuvas sazonais não cairiam; e nada cresceria nas montanhas e colinas. Se se aplicassem os decretos do outono, o Céu geraria uma inundação de *yin*. As chuvas cairiam prematuramente e eclodiriam rebeliões militares.

O terceiro mês rege as aldeias. A sua árvore é a pereira.

5.4

No primeiro mês do verão, Zhaoyao aponta para *si* (sul-sudeste). A mansão lunar *Asas* culmina ao entardecer; a constelação *Viúva* culmina ao amanhecer. O verão ocupa o sul.

Os seus dias são *bing* e *ding*. A plenitude da Potência está no Fogo. Os seus animais são os da classe das aves. A sua nota pentatónica é *zhi*. O tubo sonoro deste quarto mês é *Regulador Mediano*. O número do verão é sete. O seu sabor é amargo. O seu cheiro é de queimado. Os sacrifícios são feitos ao deus do fogão. Do corpo da vítima sacrificial, os pulmões são oferecidos primeiro.

Grilos e rãs arborícolas cantam nas encostas; minhocas emergem. O melão real começa a dar fruto. As ervas amargas prosperam. O Filho do Céu veste roupas vermelhas. Conduz uma carruagem puxada por cavalos vermelhos de crina preta. Usa pendentes de jade vermelho e hasteia uma bandeira vermelha. Come leguminosas com galinha. Bebe água recolhida dos oito ventos e cozinha com fogo obtido de ramos de cudrania. As damas imperiais do Palácio do Sul vestem roupa vermelha com adornos vermelhos. Tocam flautas de cana e órgãos de boca. A arma do verão é o gládio. O animal doméstico do verão é a galinha. O Filho do Céu realiza a audiência matinal na câmara à esquerda do Mingtang, para promulgar os decretos do verão.

No primeiro dia do verão, o Filho do Céu lidera pessoalmente os Três Patriarcas, os Nove Senhores e os grandes nobres para dar as boas-vindas ao ano no altar dos subúrbios meridionais. Ao regressar da cerimónia, concede favores, confere títulos de nobreza, regula os rituais e a música, e oferece um banquete aos oficiais da esquerda e da direita. Ordena ao Intendente-Geral que exalte os heróicos e meritórios, seleccione os eminentes e excelentes e eleve os filhos piedosos e irmãos fraternais. Realiza cerimónias de nobilitação e concede emolumentos oficiais; assistindo à obra do Céu, reforça o sustento do povo, prolonga o que é longo e acumula o que é elevado. Não deve haver comportamentos destrutivos ou perversos.

É proibido erguer fortificações de terra ou abater grandes árvores. Ordena-se aos guardas florestais que percorram os campos cultivados e as planícies, incentivando as práticas agrícolas e afugentando animais selvagens e domésticos para não danificarem o cereal em crescimento. O Filho do Céu leva um porco e trigo sacrificial para os oferecer como primeiras oferendas na câmara interior do templo ancestral. Os animais domésticos são reunidos, e as cem ervas medicinais são colhidas. As plantas frágeis morrem e o trigo alcança o seu crescimento de outono. Julgam-se delitos menores e aplicam-se penas leves.

Se durante o primeiro mês do verão se aplicassem os decretos do outono, choveria amargamente em várias ocasiões e o cereal não seria nutrido por essas chuvas. Povos vizinhos de todos os lados penetrariam nas defesas do país. Se se aplicassem os decretos do inverno, as plantas e árvores secariam precocemente e, em seguida, haveria inundações que destruiriam muralhas e fortificações exteriores. Se se aplicassem os decretos da primavera, gafanhotos e outros insetos devastariam os campos; ventos abrasadores surgiriam e as plantas florescentes não dariam semente.

O quarto mês rege os campos cultivados. A sua árvore é o pessegueiro.

5.5

No segundo mês do verão, Zhaoyao aponta para *wu* (sul). A mansão lunar *Pescoço* culmina ao entardecer; *Telhado* culmina ao amanhecer. O verão ocupa o sul. Os seus dias são *bing* e *ding*. Os seus animais são os da classe das aves. A sua nota pentatónica é *zhi*.

O tubo sonoro deste quinto mês é *Luxuriante*. O número do verão é sete. O seu sabor é amargo. O seu cheiro é de queimado. Os sacrifícios são feitos ao deus do fogão. Dos órgãos da vítima sacrificial, os pulmões são oferecidos primeiro.

Chega o Calor Menor; as louva-a-deus nascem. O picanço começa a cantar; a ave da língua enrolada deixa de ser ouvida. O Filho do Céu veste roupas vermelhas. Conduz uma carruagem puxada por cavalos vermelhos de crina preta. Usa pendentes de jade vermelho e desfralda uma bandeira vermelha. Come leguminosas com galinha. Bebe água recolhida dos oito ventos e cozinha com fogo de ramos de cudrania. As damas imperiais do Palácio do Sul vestem roupa vermelha com adornos vermelhos. Tocam flautas de cana e órgãos de boca. A arma do verão é o gládio. O animal doméstico do verão é a galinha.

O Filho do Céu realiza a audiência matinal na Grande Câmara do Mingtang. Ordena ao Mestre da Música que repare os tambores de mão e os tambores de caldeira, os *qin* e *se*, as flautas e flautins; que polam os sinos e pedras sonoras; e que cuide dos escudos cerimoniais, machados de guerra, alabardas e plumas usadas nas danças marciais.

Ordena-se às autoridades que rezem e façam sacrifícios às montanhas, rios e a todas as nascentes. Na grande prece aos deuses pela chuva, emprega-se a música completa. O Filho do Céu leva uma galinha e milho-painço sacrificial, juntamente com uma oferenda de pêssegos maduros, e apresenta-os como primeiras oferendas no templo ancestral.

Emite-se um édito ao povo: é proibido colher anileira para tinturaria, fazer carvão ou secar tecidos ao sol. Portas de cidades e aldeias não devem ser fechadas e não se devem cobrar impostos nos mercados. Os casos criminais graves são adiados, e a ração dos presos é aumentada. Viúvas e viúvos são assistidos, e são distribuídos fundos para despesas fúnebres. As fêmeas grávidas são separadas dos rebanhos, e os garanhões e potros são atados. O governante promulga regulamentos para a criação de cavalos.

Chega o dia mais longo do ano. *Yin* e *yang* contendem. Vida e morte atingem um ponto de inflexão. Os nobres jejuam e praticam austeridades. Não demonstram emoções de raiva, abstêm-se de música e relações sexuais, e alimentam-se frugalmente. Os funcionários repousam em tranquilidade e não viajam, de modo a afirmar o estabelecimento das forças serenas do *yin*. Os veados perdem os chifres e as cigarras começam a cantar. A planta do meio do verão começa a crescer, e a árvore de hibisco floresce. Emite-se um édito proibindo que se façam fogueiras. É permitido habitar locais elevados para ver ao longe, subir colinas e outeiros, e permanecer em estrados e torres.

Se durante o mês intermédio do verão se aplicassem os decretos do inverno, o granizo e a neve danificariam o cereal; as estradas ficariam intransitáveis; e exércitos ferozes invadiriam. Se se aplicassem os decretos da primavera, os cinco cereais não amadureceriam; surgiriam diversos insetos destruidores; e o país sofreria fome. Se se aplicassem os decretos do outono, as plantas e árvores murchariam e cairiam; os frutos e cereais amadureceriam antes do tempo; e o povo sofreria calamidades de peste.

O quinto mês rege os funcionários. A sua árvore é o ulmeiro.

5.6

No último mês do verão, Zhaoyao aponta para *wei* (sudoeste). A mansão lunar *Coração* culmina ao entardecer; a mansão *Passo Largo* culmina ao amanhecer. O meio do verão ocupa o centro. Os seus dias são *wu* e *jia*. A plenitude da Potência está na Terra. Os seus animais são da classe dos despidos (sem pelos ou penas). A sua nota pentatónica é *gong*. O tubo sonoro deste sexto mês é *Cem Sinos*. O número do meio do verão é cinco. O seu sabor é doce. O seu cheiro é fragrante. Os sacrifícios são feitos ao deus da fossa. Do corpo da vítima sacrificial, o coração é oferecido primeiro.

Os ventos frescos começam a chegar, e os grilos abrigam-se nos cantos acolhedores da casa. Os gansos jovens começam a praticar voo, e a vegetação apodrecida transforma-se em milípedes. O Filho do Céu veste roupas amarelas. Conduz uma carruagem puxada por cavalos amarelos de crina preta. Usa pendentes de jade amarelo e desfralda uma bandeira amarela. Come milho-painço com carne de vaca. Bebe água recolhida dos oito ventos e cozinha com fogo de ramos de cudrania. As damas imperiais do Palácio Central vestem roupas amarelas com adornos amarelos. Tocam flautas de cana e órgãos de boca. A arma do meio do verão é a espada. O animal doméstico é o boi. O Filho do Céu realiza a audiência matinal no Palácio Central do Mingtang.

Ordena ao Mestre das Pescas que lance lanças sobre dragões escamosos, capture jacarés, apanhe tartarugas das profundezas e cace tartarugas marinhas. Ordena aos Mestres dos Pântanos que apresentem madeira e juncos. Ordena aos quatro senhores supervisores que ordenem a todos os distritos a apresentação da quantidade habitual de forragem para alimentar os animais sacrificiais. Em serviço ao Soberano Supremo do Céu Auguste, às montanhas ilustres, aos grandes rios e aos deuses das quatro direções, oferece milho no grande santuário do templo ancestral, orando pela prosperidade do povo.

Realiza benfeitorias, ordenando que os mortos sejam chorados, os doentes visitados e os idosos protegidos e cuidados. Ordena o envio de farelo e papas, e que os colchões sejam devidamente confortáveis. Tudo isto visa acelerar o retorno de todas as coisas à sua origem à medida que o ano começa a declinar. Ordena aos oficiais das dependências femininas que tingem tecidos em várias cores e padrões multicolores — azul-esverdeado, amarelo, branco e preto — sem que nenhum seja menos que belo e refinado. Estes vestuários destinam-se ao templo ancestral e devem ser uma exibição de novidade resplandecente.

Neste mês, as árvores plantadas estão totalmente desenvolvidas, e não se deve ousar cortá-las. Não é permitido convocar assembleias de nobres, erguer fortificações, recrutar trabalho forçado nem mobilizar exércitos. Caso contrário, o Céu trará inevitavelmente calamidades. O solo está saturado pela humidade quente, e as grandes chuvas caem na estação, encerrando beneficamente o ciclo das plantas herbáceas. É permitido fertilizar os campos e enriquecer as faixas entre os terrenos cultivados.

Se durante o último mês do verão se aplicassem os decretos da primavera, os grãos cairiam das espigas; o povo sofreria de constipações e tosses; e muitos deixariam o país. Se se aplicassem os decretos do outono, colinas e vales seriam inundados; o cereal semeado não amadureceria; e haveria muitas calamidades femininas (como abortos espontâneos). Se se aplicassem os decretos do inverno, ventos e frio surgiriam fora de

estação; falcões e gaviões caçariam precocemente; e nas quatro fronteiras do reino as pessoas retirar-se-iam para locais seguros.

O sexto mês rege a Recolha Menor. A sua árvore é a catalpa.

5.7

No primeiro mês do outono, Zhaoyao aponta para *shen* (oeste-sudoeste). A mansão lunar *Concha Dipper* culmina ao entardecer; a mansão *Rede* culmina ao amanhecer. O outono ocupa o oeste. Os seus dias são *geng* e *xin*. A plenitude da Potência está no Metal. Os seus animais são os da classe dos peludos. A sua nota pentatónica é *shang*. O tubo sonoro deste sétimo mês é *Padrão Tranquilo*. O número do outono é nove. O seu sabor é picante. O seu cheiro é rançoso. Os sacrifícios são feitos ao deus das portas. Do corpo da vítima sacrificial, o fígado é oferecido primeiro.

Chegam os ventos frescos, e a geada começa a descer. As cigarras do tempo frio cantam. Os falcões sacrificam aves — isto é usado como sinal para começar a executar criminosos. O Filho do Céu veste roupas brancas. Conduz uma carruagem puxada por cavalos brancos de crina preta. Usa pendentes de jade branco e desfralda uma bandeira branca. Come sementes de cânhamo com carne de cão. Bebe água recolhida dos oito ventos e cozinha com fogo de ramos de cudrania. As damas imperiais do Palácio Ocidental vestem roupas brancas com adornos brancos. Tocam música em sinos metálicos brancos.

A arma do outono é a alabarda. O animal doméstico do outono é o cão. O Filho do Céu realiza a audiência matinal na câmara à esquerda do Modelo Abrangente do Mingtang para promulgar os decretos do outono. Ordena que se localizem os ímpios e os impiedosos, os opressores, cruéis, tirânicos e desumanos, para puni-los, incentivando assim o crescimento do *qi* funesto.

No primeiro dia do outono, o Filho do Céu lidera pessoalmente os Três Patriarcas, os Nove Senhores e os grandes nobres para dar as boas-vindas ao outono no altar dos subúrbios ocidentais. Ao regressar, na corte, recompensa os líderes dos seus exércitos e os soldados. Ordena aos generais e comandantes que seleccionem soldados e afiem as armas, que procurem homens heróicos e valentes, depositando confiança nos que demonstraram feitos. Isto é feito para castigar os injustos e investigar e punir os arrogantes e os negligentes no dever. Esta execução deve estender-se até aos confins do reino.

Ordena-se às autoridades que organizem as leis e regulamentos, reparem as prisões, proíbam a devassidão e eliminem a depravação, julguem os crimes e resolvam disputas legais. O Céu e a Terra tornam-se agora severos; não é permitido agir com brandura.

Neste mês, os agricultores começam a apresentar o grão recém-colhido ao trono. O Filho do Céu prova ritualmente o novo grão e oferece-o como a primeira oferenda sacrificial no santuário interior do templo ancestral. Ordena a todos os oficiais que comecem a recolher o grão dos impostos, que terminem a construção de barreiras e diques, que prestem atenção às margens e taludes para se prepararem para as cheias, que reparem as muralhas da cidade e os muros das fronteiras, e que renovem palácios e mansões. Não se devem conceder títulos nobres, nem nomear altos funcionários, nem oferecer presentes valiosos, nem enviar importantes embaixadas.

Se os decretos deste mês forem observados, os ventos frescos chegarão em trinta dias. Se durante o primeiro mês do outono se aplicassem os decretos do inverno, o *qi yin* seria excessivo; caracóis destruiriam o grão; e guerreiros *Rong* invadiriam. Se se aplicassem os decretos da primavera, o país sofreria seca; o *qi yang* regressaria fora de estação; e os cinco cereais não dariam colheita. Se se aplicassem os decretos do verão, ocorreriam muitos incêndios desastrosos; o frio e o calor não obedeceriam à sua ordem sazonal; e o povo sofreria de febres.

O sétimo mês rege a armaria. A sua árvore é a melia (Chinaberry).

5.8

No segundo mês do outono, Zhaoyao aponta para oeste. A estalagem lunar Líder Boi culmina ao anoitecer; a estalagem Bico de Tartaruga culmina ao amanhecer. O outono ocupa o oeste. Os seus dias são geng e xin. Os seus animais são os da classe dos peludos. A sua nota do sistema pentatónico é shang. O tubo tonal do oitavo mês é o Regulador do Sul. O número associado ao outono é o nove. O seu sabor é o picante. O seu cheiro é rançoso. Os sacrifícios são feitos ao deus da porta. Do corpo da vítima sacrificial, o fígado é a primeira parte a ser oferecida.

Chegam os ventos frescos. Procura-se a chegada dos gansos selvagens. As andorinhas regressam às suas terras de invernada e bandos de aves voam de um lado para o outro. O Filho do Céu veste roupas brancas. Monta numa carruagem puxada por cavalos brancos de crina preta. Usa pendentes de jade branco e ostenta uma bandeira branca. Alimenta-se de sementes de cânhamo com carne de cão. Bebe água colhida dos oito ventos e cozinha com fogo aceso com ramos de cudrania. As damas imperiais do Palácio Ocidental vestem roupas brancas com debruns também brancos.

Tocam música com sinos de metal branco. A arma do outono é a alabarda. O animal doméstico do outono é o cão. O Filho do Céu realiza a sessão matinal da corte na Câmara do Modelo Abrangente do Mingtang. Ordena às autoridades que endureçam todos os castigos. As decapitações e outras penas capitais devem ser aplicadas de forma apropriada, sem excessos nem indulgência.

Se a aplicação das penas não for adequada, a sanção recairá sobre as autoridades responsáveis. Neste mês, os idosos devem ser cuidadosamente atendidos; recebem bancos e bengalas, papas e mingaus, bebida e comida. Ordena aos encarregados dos sacrifícios e orações que vão até aos animais sacrificiais, verifiquem a sua alimentação e grão, examinem a gordura ou magreza, e garantam que têm cor uniforme.

Os funcionários avaliam os animais quanto à sua adequação e cor, examinam a sua qualidade e tipo, medem se são pequenos ou grandes, e determinam se estão imaturos ou totalmente crescidos. Quando se confirma que nenhum deles falha os critérios exigidos, o Filho do Céu sacrifica-os num ritual de exorcismo para acolher o qi do outono. Ele toma um cão e prova ritualmente a sua carne juntamente com sementes de cânhamo, e depois oferece-os como primeiras oferendas no interior do templo ancestral.

Neste mês, é permitido construir muralhas da cidade e fortificações exteriores, estabelecer metrópoles e cidades muradas, escavar canais de irrigação subterrâneos e silos, bem como reparar celeiros e armazéns. Ordena-se também com urgência às autoridades que

cobrem os impostos devidos pelo povo, armazenem legumes e acumulem grandes reservas de todos os tipos de produtos. Os funcionários exortam o povo a semear o trigo de inverno no momento certo. Quem falhar esse momento será punido sem exceção.

Neste mês, o trovão começa a desaparecer. Os animais em hibernação fecham as entradas das suas tocas. O qi mortal do yin começa a tornar-se abundante, e o qi do yang declina dia após dia. A água começa a secar. O dia e a noite têm a mesma duração. O Filho do Céu ordena ao Mestre dos Mercados que calibre corretamente os pesos e medidas, que iguale a balança e os seus pesos, que corrija o peso do jun, do dan e do catty, bem como o volume do peck e do pail.

Ordena aos seus oficiais que regulem as portas alfandegárias e os mercados e que tragam comerciantes e viajantes à capital para importarem bens e riquezas, de modo a promover os assuntos do povo. Vindos das quatro direções e reunindo-se de terras distantes, chegam com riqueza e mercadorias. Nada falta nos mercados e nada se esgota no uso, facilitando-se assim todos os assuntos.

Se, durante o segundo mês do outono, fossem aplicados os decretos da primavera, as chuvas de outono não cairiam, as plantas e árvores floririam fora de época, e o país viveria em temor. Se fossem aplicados os decretos do verão, o país sofreria com a seca, os animais hibernantes não se recolheriam, e os cinco cereais germinariam fora de tempo. Se fossem aplicados os decretos do inverno, surgiriam repetidamente calamidades causadas pelo vento, o trovão que já tinha cessado voltaria a ocorrer prematuramente, e as plantas e árvores morreriam antes do tempo.

O oitavo mês governa os oficiais militares. A sua árvore é a cudrania.

5.9

No último mês do outono, Zhaoyao aponta para xu (oeste-noroeste). A estalagem lunar Vazio culmina ao anoitecer; a estalagem Salgueiro culmina ao amanhecer. O outono ocupa o oeste. Os seus dias são geng e xin. Os seus animais pertencem à classe dos peludos. A sua nota é shang. O tubo tonal do nono mês é Incansável. O número é nove. O sabor é picante. O cheiro é rançoso. Os sacrifícios são oferecidos ao deus da porta. Do corpo da vítima sacrificial, o fígado é o primeiro a ser oferecido.

Os gansos selvagens chegam como hóspedes. Os pardais entram no oceano e transformam-se em amêijoas. Os crisântemos florescem com pétalas amarelas. Os cães selvagens sacrificam pequenos animais e matam aves. O Filho do Céu veste roupas brancas. Monta uma carruagem puxada por cavalos brancos de crina preta. Usa pendentes de jade branco e ostenta uma bandeira branca. Alimenta-se de sementes de cânhamo com carne de cão. Bebe água colhida dos oito ventos e cozinha com fogo feito de ramos de cudrania. As damas imperiais do Palácio Ocidental usam roupas brancas com debruns brancos. Tocam música com sinos de metal branco.

A arma do outono é a alabarda. O animal doméstico do outono é o cão. O Filho do Céu realiza a sessão matinal da corte na câmara de canto à direita da Câmara do Modelo Abrangente. Ordena às autoridades que aumentem ainda mais a severidade dos seus éditos. Ordena a todos os funcionários que garantam que, tanto nobres como plebeus, todos cumpram o seu dever de colher e armazenar os produtos conforme o repouso do

Céu e da Terra. Nada deve ser retirado dos armazéns. Ordena também ao chanceler que, depois de concluídas todas as tarefas agrícolas e recebido o imposto em grão, apresente um relatório das receitas dos cinco cereais. O grão colhido dos campos sagrados é armazenado no celeiro espiritual.

Neste mês, começa a cair a geada, e os diversos artesãos descansam do trabalho. Ordena-se às autoridades que façam um anúncio público: "O frio qi instalou-se definitivamente. A força do povo não o pode suportar. Todos devem permanecer dentro das suas habitações." No primeiro dia ding do mês, os músicos entram no Salão de Estudos para praticar instrumentos de sopro. Realiza-se um grande banquete sacrificial em honra do deus supremo. Os animais sacrificados são provados. O Filho do Céu reúne os Senhores da Terra e os governadores de todos os distritos para que recebam o almanaque com os primeiros dias dos meses do ano seguinte. Entrega aos Senhores da Terra os pesos-padrão leve e pesado para a tributação do povo. O calendário anual para a apresentação de tributos é estabelecido de acordo com a distância do feudo ao domínio real e com a qualidade das terras.

[O Filho do Céu] também os instrui na arte da caça, para que possam praticar o uso das cinco armas. Ordena ao grande cocheiro e aos sete graus de cocheiros auxiliares que preparem as carruagens e içem os estandartes. As carruagens são atribuídas aos nobres conforme o seu posto e dispostas em ordem correta diante do biombo de Estado do soberano. O ministro-supervisor, com o bastão de comando enfiado no cinto, posiciona-se voltado para norte e transmite as instruções aos caçadores. Então, o Filho do Céu, envergando trajes militares com adereços imponentes, empunha o arco e segura as flechas, partindo para a caça. No final da caçada, ordena ao Mestre dos Ritos Sacrificiais que ofereça parte da caça em sacrifício aos deuses das quatro direções.

Neste mês, as folhas das plantas e das árvores amarelecem e caem; de seguida, os seus ramos são cortados e transformados em carvão. As criaturas em hibernação retiram-se ainda mais para o seu esconderijo. As autoridades apressam-se então a julgar e punir, não demorando na execução dos culpados. O Filho do Céu recebe petições daqueles cujos salários e cargos não correspondem ao que lhes é devido, bem como dos que não receberam cuidados e protecção segundo os princípios corretos.

Ordena ao Mestre das Obras que percorra as estradas principais e abra os caminhos que ligam as fronteiras à capital. Neste mês, o Filho do Céu toma um cão, prova ritualmente a sua carne juntamente com sementes de cânhamo, e oferece-os como a primeira oferenda sacrificial na câmara interior do templo ancestral.

Se, no último mês do outono, fossem observados os decretos do verão, o país sofreria inundações e os mantimentos de inverno seriam destruídos. O povo padeceria de doenças respiratórias. Se fossem seguidos os decretos do inverno, o país ficaria assolado por ladrões e bandidos; as fronteiras tornar-se-iam instáveis e o território seria dividido e usurpado. Se fossem aplicadas as regras da primavera, ventos quentes surgiriam fora de tempo, dissipando a energia vital do povo, e batalhões e companhias de tropas levantar-se-iam em rebelião.

O nono mês é governado pelos Senhores da Terra. A sua árvore é a sófora.

No primeiro mês do inverno, Zhaoyao aponta para hai (nortenoroeste). A estalagem lunar Telhado culmina ao anoitecer; a estalagem Sete Estrelas culmina ao amanhecer. O inverno ocupa o norte. Os seus dias são ren e gui. A plenitude da Potência reside na Água. Os seus animais são os da classe dos revestidos (ou blindados). A sua nota pentatónica é yu. O tubo tonal do décimo mês é o Sino Responsivo. O número associado ao inverno é o seis. O seu sabor é salgado. O seu cheiro é pútrido. Os sacrifícios são feitos ao deus do poço. Dos órgãos da vítima sacrificial, os rins são os primeiros a ser oferecidos.

A água começa a gelar. A terra começa a endurecer com o frio. Os faisões entram no oceano e transformam-se em grandes amêijoas. O dragão arco-íris permanece oculto e não é visto. O Filho do Céu veste-se de preto. Monta uma carruagem puxada por cavalos negros. Usa pendentes de jade preto e hasteia uma bandeira preta. Alimenta-se de milho com leitão. Bebe água recolhida dos oito ventos e cozinha com fogo feito de ramos de pinheiro. As damas imperiais do Palácio do Norte vestem roupas pretas com debruns pretos. Tocam música em pedras sonoras.

A arma do inverno é a lança de lâmina larga (partisan). O animal doméstico do inverno é o porco. O Filho do Céu realiza a sessão matinal da corte na câmara de canto à esquerda do Salão Escuro do Mingtang, a fim de promulgar os decretos do inverno. Ordena às autoridades que reinstalem as proibições gerais. É proibido circular fora das muralhas. As portas das cidades e fortificações exteriores são fechadas, e os forasteiros, detidos. As penas são executadas rapidamente e os condenados à morte são executados. Aqueles que abusaram corruptamente dos seus cargos para distorcer a lei são punidos.

5.10

No primeiro dia do inverno, o Filho do Céu lidera pessoalmente os Três Sires, os Nove Senhores e os grandes nobres até ao altar dos subúrbios do norte para dar as boas-vindas ao ano. No regresso, concede recompensas aos descendentes daqueles que morreram ao serviço do soberano e coloca sob a sua protecção as viúvas e os órfãos. Neste mês, ordena ao Mestre das Orações que reze e ofereça sacrifícios aos espíritos para que confirmem a veracidade dos oráculos da carapaça de tartaruga e dos caules de mil-folhas, consultando os trigramas e as fissuras ósseas para prever a sorte ou o infortúnio.

Neste mês, o Filho do Céu começa a usar roupas de pele. Ordena a todos os oficiais que protejam e armazenem cuidadosamente todos os objetos sob sua responsabilidade. Ordena ao ministro-supervisor que proceda à recolha e à armazenagem.

As muralhas das cidades e fortificações exteriores são reparadas, e as suas portas e portões inspecionados. Os ferrolhos e fechos são restaurados, e as chaves e fechaduras devidamente guardadas. Os montes de terra e muros de fronteira são reforçados, e as fortificações fronteiriças reparadas. As defesas dos passos estratégicos são reforçadas, e os desfiladeiros e atalhos bloqueados. São emitidos regulamentos sobre os períodos de luto, e feitas averiguações sobre a qualidade dos caixões interiores e exteriores, as roupas fúnebres e os sudários. As dimensões e alturas dos túmulos e montes funerários são reguladas, para que tanto nobres como plebeus, humildes ou honrados, tenham sepulturas adequadas à sua condição.

Neste mês, o Mestre dos Artífices verifica os resultados dos trabalhos do ano, exibindo os vasos rituais e avaliando a sua conformidade com os modelos prescritos; os de alta

qualidade são oferecidos ao trono. Se algum artífice, por conduta negligente ou maliciosa, produzir objetos falsos ou de má qualidade, será punido segundo a lei. Neste mês realiza-se um grande banquete.

O Filho do Céu reza pelas bênçãos do novo ano. Um grande rito de oração e sacrifício é celebrado no santuário do fundador da linhagem, e é oferecido um banquete geral aos antepassados reais. O Filho do Céu recompensa os agricultores para que possam descansar do trabalho. Ordena aos generais e oficiais militares que ministrem aulas sobre a arte da guerra às tropas, com prática de tiro com arco, condução de carruagens e provas de força. Ordena também ao Superintendente das Águas e ao Mestre das Pescas que recolham os impostos devidos sobre os produtos dos rios, nascentes, lagos e pântanos. Não deve haver desfalque nem cobrança excessiva desses tributos.

Se, no primeiro mês do inverno, fossem aplicados os decretos da primavera, o congelamento da terra não se completaria. O qi da Terra emergiria e espalhar-se-ia, e muitas pessoas abandonar-se-iam ao desalento e perder-se-iam do reino. Se fossem seguidos os decretos do verão, surgiriam muitas tempestades de vento quente. Mesmo no auge do inverno, não faria frio e os animais hibernantes reemergiriam. Se os decretos do outono fossem observados, a neve e a geada não chegariam na época devida. Pequenos conflitos armados irromperiam ocasionalmente e o território seria usurpado e tomado por invasores.

O décimo mês é governado pelo Mestre dos Cavalos. A sua árvore é o sândalo.

5.11

No mês intermédio do inverno, Zhaoyao aponta para zi (norte). A estalagem lunar Muralha do Leste culmina ao anoitecer; a estalagem Plataforma da Carruagem culmina ao amanhecer. O inverno ocupa o norte. Os seus dias são ren e gui. Os seus animais pertencem à classe dos revestidos (blindados). A sua nota pentatónica é yu. O tubo tonal do décimo primeiro mês é o Sino Amarelo. O número associado ao inverno é o seis. O seu sabor é salgado. O seu cheiro é pútrido. Os sacrifícios são feitos ao deus do poço. Dos órgãos da vítima sacrificial, os rins são os primeiros a ser oferecidos.

O gelo intensifica-se. A terra começa a rachar. O pássaro gandan não canta. Os tigres começam a acasalar. O Filho do Céu veste-se de negro. Monta uma carruagem puxada por cavalos pretos. Usa pendentes de jade preto e hasteia uma bandeira preta. Alimenta-se de milho com leitão. Bebe água recolhida dos oito ventos e cozinha com fogo feito de ramos de pinheiro. As damas imperiais do Palácio do Norte vestem roupas negras com debruns pretos. Tocam música com pedras sonoras. A arma do inverno é a lança larga (partisan). O animal doméstico do inverno é o porco. O Filho do Céu realiza a sessão matinal da corte no Salão Escuro do Mingtang.

Ordena às autoridades: “Nenhuma obra relacionada com a terra pode ser realizada, nem se devem abrir salas ou habitações.” Manda reunir o povo e declarar: “Se alguém abrir o que foi encerrado pelo Céu e pela Terra, todas as criaturas em hibernação morrerão; o povo sofrerá doenças e pestilências, e disso advirá a destruição.”

É obrigatório prender ladrões e salteadores e punir os que são depravados, libertinos, mentirosos ou fraudulentos. Proclama-se: “Este é o mês em que nada cresce.” Ordena ao

superintendente dos eunucos que reemita as ordens permanentes do palácio, que inspecione as portas e portões, e que assegure o encerramento de salas e aposentos. Deve haver uma diminuição geral dos assuntos ligados às mulheres.

Também emite ordens ao Mestre Cervejeiro: o milho glutinoso e o arroz devem ser uniformes em qualidade; os bolos de fermento devem estar prontos; a imersão e a cozedura devem ser feitas com limpeza; a água usada deve ser perfumada. Os recipientes de barro devem ser de excelente qualidade, e o fogo bem regulado. Não pode haver qualquer falha ou erro nestes aspetos.

O Filho do Céu ordena ainda que se façam orações aos Quatro Mares, aos grandes rios e aos pântanos ilustres.

Neste mês, se os agricultores tiverem colheitas que ainda não armazenaram nos celeiros, ou animais como gado, cavalos ou outros domésticos que tenham deixado vaguear e se tenham perdido, qualquer pessoa que os apanhe não será processada. Nas montanhas, florestas, pântanos e charnecas, se houver quem possa recolher alimentos silvestres ou capturar ratos e outras presas pequenas, o superintendente das terras incultas deve instruí-los e guiá-los nessas atividades. Quem se aproveitar ou roubar dessas pessoas será severamente punido.

Neste mês, o dia atinge a sua menor duração. O yin e o yang disputam entre si. O Homem Superior jejua e pratica austeridades. A sua habitação deve estar fechada, o seu corpo tranquilo. Abstém-se de música e de relações sexuais, e proíbe-se a si mesmo de sentir luxúria ou desejo. Descansa o corpo e silencia a sua natureza inteira.

Neste mês, os gomos da lichia começam a despontar e a arruda começa a crescer. As minhocas movimentam-se. Os veados de chifres palmados perdem as hastes. As nascentes de água começam a mover-se. Assim, é tempo de abater árvores para lenha e recolher bambu para hastes de flechas. Itens sem utilidade nos escritórios e equipamentos desnecessários são descartados. Torres de portões, pavilhões, portas e portões são reparados com barro, e os muros das prisões são reforçados, contribuindo assim para o fechamento simbólico do Céu e da Terra.

Se, no mês intermédio do inverno, fossem aplicados os decretos do verão, o país sofreria seca. Vapores e nevoeiros espalhar-se-iam, causando escuridão e confusão, e o som do trovão irromperia. Se fossem seguidas as normas do outono, a estação teria chuvas excessivas. Melões e abóboras não amadureceriam. O país experimentaria guerras de grande escala. Se os decretos da primavera fossem aplicados, pragas de insetos e lagartas destruiriam as culturas. Rios e nascentes secariam. O povo sofreria gravemente de doenças ulcerativas.

O décimo primeiro mês é governado pelos guardas metropolitanos. A sua árvore é a jujuba.

5.12

No último mês do inverno, Zhaoyao aponta para chou (nortenordeste). A estalagem lunar Vínculo culmina ao anoitecer; a estalagem Raiz culmina ao amanhecer. O inverno ocupa o norte. Os seus dias são ren e gui. Os seus animais são da classe dos blindados. A sua

nota pentatónica é yu. O tubo tonal do décimo segundo mês é o Grande Regulador. O número do inverno é seis. O sabor é salgado. O cheiro é pútrido. Os sacrifícios são feitos ao deus do poço. Dos órgãos da vítima, os rins são os primeiros a ser oferecidos.

Os gansos selvagens dirigem-se para o norte. As pega-rabudas aumentam os seus ninhos. O faisão macho canta, e as galinhas cacarejam e põem ovos. O Filho do Céu veste-se de preto. Monta uma carruagem puxada por cavalos negros. Usa pendentes de jade preto e hasteia uma bandeira preta. Alimenta-se de milho com leitão. Bebe água recolhida dos oito ventos e cozinha com fogo feito de ramos de pinheiro. As damas imperiais do Palácio do Norte usam roupas pretas com debruns pretos. Tocam música com pedras sonoras. A arma do inverno é a lança. O animal doméstico do inverno é o porco. O Filho do Céu realiza a sessão matinal da corte na câmara do Mingtang, à direita do Salão Escuro.

Ele ordena às autoridades que realizem um grande exorcismo, no qual as vítimas sacrificiais são despedaçadas de todos os [quatro] lados [das muralhas da cidade]. Um boi de barro é colocado [para afastar o qi frio].

[Ele] ordena ao Mestre das Pescarias que inicie a pesca. O Filho do Céu participa pessoalmente [na cerimónia de] disparar às peixe. [Os peixes capturados] são apresentados como primeiras oferendas no templo interior do templo [ancestral]. São emitidas ordens ao povo para que retirem [dos celeiros] os cinco tipos de grãos e aos agricultores para que calculem [os calendários? de] uso das equipas [de animais de tração], para que preparem as suas relhas de arado e se equipem com os instrumentos de cultivo. [Ele] ordena ao mestre da música que realize um grande concerto de instrumentos de sopro e que depois suspenda [qualquer nova execução musical]. [Ele] ordena também aos superintendentes das quatro direções que recolham e organizem lenha para uso nas cerimónias do templo interior do templo [ancestral], bem como lenha e acendalhas para sacrifícios de todo o tipo.

Neste mês, o sol completa [o seu percurso] através das fases [das doze divisões do círculo celeste].

A lua completa o seu ciclo. As estrelas completaram uma revolução completa em torno dos céus. O ano está prestes a recomeçar. São dadas ordens para que os agricultores e o povo descansem, [para que] não sejam mobilizados [para quaisquer obras públicas]. O Filho do Céu reúne os seus ancestrais, os senhores e os grandes oficiais para promulgar os estatutos do reino e discutir as ordenações sazonais, de forma a planear o que será apropriado para o ano vindouro. Ordena ao grande cronista que faça uma lista dos nobres por ordem de hierarquia, atribuindo-lhes os seus [apropriados] contingentes de animais sacrificiais [para o ano seguinte] para uso no culto ao Soberano do Céu Supremo. No arco e nos santuários dos [deuses da] terra e do grão. [Ele] também ordena que os estados [governados por titulares de feudos] com o mesmo apelido [do soberano] forneçam forragem e alimento [para os animais sacrificiais] usados no culto no templo interior do templo [ancestral]. [Ordena ainda a todos, desde] os senhores, cavaleiros e altos funcionários até ao povo comum, que forneçam [artigos para] uso no culto dos sacrifícios às montanhas, florestas e rios ilustres.

Se durante o último mês do inverno se observarem as ordenações do outono, então o orvalho branco desceria demasiado cedo, [e] os animais com conchas sofreriam

deformações; nas quatro fronteiras, as pessoas procurariam refúgio. Se se observarem as ordenações da primavera, as fêmeas grávidas e os jovens sofreriam danos; o país sofreria com muitas doenças intratáveis. Se se perguntasse acerca deste destino, chamar-se-ia "adverso". Se se observarem as ordenações do verão, as cheias causariam ruína no país; a neve sazonal não cairia; o gelo derreteria; e o frio dissipar-se-ia.

O décimo segundo mês rege as prisões. A sua árvore é o castanheiro.

5.13

Existem cinco posições:

O limite extremo da região oriental começa na Montanha da Estela de Pedra, passando pela Terra de Chaoxian e pela Terra dos Gigantes. A leste, atinge o lugar de onde nasce o sol, a terra da árvore Fu [Sang], os campos selvagens das árvores da Terra Verde. Os territórios governados por Tai Hao e Gou Mang abrangem 12.000 li.

As ordenações [do Leste] dizem: Cumpre com firmeza todas as proibições. Abre o que está fechado ou coberto. Penetra até ao extremo em todas as passagens bloqueadas. Estende-te até às fronteiras e passagens. Vagueia para longe. Rejeita o ressentimento e o ódio. Liberta escravos e condenados a trabalhos forçados [por crimes].

Evita o luto e a tristeza. Abstém-te de impor castigos corporais. Abre portas e represas. Proclama uma distribuição [geral] de riqueza [do tesouro público]. Resolve harmoniosamente [qualquer] ressentimento [que possa haver] no exterior. Pacifica as quatro direções. Age com flexibilidade e gentileza. Põe fim à dureza e à força [opressiva].

O limite extremo da região sul começa para lá [= além] [do país] do povo das Portas Viradas a Norte e passa pelo país de Zhuan Xu. Estende-se até às terras selvagens de Fogo Armazenado e Ventos Abrasadores. As regiões governadas pelo Tearca Vermelho e Zhu Rong abrangem 12.000 li.

As ordenações [do Sul] dizem: Enobrece os virtuosos [e] recompensa os meritórios. Demonstra bondade para com os benéficos e excelentes. Ajuda os famintos e sedentos. Eleva os que mostram talento na agricultura. Socorre os pobres e necessitados. Demonstra bondade para com órfãos e viúvas. Lamenta com os enfermos e doentes. Dispensa grandes emolumentos [e] realiza grandes concessões de recompensas. Reabilita linhagens arruinadas. Apoia os que não têm descendência. Enfeuda os nobres. Estabelece [em funções] assistentes dignos.

Os limites extremos da região central estendem-se desde Kunlun a leste, através da região da Montanha da Constância [com dois cumes?]. Aqui é onde o sol e a lua têm os seus percursos. É a nascente dos rios Han e Jiang [= Yangzi]. [Aqui estão] os campos abertos das multidões de pessoas, [as terras] adequadas para os cinco [tipos de] grão. No Portão do Dragão, os rios He [Amarelo] e Qi confluem. [Aqui, Yu, o Grande] retirou terra elevada para represar as águas e traçou as [nove] províncias. [Estes territórios] estendem-se para leste até à Montanha da Estela de Pedra. Os territórios governados pelo Imperador Amarelo e o Soberano da Terra abrangem 12.000 li.

As ordenações [do centro] dizem: Sê imparcial sem inconsistência. Sê esclarecido sem criticar trivialidades. Acolhe, envolve, cobre [e] enriquece como o orvalho, para que não haja ninguém que não esteja ternamente envolto no seio [real]. Sê vasto e generoso, sem interesses privados. Que o governo seja tranquilo, para promover a harmonia. Socorre, nutre e alimenta os idosos e os fracos. Envia condolências às famílias dos mortos, informa-te sobre os doentes, tudo para acompanhar as miríades de criaturas no seu regresso.

Os limites extremos das regiões ocidentais estendem-se desde Kunlun através das Areias Movediças e das Penas que Afundam, para oeste, até ao país dos Três Perigos. [Estendem-se até] à Cidade Murada de Pedra e ao Palácio de Metal [e] aos campos abertos das pessoas que bebem qi e não morrem. Os territórios governados por Shao Hao e Ru Shou abrangem 12.000 li.

As ordenações [do Oeste] dizem: Usa escrupulosamente as leis. O castigo dos culpados deve ser executado. Toma precauções contra ladrões e salteadores. Proíbe a devassidão e a licenciosidade sexual. Emite instruções relativas à colecta geral [dos impostos sobre a colheita]. Regista cuidadosamente todas as colectas [de receitas]. Repara muralhas e fortificações exteriores. Repara e limpa os esgotos. Fecha atalhos e becos; bloqueia canais e valas. Interrompe o fluxo de águas, pântanos, gargantas e vales. Guarda portas e portões. Prepara [com prontidão] armas e armaduras. Escolhe funcionários. Puna os fora-da-lei.

Os limites extremos das regiões do norte estendem-se desde os nove pântanos e os confins de “Esgotar a Névoa do Verão”, para norte até ao Vale Onde as Ordenações Cessam. Aqui encontram-se os campos abertos de frio gélido, gelo acumulado, neve, granizo, geada, saraiva e águas estagnadas, encharcadas e represadas. As regiões governadas por Zhuan Xu e Xuan Ming abrangem 12.000 li.

As ordenações [do norte] dizem: Estende todas as proibições. Fecha firmemente e armazena. Repara [as fortificações das] fronteiras e passagens. Conserta portões e barreiras de água. Proíbe deambular [fora das muralhas da cidade]. Aplica rapidamente os castigos corporais. Executa os condenados à morte. Fecha os portões da cidade e os das fortificações exteriores. Realiza investigações em larga escala sobre forasteiros. Interrompe as comunicações e viagens. Proíbe os prazeres noturnos. Fecha [os aposentos] cedo e abre-os tarde, para conter os lascivos. Se já existirem pessoas lascivas, devem ser detidas e mantidas sob severa vigilância.

O Céu está prestes a completar o seu ciclo: os castigos e execuções devem ser aplicados sem que haja qualquer perdão; mesmo no caso de parentes [reais] de notável venerabilidade, a lei deve ser cumprida na sua totalidade. Não deve haver deslocações por água. Não se deve abrir aquilo que está armazenado. Não deve haver alívio nos castigos.

5.14

[Existem] seis coordenadas:

O primeiro mês da primavera e o primeiro mês do outono são uma coordenada. O mês intermédio da primavera e o mês intermédio do outono são uma coordenada. O último mês da primavera e o último mês do outono são uma coordenada. O primeiro mês do verão e o

primeiro mês do inverno são uma coordenada. O mês intermédio do verão e o mês intermédio do inverno são uma coordenada. O último mês do verão e o último mês do inverno são uma coordenada.

No primeiro mês da primavera, [as colheitas] começam a crescer; no primeiro mês do outono, [as colheitas] começam a murchar. No mês intermédio da primavera, [as colheitas] começam a despontar; no mês intermédio do outono, [as colheitas] começam a ser recolhidas. No último mês da primavera, [as colheitas] estão totalmente crescidas; no último mês do outono, as colheitas são feitas em larga escala. No primeiro mês do verão, [os processos naturais] começam a abrandar; no primeiro mês do inverno, [os processos] começam a acelerar. No mês intermédio do verão, [o dia] atinge o seu máximo comprimento; no mês intermédio do inverno, [o dia] atinge o seu mínimo comprimento. No último mês do verão, o crescimento atinge o seu auge; no último mês do inverno, o declínio atinge o seu auge.

Assim, se o governo falhar nos seus deveres no primeiro mês, os ventos frescos não chegarão no sétimo mês. Se o governo falhar nos seus deveres no segundo mês, o trovão não se ocultará no oitavo mês. Se o governo falhar nos seus deveres no terceiro mês, a geada não cairá no nono mês. Se o governo falhar nos seus deveres no quarto mês, não fará frio no décimo mês. Se o governo falhar nos seus deveres no quinto mês, os animais hibernantes emergirão no décimo primeiro mês.

Se o governo falhar nos seus deveres no sexto mês, as ervas e árvores não perderão as folhas no décimo segundo mês. Se o governo falhar nos seus deveres no sétimo mês, o grande frio não se dissipará no primeiro mês. Se o governo falhar nos seus deveres no oitavo mês, o trovão não será ouvido no segundo mês. Se o governo falhar nos seus deveres no nono mês, os ventos da primavera não cessarão no terceiro mês.

Se o governo falhar nos seus deveres no décimo mês, as ervas e árvores não darão semente no quarto mês. Se o governo falhar nos seus deveres no décimo primeiro mês, haverá granizo e geada no quinto mês. Se o governo falhar nos seus deveres no décimo segundo mês, os cinco [tipos de] grão adoecerão e tornar-se-ão daninhos no sexto mês.

Na primavera, se forem executadas as ordenações do verão, haverá inundações. Se forem executadas as ordenações do outono, haverá [excesso de] água. Se forem executadas as ordenações do inverno, haverá severidade.

No verão, se forem executadas as ordenações da primavera, haverá ventos [excessivos]. Se forem executadas as ordenações do outono, haverá crescimento selvagem da vegetação. Se forem executadas as ordenações do inverno, haverá interrupções [dos processos naturais].

No outono, se forem executadas as ordenações do verão, haverá floração [fora de tempo]. Se forem executadas as ordenações da primavera, haverá brotação [fora de tempo]. Se forem executadas as ordenações do inverno, a colheita estragar-se-á.

No inverno, se forem executadas as ordenações da primavera, haverá fluxos excessivos [de água]. Se forem executadas as ordenações do verão, haverá seca. Se forem executadas as ordenações do outono, haverá nevoeiro.

5.15

Regulação dos padrões:

Para a grande regulação do yin e do yang, existem seis padrões. O Céu é o fio de marcação. A Terra é o nível. A Primavera é o compasso. O Verão é a trave de equilíbrio. O Outono é o esquadro. O Inverno é o peso.

O fio de marcação é aquilo com que as miríades de coisas são demarcadas. O nível é aquilo com que as miríades de coisas são niveladas. O compasso é aquilo com que as miríades de coisas se tornam redondas. A trave de equilíbrio é aquilo com que as miríades de coisas são igualadas. O esquadro é aquilo com que as miríades de coisas se tornam quadradas. O peso é aquilo com que as miríades de coisas são pesadas.

O fio de marcação como padrão:
É reto sem se desviar. É longo e inesgotável. Perdura por muito tempo e não se desgasta. Alcança grandes distâncias sem desvio. Iguala o Céu em Potência. Iguala os espíritos em iluminação. [Por seu intermédio,] aquilo que se deseja pode ser obtido, e aquilo que se abomina pode ser levado à extinção. Desde os tempos antigos até ao presente, não pode haver desvio da sua verdade. A sua Potência inata é vasta e subtil; é ampla e generosa. Por essa razão, o Soberano Supremo toma-o como o ancestral de todas as coisas.

O nível como padrão:
É plano e sem irregularidades, equilibrado e sem incoerência, amplo e generoso, espaçoso e abundante, de modo a ser harmonioso. É flexível e não duro, penetrante mas não ofensivo, fluido e sem obstruções, simples [de utilizar] e puro, profundamente penetrante e [seguindo] um curso ordenado. É abrangente e subtil, mas não lento. O nível torna as coisas perfeitamente planas sem erro; por isso, as miríades de coisas são niveladas. O povo está isento de malícia ou artifícios; o ressentimento e o ódio não surgem. Por isso, o Soberano Supremo usa-o para nivelar todas as coisas.

O compasso como padrão:
Gira sem se repetir. É redondo sem se desviar [do seu curso]. Grande mas sem excesso, amplo e espaçoso, os sentimentos e as ações são ordenados [por ele]. É profundamente penetrante e [procede] num curso ordenado. Abundante! Simples! As cem formas de ressentimento não surgem. O padrão do compasso não erra; dá origem tanto ao *qi* como ao padrão.

A trave de equilíbrio como padrão:
É deliberada mas não atrasada. É imparcial e não provoca ressentimento. Concede, mas não por benevolência. Consola, mas não repreende. Ajusta adequadamente os emolumentos do povo. Prossegue, mas não acumula em demasia. Majestosa! Brilhante! Apenas aqueles [que possuem] Potência agem assim. Alimentando, fazendo crescer plenamente, transformando, criando; as miríades de criaturas florescem abundantemente. Faz com que os cinco [tipos de] grão deem semente, e os campos cercados sejam férteis. O governo [conforme este padrão] não erra; o Céu e a Terra são iluminados por ele.

O esquadro como padrão:
É majestoso e não contrariado. É duro e inquebrável. Aplica-se, mas não provoca ressentimento. [Penetra] no íntimo sem causar dano. É severo e austero, mas não

coercivo. As suas ordenações são executadas sem destruição inútil. Ao matar e golpear, os seus fins são atingidos; o inimigo é levado à submissão. A verdade do esquadro não falha; todas as punições são devidamente cumpridas.

O peso como padrão:
É rápido mas não excessivo. Mata mas não degola. É preenchido até à plenitude. É abrangente e subtil, mas sem lentidão. Inflige destruição às coisas, mas não as escolhe individualmente. Castiga e mata sem perdão. A sinceridade e a fidedignidade são essenciais para ele. A força e a sinceridade tornam-no firme. Purifica a imundície! Castiga o mal! A maldade não pode ser tolerada. Portanto, se se deseja implementar [as políticas] corretas do inverno, [o governante] deve parecer fraco para ser forte, flexível para ser firme. A verdade do peso não falha; por seu intermédio, as miríades de coisas são encerradas.

Na regulação do *Mingtang*, sê tranquilo, tomando o nível como modelo. Sê activo, tomando o fio de marcação como modelo. Para o governo da primavera, adopta o compasso. Para o governo do outono, adopta o esquadro. Para o governo do inverno, adopta o peso. Para o governo do verão, adopta a trave de equilíbrio. Assim, a secura e a humidade, o frio e o calor, chegarão nos seus nós sazonais apropriados. A doce chuva e o orvalho fecundo cairão nos tempos devidos.

SEIS
EXAMINANDO AS OBSCURIDADES

6.1
Nos tempos antigos, o Mestre da Música Kuang tocou a melodia “Neve Branca”, e por causa disso, criaturas espirituais desceram [do céu]; vento e chuva chegaram com violência; o Duque Ping tornou-se impotente e caiu doente; e as terras do estado de Jin avermelharam-se [com a seca].

A Mulher do Povo clamou aos Céus. Trovões e relâmpagos caíram com força; a torre de vigia do Duque Jing desmoronou-se; os seus membros e o seu corpo foram quebrados e cortados; e águas de cheia jorraram do mar.

Ora, o mestre de música cego e a Mulher do Povo eram de estatuto [social] tão humilde como ervas agitadas ao vento; o seu peso [político] era tão leve como penas levadas pelo vento; e, no entanto, concentrando as suas essências e disciplinando as suas intenções, abandonando as suas [obrigações mundanas] e acumulando energia espiritual, subiram, penetrando até ao Céu das nove camadas, despertando e pondo em ação a essência suprema.

Observando-se estas coisas, no que diz respeito aos castigos [enviados pelo] Céu superior:
Mesmo que alguém habite numa vasta solidão ou num vale escuro, numa distância remota ou num esconderijo recôndito, num refúgio de pedra em múltiplas camadas, ou numa barreira de fronteira ou desfiladeiro estreito, não há lugar onde se possa escapar a eles. Isto é claro.

O Rei Wu realizou uma campanha punitiva contra [o tirano] Djou.
Ao atravessar [o Rio Amarelo] no Vau de Meng, as ondas do marquês de Yang fluíram

contra a corrente e chocaram contra [o seu exército].
No vento súbito e na escuridão opaca, homens e cavalos não conseguiam ver-se uns aos outros.
Então, o Rei Wu empunhou um machado de guerra amarelo com a mão esquerda e levantou uma bandeira de batalha branca com a mão direita e, com olhos flamejantes, brandiu-os, dizendo:
“Estou aqui! Quem sob o Céu se atreve a violar a minha vontade?”
Imediatamente os ventos acalmaram-se e as ondas cessaram.

O Duque Luyang encontrava-se envolvido numa difícil [batalha] contra Hann.
À medida que a batalha se intensificava, o sol começou a pôr-se. Ele ergueu a sua alabarda e acenou com ela, e o sol inverteu o seu curso por ele, recuando três alojamentos lunares.

Ora, se preservares intacta a tua natureza e guardares a tua autenticidade, sem causar dano à tua pessoa, quando te confrontares com emergências ou fores oprimido por dificuldades, a tua essência penetrará [para cima] até ao Céu;
Serás como alguém que ainda não começou a emergir do seu Ancestral — como poderias não ser bem-sucedido?

Aquele para quem morte e vida pertencem ao mesmo território, que não pode ser ameaçado — esse único e corajoso guerreiro é o herói dos Três Exércitos.
Esse apenas procura a fama, e ainda assim é capaz, em nome do seu próprio desejo, de ignorar a morte desta forma.
Quanto mais aquele que detém domínio sobre Céu e Terra, que abraça as miríades de coisas, que é amigo da criação e da transformação e que valoriza a harmonia suprema — que se encontra simplesmente vestido na forma humana, que escrutina os Nove e penetra até ao Um, conhecendo assim o desconhecido de modo que a sua mente não tem sequer noção da morte!

Nos tempos antigos, Yong Menzi usou o pranto para conseguir audiência com o Senhor Mengchang.
Tendo sido recebido, ordenou as suas palavras e comunicou as suas ideias, pousando as mãos sobre o peito e irrompendo em canto.
[Enquanto o fazia,] o Senhor Mengchang soluçava e chorava cada vez mais até ficar sem fôlego, com lágrimas a correr copiosamente sem cessar.
[Assim,] quando a Sinceridade Quintessencial toma forma por dentro, exteriormente comunica o luto ao coração dos outros.
[Mas] o Caminho de fazer isto não pode ser transmitido [a outros].

Se um plebeu que, não possuindo a forma do seu governante, tentasse imitar o seu porte, certamente seria motivo de riso para os outros.
Que Bo Juzi fosse capaz de apontar a um pássaro a cem ren de altura [no ar], e que Zhan He conseguisse assustar peixes no meio de um grande abismo, devia-se ao fato de terem alcançado o Caminho da Clareza e Pureza e a Harmonia da Vastidão Suprema.

6.2

Que as coisas nas suas [diversas] categorias respondam mutuamente é algo obscuro, misterioso, profundo e subtil.
O conhecimento não é capaz de avaliá-lo; o raciocínio não é capaz de explicá-lo.
Assim, quando chega o vento de leste, o vinho torna-se límpido e transborda [dos vasos]; quando os bichos-da-seda segregam seda fragmentada, a corda *shang* [de um instrumento de cordas] parte-se.
Algo os estimulou.

Quando se traça uma figura com cinza de juncos, o halo da lua mostra uma lacuna correspondente.
Quando o leviatã morre, aparecem cometas.
Algo os moveu.

Assim, quando um sábio ocupa o trono, abraça o Caminho e não fala, e o seu nutrimento alcança as miríades de pessoas.
Mas quando governante e ministros abrigam desconfiança nos seus corações, aparecem arcos duplos no céu.
As respostas mútuas do *qi* espiritual são de fato subtis!

Assim, nuvens de montanha são como tufo de ervas; nuvens de rio são como escamas de peixe; nuvens de terra seca são como fogo fumegante; nuvens de catarata são como água a borbulhar.
Todas elas se assemelham às suas formas e evocam respostas segundo a sua classe.

O espelho ardente capta fogo do sol; o recipiente quadrado recolhe o orvalho da lua.
De todas as coisas entre Céu e Terra, nem mesmo um astrólogo perito pode dominar todas as suas técnicas.
[Mesmo] uma mão capaz de segurar coisas minúsculas e indistintas não pode agarrar um raio de luz.
No entanto, a partir do que está na palma da mão, pode-se traçar categorias [correlativas] até além do ponto extremo [do cosmos].

[Assim,] o fato de se poderem dispor [estes instrumentos] e produzir água e fogo é resultado do movimento mútuo e responsivo do *yin* e do *yang* do mesmo *qi*.
Foi assim que Fu Tue percorreu os alojamentos lunares do Cesto de Joeirar e da Cauda.

Assim, o *yin* no seu máximo é frio gélido; o *yang* no seu máximo é calor abrasador.
Os dois encontram-se e interconectam-se para gerar harmonia, e assim nascem as miríades de coisas.
Se houvesse apenas machos e nenhuma fêmea, como poderia a transformação criar [algo]?

Isto é o que se conhece como "o argumento que não é falado" e "o Caminho que não é chamado de Caminho".

Assim, para atrair aqueles que estão distantes [isto é, emissários], emprega-se a não-ação; para estimar os que estão próximos, emprega-se a não-interferência.
Mas apenas quem "caminha de noite" é capaz de possuir esta técnica.
Assim, [ele] recolhe os seus cavalos velozes para que apenas façam estrume, e as marcas das suas rodas não precisam de se estender por terras longínquas.

Isto é o que se chama "correr sentado", "tomar banho em terra seca", "escuridão ao meio-dia", "luz brilhante à noite", "derreter breu no inverno", "fazer gelo no verão".

6.3

Aquele que possui o Caminho do Céu não tem motivações privadas naquilo que aceita, nem nas coisas que rejeita.

Aquele que é capaz tem mais do que o suficiente; aquele que é inepto tem em demasia pouco.
Quem está em conformidade prospera; quem se opõe sofre reveses.
É como a pérola do Marquês Sui ou o disco de jade de Mestre He:
Aqueles que o alcançaram tornaram-se ricos; os que o perderam tornaram-se pobres.

O critério do que é obter ou perder é profundo, minucioso, evasivo e obscuro.
É difícil usar o conhecimento para discuti-lo ou explicar por meio de debate.
Como saber que assim é?

Ora, a [erva medicinal] Terraamarela é soberana para curar ossos partidos, e a Erva Doce é soberana para tratar [carne] ferida.
Mas tomar aquilo que serve para os ossos e esperar que cure carne, ou tomar o que é bom para a carne e promovê-lo para os ossos, seria como Wangsun Zhuo, que quis usar uma dose dupla de uma erva usada para tratar paralisia parcial a fim de ressuscitar um homem morto em batalha — pode-se mesmo dizer que perdera o juízo!

Ora, se se aceitar que o fogo pode queimar madeira e usá-lo para fundir metal, isso segue o movimento do Caminho.
Mas se se aceitar que a magnetite pode atrair ferro e se tentar usá-la para atrair telhas, isso seria certamente difícil.
As coisas não podem ser avaliadas apenas pelo seu peso.

Agora, o espelho ardente pode captar fogo [do sol]; a magnetite pode atrair ferro; os caranguejos estragam a laca; e os girassóis inclinam-se para o sol.
[Mas,] mesmo que alguém tenha compreensão iluminada, não é possível explicar porque estas coisas são assim.

Assim, investigações por ouvido e olho não são adequadas para discernir os princípios das coisas; discussões com base na mente e nas suas concepções não são suficientes para distinguir o verdadeiro do falso.
Assim, aquele que usa o conhecimento como base do governo terá dificuldade em manter o seu Estado.
Só aquele que penetra na Harmonia Suprema e que compreende as respostas do natural poderá possuí-lo [isto é, o seu Estado].

Assim, quando o Monte Yao colapsou, o rio Boluo secou.
Quando Ou, o Fundidor, nasceu, a espada Chunjun foi concluída.
Quando [o tirano] Djou agiu sem o Caminho, Zuo Qiang estava ao seu lado.
O Grande Duque serviu ao longo de duas gerações; por isso o Rei Wu conseguiu estabelecer [o seu domínio].

Visto sob esta perspetiva, os caminhos do benefício ou do prejuízo, os portais da calamidade ou da boa fortuna, não podem ser alcançados apenas por procura deliberada.

Ora, a comparação entre o Caminho e a Potência é como a do couro com a pele crua.
À distância parecem próximos; juntos parecem afastados.
Aquele que não alcança o Caminho é como quem observa peixinhos.

Por isso, o sábio é como um espelho: não retém nem acolhe [nada], responde mas não acumula.
Assim, pode passar por dez mil transformações sem sofrer dano.
Afirmar que se o obteve é de fato perdê-lo; então, não o perder será realmente obtê-lo?

6.4

Ora, quando uma pessoa que afina um *se* toca a nota *gong*, outra corda *gong* responde; quando dedilha uma corda *jue*, outra *jue* responde.
Isto é a harmonia das notas semelhantes.
Mas se afinar uma corda de forma excêntrica, de modo que não esteja em acordo com nenhuma das cinco notas, e depois a fizer soar, e todas as vinte e cinco cordas do *se* responderem, então trata-se de um caso em que os sons ainda não começaram a diferenciar-se, mas o soberano de todas as notas já formou a sua presença.

Assim, aquele que penetra na Harmonia Suprema é como alguém entorpecido pelo vinho, que vagueia num torpor doce sem saber de onde veio nem para onde vai.

Simples e suave, ele [desce] o redemoinho; simples e entorpecido, ele [alcança] o seu fim.
É como quem ainda não emergiu do Ancestral.

Isto é o que se chama a Grande Penetração.

6.5

Ora, um dragão *chi* vermelho e um dragão *qiu* verde andavam a vaguear pela Província de Ji.
O céu estava azul, a terra tranquila.
Animais venenosos não apareciam; aves voadoras não os perturbavam.
Entrando num matagal espinhoso, alimentavam-se de ameixas e forragem.
Apreciando o sabor e saboreando a doçura, não se afastavam de um espaço de cem *mou*.
Assim, as cobras e enguias do pântano subestimaram-nos, pensando que não seriam capazes de os enfrentar com sucesso, fosse no rio ou no oceano.

Mas quando [os dragões ascenderam] às nuvens escuras na alvorada pálida, *yin* e *yang* engajaram-se e lutaram.

[Os dragões] desceram com o vento, entrelaçaram-se em rajadas de chuva, cavalgaram as vagas e subiram novamente, movendo Céu e Terra com imponência.
O som do trovão penetrou até ao centro do oceano.

[Então,] as salamandras e enguias do pântano escavaram cem *ren* de profundidade no lodo; ursos pretos e castanhos refugiaram-se nas escarpas das colinas e montanhas;

tigres e leopardos abrigaram-se em cavernas e não ousaram rugir; gibões e macacos tombaram de cabeça e perderam o controlo das árvores e ramos — quanto mais não seriam afetadas simples cobras e enguias do pântano?

A ascensão de uma fénix macho e uma fénix fêmea alcançou tal estado de Potência Suprema que trovão e relâmpago não ocorreram; vento e chuva não surgiram; rios e vales não transbordaram; e ervas e árvores não estremeceram.
Assim, andorinhas e pardais zombavam deles, dizendo que não eram capazes de rivalizar com eles nas disputas entre vigas e traves de telhado.

Dando meia-volta, [as fénix] elevaram-se a uma altura de dez mil *ren*, giraram e voaram além dos quatro mares, passaram pelo Jardim Esculpido de Kunlun, beberam dos rápidos da Coluna Polida, cruzaram as margens do Arco Negro, contornaram os limites da Província de Ji, sobrevoaram suavemente o cume do Monte Duguang, entraram com o sol poente no Vale de Yijie, lavaram as asas no rio da Água Fraca e, ao crepúsculo, recolheram-se na Caverna do Vento.

Durante todo esse tempo, gansos, cisnes e cegonhas estavam, sem exceção, pasmados e escondiam-se, enfiando os bicos nas margens do rio — quanto mais não seriam afetadas simples andorinhas e pardais?

Isto é um caso de se perceberem claramente os rastos de pequenas coisas, mas de se ser incapaz de conhecer as origens dos grandes eventos.

6.6

Nos tempos antigos, quando Wang Liang e Zaofu conduziam carros, mal subiam às bigas e tomavam as rédeas, os cavalos ordenavam-se por si e desejavam cooperar.
Marchavam obedientemente em passo conjunto; puxando com força ou aliviando, agiam como um só.
Os seus corações estavam em sintonia e o seu *qi* harmonioso; os seus corpos tornavam-se cada vez mais leves e coordenados.
Estavam contentes por trabalhar arduamente e felizes por avançar; galopavam como se estivessem prestes a desaparecer.
Moviam-se à direita e à esquerda como [o movimento de] um chicote; circulavam como um bracelete de jade.

Todos os homens daquela era consideravam [Wang Liang e Zaofu] como cocheiros superlativos, mas isso era porque ainda não tinham visto cocheiros verdadeiramente dignos.
Consideremos agora a condução de Qian Qie e Da Bing.
Consideravam rédeas e freios supérfluos, dispensaram os chicotes e lançaram fora as aguilhadas.

Antes que o carro começasse a mover-se, já estava em marcha por si.
Antes que os cavalos recebessem o sinal, já caminhavam por conta própria.
Marchavam como o sol, moviam-se como a lua.
Brilhavam como as estrelas e avançavam como a escuridão.
Corriam como o relâmpago e saltavam como os fantasmas.

Avançando ou recuando, acumulando força ou estendendo-se, não viam o menor obstáculo.

Assim, sem gestos nem apontamentos, sem gritos nem censuras, ultrapassaram os gansos selvagens a voar para a Montanha da Pedra Empilhada, passaram pelas galinhas selvagens a voar para a Montanha Guyu.
O seu galope era como voo; os seus arranques como fios a estalar.

[Era] como cavalgar uma flecha ou montar o vento, como seguir um ciclone e regressar num instante.

Ao amanhecer, partiam de Fusang e punham-se com o sol em Luotang.

Isto era transformar o não-utilizado em utilidade: não se fazia examinando coisas pela razão ou pelo pensamento ou através da habilidade manual.
Sempre que desejos urgentes se formavam no peito [de Qian Qie e Da Bing], os seus espíritos quintessenciais já estavam comunicados aos seis cavalos.
Este era um caso de usar o não-conduzir para conduzir.

6.7

Nos tempos antigos, o Imperador Amarelo governava o mundo. Li Mu e Taishan Ji auxiliavam-no na regulação dos movimentos do sol e da lua, organizando o *qi* do *yin* e do *yang*, delimitando a medida das quatro estações, corrigindo os cálculos dos tubos tonais e do calendário.

Separaram homens de mulheres, distinguiram fêmea de macho [entre os animais], clarificaram o alto e o baixo, classificaram os dignos e os vis; tomaram medidas para que os fortes não oprimissem os fracos, os numerosos não oprimissem os poucos.
As pessoas viviam os seus ciclos de vida completos, sem sofrer morte precoce; as colheitas amadureciam no seu tempo e não eram atingidas por calamidades.

Todos os funcionários eram íntegros e imparciais.
Altos e baixos estavam em harmonia e não se criticavam mutuamente.
As leis e os decretos eram claros e sem confusão.
Os oficiais ajudavam o governante e não se entregavam à lisonja.
Caçadores não invadiam os limites dos campos.
Pescadores não disputavam enseadas.
Nas estradas, as pessoas não guardavam o que era deixado cair por outros; nos mercados, os bens não tinham preços fixos.

As portas das cidades e vilas não se fechavam.
As povoações estavam livres de salteadores e ladrões.
Viajantes humildes partilhavam os seus mantimentos entre si.
Até cães e porcos cuspiam feijões e milho que encontravam no caminho.
E ninguém acalentava pensamentos de conflito no coração.

Por isso, a essência do sol e da lua era luminosa.
As estrelas e os cronogramas celestes não se desviavam das suas órbitas.
Os ventos e as chuvas eram oportunos e moderados.

Os cinco grãos cresciam e amadureciam como deviam.
Tigres e leopardos não rugiam de forma descontrolada.
Aves de rapina não atacavam presas ao acaso.
Fénix voavam acima dos pátios reais.
O *qilin* vagueava pelos subúrbios.
Dragões verdes puxavam a carruagem real, e os Amarelos Voadores estavam recolhidos nos seus estábulos.

Dos vários estados do norte e da terra das Orelhas Penduradas, não havia um só que não enviasse tributo e talentos.
E, no entanto, essa [era do Imperador Amarelo] não alcançou o Caminho do Senhor Fuxi.

Voltando a tempos ainda mais antigos, os quatro pilares estavam quebrados; as nove províncias estavam em ruínas.
O Céu não cobria completamente a terra;
a Terra não sustentava o Céu em toda a sua volta.
Fogueiras ardiam descontroladas e não podiam ser extintas; as águas inundavam vastas extensões e não recuavam.
Animais ferozes devoravam pessoas inocentes; aves predadoras raptavam os idosos e os fracos.

Então, Niiwa fundiu pedras de cinco cores para reparar o céu azul, cortou as pernas da grande tartaruga para as erguer como os quatro pilares, matou o dragão negro para libertar a Província de Ji, e empilhou juncos e cinzas para conter as águas revoltas.

O céu azul foi reparado; os quatro pilares erguidos; as águas drenadas; a Província de Ji pacificada; vermes traiçoeiros extinguiram-se; os inocentes conservaram a vida.
Carregando as [nove] províncias quadradas nas costas e abraçando o Céu,
[Fuxi e Niiwa estabeleceram] a harmonia da primavera e o *yang* do verão, o abate do outono e a contenção do inverno.

As pessoas repousavam com a cabeça bem assente nos travesseiros e dormiam direitas como um fio de marcação.
Tudo o que obstruía o *yin* e o *yang*, tornando-os bloqueados e incapazes de se ligarem, [Fuxi e Niiwa] puseram completamente em ordem.

Quem contrariava o *qi* e, assim, corrompia as coisas; quem, acumulando mantimentos, prejudicava o povo — [esses] foram interrompidos e travados.

Nesse tempo, as pessoas repousavam em tranquilidade, despertavam com prontidão.
Um considerava-se um cavalo; outro, um boi.
Os seus movimentos eram calmos e despreocupados; o olhar, sereno e sem curiosidade.
Na sua ignorância, sabiam tudo o que precisavam saber, mas não sabiam de onde vinha.

Vagueando sem rumo, não sabiam o que procuravam; como autómatos, não sabiam para onde iam.

Nesse tempo, aves e feras, vermes nocivos e serpentes, sem exceção, recolhiam garras e presas.
Guardavam o seu veneno e o seu fel, e nenhum se dispunha a atacar ou morder.

Examinando essas realizações gloriosas, vemos que alcançavam até ao Céu de nove camadas e desciam até aos Torrões Amarelos.
A sua fama ressoava através das gerações; o seu brilho deslumbrava sucessivamente as miríades de coisas.

Montavam o seu carro de trovão, com longos dragões voadores no par interior e dragões *qiu* verdes no par exterior.
Empunhavam os seus incomparáveis emblemas de jade; o tapete em que se sentavam era um diagrama florido; espalhavam nuvens como fios de seda.
Precedidos por dragões *chi* brancos, seguidos por serpentes apressadas, vagueavam sem rumo, errando livremente, guiando um séquito de fantasmas e espíritos.
Subiam ao Céu de nove camadas, prestavam homenagem ao Soberano na Porta Numinosa, e em silêncio e reverência terminavam a sua jornada diante do Grande Ancestral.

Mesmo então, não faziam grande alarde das suas realizações, nem amontoavam louvores sobre os seus nomes.

Guardavam dentro de si o Caminho do Autêntico e seguiam os imperativos do Céu e da Terra.
Como era isso possível?
[Neles,] o Caminho e a sua Potência alcançaram a penetração suprema, e sabedoria e precedentes extinguiram-se.

6.8

Chegando à época de [o tirano] Jie da dinastia Xia, os governantes tinham-se tornado obscurecidos e sem esclarecimento.
O seu Caminho era excessivo e sem contenção; rejeitavam os perdões e punições dos Cinco Soberanos e revogavam as leis e ordenações dos Três Reis.

Como resultado, a Potência Moral Suprema foi obliterada, em vez de publicamente promovida; o Caminho do Soberano foi sufocado, em vez de feito florescer.

A sua condução dos assuntos ofendia o Céu Azul; os seus éditos contrariavam os ritmos das quatro estações.
Primavera e outono afastavam-se das suas harmonias habituais;
Céu e Terra rejeitavam a sua Potência.

Os governantes da humanidade ocupavam os seus postos mas estavam inquietos; grandes senhores ocultavam o seu Caminho e não se pronunciavam.

A multidão de funcionários tomava como padrão os desejos dos superiores e acolhia tudo o que se lhes conformava.
Carne e osso separavam-se e seguiam os seus próprios interesses.
Pessoas depravadas vagueavam em grupos de três e quatro, engendrando conspirações secretas.
Interpunham-se entre governantes e ministros, entre pais e filhos, competindo por recompensas.

Lisonjeavam os seus senhores e imitavam as suas ideias, causando o caos ao povo enquanto promoviam os seus próprios negócios.

Por essa razão, governantes e ministros tornaram-se distantes e já não mantinham relações íntimas; os ossos e a carne afastaram-se e deixaram de estar próximos.
Altares [de terra] bem estabelecidos secaram e racharam; pavilhões de banquete [estatais] estremeceram e desabaram.
Bandos de cães uivavam e entravam em águas profundas; porcos devoravam juncos e dormiam em enseadas de rio.

Belezas despenteavam o cabelo e escureciam o rosto, estragando a sua aparência.
Aqueles com belas vozes enchiam a boca de carvão, mantinham o talento encerrado e não cantavam.

Enlutados não expressavam plenamente o luto; caçadores não obtinham alegria [da caça].

A Velha do Ocidente quebrou o seu adorno de cabelo; o Deus Amarelo suspirava e lamentava.
Aves voadoras recolhiam as asas; animais em corrida tropeçavam.
Montanhas não tinham árvores altaneiras; pântanos não tinham águas represadas.
Raposas e cães-guaxinim retiravam-se para as suas tocas; cavalos e gado dispersavam-se e perdiam-se.
Os campos estavam sem cereal em pé; às margens das estradas não havia taboas nem juncos.
Lingotes de ouro estavam rachados e com cantos quebrados; discos de jade amontoavam-se com a gravação da superfície já apagada.

Usavam tartarugas [para adivinhação] até já não restarem plastrões; dispunham hastes de milefólio e lançavam-nas diariamente.

Chegando a uma era posterior, os sete estados instituíram clãs de governantes não relacionados.
Os vários senhores tomaram controlo das leis, cada um praticando os seus costumes de maneira distinta.
Alianças verticais e horizontais formaram-se entre eles; levantando tropas, confrontavam-se uns aos outros, sitiando cidades e matando indiscriminadamente os seus habitantes.
Derrubavam os que estavam em posições elevadas e punham em risco os pacíficos.

Desenterravam túmulos e espalhavam ossos humanos, alargavam a estrutura dos carros de guerra e erguiam rampas espessas.
Dispensaram o Caminho da Guerra e, entrando facilmente pela Estrada da Morte, enfrentavam inimigos temíveis e saqueavam sem medida.
De cada cem soldados que avançavam, um regressava com vida.
A fama e o renome destes governantes floresciam de forma enganadora.

Tudo isso feito, os robustos e ágeis tornavam-se soldados com armadura e eram enviados para combates a mil *li* de distância ou mais, enquanto os anciãos da casa e os doentes ou fracos ficavam em casa, ansiosos e tristes.
Batalhões de servos e tratadores de cavalos empurravam carros e distribuíam rações.
Os caminhos e estradas eram interminavelmente longos; geadas e neves acumulavam-se

sem fim; as suas túnicas de lã grosseira não eram suficientes.
As pessoas estavam exaustas e os carros caíam aos pedaços.
Com lama até aos joelhos, ajudavam-se uns aos outros ao longo do caminho.
Erguendo a cabeça com bravura, os seus corpos caíam e morriam.

O que se chamava "anexar estados e obter as suas terras" significava, na realidade, cadáveres espalhados às dezenas de milhar e carros destroçados contados às centenas e milhares, com feridos por arcos ou bestas, lanças ou alabardas, flechas ou pedras, apoiando-se mutuamente ao longo dos caminhos.

Assim, o mundo chegou ao ponto de se usarem crânios humanos como travesseiros, alimentarem-se de carne humana, moerem fígados humanos, beberem sangue humano — e tudo isso lhes parecer mais doce do que a carne de gado cevado.
Desde as Três Dinastias, o mundo jamais foi capaz de obter segurança nos seus impulsos naturais e naturezas, nem alegria nos seus hábitos e costumes, nem preservar a duração natural da vida, nem evitar a morte precoce causada pela tirania dos outros.

Por que razão foi assim?

Porque os vários governantes usaram a força para se atacarem uns aos outros, e o mundo foi incapaz de se unir e tornar-se uma só família.

6.9

Chegando ao tempo presente, o Filho do Céu ocupa a sua posição suprema, sustentando o seu governo com o Caminho e a sua Potência, amparando-o com Humanidade e Retidão.

Os que estão próximos ampliam o seu conhecimento; os que estão distantes acolhem a sua Potência Moral.
Com as mãos unidas e uma inclinação, com um gesto de dedo, todos dentro dos Quatro Mares se submetem com respeito.
Primavera e outono, inverno e verão, todos oferecem os seus bens em tributo.
O mundo inteiro funde-se e torna-se um; filhos e netos sucedem-se uns aos outros.
Foi assim que os Cinco Soberanos acolheram a Potência do Céu.

Ora, um sábio não pode criar [um momento oportuno no] tempo.
Mas, quando o tempo chega, ele não o desperdiça.
Promove os que têm capacidade,
afasta os semeadores de calúnias e lisonjas, põe fim ao discurso esperto ou argumentativo, elimina as leis que impõem cortes ou amputações, rejeita assuntos mesquinhos e molestos, evita rastos de boatos, fecha a porta a fações e partidos.

Extirpa o saber e a habilidade convencionais, conforma-se com a Constância Suprema, abandona membros e corpo, minimiza percepção e inteligência, penetra profundamente na obscuridade sem forma, liberta a sua consciência e solta o espírito.
Completamente indiferente, como se lhe faltassem alma etérea e alma material, faz com que todas as coisas regressem às suas próprias raízes — e, assim, segue os passos do Senhor Fuxi e retorna ao Caminho dos Cinco Soberanos.

Ora, como foi que Qian Qie e Da Bing conseguiram alcançar renome mundial na condução de carros sem usarem rédeas ou freios, e como Fuxi e Nüwa conseguiram transmitir a Potência Suprema às gerações futuras sem estabelecerem leis e normas?

Eles realizaram o Vazio Total e a Unidade Pura — e não se intrometeram em assuntos pequenos.

O *Livro de Zhou* diz: "Se tentares apanhar faisões e não conseguires nenhum, ajusta [as tuas técnicas de caça] para se adequarem aos seus hábitos."

Ora, tomemos os métodos de governo propostos por Shen [Buhai], Han [Feizi] e Shang Yang.
Eles propunham arrancar os caules [da desordem] e extirpar as raízes [da desobediência], sem investigar de onde vinham essas qualidades indesejáveis.
Como se chegou a tal ponto?

Impuseram à força os cinco castigos, empregaram mutilações e amputações, e voltaram as costas aos fundamentos do Caminho e da sua Potência — enquanto disputavam sobre a ponta de uma sovela.
Ceifavam o povo comum como feno e exterminavam mais de metade da população.
Cheios de auto-admiração, tomavam-se constantemente como modelo de governo; mas isso era como lançar lenha para apagar um incêndio, ou perfurar o fundo de um barco para estancar um vazamento.

Assim, brotos podem crescer a partir da estrutura de madeira de um poço, não deixando espaço para o balde; e ramos podem crescer do revestimento de madeira de um canal, impedindo a passagem dos barcos. Mas não mais de três meses depois, esses crescimentos estarão mortos. Por que razão é isso assim? São todos crescimentos selvagens, sem raízes próprias.

O fato de o Rio Amarelo fazer nove curvas antes de desaguar no mar, sem que o seu fluxo seja interrompido, deve-se a que [a água] é alimentada [pelo fluxo proveniente do] Monte Kunlun. Mas quando as águas da cheia não encontram saída, espalhando-se amplamente até aos limites da visão, secando-se e tornando-se pântano estagnado depois de dez dias ou um mês sem chuva, é porque recebem apenas um transbordamento e não têm fonte que as alimente.

Isto pode ser comparado com o caso de Yi [o Arqueiro], que pediu o elixir da imortalidade à Rainha Mãe do Ocidente. Heng E roubou-o [dele] e fugiu [com ele] para a lua. Yi ficou abatido e enlutado porque não tinha forma de obter mais. Porquê? Porque não sabia de onde vinha o elixir da imortalidade.

Assim, pedir lume não é tão bom como obter um isqueiro; pedir água não é tão eficaz como perfurar um poço.

SETE
QUINTESSÊNCIA DO ESPÍRITO

7.1

Antigamente, no tempo anterior à existência do Céu e da Terra,
havia apenas imagens, sem formas.
Tudo era obscuro e sombrio, vago e indistinto, sem forma nem contorno, e ninguém conhecia o seu portal.

Havia dois espíritos, nascidos da escuridão, um que estabeleceu o Céu e outro que construiu a Terra.

Tão vastos! Ninguém sabe onde terminam.
Tão amplos! Ninguém sabe onde se detêm.
Então diferenciaram-se no *yin* e no *yang*, separaram-se nas oito direções cardeais.
O firme e o flexível formaram-se mutuamente; as miríades de coisas tomaram então forma.
O *qi* turvo tornou-se criaturas; o *qi* refinado tornou-se humanos.

Por isso, o Espírito Quintessencial vem do Céu; o sistema esquelético vem da Terra.
Quando o Espírito Quintessencial entra pelo seu portal, e o esqueleto retorna à sua raiz, como poderia eu ainda sobreviver?

Por esta razão, os sábios modelam-se segundo o Céu, agem de acordo com as suas respostas autênticas, não se deixam limitar pelos costumes nem seduzir por outros homens.

Tomam o Céu como pai, a Terra como mãe, o *yin* e o *yang* como urdidura, as quatro estações como trama.

Pela tranquilidade do Céu, tornam-se puros.
Pela estabilidade da Terra, tornam-se calmos.
Entre as miríades de seres, aqueles que perdem isto perecem; os que o seguem, vivem.
A tranquilidade e a quietude são moradas da iluminação espiritual; o vazio e o nada são onde reside o Caminho.

Por isso, aqueles que o procuram no exterior, perdem-no por dentro; aqueles que o conservam por dentro, alcançam-no também no exterior.

É como as raízes e os ramos das árvores: nenhum dos milhares de ramos ou dezenas de milhares de folhas existe sem que derive das raízes.

7.2

O Espírito Quintessencial é o que recebemos do Céu; o corpo físico é o que nos é dado pela Terra.
Por isso se diz:
"O Um gera o Dois; o Dois gera o Três; o Três gera as miríades de coisas.
As miríades de coisas carregam o *yin* e abraçam o *yang*, e, através da fusão do *qi*, tornam-se harmoniosas."

Por isso se diz:

"No primeiro mês, ocorre a fertilização.
No segundo mês, desenvolve-se uma massa corporal.

No terceiro mês, forma-se o embrião.
No quarto mês, gera-se a carne.
No quinto mês, formam-se os músculos.
No sexto mês, desenvolvem-se os ossos.
No sétimo mês, o feto toma forma.
No oitavo mês, o feto começa a mover-se.
No nono mês, os movimentos intensificam-se.
No décimo mês, ocorre o nascimento."

Dessa forma, o corpo físico é completado e os cinco órgãos são formados.

Assim, o pulmão regula os olhos; o rim regula o nariz; a vesícula biliar regula a boca; o fígado regula os ouvidos; e o baço regula a língua.

Os órgãos externos estão no exterior; os internos, no interior.
Abrem e fecham, expandem e contraem, e cada um possui os seus condutos e conexões.

Por isso, a redondeza da cabeça é imagem do Céu; a quadratura dos pés é imagem da Terra.
O Céu tem quatro estações, cinco fases, nove regiões e 366 dias.
O ser humano tem quatro membros, cinco órgãos, nove orifícios e 366 articulações.
O Céu tem vento, chuva, frio e calor; o homem tem tomar, dar, alegria e ira.

Assim, o órgão da vesícula biliar corresponde às nuvens; o dos pulmões corresponde ao ar; o do fígado ao vento; o dos rins à chuva; e o do baço ao trovão.
Dessa forma, o ser humano forma uma tríade com Céu e Terra, e a mente é o seu governante.

Por isso, os ouvidos e olhos são o sol e a lua; o sangue e o *qi* são o vento e a chuva.
No sol, há um corvo de três patas; na lua, há um sapo malhado.
Quando o sol e a lua erram nos seus movimentos periódicos, os pirilampos não têm luz, o vento e a chuva não vêm no tempo certo, e surgem ruína e desastres.

Quando as cinco constelações erram nas suas órbitas, províncias e estados enfrentam calamidades.

7.3

O Caminho do Céu e da Terra é imenso e grandioso, e, mesmo assim, deve restringir o seu brilho e conservar a sua iluminação espiritual.
Os ouvidos e os olhos dos seres humanos — como esperar que trabalhem por longos períodos sem repouso?
O Espírito Quintessencial — como esperar que percorra [o corpo] por longos períodos sem alívio?

Por isso, o sangue e o *qi* são os desabrochares do ser humano, e os Cinco Órgãos são a sua essência.

Se o sangue e o *qi* estiverem concentrados nos Cinco Órgãos e [o Espírito Quintessencial] não se dispersar, então o peito e o ventre estarão repletos e os desejos e apetites serão

eliminados.
Quando o peito e o ventre estão plenos e os desejos eliminados, então os ouvidos e os olhos tornam-se claros, e a audição e a visão tornam-se aguçadas.

Quando os ouvidos e os olhos estão claros, e a audição e visão são aguçadas, chamamos a isso "clareza".

Quando os Cinco Órgãos podem ser subordinados à mente e funcionam sem erro, a atenção errante desaparece, e a circulação [do *qi*] não se desvia.

Quando a atenção errante desaparece e a circulação não se desvia, então o Espírito Quintessencial é abundante e o *qi* não se dispersa.

Quando o Espírito Quintessencial é abundante e o *qi* não se dispersa, então estás a agir segundo os Padrões Subjacentes.
Agindo segundo os Padrões Subjacentes, alcanças a equanimidade.
Alcançando a equanimidade, desenvolves consciência penetrante.
Desenvolvendo consciência penetrante, tornas-te espiritual.

Quando és espiritual, com a visão não há nada que não vejas; com a audição, nada que não ouças; com a ação, nada que não completes.

Por isso, a ansiedade e a preocupação não conseguem entrar, e *qi* desviante não consegue infiltrar-se.

Assim, há coisas que procuras fora dos Quatro Mares e nunca encontras, e outras que guardas dentro do teu corpo físico e nunca vês.

Portanto, quanto mais procuras, menos obténs; quanto mais vês, menos compreendes.

7.4

As aberturas da perceção [olhos e ouvidos] são os portais do Espírito Quintessencial.
O *qi* e a atenção são os emissários e servidores dos Cinco Órgãos.

Quando os olhos e ouvidos se deixam seduzir pelas alegrias do som e da cor, então os Cinco Órgãos oscilam e perdem estabilidade.

Quando os Cinco Órgãos oscilam e não são estáveis, o sangue e o *qi* agitam-se e não repousam.
Quando o sangue e o *qi* agitam-se e não repousam, então o Espírito Quintessencial escapa [pelos olhos e ouvidos] e não é preservado.

Quando o Espírito Quintessencial se dispersa e não é retido, então, mesmo que a boa ou má fortuna chegue, mesmo do tamanho de colinas e montanhas, não se tem como reconhecê-la.

Mas se tornares os teus ouvidos e olhos totalmente claros e profundamente penetrantes, sem seres seduzido por coisas externas; se o teu *qi* e a tua atenção forem vazios, tranquilos, serenos e imóveis, e eliminares os desejos e apetites; se os Cinco Órgãos

estiverem estáveis, repousados, plenos e cheios, sem vazamentos de energia; se o Espírito Quintessencial for preservado no interior do corpo e não escapar, então mesmo olhar para além das eras passadas ou mais longe do que o que está por vir — mesmo isso não valeria a pena, quanto mais distinguir entre boa e má fortuna.

Por isso se diz: "Quanto mais longe fores, menos saberás."
Isto significa que o Espírito Quintessencial não pode ser deixado à mercê das coisas externas.

Assim, as cinco cores perturbam os olhos e tornam a visão turva; os cinco sons confundem os ouvidos e tiram-lhes a acuidade; os cinco sabores perturbam a boca e fazem-na perder o paladar; as preferências confundem a natureza e fazem-na voar de coisa em coisa.

Estas quatro coisas são como, comumente, as pessoas do mundo alimentam as suas naturezas.
Mas todas são apenas apegos humanos.

Por isso se diz:
"Os desejos e apetites fazem dispersar o *qi* humano; os gostos e aversões fatigam a mente humana."

Se não os eliminares rapidamente, a tua atenção e *qi* diminuirão dia após dia.

7.5

Por que razão as pessoas comuns não conseguem completar o ciclo pleno da sua vida e morrem jovens ou são executadas antes do tempo?

"É porque atribuem demasiado valor à vida.
Só aqueles que conseguem não fazer da vida uma preocupação conseguem alcançar a longevidade."

O Céu e a Terra giram e interpenetram-se; as miríades de coisas agitam-se e ainda assim formam uma unidade.
Se alguém é capaz de conhecer essa unidade, então não há nada que não se possa conhecer; se não consegue conhecê-la, então nem uma única coisa pode realmente ser compreendida.

Por exemplo: eu vivo no mundo, mas também sou uma coisa dentro dele.
Não sei se as coisas do mundo estão completas por minha causa, ou se só sem mim é que as coisas não estão incompletas.
No entanto, também sou uma coisa, e as coisas relacionam-se entre si.
Uma coisa relaciona-se com outras coisas [por esta unidade subjacente], então por que havemos de ser "coisas" uns para os outros?

Ainda que assim seja, que ganho há no fato de a vida me ser dada?
Que perda há no fato de me ser tirada?

Porque aquilo que nos molda e transforma trata-me como um tijolo por cozer, não tenho forma de o contrariar.
Como posso saber que praticar acupunctura e moxabustão e desejar a vida não é uma ilusão — e que procurar a morte por estrangulamento não é uma bênção?
Talvez a vida seja apenas servidão, e a morte, alívio deste trabalho.

O mundo é vasto — quem o compreende?

7.5

A vida é-me dada, mas não porque eu a procure deliberadamente.
A morte leva-me, mas não porque eu a deseje.
Deseja a vida, mas não lutes por ela.
Detesta a morte, mas não a recuses.
Diminui-a, mas não a desprezes.
Honra-a, mas não te alegres com ela.

Segue a tua dádiva celestial e vive em paz até a desenvolveres por completo.
Em vida, tenho uma forma com sete pés de altura; em morte, ocupo [o espaço de] um caixão de terra.
A minha vida coloca-me entre as coisas com forma; a morte afunda-me no esquecimento do informe.

Assim, pela minha vida, nenhuma coisa se acrescenta à multidão; pela minha morte, a terra não se torna mais espessa.

Como posso, então, saber o que é agradável ou odioso, benéfico ou prejudicial em tudo isto?

A maneira como aquilo que nos molda e transforma toma posse das coisas pode ser comparada à forma como o oleiro molda o barro.
A terra que ele manipula para fazer tigelas e vasos não é diferente da terra antes de ser retirada do solo.
E a terra que resta depois de ele fazer os recipientes, esmagá-los em pedaços e molhá-los até voltarem à sua origem não é diferente da terra que existia nas tigelas e vasos de antes.

As pessoas que vivem à beira de um rio tiram dele água para regar os seus jardins, mas a água do rio não se ressente disso.
As famílias que vivem perto de lagoas poluídas rompem as suas margens e drenam-nas para o rio, mas a água dessas lagoas não se alegra com isso.

Assim, não há diferença entre a água do rio e a água que irriga os jardins, e não há diferença entre a água das lagoas e a do rio.

Por isso, os sábios adaptam-se ao tempo e estão em paz com o seu lugar na vida; conformam-se com a sua era e encontram alegria na sua vocação.

7.6

A tristeza e a alegria são desvios da Potência; o prazer e a ira são excessos do Caminho; a afeição e o ressentimento são grilhões da mente.

Por isso se diz que os sábios:

"Em vida, agem em conformidade com o Céu; na morte, transformam-se com as outras coisas.
Na tranquilidade, partilham da Potência do *yin*; na atividade, acompanham o impulso do *yang*."

Serenos e ilimitados, o seu Espírito Quintessencial não se dissipa nas coisas externas, e o mundo naturalmente se submete a eles.

Assim, a mente é o governante da forma física; o espírito é o tesouro da mente.
Quando a forma física labuta sem descanso, esgota-se; quando a Quintessência é usada sem cessar, esgota-se.

Por isso, os sábios honram-na e estimam-na, e não ousam deixá-la escapar.

O dono do semidisco de jade do clã Xiahou guarda-o numa caixa forte porque é supremamente precioso.
Mas o valor do Espírito Quintessencial não é meramente o de um semidisco de jade.

Por isso, os sábios, baseando-se no Nada, respondem ao Algo e invariavelmente compreendem os Padrões Subjacentes; baseando-se no vazio, aceitam o cheio; e invariavelmente percebem os momentos temporais.

Calmos e imóveis, vazios e tranquilos — assim alcançam o fim da sua vida.

Deste modo, nada lhes é demasiado distante; nada lhes é demasiado próximo.
Abraçando a Potência e harmonizando-se com o que é harmonioso, estão de acordo com o Céu.

Fazem do Caminho o seu limite e da Potência o seu vizinho.
Não fazem da boa fortuna uma prioridade; não fazem da má fortuna uma antecipação.
As suas almas etérea e corpórea repousam na sua morada; a sua Quintessência e espírito são preservados na raiz.
A morte e a vida não os alteram. Por isso, diz-se que são supremamente espirituais.

7.7

Aqueles a quem chamamos os Realizados são pessoas cuja natureza inata se fundiu com o Caminho.

Por isso, possuem-no, mas parecem não ter nada.
Estão cheios, mas aparentam estar vazios.
Estão ancorados na unidade e não conhecem dualidade.
Cultivam o interior e não se preocupam com o exterior.
Iluminam e clarificam a Grande Simplicidade; não agindo, regressam ao Não-Lapidado.

Encarnam o fundamento e abraçam o espírito para vaguear livremente nos limites do Céu e da Terra.
Desimpedidos, vagueiam para lá deste mundo poeirento e erram sem rumo numa vocação sem tarefas.
Sem entraves, não guardam truques nem engenho nas suas mentes.

Assim, a morte e a vida são de fato grandes, mas não os alteram.
Embora Céu e Terra sustentem e nutram, eles não se protegem com isso.
Discernem o que é sem falhas e não se envolvem com as coisas.
Mesmo vendo o caos dos assuntos, são capazes de preservar a sua origem.

Seres assim rejeitam obsessões e medos, e deixam de lado as perceções sensoriais.

A sua atividade mental concentra-se internamente e penetra até harmonizar-se com o Um.
Em repouso, não têm objetivos; em movimento, não estabelecem metas.
Saem sem artifício; regressam com paz.

Os seus corpos são como madeira seca; as suas mentes, como cinzas mortas.
Esquecem os Cinco Órgãos; perdem o enquadramento físico; sabem sem estudar; veem sem olhar; completam sem agir; distinguem sem julgar.

Quando estimulados, respondem; quando pressionados, movem-se; quando inevitável, avançam — como o brilho intenso de uma chama, como a imitação de uma sombra.

Tomando o Caminho como fio condutor, são necessariamente assim.
Abraçando o fundamento da Grande Pureza, não contêm nada, e as coisas não os perturbam.
Vastos e vazios, são tranquilos e sem preocupações.

Grandes pântanos podem arder, mas não os queimam.
Grandes rios podem gelar, mas não os gelam.
Grandes trovões podem abalar montanhas, mas não os assustam.
Grandes tempestades podem obscurecer o sol, mas não os prejudicam.

Por isso, veem pérolas preciosas e jade como se fossem cascalho.
Veem os mais exaltados e favorecidos na corte como se fossem hóspedes errantes.
Veem as belezas Mao Qiang e Xi Shi como se fossem estatuetas funerárias.
Tomam a vida e a morte como uma só transformação e as miríades de coisas como um único todo.

7.8

Eles fundem a sua essência vital com a Raiz da Grande Pureza e vagueiam livremente para além do ilimitado.
Possuem essência vital, mas não a desperdiçam; têm espírito, mas não o usam de forma descuidada.
Identificam-se com a simplicidade do Grande Não-Lapidado e mantêm-se firmes no seio do supremamente puro.

Assim, o seu sono é sem sonhos; a sua sabedoria não deixa vestígios.
A alma corpórea não se afunda; a alma etérea não se eleva.
Ciclam repetidamente do fim ao início, e não podemos saber onde começam nem onde terminam.
Contemplam o lugar onde habita a Escuridão Total e meditam no lugar onde repousa a Claridade Suprema.
Descansam nos reinos dos Desimpedidos e vagueiam pelos campos do Nebuloso.
Em repouso, não têm aparência.
Em lugar, não têm localização.
Em movimento, não têm forma.
Na quietude, não têm corpo.
Estão presentes, mas parecem ausentes.
Estão vivos, mas parecem mortos.
Emergem e entram no Sem-Dimensão e utilizam espíritos-fantasma como seus servidores.
Mergulham no Insondável e entram no Inexistente, para que as suas formas diversas se transformem umas nas outras,

Terminado e começado como um círculo cujo contorno ninguém pode traçar.
É assim que o seu Espírito Quintessencial se aproxima do Caminho; este é o vagar dos Realizados.

7.9

Se resfolegas, inspiras e expiras, expulsas o velho e puxas o novo, praticas o Pendurado do Urso, o Alongamento do Pássaro, o Salpico do Pato, o Salto do Macaco, o Olhar da Coruja e o Encarar do Tigre:

Isto é o que praticam aqueles que nutrem o corpo.
Mas não são práticas daqueles que polem a mente [isto é, os Realizados].
Fazem o seu espírito transbordar, sem perder a plenitude.
Quando, dia e noite, sem dano, trazem a primavera às coisas externas, unem-se e geram as estações dentro da sua própria mente.

Além disso, há aqueles que mortificam o corpo sem prejudicar a mente, e aqueles que cedem a morada [isto é, a mente] sem diminuir a Quintessência.

O pensamento do leproso não é alterado; o corpo do louco não está danificado.

Mas, quando os seus espíritos finalmente fazem a longa viagem, quem terá tempo para pensar no que fizeram em vida?

Assim, mesmo que o corpo desapareça, o espírito nunca se transforma.
Se usares o que não se transforma em resposta às transformações, [mesmo através de] mil alterações e dez mil evoluções, ainda não terás começado a tocar num limite.

O que se transforma regressa ao Informe; o que não se transforma nasce com o Céu e a Terra.

Uma árvore morre porque a sua verdura a abandonou.
Mas poderá aquilo que dá vida a uma árvore ser uma árvore em si?

Analogamente, o que preenche o corpo não é o corpo.

Assim:

Aquilo que dá origem aos seres vivos nunca morre, mas aquilo a que dá origem, morre.
Aquilo que transforma as coisas nunca se transforma, mas aquilo que é transformado, transforma-se.
Se tratares o mundo com leveza, então o teu espírito não terá apegos.
Se minimizares as miríades de coisas, a tua mente não se desviará.
Se igualares a morte e a vida, então a tua mentalidade não será temerosa.
Se tomares todas as alterações e transformações como iguais, então a tua clareza não se obscurecerá.

As massas tomam estas palavras por vazias, mas eu tomo-as como o meu ideal — e demonstro que são verdadeiras.

7.10

A razão pela qual as pessoas encontram prazer em governar é que podem satisfazer os desejos dos sentidos e facilitar o conforto do corpo.

Hoje em dia, as pessoas acham belas as torres altas e os pavilhões elevados, mas Yao não tirou a casca áspera das vigas toscas da sua casa nem adornou as colunas com capitéis.

As pessoas acham encantadoras as raridades estranhas e os sabores exóticos, mas Yao comia milho grosseiro e uma simples sopa de vegetais.

As pessoas acham agradáveis os bordados elaborados e as peles brancas de raposa, mas Yao vestia-se com roupas simples e peles de veado para afastar o frio.

A sua prática de nutrir a natureza consistia em não a sobrecarregar com grandes responsabilidades nem a afligir com desgostos.
Assim, ao transmitir o mundo a Shun, era como retirar um fardo das costas.
Não era apenas uma oferta de cortesia — ele realmente não tinha interesse em governar.

Isto foi o resultado de ele tratar o mundo com leveza.

Yu viajou para sul para inspecionar a região e, ao atravessar um rio, um dragão amarelo ergueu o seu barco sobre as costas.
Cinco pessoas que estavam no barco ficaram tão aterrorizadas que os seus rostos mudavam constantemente de cor, mas Yu riu-se alto e declarou:
"Recebi o Mandato do Céu.
Empenhei todo o meu esforço e trabalhei em nome das miríades de pessoas.
A vida é uma estadia; a morte é um retorno.
Como poderia isto perturbar a minha harmonia?"

Ele olhou para o dragão como se fosse uma lagartixa, e por isso não teve medo nem mudou de cor.

O dragão então baixou as orelhas, ergueu a cauda e fugiu.
A forma como Yu via as coisas graves era, de fato, tratá-las com leveza.

Um xamã espiritual de Zheng examinou a fisionomia de Huzi Lin, viu os sinais [de uma vida curta] e informou Liezi.
Liezi correu a chorar para contar isso ao seu mestre.
Huzi, equilibrando o Céu e a Terra, permaneceu indiferente à ideia e à realidade daquilo, e deixou que o dinamismo [do fôlego] subisse desde os calcanhares.
Do ponto de vista de Huzi, vida e morte eram de fato equivalentes.

Ziqiu tinha vivido cinquenta e quatro anos quando uma lesão o deixou corcunda.
A curvatura da sua coluna era mais alta que a testa; o queixo pressionava contra o peito; as nádegas estavam no topo; o ânus apontava para o céu.
Arrastou-se até ao poço e espreitou-se:
"Espantoso!
Aquele que nos molda e transforma — como me tornou nesta coisa encolhida?"

Isto mostra que, do ponto de vista dele, alterações e transformações eram a mesma coisa.

Assim:

Se examinarmos o Caminho de Yao, logo percebemos quão leve é o mundo.
Se observarmos a mentalidade de Yu, logo percebemos quão insubstancial é o mundo.
Se chegarmos à raiz do ensinamento de Huzi, percebemos quão equivalentes são vida e morte.
Se virmos as ações de Ziqiu, percebemos quão idênticas são as alterações e as transformações.

7.10

Os Perfeitos apoiam-se na coluna inabalável, caminham pela estrada desobstruída, retiram da casa do tesouro inesgotável e estudam com o Mestre imortal.
Não há lugar a que vão sem irem até ao fim.

Não há ponto a que cheguem sem irem mais além.

Viver não é suficiente para ocupar os seus pensamentos.

Morrer não é suficiente para obscurecer o seu espírito.
Agachando-se e esticando-se, olhando para cima e para baixo, abraçam o seu tempo de vida e deleitam-se com as suas voltas e revoluções.

Má e boa fortuna, ganho e perda, mil mudanças e miríades de voltas:

Qual destas seria suficiente para perturbar as suas mentes?
Pessoas assim abraçam a simplicidade, guardam a Essência; como gafanhotos a mudar de casca ou serpentes a largar a pele [deixam este mundo e], vagueiam na Clareza Imensa.

Levemente elevam-se e vagueiam a sós, entrando de súbito no Obscuro.

Nem mesmo a fénix os consegue igualar — quanto menos a andorinha! Poder e posição, honra e recompensa — como poderiam essas coisas ser suficientes para perturbar-lhes a mente?

7.11

Quando Yanzi recebeu uma proposta de pato de Cui Shu, mesmo perante a morte, não alterou o seu sentido de retidão. Zhi e Hua estavam prestes a lutar até à morte, e o senhor de Ju ofereceu-lhes uma grande soma de dinheiro para pararem, mas não mudaram a sua conduta.

Assim:

Yanzi podia ser comovido pela Humanidade, mas não podia ser ameaçado pela força das armas.
Zhi e Hua podiam ser travados pela Retidão, mas não podiam ser corrompidos pelo lucro.

O Homem Superior morrerá pelo que é justo, mas não pode ser levado a valorizar a riqueza e a honra; agirá conforme o que é justo, mas não pode ser levado a temer ameaças de morte.

Pessoas como estas agem apenas segundo o que é justo e não se deixam atrair por bens materiais. Quanto mais ainda aqueles que agem por meio da não-ação!
Yao não considerava possuir o mundo como algo valioso, e por isso pôde transmiti-lo a Shun.
Gongzi Zha não considerava possuir um estado como algo honroso, e por isso cedeu o seu cargo.
Zihan não considerava o jade como riqueza, e por isso não aceitava objetos preciosos.
Wu Guang não considerava a vida como algo a preservar ao custo de abandonar a Retidão, e por isso lançou-se ao fundo.

Deste ponto de vista, a honra suprema não depende de um título; a riqueza suprema não depende de bens.

O mundo é supremo em grandeza, e mesmo assim pode ser dado a outrem.
O teu próprio ser é extremamente precioso, mas pode ser lançado ao fundo.

Para além destas coisas, nada mais merece ser considerado benéfico.
São a estas pessoas que chamamos «desapegadas».
As pessoas desapegadas não valorizam o mundo.
No alto, ao contemplarem os discursos dos Perfeitos, traçam até à origem o significado do Caminho e da sua Potência; cá em baixo, ao examinarem os costumes do seu tempo, acham-nos vergonhosos.
Assim, se compreendermos o significado de Xu You, o «Baú de Metal» e a «Aljava de Pele de Leopardo» serão postos de parte. Jizi de Yanling não aceitou [o governo do] estado de Wu, e por isso aqueles que discutiam litígios de fronteiras deixaram de o fazer. Zihan não se interessava por jade precioso, e por isso os que disputavam contratos sentiram vergonha.
Wu Guang não se deixou corromper pelas seduções do seu tempo, e aqueles que desejavam o lucro mais do que a vida sentiram-se inquietos.

Assim:

Aqueles que não contemplam o Grande Significado não compreendem que a vida não merece ser cobiçada.
Aqueles que não ouviram as Grandes Palavras não compreendem que o império não merece ser valorizado.

Hoje em dia, em aldeias pobres e remotas, as pessoas batem em panelas, tocam em potes e cantam em conjunto, e tomam isso por música. Mas quando ouvem pela primeira vez os ritmos dos grandes tambores cerimoniais e o toque dos grandes sinos cerimoniais, sentem-se de súbito desapontadas e acham vergonhosas as suas panelas e potes.
Coleccionar os Odes e os Documentos, cultivar os estudos literários e, ainda assim, não conhecer o significado do Discurso Supremo [como os confucionistas], é como aqueles que batem em panelas e tocam em potes.
Não se esforçar por obter o império é o grande tambor do estudo.

Honra, posição, riqueza e lucro são aquilo que as pessoas cobiçam. Mas se disseres a alguém para segurar com a mão esquerda um édito para governar o império e com a mão direita cortar a sua própria garganta, nem um tolo escolheria a segunda. Deste ponto de vista, a vida é mais valiosa do que o império.

7.12

Os Sábios comem o suficiente para manter a sua energia vital e vestem-se com o necessário para cobrir o corpo.
Satisfazem as suas respostas genuínas e não procuram mais.
Não possuir o império não diminui a sua natureza; possuir o império não acrescenta à sua harmonia interior.

Possuir e não possuir o império é, para eles, a mesma realidade.

Se oferecesses a alguém todo o celeiro do Monte Ao ou lhe desses toda a água de um rio, ainda que comesse o suficiente para matar a fome e bebesse o bastante para saciar a sede, o que entraria no seu ventre não excederia um prato de comida ou uma concha de bebida.

Assim, os seus corpos estariam saciados, e ainda assim o celeiro do Monte Ao não se veria diminuído; os seus estômagos estariam cheios, e a água do rio não se veria reduzida.

Possuí-los não tornaria maior a sua saciedade, e não os possuir não tornaria pior a sua fome.

Se compararmos isto com alguém que tem os seus potes de bambu com grão e o seu pequeno poço, é a mesma realidade.
Quando alguém está extremamente irado, a sua energia yin desfaz-se, e quando está extremamente feliz, a sua energia yang colapsa.
Grande tristeza destrói o seu interior, e grande medo enlouquece-o.

No entanto, se deixares o pó [da vida quotidiana] e abandonares os apegos, estarás tão calmo como se nunca tivesses deixado o teu Antepassado, e tornar-te-ás vastamente abrangente.
Purifica os teus olhos e não olhes com eles; aquieta os teus ouvidos e não escutes com eles; fecha a boca e não fales com ela; relaxa a mente e não penses com ela.
Põe de parte o brilho da astúcia e retorna à Grande Simplicidade;
Descansa o teu Espírito Quintessencial e deixa de lado a sabedoria e os precedentes.

Então:

Serás despertado, mas parecerás obscurecido;
Estarás vivo, mas parecerás morto.

No fim, retornarás ao fundamento anterior ao teu nascimento e formarás um só corpo com as transformações.
Então, para ti, a morte e a vida serão um só corpo.

7.13

Tomemos agora o exemplo dos trabalhadores recrutados: trabalham com pás e enxadas e carregam terra em cestos às costas até o suor escorrer e a respiração se tornar entrecortada e a garganta secar.
Se puderem descansar um pouco à sombra de uma árvore, sentir-se-ão relaxados e contentes.
Contudo, a sombra profunda no interior de uma gruta de montanha é incomparavelmente melhor do que a sombra sob essa árvore.

Tomemos agora o exemplo de pessoas atormentadas por tumores intestinais: batem no peito, encolhem o ventre, encostam a cabeça aos joelhos, encolhem-se como uma bola e gemem a noite inteira sem conseguir dormir.
Durante esse tempo, se conseguirem um momento de repouso, então os seus pais e irmãos sentir-se-ão felizes e aliviados.
Contudo, o repouso de uma longa noite [de sono] é incomparavelmente melhor do que essa alegria momentânea.

Assim, se souberes da imensidão do cosmos, não te preocuparás com a vida e a morte.
Se conheceres a harmonia de nutrir a vitalidade, não te apegarás ao mundo.
Se conheceres a felicidade de ainda não ter nascido, não temerás morrer.
Se souberes que ser Xu You vale mais do que ser Shun, não cobiçarás as coisas.
Uma parede em pé é melhor depois de cair; quanto melhor teria sido se nunca tivesse sido erguida.
O gelo é melhor depois de derreter; quanto melhor teria sido se nunca tivesse gelado.

Do Nada caminhando para o Algo; do Algo caminhando para o Nada; do início ao fim não há rastos; e ninguém sabe de onde brota.
Sem penetrar o exterior e o interior [do Caminho], quem é capaz de estar sem preferências nem aversões?

O exterior que não tem exterior: isso é supremamente grandioso.
O interior que não tem interior: isso é supremamente precioso.
Se fores capaz de conhecer o grandioso e o precioso, para onde irás sem atingir o fim?

7.14

Os estudiosos superficiais desta era decadente não sabem como alcançar as origens da sua mente e regressar à sua raiz.
Limitam-se a esculpir e polir a sua natureza, a adornar e reprimir as suas respostas genuínas para interagir com os tempos.

Assim:

Quando os seus olhos desejam algo, reprimem-no com medidas;
Quando as suas mentes se alegram com algo, restringem-no com ritos.

Apresam-se em círculos, curvam-se com formalidade, enquanto a carne apodrece e se torna incomestível e o vinho azeda e se torna intragável.
Externamente restringem os seus corpos; internamente castigam as suas mentes.

Prejudicam a harmonia entre yin e yang e constrangem as respostas genuínas da sua natureza ao destino.

Assim, durante toda a vida, são pessoas tristes.

Os que penetram o Caminho não são assim.
Regulam as respostas genuínas da sua natureza, cultivam as técnicas da mente, nutrem-nas com harmonia, agarram-nas através da adequação.
Alegram-se com o Caminho e esquecem o que é vil;
Encontram repouso na Potência e esquecem o que é baixo.
Como as suas naturezas não desejam nada, alcançam tudo o que desejam.
Como as suas mentes não se alegram com nada, não há alegria de que não participem.

Aqueles que não excedem as suas respostas genuínas não permitem que elas sufoquem a sua Potência.
Aqueles que encontram facilidade na sua natureza não permitem que ela fira a sua harmonia interior.

Assim, com os corpos relaxados e a consciência livre, os seus padrões e normas tornam-se modelo para o império.

7.15

Hoje em dia, os letrados confucianos:

Não chegam às fundações do porquê dos seus desejos, mas antes proíbem aquilo que desejam;
Não chegam à origem do porquê das suas alegrias, mas antes restringem aquilo de que gostam.

Isto é como romper a nascente de rios e ribeiros e depois tentar barrá-los com as mãos.
Guiar o povo é como cuidar de feras selvagens.
Se não os trancares em currais fechados, terão corações ferozes; mas se lhes atares os pés para proibir os seus movimentos e ainda desejares que vivam longamente, como será isso possível?

Ora, Yan Hui, Ji Lu, Zixia e Ran Boniu foram os alunos mais brilhantes de Confúcio. No entanto:

Yan Yuan morreu jovem;
Ji Lu foi apanhado e salgado em Wey;
Zixia perdeu a vista; e Ran Boniu tornou-se leproso.

Todos estes discípulos restringiram as suas naturezas, reprimiram as suas respostas genuínas e não alcançaram harmonia nas suas vidas.
Assim, quando Zixia encontrou Zengzi, ora estava magro, ora estava gordo. Zengzi perguntou-lhe a razão. Zixia respondeu: «Quando saía e via os prazeres da riqueza e da honra, desejava-os. Mas quando voltava e contemplava o Caminho dos reis antigos e nele encontrava prazer, os dois sentimentos lutavam entre si na minha mente, e eu emagrecia. Mas quando o Caminho dos reis antigos vencia, eu engordava.»

A partir disto, não se pode dizer que a sua vontade fosse capaz de não cobiçar riqueza e honra ou de não apreciar os prazeres do excesso; foi apenas por restringir a sua natureza e conter os seus desejos que usou a Retidão para se proteger deles.

Apesar de as suas emoções e mentes estarem abatidas e sombrias, e os seus corpos e naturezas estarem constrangidos e exauridos, [essas pessoas] não tiveram alternativa senão forçar-se [a seguir o Caminho confuciano]. Assim, nenhuma delas foi capaz de viver os anos que lhe estavam destinados.

Em contraste, os Perfeitos:

Comem exatamente o que convém aos seus ventres,
Vestem-se precisamente com o que se ajusta às suas formas.
Vagueiam ao relaxar os corpos.
Agem ajustando as suas respostas genuínas [à situação].
Se lhes deixarem o império, não o cobiçam;
Se lhes confiarem as miríades de coisas, não tiram proveito delas.

Descansam no vasto universo, vagueiam pelo país do Ilimitado, sobem ao Tai Huang e montam o Tai Yi.
Brincam com o Céu e a Terra na palma das mãos: como seria possível que pessoas assim engordassem ou emagressem por cobiçarem riquezas?

Assim, como os confucianos são incapazes de impedir que as pessoas desejem, apenas conseguem tentar evitar que sejam satisfeitas; como não conseguem impedir que as pessoas se alegrem com as coisas, só conseguem tentar proibir esses prazeres.

Fazem o mundo temer castigos e não ousar roubar, mas como poderiam fazer com que as pessoas deixassem de ter a intenção de roubar?

7.16

Quando o povo de Yue apanha uma píton, toma-a como uma [valiosa] raridade, mas quando [o povo] do Reino do Meio encontra uma, deita-a fora por a considerar inútil.
Assim, se alguém souber que algo é inútil, mesmo um ganancioso poderá dá-lo com facilidade.
Mas se não souber que algo é inútil, nem mesmo um incorruptível conseguirá renunciar a isso.

Ora, a razão por que os governantes arruínam e destroem os seus estados e famílias, abandonam e renunciam aos altares do solo e dos cereais, perdem a vida nas mãos de outrem e se tornam motivo de riso para o mundo é porque nunca deixaram de agir egoisticamente nem deixaram de desejar [para si mesmos].

A tribo Qiu You cobiçou a oferta de um grande sino e perdeu o seu estado.
O príncipe de Yu ficou obcecado com o disco de jade de Chuiji e foi capturado.
O duque Xian ficou enfeitiçado pela beleza da dama Li e causou o caos em quatro gerações.
O duque Huan ficou embriagado pelos sabores harmoniosos do cozinheiro Yi Ya e não foi sepultado em tempo.
O rei da tribo Hu foi corrompido pelos prazeres das musicistas e perdeu os seus melhores territórios.

Se estes cinco príncipes tivessem ajustado as suas respostas genuínas à situação e renunciado ao que não lhes era realmente necessário, se tivessem tomado os seus interiores como medida e não perseguissem o exterior, como poderiam ter chegado a tais desastres?

Assim:

Na arte do arco, não é a flecha que falha o centro do alvo; é o praticante que não orienta bem a flecha.
Na condução de carros, não são as rédeas que falham em guiar o carro; é o praticante que não as sabe usar bem.

Se souberes que um leque no inverno e roupas de peles no verão nada te servem, então as alterações das miríades de coisas serão como pó ao vento para ti.
Assim, se usares água quente para parar a fervura, ela nunca cessará; mas se realmente conheceres a raiz, basta-te apagar o fogo.

Traduzido por Harold D. Roth

OITO
A TRAMA FUNDAMENTAL

8.1

O reinado da Grande Pureza:

Era harmonioso e obediente, e por isso silencioso e indiferente; substancial e verdadeiro, e por isso simples e despojado; contido e tranquilo, não era excessivo; activo e mutável, não seguia precedentes.
Interiormente, conformava-se com o Caminho; exteriormente, alinhava-se com a Retidão.
Quando se punha em movimento, formava padrões normativos; quando se movia a toda a velocidade, ajustava-se perfeitamente às coisas.

As suas palavras eram concisas e em harmonia com a razão; as suas ações eram simples e em conformidade com os sentimentos.
O seu coração era harmonioso e sem fingimento; a sua gestão dos assuntos era simples e sem ostentação.

Sendo assim, não havia selecção de tempos e dias auspiciosos:

Nem adivinhação por trigramas ou leitura de carapaças,
Nem esquemas sobre onde começar,
Nem discussões sobre onde acabar.
Quando em repouso, parava; quando instigado, movia-se.
Era um só corpo com o Céu e a Terra, e uma só essência com yin e yang.
Na sua unidade, alinhava-se com as quatro estações; no seu brilho, resplandecia como o sol e a lua.
Uno com aquilo que molda e transforma, era [simultaneamente] feminino e masculino.

Sendo assim:

O Céu estendia-se sobre ele com Potência;
A Terra sustentava-o com Música.
As quatro estações não perdiam a sua ordem; o vento e a chuva não desciam com violência.
O sol e a lua, com pureza e clareza, espalhavam a sua luz; os cinco planetas mantinham os seus caminhos e não falhavam nos seus movimentos.

Nesse tempo, a Origem Misteriosa emergiu em luz e espalhou o seu brilho por todo o lado.
A fénix e o qilin apareceram; a mil-folhas e a tartaruga deram presságios.
Desceu orvalho doce.
O bambu brotou em abundância; «amarelo fluente» surgiu [da terra];
a erva vermelhão cresceu.

Os artifícios e falsidades não tinham lugar na mente das pessoas.

Descendo à era do declínio, as pessoas escavaram montanhas em busca de pedras preciosas.
Gravaram metal e talharam jade, forçaram ostras e amêijoas [para obter pérolas], fundiram

bronze e ferro, e as miríades de coisas não foram nutridas por isso.
As pessoas abriram animais prenhes e mataram crias, [por isso] o qilin já não vagueava livre.
Derrubaram ninhos e quebraram ovos, [por isso] a fénix já não voava.
Perfuraram madeira para obter fogo, cortaram madeira para construir terraços, queimaram florestas para fazer campos, drenaram pântanos para apanhar peixe.

Assim, as tartarugas e os dragões já não frequentavam a terra.
[Apesar disso,] os utensílios do povo comum eram insuficientes, [enquanto] os tesouros acumulados [pelos ricos] eram excessivos.

Assim, entre as miríades de coisas, mais frequentemente do que não, calamidades danificavam rebentos e brotos, e ovos e gravidezes não chegavam à frutificação.
As pessoas amontoavam terra para viverem em colinas, fertilizavam os campos para plantar grão, escavavam o solo para fazer poços de água potável, desviavam ribeiros para aumentar a sua utilidade, compactavam a terra para erguer muralhas, capturavam animais selvagens para os domesticar.

[Com isso,] yin e yang tornaram-se torcidos e embaraçados;
As quatro estações perderam a sua [devida] ordem; trovões faziam tombar e partir coisas; granizo caía com violência; vapores nocivos [desciam e] não se dissipavam; e as miríades de coisas morriam prematuramente.

As pessoas desbravavam campos invadidos de ervas para consolidar e cercar terras; ceifavam campos abertos e matagais para fazer crescer rebentos e cereais novos; e havia incontáveis casos de brotos deformados, flores que não desabrochavam e frutos pendentes que morriam [antes do tempo].

Chegou-se então ao ponto em que as pessoas:

Construíram grandes mansões, casas e palácios, com quartos interligados e fileiras de colunas, beirais entalhados e extremidades de vigas, tudo padronizado, polido, esculpido e gravado, com ramos de espinhos retorcidos e sinuosos, com hibiscos e lótus, as cinco cores competindo umas com as outras, fluindo em conjunto ou destacando-se.

Tudo era habilmente concebido com grande perícia, dobrado e contorcido, enrolado em nós, meticulosamente elaborado com grande esforço, tudo segundo instruções, de modo que [mesmo artesãos lendários como] Gongshu e Wang Er não encontrariam falhas na talha, gravação, escultura e ornamento.
Contudo, [mesmo] isso não bastava para saciar os desejos dos governantes dos homens.
Assim, o pinheiro, o cipreste e o bambu florido murchavam e apodreciam no verão; o Yangzi, o Rio Amarelo e os Três Rios esgotavam-se e deixavam de fluir.

As ovelhas dos estrangeiros [pastavam] nos prados; gafanhotos voadores enchiam os campos abertos;
O Céu secava e a Terra fendia-se; a fénix não descia.
Animais selvagens, de garras curvas, dentes nus, com cornos, tornaram-se [ainda mais] ferozes.
O povo comum tinha apenas cabanas de junco como casas, sem lugar onde [os viajantes]

pudessem encontrar abrigo; os que morriam de frio e fome jaziam tão juntos como almofadas sobre esteiras.

Veio então o tempo em que dividiram montanhas e rios, gargantas e vales, para criar territórios e fronteiras.
Contaram a população para dividir as massas por números.
Compactaram terra para construir muralhas e escavaram fossos.
Instalaram dispositivos militares em desfiladeiros e passagens para se prepararem [contra ataques].

Criaram insígnias para os que geriam os assuntos, estipularam regulamentos de vestuário e de posição, distinguiram entre nobre e vil, separaram os dignos dos indignos, codificaram termos de censura e louvor, instituíram recompensas e castigos.

Que armas e armaduras proliferassem, e que contendas e conflitos eclodissem; que o povo comum sofresse extermínio, repressão e desastres; que fossem executados de forma opressiva sem culpa e sofressem punições mutiladoras sem crime — tudo isto foi consequência disto.

8.2

A concórdia e harmonia do Céu e da Terra, as transformações de yin e yang e das miríades de coisas dependem de um único *qi*.
Por esta razão, quando os corações dos altos e dos baixos se tornam distantes uns dos outros, o *qi* ergue-se como vapor; quando governante e ministro não estão em harmonia, os cinco grãos não produzem colheita.

Durante quarenta e seis dias após o solstício de inverno,
O Céu retém as suas respostas e ainda não desce;
A Terra conserva o seu *qi* e ainda não o dispersa.
Yin e yang são armazenados juntos, exalando e inalando como se estivessem submersos em águas profundas.
Abraçam e envolvem [todos] os costumes, consideram as miríades de diferenças [entre as coisas], afastam o que é impróprio e acumulam o que é adequado, assim, em conjunto, mergulhando e embebendo, fermentando e macerando, completam a multiplicidade dos seres vivos.

Por esta razão:

Quando as coisas atrofiadas florescem no outono, quando há trovões no inverno e geadas no verão, tudo isso é gerado por *qi* nocivo.
Com isso, pode-se ver que o Céu e a Terra, o espaço e o tempo, são como o corpo de uma única pessoa, e tudo dentro das seis direções é como a forma de um só ser.

Por essa razão:

Aquele que discerne as naturezas das coisas não se alarma com nada no Céu ou na Terra;
Aquele que investiga presságios auspiciosos não é afectado por fenómenos estranhos.

Assim, o sábio conhece o distante por meio do próximo, de modo que as miríades de diferenciações se tornam unificadas.

8.3

Os antigos tornavam o seu *qi* igual ao do Céu e da Terra; vagueavam numa era de unidade.
Naquele tempo, não havia quem acumulasse vantagens por meio de louvores e recompensas, nem quem fosse intimidado por mutilações e castigos.
O Ritual e a Retidão, a pureza e a modéstia, ainda não estavam estabelecidos; a calúnia e a lisonja, a Humanidade e o desprezo ainda não tinham surgido; e os povos não se tratavam ainda com fraude e opressão, crueldade e exploração — era como se ainda estivessem imersos numa obscuridade turva.

Descendo à era do declínio, [verificou-se que] havia muitas pessoas, mas pouca riqueza; as pessoas trabalhavam até ao limite, mas a nutrição era insuficiente.

Assim nasceram a competição e a contenda, e a Humanidade foi valorizada.
O Homem de Bem e o mesquinho [, contudo,] não eram tratados de modo equitativo.
Os vizinhos formaram grupos e os amigos criaram fações.
Promoveram a falsidade e o engano, cultivaram um espírito de artifício e cálculo, e perderam [as suas] inclinações naturais.

Assim, a Retidão foi valorizada.

Nenhum dos sentimentos do povo associados a yin e yang [isto é, desejos sexuais] estava livre da estimulação do sangue e do *qi*.
Homens e mulheres [por conseguinte] reuniam-se em lugares comuns e conviviam promiscuamente, sem distinção.

Assim, o Ritual foi valorizado.

Os sentimentos instintivos transbordavam e eram mutuamente contraditórios. Não conseguiam conter-se, e por isso tornavam-se desarmónicos. Assim, a Música foi valorizada.

Deste modo, a Humanidade, a Retidão, o Ritual e a Música, embora capazes de salvar [o mundo] da ruína, ainda assim não representam a perfeição do governo abrangente.

A Humanidade pode salvar o povo da contenda;
A Retidão pode salvar o povo dos erros;
O Ritual pode salvar o povo da lascívia;
A Música pode salvar o povo da melancolia.
Quando a iluminação do espírito se estabelece no mundo, então as mentes regressam ao seu estado original.
Quando as mentes regressam ao seu estado original, então a natureza das pessoas torna-se boa.
Quando a natureza das pessoas se torna boa, são seguidas pelo Céu e a Terra e por yin e yang.
A riqueza, então, torna-se suficiente.

Quando a riqueza se torna suficiente, o povo torna-se respeitador; a cobiça, a mesquinhez, a ira e a competição não encontram ocasião para surgir.

Com isso, vê-se que [nessas circunstâncias] não há necessidade de Humanidade e Retidão.

Quando o Caminho e a sua Potência se estabelecem no mundo, então o povo torna-se puro e simples.

Assim, os seus olhos não se fixam na beleza; os seus ouvidos não se deixam atrair pelos sons.

Se houvesse [artistas] sentados em fila a cantar canções ou a saltitar com os cabelos soltos — mesmo que fossem tão sedutores como Mao Qiang ou Xi Shi — [o público] não lhes encontraria prazer; mesmo que as melodias fossem “Asas de Cauda Longa” ou “Marcial”, não lhes achariam alegria.

Mesmo que a lascívia não tivesse limites, tudo se perderia em nada.
Com isso, vê-se que [nessas circunstâncias] não há necessidade de Ritual nem de Música.

Assim:

Quando a Potência declina, nasce a Humanidade;
Quando a conduta falha, estabelece-se a Retidão;
Quando a harmonia se perde, surgem sons e cantigas;
Quando os rituais se corrompem, o comportamento torna-se ostensivo.

Deste modo, se se compreende a iluminação do espírito, pode-se compreender a insuficiência do Caminho e da sua Potência para operar as coisas;
Se se compreende o Caminho e a sua Potência, compreende-se a insuficiência da Humanidade e da Retidão para pôr as coisas em prática;
Se se compreende a Humanidade e a Retidão, compreende-se a insuficiência do Ritual e da Música para regular a conduta.

8.4

Ora, pessoas que dão as costas ao fundamental mas o procuram no periférico, ou que desejam explicar o essencial mas inquirindo detalhes, ainda não estão aptas a participar em discursos que tocam o extremo.

A dimensão do Céu e da Terra pode conhecer-se por meio do esquadro e do gnómon;
Os movimentos das estrelas e da lua podem obter-se pelo calendário e pela observação;
O som do trovão pode aproximar-se com tambores e sinos;
As alterações da chuva e do vento podem conhecer-se por meio de notas e tubos sonoros.

Assim:

Se se pode ver o tamanho de uma coisa, é possível estimar o seu peso;
Se se pode observar o brilho de uma coisa, é possível conhecer as suas obscuridades;

Se se pode ouvir o som de uma coisa, é possível conhecer as suas melodias;
Se se podem examinar as cores de uma coisa, é possível distingui-las.

Mas quanto ao limite da vastidão, nem o Céu nem a Terra o podem conter; quanto ao limite da minúcia, nem a iluminação espiritual consegue compreender-lhe a subtileza.

Quando chegou o tempo em que se estabeleceram os tubos sonoros e o calendário, distinguiram-se as cinco cores, diferenciaram-se as escalas tonais e reconheceu-se o doce e o amargo como sabores, então foi que o Bloco Não-Talhado foi fragmentado e transformado em utensílios.

Quando se estabeleceram a Humanidade e a Retidão, e se reformaram o Ritual e a Música, então a Potência foi descartada, e o artifício foi criado.
Com o nascimento do artifício, a falsa sabedoria começou a impressionar os ignorantes, e os enganos engenhosos a enredar os que ocupavam posições elevadas.

Assim, no mundo havia quem soubesse gerir os assuntos, mas ninguém que fosse capaz de [verdadeiro] governo.

8.5

Em tempos antigos, quando Cang Jue inventou a escrita, o Céu fez chover milho e os demónios choraram toda a noite.

Quando Bo Yi inventou os poços, os dragões ascenderam às nuvens escuras, e os espíritos [fugiram para] a sua morada no Kunlun.

À medida que a sabedoria e a habilidade se tornaram cada vez mais abundantes, a Potência tornou-se cada vez mais escassa.
Assim, nos trípodes de Zhou foi fundida uma imagem de Chui a morder os dedos, significando que grande engenho [em última análise] é incapaz de realizar algo.

Portanto, o governo da Pessoa Perfeita é assim:
A sua mente é coextensiva com o seu espírito; a sua forma física está em sintonia com a sua natureza.
Quando está quieto, incorpora Potência; quando age, modela-se pela penetração.
Segue a sua natureza espontânea e alinha-se com as transformações inevitáveis.
É profundamente não-activo, e o mundo torna-se naturalmente harmonioso;
Está tranquilamente desprovido de desejos, e o povo torna-se naturalmente simples.
Não consulta augúrios para bons presságios, por isso o povo não sofre calamidades.
Não se ira nem é contencioso, por isso há alimento suficiente.
Une e vincula tudo dentro dos Quatro Mares, e os benefícios estendem-se às gerações futuras, mas ninguém sabe quem o fez.

Em vida, não tem nome de família.
Após a morte, não tem título póstumo.
Não acumula riquezas, por isso o seu renome não se estabelece.

Ao conceder, não acumula Potência, e ao receber, não a entrega.
A Potência circula e retorna à sua fonte, e não há ninguém que não esteja pleno dela.

Assim, onde a Potência é pervasiva, o Caminho não pode ser danificado;
O que o conhecimento não pode compreender, a discriminação não pode explicar.

Discriminação sem palavras, o Caminho do Não-Caminho:

Como poderia a penetração chegar lá? Chama-se Armazém do Céu.
Pode-se tirar dele sem o diminuir, verter dele sem o esgotar.

Ninguém sabe de onde vem.
Chama-se Yaoguang.
Yaoguang é a riqueza e provisão das miríades de coisas.

8.6

Quando [o governante] alivia as dificuldades e supre as carências, então nasce a sua fama.
Quando promove o que é benéfico e elimina o que é nocivo, quando pune o desordeiro e proíbe a crueldade, então se estabelece o seu mérito.

Quando uma era está livre de calamidades ou danos, nem mesmo um espírito encontra ocasião para manifestar a sua Potência.

Quando altos e baixos estão [unidos em] harmonia amigável, nem mesmo um digno encontra ocasião para demonstrar os seus méritos.

Na Antiguidade, no tempo de Rong Cheng, as pessoas caminhavam pelas estradas como gansos [em fila única] e organizavam-se em fileiras.
[Confiantemente,] embalavam os bebés e crianças em ninhos de aves, [e] depositavam o grão excedente em montes nos campos [sem que fosse roubado].
Podiam segurar pelas caudas tigres e leopardos, e pisar cobras e pítons [sem sofrerem dano].
Mas não compreendiam como aquilo era possível.

Descendo até ao tempo de Yao, os dez sóis [certa vez] surgiram ao mesmo tempo.
Esterilizaram o grão em pé e os feixes já colhidos, mataram ervas e árvores, e o povo ficou sem alimento.
[Além disso,] Chayu, Nove Gargantas, Tufão, Porco da Colina, Presa Talhante e Cobra Longa causavam todos dano ao povo.
Yao ordenou então a Yi [o Arqueiro] que degolasse Presa Talhante nas várzeas de Chouhua, matasse Nove Gargantas nas margens do rio Xiong, abatesse Tufão nos ermos de Greenhill, lançasse flechas para cima contra os dez sóis e para baixo contra Chayu, cortasse Cobra Longa em duas no lago Dongting e capturasse Porco da Colina na Floresta das Amoreiras.
As multidões ficaram felizes e proclamaram Yao como Filho do Céu.
E assim, pela primeira vez sob o Céu, surgiram estradas e marcos nas planícies e desfiladeiros, em passagens difíceis e terrenos fáceis, próximos e distantes.

No tempo de Shun, Gong Gong agitou as torrentes e [desencadeou] inundações de água, estendendo-se até ao Amoreiral Oco.
A passagem do Portão do Dragão ainda não estava aberta, [e] o dique de Lu ainda não

estava rompido.
O Yangzi e o Huai fluíam como um só; os quatro mares [tornaram-se] uma vasta extensão de água.
O povo subia colinas e montes, trepava árvores.
Shun empregou então Yu para drenar os três rios e os cinco lagos, [e] perfurar a montanha Yujue, abrindo canais para os rios Chan e Jian.
Nivelou a terra e dirigiu as águas, conduzindo-as para o mar de leste.
As águas recuaram e as nove províncias voltaram a estar secas.
As multidões estavam em paz com a sua natureza, e assim consideraram Yao e Shun como sábios.

Avançando até gerações posteriores, surgiram os imperadores Jie e Djou.
Jie construiu o Palácio Giratório e o Terraço de Jade, [com] varandas de marfim e leitos de jade.
Djou fez uma floresta de carne e um lago de vinho; reuniu [para si] toda a riqueza do mundo e exauriu com amargura o trabalho das multidões.
Arrancou o coração de um ministro que o advertiu e rasgou o ventre de uma mulher grávida [para expor o feto].
[Desta forma, Jie e Djou] saquearam o mundo e maltrataram o povo.

Assim, Tang empregou trezentos carros de guerra para atacar Jie a sul de Chao e aprisionou-o no Terraço de Xia.
O rei Wu usou três mil guerreiros armados para destruir Djou em Muye, [e mais tarde] executou-o no Salão da Proclamação.
O mundo tornou-se pacífico e ordenado, e o povo uniu-se harmoniosamente.

Assim, Tang e Wu foram considerados homens de bondade suprema.

Com isso se vê que, para se adquirir a reputação de um digno ou de um sábio, é necessário encontrar-se com as calamidades de uma era desordeira.

Hoje em dia, uma Pessoa Perfeita [que nasce] em meio a uma era caótica, que interioriza a Potência, abraça o Caminho e está cheia de sabedoria inesgotável, [ainda assim precisa de] tapar a boca e conter as palavras.

Consequentemente, muitos [desses seres] morrem sem nunca terem falado, e sob o Céu, ninguém [nem sequer] sabe valorizar esse não-falar.

Assim, o Caminho que pode ser chamado Caminho não é o Caminho duradouro; os nomes que podem ser nomeados não são nomes duradouros.

As palavras escritas em bambu ou seda, ou gravadas em metal ou pedra, para serem transmitidas aos [vindouros], são apenas equivalentes grosseiros.

Os Cinco Imperadores e os Três Reis tinham assuntos diferentes mas as mesmas intenções; caminhos diferentes mas os mesmos destinos.

Mas os estudiosos de tempos posteriores nada sabem sobre como formar um só corpo com o Caminho ou como encarnar plenamente a sua Potência.
Limitam-se a seguir o rasto das coisas já feitas.

Sentam-se uns defronte dos outros com ar solene e falam disso; tocam tambores, entoam cânticos e exprimem-se em dança.
Mas [apesar] dos seus amplos estudos e instrução vasta, não deixam de se iludir.

É como diz o Livro das Odes:

«Ninguém ousa enfrentar um tigre de mãos nuas;
Ninguém ousa atravessar o [Rio] Amarelo sem um barco.»

Todos sabem isto — mas nada mais sabem.

8.7

O imperador encarna o Grande Um;
O rei imita yin e yang;
O líder segue as quatro estações;
O príncipe utiliza os seis tubos sonoros.

Ora, o Grande Um envolve e contém o Céu e a Terra, pesa e oprime as montanhas e os rios, retém ou emite yin e yang, estende-se e arrasta as quatro estações, ata a rede dos oito pontos cardeais e tece a malha das seis direções.

Renova o orvalho e transborda universalmente sem parcialidade; faz voar os insetos de água e mover os seres que se contorcem; nada há que não dependa dele e da sua Potência para viver.

Yin e yang sustentam a harmonia do Céu e da Terra e moldam as formas físicas das miríades de diversidades.
[Retêm] o *qi* e transformam as coisas para completar os géneros das miríades de categorias.
Estendem-se e recolhem-se, enrolam-se e desenrolam-se.
Afundam-se no insondável, terminam e recomeçam [novamente] no vazio e na plenitude, girando no que não tem origem.

As quatro estações:
Nascimento na primavera,
Crescimento no verão,
Colheita no outono,
Armazenamento no inverno.

Para obter e conceder, há tempos apropriados; para sair e entrar, há medidas.
Abrindo e fechando, expandindo e contraindo, não se desviam da sua ordem própria; alegria e ira, dureza e maleabilidade, não se afastam dos seus princípios.

Os seis tubos sonoros são vida e morte, recompensa e castigo, concessão e privação.
Tudo o que seja de outro modo carece do Caminho.

Por isso, presta atenção à balança e ao peso, ao nível e ao cordel de marcação; examina o leve e o pesado.

Isto é suficiente para governar dentro dos limites de um estado.

Assim, aquele que encarna o Grande Um discerne as respostas verdadeiras do Céu e da Terra e penetra nos padrões do Caminho e da sua Potência.

O seu brilho abrangente deslumbra como o sol e a lua; a sua essência e espírito penetram as miríades de coisas.
O seu movimento e repouso estão em sintonia com yin e yang; a sua alegria e ira harmonizam-se com as quatro estações; a sua Potência Moral e magnanimidade estendem-se para além das fronteiras; a sua fama e reputação passam às gerações vindouras.

Aquele que imita yin e yang tem Potência comparável à do Céu e da Terra, e brilho como o do sol e da lua; a sua essência é tão abrangente como a dos fantasmas e espíritos.

Usa a redondez como chapéu e a quadratura como calçado; abraça o gnómon e segura firmemente o cordel de marcação.
Internamente, é capaz de governar a sua pessoa; externamente, é capaz de conquistar os corações das pessoas.
Quando promulga éditos e emite ordens, não há ninguém no mundo que não as cumpra.

Aquele que segue as quatro estações é maleável mas não frágil, firme mas não quebradiço, tolerante mas não negligente, exigente mas não opressor.

É liberal, gentil, responsável e indulgente no modo como nutre as multidões de seres; na sua Potência Moral, é magnânimo com os simples e tolerante com os desviantes; está isento de parcialidade.

Aquele que usa os seis tubos sonoros acalma a desordem e proíbe a violência; promove os meritórios e rebaixa os indignos.

Sustenta os fiáveis para criar ordem; afasta os traiçoeiros para gerar paz; corrige os tortuosos para restaurar a retidão.

Discernindo o Caminho das proibições e dos perdões, das aberturas e dos fechos, confia na oportunidade e utiliza o poder das circunstâncias para conquistar os corações do povo.

Se um imperador apenas encarnar yin e yang, [o seu trono] será usurpado.
Se um rei apenas se modelar pelas quatro estações, [o seu território] será tomado.
Se um líder apenas se regular pelos seis padrões, será desonrado.
Se um príncipe negligenciar o nível e o cordel de marcação, será erradicado.
Se alguém de pequena estatura realizar grandes feitos, os resultados serão turbulentos, inconsistentes e desagradáveis.
Se alguém grande se ocupar de assuntos pequenos, os resultados serão estreitos, apertados e pouco harmoniosos.
Se o nobre e o vil não perderem as suas [próprias] formas, então o mundo será devidamente governado.

8.8

O Céu ama a sua [própria] essência;
A Terra ama as suas [próprias] propriedades;
As pessoas amam as suas [próprias] respostas instintivas.

As qualidades essenciais do Céu são o sol, a lua, as estrelas, os planetas, os trovões, os relâmpagos, o vento e a chuva.
As propriedades da Terra são a água, o fogo, o metal, a madeira e a terra.
As respostas instintivas das pessoas são o pensamento, a previsão, a compreensão [auditiva], a clareza [visual], a alegria e a ira.

Assim, se alguém:

Fechar os Quatro Portões [da percepção] e pôr fim às Cinco Extravagâncias, então será imerso no Caminho.

Portanto:

Quando a iluminação do espírito está armazenada no Informe, e o *qi* Quintessencial retorna à genuinidade suprema, então os olhos são claros, mas não são usados para ver; os ouvidos são abrangentes, mas não são usados para ouvir; a boca é eloquente, mas não é usada para falar; e o coração é ordenado e penetrante, mas não é usado para pensar e planear.

[Nessas circunstâncias,] há responsabilidades mas não ações intencionais, atos harmoniosos mas sem vanglória.

Há uma expressão verdadeira das respostas instintivas invocadas pela natureza e pelas circunstâncias vitais [do governante], de modo que nem a sabedoria nem os precedentes o conseguem confundir.

Quando a essência vital flui para os olhos, a visão é clara;
Quando está presente nos ouvidos, a audição é abrangente;
Quando reside na boca, a fala é adequada;
Quando se concentra no coração, os sentimentos são apropriados.

Assim, quando se fecham os Quatro Portões, no fim o corpo não sofre adversidade; as cem articulações não conhecem doença.

Não há nem morte nem nascimento;
Nem vazio nem plenitude.

Isto é o que se chama a Pessoa Verdadeira.

8.9

De modo geral, a desordem nasce da indolência pródiga.

As origens da indolência pródiga são cinco:
[Levantar] grandes vigas e estruturas de traves;
Construir palácios e salões;
Edifícios de pátio, torres com andares e passadiços cobertos;
Aviários e casas de poços;
Com pilares e pranchas de madeira frutífera;
Tudo encaixado em apoio mútuo;
Obras-primas de carpintaria hábil;
Esculpidas em torções e espirais;
Repletas de entalhes e polimentos exuberantes;
Adornadas com padrões invulgares e ondas espiraladas;
[Com decoração] que pinga, flutua, ondula, se dissipa;
Castanha de água e carvalho-anão a entrelaçarem-se e a envolverem-se;
Extensas, profusas, desordenadas, fecundas;
Astutamente artificiais, ligadas em confusão aparente;
Cada [efeito] excedendo o anterior:

Tal é a indolência pródiga baseada na madeira.

A profundidade de tanques e lagos escavados;
A distância de diques e represas alinhadas;
O curso de [riachos] desviados por gargantas e vales;
A estreiteza dos canais ornamentais em ziguezague;
O empilhamento de lajes de pedra e o espalhar de rochas para traçar fronteiras e assentar passadeiras;
A colocação de barreiras e redutores nos rápidos furiosos para agitar as ondas encrespadas; a criação de ângulos e corredeiras, curvas e meandros para imitar os rios de [Fan]yu e [Cang]wu; o incremento do plantio de lótus e castanhas-d'água para alimentar tartarugas e peixes, cisnes, gansos e guarda-rios, alimentados com arroz e sorgo restantes; barcos-dragão com proas esculpidas como aves aquáticas, levados pela brisa, apenas por puro prazer:

Tal é a indolência pródiga baseada na água.

Altas muralhas e fortificações de terra batida, plantações de árvores [como barreiras] em passagens e desfiladeiros; a imponência de belvederes e postos de observação elevados; a vastidão de jardins extravagantes e parques murados, cuja visão satisfaz todo desejo e maravilha; a altura de imponentes torres-portão que ascendem até às nuvens e ao azul celeste; grandes mansões erguendo-se em patamares sucessivos, rivalizando com a altura do Kunlun; a construção de muros de barreira e cercas, a criação de redes de estradas, o nivelamento de colinas e o preenchimento de depressões, o empilhamento de terra para formar montes — tudo em nome de facilitar o acesso a longas distâncias; o alisamento das estradas através de planícies e colinas, para que [os condutores] possam galopar e correr sem cessar, sem [medo de] tropeços ou quedas:

Tal é a indolência pródiga baseada na terra.

Grandes sinos e trípodes, belos e pesados utensílios, gravados por toda parte com motivos florais e reptilianos, todos torcidos e entrelaçados, com rinocerontes reclinados e tigres agachados, dragões enrolados entrelaçando-se; intensamente brilhantes e

confusamente artificiais, ofuscantes, faiscantes, emaranhados, exuberantes, intrincados, [com] entalhes em grelha e inscrições gravadas, [com] ornamentação polida e talhada; espelhos decorados em liga de estanho, ora escuros, ora reluzentes, polidos minuciosamente, sem qualquer falha; padrões de geada e embutidos profundos, lembrando trama de bambu, cestaria ou redes, ou embrulhos de brocado, regulares ou irregulares, com numerosas linhas, cada uma distinta:

Tal é a indolência pródiga baseada no metal.

Fritar, cozer, assar, grelhar — a busca de misturar, equilibrar e harmonizar [sabores], tentando captar cada combinação de doce e ácido à maneira de Jing e Wu; queimar florestas para caçar, alimentar fornos com troncos inteiros, soprar através de tubos e bombear com foles para fundir bronze e ferro que fluem com exuberância até endurecerem no molde, sem considerar um único dia suficiente para a tarefa.

As montanhas ficam desnudadas das árvores imponentes;
As florestas são despojadas de cudrania e catalpas;
Os troncos são assados para fazer carvão; a relva é queimada para fazer cinza, [de modo que] campos abertos e pradarias ficam brancos e estéreis, sem produzirem vegetação na estação própria.
Em cima, os céus ficam obscurecidos [pela fumaça];
Em baixo, os frutos da terra são extinguidos:

Tal é a indolência pródiga baseada no fogo.

Destas cinco, [mesmo] uma só é suficiente para que [um governante] perca o controlo do mundo. Por esta razão, na Antiguidade, ao construir-se o Mingtang, fazia-se com que, em baixo, o lodo e a humidade não subissem pelas paredes; em cima, o nevoeiro e o chuvisco não penetrassem no edifício; e de todos os lados, o vento não entrasse.

As paredes de terra não eram ornamentadas;
A carpintaria não era esculpida;
Os encaixes metálicos não eram decorados.

A roupa [era feita] com cantos e costuras por aparar; os chapéus eram concebidos sem enfeites nem dobras elaboradas.

O *Mingtang* era suficientemente amplo para o movimento daqueles que arranjavam os rituais; suficientemente calmo e limpo para os sacrifícios aos deuses superiores e para as cerimónias dirigidas aos espíritos e divindades.

Isto servia para demonstrar ao povo conhecimento, simplicidade e frugalidade.

8.10

Ora, sons, cores e os cinco sabores, coisas preciosas e estranhas vindas de países distantes, coisas extraordinárias, diferentes e surpreendentes são suficientes para causar alterações e perturbações no coração e na vontade, agitar e desequilibrar a essência e o espírito, e incitar o sangue e o *qi* de tal forma que se torna impossível controlá-los.

Ora, as formas pelas quais o Céu e a Terra produzem as suas manifestações não excedem, no essencial, cinco.
O sábio adere aos cinco modos de conduta, e assim o seu governo não se torna desordenado.

Regra geral, a natureza humana [é tal que], quando o coração está em harmonia e os desejos são satisfeitos, há alegria.
A alegria dá origem ao movimento;
O movimento gera passos;
Os passos geram agitação;
A agitação dá origem ao canto;
O canto dá origem à dança.

Se há dança, [até] os animais e aves saltitam.

A natureza humana [é tal que], quando o coração abriga tristeza ou luto, surge o pesar.
O pesar origina o lamento;
O lamento provoca sentimentos exacerbados;
Os sentimentos exacerbados geram ira;
A ira dá origem ao movimento;
O movimento torna inquietos mãos e pés.

A natureza humana [é tal que], quando [o coração] abriga [sentimentos de] afronta ou insulto, surge a raiva.
Com a raiva, o sangue torna-se pleno;
Quando o sangue se torna pleno, o *qi* agita-se;
Quando o *qi* se agita, a raiva manifesta-se externamente;
Quando a raiva se manifesta, há algum alívio dos sentimentos.

Assim:

Sinos e tambores, flautas e pífaros, escudos e machados de guerra, plumas e estandartes com cauda de boi — tudo são meios de expressar alegria.
Vestuário de linho grosseiro, panos de cabeça não alveados, bastões de luto, lágrimas, gestos agitados e restrições [de conduta] — tudo são meios de expressar tristeza.
Armas e couraças de couro, plumas e estandartes com cauda de boi, tambores metálicos, machados de combate e alabardas — tudo são meios de expressar raiva.

Primeiro deve haver a substância interior [da emoção];
Só então pode haver expressão exterior.

8.11

«Nos tempos antigos, quando os reis-sábios ocupavam o trono, o governo e a instrução eram equitativos; a humanidade e o amor estavam harmoniosamente combinados.

Altos e baixos estavam unidos em espírito; o soberano e o ministro eram amigáveis e concordantes entre si. As roupas e os alimentos eram abundantes; as famílias forneciam às pessoas o necessário. Os pais eram compassivos e os filhos, piedosos; os irmãos mais velhos eram carinhosos e os mais novos, obedientes; em vida não havia ressentimento; na morte, não havia arrependimento.

O mundo era harmonioso e em concordância, e o povo obtinha aquilo que desejava.

As pessoas estavam felizes umas com as outras, mas sem meios de expressar essa felicidade e de a partilhar.

Por isso, os sábios criaram os rituais e a música para harmonizar e regular as pessoas.

No governo das eras posteriores, a caça e a pesca eram fortemente tributadas; os portais e os mercados sofreram aumentos acentuados nas taxas; o uso das zonas húmidas e das pontes foi impedido e proibido. Não havia lugar para lançar redes e armadilhas; não havia proveito em usar enxada e arado. A força do povo era exaurida pelo trabalho forçado; a sua riqueza e bens essenciais eram consumidos para pagar impostos.

Os residentes não tinham o que comer; os viajantes não tinham provisões; os idosos não eram cuidados; os mortos não eram sepultados.

As esposas eram prostituídas e as crianças vendidas para satisfazer as exigências dos superiores, mas nem assim conseguiam cumprir com elas.

Homens simples e mulheres comuns ficavam com o coração em tumulto e os ânimos doentes e entristecidos.

Nessas circunstâncias, fazer soar os grandes sinos, bater os tambores retumbantes, soprar flautas e órgãos de boca, dedilhar qin e se, seria deitar fora o fundamento da própria música.

Nos tempos antigos, as exigências dos superiores eram leves, e as necessidades do povo estavam satisfeitas.

Os príncipes concediam a sua Potência Moral; os ministros cumpriam amplamente o dever da lealdade. Os pais comportavam-se com compaixão; os filhos superavam-se em piedade filial. Cada um alcançava o grau apropriado de afecto, e não havia entre eles sentimentos de ressentimento. Os três anos de luto não eram impostos à força, mas cumpriam-se mesmo assim, de modo que as pessoas ouviam música mas não se alegravam, comiam iguarias mas não as achavam doces;

Permaneciam atentos às recordações dos falecidos e eram incapazes de deixar de pensar neles.

Nas eras posteriores, os hábitos dissiparam-se e os costumes tornaram-se depravados.

Os desejos e apetites proliferaram; o Ritual e a Retidão foram erradicados. Soberanos e ministros enganavam-se mutuamente; pais e filhos desconfiavam uns dos outros. A ira e o rancor preenchiam todos os peitos; os espíritos reflexivos haviam desaparecido por completo. Aqueles que vestiam roupas de luto e atavam panos de cabeça por descolorar brincavam e riam no meio do luto.

Apesar de cumprirem os três anos completos, rejeitavam o princípio fundamental do luto.»

8.12

Nos tempos antigos, o Filho do Céu possuía o seu domínio real, e os Senhores da Terra tinham cada um os domínios que correspondiam ao seu posto; cada qual cuidava da sua parte, e nenhum era autorizado a usurpar a do outro. Se havia alguém

Que não seguia o Caminho régio,
Que era cruel e opressivo para com as massas,
Que lutava por terras e tentava usurpar territórios,
Que perturbava o governo e violava as proibições,
Que, ao ser convocado para a corte do rei, não comparecia,
Que, ao receber ordens, não as executava,
Que, ao ser proibido, não se continha,
Que, ao ser admoestado, não se corrigia, então o Filho do Céu levantava um exército e saía para o punir, executava o príncipe, eliminava os seus partidários, encerrava os seus túmulos ancestrais, sacrificava nos altares da terra, e depois escolhia, por adivinhação, um dos seus filhos ou netos para o substituir.

Mas nas eras posteriores, os governantes esforçavam-se por ampliar as suas terras e invadir o território de outros, formavam alianças incessantemente, levantavam exércitos por causas injustas e empreendiam expedições punitivas contra inocentes; matavam pessoas inocentes e cortavam as linhagens dos antigos sábios.

Os grandes países partiam para atacar os outros; os pequenos erguiam fortificações para se defenderem.

Esses governantes confiscavam os bois e cavalos do povo, capturavam os seus filhos e filhas, destruíam os templos ancestrais, saqueavam os seus tesouros pesados, de tal forma que rios de sangue corriam por mil *li*, e esqueletos brancos pelo sol cobriam as terras selvagens.

Satisfazer os desejos de senhores gananciosos — assim não devem ser utilizados os exércitos.

O propósito dos exércitos é punir a crueldade, não cometer crueldades.

O propósito da música é gerar harmonia nas relações humanas, não promover a devassidão.
O propósito do luto é consumar o pesar, não criar algo meramente superficiais.

Assim:

Há um Caminho para servir os parentes próximos, e o amor é o meio principal de os servir.

Há substância nos rituais de presença na corte, e o respeito é a sua expressão mais elevada.

Há rituais para a realização do luto, e a dor é a sua qualidade essencial.
Há técnicas para o uso das armas, e a Retidão é o seu fundamento.
Se o fundamento estiver estabelecido, então o Caminho pode ser posto em prática; se o fundamento for corrompido, então o Caminho será abandonado.

Tradução de John S. Major

NOVE
AS TÉCNICAS DO SOBERANO

9.1

As técnicas do soberano consistem em estabelecer uma gestão não-activa e executar instruções sem palavras.

Silencioso e tranquilo, ele não se move; nem por um grau se desvia; adaptável e obediente, confia nos seus subordinados; dedicado e eficaz, não se afadiga.

Assim:

Embora a sua mente conheça as normas, os seus sábios transmitem os discursos do Caminho; embora a sua boca possa falar, o seu séquito proclama as suas palavras; embora os seus pés possam avançar, o seu mestre-de-cerimónias lidera; embora os seus ouvidos possam ouvir, os seus oficiais oferecem admoestações.

Portanto:

As suas considerações não têm esquemas errados;
Os seus empreendimentos não contêm erros.
As suas palavras são tomadas como escritura e verso;
A sua conduta serve de modelo e régua para o mundo.
O seu avançar e recuar seguem as estações;
O seu movimento e repouso obedecem a padrões apropriados.
Os seus gostos e aversões não se baseiam em fealdade ou beleza;
As suas recompensas e punições não se baseiam em prazer ou ira.

Cada nome nomeia-se a si próprio; cada categoria categoriza-se a si mesma.
Os assuntos emergem da natureza das coisas; nada procede dele próprio.

Assim, os reis da Antiguidade usavam toucados com fios de pérolas à frente para tapar a visão e tampões de seda nos ouvidos para obstruir a audição.
O Filho do Céu rodeava-se de biombos para se isolar.

Portanto:

Aquilo em que o soberano se modela está longe,
Mas aquilo em que se apoia está perto;
O que utiliza para se governar é grandioso,
Mas o que preserva é pequeno.

Agora:

Se os seus olhos olhassem sem contenção, haveria prodigalidade;
Se os seus ouvidos escutassem sem critério, haveria ilusão;
Se a sua boca falasse sem controlo, haveria desordem.

Não se pode deixar de guardar cuidadosamente estas três portas.

Se se deseja regulá-las, isso é, na verdade, afastar-se delas;
Se se deseja embelezá-las, isso é, de fato, prejudicá-las.

9.2

O *qi* celeste torna-se a tua alma etérea; o *qi* terrestre torna-se a tua alma substancial. Devolve-os ao seu lugar misterioso, para que cada um resida onde lhe é próprio.

Preserva-os e não os percas, para que, no alto, comuniques com o Grande Uno, pois a essência do Grande Uno comunica com o Céu, e o Caminho do Céu é misterioso e silencioso, sem forma nem padrão.

O limite do Céu não pode ser alcançado; a sua profundidade não pode ser sondada.

Ainda assim, transforma-se em conjunto com os humanos, embora o conhecimento não o possa captar.

9.3

Nos tempos antigos, quando o Agricultor Divino governava o mundo,
O seu espírito não irrompia do seu peito;
A sua sabedoria não ultrapassava os quatro lados do seu corpo.

Preservava o seu coração humano e sincero.

Chuvas suaves caíam no tempo devido;
Os cinco cereais multiplicavam-se e prosperavam.
Na primavera havia nascimento, no verão crescimento; no outono, colheita; no inverno, armazenamento.
Inquiria mensalmente e investigava segundo as estações; quando a colheita findava, relatava os feitos aos antepassados.

Cada estação provava as ofertas de cereal e sacrificava aos antepassados no Mingtang.

A construção do Mingtang era tal que tinha telhado mas não paredes.
O vento e a chuva não o assaltavam; o frio e o calor não o afectavam.

Avançava devagar e hesitante para dentro do salão.
Nutria o povo com espírito público; o povo, por sua vez, era simples e estável, reto e sincero.
Não se envolviam em lutas raivosas, mas os bens eram suficientes.
Não sobrecarregavam os corpos, mas completavam as suas realizações.
Aproveitavam os dons do Céu e da Terra e viviam em harmonia e unidade com eles.

Por isso:

A sua presença imponente era severa mas não exercida;
as suas punições existiam mas não eram aplicadas; as suas leis eram comedidas e descomplicadas.

Assim, a transformação que [o Agricultor Divino] operava no povo era como a dos espíritos.
O seu território estendia-se a sul até Jiaozhi e, a norte, até às Montanhas Youdu.
A leste alcançava o Vale do Nascer do Sol e, a oeste, chegava à Montanha dos Três Perigos.

Não havia ninguém que não o seguisse. Naquele tempo, a lei era generosa e as punições brandas; as prisões e masmorras estavam vazias e desertas.

Em todo o mundo, os costumes eram únicos, e ninguém abrigava malícia no coração.
O governo na era do declínio já não era assim.

Os de cima amavam o saque e não conheciam limites; os de baixo eram rapaces como lobos e não cediam.
O povo, empobrecido e sofredor, lutava com fúria; os assuntos consumiam a sua energia sem nada alcançarem.
A esperteza e o engano proliferavam; o roubo e o saque prosperavam às claras.
Os de cima e os de baixo ressentiam-se mutuamente; as leis e ordens não tinham valor.
Os oficiais detinham autoridade mas não assumiam a responsabilidade de retornar ao Caminho; pelo contrário, contrariavam a raiz e embelezavam os ramos.
Diminuíam e reduziam as recompensas e reforçavam e aumentavam os castigos, esperando assim governar bem.
Isto não é diferente de pegar numa besta e chamar um pássaro, ou brandir um pau e aproximar-se de um cão — a desordem apenas aumentará.

9.4

Quando as águas estão turvas, os peixes ofegam à superfície; quando o governo é severo, o povo torna-se desordeiro.

Assim, quem cria tigres, leopardos, rinocerontes e elefantes, dá-lhes recintos e jaulas, satisfaz os seus desejos, alimenta-os adequadamente — e mesmo assim, os animais guardam grande raiva e não vivem o seu ciclo normal, porque vivem sob coação.

Assim:

Quando os de cima têm muitos esquemas astutos, os de baixo tornam-se muito enganadores.
Quando os de cima têm muitos assuntos para tratar, os de baixo inventam muitas falsidades.
Quando os de cima estão aflitos e inquietos, os de baixo ficam perturbados.
Quando os de cima têm muitos desejos, os de baixo lutam mais entre si.

Não corrigir a raiz e tratar apenas os ramos é como espalhar terra para deter uma tempestade de pó ou trazer lenha para apagar um incêndio.

Assim fazem os sábios:

Os seus empreendimentos são comedidos e, por isso, fáceis de gerir;
os seus desejos são poucos e, por isso, facilmente satisfeitos.
Não dão e, no entanto, são humanos;
não falam e, no entanto, são dignos de confiança.
Não procuram e, no entanto, alcançam;
não agem e, no entanto, têm sucesso.

Simples como um torrão de terra, preservam a Genuinidade, abraçam a Potência e manifestam a Sinceridade.
O mundo segue-os como o eco responde ao som ou a sombra imita a forma que a projeta, porque aquilo que cultivam é a raiz.
Punições e castigos não bastam para modificar os hábitos; execuções e mutilações não bastam para eliminar a maldade.

Só a transformação espiritual é digna de apreço.
A essência, no seu ponto extremo, é espírito.
Um grande grito pode ser ouvido, no máximo, a cem passos, mas a vontade humana pode estender-se por mil *li*.
O sol do inverno e a sombra no verão — todos os procuram, mas ninguém os cria.

Assim, a aparência da Essência Suprema
não é chamada, mas vem por si mesma;
não é despedida, mas parte por si mesma.
É obscura e sombria; não sabemos quem a fez.
As suas realizações realizam-se por si.

Os sábios não podem discorrer sobre ela; os analíticos não a podem descrever.

9.5

Há muito tempo, Sunshu Ao dormia tranquilamente, e os homens de Ying não tinham motivo para usar armas. Yiliao de Shi’nan fazia malabarismos com projéteis de besta e,

embora as duas casas (a do Duque Bo e a de Zixi) enfrentassem dificuldades, ninguém conseguia contestar a recusa de Yiliao.

Armaduras de couro e metal, olhares beligerantes e punhos cerrados — que inadequados são como defesa contra armas e espadas!

Rolos de tratados, tecidos de seda, punições mutiladoras e machados de carrascos — quão frágeis são como meios para sair de dificuldades!

Confiar apenas nos olhos para ver ou depender apenas das palavras para comandar — é difícil governar assim.

Quando Qu Boyu era primeiro-ministro, Zigong foi visitá-lo e perguntou: "Como governas um país?" Ele respondeu: "Governo-o não governando."

O Visconde Jian, de Zhao, querendo atacar Wey, enviou o escriba An para fazer um reconhecimento. Ele regressou e relatou: "Qu Boyu é o primeiro-ministro. Ainda não podemos enviar tropas."

Como poderiam fortalezas robustas e desfiladeiros íngremes ser tão eficazes como homens como estes?

Assim:

Gao Yao, que era mudo, serviu como ministro da justiça, e não havia punições cruéis no mundo. Possuía qualidades de valor superior à fala.

O Mestre de Música Kuang, que era cego, serviu como grande tutor, e o estado de Jin não conheceu desordem no governo. Possuía qualidades mais valiosas do que a visão.

Assim:

As ordens que não dependem de palavras e a visão que não depende da vista são aquilo que faz de Fuxi e do Agricultor Divino os nossos mestres.

9.6

A transformação do povo não decorre do que [o soberano] diz, mas do que ele faz.

Assim:

O Duque Zhuang de Qi gostava de bravatas e não permitia que ninguém discutisse com ele sobre combates. Por isso, o seu estado enfrentou muitas dificuldades, e o seu declínio culminou na rebelião de Cui Zhu.

O Rei Qingxiang de Chu era dado ao desejo carnal e não aceitava que se comentassem os seus hábitos. Por isso, o povo caiu em desordem, e isso culminou no caso de Zhao Qi.

Os movimentos da Essência Suprema são como o poder gerador do *qi* da primavera e o poder destruidor do *qi* do outono.

Nem mesmo uma carruagem de estafeta ou um cavalo a galope poderiam alcançar esse alcance. Assim, um soberano é como um arqueiro: se ao disparar a seta o alvo estiver um pouco fora de mira, o erro será grande. Por isso, o soberano é extremamente cuidadoso na forma como suscita resposta.

9.7

Rong Qiji dedilhou o *qin* uma única vez, e Confúcio rejubilou durante três dias com a sua harmonia.

Zou Ji tocou uma nota no *qin*, e o Rei Wei de Qi passou a noite melancólico, comovido pela tristeza do som.

Tocando *qin* e *se*, e dando forma às notas, é possível tornar outros tristes ou alegres. Mas ao proclamar leis e instituir recompensas, não se consegue modificar os hábitos nem mudar os costumes, pois o coração não é comovido com sinceridade.

Quando Ning Qi cantou, debaixo do carro, uma canção no modo *shang*, o Duque Huan de Qi suspirou e compreendeu subitamente — e fê-lo alto funcionário. Quão profundamente a Essência Suprema penetra o humano!

Assim se diz:

«Se ouves o som da música, conheces os costumes do lugar de onde ela surge; se vês os costumes, reconheces as suas transformações.»

Confúcio estudou música com o Mestre Xiang e, através disso, compreendeu a vontade do Rei Wen de Zhou. Isso porque, ao observar o subtil, conseguia conhecer o óbvio.

Jizi de Yanling, ao ouvir a música de Lu, reconheceu os costumes das dinastias Shang e Xia. Avaliando o que estava próximo, percebia o que era distante.

Aquilo que foi criado na mais alta antiguidade e transmitido há mil anos não foi extinto. Isto é especialmente verdadeiro no que diz respeito àquilo que transforma o povo na era presente.

9.8

Durante o reinado do Rei Tang (da dinastia Shang), houve uma seca de sete anos. O rei ofereceu-se em sacrifício na Floresta das Amoreiras.

Então, nuvens dos Quatro Mares reuniram-se, e a chuva caiu por mil *li*.

Abraçando a sua substância essencial e transmitindo a sua sinceridade, ele evocou uma resposta do Céu e da Terra, fazendo-se sentir para além dos quatro quadrantes. Como poderiam ordens e proibições ser suficientes para alcançar algo assim?

Em tempos antigos, a Essência Suprema dos reis-sábios tomava forma neles próprios, e os seus gostos e aversões pessoais eram esquecidos fora de si mesmos. Falavam apenas

para expressar emoções, emitiam ordens para clarificar intenções, manifestavam as suas qualidades essenciais nos ritos e na música, e exemplificavam-nas em canções e baladas.

As suas realizações espalharam-se por miríades de gerações sem impedimento e permeavam as quatro direções sem se esgotarem.

Até as aves, feras e insetos foram refinados e transformados por eles. Quanto mais não seriam eficazes em manter leis e cumprir ordens!

Assim, o mais elevado dos soberanos transforma por meio do espírito.

O imediatamente inferior convence o povo a agir sem transgredir.
O seguinte recompensa os dignos e castiga os rebeldes.

9.9

A balança, em relação à esquerda e à direita, não é tendenciosa na pesagem — e por isso é nivelada.
O cordel de marcação, em relação ao interior e ao exterior, é imparcial quanto ao torto e ao reto — e por isso é preciso.
O soberano, em relação à lei, não favorece gostos ou aversões — e por isso pode emitir ordens.
A balança de precisão, ao pesar o leve e o pesado, não falha nem pelo peso da cabeça de um mosquito.
A corda esticada, ao endireitar o que está torcido, não comete erro, nem sequer do tamanho da ponta de uma agulha.

O soberano, ao corrigir os desvios, é isento de parcialidade pessoal.
A maldade não o pode distorcer; a calúnia não o pode perturbar.

Quando:

A Potência não tem onde se apoiar e o ódio não é guardado, isso é aplicar as técnicas de governação e dispensar a mente humana. Por isso, a sabedoria de quem governa não interfere.

9.10

Agora, que os barcos flutuem sobre a água e os carros se movam sobre a terra é a sua propensão natural.
Se uma carroça bate numa árvore e parte o eixo, ou se um barco encalha e estilhaça o casco, não há motivo para as pessoas se revoltarem contra a árvore ou a rocha; culpam a falta de habilidade do condutor ou do barqueiro.

Sabem que [árvores e pedras] não possuem qualidades conscientes.

Assim:

Quando o Caminho inclui sabedoria, há confusão.
Quando a Potência inclui a mente, há perigo.
Quando a mente inclui os olhos, há deslumbramento.

Não há arma mais poderosa do que a consciência e a vontade.
Mesmo a grande espada Moye é inferior a elas.
Não há bandido tão forte quanto o yin e o yang.
Os tambores e baquetas que assinalam o ataque são inferiores a eles.

Ora, o peso e a barra de equilíbrio, o compasso e o esquadro, uma vez fixos, não mudam.
As suas medidas não se alteram por causa de Qin ou de Chu; a sua forma não muda por causa dos Hu.

Constantes e inabaláveis, avançam em linha reta sem desviar, tomam forma num único dia e são transmitidos por dez mil gerações, agindo por meio da não-ação.

Assim:

Os estados têm soberanos que perecem, mas nenhuma era jamais viu a destruição do Caminho.
As pessoas passam por aflições e pobreza, mas os princípios nunca deixam de ser transmitidos.

Deste ponto de vista, a não-ação é o Ancestral do Caminho.
Ao alcançar o Ancestral do Caminho, responde-se às coisas sem limite. Quando se depende apenas dos talentos humanos, o mais elevado tipo de governação torna-se difícil.

9.11

O Rei Tang (dos Shang) e o Rei Wu (dos Zhou) foram soberanos sábios, mas não se igualavam ao povo de Yue na arte de manobrar pequenas embarcações e manter-se à tona em rios e lagos.

Yi Yin foi um primeiro-ministro digno, mas não se equiparava aos povos Hu na arte de montar bons cavalos e domar cavalos selvagens do norte.

Confúcio e Mozi eram eruditos, mas não se igualavam aos habitantes das montanhas a atravessar mato denso ou percorrer desfiladeiros perigosos.

Deste ponto de vista, o conhecimento humano, em relação às coisas, é superficial.
Desejando iluminar tudo o que está dentro dos mares e preservar os dez mil lugares, se o soberano não se conformar com as normas dos Padrões do Caminho e confiar apenas na sua própria habilidade, então não alcançará o seu objetivo.

Assim, a sabedoria não é suficiente para governar o mundo.
O tirano Jie tinha força para partir um corno de boi, endireitar um gancho de ferro, torcer fios de ferro e fundir metais.

Os seus homens Qin Yi e Da Xi, na água, podiam matar a enorme tartaruga *yuan* e o crocodilo, e em terra, capturavam o urso comum e o urso pardo.

No entanto, Tang, com apenas trezentas carruagens blindadas, cercou as forças de Jie em Mingtiao e capturou-o no Portão de [Nan] Jiao.
Deste ponto de vista, a força não é suficiente para controlar o mundo; a sabedoria não é suficiente para governar; a coragem não é suficiente para ser forte.

Assim, é evidente que os talentos humanos não bastam para cumprir a tarefa.
Um soberano não precisa de descer dos seus salões para conhecer os assuntos além dos Quatro Mares, pois:

Serve-se das coisas para conhecer as coisas;
Serve-se das pessoas para conhecer as pessoas.
Onde a força colectiva é empregue, há sempre vitória;
Onde a sabedoria colectiva é empregue, há sempre sucesso.

Um poço tubular não acolhe tartarugas gigantes nem crocodilos — é demasiado estreito.
Um pátio comum não abriga árvores gigantes — é demasiado pequeno.

Ora, quando se trata de erguer um pesado vaso *ding*, alguém com força escassa não será capaz de o levantar.
Mas quanto a erguê-lo e transportá-lo, não é necessário esperar por alguém mais forte.

Assim, uma aldeia com mil pessoas não tem vigas partidas, e uma população de dez mil não tem projeto que não consiga realizar.

9.12

Os cavalos Hualiu e Lii'er podiam percorrer mil *li* num dia, mas se fossem postos a perseguir um coelho, não seriam comparáveis a um lobo ou a um cão. Isto porque as suas habilidades têm limites.

A coruja, à noite, consegue agarrar uma pulga ou um mosquito e distinguir a ponta de um cabelo de outono, mas à luz do dia os seus olhos não conseguem ver colinas nem montanhas. A sua forma e a sua natureza estão em desacordo.

Agora:

A serpente *teng* flutua na névoa e sobe;
o dragão *ying* cavalga as nuvens e ascende.
Quando o macaco sobe a uma árvore, salta com agilidade;
quando o peixe entra na água, nada velozmente.

Assim, na Antiguidade, ao construir uma carruagem, o pintor não desenhava ornamentos, e o que fazia os furos não talhava padrões.

Os artesãos não tinham duas habilidades; os estudiosos não ocupavam dois cargos; cada qual seguia a sua profissão e não interferia com os outros.

Cada pessoa obtinha aquilo que lhe era apropriado; cada coisa obtinha o que lhe dava segurança.

Por isso:

As ferramentas e utensílios não eram pesados nem desajeitados;
os deveres e tarefas não eram desprezados.

Quando as dívidas são pequenas, são fáceis de pagar;
quando os encargos são poucos, são fáceis de sustentar;
quando as responsabilidades são leves, são fáceis de cumprir.

Quando os de cima reduzem a carga de trabalho, os de baixo realizam-na com facilidade.

Dessa forma, o soberano e os seus ministros colaboram durante muito tempo sem se sobrecarregarem mutuamente.

9.13

O Caminho daquele que governa o povo é como o do imitador do cadáver no rito sacrificial da estrela *ling*.
Sério, misterioso e silencioso, ele recebe auspiciosamente e com alegria a bênção.
Quem alcançou o Caminho não tenta embelezar o que é feio nem corrigir o que é falso.
É como um manto que, se for usado por uma pessoa, não é grande demais, e se por dez mil, não é pequeno demais.

Se o soberano aplica com gravidade a generosidade e com gravidade a severidade, então o Caminho do governo manifestar-se-á.

“Generosidade” significa pôr ênfase na concessão de favores.
Quando quem não tem mérito é amplamente recompensado e quem não trabalha arduamente recebe alto posto, os que cumprem os seus deveres tornam-se negligentes, e os que andam a vaguear à procura de cargo forçam-se para obter posição.

“Severidade” significa punir de forma imprudente.
Quando inocentes são executados e os justos são castigados, então os que cultivam a si próprios não se encorajam na virtude, e os perversos não temem desobedecer aos superiores.

Assim, agir com generosidade dá origem à licenciosidade, e agir com severidade dá origem à desordem.

Costumes de licenciosidade e desordem são hábitos de um estado em ruína.

Por isso, no governo de um soberano esclarecido:

Quando o estado aplica castigos, não há lugar para a ira do soberano.
Quando a corte concede recompensas, não há lugar para o seu envolvimento.
Quem é punido não guarda ressentimento contra o soberano, pois a pena é adequada à falta.
Quem é recompensado não sente gratidão para com o soberano, pois a recompensa foi merecida pelo mérito.

Numa tal sociedade, o povo compreende que recompensas e punições provêm de si próprios.

Dessa forma, cumprem os seus deveres e ocupam os seus postos sem sentirem que merecem distinções especiais por parte do soberano.
Assim, a corte está cheia de ervas e sem pegadas; os campos dos agricultores estão bem lavrados e sem infestantes.

“Quanto ao grande soberano, os de baixo apenas sabem que ele existe.”

9.14

O eixo vertical de uma nora é plantado na vertical e não se move, mas, ao subir e descer, o braço da balança está condicionado por ele.
O soberano é sereno e calmo e não se agita, mas os cem oficiais alinham-se com ele.

É como o soldado que transporta a bandeira de guerra: se a aponta na direção errada, haverá desordem.
A astúcia não basta para trazer grande paz; a sabedoria não basta para afastar o perigo.

Louvar Yao e desprezar Jie não é tão eficaz como abandonar a inteligência e cultivar o Caminho.

Se o soberano for puro, tranquilo e não-activo, o Céu proverá as estações por ele.
Se for honesto, frugal e se mantiver na moderação, a Terra dar-lhe-á os seus frutos.
Se esvaziar a sua inteligência e se conformar com a Potência, o sábio criará um caminho de ação por si mesmo.

Assim:

Ao mais humilde, todas as coisas retornam;
Ao vazio, o mundo oferece o que tem.

Desta forma, o soberano começa por manifestar a sua retidão, estabelecendo-a como fundamento.

Assim, usando a propensão natural do povo como carruagem e a sabedoria do povo como cavalo, mesmo atravessando regiões sombrias e desfiladeiros perigosos, nenhuma confusão pode surgir.

Porque o soberano habita num local profundamente resguardado, evitando o calor abrasador e a humidade fria, e constrói camadas de portas para separar o portão das suas câmaras internas, está preparado contra homens perversos e enganadores.

Dentro do seu estado, nada sabe sobre a situação das casas e portões das aldeias; fora dele, nada sabe sobre as formas das montanhas e pântanos.
Mesmo além das cortinas, os olhos não veem mais do que dez *li*, e os ouvidos não ouvem mais do que cem passos.

Ainda assim, nada há no mundo que o soberano não perceba, pois as fontes de informação são numerosas, e os que delas bebem são muitos.

Assim, sem sair da sua porta, conhece o mundo; sem olhar pela janela, compreende o Caminho do Céu.

Se confiar na sabedoria do povo, nem todo o mundo bastará para a conter;
se confiar apenas na sua mente, não conseguirá proteger-se a si próprio.

Por isso, o soberano cobre o mundo com a sua Potência.
Não age com base na sua própria sabedoria, mas segue aquilo que traz benefício às miríades do povo.

Basta-lhe levantar o calcanhar para trazer benefício ao povo.

Deste modo:

Mesmo estando acima do povo, não é considerado um fardo;
Mesmo estando à frente do povo, não é visto como prejudicial.

Mesmo sendo exaltado, não é tido como demasiado elevado;
Mesmo sendo sustentado, não cansa aqueles que o sustentam.

9.15

O Caminho do soberano é redondo, girando e voltando sem cessar, transformando e sustentando como um espírito, vazio, a deslizar sem aparente propósito, sempre atrás, nunca a liderar.

O Caminho do oficial é quadrado: trata de assuntos práticos e está no lugar certo.
Ao realizar tarefas, toma a dianteira.
Guardando o seu saber e repartindo o seu discernimento, estabelece o seu êxito.

Assim:

Quando o soberano e os seus oficiais seguem caminhos distintos, há ordem.
Quando seguem caminhos idênticos, há desordem.
Quando cada um alcança o que lhe é apropriado e ocupa o seu devido lugar, superiores e inferiores podem colaborar em harmonia.

9.16

Ao escutar os assuntos do governo, o governante mantém-se vazio de mente e brando de vontade; claro, lúcido e sem obscurecimento.

Deste modo, os muitos oficiais trabalham com ele como os raios de uma roda e avançam em uníssono. Sejam tolos ou sábios, dignos ou insuficientes, nenhum deixa de aplicar plenamente as suas capacidades. Assim, o governante obtém os meios para controlar os seus ministros, e estes obtêm os meios para servir o seu soberano, pelo que o Caminho para governar o Estado se torna claro.

O Rei Wen [da dinastia Zhou] era sábio. Ele também gostava de ouvir opiniões. Por isso era um sábio.
O Rei Wu era corajoso. Ele também gostava de ouvir opiniões. Por isso foi vitorioso.

Se alguém se serve do conhecimento de muitos, não há nada que não possa ser empreendido.
Se alguém emprega a força de muitos, não há nada que não possa ser superado.
Nem mesmo Wu Huo conseguiria levantar o peso de mil *jun*, mas se muitas pessoas trabalham juntas como uma só, então cem homens teriam mais do que força suficiente para o levantar.

Assim:

Se [o governante] se apoiar apenas na força de um só homem, nem a de Wu Huo será suficiente;
Se se apoiar no saber de muitos, então o mundo não será suficiente para o conter.

9.17

Yu desviou o Yangzi e desobstruiu o Rio Amarelo para trazer grande benefício ao mundo, mas não conseguiu fazer com que a água corresse para oeste.
O Senhor Milho expandiu as terras aráveis e reconquistou as pradarias para que o povo pudesse dedicar a sua força à agricultura, mas não conseguiu fazer com que o grão crescesse no Inverno.

Será que os esforços destes homens foram insuficientes? [Não,] a propensão natural [da água e do grão] tornava-o impossível.
Agora, avançar com um projeto que a propensão natural [das coisas] torna impossível, em vez de seguir as normas dos Padrões do Caminho — isto é algo que [mesmo] um sábio, por mais espiritual que seja, não poderia realizar.
Quanto mais será este o caso com qualquer governante dos dias de hoje!

Ora:

Se a carga no carro é pesada e os cavalos são fracos, nem Zaofu os conseguiria fazer ir muito longe.
Se o carro é leve e os cavalos vigorosos, até um trabalhador medíocre o faria andar depressa.

Assim, como poderão mesmo os sábios, ao levar a cabo os seus assuntos, opor-se às normas dos Padrões do Caminho ou desafiar os constrangimentos da natureza, tornando o torto direito e o irregular liso?

O [sábio] nunca deixa de usar as coisas segundo as suas qualidades naturais.

Portanto:

Se unires a força [de muitos] para erguer algo, não há nada em que não possas ter êxito.
Se reunires a sabedoria de muitos, não há nada que não possas realizar.
Podes fazer um surdo mastigar tendões [para os amolecer], mas não o podes fazer ouvir.
Podes pôr um mudo a cuidar dos estábulos, mas não o podes fazer falar.
As formas físicas [podem] ter aquilo que é incompleto; as capacidades podem ter aspetos limitados.

Assim, uma determinada forma pertence a um determinado lugar, e uma determinada capacidade serve para uma tarefa específica.

Se a força de alguém excede a carga, erguê-la não será pesado; se a sua capacidade é adequada à tarefa, realizá-la não será difícil.

Quando cada coisa — pequena ou grande, longa ou curta — obtém aquilo que lhe é apropriado, o mundo será uno, e ninguém terá os meios para superar o outro. O sábio faz uso das diversas capacidades das pessoas; assim, nenhum talento é desperdiçado.

9.18

O governante dos homens valoriza a retidão e preza a lealdade.
Quando os leais e retos estão em altos cargos e os assuntos são tratados com apego à retidão, os bajuladores enganadores e os perversos não terão espaço para avançar.
Isto pode ser comparado ao fato de o quadrado e o círculo não se cobrirem mutuamente, e o torto e o direito não caberem um no outro.
Que aves e bestas não se juntem no mesmo lugar deve-se ao fato de pertencerem a espécies diferentes.
Que tigres e veados não viajem juntos deve-se ao fato de a sua força ser desigual.

Assim, quando um sábio cumpre a sua vontade e sobe ao trono, os bajuladores e vis malfeitores que desejam opor-se a ele tornam-se como um pardal ao ver um falcão ou um rato ao encontrar uma raposa.

Com certeza não terão muita vida pela frente!
Por isso, o governante dos homens, em todos os assuntos, não pode deixar de ser cuidadoso.
Quando aqueles que emprega são apropriados, então, no alto, o país será ordeiro; cá em baixo, será harmonioso.
Os oficiais sentir-se-ão próximos do governante; as massas do povo submeter-se-ão.
Quando aqueles que emprega não são apropriados, então o país estará em perigo; superiores e inferiores estarão em desacordo; os oficiais estarão ressentidos; e o povo será desordeiro.

Assim, se um assunto for tratado de forma errada, até ao fim da vida o governante sofrerá.
Ao ganhar ou perder o Caminho, o poder deve residir no governante.

Assim:

Se [a linha da] corda de marcar é reta em cima, a tábua será reta em baixo.

Não há grande mistério envolvido. Basta seguir o que foi traçado, e assim será.

Assim:

Quando o governante é sincero e reto, os oficiais honestos desempenham os seus deveres, e os homens perversos escondem-se.
Quando o governante não é reto, os homens maus atingem os seus objetivos, e os leais escondem-se.
Porque é que as pessoas não partem jade nem pedras, mas sim meloas e cabaças?
Porque nada há a ganhar ao partir jade e pedras, e por isso não se lhes faz violência.
Se o governante se mantiver fiel à retidão e exercer a imparcialidade, será [tão fácil como] usar a corda de marcar e o nível [para traçar uma linha] de alto a baixo.
[Mesmo] que os oficiais tragam práticas perversas, [terão tão pouco efeito como] ovos lançados contra pedras ou fogo atirado à água.

Assim:

O Rei Ling de Chu admirava cinturas finas, e o povo reduziu a comida e passou fome.
O Rei Goujian [de Yue] prezava a bravura, e o povo expôs-se ao perigo e competia em arriscar a vida.

Desta perspetiva, [aquele que detém] os cabos do poder e da vantagem posicional encontra facilidade em modificar hábitos e mudar costumes.

Quando Yao era [apenas] um homem comum, não conseguiu transformar o povo pela Humanidade nem numa área de apenas um *li*.
Quando Jie subiu ao trono, as suas ordens foram cumpridas e aquilo que ele proibiu cessou.

Desta perspetiva, é claro que a virtude não é suficiente para criar ordem, mas a vantagem posicional pode mudar os costumes.

Os Documentos dizem: «Quando o Homem Único [isto é, o governante] encontra boa fortuna, os miríades de pessoas dependem dela.»
É a isto que se refere aqui.

9.19

No mundo, muitos se deixam confundir pelo nome e pela fama, e poucos investigam a realidade das coisas.
Por isso, os eremitas são venerados pelas suas reputações; os debatedores itinerantes são notados pela sua persuasão.
Se examinarmos as razões pelas quais são venerados e notados, veremos que se deve unicamente ao fato de o governante não distinguir claramente entre os fundamentos do benefício e do prejuízo, e de estimar as disputas de grandes multidões.
Um país bem governado não é assim.

Aqueles que discutem políticas devem ser examinados de acordo com a lei; aqueles que executam assuntos oficiais devem ser regulados pelos burocratas.

Os superiores sustentam os títulos [oficiais] e utilizam-nos para avaliar o desempenho real; os funcionários cuidam dos seus deveres e realizam o seu trabalho com eficácia.

As palavras não podem ultrapassar a realidade; as ações não podem exceder a lei.

Os numerosos funcionários juntam-se como os raios de uma roda, e nenhum ousa usurpar as prerrogativas do soberano.

Se um assunto não se encontra dentro do âmbito da lei, mas pode beneficiar o Estado ou apoiar a sua administração, então devem realizar-se procedimentos de «três e cinco» para levar a cabo uma investigação discreta, de forma a discernir os seus resultados [para o governante].

[O governante] deve também recorrer à técnica de «ouvir por todos os lados» para investigar as suas transformações, sem pender para um ponto de vista nem favorecer um lado.

Assim, permanece no centro, mas está omnipresente, espalhando a sua luz por todos dentro dos Quatro Mares, enquanto os numerosos funcionários são imparciais e retos, e ninguém ousa cometer maldade.
Os cem detentores de cargos transmitem [os pormenores] das suas funções e esforçam-se por deixar um legado meritório.

Quando:

O governante é a essência da iluminação no alto, os funcionários exortam [uns aos outros] ao trabalho árduo cá em baixo.
Os traços da maldade são assim extintos, e muitos sucessos seguem-se dia após dia.
É por isso que os homens valentes dão o seu melhor nas forças armadas.

Num país desordenado, não é assim.
Os louvados pelas multidões são amplamente recompensados, embora nada tenham realizado.
Os que se mantêm fiéis aos seus deveres são punidos, embora estejam livres de culpa.
O governante, lá no alto, está nas trevas e não compreende.
Os funcionários formam fações e não são leais.
Os oradores persuasivos vagueiam em debates.

Pessoas que adornam os seus feitos competem por cargos.

Quando o governante emite uma lei, [tais funcionários] denunciam-na conforme as suas fações. O que a lei proíbe, eles transgridem na sua maldade.
Os tidos por sábios dedicam-se ao artifício e à falsidade;
Os tidos por valentes dedicam-se à contenda e à disputa.

Altos funcionários usurpam autoridade; subordinados aproveitam-se da posição.
Camarilhas e fações espalham-se e brincam com os seus superiores. Ainda que o Estado pareça existir, os homens da Antiguidade diriam: «Já caiu.»

Além disso:

Não regular as funções oficiais,
Não empunhar escudo nem armadura,
Não cultivar os campos do sul,
E ainda assim gozar de fama como homem digno ou sábio — não é assim que se promulgam ensinamentos num Estado.

Qiji e Lii'er eram os cavalos mais velozes do mundo, mas se os cocheiros os açoitassem e eles não avançassem, os puxassem e eles não parassem, nem mesmo os tolos os conduziriam.

Agora, no ponto crucial entre caos e ordem, há sinais que podem ser observados, mas nenhum dos governantes da nossa época os consegue discernir. O seu modo de governar está obstruído.

A oportunidade e a vantagem posicional são a carruagem do governante.
O posto e a remuneração são o freio e o arreio dos funcionários.

Assim, o governante:

Institui o controlo central da oportunidade e da vantagem posicional,

Empunha os cabos do posto e das remunerações, observa atentamente a regulação da lentidão e da rapidez, e distribui o que se dá e o que se retira.
Deste modo, todo o mundo trabalha arduamente, mas não se cansa.

Ora, a relação entre o funcionário e o governante não é tão próxima como entre pai e filho, nem tão íntima como entre os ossos e a carne [isto é, relações de sangue].

No entanto, [o funcionário] emprega toda a sua força e até arrisca a vida, e não rejeita o controlo do governante.
Porquê?
É o uso da vantagem posicional pelo governante que leva [o funcionário] a comportar-se assim.

9.20

Antigamente, Yu Rang era funcionário do Visconde Wen de Zhonghang. Quando o Conde Zhi atacou o clã Zhonghang e anexou o seu território, Yu Rang voltou-se contra o seu senhor e passou a servir como funcionário do Conde Zhi.

O Conde Zhi e o Visconde Xiang de Zhao combateram perto de Jinyang. O Conde Zhi foi morto, e o seu país dividido em três.
Yu Rang, na esperança de se vingar do Visconde Xiang de Zhao, laqueou o corpo para provocar chagas de lepra, engoliu cinzas para disfarçar a voz e arrancou os dentes para alterar o rosto.

Poderá ser que, com o coração de um só homem, tenha servido dois senhores?
Num caso, voltou-se contra o seu mestre e abandonou-o; noutro, sacrificou a vida para o seguir.

Será que a vantagem posicional de seguir um e abandonar o outro era diferente?
[Não,] foi a bondade e a graça com que foi tratado que o determinaram.

Quando [o tirano] Djou governava o mundo, reuniu os Senhores da Terra.
[Por todo o lado] o povo vinha a pé e remava para se apresentar.
Ninguém deixava de se submeter a ele.
No entanto, o Rei Wu, com apenas três mil guerreiros armados, capturou-o em Muye.
Será que foi [simplesmente] porque o povo de Zhou estava disposto a morrer e os de Ym [Shang] eram rebeldes?
[Não,] foi porque a Potência Moral e a Retidão de [Rei Wu] eram abundantes, e as suas ordens eram cumpridas.

Agora, quando o vento sopra forte, as ondas erguem-se; quando as árvores florescem, as aves reúnem-se.
Cada um gera *qi* no outro.

Assim:

Se o funcionário não obtiver do governante aquilo que deseja,
O governante também não obterá do funcionário o que quer.
O que se passa entre governantes e funcionários resulta da vantagem posicional das obrigações recíprocas.

Assim, se o funcionário emprega todos os seus esforços e está disposto a arriscar a vida pelo seu governante, este medirá os feitos do funcionário e conceder-lhe-á cargos em função disso.

Deste modo:

O governante não pode recompensar um funcionário sem feitos;
Um funcionário também não morrerá por um governante sem Potência Moral.

Se a Potência Moral do governante não flui para o povo, mas ele ainda assim deseja utilizá-lo, é como açoitar um cavalo selvagem ou procurar grão maduro sem esperar pela chuva: métodos que são certamente impossíveis.

9.21

O Caminho do governante é permanecer na tranquilidade e assim cultivar-se a si mesmo; praticar a frugalidade e assim liderar os que estão abaixo.

Se for tranquilo, os de baixo não se perturbarão.
Se for frugal, o povo não se ressentirá.
Quando os de baixo estão perturbados, o governo está desordenado.
Quando o povo se ressente, a Potência Moral [do governante] é insuficiente.
Quando o governo está desordenado, os dignos não apresentam propostas.
Quando a Potência Moral é insuficiente, os homens valentes não darão a vida por ele.

Assim, se o governante:

É afeiçoado a aves ferozes e animais selvagens,
A curiosidades preciosas e coisas exóticas,
É violento e irascível,
Não preza a força do povo,
Sai a cavalgar e a caçar em tempos impróprios, então
As responsabilidades dos cem funcionários ficarão desordenadas;
Os seus assuntos tornar-se-ão laboriosos, e os seus recursos esgotar-se-ão.
O povo tornar-se-á miserável e triste; os seus meios de subsistência serão negligenciados.

Se o governante aprecia altos terraços e lagos profundos, gemas talhadas, polidas, gravadas e esculpidas, bordados requintados e ornamentos artísticos, sedas e linho finos e espessos, bugigangas preciosas de pérola e jade, então os impostos serão desenfreados, e a força do povo será exaurida.

Quando Yao governava o mundo, não cobiçava a riqueza do povo, nem descansava seguro na posição de governante. Ao perceber que o povo despendia a sua força em lutas, [e que]:

Os fortes maltratavam os fracos, e
Os muitos oprimiam os poucos,

Yao, portanto, praticava a frugalidade pessoal nas suas ações e manifestava a humanidade do amor mútuo para harmonizar e pacificar [o povo]. Assim:

O colmo da sua casa não era aparado; as vigas e colunas não eram talhadas.
A sua carruagem de Estado não era decorada; as esteiras do chão não eram guarnecidas.
O caldo dos sacrifícios não era temperado; o grão não era descascado.
Realizava visitas de inspeção e ensinava pelo exemplo;
Trabalhava arduamente pelo mundo;
[A sua influência] espalhava-se pelas Cinco Montanhas.

Poderá dizer-se que o apoio que recebia não era suficiente para o seu gozo?
Tratava todo o mundo como o seu altar de grãos [isto é, o seu Estado], mas não procurava lucro pessoal dele.
Quando envelheceu e a sua vontade se esmoreceu, abdicou em favor de Shun, como se apenas desse um passo atrás para descalçar as sandálias.

Segue-se que uma era de declínio não é assim.
Ao obter a riqueza do mundo e a vantagem posicional do governo, [o governante] exaure a força do povo apenas para satisfazer os desejos dos seus olhos e ouvidos.
A sua vontade está ocupada com palácios, pavilhões, lagos e jardins, animais selvagens, ursos comuns e castanhos, entretendo-se com objetos requintados e julgando o mérito das raridades.

Assim:

O povo empobrecido não tem sequer restos de grão da cervejaria para comer, enquanto tigres, lobos, ursos comuns e castanhos se empanturram com forragem e carne.
O povo veste trajes curtos de tecido grosseiro que nem os cobrem por completo, enquanto nos palácios se envergam brocados e túnicas bordadas.

O governante está ansioso por realizar obras inúteis, enquanto o povo se mostra desgastado e abatido.

Tudo isto faz com que [o povo do] mundo se inquiete na sua natureza.

9.22

O governante dos homens, [em virtude da] sua posição, é como o sol e a lua no seu brilho. O povo do mundo, como um só, estica os olhos para o olhar, aguça os ouvidos para o escutar, estica o pescoço e fica em bicos de pés para o contemplar.

Por essa razão, a menos que seja calmo e indiferente, não conseguirá fazer brilhar a sua Potência Moral.

A menos que seja sereno e tranquilo, não conseguirá estender [o seu domínio] a lugares distantes.
A menos que seja tolerante e magnânimo, não conseguirá unir e abranger [o reino].
A menos que seja bondoso e generoso, não conseguirá abraçar o povo.
A menos que seja justo e reto, não conseguirá julgar com equidade.

Assim, o modo como o governante digno emprega os outros é como o artesão hábil que aproveita a madeira:

As peças grandes são usadas para barcos e barcaças ou para pilares e traves; as pequenas são usadas para cavilhas e pregos.
As peças longas servem para beirais e vigas; as curtas para suportes laqueados de vermelho e capitéis.

Sejam grandes ou pequenas, longas ou curtas, todas têm uma utilidade própria. O compasso e o esquadro dão-lhes forma redonda ou quadrada; cada uma é moldada para o seu fim.
Têm formas diferentes e qualidades variadas, mas nada há que não encontre o seu uso apropriado.

De todas as coisas no mundo, nenhuma é mais venenosa que a planta *xitu*, mas um médico experiente guarda-a na sua bolsa e mantém uma reserva dela, pois é útil em certos tratamentos.

9.23 *(continuação temática do 9.22; pode ser entendido como parte sequencial da mesma reflexão)*

Assim, se entre os produtos das florestas e dos matagais nenhum pode ser ignorado, quanto mais isso se aplica às pessoas?

Ora, [pode suceder] que alguém não seja promovido na corte, nem o seu nome celebrado nas canções do campo — não por ser uma pessoa sem valor, mas porque o cargo que ocupa não corresponde às suas verdadeiras capacidades.

Quando um veado sobe a uma montanha, um corço não o pode seguir.
No entanto, quando o [veado] desce, [até] um rapaz pastor pode persegui-lo.

Os talentos naturais têm forças e fraquezas.
Por essa razão, alguém dotado para grandes planos não pode ser encarregado de tarefas que exijam agilidade e astúcia.
Alguém com sabedoria limitada não pode assumir a responsabilidade de um grande projeto.

As pessoas têm capacidades; as coisas materiais têm formas.

Para uns, assumir a responsabilidade por uma só coisa é excessivo; para outros, assumir a responsabilidade por cem coisas parece leve.

Assim:

Quem consegue calcular com minúcia perder-se-á perante os grandes números da escala do Céu e da Terra;
Alguém que nunca falha nos pequenos cálculos confundir-se-á ao tratar de grandes assuntos.

Do mesmo modo, uma raposa não serve para atacar um boi; tigres não servem para caçar ratos.

Os talentos das pessoas são tais que alguns desejam pacificar as nove províncias, unificar as terras para lá do mar, salvar um Estado em perigo ou restaurar uma linhagem extinta.

A sua vontade está voltada para endireitar o Caminho e corrigir o mal, resolver dificuldades e ordenar o desordenado.
E, no entanto, são encarregados dos pormenores das cerimónias da corte.
Outros, por sua vez, são hábeis e astutos, mesquinhos e maldizentes.
Avançam através da bajulação, confiam na persuasão, seguem os costumes vulgares das vielas rurais, e sujam-se perante os ouvidos e os olhos das multidões.

Ainda assim, são-lhes confiados os assuntos do mundo, no ponto crucial entre ordem e desordem.

Isto é como:

Usar um machado para dividir um cabelo,
Ou uma faca para derrubar uma árvore.

Em ambos os casos, é inapropriado.

O governante dos homens deve usar:
Os olhos do mundo para ver,
Os ouvidos do mundo para escutar,
A sabedoria do mundo para planear,
E a força do mundo para agir.

Assim, as suas ordens e comandos chegam aos de baixo, e os sentimentos verdadeiros dos ministros são conhecidos por ele, lá em cima.
Os cem ofícios estão regulados e eficientes; os muitos funcionários trabalham em conjunto

como os raios de uma roda.
O prazer pessoal [do governante] não determina os prémios; a sua raiva pessoal não determina os castigos.

Deste modo:

A sua dignidade imponente será estabelecida e não será destruída;
A sua iluminação abrangente brilhará e não será obscurecida;
As suas leis e decretos serão claros e precisos, sem serem considerados severos;
Os seus ouvidos e olhos penetrarão em todo o lado, sem serem obstruídos.

As disposições do bem e do mal apresentar-se-ão diante dele todos os dias, e nada haverá que lhe seja adverso.

Assim, os dignos empregarão a sua sabedoria ao máximo, e os menos dotados usarão toda a sua força [ao serviço do governante].
A sua Potência Moral e graça abrangerão o mundo com imparcialidade; os numerosos funcionários trabalharão com diligência e não serão indolentes.

Os que estão perto sentir-se-ão seguros na sua natureza;
Os que estão longe responderão à sua Potência Moral.
Porquê? Porque [o governante] alcançou o Caminho de fazer uso das pessoas e não confia apenas nas suas qualidades pessoais.

Assim:

Aqueles que viajam com carros e cavalos não desgastam as pernas e podem percorrer mais de mil *li*.
Aqueles que dependem de barcos e remos não precisam de saber nadar, mas atravessam rios e mares.

Ora, entre os que têm o coração de um governante de homens, não há quem não deseje reunir em si toda a sabedoria do mundo e usar ao máximo a força das massas.
No entanto, ao tornarem públicas as suas intenções de agir com lealdade exemplar, os muitos funcionários raramente escapam ao risco de se colocarem em perigo.

Se alguém apresenta uma proposta correta — mesmo que venha de um apanhador de lenha vestido de roupas grosseiras — não deve ser rejeitada.
Se alguém apresenta uma proposta errada — mesmo que venha do primeiro-ministro ou do próprio governante e seja louvada em escrita no salão ancestral — não deve necessariamente ser implementada.

Ao decidir onde está a verdade ou a falsidade, não se deve discutir riqueza ou pobreza, honras ou baixeza.
Quando um governante esclarecido ouve os seus ministros, se as suas propostas são úteis, não se envergonha da sua [baixa] posição.
Se as suas palavras são exequíveis, não critica o estilo retórico.

Um governante obscurecido não é assim:

Mesmo que os seus favoritos e íntimos sejam perversos e desonestos, ele não será capaz de ver.
Mesmo que os que estão longe e em posições humildes empreguem toda a sua força e mostrem a maior lealdade, ele não será capaz de saber.

Os que falam com franqueza são silenciados pelas palavras do próprio governante.
Os que admoestam com lealdade são punidos como se fossem culpados de crimes.

[Aquele que] age assim e ainda deseja iluminar o mundo e preservar os inúmeros distritos [do reino] é como alguém que tapa os ouvidos e tenta distinguir sons altos e baixos, ou que cobre os olhos e tenta distinguir o azul do amarelo.

Está muito longe de gozar de boa audição e visão aguçada!

9.23

A lei é a medida-padrão do mundo, o nível e a corda de marcação do governante.

[Aquele que] proclama as leis fá-lo para impor ordem àqueles que não têm lei; [aquele que] estabelece recompensas fá-lo para premiar quem merece ser recompensado.

Depois de definidas as leis, aqueles que as obedecem são recompensados, e os que ficam aquém da linha da corda de marcação são punidos.

Para os honrados e nobres, as penas não são reduzidas; para os humildes e baixos, as penas não são aumentadas.

Se alguém desobedece à lei, mesmo que seja [de outro modo] digno, deve ser punido.
Se alguém cumpre o padrão, mesmo que [noutros aspetos] não seja merecedor, deve ser considerado inocente.

Assim, o Caminho do bem público será desobstruído, e o do interesse privado será bloqueado.

Antigamente, instituiu-se um sistema de funcionários responsáveis para restringir o povo e impedir que fizessem o que bem entendessem.

A posição de governante foi criada para controlar os funcionários e impedir que agissem por conta própria.

Leis, registos, rituais e Retidão foram usados para restringir o governante e evitar que ele exercesse autoridade absoluta.

Quando nenhum dos elementos do povo podia seguir cegamente os próprios desejos, o Caminho triunfava.

Quando o Caminho triunfava, os Padrões tornavam-se evidentes.

Assim, o governo regressava ao “não-agir”.
O “não-agir” não significa que [o governante] se congelasse ou fosse inerte, mas que nada mais emanava dele pessoalmente.

Ora, a polegada vem do grão de milho miúdo; o grão de milho vem das formas físicas.
As formas físicas vêm das sombras; as sombras vêm do sol. Esta é a raiz dos padrões de medição.

A música vem das notas [pentatónicas]; as notas vêm dos tons das flautas de afinação; e os tons das flautas vêm do vento. Esta é a origem do som.

A lei vem da Retidão. A Retidão vem do que é apropriado para o povo.
O que é apropriado para o povo está de acordo com o coração humano.
Esta é a condição essencial do governo.

Assim:

Aqueles que penetram na raiz não se confundem nos ramos.
Aqueles que veem o fundamental não se perdem nos pormenores.

A lei não é:

Um dom do Céu,
Nem um produto da Terra.

Foi criada pelos seres humanos mas, em contrapartida, é usada por eles para se corrigirem.

Assim:

O que tens em ti mesmo, não o critiques nos outros;
O que te falta, não o exijas nos outros;
O que se estabelece para os inferiores, não deve ser ignorado pelos superiores;
O que é proibido ao povo, não deve ser praticado [pelo governante] em pessoa.

Um país perdido não é aquele sem governante, mas o que não tem leis.

Distorcer a lei não significa não ter leis [de todo], mas que as leis não são aplicadas. Isso equivale a não haver leis.
Assim, quando o governante estabelece leis pela primeira vez, começa por fazer de si próprio um exemplo e um padrão; e assim, as leis são postas em prática no mundo.

Confúcio disse:

«Se o governante for reto, mesmo sem dar ordens, estas serão seguidas; se não for reto, ainda que dê ordens, estas não serão cumpridas.»

Assim, quando as proibições se aplicam [mesmo ao governante], então as suas ordens serão obedecidas pelo povo.

9.24

O modo de governar do soberano-sábio é como a condução de Zaofu.

Ele suaviza a viagem controlando as rédeas e o freio, e regula a velocidade em harmonia com os lábios e a respiração [do cavalo].

Tendo o padrão correto dentro do seu próprio peito, exerce o controlo com o chicote nas mãos.

Interiormente, guia-se pelo que há no seu coração; exteriormente, adapta-se à vontade do cavalo.

Assim, é capaz:

De avançar e recuar numa linha tão reta como se traçada com uma corda de marcação e de descrever círculos tão perfeitos como se traçados com um compasso.

Escolhe um caminho que o leva longe e ainda lhe sobra energia (*qi*) e força.
[Isto é possível] porque dominou sinceramente a técnica necessária.

Assim:

O exercício da autoridade e da vantagem posicional é o chassis da carruagem do governante, e os ministros de alto cargo são a sua parelha de cavalos.

Para o corpo sair da segurança do chassis e as mãos perderem a resposta à intenção dos cavalos — e ainda assim evitar o perigo — é algo que nunca foi conseguido, desde os tempos antigos até ao presente.

Assim, se a carruagem e os cavalos não estiverem coordenados, nem mesmo o mestre cocheiro Wang Liang conseguiria escolher o caminho.

Se o governante e os seus ministros não estiverem em harmonia, nem Tang nem Yu [isto é, Yao e Shun] teriam capacidade de governar.

Se [o governante] aplicar a técnica apropriada para os conduzir, até a sabedoria de Guan [Zhong] e Yan [Ymg] será empregue ao máximo.

Se [o governante] iluminar as distinções para os controlar, até a maldade de [homens como] o Ladrão Zhi e [Zhuang] Qiao poderá ser contida.

Se te inclinares sobre a balaustrada e tentares espreitar o fundo de um poço, mesmo que tenhas excelente visão, não conseguirás ver o reflexo da pupila do teu olho.
Mas se olhares para o teu reflexo num espelho, poderás vê-lo num espaço de apenas uma polegada.

Assim, os olhos e ouvidos de um governante esclarecido não se desgastam; a sua essência e espírito não se exaurem.

Quando as coisas surgem diante dele, observa-lhes o aspeto;
Quando os acontecimentos ocorrem, responde às suas transformações.

Quando aquilo que está perto não está desordenado, então o que está longe estará em ordem.

Assim:

Ele não se serve de métodos aleatórios, mas pratica o Caminho imutável.
Por isso, entre as suas miríades de empreendimentos, nenhum deixa de seguir o plano.
Ora, se os cavalos estiverem adequados ao chassis, e o coração do cocheiro estiver em harmonia com os cavalos, ele poderá percorrer estradas perigosas e grandes distâncias, avançar, recuar e girar em círculos, sem que nada deixe de estar conforme à sua vontade.

[Mas se] mesmo corcéis tão notáveis como Qiji e Lii'er forem entregues a criadas para conduzirem, eles voltarão aos seus modos indomáveis e as servas não os conseguirão controlar.

Assim, o governante não valoriza que [as pessoas] ajam voluntariamente conforme ele deseja, mas sim que não tenham sequer a possibilidade de errar.
Por isso se diz:

«Não tornes possível às pessoas ter desejos, e não precisarás de lhes dizer para não procurarem coisas.
Não tornes possível que agarrem o que quer que seja, e não precisarás de lhes dizer para não disputarem.»

Desta forma, os talentos individuais são postos de parte e o Caminho do serviço público será cumprido.
Aqueles que têm capacidades abundantes serão contidos por medidas apropriadas; aqueles cujas habilidades são limitadas serão devidamente aproveitados.
Assim, todos os que estão dentro dos mares poderão tornar-se um só.

Mas se um governante ignora a relação entre posição e função, ouve reputações imerecidas, rejeita quem trabalha para o bem público e escolhe os seus homens por amizade ou fação, então os de talento extravagante e habilidade frívola serão promovidos fora de tempo, enquanto os funcionários conscienciosos serão travados e não progredirão.

Deste modo, os costumes do povo cairão em desordem por todo o Estado, e os funcionários capazes terão de lutar para se manterem na corte.

Assim, as leis, os regulamentos, os padrões e as medidas são os meios pelos quais o governante controla os seus subordinados.
Se os ignora e não os aplica, é como tentar conduzir um cavalo sem rédeas nem freio.

Os numerosos funcionários e o povo comum acabarão por manipular o governante.

Desta forma:

Com técnica, governa-se os outros;
Sem técnica, é-se governado por eles.

9.25

Se um peixe [grande o suficiente] para engolir um barco salta fora de água, será vencido por grilos e formigas, porque deixou o seu habitat.

Se um macaco ou um símio abandona a árvore, será apanhado por uma raposa ou um cão-guaxinim, por estar fora do seu lugar.

Se o governante dos homens ignora o que deveria preservar e disputa com os seus ministros e subordinados o controlo dos assuntos, então os que ocupam cargos preocupar-se-ão apenas em manter as suas posições, e os que têm funções oficiais evitarão a demissão seguindo os caprichos do governante.

Isso fará com que ministros capazes ocultem a sua sabedoria e deixem de a aplicar, e as suas responsabilidades recairão de novo sobre o governante.

Ora, o que faz com que os ricos e nobres trabalhem arduamente, os hábeis na administração examinem com critério, e os orgulhosos e indisciplinados se mostrem respeitosos, é o fato de a sua vantagem posicional não igualar a do governante.

Se o governante não se apoia nas pessoas capazes, mas quer fazer tudo por si mesmo, então a sua sabedoria será posta à prova diariamente, e ficará sobrecarregado de responsabilidades.

Se o governante se esgota frequentemente com assuntos menores, não poderá tornar amplamente conhecidos os padrões corretos.

A conduta apropriada deteriorar-se-á em todo o Estado, e ele já não poderá exercer controlo exclusivo.

O seu conhecimento, por si só, não será suficiente para governar; a sua majestade não será suficiente para impor castigos.

Assim, faltará o necessário para lidar com o mundo.
Se a alegria e a cólera se formam no seu coração, e os desejos se manifestam no seu semblante, os que desempenham funções oficiais abandonarão o que é correto e adularão o governante; os que ocupam cargos distorcerão a lei e seguirão o vento dominante.

As recompensas já não corresponderão aos feitos; os castigos já não corresponderão aos crimes.

Os corações de superiores e subordinados afastar-se-ão; o governante e os ministros ressentir-se-ão mutuamente.

Assim, quando os que seguram as rédeas do governo bajulam os superiores e cometem erros, não haverá forma de os responsabilizar.

Quando os criminosos não são punidos, os numerosos funcionários mergulharão em confusão e desordem, e a sabedoria não poderá resolver a situação.

A calúnia sem fundamento e os louvores imerecidos germinarão, e nem o esclarecimento será capaz de trazer clareza.

Se ele não corrigir a raiz, regressando ao natural, o governante será ainda mais sobrecarregado, e os seus ministros tornar-se-ão ainda menos contidos.

Será como esfolar um animal com as próprias mãos em vez de deixar um cozinheiro experiente fazê-lo, ou tentar entalhar madeira no lugar de um mestre carpinteiro.

Se um homem correr a pé contra um cavalo, mesmo que rompa os tendões, não o alcançará; mas se montar uma carruagem e pegar nas rédeas, o cavalo responderá ao freio.

Assim, se Bo Le escolher os corcéis e Wang Liang os conduzir, um governante esclarecido poderá viajar sem ter de escolher cavalos ou conduzir, e empreenderá uma jornada de mil *li*.

Ele será transportado pelas capacidades dos outros como se fossem penas e asas.

Assim, o governante dos homens pratica o não-agir; tem uma base [para o que faz], mas não tem preferências pessoais.
Se praticasse o agir, surgiriam calúnias.
Se tivesse preferências pessoais, emergiria a bajulação.

Antigamente:

O Duque Huan de Qi era afeiçoado a sabores exóticos, e Yi Ya cozinhou o seu próprio filho primogénito para o atrair.

O governante de Yu gostava de tesouros, e Jin usou discos de jade e bons cavalos para o seduzir.

O rei dos Hu [tribos] amava a música, e o Duque Mu de Qin usou musicistas para o cativar.

Em todos estes casos, como lhes foi apresentado algum benefício, caíram sob o controlo dos outros.

Assim:

«O que é bem plantado não pode ser arrancado»;
O que é estabelecido apenas por palavras não tem forma concreta.

Ora:

O fogo é quente, mas a água extingue-o.
O metal é duro, mas o fogo derrete-o.

A madeira é forte, mas os machados cortam-na.
A água corre, mas a terra bloqueia-a.

Só aquilo que nos molda e transforma não pode ser vencido por coisas.

Assim:

Não deixar que os desejos internos se manifestem chama-se “trancar a porta”;
Não deixar que a depravação externa entre chama-se “fechar o portão”.
Se o que está dentro está encerrado e o que está fora é barrado, que assunto não estará bem regulado?
Se o que está fora é bloqueado e o que está dentro está resguardado, que assunto não terá sucesso?

Só se não usares algo agora é que poderás usá-lo depois;
Só se não agires agora é que poderás agir depois.
Se a essência e o espírito forem sobrecarregados, dispersam-se;
Se os ouvidos e olhos forem usados em excesso, esgotam-se.

Assim, um governante que tem o Caminho extingue os planos e descarta as intenções.
Silencioso e vazio, ele espera.
Não fala em lugar dos funcionários; não realiza as suas tarefas.
Segundo os títulos dos cargos, distribuem-se as responsabilidades;
Conforme os ofícios são aplicados, os deveres são cumpridos.

[Há] responsabilidades sem instruções escritas, tarefas sem ensinamento formal; toma «Não sei» como Caminho, e «Como se faz?» como tesouro.

Deste modo, cada assunto tratado pelos numerosos funcionários tem alguém responsável.

9.26

Aquele que segura os cabos da autoridade e da vantagem posicional pode facilmente transformar o povo.

O fato de o governante de Wey ter colocado ao seu serviço Zilu [discípulo de Confúcio] deveu-se ao peso da sua autoridade.

O fato de os Duques Jing e Huan de Qi terem nomeado Guan Zhong e Yan Ymg como ministros deveu-se à elevação da sua posição.

O fato de, por vezes, os tímidos subjugarem os valentes e os pouco inteligentes controlarem os sábios deve-se a saberem usar a vantagem posicional com sucesso.

Ora: os ramos de uma árvore não podem ser maiores que o tronco; o caule não pode ser mais forte que a raiz.

Por isso se diz que o leve e o pesado, o grande e o pequeno, se controlam mutuamente.
É como os cinco dedos ligados ao braço.
Conseguem agarrar, estender, apanhar ou prender, e nada disso se faz senão conforme à

nossa vontade.
Isto significa que os pequenos são extensões dos grandes.

Assim, beneficiar da vantagem posicional é ter algo muito pequeno nas mãos, mas gerir algo muito vasto; guardar o que é compato, mas controlar o que é imenso.
Assim, um tronco com dez palmos de circunferência pode sustentar um telhado com o peso de mil *jun*, e uma chave de cinco polegadas pode controlar a abertura e o fecho de uma porta.

Como pode essa pequena quantidade de matéria ser suficiente para a tarefa?
Porque é a posição que ocupam que é importante.

Confúcio e Mo Di cultivaram as técnicas dos antigos sábios e compreendiam profundamente as doutrinas das seis artes.
As suas palavras aderiam aos seus princípios, e os seus atos encarnavam a sua vontade.
[Contudo,] os que, admirando a sua Retidão e seguindo a sua influência, se submetiam a eles e os serviam, não passavam de algumas dezenas de pessoas.

Mas se tivessem ocupado a posição de Filho do Céu, todo o mundo teria passado a ser confucionista ou mohista.

O Rei Zhuang de Chu ficou angustiado por Wen Wuwei ter sido morto no Estado de Song.
Arregaçou as mangas, encolerizou-se e partiu para invadir Song.
Funcionários de robe e chapéu juntaram-se a ele em cada etapa do caminho, até que formaram um exército inteiro diante das muralhas de Song.
O peso da sua autoridade era considerável.

O Rei Wen de Chu gostava de usar um chapéu de pele de *xie*, e o povo de Chu imitava-o.
O Rei Wuling de Zhao apresentou-se na corte com um cinto decorado com conchas e um chapéu com penas de faisão, e todo o Estado de Zhao transformou os seus trajes para o acompanhar.

Mas se um homem comum fosse à corte com um chapéu de pele de *xie*, um cinto de conchas e um chapéu com penas de faisão, não evitaria ser alvo de riso.

Entre o povo, não há um em dez mil que ame a virtude, se alegre com a retidão e, sem precisar de saber o que é proibido ou punido, permaneça naturalmente dentro dos limites das leis e dos padrões.

Mas se [o governante] promulgar ordens que devem ser seguidas — de modo que os que as cumprem beneficiam, e os que as violam sofrem —, então, antes que a sombra do relógio solar se mova, ninguém dentro dos Quatro Mares deixará de se conformar.

Assim, segurar uma espada ou lança pela lâmina e avançar para a batalha — nem mesmo Beigongzi ou Sima Kuaikui seriam eficazes dessa maneira.

Mas se se empunhar o punho e se erguer a ponta da lâmina, até um homem comum pode vencer.

Se [até mesmo] Wu Huo [ou Jie Fan] puxasse o rabo de um boi por trás, mesmo que o rabo se soltasse, o boi não iria onde ele quisesse — porque isso seria agir contra a sua propensão natural.

Mas se se colocar um pau de amoreira no nariz do boi, até uma criança de metro e meio poderá guiá-lo para qualquer lado dentro dos Quatro Mares — porque isso é agir de acordo com a sua natureza.

Com um remo de sete pés pode-se dirigir um barco à direita ou à esquerda, porque se usa a própria água como auxílio.

O Filho do Céu emite comandos.
As suas ordens são executadas e as suas proibições respeitadas, porque ele faz do povo a sua vantagem posicional.

Se o governante protege o povo daquilo que lhe causa dano e abre caminho ao que lhe traz benefício, então a sua majestade espalhar-se-á como uma represa que rompe ou um dique que se desfaz.

Assim, se:

Se segue a corrente e se desce o rio, é fácil alcançar o destino;
Se se galopa com o vento pelas costas, é fácil ir longe.

Quando o Duque Huan de Qi estabeleceu o seu governo, eliminou os animais que comem carne, eliminou as aves que se alimentam de grãos e retirou armadilhas e redes.
Com estas três medidas, agradou ao povo comum.

Quando [o tirano] Djou assassinou o seu tio, o Príncipe Bi Gan, os seus parentes de sangue revoltaram-se. Quando amputou as pernas das pessoas que atravessavam o rio pela manhã, dezenas de milhares se rebelaram.

Com estas duas ações, perdeu o mundo.

Ora:

A Retidão de um governante pode não beneficiar todos no mundo, mas se beneficiar uma única pessoa, o mundo tomará isso como exemplo.

A crueldade de um governante pode não prejudicar toda a população, mas se ferir uma única pessoa, o mundo poderá erguer-se em revolta.

Assim:

O Duque Huan levou a cabo três empreendimentos — e presidiu a nove assembleias dos Senhores da Terra.

Djou cometeu duas ações — e nem como homem comum conseguiu continuar a viver.
Por isso, não se pode deixar de ter cautela nos próprios atos.

9.27

Quando o governante arrecada impostos do povo, deve antes calcular o que a colheita renderá, pesar o que o povo tem armazenado, e prever, conforme a abundância ou escassez, quantos têm excedente e quantos enfrentam carência.

Só então deve usar [as receitas dos impostos] para carros, carruagens, vestes e alimentos para satisfazer os seus desejos.

Altos terraços e pavilhões de vários andares, salas dispostas em série e câmaras interligadas — não é que não sejam elegantes, mas quando o povo nem sequer tem cavernas escavadas ou cabanas de varas onde se abrigar, um governante esclarecido não os usufrui.

Alimentos ricos, vinhos fortes e bolos doces — não é que não sejam saborosos, mas quando nem as cascas do grão ou as favas e ervilhas chegam à boca do povo, o governante esclarecido não os acha doces.

Camas bem construídas e esteiras finamente tecidas — não é que não sejam confortáveis, mas quando o povo vive em povoações muralhadas nas fronteiras, enfrentando perigo e dificuldade, morrendo nos campos e deixando os ossos a branquejar ao sol, um governante esclarecido não dorme em paz na sua cama.

Assim, os que governavam a humanidade na Antiguidade sentiam tamanha tristeza pelo sofrimento do povo que, se alguns passassem fome no Estado, os seus próprios alimentos não eram fortemente temperados; se alguns passassem frio, no Inverno não usavam peles.

Quando a colheita era abundante e o povo próspero, só então o governante mandava montar sinos e tambores e exibir escudos e machados [para danças cerimoniais]. Governo e ministros, superiores e subordinados, então, com um só coração, alegravam-se juntos — e não havia um só homem triste no Estado.

Assim, os antigos criaram:

Instrumentos de metal, pedra, bambu e cordas para exprimir a alegria;
Armas, armaduras, machados e alabardas para manifestar a ira;

Taças de vinho e libações, suportes e travessas de carne sacrificada, brindes e votos para verificar a felicidade;

Vestuário de luto cru e sandálias de palha, bater no peito e rodopiar, chorar e lamentar — para comunicar o pesar.

Tudo isto são expressões do que incha por dentro e depois se manifesta por fora.

Mas, descendo aos tempos dos governantes desordeiros:

Ao extrair do povo, não calculavam a sua força;
Ao exigir dos que estavam abaixo, não avaliavam as suas poupanças.

Homens e mulheres não podiam seguir os seus ofícios de lavoura e tecelagem porque tinham de satisfazer as exigências dos superiores.

A sua força esgotava-se, os seus recursos desapareciam. Governantes e ministros desprezavam-se mutuamente.

Assim, [se justo quando] o povo chegava ao ponto de, com os lábios secos e os fígados inflamados, ter apenas o suficiente para o momento, sem nada de reserva — os governantes decidissem mandar soar grandes sinos, bater tambores, tocar flautas e dedilhar *qin* e *se*, isso seria como descendentes envergarem armadura para entrar no templo ancestral ou vestirem seda para ir à guerra.

[Dir-se-ia que] tinham perdido de vista aquilo de onde brota a verdadeira alegria da música.

9.27

Ora, quando as pessoas buscam os seus meios de subsistência, se um único homem lavrar com o arado, não poderá cultivar mais do que dez *mu* de terra. A colheita anual de campos de qualidade mediana não excederá quatro *dan* por *mu*.

A sua esposa, os filhos, os idosos e os doentes também terão de viver disso.

E há, por vezes, calamidades diversas como inundações, secas e desastres naturais.

Além disso, terá de pagar impostos ao governante para as despesas com carruagens e cavalos, soldados e armaduras.

Visto sob esta perspetiva, a vida dos comuns é de fato lamentável!

Ora, sobre a vasta extensão do Céu e da Terra, em média, três anos de cultivo agrícola deveriam produzir excedente para um ano de grão.

Assim, ao longo de nove anos, deveria haver três anos de reserva; seis anos de acumulação em dezoito anos, e nove anos de provisão em vinte e sete anos.

Mesmo que houvesse inundações, secas ou catástrofes, ninguém entre o povo ficaria angustiado ou empobrecido a ponto de vaguear em total miséria.

Assim, se o Estado não tiver uma reserva equivalente a nove anos de produção, chama-se “insuficiente”.

Sem acumulação de seis anos, diz-se “lamentável”.

Sem excedente de três anos, é chamado “empobrecido”.

Portanto, príncipes humanos e governantes esclarecidos são comedidos no que tomam dos que estão abaixo; são moderados ao sustentarem-se.

Deste modo, o povo pode receber as bênçãos do Céu e da Terra e não experimentar as dificuldades da fome e do frio.

Mas se houver governantes gananciosos e príncipes violentos, que oprimem os que estão abaixo, saqueiam e confiscam os bens do povo para satisfazer desejos insaciáveis, então o povo não terá como beneficiar da Harmonia Celeste nem trilhar o Caminho da Abundância da Terra.

9.28

O alimento é a raiz do povo;
O povo é a raiz do Estado;
O Estado é a raiz do governante.

Por isso, o governante dos homens, acima, segue os ciclos do Céu; abaixo, apoia-se nos recursos da Terra; e, no meio, utiliza a força do povo.

Assim:

Os seres vivos amadurecem; os cinco grãos florescem em abundância.

Ao governante compete ensinar o povo a cuidar e alimentar os seis tipos de animais domésticos, plantar árvores na estação apropriada, preparar campos alagados e campos secos, iniciar viveiros e plantar amoreiras e cânhamo.

Consoante o solo seja fértil ou pobre, alto ou baixo, semeia-se cada lugar com aquilo que melhor lhe convém.
Em colinas íngremes, onde os cinco grãos não crescem, plantam-se árvores e bambu.

Na primavera, podam-se os ramos secos.
No verão, colhem-se frutos e melões.
No outono, recolhem-se legumes e cereais.
No inverno, corta-se lenha.

Tudo isto são recursos para o povo.
Assim, enquanto vivos, não lhes falta o que usar; e mortos, os seus corpos não são abandonados.

Pelas leis dos reis antigos, quando caçavam, não exterminavam rebanhos;
Não apanhavam crias ou animais bebés;
Não secavam pântanos para apanhar peixes;
Não queimavam florestas para capturar animais.
[No nono mês], antes de os cães-selvagens fazerem os seus sacrifícios, não se estendiam redes no campo.

[Na primavera], antes de as lontras sacrificarem os peixes, não se lançavam redes na água, pois os peixes eram demasiado pequenos.

[No início do outono], antes de as águias e falcões terem sido usados para caçar outras aves, não se armavam redes nos vales e ravinas.

[No nono mês], antes de caírem as folhas, não se levavam machados às florestas e montanhas.
[No décimo mês], antes de os insetos entrarem em hibernação, os campos não eram queimados.

Animais prenhes não eram mortos; crias e ovos de aves não eram tomados.
Peixes com menos de um pé de comprimento não eram pescados; porcos com menos de um ano de vida não eram comidos.

Assim, as ervas e árvores cresciam como vapor a erguer-se no ar, e aves e feras regressavam [aos seus habitats] como um rio a correr.
As aves voadoras subiam ao céu como fumo ou nuvens.
Tudo isso se devia ao fato de as condições estarem amadurecidas para tal.

Segundo as políticas administrativas dos antigos reis:

Quando as nuvens dos Quatro Mares se reuniam [no início da primavera], reparavam-se os limites dos campos.
Quando rãs coaxavam e andorinhas desciam e chegavam [no terceiro mês], abriam-se as estradas e desobstruíam-se os atalhos.
Quando o *qi* yin descia às cem fontes [no décimo mês], reparavam-se as pontes.
Quando a mansão lunar *Extensão* culminava [ao entardecer do terceiro mês], plantavam-se com diligência os vários grãos.
Quando a estrela Grande Fogo [Antares] culminava [ao entardecer do quarto mês], semeavam-se milho e feijão.
Quando a mansão lunar *Vazio* culminava [ao entardecer do oitavo mês], plantava-se o trigo de inverno.
Quando as Plêiades culminavam [ao entardecer do décimo segundo mês], armazenavam-se reservas de grão e cortava-se lenha.

O governante reportava-se ao Céu e emitia proclamações para o povo.

A razão pela qual os reis antigos, agindo assim, respondiam às estações e punham tudo em ordem, fortaleciam o Estado e beneficiavam o povo, povoavam as regiões selvagens e atraíam habitantes de terras distantes, era porque o seu Caminho era completo.

Não era que pudessem ver com os próprios olhos nem que fossem pessoalmente a pé investigar.

Eles desejavam beneficiar o povo.

Esse desejo de beneficiar o povo nunca era negligenciado nos seus corações, e por isso os funcionários naturalmente se tornavam diligentes.

O coração é incapaz de realizar sequer uma das tarefas dos nove orifícios e dos quatro membros do corpo, mas no mover-se, repousar, ouvir e ver, tudo toma o coração como mestre — porque este nunca esquece de os beneficiar.

Assim, Yao fez o bem, e muitos outros bens dele derivaram.
O tirano Jie agiu mal, e muitos males se seguiram.

Quando o bem se acumula, atinge-se o sucesso;
Quando o erro se acumula, proliferam os fracassos.

9.29

Geralmente, as pessoas dizem que o coração deve ser pequeno [cauteloso] e a vontade grande [abrangente]; a sabedoria redonda [completa] e a conduta quadrada [reta]; as capacidades muitas e os assuntos poucos.

«O coração deve ser cauteloso» significa considerar as dificuldades antes de surgirem, preparar-se para as calamidades antes que ocorram, precaver-se contra as transgressões e ser meticuloso nos pequenos assuntos, sem jamais dar livre curso aos desejos.

«A vontade deve ser abrangente» significa reunir e unir os inúmeros Estados, padronizar costumes diversos, proteger e amparar o povo comum como se o unisse numa só comunidade, e atuar como o eixo central quando opiniões sobre o certo e o errado convergem como os raios de uma roda.

«A sabedoria deve ser redonda» significa girar como um círculo, sem distinção entre começo e fim, e fluir em todas as direções como uma fonte profunda e inesgotável.

Quando todas as coisas surgem em conjunto, nada escapa à sua atenção e resposta.

«A conduta deve ser quadrada» significa ser reto e firme, puro e incorruptível.
Mesmo na pobreza, não se alteram os padrões; mesmo no sucesso, não se impõe a vontade própria.

«As capacidades devem ser muitas» significa ser competente em assuntos civis e militares, e manter compostura tanto em ação como em repouso.
Nas ações, nas promoções e destituições, tudo se faz com propriedade.
Não se encontra oposição, e nada é deixado incompleto ou inapropriado.

«Os assuntos devem ser poucos» significa compreender os cabos do poder e empregar as técnicas do governo, captar o essencial para responder aos muitos, apreender a essência para governar amplamente, permanecer na quietude e manter-se centrado, girar no eixo, e usar o uno para unir os inúmeros — como unir as duas metades de uma ficha de verificação.

Assim:

Se o teu coração for cauteloso, conseguirás interromper os problemas no início.
Se a tua vontade for vasta, nada ficará fora do teu alcance.
Se o teu saber for completo, nada te será desconhecido.
Se a tua conduta for reta, não agirás de forma inapropriada.
Se as tuas capacidades forem muitas, nada deixarás desordenado.
Se os teus assuntos forem poucos, a essência estará ao teu alcance.

Na Antiguidade, quando o Filho do Céu realizava audiência, providenciava para que os senhores e ministros apresentassem advertências francas, estudiosos de largo saber

recitassem os Clássicos, mestres de música cantassem críticas ao governo, e o povo oferecesse os seus pareceres.

Secretários registavam as más condutas do governante; cozinheiros reduziam os manjares servidos.

Mas nem isso era tido como suficiente.
Por isso, Yao instalou um tambor à entrada do palácio, para quem quisesse admoestar; Shun colocou uma prancha para afixar críticas; Tang instituiu um superintendente da retidão; o Rei Wu instalou um tambor pequeno como lembrete constante da cautela.

Assim, quando o erro ainda era mínimo, já se tomavam precauções.

Segundo o conceito de bondade do sábio, nenhum ato [bom] é pequeno demais para ser realizado.
Segundo o seu conceito de má conduta, nenhum ato [mau] é trivial demais para ser corrigido.

Yao, Shun, Yu, Tang, o Rei Wen e o Rei Wu olhavam com confiança para sul e governavam o mundo.
Naqueles tempos, quando soava o gongue, comiam; quando se tocava a composição «Concórdia», a mesa era recolhida.

Depois de terminarem o arroz, ofereciam um sacrifício ao deus do lar.
Na sua conduta, não recorriam a invocações de xamãs.

Fantasmas e espíritos não ousavam fazer-lhes bruxarias; montanhas e rios não ousavam causar-lhes dano.

Pode-se dizer que eram verdadeiramente nobres. E, ainda assim, viviam atentos e receosos, cada dia mais cuidadosos.

Desta perspetiva, então, o coração do sábio é cauteloso.

Os Clássicos dizem:

«Na verdade, este Rei Wen era cauteloso e reverente; servia ilustremente o Deus Altíssimo, e assim alcançou a boa fortuna.»

Não será disto que aqui se fala?

Quando o Rei Wu de Zhou atacou a dinastia Shang, distribuiu o grão dos celeiros de Zhuqiao, entregou o dinheiro do tesouro de Lutai, construiu um túmulo sobre a sepultura de Bi Gan, proclamou exemplar a aldeia ancestral de Shang Rong, trouxe sob controlo real o templo ancestral de Cheng Tang, e libertou Ji Zi da prisão.

Ele permitiu que pessoas de todas as condições permanecessem nas suas próprias casas e cultivassem os seus próprios campos.

Não distinguia entre antigos e novos [companheiros], mas aproximava-se apenas dos que eram dignos.

Aproveitava aqueles que nunca tinham estado ao seu serviço e empregava os que não eram seus homens de confiança, tratando com naturalidade os recém-chegados como se sempre tivessem sido seus servidores.
Sob esta perspetiva, então, a vontade do sábio é ampla.

O Rei Wen de Zhou observava, em toda a parte, sucessos e fracassos, examinava o certo e o errado.

[Refletia sobre] o que tornara gloriosos Yao e Shun, e [porque] pereceram Jie e Djou, e registou tudo no Mingtang.

Dessa forma, ampliava a sua sabedoria e alargava a sua erudição, de modo a poder responder a tudo o que se desviasse da retidão.
Sob esta perspetiva, então, a sabedoria do sábio é redonda.

Os Reis Cheng e Kang prosseguiram a obra dos Reis Wen e Wu, preservaram a instituição do Mingtang, investigaram os vestígios dos antigos Estados que duraram ou pereceram, e observaram as mudanças do sucesso e do fracasso.

Se algo contrariava o Caminho, não o diziam;
Se contrariava a Retidão, não o faziam.

As suas palavras não eram ditas de ânimo leve;
Os seus atos não eram realizados de forma irrefletida.

Escolhiam o que era bom, e só então agiam.
Sob esta perspetiva, então, a conduta do Homem Superior é quadrada.

As qualidades penetrantes de Confúcio eram tais que:

Na sabedoria, superava Chang Hong;
Na bravura, era superior a Meng Ben.
Os seus pés eram mais rápidos que os de um coelho veloz;
A sua força podia levantar o portão de uma cidade.

As suas capacidades, certamente, eram muitas.
Ainda assim, a sua valentia e força não se tornaram conhecidas;
As suas habilidades e domínio não foram divulgados.

Foi apenas pela prática da piedade filial e do Caminho que se tornou um “rei sem coroa”.
Os seus assuntos, certamente, eram poucos.

Nos 242 anos do período da Primavera e Outono, cinquenta e dois Estados pereceram, e trinta e seis governantes foram assassinados.

Confúcio promoveu o bem e condenou o mal, aperfeiçoando assim o Caminho do Verdadeiro Rei.

As suas discussões, com certeza, eram vastas.
Contudo, quando foi cercado em Kuang, o seu semblante e cor não se alteraram.

Tocava o *qin* e cantava sem interromper.

Mesmo quando a sua vida estava em risco, em meio a calamidades e dificuldades, mantinha-se fiel à Retidão e praticava os seus princípios — a sua vontade era destemida. A sua distinção entre vida e morte era clara.

Assim, [quando servia] como ministro da justiça em Lu, ao ouvir casos, chegava sempre a uma decisão.

Ao compilar os Anais da Primavera e Outono, não relatou fantasmas nem espíritos, nem ousou inserir as suas opiniões pessoais.

Ora, a sabedoria dos sábios certamente abrange muitas coisas, mas o que preservam vai à essência.

Assim, quando agem, o resultado é invariavelmente glorioso.

A sabedoria de um tolo é escassa, e no entanto tenta fazer muitas coisas.

Por isso, quando atua, é certo que falhará.

Em sabedoria, Wu Qi e Zhang Yi não se comparavam a Confúcio e Mo Di, e ainda assim disputavam com governantes de Estados de dez mil carros.

Por isso, acabaram por ser despedaçados por carruagens e a sua linhagem foi extinta.

Ora:

Se [o governante] usa a retidão para transformar o povo através do ensino, isso é fácil e certamente terá êxito.

Se usa a depravação para manipular a sociedade, isso é difícil e certamente fracassará.

Se, então, se pretende estabelecer um padrão de conduta e generalizá-lo por todo o mundo, abandonar o caminho fácil que leva ao êxito e seguir o difícil que conduz ao fracasso — isso seria o cúmulo da estupidez e da confusão.

As seis oposições devem, sem falha, ser cuidadosamente examinadas.

9.30

Conhecer profundamente as dez mil coisas mas não conhecer o Caminho da humanidade — isso não pode chamar-se Sabedoria.

Amar com intensidade todos os seres mas não amar a humanidade — isso não pode chamar-se Humanidade.

A Humanidade é o amor pelos da mesma espécie.
A Sabedoria é aquilo que não permite confusão.

Uma pessoa humana pode estar diante de um castigo mutilante ou de uma execução, mas vê-se no seu rosto que não o pode suportar.

Uma pessoa sábia pode lidar com um assunto penoso e desafiante, mas percebe-se pela sua eficácia que não está perdida.

O seu sentido interior de reciprocidade reflete-se nos seus sentimentos exteriores.
O que não deseja para si, não faz aos outros.

Ao conhecer o que está próximo, conhece o que está longe;
Ao conhecer a si mesmo, conhece os outros.
Assim age [o sábio] segundo a harmonia entre Humanidade e Sabedoria.

Se em assuntos pequenos há ensino, então em grandes assuntos há preservação do Estado.
Se em assuntos pequenos há castigo, então em grandes assuntos haverá paz.

A forma de expressar a compaixão através da ação é algo que só o homem sábio pode decidir.

Assim:

Humanidade e Sabedoria por vezes discordam e por vezes concordam.
Quando concordam, aplica-se a Retidão;
Quando discordam, recorre-se à Conveniência.
O padrão da Retidão é constante.

Funcionários e secretários seguem a lei, mas o governante controla-os através da Retidão.

Um governante que é legalista mas carece de Retidão não é diferente dos funcionários e secretários.
Isso não é suficiente para um verdadeiro governo.

A agricultura como ocupação é laboriosa; a tecelagem como ofício é penosa.
Embora sejam tarefas árduas, o povo não as abandona, pois sabe que é por esses meios que se consegue alimentar e vestir.

É uma qualidade essencial do ser humano não poder passar sem alimento nem vestuário.
O Caminho para se vestir e alimentar começa com o cultivo e a tecelagem.
Isto é algo que o povo, em multidões de milhares, reconhece.

A agricultura e a tecelagem iniciam-se com esforço, mas no fim são inevitavelmente benéficas.

As coisas para as quais se podem fazer preparativos são inumeráveis, mas os tolos empreendem poucos desses preparativos.

Os assuntos em que se podem aplicar medidas oportunas são muitos, mas os tolos aplicam-nas raramente.

Por isso os tolos têm tantos problemas.
As coisas para as quais os sábios se podem preparar, eles preparam-nas de forma tão completa quanto possível.
Onde se podem aplicar medidas de conveniência, eles aplicam-nas de modo completo.
Por isso, os sábios têm poucos problemas.

Assim:

O sábio encontra resistência no início, mas no fim alcança a concórdia;
O tolo começa com alegria, mas termina em lamento.

Hoje, o que devemos fazer para obter honras?
Amanhã, o que devemos fazer para agir com Retidão?

Tudo isto é fácil de dizer.
Mas se dissermos: Hoje, o que devemos fazer para agir com Retidão?
Amanhã, o que devemos fazer para alcançar honras? — então isso é difícil de discernir.

Se se perguntar a um músico cego: «A que se parece o branco puro?» ele dirá: «É como seda crua.»
Se se perguntar: «A que se parece o preto?» ele dirá: «É como o mais profundo escuro.»

Mas se se lhe mostrar algo branco e algo preto, não os poderá distinguir.

As pessoas usam os olhos para perceber o branco e o preto, e a boca para falar deles.
O mestre de música cego tem os meios para falar sobre branco e preto, mas não os meios para os conhecer.

Assim, no falar sobre branco e preto, é como os outros; mas na incapacidade de os distinguir, é diferente dos outros.

Todos, sejam tolos ou sábios, dignos ou insuficientes, sabem que ter piedade filial para com os pais e lealdade para com o soberano é Retidão.

Mas poucos sabem servir de exemplo nesses comportamentos ou conhecem a sua verdadeira origem.

No pensamento das pessoas, não há quem não considere a sua própria opinião como correta antes de agir.

O que distingue o que é correto do que é incorreto é a diferença entre tolice e sabedoria.

Na natureza humana, nada é mais valioso do que a Humanidade; nada é mais urgente do que a Sabedoria.
A Humanidade é usada como substância fundamental;
A Sabedoria é usada para levar as coisas a cabo.

Estas duas são a raiz.
Acrescenta-se-lhes coragem, força, eloquência, perspicácia, astúcia, rapidez, diligência, discernimento, engenho, agilidade mental, clareza, nitidez, brilho completo e visão penetrante — e tudo isso serve para aumentar as vantagens de alguém.

Mas se alguém, carecendo de cultivo pessoal, for treinado em artes e ofícios, mas sem Humanidade nem Sabedoria para manifestar como traço fundamental, então quanto mais amplifica os seus pontos fortes, mais aumenta o dano que pode causar.

Assim:

Aquele que não tem Humanidade mas é corajoso e ousado é como um louco a brandir uma espada afiada.

Aquele que não tem Sabedoria mas é eloquente e de língua rápida é como conduzir um excelente cavalo sem saber para onde ir.

Mesmo que tenhas talento e habilidade, se os aplicares onde não são adequados, servirão apenas para encobrir o erro e promover o engano.

Nesse caso, ter muitas habilidades seria pior do que ter poucas.

Assim, quem está consumido pela ambição não pode ter acesso à vantagem posicional, e os fundamentalmente tolos não devem ter acesso a ferramentas afiadas.

9.31

Quando os peixes têm água, nadam nela e alegram-se; mas se os diques se rompem e a água seca, acabam por ser comidos pelos insetos.
Se reforçares e reparares os diques e os taludes, e repuseres a água que se perdeu, os peixes serão restaurados e beneficiarão disso.

Um país tem algo pelo qual se conserva;
As pessoas têm algo pelo qual sobrevivem.

O que preserva um Estado é a Humanidade e a Retidão;
O que sustém as pessoas é a boa conduta.

Se um Estado carecer de Retidão, mesmo que seja grande, certamente perecerá.

Se as pessoas não tiverem boa vontade, mesmo que sejam valentes, acabarão por se ferir.

O governo de um Estado é uma ordem do governante — e não de mais ninguém.
Ser piedoso para com os pais, fraterno com os irmãos, e honesto com os amigos — tudo isso pode ser realizado sem ordens vindas de cima.

Pôr de lado aquilo que se pode realizar e buscar fazer o que está fora de controlo é absurdo.

9.32

Se um estudioso que vive em circunstâncias modestas e obscuras deseja alcançar o soberano, deve primeiro regressar a si mesmo.

Há um Caminho para alcançar o soberano.
Mas se carecer de fama e reputação, não poderá aproximar-se.

Há um Caminho para obter reputação.
Mas se não conquistar a confiança dos amigos, não poderá obter reputação.

Há um Caminho para obter a confiança dos amigos.
Mas se, nos seus relacionamentos familiares, não tornar os parentes felizes, os amigos não confiarão em si.

Há um Caminho para tornar felizes os seus parentes.
Mas se o seu cultivo pessoal não o levar à sinceridade, não poderá governar a sua família.

Há um Caminho para tornar-se sincero.
Mas se a sua mente não estiver concentrada no Uno, não poderá ser sincero.

O Caminho reside naquilo que é fácil, mas [as pessoas] procuram-no no que é difícil.
A prova encontra-se no que está próximo, mas [as pessoas] buscam-na no que está longe.
É por isso que ninguém o alcança.

DEZ PRECEITOS PROFUNDOS

10.1

O Caminho, no seu ponto mais elevado, não tem nada acima dele; no mais baixo, nada há abaixo dele.

É mais plano do que o nível do carpinteiro, mais reto do que a corda de marcação, mais redondo do que o compasso, mais quadrado do que o esquadro.

Abrange o cosmos sem dentro nem fora.
Cavernoso e indiferenciado, cobre e sustenta sem obstrução.

Por isso, aqueles que encarnam o Caminho não se deixam levar pela tristeza nem pela alegria; não se regozijam nem se irritam.

Sentam-se sem pensamentos inquietos, e dormem sem sonhos.
As coisas vêm, e eles dão-lhes nome.
Os assuntos surgem, e eles respondem-lhes.

10.2

O governante é o coração do Estado.

Quando o coração está bem ordenado, todas as articulações estão seguras;
Quando o coração está desordenado, todas as articulações se confundem.

Assim:

Se o teu coração estiver bem ordenado, os membros e o corpo [podem] ignorar-se mutuamente.
Se o Estado estiver bem governado, governante e ministro [podem] esquecer-se um do outro.

10.3

O Imperador Amarelo disse:

«Vasto e infinito,
[Sigo] o Caminho do Céu, e o meu *qi* é idêntico à Origem.»

Assim, quando [o governante] aperfeiçoa a sua Potência,

As suas palavras coincidem com os seus planos;
As suas ações coincidem com as suas intenções.
O Alto e o Baixo têm um só coração.

10.4

Aqueles que não seguem caminhos divergentes nem mantêm visões distorcidas erguem barreiras contra a depravação; abrem o Caminho para seguir o bem.

Dessa forma, o povo volta-se para o quadrado, para o que é reto.

Assim diz o *Livro das Mutações*:

«Unir o povo nos campos.
É vantajoso atravessar o Grande Rio.»

10.5

O Caminho é aquilo que guia as coisas;
A Potência é o que sustenta a natureza.

A Humanidade é prova visível de bondade acumulada.
A Retidão é aquilo que se conforma ao coração humano e se adequa à maioria da humanidade.

Assim:

Quando o Caminho se extinguiu, recorreu-se à Potência.
Quando a Potência enfraqueceu, nasceram a Humanidade e a Retidão.

Assim:

Na era primitiva, encarnava-se o Caminho, mas não se falava em Potência.
Na era média, havia Potência, mas não se a valorizava.
Na era tardia, vivia-se ansioso e receoso de perder até a Humanidade e a Retidão.

10.6

Se não fosse pela Humanidade e pela Retidão, o Homem Superior não teria por que viver.
Se perde a Humanidade e a Retidão, perde o sentido da sua existência.

Se não fosse pelos desejos e anseios, o homem vulgar não teria por que viver.
Se perde os seus desejos e anseios, perde a razão de viver.

Assim:

O Homem Superior teme perder a Retidão;
O homem vulgar teme perder aquilo que lhe é valioso.

Quando observamos o que as pessoas temem, compreendemos quão diferentes são.

O *Livro das Mutações* diz:

«Perseguir um veado sem guia.
Este foge para a floresta.
Para o Homem Superior, segui-lo não seria tão bom como abandoná-lo.
Se o seguisse, encontraria dificuldade.»

10.7

Se a tua generosidade for ampla, a tua recompensa será grande;
Se o teu ódio for profundo, o teu infortúnio será ainda mais profundo.

Dar com parcimónia mas esperar em excesso, alimentar rancor mas esperar não sofrer — isso nunca ocorreu desde a Antiguidade até hoje.

Por isso o sábio:

Investiga o que veio antes e, assim, compreende o que está por vir.

10.8

Não se poderia dizer que o Caminho do sábio é como um jarro de vinho colocado no meio de um cruzamento?

As pessoas que por ali passam servem-se dele.
Alguns tiram mais, outros menos, de forma desigual; mas todos recebem o que julgam apropriado.

Por essa razão, o modo de conquistar a lealdade de uma só pessoa é o mesmo que o de conquistar a de cem.

10.9

Se as pessoas tomarem como padrão aquilo que desejam dos seus superiores e o aplicarem na forma como tratam os seus subordinados — quem não os apoiaria?

Se tomarem o que desejam dos seus subordinados como padrão para tratar os superiores — quem não os apreciaria?

Os *Clássicos* dizem:

«Amado é o Homem Único [o rei].
Nas suas respostas aos Senhores da Terra, atua com Potência.
O exercício cauteloso da Potência é grandioso.
O Homem Único é pequeno.
Se praticas o bem nas coisas pequenas, podes praticar o bem nas grandes.»

10.10

Quando o Homem Superior vê as transgressões do soberano, esquece-se da punição [por as apontar].
Assim, é capaz de admoestar.

Quando vê um homem digno, esquece-se da sua posição inferior.
Assim, é capaz de ceder com modéstia.

Quando vê outros em carência, esquece-se da sua própria pobreza.
Assim, é capaz de dar com generosidade.

10.11

Os sentimentos estão ligados ao centro [isto é, ao coração];
A conduta manifesta-se no exterior.

Sempre que a conduta provém dos sentimentos, ainda que excessiva, não causará ressentimento.
Sempre que não provém dos sentimentos, mesmo que leal, acarretará más consequências.

10.12

O Senhor Millet trouxe amplos benefícios ao mundo, mas nem por isso se vangloriou.

Yu não desperdiçou esforços nem recursos, mas ainda assim considerava-se insuficiente.

Aqueles para quem:

A plenitude é como um poço vazio,
E a substância é como o vazio,

são os que mais dela retiram.

10.13

Todas as pessoas consideram digno aquilo que lhes agrada, e ficam contentes com aquilo que as faz felizes.

Não há época que não promova os “dignos”.

[Mas] alguns governantes, ao fazê-lo, trazem ordem; outros, trazem caos.

Não é que [os governantes] se enganem a si próprios; é que procuram “dignos” que sejam como eles próprios.

Mas se o governante não for, ele mesmo, necessariamente digno, e procurar alguém igual a si na esperança de, assim, encontrar um digno — certamente não resultará.

Permitir que Yao avalie Shun é admissível;
Mas permitir que Jie avalie Yao é como usar um *sheng* para medir um *dan* — são incomensuráveis.

10.14

Ora, se chamares a uma raposa um cão-guaxinim, é certo que não sabes o que é uma raposa, nem sabes o que é um cão-guaxinim.

Se não for por nunca teres visto uma raposa, então seguramente nunca viste um cão-guaxinim.

[De certo modo,] uma raposa e um cão-guaxinim não são diferentes, pois pertencem à mesma classe de animais.
Mas se chamas raposa ao cão-guaxinim, não conheces nem um nem outro.

Por essa razão:

Se chamas digno a quem não o é, é certo que não sabes o que é a dignidade.
Se chamas indigno a quem é digno, é certo que não sabes o que é a indignidade.

10.15

Quando o sábio está no alto [isto é, no poder], o povo alegra-se com o seu governo;
Quando está em baixo [fora do poder], o povo admira a sua firmeza.

Quando o homem vulgar ocupa um alto cargo, é como deitar-se num portão ou guardar casulos ao sol:
Não se tem um momento de paz.

Assim diz o *Livro das Mutações*:

«Montando o cavalo, este dá meia volta; chorando sangue, a torrente jorra.»

Isto significa que, quando o homem vulgar ocupa um cargo acima da sua condição, não poderá nele permanecer por muito tempo.

10.16

Não há coisa alguma que não tenha alguma utilidade.

Tianxiong e *wuhui* são das ervas mais venenosas, mas um bom médico usa-as para salvar vidas.

Anões e músicos cegos são os inválidos aflitos da humanidade, mas o governante dos homens emprega-os na execução da música.

Por isso o sábio aproveita até as aparas da madeira.

Não há nada que ele não utilize.

10.17

Com um só brado, um guerreiro valente pode fazer recuar os Três Exércitos.
O que os dispersa é a sua sinceridade plena.

Assim:

Se ordenas, mas [as tropas] não obedecem em harmonia;
Se tens intenções, mas [as tropas] não te apoiam — é certo que algo não está em conformidade com o teu coração interior.

Foi assim que Shun, sem sequer descer do seu tapete, conseguiu preservar o mundo — porque o buscava dentro de si mesmo.

Assim, se o governante inventa desculpas cada vez maiores, o povo praticará enganos cada vez mais profundos.

Ter um corpo curvado e uma sombra reta — nunca tal coisa se ouviu.

10.18

O que a fala persuasiva não alcança, a aparência e o porte podem alcançar.
O que a aparência e o porte não alcançam, um lampejo de emoção pode exprimir.

O que é estimulado na mente torna-se claro na inteligência; por fim, manifesta-se e toma forma.

A essência, no seu auge, pode moldar a dinâmica de um encontro — mas não pode dar aviso claro.

10.19

Os cavalos dos povos Rong e Dee sabem correr e galopar.
Alguns percorrem pequenas distâncias, outros percorrem longas, mas só Zaofu soube extrair o máximo da sua força.

Os povos das Três Tribos Miao podiam todos tornar-se fiéis e dignos de confiança.
Alguns eram dignos, outros indignos, mas só Tang e Yu souberam integrar os seus pontos fortes.

Devem ter possuído algo que não se transmite.

O Conde Mu de Zhonghang capturou um tigre com as mãos nuas — mas não conseguiu apanhá-lo com vida.

Sem dúvida, a sua força física era notável, mas a sua habilidade não ia além disso.

10.20

Se usares o que cem pessoas podem fazer, obterás a força de cem pessoas.
Se promoveres aquilo que mil pessoas amam, conquistarás o coração de mil pessoas.

Por analogia, é como derrubar uma árvore e arrancar-lhe as raízes:
Dos mil ramos e das dez mil folhas, nenhuma deixará de cair com ela.

10.21

O amor de um pai bondoso pelo seu filho não existe para ser retribuído, mas porque [esse amor] não pode ser removido do seu coração.

O cuidado do rei-sábio pelo seu povo não se deve ao desejo de os utilizar, mas porque a sua natureza não lhe permite agir de outro modo.

É como:

O fogo, que é naturalmente quente,
E o gelo, que é naturalmente frio —
Que cultivo seria necessário para isso?

Confiar na força dos outros ou apoiar-se nos méritos alheios é como fogo num barco.
Por isso, o Homem Superior vê o início e conhece o fim.

10.22

Os casamenteiros elogiam as pessoas — mas não porque as estimem.

[As pessoas] contratam trabalhadores e alimentam-nos à força — mas não porque os amem.
Nem mesmo o pai afetuoso e a mãe bondosa poderiam fazer mais do que isso.
Mas quando algo é feito com um fim em vista, a bondade não entra em consideração.

Por isso, não se despede um hóspede da mesma forma como se o recebe.
O que se oferece aos mortos não é aquilo que se reserva para os vivos.

A sinceridade vem de dentro; mas aquilo que ela comove está ao longe.

10.23

Vestir-se com brocados e bordados para subir ao templo ancestral é valorizar o requinte exterior.
Segurar diante de si as tabuletas *gui* e *zhang* é dar importância à substância interior.

Se o teu requinte [exterior] não ofusca a tua substância [interior], então podes ser chamado Homem Superior.

Assim:

É preciso um ano para construir uma carruagem — mas se lhe faltar um eixo de três polegadas, não se pode partir em galope.

É preciso um carpinteiro para emoldurar uma porta — mas se faltar uma tranca de um pé de comprimento, ela não se fecha em segurança.

Por isso, quando o Homem Superior age, pensa nos resultados.

10.24

A essência do coração pode transformar os outros como um espírito — mas não pode apontar-lhes o caminho.
A essência do olhar pode penetrar as obscuridades — mas não pode emitir aviso claro.

O que reside no escuro e no obscuro não pode ser posto em palavras.

Assim:

Shun não desceu do seu tapete — e o mundo ficou em ordem.
O tirano Jie não saiu do trono — e o mundo caiu em desordem.

Certamente, os sentimentos são mais profundos do que ordens proferidas.

Buscar nos outros o que falta em si — tal coisa nunca se ouviu desde os tempos antigos até ao presente.

10.25

Se o discurso é o mesmo, mas as pessoas confiam nele [em certos casos], é porque a confiança o precedeu.

Se a ordem é a mesma, mas as pessoas se transformam por ela [em certos casos], é porque a sinceridade ia além da ordem.

Quando os sábios governam no alto e o povo se comove e transforma, é porque os sentimentos abriram o caminho.

Quando há movimento no alto mas nenhuma resposta em baixo, é porque sentimentos e ordens estão em desacordo.

Assim diz o *Livro das Mutações*:

«O dragão altivo terá de se arrepender.»

10.26

Um bebé de três meses ainda não distingue entre benefício e dano — mas o amor da mãe bondosa chega até ele por meio dos sentimentos.

Assim, a utilidade da palavra falada — quão manifestamente pequena é!

A utilidade do que não se diz — quão vastamente grande!

10.27

Dar forma às palavras do Homem Superior é confiança.
Interiorizar a sua resolução é lealdade.

Quando lealdade e confiança se formam interiormente, o estímulo impele uma resposta exterior.

Assim:

Quando Yu empunhou escudo e machado e dançou nas escadarias duplas, as Três Tribos Miao submeteram-se.

Quando a águia paira sobre o rio, os peixes e tartarugas submergem, e as aves dispersam.

Por necessidade, afastam-se do perigo.

10.28

Um filho morrer pelo pai, ou um ministro pelo seu soberano — é algo que ocorre ao longo das eras.

Não é que tenham morrido por fama, mas sim porque tinham um coração bondoso no íntimo — e por isso não podiam afastar-se das tribulações do outro.

Assim, o prazer das pessoas naquilo que lhes agrada não cria, propriamente, um caminho — o caminho já lá está, e elas seguem-no.

A aflição desolada do Homem Superior não assume uma forma definida, mas transmite-se ao coração dos outros.

Não é algo que venha de fora, mas que irrompe de dentro — do centro [isto é, do coração humano].

10.29

A Retidão está acima do soberano.
A Humanidade é mais íntima do que um pai.

Assim:

O soberano, em relação aos seus ministros, pode matá-los ou poupá-los — mas não pode obrigá-los a servir com indiferença negligente.

O pai, em relação aos seus filhos, pode rejeitá-los ou criá-los — mas não pode forçá-los a não se preocuparem.

Assim:

Quando a Retidão transcende o próprio soberano e a Humanidade transcende o próprio pai, o soberano é elevado e os ministros são leais; o pai é compassivo e os filhos são piedosos.

10.30

Quando os sábios governam, transformam e educam [o povo] de forma quase espiritual.

[Se o governante for] da mais alta estatura, [o povo] diz: «Faço isto porque é da minha natureza!»

[Se for] de estatura inferior, dizem: «Como é subtil o seu modo de ser!»

Assim dizem os *Clássicos*:

«Conduz as rédeas [do governo] como se fossem fitas de seda de uma dançarina.»

O *Livro das Mutações* diz:

«Ocultando o seu esplendor, é capaz de perseverar.»

10.31

Ações realizadas perto fazem com que a civilização se espalhe para longe.
Quando examinou o seu passo noturno, o Duque de Zhou sentiu vergonha da sua sombra.

Por isso, o Homem Superior examina-se na solidão.

Abandonar o que está perto na esperança do que está longe — é obstruir o próprio caminho.

10.32

Ouvir falar do bem é fácil; usá-lo para se corrigir — isso é difícil.

Quando o Mestre viu as três transformações do grão [semente, rebento e maturação], suspirou profundamente e disse:

«A raposa volta a cabeça para a toca e morre.
Mas a minha cabeça pende como o grão.»

Assim, quando o Homem Superior vê o bem, aplica-se a si próprio com zelo.

Se corrigires a ti mesmo, transformar os que estão ao longe será fácil.

Assim dizem os *Clássicos*:

«Não ages pessoalmente; não mostras afeição;
E o povo não confia em ti.»

10.33

Na busca de objetivos, o homem vulgar diz: «Oxalá eu conseguisse o que desejo.»
O Homem Superior diz: «Oxalá eu conseguisse praticar a Retidão.»

Ambos procuram algo; o que esperam é que é diferente.

Se bateres nas tábuas de um barco no meio da água, os peixes submergem e os pássaros dispersam.

Ambos ouvem o mesmo — mas comportam-se de forma diferente.
Os sentimentos são os mesmos.

10.34

Por ter oferecido um tacho de comida, Xi Fuji recebeu uma inscrição elogiosa no portão da sua aldeia.

Por oferecer um embrulho de carne seca, Zhao Xuanmeng salvou a própria vida.

Como atos de cortesia, não foram extraordinários, mas transbordaram de Potência Moral.

Assim, quando a bondade responsiva de um coração humano encontra o outro, nasce a compaixão mútua.

E assim penetra profundamente nos corações alheios.

10.35

Com um brado penetrante, o ancião da família desperta a generosidade e a bondade; já o credor suscita competição e conflito.

Por isso se diz:

«Não há arma mais temível do que a vontade humana.
A espada Moye é inferior a ela.
Não há assaltantes maiores do que o Yin e o Yang.
O tambor e a baqueta são menores do que eles.»

10.36

Quando os sábios praticam o bem, não o fazem para buscar fama — e, no entanto, a fama segue-os.
Não esperam que a fama traga lucro — e, no entanto, o lucro vem.

Assim, a inquietação e a alegria das pessoas não decorrem de um caminho traçado de propósito.
O caminho leva-as até lá, e os sentimentos emergem.

Por isso, os mais elevados [sábios] não se preocupam com as aparências exteriores.
São como quem esfrega os olhos quando ardem ou se apoia ao tropeçar.

10.37

O governo do sábio é silencioso e não exibe o seu valor.
Só depois de o seu reinado terminar se compreende que foi grandioso.

É como o movimento do sol — nem mesmo o cavalo veloz Qiji pode competir com a distância que percorre.

10.38

Quando procuramos algo à noite, somos como um mestre de música cego.
Mas quando o céu oriental se abre, quão brilhante é!

Quando se age com vista ao ganho, a perda segue-se.

Assim diz o *Livro das Mutações*:

«Ao ser despido, não é completamente exaurido;
Por isso, volta a ser recebido ao retornar.»

10.39
Acumular o fino faz o grosso.
Acumular o baixo faz o alto.

Assim:

Todos os dias o Homem Superior trabalha diligentemente e, por isso, alcança glória.
Todos os dias o homem mesquinho trabalha de forma descuidada e, por isso, colhe ignomínia.

Mas os incrementos de diminuição e aumento são tais que nem mesmo Li Zhu os podia discernir claramente.

10.40
O Rei Wen escutava o que era bom como se não o pudesse alcançar, e meditava sobre o que não era bom como se fosse um presságio nefasto.

Não era por falta de dias.
A sua inquietação interior compelía-o a agir assim.

Assim diz o Livro das Odes:
Embora Zhou seja um país antigo, o seu mandato é novo.

10.41
Se acalentares sentimentos e abraçares qualidades inatas, o Céu não te poderá matar;

A Terra não te poderá sepultar.

A tua voz ressoará por todo o espaço entre o Céu e a Terra, e o teu brilho igualar-se-á ao do sol e da lua.

Isto porque sentes alegria nisso.

10.42
Se te voltares para o bem, mesmo que erres, não serás censurado.
Se não te voltares para o bem, mesmo que sejas leal, atrairás calamidade.

Assim:

Ser censurador para com os outros não é tão bom como
Ser censurador para contigo próprio.

Procurar o bem nos outros não é tão bom como procurá-lo em ti mesmo.

10.43
Os sons ressoam por si próprios.
As aparências mostram-se por si mesmas.
Os nomes anunciam-se a si mesmos.
As pessoas encontram as suas funções apropriadas por si mesmas.

Não há nada que não seja intrínseco.

A lança é empunhada para perfurar.
A espada é empunhada para trespassar.
Que as coisas se anunciem a si próprias é evidente.
Que razão teriam, então, para ressentir-se dos outros?

Assim:

O brocado estampado de Guan Zi era feio, mas ele ascendeu ao templo ancestral.
A seda tingida de Zi Chan era bela, mas ele não obteve respeito.

10.44
Vazio, mas capaz de ser preenchido; insípido, mas capaz de adquirir sabor; usando vestes rudes, mas abraçando um ceptro de jade.

Assim:

Se tiveres dois corações, não conseguirás obter a lealdade nem de uma única pessoa;
Se tiveres um só coração, poderás obter a lealdade de cem.

10.45
Se um rapaz plantar uma orquídea, ela será bela, mas não terá fragrância.
Se um enteado for alimentado, ele engordará, mas não florescerá.

(Isto porque) os sentimentos não são partilhados mutuamente na relação entre eles.

10.46
A vida é uma morada que se toma de empréstimo; a morte é o lar a que se retorna.

Assim:

Hong Yan, íntegro e humano, ergueu-se e morreu.
O Príncipe Lii expôs o peito para receber a lâmina.
Eles não permitiriam que o que lhes fora temporariamente confiado ferisse aquilo a que retornariam.

Assim:

Quando a época é bem governada, usa-se
a Retidão para se proteger.
Quando os tempos são desordenados, usa-se a si mesmo para proteger a Retidão.

O dia em que morres marca o fim das tuas ações.
Por isso, o Homem Superior é cuidadoso sempre que utiliza a sua pessoa.

10.47
Os que carecem de coragem não são inicialmente cobardes, mas quando surgem dificuldades, perdem o autocontrolo.

Os que são gananciosos e cobiçosos não são inicialmente lascivos, mas ao verem o lucro, esquecem o mal que isso acarreta.

Quando o Duque de Yu viu o jade *bi* de Chuiji, não sabia que a calamidade de Guo se abateria sobre ele.

Assim, só os seres humanos mais elevados não podem ser reprimidos nem desviados.

10.48
O desejo das pessoas pela glória é por interesse próprio. Que bem faz isso aos outros?
Mas quando os sábios agem para implementar a Retidão, a sua preocupação ansiosa emana do interior.
Que benefício pessoal lhes traz isso?

Assim:

Imperadores e reis foram muitos, mas só os Três Reis são louvados.
Os pobres e humildes foram muitos, mas só Bo Yi é estimado.
Ser rico faz de alguém um sábio? Então os sábios seriam numerosos.
Ser pobre faz de alguém humano? Então os humanos seriam inúmeros.
Porque são, então, os sábios e os humanos tão raros?
Oh, que alegria é uma resolução independente e focada!

10.49
À medida que cada dia passa apressadamente e os dias se renovam, esqueces-te de que a velhice chegará.

Desde os teus anos jovens e tenros até te tornares grisalho e velho, os anos acumulam-se inevitavelmente desta forma.

Se não te enganares a ti mesmo, não enganarás os outros.
É como atravessar uma ponte feita de um único tronco.
Só porque não há mais ninguém presente, não significa que não lutes para manter a tua postura.

Assim, é fácil levar os outros a confiarem em ti, mas é difícil confiares em ti próprio se te esconderes sob vestes (enganosas).

10.50
Quando os sentimentos precedem as ações, nenhuma ação é malsucedida.
Quando nada é malsucedido, não há vexame.
Liberto do vexame, tornas-te contente.

Assim:

O comportamento de Tang (Yao) e Yu (Shun) era tal que não violava os seus sentimentos.
Eles agradavam a si mesmos, e o mundo era bem governado.

Os tiranos Jie e Djou não eram intencionalmente brutais.

10.50
Eles agradavam a si mesmos, e as muitas preocupações [do governo] eram desfeitas.

Quando se criticam os gostos e aversões, distinguem-se a ordem e o caos.

10.51
As ações do sábio não se ligam a nada e não se separam de nada.

Por analogia, é como um tambor.
Não há instrumento que esteja em harmonia com ele, nem instrumento que não o possa acompanhar.

10.52
Nos instrumentos de seda (cordas) e bambu ou de metal e pedra, o tamanho e o comprimento têm gradações.
Produzem sons diferentes, mas estão em harmonia.
Entre governante e oficial ou superior e subordinado, os cargos e funções têm níveis.
Desempenham tarefas diferentes, mas atuam em uníssono.

Ora:

O tecelão avança diariamente, enquanto o lavrador recua diariamente.
As suas tarefas seguem direções opostas, mas na realização são uma só.

10.53
Shen Xi ouviu o canto de um mendigo e ficou entristecido.
Ao sair para ver quem era, era sua mãe.
Na batalha de Ailing, o rei Fuchai de Wu disse: «Os Yi erguem as suas vozes. Tal é a multidão de Wu!»

O que era comum era haver vozes, mas as crenças derivadas delas eram diferentes; estavam enraizadas nos sentimentos [respectivos dos cantores].

Assim:

Se o coração está triste, o canto não é alegre.
Se o coração está alegre, o lamento não é pesaroso.
Após o luto de três anos, Minzi Jian pegou na sua *qin* e tocou.
O Mestre disse: «A sua execução era correta, mas soava mal.»

10.54
A cultura é o meio pelo qual nos ligamos às coisas. Os sentimentos ligam-se interiormente, mas os desejos manifestam-se exteriormente.
Se usares a cultura para apagar os sentimentos, os sentimentos perder-se-ão.
Se usares os sentimentos para apagar a cultura, a cultura perder-se-á.
Quando os padrões orientadores da cultura e dos sentimentos se interpenetram, a fénix e o qilin vagueiam amplamente.

Ou seja, o abraço da tua Potência Suprema estender-se-á longe.

10.55
Shu Ziyang disse ao seu filho: «Um bom artesão mergulha no seu esquadro e no seu cinzel.»
Entre o esquadro e o cinzel, certamente não há nada que não possa ser completado.

O que os reis-sábios usaram para controlar o povo, o que Zaofu usou para controlar os cavalos, o que o médico Luo usou para tratar doenças: todos tomaram da mesma matéria básica aquilo de que precisavam.

10.56
O governante deseja.
O povo cumpre.
Isto deve-se à sua sinceridade interior.

Antes de proferir uma palavra, é digno de confiança; sem ser convocado, o povo acorre.
Há algo que o precede.

10.57
Aqueles que se preocupam com os outros não os conhecerem não se conhecem a si próprios.
A arrogância e o orgulho nascem da insuficiência.
A ostentação e o engano nascem da arrogância.
As pessoas com sinceridade interior são alegres e despreocupadas.

É como:

A coruja gostar de piar ou o urso gostar de andar de um lado para o outro.
Onde está alguém que deva ser arrogante?

10.58
Na primavera, a donzela entristece.
No outono, o guerreiro lamenta.
Sabem que as coisas se transformarão.

Com uivos ou choros, suspiros e lamentos, reconhecemos sons que são verdadeiramente sentidos.
Com postura e expressão, rouge e cor, com curvar e estender, levantar-se e agachar-se, reconhecemos sentimentos fingidos.

Assim, o sábio treme com o que guarda dentro de si e, assim, atinge o mais alto supremo.

10.59
Quando uma reputação meritória segue o sucesso, isso é obra do Céu; quando princípios conformes encontram aceitação, isso é obra da humanidade.

O Grande Duque Wang e o Duque Dan de Zhou não foram criados pelo Céu para benefício do Rei Wu.
O Marquês Chong e Wulai não foram gerados pelo Céu para benefício do tirano Djou.

Assim como a época, assim os homens.

10.60
A educação tem raiz no Homem Superior, mas o homem mesquinho enriquece com ela.

O lucro tem raiz no homem mesquinho, mas o Homem Superior nutre-se dos seus frutos.

Antigamente, no tempo de Donghu Jizi, as pessoas não pegavam nos bens deixados à beira do caminho.
Enxadas, arados e grãos restantes eram guardados na entrada dos campos, permitindo que o Homem Superior e o homem mesquinho obtivessem cada um a parte que lhe cabia.

Assim: «Quando o Homem Uno encontra boa fortuna, os muitos homens dependem dela.»

10.61
Os que ocupam a posição mais elevada prezam o lado esquerdo. Assim, os subordinados dizem aos superiores: «Estou à tua esquerda.»
Tal é o discurso hábil de um ministro.
Os que estão abaixo prezam o lado direito.
Assim, os superiores dizem aos subordinados: «Estou à tua direita.»
Tal é a condescendência do governante.

Assim:

Se o superior se move para a esquerda, perde o que o torna respeitado.
Se o ministro se move para a direita, perde o que o torna estimado.

10.62
Pequenos casos de precipitação prejudicam o Caminho; pretensões falsas perturbam a ordem correta.

Quando Zichan redigiu os seus escritos, os processos judiciais multiplicaram-se, mesmo sem haver má intenção.
Se perderes o contato com os teus sentimentos, as tuas palavras serão bloqueadas.

10.63
A via para aperfeiçoar um país é que os comerciantes não tenham negócios fraudulentos; os lavradores não desperdicem trabalho; os estudiosos não cometam ações clandestinas; os oficiais não evitem as leis.

É análogo a alguém que estende redes: ao puxar pela corda-guia, todos os olhos (das redes) se abrem.

10.64
Shun e Yu não aceitaram o Mandato do Céu na segunda vez em que lhes foi oferecido.
O que Yao e Shun transmitiram era grandioso, mas tomou forma primeiro em algo pequeno.

Pôs [Shun] à prova com as esposas reais, estendeu-o também aos irmãos.
Quando abdicou do clã e do Estado, todo o mundo seguiu o seu exemplo.

Assim:

Com as armas, usa-se o que é grande para compreender o que é pequeno;
Com os seres humanos, usa-se o que é pequeno para compreender o que é grande.

10.65
O Caminho do Homem Superior está próximo, mas não pode ser alcançado;
é baixo, mas não pode ser ascendido;
não contém nada dentro de si, mas não pode ser preenchido.

É duradouro, mas brilhante; vasto, mas ilustre.

Compreender isto e, assim, seguir o Caminho é algo que não se pode procurar nos outros, mas apenas alcançar a partir de si próprio.
Se abandonares a busca dentro de ti e a procurares nos outros, terás já dele te afastado.

10.66
O Homem Superior tem alegria abundante, mas reputação insuficiente.
O homem mesquinho tem alegria insuficiente, mas reputação abundante.
Ao observar a diferença entre ser abundante e ser insuficiente, vê-se claramente o quão distantes estão.
Reter algo [nocivo] na boca sem o cuspir, ou ter algo nos sentimentos e não o deixar florescer — são coisas nunca antes ouvidas.

10.67
O Homem Superior pondera sobre a Retidão e não antecipa o lucro.
O homem mesquinho cobiça o lucro e não considera a Retidão.
O Mestre disse: «Ambos choravam e diziam: “Oh! Que fazer? Aproveitaste-te de mim!”»
A sua dor era a mesma, mas os motivos eram diferentes.

Assim, a tristeza e a alegria penetram profundamente nos sentimentos das pessoas.

10.68
Se escavar valas e represar lagos não for feito corretamente, o povo será sobrecarregado e afligido.
Se cada planeador seguir apenas o seu desejo, surgirá desordem.
Os sentimentos [que movem as ações] são os mesmos, mas a forma como são aplicados ao povo é diferente.

Assim:

Tang (Yao) e Yu (Shun) esforçaram-se diariamente, e por isso chegaram ao reinado.
Jie e Djou erraram diariamente, e por isso chegaram à morte, sem saberem que seriam condenados pelas gerações futuras.

10.69
Os sentimentos humanos são tais que as pessoas se alegram ao evitarem o sofrimento e se entristecem ao perderem o que lhes dá alegria.

Assim:

Conhecendo a alegria da vida, necessariamente conhecerás a tristeza da morte.

10.70
Se tiveres Retidão, não serás enganado pelo lucro.
Se tiveres coragem, não serás intimidado pelo medo.

Da mesma forma, os famintos e sedentos não se deixam enganar com uma tigela vazia.

Quando as pessoas multiplicam os desejos, diminuem a Retidão.
Quando multiplicam as ansiedades, prejudicam o conhecimento.
Quando multiplicam os medos, prejudicam a coragem.

10.71
A grosseria nasce do homem mesquinho.
Até os ["bárbaros"] Man e Yi podem agir assim.
A bondade nasce do Homem Superior.
Brilha como o sol e a lua. Ninguém no mundo a pode reprimir.

Assim:

Um Estado bem governado alegra-se com os meios pelos quais é preservado;
Um Estado em ruína alegra-se com os meios pelos quais se perde.

10.72
Se o metal e o estanho não forem fundidos, não podem ser vertidos no molde.
Se a preocupação do governante não for sincera, ele não poderá servir de modelo para o povo.
Se essa preocupação não estiver enraizada no povo, o governante cortará os laços com ele.
Se o governante retornar à raiz, os laços com o povo serão firmes.

10.73
A Potência Suprema [é alcançada quando] os pequenos assuntos são completados e os grandes são iniciados.

O Duque Huan de Qi iniciou grandes assuntos, mas não foi atento aos pormenores.
O Duque Wen de Jin foi atento aos pormenores, mas não iniciou grandes projetos.

O Duque Wen conseguiu o que queria nos seus aposentos, mas falhou além-fronteiras.
O Duque Huan falhou nos seus aposentos, mas conseguiu o que queria na corte.

10.74
A água corre para baixo, tornando-se ampla e grandiosa.
O governante coloca-se abaixo do seu ministro, tornando-se abrangente e brilhante.
Se o governante não disputar os feitos com os seus ministros, o Caminho do governo prevalecerá.

Guan Yiwu e Baili Xi foram os que alinharam e completaram adequadamente as suas várias realizações;
o Duque Huan de Qi e o Duque Mu de Qin apenas as aceitaram e assentiram.

10.75
Num dia claro pode-se confundir leste com oeste, mas se estiveres confuso, basta veres o sol para perceberes o erro.

O Marquês Wu de Wey disse aos seus oficiais: «Vocês, jovens, não me chamem velho nem me tratem como senil.
Se eu cometer erros, devem apontá-los.»

Na verdade, se o Marquês Wu não tivesse mostrado desta forma que não era um velho tolo, então de fato teria sido um.

Assim, envelheceu mas não foi ignorado.
Compreendeu os princípios pelos quais os Estados se conservam ou se perdem.

10.76
As pessoas não têm a capacidade de criar, mas têm a capacidade de agir.
Têm a capacidade de agir, mas não a capacidade de aperfeiçoar.
O que as pessoas fazem é aperfeiçoado pelo Céu.

Mesmo que pratiquem o bem durante toda a vida, se não for pelo Céu, não terão sucesso.
Mesmo que pratiquem o mal durante toda a vida, se não for pelo Céu, não fracassarão.

Assim:

A bondade ou a maldade são da nossa responsabilidade;
A sorte ou o azar não o são.

Por isso, o Homem Superior cumpre o que reside dentro de si — isso é tudo o que pode fazer.

10.77
A natureza é o que se recebe do Céu;
O destino depende dos tempos.

Se tiveres talento mas não encontrares a época certa, isso é obra do Céu.

O que tornou o Grande Duque [Wang] forte?
O que tornou o Príncipe Bi Gan um criminoso?

Ambos obedeceram à sua natureza e agiram segundo as suas intenções.

Um foi prejudicado, o outro foi beneficiado.

10.78
O governante é o tronco e as raízes; os seus oficiais são os ramos e as folhas.

Um tronco e raízes que não são belos, mas cujos ramos e folhas são luxuriantes — tal coisa nunca se ouviu.

10.79
Numa era em que há o Caminho, o homem é entregue ao Estado.
Numa era em que o Caminho está ausente, o Estado é entregue a um homem.
Quando Yao governava o mundo como rei, a sua ansiedade não cessava.
Quando conferiu o governo a Shun, a sua ansiedade desapareceu.
Com ansiedade vigiou-o; com alegria entregou-o a um digno.
Até ao fim, nunca considerou os benefícios do governo como uma posse pessoal.

10.80
As miríades de coisas têm todas alguma utilidade. Nada é tão pequeno que seja inútil.
Se vires as coisas pela sua inutilidade, o jade precioso é [igual a] esterco.

10.81
Os sentimentos humanos são tais que, perante o dano, lutam para obter a menor parte; perante o benefício, lutam pela maior.

Assim:
Quando o sabor é o mesmo e alguém deseja um pedaço maior de carne, é certamente porque o aprecia.
Quando o mestre é o mesmo e um aluno se destaca dos outros, é certamente porque encontra alegria no mestre.

Quem alguma vez ouviu falar de alguém que se destacou em algo que nem apreciava nem gostava?

10.82
Quando chega o momento certo, o Homem Superior avança e alcança [o objetivo] por meio da Retidão.
Que sorte possui ele?
Quando o momento não é propício, ele recua e cede [o lugar] por meio da Retidão.
Que azar possui ele?

Assim, quando Bo Yi morreu de fome aos pés do Monte Shou [yang], foi sem arrependimento pessoal;
abandonou o que considerava sem valor e obteve o que considerava precioso.

10.83
Os brotos da boa fortuna são suaves e finos; o nascimento da má fortuna é pequeno e insignificante.
Como os inícios da boa e má fortuna são tão minúsculos como um rebento, as pessoas não lhes prestam atenção.
Só os sábios veem os começos e conhecem os fins.

Assim diz um crónica:

«O vinho de Lu era fraco, e Handan ficou cercada;
O caldo de cordeiro não foi servido, e o estado de Song ficou em risco.»

10.84
As recompensas e punições de um governante esclarecido não são aplicadas em seu benefício; são-no para o bem do Estado.
Se alguém convinha pessoalmente ao governante, mas não beneficiava o Estado, ele não lhe conferia recompensas.
Se alguém desafiava pessoalmente o governante, mas ajudava o Estado, ele não o punia.

Assim, o Rei Zhuang de Chu disse a Gong Yong:
«Os que possuem Potência recebem de mim posição e estipêndio.
Os que têm feitos recebem terras e residências.
Destas duas, tu não tens sequer uma.
Nada tenho para te dar.»

Pode dizer-se que não se desviou dos seus princípios.
Rejeitou Gong Yong e, ao mesmo tempo, evitou encorajá-lo.

10.85
O governo de Zhou era supremo.
O de Shang, bom.
O de Xia, eficaz.

Um governo eficaz não é necessariamente bom.
Um governo bom não é necessariamente supremo.

Aqueles que atingiram o mais alto não invejam participar num governo eficaz nem se envergonham de tomar parte num governo bom.
Mantêm-se firmes na sua Potência Moral ao trilharem o Caminho, e superior e subordinado alegram-se mutuamente sem saber porquê.

10.86
Os que possuíram Estados foram muitos, mas o Duque Huan de Qi e o Duque Wen de Jin são singularmente célebres.
No Monte Tai há setenta altares reais, mas só os Três Reis são lembrados por terem seguido o Caminho.

O governante não exige coisas dos seus ministros, e os ministros não tomam coisas emprestadas do seu governante.

O governante cultiva o que está próximo e estende a sua influência ao que está distante, para que as gerações futuras proclamem a sua grandeza.
Sem invadir os vizinhos, obtém reputação gloriosa, de modo que ninguém se compara a ele.

Assim, alguém pode comportar-se com a cortesia perfeita de Xiao Ji e mesmo assim não conseguir rivalizar com a sua reputação, pois ninguém pode alcançar aquilo que ele acolheu em si próprio.

10.87
Aquele cuja Retidão contém sentido de adequação é chamado Homem Superior.
Aquele cuja adequação abandona o sentido de Retidão é chamado homem mesquinho.

A sabedoria penetrante alcança [os seus fins] sem esforço;
O segundo tipo melhor esforça-se sem se desgastar;
O mais baixo desgasta-se sem se esforçar verdadeiramente.

Os homens da antiguidade provavam [a comida oferecida em sacrifício], mas não a cobiçavam.
Os homens de hoje cobiçam [essa comida], mas não se preocupam com o seu sabor.

10.88
Quando o canto melhora a partitura, é porque esta não é suficientemente bela.
Instrumentos de metal, pedra, corda e bambu sustentam e acompanham a música, mas ainda assim não bastam para alcançar o auge da excelência.

Quando as pessoas são capazes de reverenciar o Caminho e praticar a Retidão, a alegria e a raiva tornam-se coisas que podem tomar ou deixar;
os seus desejos são como a erva ao vento.

10.89
Na época de colher folhas de amoreira, criar casulos de bicho-da-seda, lavrar e semear, o Duque de Shao abriu as prisões e libertou os prisioneiros.
Assim, o povo comum pôde retomar os seus ofícios e regressar ao trabalho.

O Rei Wen recusou uma concessão de mil *li* de terra, mas pediu antes que [o Tirano Djou] abolisse o castigo do feixe ardente.

Assim, ao cumprirem os seus deveres, os sábios não perdem o momento de avançar ou recuar.

Isto é como o ditado: «No verão veste-se linho; ao subir a uma carruagem, segura-se na alça.»

10.90
Laozi estudou com Shang Rong.
Viu a língua de Shang Rong e compreendeu o preservar do suave.
Liezi estudou com Huzi.
Viu a sombra da sua bengala e compreendeu o princípio de seguir atrás.

Assim, os sábios não se adiantam às coisas e, por isso, controlam-nas constantemente.

Coisas deste género são análogas a uma pilha de lenha:
os últimos troncos são os que ficam no topo.

10.91
As pessoas:

Amam por meio da Retidão,
reúnem-se por meio de fações
e fortalecem-se ao reunirem-se.

Por essa razão:

Quando a Potência Moral é amplamente aplicada, então o poder é eficaz mesmo à distância.
Quando a Retidão é aplicada de forma mesquinha, aquilo que é controlado militarmente será diminuto.

10.92
O sino de Wu destruiu-se com o seu som.
A vela derreteu-se com a sua luz.
As marcas do tigre e do leopardo atraem os arqueiros.
A agilidade dos macacos convida à perseguição.

Assim:

Zilu morreu por causa da sua bravura.
Chang Hong foi capturado por causa da sua astúcia.

Ele podia usar a sua esperteza para ser sagaz, mas não a podia usar para não o ser.

Assim:

Se atravessares um desfiladeiro, não podes caminhar tão reto quanto uma linha de marcação.
Se saíres de uma floresta, não podes seguir por um trilho reto.

Ao viajar de noite, a visão fica obscurecida, e lideras com as mãos.
Por vezes, surgem situações em que a clareza da visão de pouco serve.
Se alguém consegue ligar-se à Escuridão Profunda para entrar na Brilhante Luz, esse é alguém com quem se pode falar do supremo.

10.93
Para construir o seu ninho, a pega deve saber de onde vem o vento.
Para escavar a sua toca, a lontra deve conhecer a altura das águas.

O “Dia Claro” sabe quando o tempo será bom;
o “Acordo Sombreado” sabe quando choverá.

Mas se, com base nisso, disseres que o conhecimento humano é inferior ao das aves e das feras, isso não seria verdade.

Assim, uma pessoa que dominou uma arte ou investigou um texto pode explicar um ângulo de um assunto, mas não dar uma resposta abrangente.

10.94
Ning Qi marcou o ritmo com um chifre de boi e cantou, e o Duque Huan elevou-o com uma grande concessão de terra.
Yong Menzi usou o choro para obter audiência com o Senhor Meng Chang.
As suas lágrimas corriam de tal modo que encharcaram os cordões do chapéu.

Cantar e chorar são coisas que qualquer um pode fazer.

Produzes um som;
entra nos ouvidos de alguém;
mexe-lhe com o coração.
É algo que atinge a essência.

Assim, podes imitar os modelos de Tang (Yao) e Yu (Shun), mas não conseguirás alcançar a comunhão com o coração dos outros que eles tinham.

10.95
O Duque Jian de Qi foi assassinado por causa da sua fraqueza.
Ziyang foi executado por causa da sua ausência de medo.
Ambos não conseguiram alcançar o seu Caminho.

Assim, se cantas sem seguir as notas, os sons altos e baixos serão todos iguais.
Fora da linha de marcação ou dentro dela — em ambos os casos não é reto.

10.96
O tirano Djou fez pauzinhos de marfim, e Jizi lamentou.
Lu usou estatuetas nos funerais, e Confúcio suspirou.
Eles viram o início e souberam o fim.

Assim:
A água nasce nas montanhas e corre para o mar.
O grão cresce nos campos e é armazenado nos celeiros.
Os sábios veem onde as coisas começam e sabem onde irão acabar.

10.97
Quando as águas estão turvas, os peixes vêm à tona ofegantes.
Quando as leis são severas, o povo revolta-se.
Quando os muros da cidade são íngremes, inevitavelmente ruem.
Quando as margens do rio são abruptas, inevitavelmente desabam.

Assim:
Shang Yang instituiu leis e foi esquartejado.
Wu Qi impôs castigos mutilantes e foi despedaçado por carros de combate.

10.98
Governar um país é como afinar um *se*.
Se as cordas grossas forem demasiado apertadas, as finas partir-se-ão.

Assim, se puxares bruscamente as rédeas e açoitares os cavalos muitas vezes, não és um condutor de mil *li*.

10.99
O som que tem som não pode ir além de cem *li*.
O som que não tem som estende-se pelos Quatro Mares.

Por essa razão:

Quando os estipêndios excedem o mérito, há dano;
Quando a reputação excede a realidade, há engano.

Se os sentimentos e as ações estiverem em harmonia e a reputação for secundária, a chegada da sorte ou do azar não será sem motivo.

10.100
Se, pessoalmente, tens sonhos maus, ainda não dominaste a conduta correta.
Se um Estado presencia presságios nefastos, ainda não dominou o bom governo.

Por essa razão:

Se no início recebes a carruagem e o chapéu do cargo, não tirarás proveito disso se não tiveres mérito.
Se mais tarde fores punido com o machado do carrasco, não sofrerás com isso se não tiveres culpa.
Se cultivares o que é correto, não te desviarás do Caminho.

10.101
O Homem Superior não diz:
«Pequenos atos de bondade não são importantes o suficiente para serem feitos» — e por isso os põe de lado.
Pequenos atos de bondade acumulam-se e tornam-se grande bondade.

[Ele também não diz]:
"Pequenos atos de má conduta não fazem mal" — e por isso os comete.
Pequenos atos de má conduta acumulam-se e tornam-se grande má conduta.

Pela mesma razão:

Um monte de penas pode afundar um barco; muitas coisas leves podem partir um eixo.
Assim, o Homem Superior observa proibições mesmo nas minúcias.

10.102
Um único ato agradável não é suficiente para constituir bondade.
Acumula-se os atos agradáveis e tornam-se Potência Moral.

Um único ato odioso não é suficiente para constituir erro.
Acumula-se os atos odiosos e tornam-se maldade.

Assim:
A reputação de bondade das Três Dinastias (Xia, Shang e Zhou) reflete o louvor acumulado de mil anos;
A reputação de maldade de Jie e Djou reflete a condenação acumulada de mil anos.

10.103
O Céu tem quatro estações; os seres humanos têm quatro funções.
O que se entende por quatro funções?

Para ver e dar forma às coisas, nada é mais claro do que os olhos.
Para ouvir e refinar as coisas, nada é mais aguçado do que os ouvidos.
Para reter e calar algo, nada é mais firme do que a boca.
Para conter e ocultar algo, nada é mais profundo do que o coração.

Quando:
Os olhos veem a forma,
Os ouvidos ouvem o som,
A boca expressa a sinceridade,
E o coração comunica a essência,
A transformação das dez mil coisas atinge o seu auge.

10.104
Quando um território é ampliado por meio da Potência Moral, o governante será respeitado por essa Potência.
Isto é o melhor.

Quando um território é ampliado por meio da Retidão, o governante será respeitado por essa Retidão.
Isto é o segundo melhor.

Quando um território é ampliado por meio da força, o governante será respeitado pela sua força.
Isto é inferior.

Assim:
Um governante puro é um rei verdadeiro;
Um governante de qualidades mistas é um líder.
Um Estado que não tem nenhum dos dois perecerá.

10.105
No tempo dos "dois antigos", uma fénix veio ao palácio.
Durante as Três Dinastias, veio até ao portão.
Na época de Zhou, chegou à campina.
À medida que a Potência se tornou mais grosseira, a fénix manteve-se mais distante;
À medida que a Potência se refina, a fénix aproximar-se-á.

10.106
O Homem Superior é sincero na sua Humanidade.
Quando age, é por Humanidade; quando não age, também é por Humanidade.
O homem mesquinho é sincero na sua desumanidade.
Quando age, é por desumanidade; quando não age, também é por desumanidade.
Aquele cuja bondade vem de si mesmo, e não dos outros, é alguém em quem florescem a Humanidade e a Potência Moral.

Assim:
Se os teus sentimentos vencem os teus desejos, prosperarás.
Se os teus desejos vencem os teus sentimentos, perecerás.

10.107
Se quiseres conhecer o Caminho do Céu, observa os seus ciclos.
Se quiseres conhecer o Caminho da Terra, distingue as suas plantas.
Se quiseres conhecer o Caminho da Humanidade, segue os seus desejos.

10.108
Não os assustes, não os atemorizes, e as miríades de coisas ordenar-se-ão por si.
Não os perturbes, não os agites, e as miríades de coisas purificar-se-ão por si.

10.109
Se alguém examinou apenas um canto de algo, não se pode falar com ele sobre transformações.
Se alguém investigou apenas uma época, não se pode discutir nada de significante com ele.

O sol não conhece a noite.
A lua não conhece a luz do sol.

O sol e a lua produzem luz, mas não a podem fundir entre si.
Só o Céu e a Terra os podem abranger.

Quando se trata de abranger Céu e Terra, diz-se que apenas o Sem-Forma o pode fazer.

10.110
Um governante arrogante e extravagante não tem ministros leais.
Uma pessoa com língua ágil não diz nada que inspire confiança.

Uma árvore que se abarca com as mãos não tem ramos que sustentem peso.
Uma vala de oito pés de largura não contém peixes capazes de engolir um barco.

Se o tronco é superficial, os ramos atrofiarão.
Se a raiz for danificada, os ramos murcharão.

10.111
A boa fortuna nasce da não-ação; a má fortuna nasce de muitos desejos.
O dano provém da falta de preparação; as ervas daninhas provêm da falta de sacha.

Os sábios fazem o bem como se receassem não o alcançar;
preparam-se contra o desastre como se receassem não o evitar.

10.112
Cobrir-se de pó e querer que ele não entre nos olhos;
Pisar água e querer não se molhar — são coisas impossíveis.

Assim:
Os que se conhecem a si próprios não ressentem os outros.
Os que conhecem o seu destino não ressentem o Céu.

A boa fortuna nasce de si mesmo;
A má fortuna nasce de si mesmo.

10.113
O sábio não procura louvor, nem evita a condenação.
Corrige a sua pessoa e age com retidão, e os diversos males dissipam-se por si.

Agora, se ele:
Abandonar a retidão e seguir o torto,
Virar as costas à verdade e seguir a multidão,
Estará a conviver com os vulgares e a interiorizar a ação sem padrão.

Assim, o sábio volta-se para si mesmo e não toma os outros como guia.

10.114
O Caminho que está redigido em capítulos e secções, com forma e limites, não é o supremo Caminho.

Pode ser saboreado, mas não tem sabor; pode ser observado, mas não tem forma.
Não pode ser transmitido aos outros.

10.115
O arbusto daji expulsa a água, enquanto a planta tingli cura furúnculos,
mas se forem usados sem medir a dose, causarão doença.

Muitas coisas parecem do mesmo tipo, mas não são; só os sábios conhecem as suas subtilezas.

10.116
Um bom cocheiro não descuida os seus cavalos.
Um bom arqueiro não descuida o seu arco.
Um bom superior não descuida os seus subordinados.

Se conseguir amar genuinamente e beneficiar o povo, o mundo segui-lo-á.
Se um pai não consegue nem amar nem beneficiar os filhos, então até os seus próprios filhos se rebelarão contra ele.

10.117
No mundo:

Há algo que é mais honrado, e não é o poder nem a posição;
Há algo que é mais valorizado, e não é o ouro nem o jade;
Há algo que é mais duradouro, e não é uma vida de mil anos.

Restituir o coração à sua natureza original é o mais honrado;
Disciplinar os sentimentos para conhecer o suficiente é o mais valorizado;
Compreender a partilha da vida e da morte é a maior longevidade.

10.118
Aquele cujas palavras não são sempre verdadeiras e cujas ações não são sempre adequadas é um homem mesquinho.
Aquele que investigou uma questão e dominou uma arte é uma pessoa de tipo intermédio.

Aquele que ganha ou perde [o reino], mas o mantém sempre; que é hábil e capaz, mas usa essas qualidades com medida — esse é o sábio.

Traduzido por Sarah A. Queen e John S. Major

ONZE — INTEGRAR OS COSTUMES

11.1
Seguir a natureza e pô-la em prática chama-se "o Caminho";
Alcançar a natureza [inata] do Céu chama-se "Potência".

Só depois de a natureza ter sido perdida é que a Humanidade foi valorizada;
Só depois de o Caminho ter sido perdido é que a Retidão foi valorizada.

Por esta razão:

Quando a Humanidade e a Retidão foram estabelecidas, o Caminho e a Potência recuaram;
Quando o Ritual e a Música foram embelezados, a pureza e a simplicidade dissiparam-se.
O certo e o errado tomaram forma, e o povo ficou ofuscado;
As pérolas e o jade foram reverenciados, e o mundo entregou-se à luta por eles.

Estes quatro são criações de uma era em declínio e instrumentos de um tempo posterior.

Ora, o Ritual:

Distingue o reverenciado e o humilde,
Diferencia o nobre e o vil.

A Retidão é o que une soberano e ministro, pai e filho, irmão mais velho e mais novo, marido e mulher, amigo e amigo.

O que a era atual considera Ritual exige reverência e respeito, mas gera ciúmes.
O que considera Retidão é arrogante e condescendente, mas é tido como potente.

Por causa disso:

Governante e ministro opõem-se;
Parentes de sangue tornam-se rancorosos entre si.

Isto é perder a base do Ritual e da Retidão.
Assim, o governo torna-se confuso e complicado.

Quando a água se acumula, gera peixes que se devoram entre si;
Quando a terra se acumula, gera feras que se devoram mutuamente;
Quando o Ritual e a Retidão são embelezados, produzem eruditos falsos e hipócritas.

Soprar sobre cinzas e não querer que uma partícula entre nos olhos; caminhar por água e não querer molhar-se — são coisas impossíveis.

Na antiguidade, o povo era ingénuo e ignorante.
Não sabia o leste do oeste.
As expressões nos seus rostos não ultrapassavam os sentimentos no coração, e as suas palavras não excediam os seus atos.

As roupas eram quentes e sem padrão;
As armas eram rombas e sem gume.
As canções eram alegres mas sem floreio;
O pranto era sentido mas sem gritos.
Cavavam poços e bebiam, lavravam campos e comiam.
Não tinham com que adornar a beleza, nem ansiavam por posses.

Parentes não elogiavam nem desprezavam uns aos outros; amigos não se ressentiam nem se reverenciavam mutuamente.

Com a criação do Ritual e da Retidão e a valorização de bens e riquezas, brotaram o engano e a falsidade;
A censura e o louvor proliferaram juntos; surgiram o ressentimento e a reverência.

Por isso:

Houve a perfeição de Zeng Can e Xiao Ji,
E a perversidade de Ladrão Zhi e Zhuang Qiao.

Assim, onde houver a Grande Carruagem e a Bandeira do Dragão, o dossel emplumado e as alças pendentes, equipas de cavalos e colunas de cavaleiros, haverá também a maldade de espiar por frestas, arrancar travessas, desenterrar sepulturas e escalar muros.

Onde houver padrões engenhosos e bordados complexos, tecidos finos e sedas translúcidas, haverá também ruído de sandálias de palha e casacos curtos com bainhas por acabar.

Fica assim claro que o alto e o baixo dependem um do outro, e que o curto e o longo se definem mutuamente.

Hoje o sapo transforma-se em codorniz, e o escorpião-d’água em libélula — todos eles dão origem ao que não é da sua espécie.

Só o sábio compreende essas transformações.

Quando os Hu (os "bárbaros" do norte) veem o linho, não entendem que pode fazer tecido. Quando os Yue (os "bárbaros" do sul) veem lã, não sabem que pode ser usada para fazer feltro.

Assim, com quem não compreende as coisas, é difícil falar de transformação.

Na antiguidade, o Grande Duque Wang e o Duque Dan de Zhou encontraram-se após receberem os seus feudos.
O Grande Duque Wang perguntou ao Duque de Zhou: "Como governarás Lu?"
O Duque de Zhou respondeu: "Exaltarei os nobres e aproximar-me-ei dos meus parentes."
O Grande Duque disse: "Deste modo, Lu enfraquecerá!"
O Duque de Zhou perguntou: "E tu, como governarás Qi?"
O Grande Duque respondeu: "Elevarei os dignos e promoverei os meritórios."
O Duque de Zhou disse: "Nas gerações futuras, surgirá certamente um governante por meio de assassinato."

Mais tarde, Qi cresceu diariamente até tornar-se líder.
Ao fim de vinte e quatro gerações, a casa ducal foi substituída pelo clã Tian.
Lu foi diminuindo até ser destruído na trigésima segunda geração.

Assim diz o Livro das Mutações:
"Pisar na geada anuncia o gelo espesso."
A percepção dos sábios sobre os fins nos começos é de uma subtileza rara!
Assim, a "montanha de escórias" começou com pauzinhos de marfim; o "feixe ardente" começou com uma concha quente.

11.2
Zilu salvou alguém de afogamento e aceitou um boi como agradecimento.
Confúcio disse: "O povo de Lu passará a valorizar o salvamento de outros em desgraça."

Zigong resgatou alguém e recusou o ouro oferecido pelo tesouro do Estado.
Confúcio disse: "Em Lu, ninguém mais pagará o resgate por outro."

Ao aceitar, Zilu encorajou a virtude;
Ao recusar, Zigong pôs fim à bondade.

A clareza de Confúcio era tal que:

Usava o pequeno para conhecer o grande,
E o próximo para conhecer o distante.
Era alguém que penetrava o raciocínio.

Visto deste modo, embora a integridade tenha o seu lugar, não pode ser praticada universalmente.

Assim:
Quando as ações estão de acordo com os costumes, podem ser seguidas;
Quando os assuntos correspondem às capacidades, são facilmente realizados.

A falsidade arrogante que engana a época,
E a conduta altiva que afasta das massas —
O sábio não as toma como costumes para o povo.

Mansões largas e casas espaçosas, sucessões de portas e divisões amplas — é isto que dá segurança às pessoas, mas se as aves entrarem nelas, ficam assustadas. Montanhas

altas e desfiladeiros difíceis, florestas densas e ervas espessas — é isto que agrada aos tigres e leopardos, mas se as pessoas entrarem ali, ficam aterrorizadas.

Vales fluviais e lagoas extensas, águas profundas e nascentes profundas — é isto que serve a tartaruga de água e o lagarto-monitor, mas se as pessoas ali entrarem, morrem. A «Piscina Xian» e o «Montar nas Nuvens», os «Nove Shao» e os «Seis Ymg» — é isto que deleita as pessoas, mas se aves e feras os ouvirem, ficam alarmadas. Vales profundos e escarpas abruptas, árvores altas e ramos espalhados — é isto que agrada aos macacos e símios, mas se as pessoas os escalarem, tremem.

As suas formas são diferentes e as suas naturezas divergentes; assim, o que agrada a uns perturba os outros; o que dá segurança a uns põe em risco os outros.

Ora, no que diz respeito a tudo o que é coberto pelo Céu e sustentado pela Terra, tudo o que é iluminado pelo Sol e supervisionado pela Lua — que cada um facilite a sua natureza, descanse seguro na sua posição, ocupe o que lhe é próprio e realize aquilo para que é capaz. Assim, mesmo os estúpidos têm os seus pontos fortes; os sábios têm aquilo para o qual não estão equipados.

Um pilar não pode ser usado como palito; um gancho de cabelo não pode sustentar uma casa. Um cavalo não pode transportar cargas pesadas; um boi não pode perseguir em alta velocidade. O chumbo não pode ser usado para forjar uma espada, o bronze não pode ser usado para fazer uma besta; o ferro não pode ser usado para fazer um barco, e a madeira não pode ser usada para fazer um machado.

Cada coisa é usada onde melhor se adequa e aplicada àquilo que lhe é apropriado. Assim, todas as miríades de coisas são colocadas em igualdade, e nenhuma transgride as outras. Um espelho límpido é conveniente para refletir uma forma, mas para cozer alimentos não se compara a um cesto de bambu. Um boi sacrificial de pelos vermelhos é apropriado para ser oferecido no templo [ancestral], mas para fazer chover, não se equipara a uma serpente negra. Visto sob esta perspetiva, não há distinção de nobre ou vil entre as coisas.

Se alguém valoriza as coisas de acordo com aquilo que as enobrece, então nada há que não seja nobre. Se se menosprezam as coisas de acordo com aquilo que as rebaixa, então nada há que não seja vil.

11.3

Jade bruto nunca pode ser espesso o suficiente; incrustações de jade nunca podem ser finas o suficiente; laca nunca pode ser negra o suficiente; pó de arroz nunca pode ser branco o suficiente.

Estes quatro são opostos, mas quando são urgentemente necessários, são iguais — a sua utilidade é a mesma.

Agora, entre peles e vestes de palha, qual é a mais necessária? Se alguém se depara com chuva, então as peles são inúteis; ao subir ao salão real, a palha não se veste.

Estas coisas alternam-se no papel de «imperador».

São comparáveis a barcos e carros, trenós de lama e carros de areia, palácios e tendas — cada um tem, sem dúvida, o seu uso apropriado.

Assim, Laozi diz: «Não exaltes os dignos.»

Isto significa que não se deve colocar peixes nas árvores nem mergulhar aves nas profundezas.

Quando Yao governava o mundo, Shun era o seu ministro da educação; Xie era o seu ministro da guerra; Yu era o seu ministro das obras; o Senhor Painço era o seu ministro da agricultura; Xi Zhong era o seu artesão do palácio.

Na sua orientação do povo das miríades, os que viviam perto da água eram pescadores; os que viviam nas montanhas eram silvicultores; os que viviam nos vales eram pastores; os que viviam nas planícies eram agricultores.

A sua localização era adequada à sua ocupação; a sua ocupação era adequada às suas ferramentas; as suas ferramentas eram adequadas às suas funções; e as suas funções eram adequadas às pessoas que as usavam.

Em pântanos e zonas costeiras, teciam-se redes; em encostas e colinas, aravam-se campos.

Obtinha-se o que era necessário usando o que se tinha para trocar pelo que faltava, utilizando aquilo em que se era hábil para obter aquilo que se era incapaz de produzir.

Por esta razão: os que se rebelavam eram poucos; os que obedeciam eram muitos.

Era comparável a lançar peças de jogo no chão: as redondas rolam para as depressões; as quadradas param em terreno elevado. Cada uma segue aquilo que lhe é natural.

Como pode haver superior ou inferior?

É como o vento ao encontrar tubos de sopro: ativa-os espontaneamente; cada um responde com uma nota alta ou baixa.

11.4

«Os macacos e os símios, ao encontrarem uma árvore frondosa, não a trocam por uma caverna;
os porcos-espinhos e os texugos, ao descobrirem um talude, não o trocam por uma sebe.

Nada:
abandona aquilo que lhe é benéfico
e procura aquilo que lhe é prejudicial.

Por esta razão:
Os estados vizinhos podem ver-se uns aos outros,
e cada um pode ouvir o som dos galos e dos cães do outro, e no entanto
as pegadas nunca chegam à fronteira dos governantes;

os sulcos dos carros nunca passam além de mil *li*;
todos repousam naquilo que os torna seguros.

Assim, um estado caótico parece cheio;
um estado ordenado parece vazio;
um estado em colapso parece carente;
um estado que sobrevive parece ter excedente.

O vazio não se deve à falta de pessoas; [provém de] cada um manter a sua posição.
A plenitude não se deve à abundância de pessoas; [provém de] cada um perseguir tarefas não essenciais.
O excedente não se deve à abundância de bens; [provém de] os desejos serem limitados e os assuntos serem poucos.
A carência não se deve à escassez de riqueza; [provém de] o povo estar agitado e as despesas serem excessivas.

Assim:
os métodos e estatutos dos antigos reis
não eram invenções; eram conformidade.
As suas proibições e execuções não eram iniciativas; eram preservação.
O que governa todos os objetos não são os objetos, é a harmonia.
O que governa a harmonia não é a harmonia, são as pessoas.
O que governa as pessoas não são as pessoas, é o governante.
O que governa o governante não é o governante, é o desejo.
O que governa o desejo não é o desejo, é a natureza.
O que governa a natureza não é a natureza, é a Potência.
O que governa a Potência não é a Potência, é o Caminho.»

11.5

«Se a natureza original dos seres humanos é obstruída e conspurcada, não se pode alcançar a sua pureza e clareza — é porque as coisas a contaminaram.
As crianças dos Qiang, Dii, Bo e Dee [bárbaros] emitem os mesmos sons ao nascer.
Uma vez crescidos, mesmo com intérpretes *xiang* e *diti*, não conseguem entender a língua uns dos outros; isto deve-se à diferença de educação e costumes.
Ora, uma criança com três meses que se muda para outro estado depois de nascer não reconhecerá os costumes antigos.
Visto sob este prisma, o vestuário e os costumes rituais não provêm da natureza humana; são recebidos do exterior.

É da natureza do bambu flutuar, [mas] se o partirmos em tiras e as atarmos num feixe, afundar-se-ão quando lançadas à água — perdeu-se a sua estrutura básica.

É da natureza do metal afundar, [mas] se o colocarmos num barco, flutua — a sua posição dá-lhe apoio.

A substância da seda bruta é branca, [mas] tingindo-a em potassa torna-se negra.
A natureza da seda fina é amarela, [mas] tingindo-a em cinábrio torna-se vermelha.

A natureza humana não tem depravação; tendo estado por muito tempo imersa nos costumes, transforma-se.
Se se transforma e se esquece a raiz, é como se os costumes adquiridos
se tivessem fundido com a natureza.

Assim:
O sol e a lua tendem para o brilho, mas nuvens flutuantes cobrem-nos;
a água do rio tende para a pureza, mas areia e pedras a sujam.
A natureza humana tende para o equilíbrio, mas os desejos e vontades prejudicam-na.

Só o sábio consegue deixar as coisas de lado e retornar a si mesmo.

Aquele que embarca num barco e se confunde, sem saber o leste do oeste, verá a Ursa Maior e a Estrela Polar e orientar-se-á. A natureza é, da mesma forma, uma Ursa Maior e uma Estrela Polar para os seres humanos.
Se se possui aquilo com que se pode ver a si mesmo, então não se falhará na compreensão das disposições genuínas das coisas.
Se se carece daquilo com que se pode ver a si mesmo,
então haverá agitação e confusão.

É como nadar em Longxi: quanto mais se debate,
mais se afunda.

Confúcio disse a Yan Hui: «Sirvo-te esquecendo-te, e tu também me serves esquecendo-me.
Mesmo assim, embora me esqueças, há ainda algo que não foi esquecido, que persiste.»
Confúcio compreendia a raiz da questão.

As ações de quem se entrega aos desejos e perde a sua natureza nunca foram corretas.

Controlar a própria pessoa [desta forma leva à] desgraça; controlar um estado [desta forma leva ao] caos; liderar um exército [desta forma leva à] destruição.
Por esta razão, quem não ouviu o Caminho não tem meio de regressar à natureza.

Assim, os reis-sábios da Antiguidade conseguiram alcançá-lo em si mesmos, e os seus decretos foram cumpridos e as suas
proibições tornaram-se vinculativas.
Os seus nomes foram transmitidos
às gerações futuras, e a sua Potência espalhou-se pelos Quatro Mares.»

11.6

«Por esta razão, sempre que alguém está prestes a assumir um assunto, deve primeiro estabilizar as suas intenções e purificar o seu espírito.

Quando o espírito está puro e as intenções estão firmes, só então as coisas se alinham.

É como pressionar um selo no barro: se estiver direito, a impressão será direita; se estiver torto, a impressão será torta.

Assim:
Quando Yao escolheu Shun, decidiu apenas com os olhos;
Quando o Duque Huan escolheu Ning Qi, julgou-o apenas com os ouvidos.

Se, com base nisto, se abandonassem a técnica e as medições e se confiasse apenas nos ouvidos e olhos, o caos seria certamente grande.
Que os ouvidos e olhos possam julgar deve-se ao retorno ao sentimento e à natureza.
Se a audição se perde na calúnia e na lisonja, e os olhos se corrompem com padrões e cores, então, ao querer rectificar os assuntos, será difícil.

Alguém mergulhado na tristeza chora ao ouvir uma canção; alguém mergulhado na alegria vê alguém a chorar e ri.

Que a tristeza possa trazer alegria e que o riso possa trazer tristeza — é o estar imbuído que o permite.
Por esta razão, valoriza-se o vazio.

Quando a água é agitada, levantam-se ondas,
quando o *qi* está desordenado, o intelecto confunde-se.

Um intelecto confuso não pode atender ao governo; água agitada não pode ser usada para estabelecer um nível.
Assim, o rei-sábio mantém-se fiel ao Uno sem o perder, e as disposições genuínas das miríades de coisas são reveladas, os quatro bárbaros e as nove regiões submetem-se.
O Uno é o supremamente nobre; não tem par no mundo. O sábio confia no inigualável; assim o mandato do povo liga-se a ele.

Quem pratica a Humanidade deve discuti-la em termos de tristeza e alegria;
quem pratica a Retidão deve explicá-la em termos de retenção e cedência.

Se o olho humano não vê além de dez *li* e se se quer alcançar todos os povos dos quatro mares, a tristeza e a alegria não serão suficientes.

Se não se possui a riqueza acumulada do mundo e se quer abastecer todas as miríades de pessoas, o benefício [material] não será suficiente.

Além disso, o prazer, a raiva, a tristeza e a alegria surgem espontaneamente de um estímulo.
Assim, um grito sai da boca, lágrimas fluem dos olhos — tudo irrompe de dentro e toma forma fora.»

É como:
A água que flui para baixo ou o fumo que sobe:
O que os obriga a isso?

Assim:
Embora quem se force a chorar sinta dor,
não sente tristeza; embora quem force a intimidade ria, não há harmonia.
Os sentimentos emergem de dentro, e os sons respondem do exterior.

Assim:
O pote de comida de Xi Fuji era melhor que o jade Chuiji do Duque Xian de Jin,
os pedaços de carne atados de Zhao Xuanmeng eram mais dignos que o grande sino do Conde Zhi.

Assim, embora o ritual possa ser elaborado, não é suficiente para gerar afecto; mas um coração sincero pode abraçar até aqueles que estão ao longe.»**

11.7

Assim:
Ao cuidar da família, Gongxi Hua parecia viver entre amigos.
Ao cuidar da família, Zeng Can parecia servir um senhor austero ou um governante severo.

[Contudo] em termos de zelo, eram como um só.
O povo Hu bate ossos entre si [para selar um juramento];
O povo Yue faz cortes nos braços;
[O povo do] Reino do Meio mancha a boca com sangue.
As origens de todos estes costumes são diferentes, mas em termos de estabelecer confiança, são como um só.
Os Três Miao atam a cabeça com cânhamo;
Os Qiang atam o pescoço;
O povo do Reino do Meio usa chapéu e gancho de cabelo;
Os Yue rapam o cabelo.

No que toca a vestir-se, são como um só.

Segundo os decretos do Imperador Zhuan Xu, se as esposas não evitassem os homens nas estradas, seriam castigadas numa encruzilhada.

Hoje, na capital, homens e mulheres tocam canelas e roçam ombros nas ruas.

No que toca a costumes, são como um só.

Assim, os rituais dos quatro Yi [“bárbaros”] não são os mesmos, [mas] todos veneram o seu governante, amam os seus parentes e respeitam os irmãos mais velhos.

Os costumes dos Xian e dos Yun são opostos, [mas] ambos

são gentis com os filhos e veneram os mais velhos.
Os pássaros em voo formam uma linha; os animais no campo formam grupos — quem os ensinou?

Assim, o Estado de Lu observava os rituais dos confucianos e praticava as artes de Confúcio.

O seu território foi reduzido e o seu nome rebaixado; não conseguiu conquistar a amizade dos próximos nem atrair os distantes.

O rei Goujian de Yue rapava a cabeça e tatuava o corpo; não usava chapéus de couro nem cintos com ornamentos de jade; [não praticava] as posturas de inclinação e reverência.

Mesmo assim, derrotou Fuchai em Wujia e, voltado para sul, tornou-se líder do mundo.

Todos os doze senhores feudais a norte do rio Si lideraram os nove Yi [povos] em corte a ele.

Nos países dos Hu, Mo e Xiongnu, [as pessoas] andam com os membros a descoberto e o cabelo solto; sentam-se de pernas cruzadas e respondem aos superiores.

Contudo, os seus estados não colapsaram, e não necessariamente carecem de Ritual.

O rei Zhuang de Chu usava colarinhos estreitos num robe largo, [mas] os seus decretos tinham força em todo o mundo e, por consequência, tornou-se líder das Vau das Fand.

O lorde Wen de Jin vestia roupas de pano grosseiro e peles de carneiro, e cingia a espada com couro, [mas] o seu poder impôs-se nos quatro mares. Como poderá dizer-se que só os rituais de Zou e Lu são verdadeiros Rituais?

Por esta razão:

Ao entrar num estado, seguem-se os seus costumes,
Ao entrar numa casa, respeitam-se os seus tabus.

Se não se viola uma proibição ao entrar,
Se não se avança contra os costumes, então, mesmo viajando para os países dos Yi ou dos Di, ou para o Reino dos Nus, ou além dos limites mais distantes das rodas de carro, não se terá dificuldades.»

11.8

O Ritual é o modelar da substância.
A Humanidade é a aplicação da benevolência.
Assim, os Rituais estão de acordo com o sentimento humano e conferem-lhe um padrão ordenado, e a Humanidade irrompe como um rubor que surge no rosto.

Quando o Ritual não ultrapassa a substância e a Humanidade não excede a medida da bondade, este é o Caminho para ordenar o mundo.

O luto de três anos obriga a pessoa a algo que não consegue alcançar; por isso, suprime os sentimentos com fingimento.

A observância de três meses interrompe o luto, forçando e golpeando a natureza.

Os confucianos e os moistas não fundam [as suas doutrinas] nos começos e fins dos sentimentos humanos, e comprometem-se com sistemas mutuamente opostos para os cinco graus de observância.

A tristeza e o luto pertencem ao domínio dos sentimentos; o enterro e a sepultura correspondem ao cuidado.

Não se force as pessoas a fazer o que não são capazes de realizar;
Não se interrompa o que as pessoas são capazes de completar.

Quando os padrões e medidas não se desviam do que é adequado, não há origem para a calúnia e a lisonja.

Na Antiguidade, não era que desconhecessem os rituais elaborados de subir e descer, de girar e circundar, as posturas dos passos “dignos” e dos “apressados”.

Sentiam que estes desperdiçavam o dia, sobrecarregavam o povo e eram inúteis; por isso instituíram apenas os rituais que serviam a substância e expressavam a intenção.

Não era que fossem incapazes de exibir sinos e tambores, alinhar flautas e tubos, brandir escudos e machados, erguer plumas e estandartes.

Sentiam que isso desperdiçava a riqueza e desordenava o governo; [por isso] instituíram apenas a música suficiente para harmonizar a alegria e expor as intenções; a melodia não excedia o prazer que expressava.

Não era que fossem incapazes de esgotar o estado e enganar o povo, esvaziar o tesouro e desperdiçar a riqueza, enterrando os mortos com pérolas na boca, envolvidos em escamas de jade, cingidos com algodão e bambu.

Sentiam que isso empobrecia o povo, interrompia o seu trabalho e nada ajudava aos ossos secos e carne em decomposição.

Assim, os funerais eram suficientes para recolher os restos e cobrir o túmulo — e nada mais.

11.9

Antigamente, quando Shun foi sepultado em Cangwu, as bancas do mercado não foram alteradas, e quando Yu foi enterrado no Monte Kuaiji, os camponeses não mudaram os seus campos.
Tinham clareza sobre a distinção entre morte e vida, sobre o ponto médio entre o gasto e a frugalidade.
Os reinos caóticos não são assim.

As suas palavras e conduta estão em desacordo;
os seus sentimentos e expressões faciais estão em oposição.
Os seus rituais são vinculativos ao ponto da opressão; a sua música é tão exaltada que leva ao desregramento.

Veneram a morte ao ponto de prejudicarem a vida;
prolongam o luto ao ponto de obstruírem o trabalho.

Por isso, os seus costumes corrompem a época;
a lisonja e a calúnia florescem na corte; assim, o sábio abandona-os e não os utiliza.

A Retidão é seguir os padrões e fazer o que é adequado;
o Ritual é corporizar os sentimentos e estabelecer um modelo.
A Retidão é adequação;
o Ritual é incorporação.

Antigamente, a linhagem Youhu agiu com Retidão e pereceu; compreendia a Retidão, mas não compreendia a adequação.

Lu instituiu os Rituais e foi reduzido; compreendia os Rituais, mas não a incorporação.

Nos rituais de Youyu, o altar era feito de terra; os sacrifícios eram dirigidos às beiras centrais do telhado; os túmulos tinham uma dimensão de um *mu*; a sua música era a Ferramenta de Xian, as Nuvens Rasgadas, e as Harmonias Agudas. A sua roupa dava destaque ao amarelo.

O altar dos senhores de Xia era feito de pinho; os sacrifícios dirigiam-se ao deus da porta; os túmulos tinham muros e os caixões eram envoltos.
A sua música era composta pelos nove movimentos das Flautas de Xia, as Seis Companhias de Dança, as Seis Linhas, e as Seis Flores.
As suas vestes destacavam o verde.

Nos rituais dos Yin, o altar era de pedra; sacrificavam ao portão; os túmulos eram plantados com pinheiros.
A sua música era a Grande Melodia e o Orvalho Matinal.
As vestes davam destaque ao branco.

Nos rituais dos Zhou, o altar era de castanheiro; sacrificavam ao fogão; os túmulos eram plantados com ciprestes.
A sua música era a Grande Marcialidade, os Três Elefantes, e Sob a Amoreira.
A cor predominante das roupas era o vermelho.

Os seus Rituais e Música eram contraditórios; as roupas e regulamentos, opostos; no entanto, nenhum perdeu o afeto apropriado entre próximos e distantes, nem a disciplina entre superiores e inferiores.

Apegar-se aos métodos e estatutos de um único governante rejeitando os costumes transmitidos por épocas anteriores é como afinar um *se* e colar-lhe os cavaletes.

Por isso, o governante esclarecido veste-se com rituais e propriedade e cinge-se com disciplina e conduta.

As suas vestes bastam para cobrir o corpo, seguir os cânones antigos, permitir a inclinação e o gesto de respeito, acomodar o corpo e facilitar os movimentos.

Não busca uma aparência extraordinária ou bela, nem cortes oblíquos ou extravagantes.
O cinto basta para atar e prender as abas, apertar e fixar firmemente.
Não sente pressa por padrões circulares ou quadrados em bordados decorativos.

Assim, institui os Rituais e a Retidão; age com a máxima Potência Moral, mas não se fixa nos confucianos nem nos moistas.

11.10

Aquilo a que se chama clareza não se refere a ver o outro, mas a ver a si mesmo, apenas isso.
Aquilo a que se chama acuidade não é ouvir o outro, mas ouvir a si mesmo, apenas isso.
Aquilo a que se chama realização não é compreender o outro, mas compreender a si mesmo, apenas isso.
Assim, a pessoa é onde o Caminho reside; quando a pessoa é realizada, o Caminho é realizado.

Quanto à realização do Caminho:

Na visão, é clareza;
na escuta, é acuidade;
no discurso, é imparcialidade;
na conduta, é conformidade.

O sábio molda e forma as coisas como o carpinteiro que corta, apara, fura e encaixa; como o cozinheiro que fatia, corta, divide e separa.

Cada pormenor alcança o que lhe é apropriado, e nada se parte ou se danifica.

Um artífice desajeitado não é assim.

As coisas grandes tornam-se tão obstruídas que nada penetra; as pequenas tornam-se tão tênues que nada as contorna.

Ele está agitado no pensamento, trémulo nas mãos, e piora tudo.
Quanto ao talhar e aparar do sábio, ele divide, parte, separa, dispersa.
As coisas já dissolvidas, já perdidas, ele une novamente.
Tendo emergido da raiz, regressam à sua origem.
Já esculpidas, já polidas, regressam à simplicidade.
Fundidas, são o Caminho e a sua Potência; separadas, são normas e decoro.
Ele concentra-se e penetra o Mistério Obscuro;
dispersa-se e responde sem forma.

Como poderiam sequer o Ritual, a Retidão, a disciplina e a conduta esgotar a origem da ordem perfeita?

11.11

Muitos dos que supervisionam os assuntos do mundo afastam-se da origem do Caminho e da sua Potência, dizendo que o Ritual e a Retidão bastam para ordenar o império.
Com pessoas assim, não se pode discutir técnicas.

O que se chama “Ritual e Retidão” são os métodos, estatutos, modos e costumes dos Cinco Imperadores e dos Três Reis.

São os remanescentes de uma era passada.
Compare-se com cães de palha e dragões de barro recém-moldados.
São adornados com verde e amarelo, envoltos em seda e bordados, atados com seda vermelha, vestidos de branco e negro.

Os nobres usam o chapéu pontiagudo para os despedir e receber.
Uma vez usados, são enterrados no solo e cobertos por erva e silvas, nada mais.
O que há neles a valorizar?

Assim, no tempo de Shun, os Youmiao não prestavam tributo.
Shun cultivava o bom governo e cessava as operações militares; por isso, empunhava o escudo e o machado de batalha e dançava com eles.

No tempo de Yu, houve uma grande cheia no mundo. Yu ordenou ao povo que reunisse terra e madeira, formando colinas e montes para acolher os mortos.

Quando o rei Wu atacou o tirano Zhou, levou o corpo do pai consigo na marcha.
O império ainda não estava pacificado; assim surgiu o costume do luto de três anos.

Yu enfrentou a calamidade das cheias, as tarefas de canais e diques; por isso, os que morriam de manhã eram enterrados ao entardecer.

Tudo isto são exemplos de como o sábio segue as transformações e responde aos tempos, observa a forma e efectua o que é apropriado.

Agora, cultivar o bastão e o machado de guerra e zombar da enxada e da pá, ou conhecer o luto de três anos antes do enterro e rejeitar o enterro feito num só dia, é tão absurdo como seguir o boi e rejeitar o cavalo, ou adotar o tom *zhi* e rir-se do tom *yu*.

Responder à mudança desta forma não é diferente de tocar “Sob a Amoreira” dedilhando apenas uma corda.

Desejar seguir a mudança e responder aos tempos com base nas transformações de uma única era é como usar palha no inverno e peles no verão.
Um só alvo não serve para cem disparos; uma só peça de roupa não basta para o ano inteiro.
O alvo deve responder ao alto e ao baixo; a roupa deve ser adequada ao frio e ao calor.

Por esta razão:
Em diferentes épocas, os assuntos mudam; quando os tempos mudam, os costumes também se transformam.

Assim, o sábio avalia a época ao estabelecer métodos; segue os tempos ao iniciar os assuntos.
Os reis da alta antiguidade realizaram o sacrifício *feng* no Monte Tai e o sacrifício *shan* no Monte Liangfu.
Os mais de setenta sábios tinham todos métodos e normas diferentes.
Não estavam deliberadamente em oposição uns aos outros; era que os tempos e as épocas eram diferentes.

Por isso, não seguiam métodos já estabelecidos; seguiam aqueles que tinham fundamento.
Métodos com fundamento eram aqueles que se estendiam e se adaptavam às transformações.
Aquele que consegue estender-se e adaptar-se às transformações é o mais nobre entre os homens, e nada mais.

11.12

As canções de Hu Liang podem ser seguidas, mas como ele criou as suas canções não pode ser recriado.
Os métodos dos sábios podem ser observados, mas como estabeleceram os seus métodos não pode ser investigado.
As palavras dos estudiosos argumentativos podem ser ouvidas, mas como formularam as suas palavras não pode ser modelado.
A espada Chunjun pode ser apreciada, mas a perícia de Ou Ye não pode ser avaliada.

Agora, Wang Qiao e Chi Songzi inspiravam e expiravam, expelindo o velho e internalizando o novo.
Abandonaram a forma e deixaram a sabedoria; abraçaram a simplicidade e retornaram à autenticidade; ao vaguearem no misterioso e subtil, penetraram as nuvens e o Céu.

Se alguém quiser estudar o seu Caminho e não alcançar o cultivo do *qi* e o abrigo do espírito, mas apenas imitar cada inspiração e expiração, cada contração e expansão, é evidente que não conseguirá montar as nuvens nem ascender nos vapores.

Os Cinco Imperadores e os Três Reis viam o mundo como leve, minimizavam as miríades de coisas, punham a vida e a morte em pé de igualdade, acompanhavam a mudança e a transformação.
Acolhiam o grande coração de sábio espelhando as disposições das miríades de coisas.
No alto, tomavam a iluminação espiritual como amiga; em baixo, tomavam a criação e a transformação como companheiras.

Se alguém quiser estudar o seu Caminho sem alcançar a pureza clara e a sagacidade misteriosa, mantendo apenas os seus métodos, estatutos, regras e ordenanças, é evidente que não poderá alcançar a ordem.

Por isso se diz:
Obter dez espadas afiadas não vale tanto como obter a perícia de Ou Ye;
Obter cem cavalos velozes não vale tanto como dominar as artes de Bo Le.

11.13

A grandeza suprema do Bloco Não-Talhado está em não ter forma nem figura;
a subtileza suprema do Caminho está em não ter modelo nem medida.
A redondez do Céu não pode ser testada com o compasso;
a quadratura da Terra não pode ser medida com o esquadro.
Desde a mais remota antiguidade até aos dias de hoje chama-se extensão no tempo;
as quatro direções, mais o alto e o baixo, chamam-se extensão no espaço.
O Caminho está no seu meio, e ninguém pode saber a sua localização.

Por isso, com aqueles que não conseguem ver longe, não se pode falar de grandeza; com aqueles cuja inteligência não é vasta, não se pode falar de supremacia.

Antigamente, Feng Yi alcançou o Caminho e por isso se tornou um com o Grande Rio; Qin Fu alcançou o Caminho e por isso habitou em Kunlun.

Por meio dele, Bian Que curava doenças, Zaofu conduzia cavalos, Yi atirava setas, Chui trabalhava como carpinteiro.
O que cada um fazia era diferente, mas aquilo a que chamavam Caminho era um só.

Agora, aqueles que penetram as coisas incorporando o Caminho não têm base para se rejeitarem uns aos outros.
É como os que se reúnem para irrigar um campo — cada um recebe a sua parte igual de água.

Se alguém abate um boi e cozinha a sua carne, haverá partes mais ácidas e outras mais doces.
Fritar, estufar, chamuscar e assar — há mil modos de ajustar o sabor, mas tudo provém do mesmo corpo.

Derrubar um cedro ou cânfora e esculpir e dividir a madeira — uma parte torna-se caixão ou forro, outra parte torna-se pilar ou viga.
Cortando com ou contra o veio, os usos são diversos, mas tudo provém do mesmo tronco.

Assim, as designações e prescrições das palavras das Cem Tradições são mutuamente opostas, mas aderem ao Caminho como a um só corpo.

Compare-se ao uso de seda, bambu, metal e pedra.
Em conjunto, todos produzem música.
O som e a tradição de cada um é diferente, mas nenhum se afasta da estrutura.

Os métodos de avaliação de Bo Le, Han Feng, Qin Ya e Guan Qing eram todos diferentes, mas a sua compreensão dos cavalos era uma só.

Assim, os métodos e estatutos dos Três Augustos e dos Cinco Imperadores variavam, mas a conquista do coração do povo era equivalente.

Tang entrou em Xia e usou os seus métodos;
o Rei Wu entrou em Yin e usou os seus rituais.
Os tiranos Jie e Zhou foram destruídos usando esses métodos e rituais, e no entanto Tang e Wu usaram-nos para instaurar a ordem.

11.14

Assim:

[Mesmo] quando a faca e o serrote estão preparados, se alguém não for um bom artesão, não conseguirá moldar a madeira.
[Mesmo] quando o forno e os moldes de barro estão prontos, se alguém não for um ferreiro habilidoso, não conseguirá moldar o metal.

O açougueiro Dan desossou nove vacas numa só manhã, e a sua faca era tão afiada que poderia cortar um cabelo ao meio. O cozinheiro Ding usou a sua faca durante dezenove anos, e ela parecia recém-forjada e afiada.

Porquê? Porque se movia entre os muitos espaços.

O compasso, o esquadro, a régua de ângulo e o cordel de marcação são ferramentas do habilidoso, mas não tornam ninguém habilidoso. Assim, se o se (instrumento de cordas) não tiver cordas, mesmo um mestre da música não conseguirá tocar uma melodia. [Contudo,] só as cordas não produzem tristeza. Assim, as cordas são instrumentos da tristeza; não fazem com que alguém se entristeça.

A construção do mestre artesão da besta de repetição, da abertura giratória, da tranca oculta e das incrustações de ilusão ótica atinge as mais subtis profundezas, a essência da harmonia semelhante ao espírito. Aquilo que vagueia entre o coração e a mão, e não pertence ao reino das coisas, é algo que [nem mesmo] os pais conseguem ensinar aos filhos. O abandono do pensamento por parte de um músico cego ao deparar-se com as coisas, libertando o espírito e erguendo-se para dançar, [assim] dando forma com as cordas, é algo que [nem mesmo] um irmão mais velho consegue descrever ao mais novo.

Ora:

Quem quer fazer algo verdadeiro usa o nível;
Quem quer fazer algo direito usa o cordel de marcação.

Tornar algo verdadeiro ou direito sem estar na linha ou no nível é uma arte que não pode ser transmitida. Quando se golpeia o gong, o gong ressoa; ao dedilhar a corda jue, outra corda jue vibra.
Isto é a resposta mútua de tons idênticos.
O que não corresponde a nenhum dos cinco tons, mas a que respondem todas as vinte e cinco cordas, é o Caminho, que não pode ser transmitido.
Assim, a solidão é o senhor da forma; o silêncio é o soberano do tom.

11.15

No mundo, o “certo” e o “errado” não têm base imutável.
Cada época afirma aquilo que [considera] certo e rejeita o que [considera] errado.
O que cada uma considera certo ou errado é diferente, [ainda assim] cada uma [julga] a si própria certa e as outras erradas.
Visto sob esta [ótica],
Há fatos que estão de acordo com o próprio eu, mas
Não são originalmente “certos”.

Há aqueles que são repulsivos ao coração, mas que não são originalmente “errados”.

Assim:

Os que procuram o que é “certo” não procuram o padrão do Caminho; procuram aquilo que está de acordo com os seus próprios eus.
Os que rejeitam o que é “errado” não criticam o que está torto; descartam o que é

repulsivo ao seu coração.
O que é repulsivo para mim não está necessariamente em desacordo com os outros.
O que está de acordo comigo não é necessariamente aceite pelos costumes.
O "certo" do mais absoluto certo não tem erro;
O "errado" do mais absoluto errado não tem razão.
Isto é o verdadeiro "certo" e "errado".

Quanto ao fato de ser "certo" aqui e "errado" ali, ou "errado" aqui e "certo" ali, isso chama-se "um certo, um errado".
Este "certo e errado" é um canto [do universo].
A unidade de todos os "certos" e "errados" é o cosmos inteiro.
Ora, se eu quiser escolher um "certo" e aí permanecer, escolher um "errado" e rejeitá-lo, ainda assim não poderei saber, entre o que a época chama "certo" e "errado", o que é de fato "certo" e o que é "errado".

O *Laozi* diz:

"Governar um grande Estado é como cozinhar um pequeno peixe."
Os que favorecem a indulgência dizem que [significa] "Não o perturbes demasiado";
Os que favorecem o rigor dizem: "Basta pôr sal e vinagre."

O duque Ping de Jin deixou escapar palavras impróprias.
O mestre da música Kuang levantou o seu *qin* e embateu nele, fazendo com que tropeçasse na túnica e [batesse] na parede.
Os cortesãos quiseram rebocar [o local danificado].
O duque Ping disse: "Deixem como está. Isto [lembrar-me-á] da minha falha."
Confúcio ouviu isto e disse: "Não é que o duque Ping não estimasse o seu corpo, mas sim que queria atrair os que o admoestassem."
Han [Fei]zi ouviu isto e disse: "Os oficiais reunidos ignoraram o Ritual e não foram punidos. Isto é condescender com a transgressão. É por isso que o duque Ping não se tornou líder!"

Um hóspede apresentou alguém a Mizi.
Quando o visitante partiu, Mizi disse: "O teu visitante tem apenas três falhas.
Olhou para mim e riu-se, isto é arrogância.
Na conversa, não mencionou o seu mestre, isto é atrevimento.
A sua maneira era leve e as suas palavras eram profundas, isto é rebeldia."

O hóspede respondeu:
"Ele olhou para ti e riu-se, isto é imparcialidade.
Na conversa, não mencionou o seu mestre, isto é abrangência.
A sua maneira era leve e as suas palavras eram profundas, isto é lealdade."
Assim, o comportamento [do visitante] foi o mesmo, mas um considerou-o um cavalheiro, [e] o outro, um homem vulgar.

Esta é a diferença da perspetiva de cada um.

Assim:

Se o que escolhem e rejeitam coincide, então as palavras [de um ministro para um governante] serão [consideradas] leais, e tornar-se-ão cada vez mais íntimos.

Se os seus espíritos estiverem afastados, então [ainda que] os planos sejam apropriados, surgirá suspeita.

Se a própria mãe tratasse das feridas com pus na cabeça do filho e o sangue escorresse pelos ouvidos, os que vissem considerariam isso o ápice do amor.
Se fosse a madrasta, os que passassem pensariam que era por ciúmes.
A disposição destas situações é a mesma; o ponto de vista é que difere.
Do alto da muralha da cidade, bois parecem ovelhas, ovelhas parecem porcos,
porque o lugar de onde se observa é elevado.
Se olhares o teu rosto numa bacia de água, ele é redondo;
se o olhares numa chávena de água, é oval.
O formato do rosto não se alterou. É agora redondo, agora oval porque o ponto de observação é diferente.
Ora, ainda que eu deseje corrigir a minha pessoa ao enfrentar as coisas, como posso, sem reflexão, saber qual o ponto de vista a partir do qual a época me observa?
Se eu me virar e transformar e correr ao ritmo da época, isso é como tentar fugir da chuva.
Não há para onde ir sem me molhar.

Se eu quiser residir constantemente no vazio, então não posso tornar-me vazio.
Se eu não me esvaziar e me tornar vazio espontaneamente, nenhum dos meus objetivos deixará de se cumprir.

Assim, aquele que compreende o Caminho é como o eixo de uma carroça.
Ele próprio não se move, mas com a roda percorre mil *li*. Ele gira na origem ilimitada.
Aquele que não compreende o Caminho está como perdido e confuso.
Se lhe disserem leste, oeste, sul ou norte, a sua posição fica clara.
Mas mal haja uma curva, ele desvia-se e
de repente não compreende; volta a estar perdido e confuso.
Assim, até ao fim dos seus dias, é servo dos outros, como uma biruta ao vento. Não tem estabilidade nem por um instante.
Por isso, o sábio incorpora o Caminho e retorna à natureza; não se transforma ao enfrentar a transformação, e assim aproxima-se da retração.

11.16

Numa era ordenada,

A estrutura é fácil de manter;
Os assuntos são fáceis de conduzir;
Os ritos são fáceis de praticar;
As obrigações são fáceis de cumprir.

Por esta razão, nenhuma pessoa ocupa dois cargos; nenhum oficial trata de dois assuntos.
Eruditos, camponeses, artesãos e comerciantes mantêm comunidades distintas e vivem em regiões diferentes.

Os camponeses discutem força entre si; os eruditos discutem conduta entre si; os artesãos discutem habilidade entre si; os comerciantes discutem números entre si.

Assim:
Os eruditos não têm conduta negligente; os camponeses não desperdiçam esforço;
Os artesãos não têm tarefas repugnantes; os comerciantes não vendem bens rebaixados.
Cada qual repousa seguro na sua natureza; não conseguem interferir uns com os outros.

Assim, quando Yi Ym iniciou as obras de terraplenagem,
Os de pernas compridas foram encarregados de pisar nas pás,
Os de costas fortes de carregar terra,
Os cegos de um olho de ler o nível,
Os corcundas de aplicar estuque.
Cada um tinha uma tarefa adequada a si, e as naturezas das pessoas foram equiparadas.

O povo de Hu está habituado a cavalos;
O povo de Yue está habituado a barcos.

Têm formas diferentes e categorias separadas.
Se trocarem de tarefas, ficarão perturbados;
Se perderem as suas posições, serão desprezados;
Se atingirem a sua força [potencial], serão honrados.
O sábio acolhe ambos e faz uso deles; para ele, o seu valor é um só.

11.17

A previsão e a visão ao longe, alcançando mil *li*,
são o auge do talento humano, mas numa era ordenada isto não é esperado do povo.

Ampla aprendizagem e firmeza de vontade, discurso eloquente e palavras fluentes, são a perfeição da inteligência humana, mas o governante esclarecido não exige isso dos seus subordinados.

Desprezar a época e desdenhar das coisas materiais, não ser corrompido pela vulgaridade,
são condutas justas de um erudito, mas numa era ordenada não se utilizam para transformar o povo.

A besta de repetição e a tranca oculta, a faca curva que não deixa rasto,
são as maravilhas da habilidade humana, mas uma era ordenada não faz disso tarefa do povo.

Assim, Chang Hong e o Mestre de Música Kuang previram calamidades e boa fortuna; as suas palavras não continham planos falhados; mas não conseguiram servir em cargos públicos entre os muitos.

Gongsun Long quebrava argumentos e refutava palavras, distinguia semelhantes e diferentes, discriminava entre o duro e o branco, [contudo] não conseguia partilhar o seu Caminho com o povo.

Beiren Wuze rejeitou Shun e lançou-se na Lagoa Qingling, [contudo] não pôde servir de modelo para a época.

Lu Ban e Mozi construíram papagaios de madeira que voavam sem pousar durante três dias, mas ninguém os empregou como carpinteiros.

Assim:
O que é tão elevado que não se pode alcançar não pode ser medida para os humanos; condutas que não podem ser igualadas não podem tornar-se o costume do reino.

[Aquele que] consegue julgar o peso segurando [os objetos], sem errar um *zhu* ou um *liang*, o sábio não utiliza; [em vez disso,] pendura os objetos na balança.

[Aquele que] consegue julgar alturas com a vista, sem errar um pé ou uma polegada, o governante esclarecido não emprega; [em vez disso,] procura com o nível de água.
Porquê? Porque o talento humano não pode ser usado com fiabilidade, mas os padrões e medidas podem ser transmitidos de geração em geração.

Assim:
A ordem do reino pode ser mantida com os tolos, e o controlo do exército pode ser assegurado com os fortes.

Se esperares por montar o carro apenas com Yaoniao ou Feitu, então não cavalgarás nesta era.

Se esperares por casar apenas com Xi Shi ou Mao Qiang, então não te casarás até ao fim da vida.

Sendo assim, se as pessoas conseguiram viver sem aguardar pelos heróis da antiguidade, foi porque se adaptaram ao que tinham e fizeram uso disso.
Qiji conseguia percorrer mil *li* num só dia.
Um cavalo inferior requer dez pausas para descanso, mas em dez dias também chega lá.

Visto sob esta [ótica], o talento humano não pode ser exclusivamente confiado, mas as técnicas do Caminho podem ser praticadas universalmente.

Nos métodos de uma era caótica, o elevado é tomado como medida, e os que não o alcançam são incriminados; os deveres são pesados, e os que não os superam são punidos; os testes são perigosos, e os que não ousam são executados.

O povo fica preso por estas três exigências, e assim ornamenta a sua inteligência e engana os seus superiores;
Comete depravações e esquiva-se [aos deveres].
Assim, embora existam leis duras e castigos severos, não se consegue conter a sua maldade.
Porquê? Porque a força é insuficiente. Assim diz um adágio:

“Quando um pássaro está desesperado, agarra a comida com o bico;
Quando uma besta está desesperada, escava a comida com os cornos;
Quando uma pessoa está desesperada, engana.”
E é isso mesmo.

11.18

O padrão do Caminho e da Potência é comparável ao sol e à lua.
[Mover-se] a sul do Yangzi ou a norte do Rio Amarelo não altera a sua posição.
Percorrer mil *li* velozmente não muda o seu lugar.
Escolhas e rejeições, ritos e costumes são comparáveis a uma casa.

A casa a oriente chama-lhe “a casa do ocidente”;
A casa a ocidente chama-lhe “a casa do oriente.”
Mesmo que Gao Yao assim o determinasse, não conseguiria fixar-lhe a localização.

Assim:
Escolher e rejeitar são equivalentes; censura e louvor têm origem no costume.
Intenções e conduta estão alinhadas; fracasso e sucesso residem nas [circunstâncias da] época.
A acumulação de conduta e bondade por Tang e Wu pode ser equiparada.
O fato de se terem deparado com Jie e Djou foi um legado do Céu.
Ora, se tiveres as intenções de Tang ou Wu mas te faltar a oportunidade de [encontrar] Jie e Djou, e quiseres completar a tarefa de um líder ou rei, não conseguirás aproximar-te disso.

No passado, o Rei Wu ergueu a lança e empunhou o machado de guerra para conquistar Yin.
Segurava a tábua de jade e apoiava-se no bastão de madeira nas audiências na corte.
Quando o Rei Wu morreu, o povo de Yin revoltou-se. O Duque de Zhou mudou-se para o Palácio Oriental e subiu à carruagem real.
Assumindo a posição de Filho do Céu e de costas para o biombo,
convocou os Senhores da Terra.
Exilou Cai Shu, executou Guan Shu, conquistou Yin e puniu Shang.
Oferecendo sacrifícios ao Rei Wen, sete anos depois entregou o governo ao Rei Cheng.
O fato de o Rei Wu ter sido primeiro marcial e depois civil não se deve a que as suas intenções tenham mudado;
mas sim ao fato de ter respondido aos tempos.
O fato de o Duque de Zhou ter exilado o irmão mais velho e executado o segundo não significa que não fosse humano;
mas sim que estava a corrigir o caos.
Assim, quando os assuntos de alguém compreendem a época, os seus méritos serão completos; quando as tarefas de alguém se ajustam aos tempos, o seu nome será estabelecido.

No passado, o Duque Huan de Qi convocou os Senhores da Terra com carruagens cerimoniais; retirando-se, puniu o seu estado com o machado de guerra.
O Duque Wen de Jin convocou os Senhores da Terra com carruagens de guerra; retirando-se, governou o seu reino com Ritual e Retidão.
O Duque Huan foi brando primeiro e duro depois.
O Duque Wen foi duro primeiro e brando depois; ainda assim, as suas ordens foram obedecidas em todo o mundo e a sua autoridade controlou os Senhores da Terra — nisto foram iguais.
Eles tinham investigado as mudanças da situação estratégica.

O governante de Lu queria tornar Yan He seu primeiro-ministro, mas este recusou.
[O duque] enviou alguém com seda como presente antecipado, mas [Yan He] abriu um buraco na parede e fugiu, tornando-se mais tarde um guerreiro famoso no mundo.
Se ele tivesse encontrado Shang Yang ou Shen Buhai, a pena de morte teria alcançado até o terceiro grau de parentesco da sua família, quanto mais a ele próprio!
A época frequentemente destaca pessoas da antiguidade e admira a sua conduta.
Todas as épocas têm pessoas semelhantes, mas a sua nobreza não é reconhecida.
Não por falta de talento, mas porque os tempos não eram propícios.

Para atravessar o Yangzi ou o Rio Amarelo, seis cavalos como Qiji ou quatro garanhões do norte não se comparam à conveniência de um tronco oco.
A dinâmica do local assim o determina.
Por esta razão, quem estabelece o seu mérito é relaxado na conduta mas meticuloso no tempo.

O povo comum da presente época considera mérito concluído como valor,
triunfar sobre adversidades como inteligência,
encontrar dificuldades como tolice,
e morrer pelo dever como teimosia.

Eu vejo tudo isso como cada um tendo alcançado o seu limite, e nada mais.

O Príncipe Bi Gan não desconhecia a estratégia de despentear-se e fingir-se louco para preservar a vida.
Contudo, encontrava alegria em manter a conduta reta e a máxima lealdade em morrer pelo seu dever; por isso, não o fez.

Bo Yi e Shu Qi não eram incapazes de aceitar um salário e ocupar um cargo para ampliar o seu mérito.
Contudo, encontravam alegria em afastar-se da época e agir com elevação ao transcenderem a multidão; por isso, não serviram.

Xu You e Shan Juan não eram incapazes de dominar o mundo, pacificar o reino e tornar o povo virtuoso.
Contudo, sentiam vergonha em permitir que as coisas contaminassem a sua harmonia; por isso, não aceitaram.

Yu Rang e Yao Li não desconheciam o prazer de uma casa, de viver em paz com a esposa e os filhos.
Contudo, encontravam alegria em prolongar a sinceridade e cumprir a obrigação em morrer pelo seu soberano; por isso, não se abstiveram.

Ora:

Se seguirmos Jizi ao avaliar Bi Gan, ele foi tolo.
Se seguirmos Bi Gan ao avaliar Jizi, ele foi desprezível.
Se seguirmos Guan Zhong e Yan Ying ao avaliar Bo Yi e Shu Qi, eles foram obstinados.
Se seguirmos Bo Yi e Shu Qi ao avaliar Guan Zhong e Yan Ying, eles foram gananciosos.

As suas escolhas e rejeições anulavam-se mutuamente; os seus desejos eram opostos; e ainda assim, cada um encontrava alegria nos seus próprios assuntos. Quem pode ser usado para julgar qual estava certo?

Zengzi disse: “Quando se golpeia o lado de um barco na água,

As aves ouvem-no e voam alto;
Os peixes ouvem-no e mergulham fundo.”

A tendência de cada um é diferente, e no entanto cada um alcança aquilo que lhe é adequado.

Huizi atravessou o Pântano de Mengzhu com um séquito de cem carruagens. Zhuangzi viu-o e atirou fora o seu peixe restante.

O pelicano bebe vários *dou* de água, e ainda assim não é suficiente.
Se a cigarra apanha uma única golfada de neblina, fica saciada.
O Conde Zhi possuía os três estados de Jin, e os seus desejos não estavam satisfeitos;
As roupas de Lin Lei e Rong Qiji estavam esfarrapadas e gastas, mas os seus pensamentos permaneciam imperturbáveis.

Visto sob esta [perspetiva], as preferências e condutas de cada um eram diferentes — como poderiam refutar-se mutuamente?

Aquele que valoriza grandemente a vida não se prejudicará por lucro;

Aquele que estabelece disciplina não se esquivará negligentemente às dificuldades quando estas surgirem;
O que cobiça emolumentos não considerará a sua integridade perante o lucro;
E aquele que ama a reputação não [aceitará] ganhos que negligenciem a Retidão.

Estes padrões, quando confrontados entre si, são como o gelo e o carvão, como a régua de ângulo e o cordel de marcação — quando é que alguma vez estarão de acordo?
Se tomarmos o sábio como padrão, então ele tudo abrange e tudo contém, e assim nunca pode haver um “certo” ou “errado”.
O pássaro voador favorece o ninho; a raposa prefere a toca.
Os que fazem ninhos encontram pouso quando o ninho está feito; os escavadores descansam quando a toca está completa.
Escolher e rejeitar, conduta e Retidão, são também o pouso e o descanso dos seres humanos.
[Quando] cada um encontra alegria naquilo que lhe dá segurança [e] chega ao seu destino,
[então] é chamado de “pessoa completa”.
Assim, o padrão do Caminho reúne-os e coloca-os em igualdade.

11.19

No Caminho de um estado ordenado, os superiores não emitem ordens severas; os oficiais não confundem o governo; os eruditos não falsificam a sua conduta; os artesãos não usam licenciosamente a sua habilidade.

Os assuntos são regulares e descomplicados;
Os utensílios são completos e sem ornamento.

Uma era caótica não é assim.

Os que se envolvem em conduta disputam para se excederem em elevação;
Os que praticam o Ritual vangloriam-se em superar-se uns aos outros em artifício.

As carruagens são esculpidas em excesso; os instrumentos, exaustivamente gravados.

Os que procuram bens disputam por aquilo que é difícil de obter como se fosse tesouro.
Os que valorizam a escrita fixam a complexidade e a distorção como [sinais de] inteligência.

Compete-se na criação de falsas disputas.
Acumulando-se sem cessar ao longo do tempo, nada disto contribui para a ordem.

Os artesãos fazem instrumentos exóticos. Só completos após um ano, não aumentam a utilidade.

Assim, as leis do Lavrador Divino diziam:

“Se um homem é capaz e não cultiva a terra, alguém no mundo passará fome por causa disso.
Se uma mulher não tece ao longo do ano, alguém no mundo sentirá frio por causa disso.”

Por isso, cada homem a cultivar para si e cada esposa a fiar pessoalmente tornaram-se prioridade no mundo.
Ao guiar o povo, ele não valorizava os bens difíceis de obter; não tomava objetos inúteis como instrumentos.

Por essa razão:

Os que não aplicavam força na agricultura não tinham como sustentar a vida;
Os que não aplicavam esforço na tecelagem não tinham como cobrir o corpo.

A abundância ou escassez voltava a cada pessoa individualmente.
As roupas e os alimentos eram abundantes; a maldade e a perversão não surgiam.

[As pessoas eram] seguras, felizes e sem incidentes, e o mundo estava em paz.

Assim, Confúcio e Zeng Can não tinham onde praticar a sua bondade,
Meng Ben e Cheng Jing não tinham onde aplicar a sua força.

11.20

Nos costumes de uma era decadente, as pessoas empregam o entendimento e a habilidade para [criar] o falso e a ilusão; ornamentam todos os tipos de coisas inúteis.

Valorizam bens de terras distantes, estimam materiais difíceis de obter,
e não acumulam os instrumentos que sustentam a vida.
Diluem o que é concentrado no mundo;
Fragmentam o que é simples e não talhado;
Encarceram e subjugam cavalos e bois como animais de sacrifício.
Iludem as multidões, transformando o puro em corrompido.
A natureza e o destino voam para longe; tudo se torna caótico e confuso.
A sinceridade e a confiança caem em turbulência; as pessoas perdem a sua disposição genuína e a sua natureza.

Com isto surgem:

Penas de martim-pescador, corno de rinoceronte e marfim, bordados e padrões elegantes para confundir os olhos;
Animais alimentados com erva e com grãos;
Os aromas de Jing e Wu para tentar os paladares;
[Sons de] sinos, tambores, flautas e tubos, cordas, bambu, metal e pedra para seduzir os ouvidos;
Escolhas e rejeições, conduta e Retidão,
Ritual e disciplina, crítica e argumentação para aprisionar as mentes.

Neste ponto, o povo comum torna-se turbulento e confuso; o dia inteiro perseguem o lucro.
Estão inquietos e são superficiais.
As leis e a Retidão anulam-se mutuamente; a conduta e o lucro opõem-se.

Nem dez Guan Zhongs poderiam trazer ordem a esta situação.

Além disso, os ricos têm carruagens cobertas de seda vermelha e bordados; cavalos enfeitados com plumas e marfim.
As suas tendas e almofadas, roupas de seda e cintos têm padrões entrelaçados de verde e amarelo; são indescritíveis.

No verão, os pobres usam roupas de cânhamo atadas com corda; engolem feijões e bebem água para encher o estômago e afastar o calor.

No inverno, os seus casacos de lã estão rasgados e esfarrapados; os curtos casacos de cânhamo não cobrem os corpos; e sopram para a boca do fogão.

Assim, embora estejam registados como plebeus nos registos de família,
a [real] diferença entre ricos e pobres não pode sequer ser comparada àquela entre governante e escravo ou cativo.

Aqueles que praticam artes estranhas e seguem caminhos desviantes têm o suficiente para viver uma geração.

Aqueles que mantêm a retidão, seguem a ordem e não adquirem de forma negligente não conseguem evitar a calamidade da fome e do frio.

Contudo, desejamos que o povo abandone os ramos e regresse à raiz.
Isto é como abrir uma nascente e impedir o seu fluxo.
Além disso, esculpir, polir, cortar e gravar são o que prejudica o trabalho dos lavradores.

Bordar tecidos e desenhar cintos é o que compromete o trabalho das mulheres.

Quando se abandona o trabalho dos lavradores e se fere o labor das mulheres,
Isto é a raiz da fome e a fonte do frio.
Nunca se soube de alguém que evitasse o crime e o castigo quando tanto a fome como o frio chegavam.

11.21

A humanidade e a depravação residem na oportunidade, não na conduta;
o proveito e o dano residem no destino, não na inteligência.
Entre os soldados de um exército derrotado, guerreiros valentes fugirão; o comandante não os pode deter.

Dentro das fileiras de um exército vitorioso, cobardes marcharão para a morte; os medrosos não conseguem fugir.

Assim, quando o Yangzi e o Rio Amarelo transbordam, pais e filhos, irmãos mais velhos e mais novos de uma só aldeia abandonar-se-ão uns aos outros e fugirão.
Lutarão para alcançar os montes altos ou para subir colinas elevadas.
Os que têm pés mais ligeiros chegarão primeiro; não conseguirão cuidar uns dos outros.
Quando a época é próspera e as vontades se orientam para a paz, se virem o povo de um reino vizinho afogar-se, ainda assim se compadecerão deles — quanto mais dos seus próprios familiares e entes queridos!

Assim:

Quando a pessoa está segura [e] a bondade alcança o reino vizinho, dar-se-á ao máximo.
Quando a pessoa está em perigo, então esquece a sua família e parentes, [e] a Humanidade já não oferece solução.

Aquele que está a nadar não pode salvar outro do afogamento; as suas mãos e pés estão ocupados.
Aquele que está a arder não pode salvar outro das chamas; o seu corpo está em sofrimento.
Se o povo tiver excedente, cederá; se estiver em carência, lutará.
Quando cedem, então geram-se o Ritual e a Retidão;
Se lutam, surgem a tirania e o caos.
Se bateres à porta de alguém a pedir água ou fogo, ninguém recusará, porque têm de sobra.
Nas florestas ninguém vende lenha; nos lagos ninguém vende peixe;

Porque há abundância. Assim:

Quando há fartura, os desejos diminuem;
Quando as necessidades são supridas, a luta cessa.
Na época do rei de Qin [Qin Shihuangdi], alguns cozinhavam os próprios filhos porque os benefícios materiais eram insuficientes.

Quando o clã Liu tomou o governo, as viúvas acolhiam órfãos porque havia riqueza em excesso.

Assim:

Quando a época é ordenada, mesmo os pequenos homens mantêm a retidão; não podem ser seduzidos pelo lucro.
Quando a época é caótica, até os senhores virtuosos cometem perversidades; a lei não os consegue conter.

12.1 – As Respostas do Caminho

Grande Pureza perguntou a Inesgotável:
«Conheces o Caminho?»
Inesgotável respondeu: «Não o conheço.»

[Grande Pureza] então perguntou a Não-Ação:
«Conheces o Caminho?»
Não-Ação respondeu: «Conheço-o.»
[Grande Pureza disse:] «Esse Caminho que conheces tem normas?»
Não-Ação respondeu: «Sim, o Caminho que conheço tem normas.»

[Grande Pureza] perguntou: «Então, quais são essas normas?»

Não-Ação respondeu:
«O Caminho que conheço pode ser fraco ou forte;
Pode ser suave ou duro;
Pode ser yin ou yang;
Pode ser escuro ou luminoso;
Pode abraçar ou conter o Céu e a Terra;
Pode responder ou aguardar o Ilimitado.

Estas são as normas pelas quais conheço o Caminho.»

Grande Pureza então perguntou a Não-Princípio:
«Antes, perguntei a Inesgotável sobre o Caminho e ele respondeu: “Não o conheço.”
Depois perguntei a Não-Ação e ele respondeu: “Conheço-o.”
Então perguntei: “Esse Caminho que conheces tem normas?”
E Não-Ação respondeu: “Sim, o Caminho que conheço tem normas.”
Quando lhe perguntei se podia [dizer] as normas, respondeu:
“Conheço que o Caminho pode ser fraco ou forte;
Pode ser suave ou duro;
Pode ser yin ou yang;
Pode ser escuro ou luminoso;
Pode abraçar ou conter o Céu e a Terra;

Pode responder ou aguardar o Ilimitado.
Estas são as normas pelas quais conheço o Caminho."
Sendo assim, entre Inesgotável que não conhece e Não-Ação que conhece, quem está certo e quem está errado?»

Não-Princípio respondeu:
«Não o conhecer é profundo, conhecer é superficial;
Não o conhecer é interno, conhecer é externo;
Não o conhecer é refinado, conhecer é grosseiro.»

Grande Pureza então olhou para os céus e suspirou longamente:
«Então, não será o não saber, na verdade, saber?
E o saber, na verdade, não saber?
Quem sabe que saber não é saber, e que não saber é saber?»

Não-Princípio respondeu:

«O Caminho não pode ser ouvido, pois aquilo que se ouve não é o Caminho;
O Caminho não pode ser visto, pois aquilo que se vê não é o Caminho;
O Caminho não pode ser dito, pois aquilo que se diz não é o Caminho.
Quem conhece a ausência de forma daquilo que dá forma à forma?

Por isso o *Laozi* diz:
"Quando todo o mundo reconhece o bem como bem, há já o mal."

Portanto:
Os que sabem não falam;
Os que falam não sabem.»

12.2

O Duque de Bo perguntou a Confúcio:
«É possível que as pessoas partilhem palavras subtis?»
Confúcio não respondeu.
O Duque de Bo voltou a perguntar:
«Não é como atirar pedras à água?»

Confúcio respondeu:
«Mergulhadores hábeis de Wu e Tue poderiam recuperá-las.»

«Então talvez seja como atirar água na água?», perguntou o Duque de Bo.

Confúcio respondeu:
«Quando as águas dos rios Zi e Sheng se misturaram, Yi Ya provou [a água] e reconheceu [qual era qual].»

O Duque de Bo replicou:
«Então não será verdade que as pessoas não conseguem transmitir palavras subtis?»

«Porque considerá-lo impossível?», perguntou Confúcio.
«[Mas isso é possível] apenas para aqueles que realmente sabem a que se referem as palavras.
Ora, aqueles que sabem a que se referem as palavras não dependem das palavras para falar.
Os pescadores molham-se e os caçadores correm atrás da presa, mas não é por gosto.
Por isso, as melhores palavras rejeitam as palavras [em si], e as melhores ações estão isentas de ação.
Aquilo por que disputam os que têm conhecimento superficial é insignificante.»

O Duque de Bo não compreendeu o sentido de Confúcio e, por fim, morreu num balneário.

Assim o *Laozi* diz:

«As palavras têm um antepassado e os assuntos têm um soberano.
É apenas porque as pessoas ignoram isto que não me compreendem.»

Estas palavras referem-se ao Duque de Bo.

12.3

Huizi redigiu as leis do estado em nome do rei Hui [de Wei].
Quando as terminou, mostrou-as aos anciãos — todos as elogiaram.
Depois apresentou-as ao rei Hui.
O rei Hui ficou encantado com elas e mostrou-as a Zhai Jian.
Zhai Jian exclamou: «Excelente.»

O rei Hui perguntou:
«Se são excelentes, podemos então implementá-las?»
Zhai Jian respondeu:
«Não podemos.»

O rei Hui então perguntou:
«Se são excelentes, porque não podemos implementá-las?»
Zhai Jian respondeu:
«Agora imagina aqueles que puxam troncos pesados: os da frente gritam “puxa!” e os de trás respondem “força!”.
É um canto para encorajar a força dos que carregam.
Será possível que não conheçam as melodias de Zheng e Wey ou a canção “Chu Rodopiante”?

Embora as conheçam, não as utilizam porque não se adequam à circunstância tão bem como este canto.
Governar um estado é assunto de ritual, não de eloquência literária.»

Assim o *Laozi* diz:

«Quanto mais detalhadas são as leis e os éditos, mais ladrões e bandidos há.»
É disso que se trata aqui.

12.4

Tan Pian apresentou uma persuasão sobre as técnicas do Caminho ao rei de Qi, ao que o rei de Qi respondeu:
«O que possuo é o estado de Qi.
As técnicas do Caminho são difíceis de aplicar para eliminar [os] problemas.
Preferia ouvir sobre como governar o estado de Qi.»

Tian Pian respondeu:
«As minhas palavras não falam [diretamente] sobre governo, mas podem ser usadas para criar governo.
As minhas palavras podem ser comparadas a árvores numa floresta.
Elas não são madeira serrada, mas podem ser usadas para a produzir.
Imploro a Vossa Majestade que investigue o que foi dito e então extrapole daí os meios para governar Qi.
Embora a minha [persuasão] não elimine os problemas de Qi, pode alterar e transformar o que está entre o Céu e a Terra e dentro das seis direções.
Como pode ser suficiente que Vossa Majestade apenas pergunte sobre o governo de Qi?»

Isto é o que Lao Dan chamava uma forma sem forma [própria], uma figura sem objeto [próprio].
O que o rei perguntou foi sobre Qi, e Tian Pian fez uma analogia com a madeira.

Ora:

A madeira não é tão importante quanto a floresta;
A floresta não é tão importante quanto a chuva;
A chuva não é tão importante quanto yin e yang;
Yin e yang não são tão importantes quanto a harmonia;
E a harmonia não é tão importante quanto o Caminho.

12.5

Quando o Duque de Bo tomou posse do estado de Jing [ou Chu], não conseguiu [convencer-se a] distribuir entre o povo os grãos dos celeiros.
No sétimo dia [após a conquista], Shi Qi entrou [na capital] e disse [ao Duque de Bo]:
«Obtiveste esta riqueza por meios injustos.
Além disso, não foste capaz de a partilhar.
A calamidade certamente chegará.
Se não fores capaz de dar [esta riqueza] ao povo, seria melhor queimá-la, para que não tenham motivo para nos fazer mal.»

O Duque de Bo não deu ouvidos ao conselho.

No nono dia [após a conquista], o Duque de She entrou na capital.
Tirou os bens do Grande Celeiro para os distribuir pelas multidões.
Depois retirou as armas do Arsenal Elevado para as distribuir ao povo comum.
De seguida atacou o Duque de Bo e, no décimo nono dia [após a conquista], capturou-o.

12.6

Desejar o Estado quando ainda não se possui pode ser chamado de avareza extrema.
Ser incapaz de agir em nome dos outros — quanto mais por si mesmo — pode ser chamado de tolice extrema.
Em que difere a mesquinhez do Duque de Bo do amor do mocho canibal pelos seus filhotes?

Por isso o *Laozi* diz:

«Em vez de o manter erguido e enchê-lo até ao cimo, é melhor parar a tempo.
Se o afiares em ponta, a lâmina não se manterá afiada para sempre.»

12.7

Quando o Visconde Jian de Zhao escolheu o Visconde Xiang como seu sucessor, Dong Anyu perguntou:
«WuXie tem origens humildes; porque o escolheste como teu sucessor?»

O Visconde Jian respondeu:
«Foi por causa da sua natureza. É alguém capaz de suportar a humilhação pelo bem dos altares do solo e do grão.»

Noutro dia, o Conde Zhi e o Visconde Xiang bebiam vinho juntos quando o Conde Zhi bateu com a mão na cabeça do Visconde Xiang.
Os grandes ministros sugeriram que o Conde Zhi fosse executado, mas o Visconde Xiang respondeu:
«Quando o antigo governante me nomeou, disse que eu era um homem capaz de suportar humilhações pelo bem dos altares do solo e do grão.
Disse ele que eu era um homem capaz de matar outro?»

O Visconde Xiang estava no cargo há dez meses quando o Conde Zhi o sitiou em Jinyang.
O Visconde Xiang enviou uma pequena força que derrotou o Conde Zhi.
Fendeu-lhe o crânio e fez dele um recipiente para beber.

Por isso o *Laozi* diz:

«Conhece o masculino, mas mantém-te no papel do feminino, e sê um vale para o mundo.»

12.8

Dente Falhado perguntou a Fardo de Trapos sobre o Caminho.

Fardo de Trapos respondeu:

«Endireita o corpo, fixa o olhar, e a Harmonia do Céu chegará.
Concentra a percepção, alinha a postura, e o espírito virá habitar-te.
A Potência embelezar-te-á e o Caminho residirá em ti.

Serás ingénuo como um bezerro recém-nascido, que não procura explicações para aquilo que acontece.»

Antes que Fardo de Trapos terminasse de falar, Dente Falhado caiu num sono profundo, tornando-se companheiro do infinito.
Fardo de Trapos entoou um canto e afastou-se a cantar:

«A sua forma é como uma carcaça ressequida; a sua mente como cinza morta.
Confirma o seu verdadeiro saber, mas não se apoia em precedentes para o alcançar.
Vago e obscuro, não tem mente para maquinar.
Que homem notável ele é!»

Por isso o *Laozi* diz:

«Quando o discernimento ilumina os quatro cantos do mundo, conseguirás fazê-lo sem depender do saber?»

12.9

O Visconde Xiang de Zhao enviou forças para atacar o estado bárbaro de Dee e saiu vitorioso.
Quando os habitantes de Zuo e Zhong foram capturados, um mensageiro veio informar o Visconde Xiang, que se preparava para a refeição.
Ao ouvir a notícia, o rosto de Xiang tornou-se apreensivo.
Os seus assistentes perguntaram:
«Conquistar duas cidades numa manhã é motivo de celebração.
Porque parece então tão ansioso?»

O Visconde Xiang respondeu:
«O crescimento do Yangzi e do Rio Amarelo não dura mais do que três dias; ventos selvagens e chuvas fortes não duram uma manhã; o sol no zénite brilha por menos que um momento.
Ora, a conduta virtuosa do clã Zhao ainda não gerou grande coisa, e mesmo assim conquistaram-se duas cidades numa manhã.
A nossa queda está próxima!»

Quando Confúcio soube disto, disse:
«O clã Zhao prosperará seguramente!»

A ansiedade conduz à prosperidade; a felicidade conduz à ruína.
Vencer não é difícil; difícil é preservar a vitória.
O governante digno confia no seu senso de inquietação para manter a vitória, e assim a sua boa sorte estende-se aos descendentes.
Os estados de Qi, Chu, Wu e Tue todos foram vitoriosos por algum tempo, mas os seus governantes acabaram capturados e arruinados, por não saberem como preservar a vitória.

Só o governante que possui o Caminho consegue preservar a vitória.
Confúcio tinha força suficiente para abrir os portões trancados da capital, mas não queria ser conhecido pela sua força.

Mozi participou em guerras defensivas e forçou Gongshu Ban à rendição, mas não quis ser conhecido como guerreiro.
Os que sabem como preservar a vitória consideram a sua força como fraqueza.

Por isso o *Laozi* diz:

«O Caminho é vazio, e ainda assim, quando o usas, não precisa de ser reabastecido.»

12.10 (início de 12.9 incluído)

Hui Ang teve audiência com o rei Kang de Song.
O rei, batendo os pés e limpando a garganta com impaciência, respondeu bruscamente:
«Sou convencido pela coragem e pela força. Não sou persuadido por Humanidade e Retidão.
O que é que tu, afinal, tens para me ensinar?»

Hui Ang respondeu:
«Possuo um Caminho que chega a este ponto:
Pode fazer com que, por mais corajosas que sejam as pessoas, os seus golpes nunca penetrem; e por mais fortes que sejam, os seus ataques nunca atinjam o alvo.
Será que Vossa Majestade não estaria interessado nisto?»

O rei Kang de Song respondeu:
«Excelente!
São de fato assuntos que desejo ouvir.»

Hui Ang continuou:

«Perfuração que não penetra e golpe que não acerta ainda assim são insultos.
Eu possuo um Caminho que vai além disso.
Pode fazer com que homens corajosos não ousem golpear-te e homens fortes não ousem atacar-te.

Contudo, não ousar golpear ou atacar não é o mesmo que não ter a intenção de o fazer.
Eu possuo um Caminho que vai ainda além disso.
Pode fazer com que os homens nem sequer tenham tais intenções.

Mas mesmo não tendo essas intenções, isso não é o mesmo que desejar amar-te e beneficiar-te.
Eu possuo um Caminho que vai ainda além disso.
Pode fazer com que cada homem e mulher adultos no mundo, sem exceção, tenham no coração o desejo ardente de te amar e beneficiar.
Isto é mais valioso do que coragem ou força, e está no topo das quatro vias que acabei de mencionar.
Será que Vossa Majestade não estaria verdadeiramente interessado nisto?»

O rei Kang de Song respondeu:
«São de fato questões que desejo compreender.»

Hui Ang replicou:
«Kong [isto é, Kong Qiu, Confúcio] e Mo [isto é, Mo Di, Mozi] exemplificam este Caminho.
Kong Qiu e Mo Di não possuíam território, mas eram tratados como governantes; não tinham oficiais ao seu serviço, mas eram considerados primeiros-ministros.
Sem exceção, todos os homens e mulheres adultos do mundo esticavam o pescoço e ficavam em bicos de pés, querendo garantir a sua segurança e benefício.

Agora Vossa Majestade é soberano de um estado com dez mil carruagens.
Se manifestasse sinceramente essa vontade, todos dentro das fronteiras do vosso estado gozariam dos benefícios.
Nesse caso, a vossa virtude ultrapassaria em muito a de Kong ou Mo.»

O rei de Song nada teve a responder.
Quando Hui Ang partiu, o rei comentou com os seus assistentes:
«Que eloquência! Este hóspede conquistou-me com a sua persuasão!»

Por isso o *Laozi* diz:

«Quem é destemido na ousadia morrerá;
Quem é destemido na timidez viverá.»

Visto sob esta perspetiva, a grande coragem consiste paradoxalmente em nada mais do que timidez.

12.10

Nos tempos antigos, os assistentes de Yao eram nove; os de Shun eram sete; e os de Wu eram cinco.
Yao, Shun e Wu não eram mais capazes do que os seus nove, sete e cinco assistentes em nenhuma tarefa específica, e, ainda assim, com os mantos pendurados e as mãos cruzadas, alcançaram mérito completo, porque sabiam aproveitar-se das capacidades naturais dos outros.

Assim, se um homem tentar correr mais rápido do que um puro-sangue, não o conseguirá.
Mas se usar uma carruagem, o puro-sangue não o conseguirá ultrapassar.

Nas regiões do norte há um animal chamado "tropeçador".
Tem patas dianteiras como as de um rato e traseiras como as de uma lebre.
Quando corre, tropeça para a frente; quando anda, cai para trás; mas sempre escolhe as ervas doces para oferecer à criatura chamada “grande-e-pequena-maravilhosa”.

Sempre que o "tropeçador" encontra perigo, a “grande-e-pequena-maravilhosa” carrega-o às costas para um local seguro.
Isto exemplifica o princípio de apoiar-se nas próprias capacidades para suprir aquilo que está além delas.

Por isso o *Laozi* diz:

«Quem esculpe madeira no lugar do carpinteiro-mestre raramente escapa sem ferir as mãos.»

12.11

Bo Yi apresentou uma persuasão sobre as técnicas da realeza a Lorde Si de Wey.
Lorde Si respondeu:
«Possuo um estado de apenas mil carruagens. Desejo receber a instrução apropriada.»

Bo Yi respondeu:
«Wu Huo [conseguia] erguer mil *jun* — certamente poderia levantar um único *jin*.»

Du He apresentou uma persuasão a Lorde Zhaowen de Zhou sobre os meios de pacificar o mundo.
Lorde Zhaowen respondeu a Du He:
«Gostaria de aprender como pacificar [o estado de] Zhou.»

Du He respondeu:
«Se o que eu disser for inaceitável [isto é, incorreto], então não conseguirás pacificar Zhou.
Se o que eu disser for aceitável [isto é, correto], então Zhou pacificar-se-á por si mesmo.
É isto que significa a expressão: "Pacifica-o sem pacificá-lo."»

Por isso o *Laozi* diz:

«A grande mestria não implica corte algum.
Assim, se contares completamente as partes de uma carruagem, já não haverá carruagem.»

12.12

De acordo com as leis do estado de Lu, se um nativo de Lu fosse capturado por outro Senhor da Terra como servo ou concubina, e se alguém o resgatasse, essa pessoa seria reembolsada pelo tesouro do estado.

Zigong resgatou um nativo de Lu das mãos de um Senhor da Terra, mas ao regressarem a Lu, [Zigong] recusou-se a aceitar o reembolso.

Quando Confúcio soube do caso, disse:
«Si cometeu um erro!
Quando os sábios iniciam empreendimentos, conseguem adaptar-se aos costumes prevalecentes para transformar os hábitos locais.
Os seus ensinamentos e instruções podem ser aplicados por gerações futuras.
Não se trata de se ajustarem apenas à sua própria conduta pessoal.
Agora, os ricos em Lu são poucos, mas os pobres são muitos.
Resgatar alguém e receber compensação pode não ser o mais honroso, mas se não se aceitar reembolso, ninguém voltará a resgatar outros, e daqui em diante o povo de Lu poderá nunca mais ser libertado dos Senhores da Terra.»

Pode-se dizer, de fato, que Confúcio compreendia como transformar os outros.

Por isso o *Laozi* diz:

«Reparar nos pormenores é o que se chama discernimento.»

12.13
O Marquês Wu de Wei perguntou a Li Ke:
"Porque é que o estado de Wu pereceu?"

Li Ke respondeu: "Inúmeras batalhas e inúmeras vitórias."
O Marquês Wu retorquiu: "Mas inúmeras batalhas e inúmeras vitórias são a sorte do estado e da sua casa governante. Como poderiam tais coisas ser a causa única da queda de Wu?"

Li Ke replicou:
"Com inúmeras batalhas, o povo exaure-se; com inúmeras vitórias, o governante torna-se arrogante. Raro é o estado que não perece quando um governante arrogante governa um povo exausto!

A arrogância leva à imprudência, e a imprudência esgota os recursos materiais.
A exaustão leva ao ressentimento, e o ressentimento leva o povo ao limite da sanidade.

Dado que tanto o superior como o subordinado estavam esgotados, a queda de Wu ocorreu até tardiamente. Foi por isso que o Rei Fuchai [de Wu] tirou a própria vida na [batalha de] Gansui."

Por isso o *Laozi* diz:
"Retirar-se quando o mérito é alcançado e a reputação estabelecida é o Caminho do Céu."

12.14
Ning Qi aspirava a obter um cargo do Duque Huan de Qi, mas sendo pobre, não tinha meios de se fazer recomendar. Assim, dirigiu-se a Qi conduzindo uma carroça [carregada de mercadorias] para um mercador itinerante. Ao cair da noite, alojou-se fora da porta da cidade. [Naquele momento] o Duque Huan de Qi estava a viajar para os subúrbios para receber convidados e, quando a noite caiu, [ordenou] que se abrisse a porta e que os cocheiros fossem retirados da estrada. As suas tochas iluminavam o céu nocturno, e os que o seguiam formavam uma grande multidão.

[Entretanto] Ning Qi estava sentado debaixo da sua carroça, a alimentar o seu boi e a olhar melancolicamente para o Duque Huan. Batendo no corno do boi, entoou um lamento numa melodia em tom *shang*. Quando o Duque Huan o ouviu, agarrou a mão do seu cocheiro e disse: "Extraordinário! Decerto o cantor não é um homem vulgar!" [O Duque Huan então] ordenou a uma carruagem de retaguarda que o trouxesse [com a comitiva].

Quando regressou à corte, os seus seguidores perguntaram-lhe o que pretendia fazer. O Duque Huan honrou Ning Qi com um manto e um chapéu, e concedeu-lhe uma audiência. Durante a audiência, Ning Qi apresentou uma persuasão sobre como governar o mundo. O Duque Huan ficou exultante com o discurso e estava prestes a nomear Ning Qi para um cargo oficial, quando os seus ministros objetaram, dizendo:
"O nosso hóspede é uma pessoa de Wey. Wey não fica longe de Qi. Seria melhor enviar alguém para fazer averiguações sobre ele. Se descobrirem que Ning Qi é verdadeiramente digno, então ainda será tempo de o nomear."

"De modo algum", respondeu o Duque Huan.
"Se fizermos averiguações, temo que descubramos alguma falha menor. Rejeitar os grandes méritos de um homem por causa de falhas menores é precisamente a razão pela qual os governantes perdem os cavaleiros-sábios do mundo."

Regra geral, aquilo que é ouvido sempre acaba por ser confirmado. Uma vez ouvido algo, não há necessidade de mais averiguações, pois já se acedeu à causa que o tornou assim. Além disso, é certamente difícil que os homens sejam perfeitos. Deve-se simplesmente avaliar e utilizar os seus pontos fortes. De acordo com este princípio, nomeiem-nos para o cargo. O Duque Huan compreendeu isto.

Por isso o *Laozi* diz:
"O Caminho é grande;
O Céu é grande;
A Terra é grande;
E o rei também é grande."

Dentro do reino, há quatro coisas que são grandes e o rei conta como uma delas. Estas palavras significam que o Duque Huan conseguiu abraçar este princípio.

12.15
Quando o Grande Rei Danfu residia em Bin, o povo Dee atacou-o. Ofereceu-lhes peles, sedas, pérolas e jade, mas eles não aceitaram e disseram:
"O que nós, o povo Dee, queremos é [a vossa] terra. Não aceitaremos estes bens materiais como substituto."

O Grande Rei Danfu disse [aos seus súbditos]:
"Não posso suportar viver com os vossos irmãos mais velhos levando os mais novos à morte, nem habitar com os vossos pais causando a morte dos vossos filhos. Todos vós [deveis] esforçar-vos por permanecer aqui. Ser meu súbdito difere assim tanto de ser súbdito do povo Dee? Além disso, ouvi dizer que não se deve usar os meios pelos quais se é nutrido [isto é, a terra] para prejudicar aqueles que se nutrem [isto é, os súbditos de um governante]."

Partiu com o seu bastão e o seu chicote, mas o povo conduziu-se mutuamente e seguiu-o. Posteriormente, restabeleceu o seu estado aos pés do Monte Qu — pode dizer-se do Grande Rei Danfu que soube preservar a vida.

Quando rico e eminente, não permitiu que aquilo que o nutria ferisse a sua pessoa; quando pobre e humilde, não deixou que aquilo que lhe trazia benefício material sobrecarregasse o seu corpo.

Hoje, os que receberam o posto e os proventos do seu antecessor consideram invariavelmente a sua perda como um assunto grave. A vida chega-nos ao longo de muito tempo, e ainda assim consideramos a sua perda como algo trivial.
Não será isto uma completa loucura?

Por isso o *Laozi* diz:
"Aqueles que valorizam a sua pessoa como se fosse o mundo podem ser confiados com o mundo.

Aqueles que estimam a sua pessoa como se fosse o mundo podem ser encarregues do mundo."

12.16
O Príncipe Mou de Zhongshan disse a Zhanzi:
"Embora eu viva aqui, isolado entre os rios e os mares, o meu coração permanece na corte de Wei. Que posso fazer?"

"Valoriza a vida", respondeu Zhanzi. "Se valorizares a vida, considerarás os benefícios materiais como algo secundário."

"Embora compreenda este princípio, continuo incapaz de alcançar o domínio de mim mesmo", respondeu o Príncipe Mou de Zhongshan.

Zhanzi prosseguiu:
"Se não consegues alcançar o domínio de ti mesmo, então deves simplesmente seguir [as tuas inclinações]. Se seguires [as tuas inclinações], o teu espírito ficará livre de ressentimentos. Se não consegues dominar-te e ainda assim te obrigas a não seguir [as tuas inclinações], então pode dizer-se que te prejudicas em dois aspetos. Aqueles que se prejudicam em dois aspetos não podem ser contados entre os que vivem muito tempo."

Por isso o *Laozi* diz:
"Conhecer a harmonia é chamado constância;
Conhecer a constância é chamado clareza.
Aumentar a vida é chamado auspicioso.

A mente que dirige o qi é chamada compulsão."

Por esta razão, "usa o seu brilho e retorna repetidamente à sua clareza."

12.17
O Rei Zhuang de Chu inquiriu acerca de Zhan He [ou seja, Zhanzi]:
"Como devo trazer ordem ao meu estado?"

Zhan He respondeu: "Eu, [Zhan] He, sei como ordenar a minha pessoa, mas nada sei acerca de ordenar um estado."

O rei de Chu retorquiu:
"Eu, o órfão, herdei os templos e altares dos meus antepassados, os altares do solo e dos cereais. Gostaria de aprender a preservá-los."

Zhan He respondeu:
"Nunca ouvi falar de um governante que trouxesse ordem à sua pessoa e encontrasse o seu estado em desordem. Nunca ouvi falar de um governante cuja pessoa estivesse em desordem e que, mesmo assim, encontrasse o seu estado em ordem.

Assim, quando a raiz da questão reside em ordenar a tua pessoa, não ousaria responder-te falando dos ramos."

O rei de Chu exclamou: "Excelente!"

Por isso o *Laozi* diz:
"Cultiva-o na tua pessoa, e a tua Potência será genuína."

12.18
O Duque Huan [de Qi] estava a ler na parte superior do seu salão, enquanto o Roda-mestre Flat talhava uma roda na parte inferior. Pousando o martelo e o cinzel, o roda-mestre perguntou ao Duque Huan:
"Atrevo-me a perguntar: que livros estais a ler?"

"Os livros dos sábios", disse o duque.
"Os sábios ainda estão vivos?"
"Já estão mortos", respondeu o duque.
"Então o que estais a ler não passam das borras e escórias dos sábios."

Ruborizando-se de raiva, o Duque Huan respondeu: "Como te atreves, tu que és um simples roda-mestre, a criticar os livros que leio? Se conseguires explicar-te, muito bem. Se não conseguires, morrerás."

"Sim, consigo explicar-me. Vou dizê-lo nos termos do meu ofício de roda-mestre", disse Flat.
"Se [as pancadas do malho] forem demasiado fortes, o cinzel crava e não avança; se forem demasiado suaves, desliza e não agarra. Para que o cinzel nem deslize nem emperre, é algo que se sente com a mão e se percebe com o coração. Só então se pode alcançar a máxima subtileza. Mas nunca consegui ensinar isto ao meu filho, e o meu filho não conseguiu aprendê-lo de mim. É por isso que sou um velho ainda a talhar rodas após sessenta anos. Ora, aquilo que os sábios disseram contém alguma verdade, mas como estão mortos e há muito desaparecidos, tudo o que resta são as borras e escórias [dos seus ensinamentos]."

Por isso o *Laozi* diz:
"O Caminho que pode ser dito não é o Caminho constante;
O Nome que pode ser nomeado não é o Nome constante."

12.19
Em tempos, quando Sicheng Zihan servia como ministro no estado de Song, disse ao senhor de Song:
"O perigo ou segurança deste estado, e a ordem ou desordem do seu povo, dependem de como executais as recompensas e punições. Ora, os dons de posto e recompensa são aquilo que o povo ama — deveis vós mesmo administrá-los. As punições de execução e mutilação são aquilo que o povo odeia — posso pedir que seja eu a administrá-las?"

O senhor de Song respondeu:
"Excelente! Eu usufruirei dos louvores do povo, enquanto tu sofrerás os seus ressentimentos. Assim, saberei certamente como evitar ser alvo de escárnio por parte dos Senhores da Terra."

O senhor de Song então atribuía as recompensas, enquanto Zihan [implementava] as punições. Quando o povo do estado compreendeu que os regulamentos relativos a execuções e amputações recaíam exclusivamente sobre Zihan, os grandes ministros

trataram-no com afeição, e os cem apelidos [isto é, o povo comum] temiam-no. Antes que passasse um ano, Zihan assassinou o senhor de Song e usurpou o seu governo.

Por isso o *Laozi* diz:
"O peixe não deve ser permitido a sair das profundezas;
Os instrumentos eficazes do estado não devem ser revelados a ninguém."

12.20
Longevidade Real viajava com um feixe de livros às costas quando se cruzou com Ascensão Digna em Zhou.

Ascensão Digna comentou:
"Os assuntos surgem em resposta às mudanças, e as mudanças nascem do tempo. Por isso, aqueles que compreendem o tempo não são constantes nas suas ações.

Os livros são produto da fala, e a fala é produto dos conhecedores. [Portanto,] os que compreendem a fala não acumulam livros."

Ao ouvir isto, Longevidade Real fez uma fogueira com os seus livros e dançou de alegria.

Por isso o *Laozi* diz:
"Um excesso de palavras conduz a incontáveis empobrecimentos; não se compara a preservar o centro [isto é, o coração]."

12.21
O Primeiro-Ministro Zipei convidou o Rei Zhuang [de Chu] para uma festa de vinho, e o rei aceitou o convite. Zipei fez os preparativos necessários na Esplanada de Qiang, mas o Rei Zhuang nunca apareceu. Na manhã seguinte, Zipei chegou ao palácio descalço e fez uma vénia ao rei. Virado a norte, em frente ao palácio, Zipei dirigiu-se ao Rei Zhuang:
"Antes aceitaste vir à minha festa de vinho, mas não vieste. Terá sido porque cometi algum erro?"

O Rei Zhuang respondeu:
"Ouvi dizer que me estavas a preparar uma recepção na Esplanada de Qiang. Ora, a Esplanada de Qiang ao sul contempla o Monte Ke, ao norte aproxima-se de Fang Huang; a leste encontra-se o Rio Yangzi, e a oeste corre o Rio Huai.

A alegria que proporcionam faz os homens esquecerem a mortalidade. Um homem de fraca Potência como eu não pode lidar com tamanha alegria. Tive receio de que, se ali me demorasse, não conseguiria regressar."

Por isso o *Laozi* diz:
"Se não olhares para o que desejas, tornarás o teu coração livre de perturbações."

12.22
O Príncipe Chong'er de Jin fugia. Quando passou pelo estado de Cao, o governante de Cao não o tratou com a devida cortesia. A esposa de Xi Fuji então disse-lhe:
"O nosso príncipe falhou em tratar o príncipe de Jin com a cortesia devida. Observei os seus acompanhantes: todos são homens dignos. Se o ajudarem a regressar ao estado de Jin, certamente atacará Cao.

Como pudeste não tomar a dianteira em aumentar a sua Potência?"
Xi Fuji então forneceu a Chong'er uma cabaça com comida, à qual acrescentou um disco de jade. Chong'er aceitou a comida mas devolveu o disco de jade. Quando finalmente regressou ao seu estado, Chong'er levantou tropas para atacar o estado de Cao. Derrotou-o, mas proibiu os seus três exércitos de entrarem no território de Xi Fuji.

Por isso o *Laozi* diz:
"Torcido, tornar-te-ás inteiro; curvado, tornar-te-ás reto."

12.23
O rei de Yue, Goujian, batalhou com Wu mas não saiu vitorioso. A sua capital foi destruída, e ele foi forçado ao exílio. Ficou cercado no Monte Kuaiji.

[Embora] com o coração indignado e a bílis em ascensão, com o *qi* a jorrar como uma nascente, os seus soldados de elite, bem treinados e armados, lançaram-se ao fogo como se [determinados a] perecer; [derrotado], Goujian pediu para servir o Rei [Fuchai] de Wu como seu servo, e que a sua esposa se tornasse concubina do rei.

Armado com uma alabarda, Goujian tornou-se guarda avançado do rei. No fim, Goujian capturou [o rei de Wu] em Gansui.

Por isso o *Laozi* diz:
"O suave vence o duro;
o fraco vence o forte.
Todos no mundo sabem isto, mas ninguém o pratica."

O rei de Yue praticou pessoalmente tais princípios. Por consequência, tornou-se um líder entre os Estados Centrais.

12.24
O Visconde Jian de Zhao morreu e ainda não tinha sido sepultado quando o povo de Zhongmou transferiu a sua lealdade para o estado de Qi. Passados cinco dias do enterro do Visconde Jian, o Visconde Xiang [seu filho] levantou tropas para atacar e cercar Zhongmou. O cerco ainda não estava completo quando uma secção da muralha da cidade, com cerca de trinta metros, desabou subitamente. O Visconde Xiang então tocou o gongo e retirou as suas tropas.

Um oficial do seu exército repreendeu-o, dizendo:
"Quando estavas a punir os crimes de Zhongmou, as suas muralhas ruíram. Isso é um sinal de que o Céu nos apoia. Por que motivo deveríamos então abandonar o ataque?"

O Visconde Xiang respondeu:
"Ouvi dizer que Shuxiang disse: 'Um Homem Superior não impõe aos outros quando estes lucram, nem ataca os outros em aflição.' Que o povo de Zhongmou repare as suas muralhas. Só quando estiverem reparadas, atacá-los-emos."

Quando o povo de Zhongmou ouviu falar da justiça do visconde, pediu para se render.

Por isso o *Laozi* diz:
"Agora,
É porque ele, sozinho, não contende, que ninguém pode contender com ele."

12.25
O Duque Mu de Qin dirigiu-se a Bo Le dizendo:
"Estás a envelhecer. Há alguém na tua família que possa substituir-te e encontrar-me um bom corcel?"

Bo Le respondeu:
"Um bom cavalo pode ser julgado pela sua constituição, expressão, tendões e ossos. Mas, ao julgar o melhor cavalo do mundo, parece que ele nem sequer está lá, como se tivesse desaparecido, como se tivesse perdido a sua identidade própria.

Um cavalo assim não levanta pó nem deixa pegadas. Todos os meus filhos têm talento inferior. Conseguem julgar um bom cavalo, mas não têm o talento para reconhecer o melhor cavalo do mundo. Contudo, há um homem que é meu moço de recados e apanhador de lenha, chamado Colina de Nove Cantos. No julgamento de cavalos, não é inferior às minhas capacidades. Peço respeitosamente que lhe concedas uma audiência."

O Duque Mu concedeu-lhe audiência e ordenou-lhe que procurasse um bom corcel. Após três meses, Colina de Nove Cantos regressou e relatou:
"O cavalo foi localizado. Encontra-se em Shaqiu."

O Duque Mu perguntou:
"Que tipo de cavalo é?"

"É uma égua amarela", respondeu Colina de Nove Cantos.

O Duque Mu então enviou homens a Shaqiu para obter o cavalo. No entanto, o cavalo revelou-se um garanhão preto. O Duque Mu ficou bastante descontente. Chamando Bo Le, perguntou-lhe:
"Que perda! O homem que enviaste para me encontrar um bom corcel não distingue a cor de uma pelagem nem uma fêmea de um macho — o que poderá ele saber sobre cavalos?"

Bo Le soltou um longo suspiro e respondeu:
"Sempre acaba nisto! É precisamente por isso que ele me ultrapassa mil ou dez mil vezes e é ilimitado nas suas capacidades. O que Colina observa é o dinamismo do Céu.

Ele reconhece a essência refinada e descarta as escórias. Foca-se no interior e ignora o exterior."

12.25 (final)
"Ele olha para o que deve ser visto e não olha para o que não deve ser visto.
Ele escrutina o que deve ser escrutinado e ignora o que não deve ser escrutinado.

Parece que aquilo que ele julgou é [uma qualidade] mais preciosa do que apenas um cavalo."

O cavalo chegou e acabou por revelar-se um excelente cavalo.

Por isso o *Laozi* diz:
"Grande retidão é como se fosse curvada;
Grande habilidade é como se fosse desajeitada."

12.26
Quando Wu Qi desempenhava o cargo de primeiro-ministro no estado de Chu, viajou até ao estado de Wei e perguntou a Qu Yijiu:
"O rei não sabe o quão indigno sou e nomeou-me primeiro-ministro. Poderíeis, senhor, testar e avaliar o meu [plano de] ação?"

O Mestre Qu respondeu: "O que planeias fazer?"

Wu Qi respondeu:
"Planeio reduzir os privilégios da nobreza do estado de Chu e igualar o sistema de salários oficiais, diminuindo os salários daqueles que recebem em excesso e aumentando os salários dos que recebem em demasia.

Planeio treinar e exercitar os soldados de infantaria e de armadura para que, quando surgir a oportunidade, possam contender por vantagem com [todos os do] mundo."

O Mestre Qu respondeu:
"Eu, Yijiu, ouvi dizer que, nos tempos antigos, os que se destacavam a governar os seus estados não alteravam os precedentes nem mudavam as normas.

Agora planeias diminuir a nobreza do estado de Chu e igualar o sistema de salários, reduzindo os salários dos que recebem demasiado e aumentando os dos que recebem pouco. Isso é alterar precedentes e mudar normas. Se o fizeres, não trará benefício algum.

Eu, Yijiu, também ouvi dizer:
'A ira é contrária à Potência; as armas são instrumentos de mau agouro; e combater é algo que os humanos sempre evitarão.'

Agora conspirais em segredo para contrariar a Potência, gostais de usar instrumentos de mau agouro e praticais o que os outros evitariam. Isto é o cúmulo da perversidade!

Além disso, não é apropriado usares as tropas de Lu para realizar as tuas ambições em Qi, e ainda assim fá-lo. Não é apropriado usares as tropas de Wei para realizar as tuas ambições em Qin, e ainda assim fá-lo.

Ouvi também dizer que, se não ferires os outros, não atrairás o mal sobre ti. Tenho suspeitado firmemente que o meu rei tem repetidamente contrariado o Caminho do Céu e pervertido os princípios da humanidade. Ainda assim, até hoje evitou o mal. Ah! Deve ter estado à tua espera!"

Wu Qi, alarmado, respondeu: "Ainda é possível mudar?"

O Mestre Qu respondeu:
"Uma vez cometido o crime, é impossível mudar o desfecho. O melhor é amares com sinceridade e agires com genuinidade."

Por isso o *Laozi* diz:
"Desbasta a afiação;
Desata os nós;
Suaviza o brilho;
Sê como o pó."

12.27
Quando o estado de Jin atacou o estado de Chu, [as forças de Jin] avançaram três etapas sem parar. Os grandes ministros [de Chu] pediram permissão ao rei para contra-atacar.

O Rei Zhuang respondeu:
"Quando os antigos senhores governavam Chu, Jin não atacava Chu. Apenas durante o meu reinado Jin atacou Chu. A culpa é minha. Como poderia eu [atribuir] esta desonra aos meus grandes ministros?"

Os grandes ministros responderam:
"Quando os antigos ministros tomaram os seus cargos, Jin não atacava Chu. Apenas desde que servimos como ministros Jin tem atacado Chu.
Os vossos ministros são os culpados. Imploramos a Vossa Majestade que contra-ataque."

O Rei Zhuang baixou a cabeça e chorou copiosamente, ensopando a gola. Quando levantou a cabeça, saudou os seus ministros.

Quando o povo de Jin soube deste episódio, disseram:
"O governante e os seus ministros disputam entre si a responsabilidade pelos erros.
Além disso, o governante de Chu humilhou-se perante os seus ministros.
Não poderíamos atacar um estado assim."

Naquela noite, as tropas de Jin retiraram-se e regressaram a casa.

Por isso o *Laozi* diz:
"Aquele que consegue aceitar a humilhação do seu estado pode ser chamado senhor dos altares do solo e dos cereais."

12.28
Durante o reinado do Duque Jing de Song, quando Marte estava na [mansão lunar] Coração, o duque ficou alarmado e chamou Zi Wei para o interrogar, dizendo:
"Marte está em Coração. O que significa?"

Zi Wei respondeu:
"Marte corresponde ao Executor Celestial; [a mansão lunar] Coração corresponde ao território de Song. O desastre aguarda-vos. Contudo, é possível desviar a culpa para o primeiro-ministro."

O duque respondeu:
"O primeiro-ministro é responsável por governar o estado. Se a culpa lhe for atribuída e for condenado à morte, isso traria má sorte. Solicito assumir eu a responsabilidade."

"Podeis atribuir a culpa ao povo", disse Zi Wei.

O duque respondeu:
"Se o povo morrer, para quem reinarei? Seria melhor que apenas eu morresse."

Zi Wei disse então: "Podeis atribuir a culpa à colheita."

O duque retorquiu:
"A colheita é a vida do povo. Se houvesse fome por causa dela, o povo certamente morreria. Eu sou o senhor do povo. Se quisesse matar o meu povo para sobreviver, quem me consideraria um verdadeiro governante? A minha vida chegou, sem dúvida, ao fim. Zi Wei, não fales mais."

Zi Wei virou-se para partir. Virando-se a norte, curvou-se duas vezes e disse:
"Atrevo-me a felicitar-vos. Mesmo que o Céu habite nas alturas, [o Céu] escuta o que está cá em baixo. Falastes como um verdadeiro senhor em três ocasiões — o Céu certamente vos recompensará três vezes. Esta noite Marte passará por três mansões lunares, [o que significa] que prolongareis a vossa vida por vinte e um anos."

O duque respondeu:
"Como sabeis que assim será?"

Zi Wei respondeu:
"Falastes como um verdadeiro senhor em três ocasiões. Por isso sereis recompensado três vezes. Marte certamente passará por três mansões lunares.
Cada mansão tem sete estrelas. Cada movimento de Marte corresponde a um ano.
Três [mansões] vezes sete [estrelas] equivalem a vinte e um.
Assim, afirmei que prolongareis a vossa vida por vinte e um anos. Suplico permissão para me ajoelhar ao vosso trono e aguardar. Se Marte não mudar de posição, peço a pena de morte."

O duque respondeu: "Concedido."
Nessa mesma noite, Marte passou de fato por três mansões lunares.

Por isso o *Laozi* diz:
"Aquele que consegue aceitar as desventuras do seu estado pode ser chamado rei do mundo."

12.29
Em tempos antigos, quando Gongsun Long residia em Zhao, disse a um dos seus discípulos:
"Se uma pessoa não tem capacidade, não tenho interesse em manter companhia com ela."

Um visitante, vestido com tecido grosseiro e apenas um cordel como cinto, apresentou-se a Gongsun Long e disse: "Sei gritar."

Gongsun Long voltou-se para os seus discípulos e perguntou:
"Entre os meus discípulos, já há algum que saiba gritar?"

Todos os discípulos responderam: "Não há."
Gongsun Long então disse: "Registem-no como discípulo."

Passaram-se alguns dias e Gongsun Long partiu para apresentar uma persuasão ao rei de Yan. Quando chegaram à margem do [Rio Amarelo], uma balsa encontrava-se do outro lado. Ordenou então ao discípulo que sabia gritar que chamasse a balsa. Quando o fez, a balsa aproximou-se prontamente.

Assim, quando os sábios vivem no mundo, não desconsideram cavaleiros que possuam talentos específicos.

Por isso o *Laozi* diz:
"Entre os homens, não abandonar ninguém; entre as coisas, não abandonar coisa alguma — a isto se chama abraçar a clareza."

12.30
[O general de Chu] Zifa atacou e derrotou o estado de Cai. O Rei Xuan de Chu [dirigiu-se] aos subúrbios para dar as boas-vindas a Zifa no seu regresso. Ofereceu-lhe cem *qing* de terra e concedeu-lhe o título de 'Portador do Bastão de Jade'.
Zifa, no entanto, recusou aceitar tais honras, dizendo:

"Governar um estado e organizá-lo de modo que os Senhores da Terra venham como hóspedes [oferecer submissão] deve-se à Potência do governante.
Emitir ordens e comandar de tal forma que, antes mesmo da formação do exército, o inimigo esteja derrotado, deve-se à imponência do general.
Dispor as tropas em ordem de batalha e vencer o inimigo deve-se à força do povo comum.

Aproveitar-se das conquistas e esforços do povo para obter posição e proventos para si próprio não é o caminho da Humanidade e da Retidão.
Por isso recusei aceitar [as recompensas que me foram oferecidas]."

Por isso o *Laozi* diz:
"Ter sucesso, mas não nele permanecer — é apenas ao não permanecer que [o sucesso] não é apagado."

12.31
Quando o Duque Wen de Jin atacou a cidade de Yuan, acordou com os seus grandes ministros um prazo de três dias [para capturar a cidade].
Passados três dias sem que Yuan se rendesse, o Duque Wen ordenou a retirada.
Um oficial militar disse:
"Yuan certamente se renderá dentro de mais um ou dois dias."

O governante respondeu:
"Não sabia que não seria possível conquistar Yuan em três dias, por isso concordei com os grandes ministros quanto ao prazo de três dias.
Se agora não abandonarmos a campanha, mesmo depois de passado o prazo estabelecido, isso significaria sacrificar a minha fiabilidade para obter Yuan. Não o farei."

Quando o povo de Yuan soube disto, disse:
"Com um governante assim, como poderíamos recusar a rendição?"
Rendemo-nos imediatamente.
Ao ouvir isto, o povo de Wen também pediu para se render.

Por isso o *Laozi* diz:
"Tão obscuro! Tão indistinto!
Contudo, dentro está a Quintessência.
Esta essência é profundamente genuína, pois o que está dentro é digno de confiança.

Palavras belas podem comprar honra, [mas] atos belos podem elevar um homem acima dos outros."

12.32
Gongyi Xiu, primeiro-ministro de Lu, tinha um desejo insaciável por peixe.
Embora todos no estado lhe oferecessem peixe, Gongyi Xiu nunca os aceitava.
O seu discípulo perguntou-lhe:
"Mestre, desejais sempre peixe. Porque nunca aceitais estes presentes?"

Ele respondeu:
"É precisamente porque desejo sempre peixe que não aceito peixe.
Se aceitasse peixe e, por isso, fosse demitido do meu cargo de ministro, embora desejasse peixe, não poderia proporcionar-me peixe algum.
Se não aceitar o peixe e evitar ser demitido, então poderei prover-me de peixe por muito tempo."

Isto é um exemplo de discernir a diferença entre agir pelos outros e agir por si mesmo.

Por isso o *Laozi* diz:
"[Os sábios] colocam-se em último lugar e, assim, vêm em primeiro; tratam-se como supérfluos e, assim, são preservados.
Não é por serem desinteressados que conseguem alcançar os seus fins privados?"

Outro [verso] afirma:
"Conhece o contentamento e não serás humilhado."

12.33
Um ancião chamado Hu Qiu disse a Sunshu Ao:
"Há três coisas que as pessoas detestam. Sabes quais são?"

Sunshu Ao respondeu:
"O que queres dizer?"

Hu Qiu disse:
"Se o teu posto é elevado, os de posição inferior invejam-te;
se o teu cargo é grande, o governante aborrecer-te-á;
se o teu salário é elevado, surgirá ressentimento por toda a parte."

Sunshu Ao comentou:
"Quanto mais alto o meu posto, mais humildes as minhas ambições;
quanto maior o meu cargo, mais modesto o meu desejo;
quanto mais elevado o meu salário, mais ampla a minha generosidade.

Se confiar nisto para evitar os três ressentimentos, isso bastará?"

Por isso o *Laozi* diz:
"O superior deve ter o inferior como raiz; o alto deve ter o baixo como base."

12.34
O ferreiro de ganchos de batalha para o ministro da guerra já tinha oitenta anos, mas os seus ganchos continuavam afiados como sempre.
O ministro da guerra perguntou-lhe:
"É apenas uma questão de habilidade? Ou possuis o Caminho?"

Ele respondeu:
"É porque me atenho exclusivamente a algo.
Desde os vinte anos que gosto de forjar ganchos.
Não olho para mais nada.
Se não for um gancho, não lhe presto atenção."

Assim, o uso de algo depende de não usar outras coisas, e é dessa forma que se preserva a sua utilidade.
Isto é ainda mais verdadeiro se não houver nada que não se use.
Quais coisas, então, não seriam iguais às outras?

Por isso o *Laozi* diz:
"Aqueles que gerem os seus assuntos de acordo com o Caminho identificam-se com o Caminho."

12.35
O Rei Wen temperou a sua Potência Moral e consolidou o governo de tal modo que, em três anos, dois terços do mundo se submeteram ao seu domínio.
[Djou, o tirano], ao saber disto, ficou temeroso, dizendo:
"Levanto-me cedo e deito-me tarde, esforçando-me para competir com ele, e assim exausto a mente e fatigo o corpo.
Mas, se relaxar a vigilância, temo que me ataque."

O Marquês Hu de Chong respondeu:
"O Conde Chang de Zhou [isto é, o Rei Wen] é humano e justo e bom estratega;
o seu Herdeiro, [Ji] Fa, é corajoso e resoluto e desconhece a indecisão;
e o seu filho mais novo, [Ji] Dan, é reverente, frugal e conhece o tempo certo.

Se os deixares prosseguir como têm feito, não conseguirás suportar as calamidades que trarão.
E se relaxares a vigilância e os perdoares, também sofrerás infortúnio.
Mesmo que um chapéu esteja gasto, o único lugar onde pode ser posto é na cabeça.
Imploro que elabores um plano antes que o Rei Wen consolide o seu poder."

Subsequentemente, Qu Shang deteve o Rei Wen em Youli.
Depois de Wen ser capturado, San Yisheng gastou milhares de *catty* de ouro para procurar e obter os itens mais preciosos e raros do mundo [como resgate]: o fabuloso tigre *zongyu* e a galinha *jisi*, cem peças de jade negro, cem búzios grandes, uma pantera negra, um urso amarelo, um alce negro e mil peles malhadas de tigre branco.
Apresentou estes presentes a Djou, contando com Fei Zhong como intermediário.

Quando Djou os viu, ficou exultante e libertou o Rei Wen, matando e sacrificando um boi em sua honra.

12.35 (conclusão)
Quando o Rei Wen regressou ao seu estado, [fez um gesto de mudança de comportamento] construindo portões esculpidos em jade, edificando o Terraço Ling, convivendo com as concubinas e divertindo-se com a música dos tambores de bronze — tudo enquanto esperava que Djou cometesse um erro.

Quando Djou soube do comportamento do Rei Wen, declarou:
"O Conde Chang de Zhou modificou os seus caminhos e alterou o seu comportamento. As minhas preocupações acabaram!"

Subsequentemente, Djou envolveu-se em [condutas nefastas como] a criação da “viga de assar”, arrancar o coração de Bi Gan, abrir os ventres de mulheres grávidas e executar todos os que ousavam discordar dele. Foi então que o Rei Wen pôs o seu plano em prática [e derrotou Djou].

Por isso o *Laozi* diz:
"Conhece a honra mas aceita a humilhação — sê um vale para o mundo."

12.36
O Rei Cheng questionou Yin Yi sobre como governar:
"Que tipo de conduta virtuosa fará com que o povo sinta afeição pelo seu governante?"

Yin Yi respondeu:
"Emprega-os segundo as estações apropriadas.
Trata-os com respeito e deferência."

O Rei Cheng perguntou:
"Até que ponto se deve praticar tais coisas?"

Yin Yi respondeu:
"Pratica-as como se estivesses perante um abismo profundo ou a caminhar sobre gelo fino."

O Rei Cheng disse: "Quão assustador é ser rei!"

Yin Yi respondeu:
"Aqueles entre o Céu e a Terra e dentro dos Quatro Mares que são bons são amados pelo povo; os que não são bons são desprezados.

Nos tempos antigos, os súbditos dos Shang e dos Xia inverteram as suas lealdades; desprezaram [os tiranos] Jie e Djou e submeteram-se ao governo dos Reis Tang e Wu.

O povo de Susha atacou por si próprio o seu senhor e transferiu a lealdade para o Agricultor Divino.
Tais coisas são bem compreendidas na nossa era. Como poderias não sentir temor?"

Por isso o *Laozi* diz:
"Aquilo que os outros temem, tu também deves temer."

12.37
Um dos seguidores de Zhi, o Ladrão, perguntou-lhe:
"Até os ladrões possuem o Caminho?"

Zhi, o Ladrão, respondeu:
"Seria adequado que um ladrão não tivesse o Caminho?

Deduzir onde os bens estão escondidos é sabedoria; entrar primeiro é coragem; sair por último é Retidão; repartir os despojos com equidade é Humanidade; saber o que é aconselhado ou desaconselhado é sabedoria.

Não há ninguém no mundo capaz de se tornar um grande ladrão sem dominar completamente estas cinco coisas.
Deste ponto de vista, é evidente que até os que têm um coração voltado para o roubo dependem do Caminho do sábio para realizar os seus intentos."

Por isso o *Laozi* diz:
"Extermina a sagacidade, abandona a sabedoria, e o povo beneficiará cem vezes."

12.38
Zifa, o general do exército de Chu, gostava de procurar cavaleiros versados no Caminho.
Um habitante de Chu, ladrão notório e talentoso, foi ao encontro de Zifa e disse:
"Soube que procuras cavaleiros versados no Caminho.
Sou um pequeno ladrão dos mercados de Chu.
Quero oferecer os meus talentos e tornar-me um dos teus soldados."

Ao ouvir estas palavras, com a roupa desapertada e o chapéu torto, Zifa correu para o receber e saudá-lo com respeito.
Os seus assistentes repreenderam-no, dizendo:
"Este ladrão é conhecido por todos. Como podes mostrar-lhe tal respeito?"

Ele respondeu:
"Isto é algo que vós não podeis compreender."

Pouco tempo depois, o estado de Qi levantou tropas e atacou Chu.
Zifa liderou os seus soldados para repelir Qi, mas foi derrotado três vezes.
Os ministros justos e íntegros de Chu usaram os melhores planos e os mais sinceros esforços para repelir Qi, e mesmo assim o inimigo crescia em força diariamente.

O ladrão dos mercados então apresentou-se e implorou a Zifa:
"Peço para servir-vos com as minhas humildes habilidades."

Zifa respondeu: "Podes."
Sem lhe pedir explicações, Zifa mandou-o partir.

O ladrão saiu e, sob o manto da noite, roubou a cortina do general de Qi e entregou-a a Zifa.

Zifa mandou devolvê-la, dizendo:
"Quando as minhas tropas procuravam lenha para a fogueira, encontraram a vossa cortina.
Orientei que fosse devolvida ao seu dono."

Na noite seguinte, o ladrão voltou e roubou a almofada do general.
Zifa novamente a devolveu.
Na terceira noite, o ladrão roubou o alfinete de cabelo do general.
Mais uma vez, Zifa o devolveu.

Quando as tropas de Qi souberam disto, ficaram profundamente alarmadas.
O general e os seus oficiais reuniram-se e disseram:
"Se não partirmos hoje, temo que os soldados de Chu nos tirem a cabeça!"

O general ordenou a retirada, e o exército partiu imediatamente.
Assim se demonstra que não há habilidades insignificantes, nem talentos desprezíveis — tudo depende de como o governante os utiliza.

Por isso o *Laozi* diz:
"Não elogies a pessoa; elogia a substância da pessoa."

12.39
"Estou a progredir", disse Yan Hui.
"O que queres dizer?", perguntou Confúcio.
"Esqueci os Ritos e a Música."
"Não está mal, mas ainda não chegaste lá."

Noutro dia, Yan Hui viu Confúcio e disse:
"Estou a progredir."
"O que queres dizer?"
"Esqueci a Humanidade e a Retidão."
"Não está mal, mas ainda não chegaste lá."

Mais tarde, voltou a ver Confúcio e disse:
"Eu sento-me e esqueço-me."

"O que queres dizer com 'sentar e esquecer'?", perguntou Confúcio, surpreso.

"Despojo-me dos meus membros e do meu corpo", disse Yan Hui,
"ofusco a minha inteligência, abandono a forma, deixo o conhecimento para trás e mergulho nos canais da transformação. É isso que quero dizer com 'sentar e esquecer'."

"Se estás imerso", disse Confúcio, "então não tens preferências.
Se estás transformado, já não tens constantes.
És tu o verdadeiro digno! Permite-me seguir-te."

Por isso o *Laozi* diz:
"Alimentando a tua alma etérea e abraçando o Um — conseguirás deixá-los ir?
Concentrando o teu *qi* e alcançando a suavidade — conseguirás ser como um bebé?"

12.40
O Duque Mu de Qin levantou um exército e estava prestes a lançar um ataque surpresa contra o estado de Zheng, quando Jian Shu lhe disse:

"Não o podes fazer!
Ouvi dizer que, quando se lança um ataque surpresa a um estado, os carros de guerra não devem ir além dos cem *li* e os soldados de infantaria não além dos trinta *li*.
Pois confinados a essas distâncias, os planos ainda não terão sido revelados; os soldados ainda não terão perdido a acuidade; os mantimentos ainda não estarão esgotados; e o povo ainda não estará exausto.

É porque alcançam o auge do vigor e o pico da força.
É assim que se repele o inimigo e se o enche de temor.

Agora, se envias tropas por vários milhares de *li* e atravessas repetidamente os territórios dos Senhores da Terra para lançar um ataque surpresa contra Zheng, duvido que tenhas sucesso.
Deverias reconsiderar os teus planos!"

12.40 (conclusão)
O Duque Mu não deu ouvidos ao conselho de Jian Shu. Jian Shu despediu-se do exército, rasgando as suas vestes e chorando [como em luto].
O exército partiu, passou por Zhou e seguiu para leste.
Um comerciante de Zheng, chamado Xian Gao, fingindo agir por ordem do conde de Zheng, preparou doze bois para alimentar o exército de Qin e ofereceu-lhes um banquete.
Os três generais do exército de Qin ficaram alarmados e, conversando entre si, disseram:
"Ainda que tenhamos percorrido vários milhares de *li* para lançar este ataque surpresa, os habitantes de Zheng souberam de nós antes de sequer chegarmos ao destino.
Devem estar completamente preparados.
É impossível prosseguir com o ataque."

Os generais ordenaram a retirada imediata.

Na mesma época, o Duque Wen de Jin morreu em viagem e ainda não tinha sido sepultado, quando Xian Zhen aconselhou o Duque Xiang:
"No passado, quando o nosso antigo governante comunicava com o Duque Mu, todo o mundo o ouvia e todos os Senhores da Terra prestavam atenção.
Agora o nosso governante morreu e ainda não foi enterrado. O Duque Mu não nos prestou condolências nem pediu autorização para atravessar o nosso território, achando que o nosso soberano estava morto e o nosso órfão [isto é, o herdeiro recém-entronizado] era fraco.
Peço que o ataquemos!"
O Duque Xiang concordou.

Xian Zhen liderou as suas tropas até ao Monte Xian, onde atacou o exército de Qin e o derrotou completamente.
Capturou os três comandantes e levou-os de volta a Jin.

Quando o Duque Mu de Qin soube da derrota, vestiu-se de luto e foi ao templo ancestral anunciar o desastre aos seus antepassados.

Por isso o *Laozi* diz:
"Saber que não se sabe é o melhor;
não saber e pensar que se sabe é uma doença."

12.41
A consorte do rei de Qi faleceu.
O rei queria nomear uma nova consorte, mas ainda não tinha decidido quem seria.
Ordenou então aos seus ministros que deliberassem sobre a questão.
O Duque de Xue, esperando descobrir a escolha do rei, ofereceu-lhe dez pares de brincos, sendo um deles particularmente belo.

Na manhã seguinte, perguntou onde estava o par de brincos mais bonito e sugeriu que a mulher que o usava fosse nomeada consorte.
O rei de Qi ficou encantado com esta sugestão e, a partir de então, respeitou e valorizou ainda mais o Duque de Xue.
Assim, se as intenções e desejos do senhor são visíveis exteriormente, ele tornar-se-á vulnerável ao controlo dos seus súbditos.

Por isso o *Laozi* diz:
"Bloqueia as aberturas, fecha as portas, e em toda a tua vida não trabalharás em vão."

12.42
Lu Ao vagueava pelo Mar do Norte. Depois de atravessar o Grande Yin, entrou pelo Portão Escuro e chegou ao cimo do Vale Escondido.
Lá viu um cavalheiro de olhos fundos e cabelos escuros abundantes, pescoço largo e ombros aguçados, corpulento na parte superior do corpo e esquelético abaixo da cintura, girando sobre si mesmo como se dançasse com os ventos.

Quando o homem se voltou e viu Lu Ao, baixou lentamente os braços e correu a esconder-se à sombra de uma grande rocha.
Lu Ao perseguiu-o e, ao vê-lo novamente, encontrou-o empoleirado sobre uma carapaça de tartaruga, comendo uma amêijoa.

Lu Ao dirigiu-se a ele, dizendo:
"Afastei-me dos meus companheiros e deixei os meus associados para ver tudo o que existe além do reino das seis direções.
Nunca houve um errante como eu, não achas?
Quando era jovem adorava vaguear, e, mesmo adulto, nunca perdi esse gosto.
Percorri os extremos das quatro direções, mas nunca tinha visto o Yin do Norte.
Agora, inesperadamente, encontro um Filho do Céu neste lugar.
Poderíamos formar uma amizade?"

O cavalheiro pareceu sorrir e disse, rindo:
"Oh, céus! És um desses da região central.
Não é verdade que tenhas vindo assim tão longe para chegar aqui.
Aqui também somos iluminados pelo sol e pela lua e cobertos pelas estrelas.
É onde o yin e o yang circulam e onde surgem as quatro estações.

Comparado com os lugares sem nome [e vastos], este é apenas como o canto de uma casa.

Um como eu, no sul, vagueia pela selva de Wangliang [Penumbra];
no norte, repousa nos campos de Chenmu [Túmulo Afundado];
no oeste, vai até à aldeia de Yaoming [Obscuridade Profunda];
no leste, encerra-se em Hongmeng [Névoa Profunda].

Em tais lugares,
não há Terra em baixo;
nem Céu se estende por cima.

Ouve-se, mas não se escuta;
olha-se, mas não se vê.

Além desse lugar, existe algo como um riacho purificador e envolvente.
Para além disso, talvez haja mais mil ou dez mil *li*, mas não consegui chegar lá.

Agora tu, senhor, vieste até aqui e anuncias que viste tudo o que há para ver.
Será que vieste mesmo assim tão longe?
Contudo, se quiseres, fica;
mas já combinei encontrar-me com as Águas Imensas para lá dos Nove Limites, por isso não posso ficar muito tempo."

Então pareceu que o homem levantou os braços, ergueu o corpo e voou para as nuvens.

Lu Ao olhou para cima para o seguir com o olhar, mas já não o via.
Parou então o cavalo, o espírito inquieto.
Perplexo e perdido, disse:
"Se me comparar com este homem, é como comparar um verme com um cisne.
O verme rasteja o dia inteiro e não percorre mais do que alguns centímetros, mas parece-lhe uma longa distância.
Que lamentável é isso!"

Por isso o *Zhuangzi* diz:
"Alguns anos não valem tantos anos;
pequeno saber não vale grande saber.

O cogumelo da manhã nada sabe do entardecer e da alvorada;
a cigarra nada sabe da primavera e do outono."

Ou seja, mesmo a clareza não consegue discernir tudo.

12.43
Mizi governava Shanfu há três anos quando Wuma Qi alterou a sua aparência, vestindo roupas rasgadas e um casaco curto de cânhamo, para observar em segredo que transformações tinham ocorrido.
Viu um pescador nocturno apanhar um peixe e libertá-lo.
Wuma Qi perguntou:
"Senhor, sendo pescador, queres pescar peixe.
Porque então os apanhas e soltas?"

O pescador respondeu:
"Mizi não quer que capturemos peixes pequenos.
Como todos os peixes que apanhei eram pequenos, deixei-os ir."

Wuma Qi regressou a casa e relatou as suas descobertas a Confúcio:
"Mizi é o mais Moralmente Potente de todos!
Consegue inspirar o povo a comportar-se, mesmo na escuridão da noite, como se estivesse perante uma severa punição.
Como será que o Mestre Mi consegue tal coisa?"

Confúcio respondeu:
"Eu, Qiu, perguntei-lhe uma vez como governava.
Ele respondeu: ‘A sinceridade nisto toma forma naquilo.’
Mizi deve estar a praticar essa técnica."

Por isso o *Laozi* diz:
"Ele descarta aquilo e toma isto."

12.44
Penumbra perguntou à Sombra:
"O brilho da luz solar é iluminação espiritual?"

"Não, não é", respondeu a Sombra.

"Como sabes isso?", inquiriu Penumbra.

A Sombra respondeu:
"Quando a Árvore Fusang mergulha na escuridão, o sol ilumina o universo, o brilho da sua luz banha os Quatro Mares.
Mas se fechares as portas e trancares as janelas, ela não consegue entrar em casa.
Se fosse iluminação espiritual, ela fluiria em todas as direções até onde elas se estendessem, e não haveria lugar onde não chegasse;

acima, delimitando o Céu;
abaixo, envolvendo a Terra."

12.44 (conclusão)
"Transformar-se-ia e nutriria os miríades de seres, e ainda assim não poderia ser entendido como tendo qualquer aparência particular.
Num piscar de olhos, abrangeria tudo o que existe para além dos Quatro Mares.
Como poderia 'o brilho do sol' ser suficiente para representar a iluminação espiritual?"

Por isso o *Laozi* diz:
"A coisa mais suave do mundo atropela a coisa mais dura do mundo."

12.45
Luz Resplandecente perguntou a Nada Ali:
"Mestre, existe realmente algo aí, ou não existe realmente nada aí?"

Nada Ali não respondeu.
Sem obter resposta, Luz Resplandecente olhou fixamente para o outro, cuja aparência era afundada e oca.

Procurou-o, mas não viu a sua forma,
escutou-o, mas não ouviu a sua voz,
apalpou-o, mas não o conseguiu agarrar,
olhou para ele, mas não o conseguiu alcançar.

"Magnífico!", exclamou Luz Resplandecente.
"Quem poderia atingir tal estado?
Sou capaz de estar sem Algo, mas ainda não sou capaz de estar sem Nada.
E quanto a estar sem Nada — como se chega a esse estado? O que se deve seguir?"

Por isso o *Laozi* diz:
"O Nada entra onde não há espaço;
é assim que sei que o não-agir traz benefício."

12.46
O Duque Sheng de Bo, obcecado com pensamentos de rebelião, saiu da corte e ficou sozinho, momento em que pegou num chicote de equitação pelo lado errado e perfurou o queixo com ele.
Embora o sangue lhe escorresse pelo chão, não se apercebeu disso.

Ao saber disto, um homem de Zheng disse:
"Se esqueces o teu queixo, o que não esquecerás?"

Isto é, se o Espírito Essencial transborda para fora, o conhecimento e a previsão esvaem-se por dentro, e já não se consegue regular o corpo de forma equilibrada.
Por esta razão, quanto mais distante for o local onde o espírito é usado, mais próximas estarão as coisas que se perdem.

Por isso o *Laozi* diz:
"Não saias pela tua porta,
e conhecerás o mundo inteiro;
não espreites pela tua janela,
e conhecerás o Caminho do Céu.
Quanto mais longe fores,
menos saberás."

É isso que se quer dizer aqui.

12.47
Quando o Primeiro Imperador de Qin conquistou o mundo, temeu não o conseguir defender.
Assim, atacou os Rong [tribos fronteiriças], reparou a Grande Muralha, construiu portos e pontes, ergueu barricadas e barreiras, equipou-se com estações de correio e cocheiros, e destacou tropas para proteger as fronteiras do império.

Contudo, quando a casa de Liu tomou posse do mundo, fê-lo com a facilidade de virar um peso na palma da mão.

Nos tempos antigos, o Rei Wu atacou e venceu o tirano Djou em Muye.
Depois, ergueu um túmulo sobre a sepultura de Bi Gan, pendurou a sua bandeira sobre o portão do palácio de Shang Rong, construiu uma vedação para proteger a casa de Jizi, prestou homenagem no templo ancestral de Cheng Tang, distribuiu os cereais do celeiro de Juqiao e repartiu as riquezas do Pavilhão do Veado.

Destruiu os tambores de guerra e as baquetas.
Desencurvou os arcos e cortou-lhes as cordas.
Mudou-se do palácio para viver ao ar livre, para demonstrar que a vida seria pacífica e simples.
Depôs a espada de cintura e pegou no bastão de peito, para demonstrar que estava livre de inimizade.

Como consequência das suas ações, o mundo inteiro cantou os seus louvores e rejubilou com o seu governo, enquanto os Senhores da Terra vinham com oferendas de seda e solicitavam audiências.
[A sua dinastia perdurou] por trinta e quatro gerações sem interrupção.

Por isso o *Laozi* diz:
"Aqueles que sabem fechar não usam trancas,
e o que fecham não pode ser aberto;
aqueles que sabem atar não usam cordas,
e o que atam não pode ser desatado."

12.48
Ym Ru estudava condução de carros, mas três anos se passaram sem que tivesse dominado a arte.
Ficou tão perturbado e angustiado com isso que, ao dormir, os seus pensamentos frequentemente se voltavam para a condução.
Certa noite, sonhou que recebia instruções do seu mestre sobre “Condução Outonal”.

Na manhã seguinte, foi ter com o mestre, que o olhou e disse:
"Não é que eu tenha escondido o meu Caminho de ti; é apenas que receava que não estivesses apto para receber a instrução.
Hoje ensinarei a Condução Outonal."

Ym Ru virou-se para partir; virado a norte, curvou-se duas vezes e respondeu:
"Tive a boa fortuna do Céu.
Na noite passada já recebi tal instrução em sonho!"

Por isso o *Laozi* diz:
"Empenho-me ao máximo para alcançar o vazio;
agarro-me firmemente à quietude.
As dez mil coisas atuam em sucessão, e eu observo os seus regressos."

12.49
Nos tempos antigos, Sunshu Ao ascendeu três vezes ao cargo de primeiro-ministro e não sentiu alegria com isso, e três vezes saiu do cargo sem ansiedade.
O povo de Wu queria que Jizi de Yanling fosse seu rei, mas ele recusou.
Xu You foi-lhe oferecido o império, e ele recusou.
O Mestre Yan Ying fez um pato com Cui Shu e, mesmo perante a morte, não procurou alterar os seus compromissos.

Em todos estes casos, estes homens possuíam uma compreensão profunda.
O seu Espírito Essencial compreendia a distinção entre vida e morte; como poderiam as coisas mundanas iludi-los?

Havia um homem de Jing [isto é, Chu] chamado Ci Fei que obteve uma espada preciosa em Gansui.
Ao regressar a casa, atravessava o rio Yangzi.
No meio do rio, surgiu uma onda gigantesca, e dois dragões escamosos rodearam o barco.

Ci Fei perguntou ao barqueiro:
"Quando encontraste estes dragões antes, como sobreviveste?"

O barqueiro respondeu:
"Nunca os vi antes."

Então Ci Fei despiu os braços e empunhou a sua espada, declarando:
"Um cavaleiro corajoso pode ser persuadido pela Humanidade e pela Retidão, mas não pode ser intimidado pela força.
Por esta carne podre e ossos apodrecidos a flutuar no rio, se eu desistisse da minha espada para preservar o corpo inteiro, o que mais teria para valorizar?"

Ci Fei saltou então para o rio e decapitou os dragões.
Os passageiros sobreviveram, e as ondas acalmaram.
O rei de Jing recompensou Ci Fei, conferindo-lhe o título de "Portador do Bastão de Jade".

Quando Confúcio soube dos feitos de Ci Fei, comentou:
"Excelente, sem dúvida!
‘Não descartar uma espada por causa de carne podre e ossos apodrecidos’ — não diz isso tudo sobre Ci Fei?"

Por isso o *Laozi* diz:
"Apenas aqueles que não agem em nome da vida
são mais dignos do que os que valorizam a vida."

12.50
Chunyu Kun, um homem de Qi, apresentou uma persuasão ao rei de Wei sobre os méritos de aderir à Aliança Vertical.
O rei de Wei achou-a convincente e concedeu-lhe dez carros de guerra, ordenando-lhe que seguisse para Jing [Chu].

No entanto, quando Chunyu Kun estava prestes a partir, reconsiderou os méritos da Aliança Vertical e voltou a apresentar uma persuasão, desta vez sobre os méritos da Aliança Horizontal.

Chunyu Kun então partiu como antes, mas o rei de Wei suspendeu a expedição e afastou-se de Chunyu Kun.
Quer no seu fracasso em concretizar as ambições ligadas à Aliança Vertical, quer na incapacidade de cumprir a tarefa da Aliança Horizontal, a razão foi constante.

Ora, as palavras têm um antepassado, e os assuntos têm uma raiz.
Se estas forem perdidas de vista, mesmo que alguém tenha grande habilidade e capacidade, seria melhor ter menos.

Por essa razão, quando Chui é representado nos tripés de Zhou, é retratado a roer os dedos, porque os antigos reis queriam ilustrar que uma habilidade excessiva não deve ser praticada.

Por isso o *Shenzi* diz:
"Um artesão que sabe fazer uma porta que só se mantém aberta não compreende verdadeiramente sobre portas.
Deve saber também fechá-las. Só então sabe fazer portas."

12.51
Um moísta chamado Tian Jiu desejava ter audiência com o rei Hui de Qin.
Preparou a sua carruagem e alinhou as rodas, mas, após permanecer três anos em Qin, ainda não tinha visto o rei.
Um determinado assistente falou com o rei de Chu em nome de Tian Jiu, e, como resultado, Tian Jiu [viajou para Chu e] teve audiência com o rei.

O rei de Chu ficou encantado com Tian Jiu e deu-lhe o bastão de comando [do general do exército] e enviou-o a Qin.
Quando lá chegou com o bastão, obteve audiência com o rei Hui de Qin e apresentou-lhe uma persuasão.
Ao sair do palácio, a caminho do seu alojamento, Tian Jiu suspirou longamente e disse a um dos seus seguidores:
"Estive em Qin três anos sem conseguir uma audiência.
Não percebi que o caminho para Qin passava pelo estado de Chu."

De fato, há coisas que estão próximas mas são colocadas longe, e coisas que estão longe mas são trazidas para perto.
Assim, os movimentos de um grande homem não podem ser traçados com a retidão de um cordel — ele chega ao seu objetivo, e isso basta.

É disso que fala o *Guanzi* ao dizer:
"O voo dos pássaros é como o nível e o cordel de marcação."

12.52
As águas do rio Feng têm mil *ren* de profundidade, e ainda assim não retêm poeira nem sujidade.
Se se lançar uma agulha metálica àquelas profundezas, ela permanecerá visível.

Não é por a água não ser profunda, mas sim porque é tão límpida que peixes, tartarugas, dragões e serpentes não estão dispostos a fazer dela a sua morada.

Do mesmo modo, os cinco cereais não crescem sobre pedras ou rochedos, e os veados não vagueiam por montanhas nuas, pois não há onde se esconderem nem abrigo para encontrarem.

Em tempos antigos, o Visconde Wen de Zhao perguntou a Shuxiang:
"Entre os seis generais hereditários de Jin, qual será o primeiro a perecer?"

Shuxiang respondeu:
"Os generais dos clãs Zhonghang e Zhi."

O Visconde Wen perguntou: "Porquê?"

Shuxiang respondeu:
"Na administração dos assuntos do governo, consideram crueldade como escrutínio;
severidade como discernimento;
tratar os subordinados com dureza como lealdade;
e elaborar muitos estratagemas como mérito.

Podem ser comparados a esticar couro: quanto mais se estica, mais cresce — mas esticá-lo demasiado é também o caminho para o romper."

Por isso o *Laozi* diz:
"Quando o governo é confuso, o povo é simples.
Quando o governo é vigilante, o povo torna-se astuto."

12.53
O Duque Jing [de Qi] disse ao principal prognosticador:
"O que consegues realizar com o teu Caminho?"

Ele respondeu:
"Consigo mover a Terra."

Quando Yanzi foi ter audiência com o Duque Jing, este disse-lhe:
"Perguntei ao principal prognosticador o que conseguia fazer com o seu Caminho.
Ele disse que podia mover a Terra. É mesmo possível mover a Terra?"

Yanzi manteve-se em silêncio e não respondeu.
Depois de sair da audiência, foi ter com o prognosticador e disse:
"Recentemente observei um cometa entre as mansões lunares Quarto e Coração. Está prestes a haver um terramoto?"

"Haverá", disse o prognosticador.

Mais tarde, o prognosticador teve audiência com o Duque Jing e disse:
"Não consigo mover a Terra, mas ela irá certamente mover-se."

Quando Tian Ziyang ouviu isto, comentou:
"Quando Yanzi escolheu manter-se calado, foi para não ver o prognosticador morrer.
Quando procurou um encontro com ele, foi por recear que o duque fosse enganado.
Pode dizer-se de Yanzi que era leal para com os superiores e generoso com os inferiores."

Por isso o *Laozi* diz:
"[O sábio] é afiado sem cortar,
tem cantos sem ferir."

12.54
O Marquês Wen de Wei ofereceu um banquete aos seus grandes ministros em Quyang.
Quando já tinham bebido o suficiente para ficarem embriagados, o Marquês Wen suspirou profundamente e exclamou:
"Eu, sozinho, careço de um ministro como Yu Rang."

Jian Zhong ergueu um copo e aproximou-se, dizendo:
"Por favor, beba este copo como penalização."

O senhor perguntou:
"Porquê?"

Jian Zhong respondeu:
"Aprendi que os que seguem os seus destinos verdadeiros como pais e mães nada sabem sobre o filho filial, tal como o governante possuído do Caminho nada sabe sobre o ministro leal.
Além disso, que foi feito do governante de Yu Rang?"

O Marquês Wen aceitou o copo e bebeu-o.
Depois de o esvaziar, respondeu:
"Se não se tem ministros como Guan Zhong e Bao Shu, então obtém-se o serviço meritório de um Yu Rang."

Por isso o *Laozi* diz:
"Quando o estado está confuso e caótico,
há ministros leais."

12.55
O Mestre Kong visitava o templo do Duque Huan quando avistou um recipiente chamado Vaso de Alerta.
"Que maravilha avistar tal vaso!", exclamou com alegria.

Voltou-se para os seus discípulos e disse:
"Discípulos, tragam água!"

Quando trouxeram a água, o Mestre Kong verteu-a no vaso.
Quando o vaso estava meio cheio, permanecia erguido; mas quando o encheu totalmente, tombou de lado.

De repente, o rosto do Mestre Kong mudou, e exclamou:
"É esplêndido compreender o significado da plenitude."

Ao seu lado, Zigong perguntou:
"Mestre, o que significa 'compreender o significado da plenitude'?"

"O que cresce, decresce", respondeu o Mestre Kong.
"E o que significa isso?", perguntou Zigong.

O Mestre Kong respondeu:
"As coisas prosperam e depois declinam.
A alegria atinge o auge e transforma-se em tristeza.
O sol atinge o zénite e começa a descer.
A lua alcança a plenitude e começa a minguar."

12.56
O Rei Wu perguntou ao Grão-Duque:
"Se eu atacar o tirano Djou, o mundo considerará que um súbdito matou o seu senhor e que um subordinado atacou o seu superior.
Temo que as gerações futuras empreguem continuamente os seus exércitos e lutem umas com as outras sem cessar.
O que posso fazer quanto a isto?"

O Grão-Duque respondeu:
"A pergunta de Vossa Majestade é excelente!
Aqueles que ainda não apanharam a presa temem que a ferida seja demasiado pequena.
Mas, uma vez apanhada, temem que a ferida seja tão grande que estrague a carne.
Se Vossa Majestade deseja verdadeiramente manter o império, então feche os sentidos do povo.
Guie-os todos para ocupações inúteis e ensinamentos sem propósito.

Quando todos se alegrarem com as suas ocupações e estiverem à vontade com as suas emoções, os que forem brilhantes e resplandecentes liderarão os que são ainda obscuros e sombrios.

Só então, retire-lhes os capacetes e adorne-lhes a cabeça com bonés de penas de pato; desprenda-lhes as espadas da cintura e mande-os carregar tabuletas ao peito.
Estabeleça três anos de luto, com vestes fúnebres simples.
Eleve e elogie os modestos e recatados, para que o povo não entre em competição.
Use vinho e carne para comunicar com eles, a música da flauta de boca e do *qin* para os entreter, e fantasmas e espíritos para os intimidar.

Depois, empregue ornamentação sumptuosa e rituais opacos para obscurecer a substância interior.
Amplie os funerais e prolongue os períodos de luto, para tornar os lares sinceros.
Com pérolas na boca dos mortos, escamas de peixe de jade nas suas vestes, e fios de seda a atar os seus corpos, esgotar-se-ão os recursos.
Com sepulturas esculpidas em profundidade e túmulos elevados sobre a terra, consumir-se-á a força do povo.

Quando as famílias forem empobrecidas e os clãs diminuídos, as preocupações do governante serão poucas.

Se empregardes estes métodos para modificar os costumes, então podereis manter o império sem o perder."

Por isso o *Laozi* diz:
"Depois de transformados, se quiserem agir,
eu os reprimirei com o Bloco Não-Talhado e Sem-Nome."

Treze

DISCURSOS SEM LIMITES

13.1
Em tempos antigos, aqueles que usavam gorros simples e colarinhos enrolados governavam o mundo.
A sua Potência era de vida, não de morte; de dar, não de usurpar.
Ninguém no mundo rejeitava o seu serviço; todos acolhiam a sua Potência.

Nesses tempos, o yin e o yang estavam em harmonia e paz;
os ventos e as chuvas eram oportunos e moderados.

As miríades de seres prosperavam e floresciam; os ninhos de aves e corujas podiam ser inspecionados de joelhos;
os animais selvagens podiam ser capturados e mantidos em docilidade.

Que necessidade havia de trajes oficiais, faixas largas, colarinhos com fivelas e insígnias grandiosas?

13.2
Em tempos antigos, o povo vivia em terras húmidas, escavando cavernas uma e outra vez.
No inverno, não suportavam a geada, a neve, o nevoeiro e o orvalho;
no verão, não suportavam o calor opressivo, os dias sufocantes, os mosquitos e as moscas.

Os sábios, então, criaram para eles o bater da terra e o corte de árvores para fazer casas.
Por cima colocaram traves mestras, por baixo, vigas, para os proteger do vento e da chuva e resguardá-los do frio e do calor.
O povo ficou em paz.

Bo Yu foi o primeiro a fazer roupas.
Fiou o cânhamo, trabalhou a urdidura com a mão, passou-o pelos dedos e teceu-o como uma rede.
Mais tarde, os sábios criaram teares de dupla trama para aumentar a utilidade.
O povo pôde assim proteger o corpo e afastar o frio.

Em tempos antigos, afiavam paus para lavrar, poliam conchas para mondar, cortavam lenha para combustível e puxavam jarros para tirar água.
O povo trabalhava, mas os ganhos eram escassos.
As gerações posteriores [de sábios] criaram arados, relhas e enxadas; machados para cortar lenha; e mecanismos de poço para extrair água.
O povo ficou mais à vontade, e os seus ganhos multiplicaram-se.

Antigamente, os grandes rios e cursos de água famosos atravessavam os caminhos e impediam o ir e vir das pessoas.
Consequentemente, os sábios escavaram troncos e aplainaram madeiras para fazer jangadas e barcos.
Assim, conforme a abundância ou escassez de cada lugar, os bens podiam ser trocados e transportados.

Fizeram sapatos de couro para caminhar mil *li*;
suportaram o esforço de carregar fardos às costas.

Os sábios criaram então a curvatura da madeira para rodas e a construção de carros, a arreação de cavalos e o jugo dos bois.
O povo pôde assim percorrer longas distâncias sem se cansar.

Como as feras ferozes feriam as pessoas e nada havia para as deter, os sábios criaram o fundir de metais e o forjar de ferro para fabricar armas e armamento.
Os animais já não os podiam ferir.

Assim, pressionados pelas dificuldades, os sábios procuraram o que era vantajoso;
forçados pela adversidade, criaram o que era necessário.
Em cada caso, o povo utilizava o que aprendera com os sábios para eliminar o que os prejudicava e procurar o que os beneficiava.

Se o passado imutável não pode ser seguido, se os instrumentos marciais de outrora não podem ser confiados, então haverá ocasiões em que as leis e padrões dos antigos reis terão de ser ajustados às mudanças.

13.3
Segundo os antigos regulamentos, no ritual do casamento, não se fazia referência ao anfitrião [isto é, o noivo].
[Mas nos Anais da Primavera e Outono há um caso em que o noivo é nomeado.]
Shun casou-se sem anunciar ao pai.
Estas ações não estavam em conformidade com os ritos.

Deve-se nomear o filho mais velho como herdeiro.
[Mas] o Rei Wen pôs de lado Bo Yikao e escolheu o Rei Wu.
Isto não estava em conformidade com os regulamentos.

Segundo os ritos, deve casar-se aos trinta anos.
[Mas] o Rei Wen tinha quinze anos quando teve o Rei Wu.
Isto não estava em conformidade com a lei.

No tempo dos Xia, a tábua funerária era colocada acima dos degraus do leste; os Yin colocavam-na entre dois pilares; os Zhou colocavam-na acima dos degraus do oeste.
Estes ritos não eram os mesmos.

Shun usava caixões de barro; os Xia envolviam-nos com pedra; os Yin usavam caixões duplos; os Zhou erguiam uma divisória e dispunham penas sobre ela.
Estas práticas fúnebres não eram as mesmas.

Os Xia sacrificavam de noite; os Yin, durante o dia; os Zhou, ao nascer do sol.
Estes sacrifícios não eram os mesmos.

13.3
Para Yao, a música era a "Grande Medida"; para Shun, as "Nove Harmonias"; para Yu, a "Grande Xia"; para Tang, a "Grande Melodia"; para Zhou, a "[Grande] Marcialidade" e os "[Três] Elefantes". Estas melodias não eram iguais.

Assim,
os Cinco Imperadores tinham caminhos diferentes, mas a sua Potência abrangia o mundo.
Os Três Reis realizaram atividades distintas, mas a sua fama foi transmitida às gerações posteriores.
Todos instituíram ritos e música de acordo com as alterações dos tempos.
Era como o Mestre de Música cego Kuang, ao afinar as pontes do *se*, que as movia e ajustava para cima e para baixo na tábua de ressonância sem medir por polegadas ou pés, e, ainda assim, nenhuma nota falhava.

Assim, aqueles que compreendem a essência dos ritos e da música são capazes de criar notas precisas.
A base e o princípio diretor residem dentro deles; por isso, entendem como os padrões e medidas devem ser aplicados com abrangência.

O Duque Zhao de Lu tinha uma ama a quem muito estimava.
Quando ela morreu, mandou fazer um gorro de seda em sua homenagem. Assim surgiu o uso de trajes de luto para amas.

O senhor de Yang matou o senhor de Liao e tomou a sua esposa.
Assim surgiu o protocolo de dispensar as mulheres de grandes banquetes.

Quando as normas dos antigos reis deixavam de ser adequadas, eram descartadas; nas ações das idades seguintes, se eram boas, eram promovidas.
Por isso os ritos e a música nunca começaram sequer a ter constância.

Os sábios regulam os ritos e a música; não são por eles regulados.
Ordenar o estado tem um princípio constante, e beneficiar o povo é a sua base.
Corrigir a educação tem normas, e executar ordens é o seu auge.

Investigar o benefício para o povo não implica necessariamente imitar os antigos; investigar as atividades não significa necessariamente seguir os antigos costumes.

Ora, quanto ao declínio dos Xia e dos Shang: não alteraram as suas leis e foram destruídos.
Quanto à ascensão das Três Dinastias: governaram sem imitar os seus predecessores e, assim, adaptaram-se às circunstâncias.

As leis dos sábios mudam com os tempos; os seus ritos transformam-se com os costumes.
As suas vestes e utensílios eram determinados conforme o uso; as leis, medidas, regulamentos e ordens seguiam o que era apropriado.

Portanto, alterar o antigo não é algo que se deva rejeitar, e seguir o costume não é, por si só, “excessivo”.
Os cem rios têm fontes diferentes, mas todos regressam ao oceano.
As cem linhagens do saber têm especializações distintas, mas todas aspiram ao bom governo.

13.4
Quando o Caminho dos reis se tornou deficiente, surgiu o *Livro das Odes*.
Quando a casa de Zhou entrou em ruína e as suas normas rituais se perderam, surgiu o *Primavera e Outono*.

Aqueles que estudam os *Odes* e os *Anais* consideram-nos belos; mas ambos são produtos de épocas de declínio.
Os confucianos seguem-nos para ensinar e guiar as gerações.
Mas como se podem comparar com o esplendor das Três Dinastias?

Tomando os *Odes* e o *Primavera e Outono* como Caminhos dos Antigos, veneram-nos.
Mas também houve tempo antes de os *Odes* e os *Anais* terem sido criados.

Agora,
a deficiência do Caminho não é melhor do que a plenitude do Caminho;
recitar os poemas e textos dos antigos reis não é melhor do que ouvir e compreender as suas palavras;
ouvir e compreender as suas palavras não é melhor do que alcançar aquilo de que eles falavam.

Quanto a alcançar aquilo de que falavam, o discurso não o pode expressar.
Por isso: "O Caminho que pode ser expresso não é o Caminho constante."

13.5
Quando o Duque de Zhou servia o Rei Wen,
nunca ultrapassava os regulamentos.
Nunca agia em nome próprio.

Era como se o seu corpo não estivesse à altura dos seus ornamentos; como se as suas palavras não viessem da sua própria boca.

Ao receber instruções do Rei Wen, era submisso e modesto, como se incapaz, como se temesse desviar-se delas.
Pode dizer-se que foi um verdadeiro filho.

O Rei Wu morreu; o Rei Cheng era jovem. O Duque de Zhou prosseguiu a obra dos Reis Wen e Wu:
assumiu a posição de Filho do Céu;
supervisionou o governo do mundo.

Pacificou as rebeliões dos Yi e dos Di;
puniu os crimes de Guan e de Cai;
voltou-se para o norte; trouxe os Senhores da Terra à corte; aplicou castigos; distribuiu recompensas — tudo sem consultar ninguém.

A sua autoridade movia o Céu e a Terra, e a sua voz estendia-se por todos os mares.
Pode dizer-se que foi capaz de ser marcial.

Quando o Rei Cheng atingiu a maturidade, o Duque de Zhou reuniu os registos da população e renunciou ao governo.
Virado a norte, ofereceu tributos e serviu como ministro.
Só agia quando lhe pediam, e só implementava políticas quando o pedido era repetido.
Não tinha vontade de se apropriar do poder, nem exibia arrogância.
Pode dizer-se que foi capaz de ser ministro.

Assim, a mesma pessoa transformou-se três vezes para se adaptar aos tempos.
Quanto mais os governantes que mudam de geração, e os estados que mudam de soberano?

As pessoas usam os cargos para alcançar desejos, e a autoridade para obter aquilo que ambicionam.
É claro que, se alguém quiser usar rituais aplicados uniformemente e leis estabelecidas de modo imutável para responder às mudanças do tempo, será incapaz de alcançar o equilíbrio.

Por isso, o que o sábio segue chama-se "Caminho"; o que faz são "atividades".
O Caminho é como instrumentos de metal e pedra — uma vez afinados, não mudam.
As atividades são como o *qin* e o *se* — precisam de ser afinadas constantemente.

Assim, leis, regulamentos, Rito e Retidão são instrumentos de governo, mas não os meios para governar.

Portanto:
A Humanidade é a urdidura;
A Retidão é a trama; isto não muda em dez mil gerações.

É como o fato de que se pode testar as capacidades do povo e estudar os modos de as utilizar, mesmo com alterações diárias.

Existem leis imutáveis no mundo?
Se te adaptares aos assuntos do tempo, alcançares os padrões humanos, estiveres em harmonia com o Céu e a Terra, e trouxeres alegria aos espíritos, então podes corrigir e governar.

13.6
Na antiguidade,
o povo era puro, os artesãos eram hábeis,
os mercadores eram íntegros, as mulheres eram simples.

Por isso,
governar e educar eram facilmente ajustáveis conforme as circunstâncias,
e os hábitos e costumes eram facilmente moldáveis segundo os tempos.

Na presente era, a Potência Moral declina cada vez mais, e os costumes do povo tornam-se cada vez mais mesquinhos.

Tentar usar leis simples e diretas para ordenar um povo já corrompido é como tentar controlar um cavalo sem freio nem chicote.

Nos tempos antigos, o Agricultor Divino usava nem regulamentos nem ordens, e ainda assim o povo seguia.
Tang [isto é, Yao] e Yu [isto é, Shun] tinham regulamentos e ordens, mas não punições.

Os Xia não usavam palavras falsas;
os Shang faziam juramentos;
os Zhou celebravam patos.

Agora, descendo até aos dias de hoje, as pessoas aceitam a vergonha e desprezam a desonra, valorizam o receber e desprezam o dar.

13.6 (continuação)
Querer aplicar o modo do Agricultor Divino para pôr as coisas em ordem tornaria o caos inevitável.
Quando Bocheng Zigao renunciou ao cargo de Senhor da Terra e se limitou a lavrar os campos, o mundo exaltou-o.
Hoje, porém, aqueles que abandonam os cargos e se tornam eremitas ocupam o nível mais baixo nas suas regiões.
Como se pode considerar isso o mesmo?

Os exércitos da antiguidade tinham arcos e espadas; as suas lanças não tinham pontas afiadas; as suas alabardas não tinham gumes.

Os exércitos das eras posteriores têm armas de cerco e aríetes para atacar, bolas com espigões para se defender, fileiras de bestas para disparar e carros de guerra em ferro para combater.

Quando os estados combatiam na antiguidade, não matavam os jovens nem capturavam os idosos.

O que outrora era apropriado, hoje é ridículo;
o que era considerado honroso, hoje é tido como vergonhoso;
o que era considerado ordem, hoje é visto como caos.

Ora,
o Agricultor Divino e Fuxi não distribuíam recompensas nem castigos, e ainda assim o povo não cometia erros;
mas os governantes de hoje não conseguem prescindir das leis para governar o povo.

Shun empunhava escudo e machado e levou os governantes Miao à submissão, mas os que hoje lideram campanhas não conseguem usar as armas para reduzir a violência.

Visto sob esta perspetiva, é claro que as leis e normas são meios para avaliar os costumes do povo e regular o repouso e o trabalho;
os instrumentos e implementos ajustam-se às mudanças do tempo e são regulados conforme o que é adequado.

Assim,
os sábios criaram leis e as miríades de pessoas foram por elas reguladas;
os dignos instituíram os rituais e os ignorantes foram por eles contidos.

Mas os que são regulados pelas leis não conseguem propor iniciativas de longo alcance;
os que são contidos pelos rituais não conseguem realizar alterações adequadas.

Um ouvido que não distingue o alto do baixo não pode ordenar melodias;
uma mente que não compreende a origem da ordem e do caos não pode impor leis e regulamentos.

É necessário ter
um ouvido que ouve de forma única,
um discernimento que vê de forma única —
só então se pode assumir responsabilidade pessoal por realizar o Caminho.

Agora,
os Yin sucederam aos Xia;
os Zhou sucederam aos Yin;
o período das Primaveras e Outonos sucedeu aos Zhou.
Os ritos das Três Dinastias não foram os mesmos.
Porque haveríamos de seguir a antiguidade?

13.7
Os grandes homens criam, e os discípulos seguem.
Se compreendes de onde surgem as leis e o governo, então podes responder aos tempos e adaptar-te.
Se não compreendes a origem das leis e do governo, mesmo que sigas a antiguidade, acabarás em desordem.

Os éditos legais da época atual devem mudar com os tempos; os padrões rituais devem transformar-se com os costumes.

Os estudiosos seguem os antigos, herdam as suas práticas, apoiam-se nos seus registos e mantêm-se fiéis aos seus ensinamentos, pensando que, se se desviarem deles, não haverá ordem.
Isto é como tentar usar uma ferramenta quadrada para talhar um buraco redondo: esperas conseguir um bom encaixe e um ponto fixo de partida, mas é muito difícil.

Hoje, os confucianos e os moístas veneram as Três Dinastias e Wen e Wu, mas não aplicam isso na prática.
Isto é afirmar com palavras o que não se pratica.
Opõem-se à era atual, mas não a reformam; isto é afirmar na prática aquilo a que se opõem.
Elogiam o que afirmam, mas praticam o que criticam.
Deste modo, passam os dias em grande ansiedade, sem contribuírem para o governo.
Cansam o corpo e forçam o entendimento sem oferecer auxílio ao governante.

Hoje em dia, os artesãos gostam de pintar demónios e detestam representar cães e cavalos.

Porquê?
Porque os demónios não aparecem no mundo, enquanto cães e cavalos se veem todos os dias.

Agora, preservar-se em tempos de perigo e governar em tempos de desordem não pode ser feito sem inteligência — mas até um tolo pode elogiar o passado e reverenciar a antiguidade.

Assim,
um rei-sábio não aplica leis inúteis;
um rei-sábio não dá ouvidos a palavras sem fundamento.

13.8
Quanto ao *qi* do Céu e da Terra, nada é tão grandioso quanto a Harmonia.

Harmonia significa
a fusão do yin e do yang,
a divisão entre dia e noite,
e o nascimento das miríades de seres.

Na primavera há nascimento; no outono há maturação;
com nascimento e maturação, obtém-se invariavelmente a essência da harmonia.

Assim, o caminho dos sábios é
tolerante mas firme,
rigoroso mas gentil,
flexível mas reto,
enérgico mas humano.

Dureza excessiva conduz à inflexibilidade; suavidade excessiva conduz à lassidão.
Os sábios posicionam-se adequadamente entre dureza e suavidade e, assim, alcançam a raiz do Caminho.

Se acumularem apenas yin, afundarão;
se acumularem apenas yang, dispersar-se-ão.
Com yin e yang unidos, alcançam a harmonia perfeita.

Considerando o cordel de marcação como padrão:
pode ser enrolado e guardado;
pode ser estendido e traçado;
pode ser alinhado e seguido com os olhos.

Por isso os sábios o encarnam com os seus corpos.
Ora,
quando estendido, não é torto;
quando encurtado, não é insuficiente;
quando alinhado, não é rígido.

Duradouro e não efémero: assim é o cordel de marcação.
Portanto:

Bondade levada ao extremo torna-se fraqueza; sendo fraca, não tem autoridade.
Rigor levado ao extremo torna-se ferocidade; sendo feroz, não é harmonioso.
Amor levado ao extremo torna-se permissividade; sendo permissivo, não consegue comandar.
Castigo levado ao extremo torna-se crueldade; sendo cruel, não conquista afeição.

Antigamente, o Duque Jian de Qi soltou as rédeas do país e transferiu a responsabilidade para os seus ministros.
Estes tomaram o poder; apropriaram-se da autoridade; agiram por interesse próprio; formaram fações; e o caminho público não foi implementado.
Como resultado, Chen Chengchang e Chiyi Zipi caíram em dificuldades; a casa de Lii abandonou os sacrifícios; a casa de Chen tomou o país.
Isto é o que surge da excessiva brandura e fraqueza.

Ziyang de Cheng era rígido e severo, e usava frequentemente o castigo.
Aplicava as penas sem concessões.
Um dos seus oficiais partiu um arco; temendo punição e aterrorizado com a possibilidade de ser executado, aproveitou o pânico causado por um cão louco e matou Ziyang.
Isto é o que surge da rigidez e ferocidade.

Hoje, os que não compreendem o Caminho, ao verem a brandura ser usurpada, tornam-se rígidos e severos;
ao verem a rigidez ser destruída, tornam-se brandos e frágeis.
Isto deve-se à ausência de uma base interior e ao fato de a visão e a audição serem guiadas por estímulos externos.

Assim, até ao fim da vida, não terão um modo de agir estável.
É como cantar sem conhecer a melodia: os tons baixos soarão baços e não estarão em harmonia com os outros; os tons altos soarão agudos e não harmonizarão.

Quanto às melodias de Han E, Qin Qing e Xue Tan, e às canções de Hou Tong e Wan Sheng — a música suscitava neles sentimentos que se acumulavam no interior, emergindo como notas, todas afinadas com os tubos de entoação e em harmonia com os corações dos ouvintes.

Como era possível?
Tinham em si uma base e um princípio regulador que os fazia acertar nos tons altos e baixos.
Nada recebiam do exterior; eles próprios eram o padrão.

Ora, se um cego caminha por uma estrada,
se alguém diz "vai para a esquerda", ele vai;
se dizem "vai para a direita", ele vai.

Se encontra um cavalheiro, segue por caminho fácil;
se encontra um homem vulgar, cairá numa vala.
Porquê?
Os seus olhos não têm com que se guiar.

Assim,
Wei usou tanto Lou Bi como Zhai Qiang e perdeu as terras a oeste do Rio Amarelo;
o Rei Min de Qi usou apenas Nao Chi e morreu em Dongmiao:
não possuíam a técnica para "conduzir a carruagem" [do Estado].

O Rei Wen usou tanto Lii Wang como o Duque Shi de Zhao e tornou-se rei;
o Rei Zhuang de Chu usou apenas Sunshu Ao e tornou-se líder:
estes possuíam a técnica para "conduzir a carruagem" [do Estado].

13.9
Cantar ao som de instrumentos de corda e dançar ao som de tambores para criar música; girar, oferecer, reduzir, ceder para praticar os ritos; realizar funerais sumptuosos e lutos prolongados para despedir os mortos:

Isto foi estabelecido por Confúcio, mas Mozi opôs-se.

Amor universal, honrar os dignos, venerar os espíritos, opor-se ao fatalismo:

Isto foi estabelecido por Mozi, mas Yangzi opôs-se.

Preservar a própria natureza, proteger a autenticidade, não permitir que as coisas envolvam o corpo:

Isto foi estabelecido por Yangzi, mas Mêncio opôs-se.

Na aceitação ou rejeição de algo, as pessoas diferem, pois cada qual tem um entendimento particular em mente.
Assim, o certo e o errado baseiam-se numa determinada perspetiva.

Ao ganhar uma perspetiva, algo deixa de ser “errado”; ao perdê-la, o mesmo algo já não é “certo”.

Quanto aos povos de Danxue, Taimeng, Fanzhong, Kongtong, Daxia, Beihu, Qihong, Xiugu:
Cada um tem os seus próprios critérios de certo e errado, e os seus costumes são mutuamente opostos.

Soberano e ministro, superior e inferior, marido e mulher, pai e filho: cada um tem o seu serviço correspondente.

O que é correto para um não o é para o outro;
o que é errado para um não o é para o outro.

É como o machado, a garlopa, o martelo e o cinzel — cada um com a sua função.

No tempo de Yu, ouvia-se a ordem adequada através dos cinco tons.
Suspensos por cordões de seda estavam sinos, tambores, pedras sonoras e sinetas; montados em suportes estavam pequenos tambores, tudo isto para receber os oficiais das quatro direções.

Estava proclamado:
“Se alguém vier ensinar-me o Caminho, toque o tambor.
Se alguém quiser discutir a Retidão, toque o sino.
Se alguém vier anunciar assuntos do Estado, agite os sinos.
Se alguém quiser falar-me de problemas, toque as pedras sonoras.
Se alguém trouxer uma disputa legal, toque os pequenos tambores.”

Nessa altura, levantava-se dez vezes durante uma só refeição, e era interrompido três vezes ao lavar o cabelo — tudo por se dedicar ao povo do mundo.
Se alguém não alcançasse tal nível de bondade e lealdade, mesmo o talento seria insuficiente.

No tempo dos Qin, ergueram torres e pavilhões altíssimos, fizeram jardins e recintos vastos, construíram estradas imperiais que se estendiam para longe.

Fundiram figuras em bronze, enviaram tropas, recolheram cereais e ervas.

Os impostos, tributos e contribuições eram levados ao tesouro.
Jovens e adultos eram enviados a oeste, para Linchao e Didao, a leste para Huiji e Fushi, a sul para Yuzhang e Guilin, a norte para Feihu e Yangyuan.

Pelas estradas, os mortos enchiam as valas.

Nessa época, os que remonstravam com lealdade eram chamados de agourentos, e os que tomavam a Humanidade e a Retidão como Caminho eram tidos por loucos.

Na época do Imperador Gao [fundador da dinastia Han],
sobreviveu em face da destruição;
continuou o que tinha sido interrompido.

Sustentou a grande Retidão do mundo; trabalhou pessoalmente e empunhou uma espada para rogar ao Céu Augusto em nome do povo.
Nessa época, os valentes, corajosos e talentosos suportavam sol e chuva nos campos e pântanos; a vanguarda era atingida por flechas e pedras; a retaguarda caía em desfiladeiros e valas.
De cada cem que partiam, apenas um sobrevivia na luta pelo equilíbrio do mundo.
Com marcialidade determinada e sinceridade rigorosa, encurtavam a sua vida a um só dia.

Nessa altura, os que vestiam trajes sumptuosos e largas faixas, e tomavam os ensinamentos dos confucianos e moístas como Caminho, eram tidos por indignos.

E isto continuou até que a tirania e a desordem foram vencidas.
Estabilizou-se tudo dentro dos mares, continuaram-se os empreendimentos da civilidade e estabeleceram-se os méritos da marcialidade.

Reuniu os registos das terras do Filho do Céu; criou o gorro cerimonial da casa de Liu; unificou os confucianos e moístas de Zou e Lu, e penetrou os ensinamentos transmitidos pelos antigos sábios.

Exibiu os estandartes do Filho do Céu, percorreu as grandes estradas, instituiu as nove bandeiras, soou o grande sino, tocou o tambor, interpretou “A Lagoa de Xian”, ergueu o escudo e o machado de guerra.

Nessa altura, os que estabeleciam a marcialidade eram vistos com desconfiança.

Num único período, civilidade e marcialidade alternaram como fêmea e macho; a cada tempo o seu uso.

Hoje, os que praticam a marcialidade rejeitam a civilidade.
Os que praticam a civilidade rejeitam a marcialidade.

Civis e marciais opõem-se entre si, mas não compreendem o uso oportuno.
Cada um só vê o dedo que aponta para um canto e não compreende a extensão dos oito pontos do círculo do horizonte.

Assim,
quem olha para o leste não vê a muralha do oeste;
quem olha para o sul não vê o norte.

Só quem não se inclina para lado algum pode compreender tudo.

13.10
O meio pelo qual um estado sobrevive é a Potência do Caminho;
o meio pelo qual a sua linhagem perece é o bloqueio dos seus princípios.

Yao não possuía sequer uma aldeia de cem famílias;
Shun não tinha sequer terra suficiente para cravar um furador — e ainda assim, tomaram posse do mundo.

Yu não possuía sequer um grupo de dez homens;
Tang não possuía sequer uma divisão de sete *li* — e ainda assim, governaram como reis verdadeiros sobre os Senhores da Terra.

O Rei Wen residia nos arredores de Qi Zhou, e o seu território não excedia cem *li* — e ainda assim, foi estabelecido como Filho do Céu, pois possuía o Caminho de um Rei Verdadeiro.

No auge dos reinados de Jie dos Xia e Djou dos Yin, onde quer que o pé humano pisasse, onde quer que barcos e carros penetrassem, nenhum lugar deixou de se tornar distrito ou comando deles.

E ainda assim, morreram às mãos de outros homens e tornaram-se alvo de escárnio.
Estes são casos de quem perdeu de vista a forma das coisas.

Assim, os sábios observam as transformações e buscam as suas verificações futuras.
A Potência tem fases de crescimento e declínio; os ventos precedem a brotação das plantas.

Assim, aqueles que alcançaram o Caminho do Rei Verdadeiro, ainda que pequenos, tornaram-se grandes.

Os que perderam a forma das coisas, mesmo que bem-sucedidos ao início, acabaram derrotados.

Quando os Xia estavam prestes a perecer, o Grande Astrólogo Zhong Gu fugiu primeiro para Shang.
Em três anos, Jie estava perdido.

Quando os Yin estavam prestes a colapsar, o Grande Astrólogo Xiang Yi regressou primeiro a casa do Rei Wen.
Dentro de um ano, Djou estava perdido.

Assim, os sábios, ao observarem os vestígios da sobrevivência e da destruição, e a fronteira entre o sucesso e o fracasso, não recorrem a ouvir gritos de animais no ermo nem à adivinhação por dias jia e zi.

Hoje,
os que são tidos por fortes prevalecem, medindo os seus territórios e calculando a sua população.
Os que são tidos por ricos beneficiam-se, medindo o seu grão e pesando o seu ouro.

Sendo assim,
entre os governantes de dez mil carros, não houve quem não se tornasse líder ou rei.
Entre os estados de mil carros, não houve quem não fosse destruído ou ameaçado.

Visto que os vestígios da sobrevivência e da destruição são assim, são fáceis de reconhecer — até um marido tolo ou uma esposa confusa os poderiam avaliar.

O Visconde Xiang de Zhao tornou-se proeminente por causa dos muros de Jinyang;
o Conde Zhi foi capturado por causa do território dos Três Jin;
o Rei Min foi destruído por causa do grande estado de Qi;
Tian Dan teve mérito por causa de Jimo.

Assim, no que toca à destruição de um estado, mesmo que o estado seja grande, não basta confiar no seu tamanho.

No que toca à implementação do Caminho, mesmo que o estado seja pequeno, não se deve tomá-lo levianamente.

Visto sob esta perspetiva, a sobrevivência está em obter o Caminho — não em ser grande.
A destruição está em perder o Caminho — não em ser pequeno.

Diz o *Livro das Odes*:
“Por isso voltou o seu olhar para o ocidente, e ali fez a sua morada.”
Isto diz que [o Altíssimo] abandonou Yin e mudou-se para Zhou.

Assim, o governante de um estado caótico
esforça-se por expandir o seu território, mas não por alcançar a Humanidade e a Retidão;
esforça-se por elevar a sua posição, mas não por alcançar o Caminho e a sua Potência.

13.11
Perder aquilo por que se sobrevive e criar aquilo por que se perece — é este o caminho da ruína.

Assim,
quando Jie foi capturado em Jiaomen, não foi capaz de negar o que tinha posto em prática; apenas lamentou não ter conseguido matar Tang em Xia Tai.
Quando Djou foi algemado em Xuanshi, não reverteu os seus erros; apenas lamentou não ter conseguido castigar o Rei Wen em Qiaoli.

Estes dois governantes desfrutavam da vantagem posicional da força e da grandeza, mas, cultivando o Caminho da Humanidade e da Retidão, Tang e Wu procuraram as suas próprias falhas e não desistiram.
Que planos ousaram sequer conceber?

Se, no alto, desordenamos a claridade das três luminárias, e, em baixo, perdemos os corações das miríades do povo,
mesmo sendo Tang ou Wu — quem não seria capaz de usurpar o trono?

Agora,
se não procuras [os defeitos] em ti mesmo, mas, ao contrário, os buscas nos outros, o mundo ficará sem um único Tang ou Wu.
Se matas uma única pessoa, isso terá repercussões por gerações.

Além disso,
a razão pela qual Tang e Wu, embora em posições pequenas e fracas, puderam tornar-se reis, foi porque possuíam o Caminho.
A razão pela qual Jie e Djou, embora fortes e poderosos, acabaram por ser usurpados, foi porque não possuíam o Caminho.

Agora,
se não praticas os meios pelos quais alguém se torna rei, e, ao contrário, aumentas os meios pelos quais se é usurpado, isso é trilhar o caminho da destruição célere.

Quando o Rei Wu derrotou Yin, desejou construir um palácio nos Montes Wuhang.
O Duque de Zhou exclamou: “Isso não é permitido!
Os Montes Wuhang são um lugar íngreme, bloqueado, abrupto e escarpado.
Se agirmos de forma que a nossa Potência Moral os possa abranger, os que no mundo oferecem tributo e sabedoria voltar-se-ão para nós.
Se nos entregarmos à violência e à desordem, o mundo nos atacará quando estivermos em apuros.”

Por esta razão, ao longo de trinta e seis gerações, não houve uma única usurpação.
Pode dizer-se do Duque de Zhou que foi capaz de “compreender quando basta”.

13.12
O orangotango conhece o passado mas não conhece o futuro;
o ganso macho conhece o futuro mas não conhece o passado.
Tal é a distinção entre o longo e o curto.

Em tempos antigos, Chang Hong serviu como especialista calendárico na casa de Zhou.
No que toca ao *qi* do Céu e da Terra, aos movimentos do sol e da lua, às alterações do vento e da chuva, aos cálculos do calendário — nada lhe escapava.
Contudo, foi incapaz de conhecer-se a si próprio e morreu esquartejado, despedaçado por um carro de guerra.

Su Qin foi um mendigo comum, com sandálias de couro e o céu aberto por tecto, mas manipulou os governantes de dez mil carros e conquistou a admiração dos Senhores da Terra.
Mas não evitou a calamidade de ser despedaçado por uma carruagem.

O Rei Yan de Xu, tendo a compaixão e a bondade como cama e vestimenta, praticava pessoalmente a Humanidade e a Retidão, e mais de trinta e dois estados deslocaram-se por terra para se encontrar com ele.
Contudo, pereceu, o seu estado foi destruído, e os seus filhos e netos ficaram sem descendência.

O Grande Ministro Zhong auxiliou o Rei Goujian de Yue, vingou os seus agravos, lavou a sua vergonha, capturou Fuchai e abriu milhares de *li* de terra para cultivo.
Ainda assim, lançou-se sobre a espada *Shu Lou* e morreu.

Estes são todos exemplos de quem compreende o eixo da ordem e da desordem, mas não entende o fundamento de preservar a própria natureza.

Assim,

Chang Hong compreendia o Caminho do Céu, mas não compreendia os assuntos humanos;

Su Qin compreendia estratégias oportunas, mas não compreendia o destino e a sorte;

O Rei Yan de Xu compreendia a Humanidade e a Retidão, mas não compreendia a oportunidade; e o Grande Ministro Zhong compreendia a lealdade, mas não compreendia a estratégia.

Os sábios não são assim.

Eles avaliam a época e determinam as suas ações em conformidade; ponderam os assuntos e traçam as suas estratégias de acordo.

Por essa razão,

propagam-nas por todo o [vasto] mundo, mas não ficam isolados; encerram-nas dentro da [pequenez de um] xun e chang, mas não se veem obstruídos.

13.13

Quando [um governante] faz com que o mundo se torne desolado e caótico, os Ritos e a Retidão são cortados; os laços e vínculos são descartados.

Os fortes aproveitam-se dos fracos; os atacantes forçam a submissão dos vencidos; ministro e governante carecem de distinção hierárquica; o nobre e o humilde carecem de ordem de deferência; armaduras e capacetes ficam infestados de piolhos e pulgas; andorinhas e pardais fazem ninho nas tendas e toldos; os soldados não têm descanso.

Nesse momento, pode começar a adotar uma postura cautelosa e a realizar ritos reverentes, mas [será tarde demais e] será inevitavelmente destruído, sem possibilidade de restauração.

Quando [um governante faz com que] o mundo seja seguro e pacífico, a administração e a instrução são harmoniosas e equitativas; os cem nomes [isto é, o povo comum] são reverentes e afáveis; superiores e subordinados são mutuamente afetuosos.

Nesse ponto, [o governante] poderá começar a estabelecer um ambiente de brandura. [Se o fizer,] encorajará os corajosos e fortes e, assim, não poderá evitar submeter-se às leis daqueles que detêm autoridade.

Por esta razão,

os sábios podem ser yin, e podem ser yang; podem ser fracos, e podem ser fortes; em compasso com os tempos, são ativos ou imóveis; de acordo com a substância interior das coisas, estabelecem mérito.

Quando as coisas se ativam, conhecem os seus reversos;

quando os assuntos germinam, antecipam as suas alterações;

quando as coisas se transformam, agem à sua imagem; quando as coisas se movem, respondem a elas; por isso, até ao fim dos seus dias, são eficazes e livres de problemas.

13.14

Os precedentes e os assuntos [têm] alguns que podem ser praticados mas não discutidos, alguns que podem ser discutidos mas não praticados,

alguns que são fáceis de fazer mas difíceis de aperfeiçoar, alguns que são difíceis de aperfeiçoar mas fáceis de arruinar.

O que se entende por “pode ser praticado mas não discutido” é perseguir e abandonar.

O que se entende por “pode ser discutido mas não praticado” é mentir e enganar.

O que é “fácil de fazer mas difícil de aperfeiçoar” é a administração.

O que é “difícil de aperfeiçoar mas fácil de arruinar” é a reputação.

Estas quatro tendências são aquilo que os sábios veem de forma única e onde concentram as suas mentes.

Encolher-se até à pequenez de uma polegada ou estender-se até ao comprimento de um pé são coisas que os sábios fazem.

Minimizar os erros e maximizar os acertos são práticas do Homem Superior.

O Duque de Zhou teve de carregar o fardo de matar um irmão, e o Duque Huan de Qi era conhecido por competir com outros estados.

Contudo, o Duque de Zhou confiou na Retidão para compensar as suas falhas, e o Duque Huan confiou no seu mérito para erradicar o mal, de modo que ambos se tornaram homens dignos.

Agora, se por causa dos erros insignificantes de outros ocultas a sua bondade significativa, o mundo ficará desprovido de reis-sábios e ministros dignos.

Assim,

se no centro do olho há uma mancha, ela não prejudica a visão, [embora] não possa ser cauterizada com fogo.

Se no centro da garganta há um defeito, não prejudica a respiração, [embora] não possa ser cortado.

As colinas e montículos ao longo da margem do rio são demasiados para contar, mas [a margem] é ainda assim considerada plana.

Quando a água se agita e gera ondas, o alto e o baixo aproximam-se e podem diferir [em altura] por um xun ou um chang, e mesmo assim consideramos [a água] nivelada.

Em tempos antigos, Caozi comandou um exército em nome de Lu. Três vezes em batalha não saiu vitorioso e perdeu milhares de li de território. Se Caozi tivesse persistido nos seus planos e não recuado, se tivesse cravado os pés sem ceder, poderia ter tido a garganta cortada em Chenzhong ou terminado os seus dias como comandante cativo de um exército derrotado. Mas Caozi não se envergonhou da derrota nem morreu em desonra e sem mérito. [Em vez disso], durante a reunião interestadual em Ke, empunhou uma espada de três pés de comprimento e apontou-a ao abdómen do Duque Huan [de Qi].

Assim, os efeitos de três derrotas foram invertidos numa só manhã. A sua coragem foi celebrada em todo o mundo e os seus feitos foram estabelecidos no estado de Lu.

Guan Zhong assistiu o Príncipe Jiu, mas sem bom resultado. Não se pode dizer que fosse sábio. Fugiu apressadamente, sem morrer durante as dificuldades [do seu senhor]. Não se pode dizer que fosse corajoso.

Quando se está atado com grilhões e correntes e não se pode evitar a vergonha, não se pode dizer que se teve sorte.

Se corresponderes a estas três [formas de] conduta, o povo comum não te oferecerá amizade, e o governante dos homens estará desprovido de ministros verdadeiros. No entanto, Guan Zhong evitou as prisões, estabeleceu o governo do estado de Qi, uniu nove vezes os Senhores da Terra, e unificou e retificou o mundo. Se Guan Zhong tivesse procurado a morte sacrificando a vida e não [tivesse estado disposto a] mudar de planos, que mérito líder haveria nisso?

Agora, quando o governante dos homens avalia os seus ministros, se não calcula os seus feitos significativos nem avalia a sua conduta geral mas [em vez disso] procura os seus méritos triviais, perderá [o serviço de] homens dignos em número incalculável.

Assim, quando alguém possui grande Quantidade de Potência Moral, ninguém nota os seus pequenos assuntos, e quando alguém possui grande reputação, ninguém culpa as suas pequenas desculpas.

Uma poça na pegada de uma vaca não pode [servir para] gerar um esturjão.

Um favo de mel de abelha não pode conter um ovo de ganso.

Uma forma pequena não é suficiente para abraçar um corpo grande.

13.15

Agora, é da natureza essencial da humanidade possuir falhas.

De fato, se em geral forem corretos, mesmo cometendo transgressões menores, isso não será suficiente para se tornar um fardo.

Se em geral forem incorretos, mesmo com alguns feitos simples, não será suficiente para [os qualificar para] uma grande promoção.

Yan Zhuoju foi um grande bandido do [Monte] Liangfu, mas tornou-se um ministro leal do estado de Qi.

Duangan Mu foi um vigarista no estado de Jin, mas tornou-se mestre do Duque de Wen.

Meng Mao casou com a cunhada e teve cinco filhos com ela. Contudo, quando se tornou ministro em Wei, apaziguou os perigos e aliviou os sofrimentos.

Jing Yang era licencioso e bêbedo, soltava os ganchos de cabelo e forçava-se às suas esposas, mas subjugou os Senhores da Terra com o seu temor.

Estes quatro homens possuíam fraquezas, contudo a sua reputação meritória não foi apagada, pois a sua conduta geral foi eficaz.

Ji'ai e Chen Zhongzi estabeleceram a sua pureza com a sua conduta inflexível. Não entravam na corte de um governante corrupto; não comiam comida [produzida durante] uma época injusta. Subsequentemente, morreram de fome.

Será que não conseguiram sobreviver perante o perigo ou continuar [as suas linhagens] perante o extermínio?

À medida que os seus pequenos atos de pureza se expandiram, o significado da sua conduta geral encolheu.

Aqueles que são mesquinhos e cautelosos não alcançam grandes feitos.

Aqueles que calculam demasiado as suas ações não encontram aceitação entre as massas.

Uma pessoa de corpo grande tem juntas compridas.

Uma pessoa com passada larga pode ir alto e longe. Desde a antiguidade até ao presente, mesmo entre os Cinco Imperadores e os Três Reis, não houve nenhum que tenha aperfeiçoado completamente a sua conduta. Assim dizem os *Mudanças*: "Se pequenas transgressões prosperarem, será benéfico e auspicioso." Isto quer dizer que não há pessoa que não erre, mas espera-se que os erros não sejam grandes. Yao, Shun, Tang e Wu foram governantes eminentes do seu tempo. O Duque Huan de Qi e o Duque Wen de Jin foram os guerreiros valentes entre os Cinco Líders.

No entanto, Yao era tido como desamoroso; Shun caluniou o pai humilde; Tang e Wu estiveram envolvidos na libertação de assassinos; os Cinco Líders conceberam planos que levaram à tirania e à desordem. Por isso, o Homem Superior não coloca toda a culpa num só indivíduo. Se alguém é correto e íntegro, não o despedaça; se é incorruptível e honesto, não o estraçalha; se é amplo e penetrante, não o difama; se é civil ou marcial, não o repreende. Quando exige dos outros, fá-lo conforme a força deles. Quando se reforma a si próprio, fá-lo segundo a Potência do Caminho.

Se exigires dos outros de acordo com a sua força, será fácil obter o que desejas; se te cultivares confiando na Potência do Caminho, será difícil. E se for difícil, então a realização será elevada; se for fácil obter, procurar será suficiente. Nem mesmo a meia-lua de jade do clã Xiahou está livre de falhas ao ser examinada, nem a Pérola do Brilho da Lua está sem imperfeição ao ser classificada. Contudo, são tesouros do mundo. Porquê? Porque as suas pequenas falhas não comprometem a sua grande beleza. Se focares a mente nas falhas alheias e esqueceres as suas virtudes, enquanto procuras pessoas dignas por todo o império, será extremamente difícil encontrá-las.

Baili Xi a cozinhar o vitelo, Yi Yin a carregar o tripé, o Grande Duque a percutir a espada, Ning Qi a cantar em modo *shang*: a beleza estava nas ações, mas o povo via apenas as suas posições humildes e tratava-os com desdém, sem reconhecer o significado maior, considerando-os inúteis. Só quando ascenderam a posições como Filho do Céu, Duque ou Ministro é que começaram a ser reconhecidos como diferentes do homem comum. Um cozinheiro saído de entre os tripés, um glutão que saiu da loja do vinho, um pastor por baixo do corno de vaca, um criminoso libertado das correntes—lava-o, aquece-o, coloca-o no topo da dinastia ou faz dele um dos Três Duques, e ele não se envergonhará entre as grandes famílias nem entre os Senhores da Terra. Assim, saber que alguém é digno antes de os seus feitos se manifestarem foi algo que só Yao conseguiu ao reconhecer Shun. Mas conhecer o valor depois das conquistas é algo que qualquer um no mercado poderia ver.

Por isso, se por causa desta capacidade extraordinária se abandonam métodos e critérios e se vai procurar homens bons no mercado matinal ou nos matagais, certamente muitos serão perdidos. Porquê? Porque podes imitá-los na busca, mas não saberás os meios que usaram para escolher pessoas.

O que confunde as pessoas de hoje são as categorias comparativas. O que deslumbra as massas são coisas que se parecem de forma enganosa. A ferocidade, por vezes, é tida como sabedoria, mas não o é. A tolice pode parecer humanidade, mas não o é. A estupidez pode parecer coragem, mas não o é. Se as diferenças entre as pessoas fossem tão claras como entre jade e pedra, ou beleza e fealdade, avaliar seria fácil. Mas as confusões são como tomar *makind* por *Ligusticum*, ou *Cnidi fructus* por salsa-de-veado—parecem-se todas.

Um forjador pode não distinguir uma espada de Moye, mas Ou, o Fundidor, consegue. Um artífice pode duvidar se é jade Bilu, mas Qi Dun não se engana. Um senhor ignorante pode ser iludido por ministros sedutores que dizem que um homem vil se assemelha a um Homem Superior, mas só o sábio reconhece o oculto e compreende o evidente. Se uma serpente ergue a cabeça um pé, pode-se saber o seu comprimento; se um elefante mostra a presa, pode-se avaliar o seu tamanho. Zhuyongzi de Xue, vendo um fragmento de espada, já sabia do seu gume. Se misturássemos as águas dos rios Zai e Sheng, Yu Er e Yi Ya reconheceriam o sabor num só gole.

Assim, os sábios avaliam o valor observando uma única ação. Confúcio recusou o feudo de Colina do Celeiro, e nunca roubou salário; Xu You cedeu o império e não valorizou terras nem títulos. Assim, quem nunca se queimou não ousa pegar fogo porque sabe que queima; quem nunca se feriu não ousa pegar numa lâmina porque sabe que corta. Deste ponto de vista, o observador pode antecipar o que ainda está por vir, e ao observar pequenas coisas, conhece-se o todo.

Este é o Caminho para avaliar os outros: se forem nobres, observa o que louvam; se forem ricos, observa o que oferecem; se estiverem exaustos, observa o que recusam aceitar; se forem humildes, observa o que se recusam a fazer; se forem pobres, observa o que não tomam para si. Vê-os em tempos difíceis para conhecer a sua coragem; desperta neles alegria para ver a firmeza; tenta-os com bens para ver a Humanidade; amedronta-os com repulsa para ver o autocontrolo. Assim, os sentimentos dos outros revelar-se-ão por inteiro.

13.18

Na antiguidade, aqueles que mais se destacavam a recompensar, recompensavam poucos, e os muitos sentiam-se encorajados; aqueles que mais se destacavam a punir, puniam com moderação, e a licenciosidade era contida; os que se destacavam a dar, usavam de contenção e punham a Potência em prática; e os que se destacavam a tirar, envolviam os muitos e evitavam o ressentimento.

Quando o Visconde Xiang de Wei foi cercado em Jinyang, rompeu o cerco e recompensou cinco homens meritórios, sendo Gao He o primeiro a ser agraciado. Os que o flanqueavam à direita e à esquerda exclamaram: “Quanto às dificuldades em Jinyang, [Gao] não teve grande mérito, e ainda assim é o primeiro a ser recompensado. Porquê?” O Visconde Xiang respondeu: “Durante o cerco, os nossos altares do solo e do grão estavam em risco,

o nosso Estado e famílias em perigo. Entre os nossos inúmeros oficiais, não houve um só que não alimentasse um coração arrogante—apenas He não se desviou do ritual entre governante e ministro." Assim, por recompensar este único homem, todos os ministros do mundo, até ao fim das suas vidas, mostraram lealdade ao seu soberano. Eis um exemplo de como recompensar poucos encoraja muitos.

Quando o Rei Wei de Qi instalou o grande vaso *ding* no centro do seu tribunal, repreendeu o comandante de Wuyan, dizendo: "O teu renome chega-me diariamente aos ouvidos. [No entanto,] examinando os teus feitos, vejo que os campos cultivados estão cobertos de ervas daninhas, os celeiros vazios e as prisões cheias. Serves-me com traição." E mandou fervê-lo vivo. Durante trinta e dois anos, ninguém em Qi pegou em bens perdidos nas estradas. Um exemplo de punição comedida que erradica a traição.

O Duque Mu de Qin, em viagem, viu a sua carruagem avariar-se, e o seu assistente da direita perdeu o controlo dos cavalos, que foram capturados por camponeses. O Duque Mu perseguiu-os até à encosta sul do Monte Ji, onde viu os camponeses a cozinhar os cavalos e a comer. Disse: "Se comem a carne de um bom corcel sem a acompanhar com vinho, prejudicar-se-ão. Receio que esse mal vos atinja." Ofereceu-lhes bebida e partiu. Nesse mesmo ano, em guerra contra o Duque Hui de Jin em Hanyang, o Duque Mu foi cercado. Quando Liang Youma pegou nas rédeas dos cavalos para o capturar, os trezentos homens que haviam comido a carne do seu cavalo lutaram até ao fim sob a sua carruagem, derrotaram Jin e capturaram o Duque Hui. Assim se pratica a Potência com moderação.

O Duque Huan de Qi, querendo empreender uma expedição punitiva mas sem armamento suficiente, ordenou aos criminosos graves que contribuíssem com armaduras de couro de rinoceronte e uma alabarda; aos de crimes leves, que pagassem em ouro conforme a gravidade; e a quem perdesse um processo, que entregasse uma aljava de flechas. O povo rejubilou: endireitaram caules para fazer setas, fundiram metal para fazer facas, atacaram os injustos e puniram os que se desviavam do Caminho. Assim se tornou líder do mundo—trazendo os muitos e evitando o ressentimento.

Deste modo, os sábios alinham-se com o que o povo aprecia e encorajam o bem; alinham-se com o que o povo detesta e põem fim ao desregramento. Ao recompensar uma pessoa, todo o mundo louva; ao punir uma, todo o mundo teme. As melhores recompensas não são desperdiçadas; os melhores castigos não são excessivos. Quando Confúcio puniu o Vice-Diretor Mao, o mal foi travado em Lu; quando Zi Chan puniu Deng Xi, a licenciosidade cessou em Zheng. Usavam o próximo para avaliar o distante, o pequeno para conhecer o grande. Assim os sábios preservam a frugalidade e governam com amplitude. É disto que se trata.

13.19

No mundo, nada é mais fácil do que fazer o bem, e nada é mais difícil do que fazer o mal. Fazer o bem é estar em repouso e não ser ativo; fazer o mal é ser impulsivo e alimentar muitos desejos. Se te guiares pelos sentimentos e evitares excessos, nada te seduzirá nem desviará; se seguires a tua natureza e preservares a autenticidade, não haverá alteração de ti mesmo. Por isso digo: fazer o bem é fácil.

Escalar muralhas, esgueirar-se entre penhascos e barreiras, falsificar selos de autoridade, roubar ouro dos ofícios, cometer regicídio ou usurpação e aplicar punições em nome do soberano—tudo isto não está na natureza do ser humano. Por isso digo: fazer o mal é difícil.

As pessoas caem em crimes que conduzem à prisão ou sofrem mutilações legais porque os seus desejos são insaciáveis e não respeitam limites. Como sei isto? As leis dos magistrados em todo o mundo dizem: “Quem abrir túmulos será executado; quem roubar será punido.” São medidas para manter a ordem.

Ora, as leis apanham a maldade, e os grilhões seguem os crimes. Nem um marido tolo nem uma esposa ignorante desconhecem que o mal não traz escapatória e que violar proibições não traz perdão. Mesmo assim, filhos insensatos não contêm os desejos e cometem crimes puníveis com a morte ou a vergonha da mutilação judicial.

Após o início do outono, os soldados da justiça conduzem incessantemente criminosos aos portões da cidade, e o sangue dos executados jorra pelas ruas. Porquê? Porque cegos pelo desejo de lucro, ignoram a calamidade da pena de morte.

Imaginemos soldados alinhados em formação com exércitos frente a frente, e o comandante ordena: “Quem decapitar o inimigo será nobilitado; quem hesitar, será decapitado.” A linha da frente não avança por medo da morte; a retaguarda, incapaz de lutar, é executada. Evitam a morte e correm para ela. Assim, os reveses entre benefício e dano, entre sorte e desgraça, devem ser investigados.

13.20

Quanto às ações, há algumas que desejas realizar, mas as circunstâncias exigem que as abandones; há outras que queres evitar, mas as circunstâncias pedem que as persigas.

Havia um homem de Chu que embarcou num barco e foi apanhado por um tufão. As ondas erguiam-se sobre ele e, tomado pelo pânico, lançou-se à água. Não que não estimasse a vida nem temesse a morte, mas porque, por vezes, ao temer a morte, comete-se a contradição de esquecer a vida. Assim são também os desejos e anseios humanos.

Entre o povo de Qi, havia um homem que roubou ouro. Justo quando o mercado estava mais cheio, ele chegou, agarrou-o e fugiu. Quando foi detido e perguntaram-lhe: “Porque roubaste ouro no mercado?” Respondeu: “Não vi ninguém, só vi o ouro.” Quando a mente está ocupada com desejos, esquece-se do que faz.

Por isso os sábios observam cuidadosamente as alterações entre movimento e repouso, ajustam-se às medidas apropriadas de receber e dar, ordenam os sentimentos de gostar e detestar, e harmonizam-se com os momentos certos da alegria e da ira. Quando se alcança a medida certa entre movimento e repouso, evitam-se calamidades; quando o dar e receber estão em equilíbrio, os crimes não se acumulam; quando o gostar e detestar são ordenados, a ansiedade não se aproxima; quando a alegria e a ira ocorrem no momento certo, o ressentimento não penetra.

Aqueles que alcançaram o Caminho não são indiferentes a obter coisas, mas não são vorazes por riqueza; não abandonam o que têm, mas também não perseguem o que não

têm. Estão sempre plenos, mas não transbordam; perseveram no vazio, mas satisfazem-se com pouco. Agora, a chuva que pinga dos beirais é suficiente para encher até transbordar um vaso *hu*, mas as águas do Yangzi e do Amarelo não conseguem encher um copo *zhi* com fenda.

Assim é o coração humano.

Se te conformares com as Técnicas do Caminho, em medição e limite, a comida preencherá o vazio; a roupa protegerá do frio; e será suficiente para cuidar de um corpo de sete pés de altura. Mas se careceres dessas Técnicas e tentares conter-te apenas pela força de vontade, nem a vantagem de posição de dez mil carros te tornará honrado, nem toda a riqueza do mundo te fará feliz.

Sunshu Ao recusou três vezes o cargo de primeiro-ministro e, ainda assim, estava livre de preocupação — pois posição e salário não o enredavam. Ci Fei de Jing viu dois dragões escamosos enrolarem-se à volta do seu barco, mas o seu ânimo permaneceu sereno — criaturas estranhas não o perturbavam. Quando a mente dos sábios está regulada e a vontade tranquila, a essência e o espírito são preservados no interior, de modo que nada os ilude.

Um bêbedo ao tentar entrar pelas portas da cidade achará que são como a entrada do pavilhão feminino. Ao atravessar o Yangzi ou o Huai, achará que é uma vala de um *xun* ou *chang*. O vinho toldou-lhe o espírito. Um nervoso, ao ver um gnómon de pé à noite, julga ver um fantasma; ao ver uma rocha de forma estranha, julga ver um tigre. O medo agarrou-lhe o *qi*. Quanto mais isto não se aplicará às criaturas estranhas do mundo!

Quando macho e fêmea se unem, e yin e yang se abraçam, as aves produzem pintos e as feras geram crias. As partes moles tornam-se pele e carne; as duras, dentes e ossos. As pessoas não acham isso estranho. Da mesma forma, quando a água dá origem a escaravelhos e moluscos, ou as montanhas geram ouro e jade, não há espanto. Quando um velho olmo se incendeia espontaneamente ou sangue seco brilha no escuro, também não há espanto.

Mas se a montanha gera Xiao Yang, a água dá origem a Wangxiang, a madeira produz Bifang, ou os poços geram Fenyang, isso causa espanto. É que ouvimos e vemos estas coisas raramente, e por isso o nosso conhecimento delas é superficial. As coisas estranhas do mundo são conhecidas de forma única pelos sábios; os revezes entre benefício e dano são compreendidos de modo especial pelos conhecedores.

Já identificar e distinguir o duvidoso e o suspeito confunde e atrapalha o povo comum desta era. Porque os sábios veem aquilo que não pode ser divulgado livremente pelos Quatro Mares, e ouvem aquilo que não pode ser explicado às multidões, usam crenças em fantasmas e espíritos, em agouros e presságios para estabelecer proibições, generalizam formas e ampliam categorias para alterar aparências. Como sabemos isto?

Os provérbios populares dizem: “No grande sacrifício aos Altíssimos, um porco serve de animal supremo”; ou: “Ao enterrar um morto, não é preciso colocar-lhe as roupas de pele na cova”; ou: “Quando dois homens duelam, o Grande Antepassado bate-lhes no cotovelo”; ou: “Quem se deita com a cabeça na ombreira da porta, os espíritos pisam-lhe a cabeça.”

Mas nada disto está escrito nas leis ou nos ensinamentos orais dos sábios.

Que se diga que o porco é o sacrifício supremo não é porque seja superior ao veado ou porque os espíritos o apreciem mais, mas porque os camponeses criam porcos, e por isso são fáceis de obter — são honrados pela conveniência. Que não se enterrem roupas de pele com o morto não é por serem mais quentes que o algodão ou a seda, mas porque o mundo as vê como valiosas, transmissíveis à próxima geração. Sem utilidade para o morto, são úteis aos vivos, e por isso, pelo seu valor, evita-se usá-las como oferenda funerária.

Diz-se que o Grande Antepassado bate nos duelistas porque inevitavelmente surgirão ferimentos e, com eles, rancor. Um combate sem sangue degenera em luta mortal; um assunto menor termina em mutilação. Como os tolos não sabem conter-se, os sábios recorrem à figura do Antepassado para dissuadir.

Quanto a deitar-se com a cabeça na ombreira e os espíritos pisarem — se espíritos podem transformar-se, não precisam de portas ou janelas para entrar, nem podem pisar matéria. As ombreiras e janelas deixam passar o *qi* do vento — matéria grosseira de yin e yang. Quem a sofre adoece. Por isso, invocam-se os fantasmas para alertar.

Estas coisas não se registam em bambu ou seda nem se arquivam nos anais; por isso usam-se presságios e bênçãos para torná-las compreensíveis. Quando os ignorantes não reconhecem os próprios erros, recorre-se aos terrores dos fantasmas para os educar. Esta prática vem dos tempos antigos.

Se os crédulos acreditam nos presságios e os destemidos os rejeitam, só quem tem o Caminho pode discernir o que pensam.

Que hoje se sacrifique ao poço e ao fogão, ao portão e à porta, ao cesto, à vassoura, ao almofariz e pilão, não é porque os espíritos consumam as oferendas, mas porque se acredita no seu Poder e se deseja evitar calamidades. Assim, quem reconhece esse Poder não esquece a sua eficácia.

As nuvens tocam nas pedras e dissipam-se, espalham-se sobre cada palmo de terra e num só amanhecer trazem chuva ao mundo — isto só acontece no Monte Tai. Fluem sem cessar, mesmo quando o mundo arde em seca há três anos, e molham cem *li* de terreno, irrigando relva e árvores — apenas o Yangzi e o Huai fazem isso.

Por isso o Filho do Céu sacrifica-lhes conforme o seu posto.

Assim, se um cavalo salva alguém do perigo, é enterrado com a carapaça como mortalha. Se um boi é virtuoso, é sepultado com o assento de uma carruagem. Se bois e cavalos meritórios não são esquecidos, quanto mais as pessoas!

É por isso que os sábios valorizam a humanidade e abraçam a benevolência. Assim, Yan Di inventou o fogo e tornou-se o deus da cozinha; Yu deu tudo de si pelo mundo e tornou-se o deus da terra.

13.22

Hou Ji, ou Lorde Millet, inventou a sementeira e a colheita. Quando morreu, tornou-se o deus do grão. Yi, o Arqueiro, erradicou os males do mundo. Quando morreu, tornou-se o deus do templo ancestral. É por isso que se instituíram os sacrifícios a fantasmas e espíritos.

Havia um homem no norte de Chu que se tornara vigilante. Os seus filhos imploraram-lhe que desistisse, mas ele não os escutou. Uns bandidos locais organizaram uma busca em larga escala para o capturar. Acabaram por o descobrir, e ele fugiu de noite. Os bandidos alcançaram-no na estrada. Aqueles por quem ele se tinha empenhado lutaram por ele, e conseguiu escapar ileso, regressando a casa. Disse aos filhos: “Tentaram impedir-me de agir como vigilante. Agora houve problemas, e no fim escapei porque os outros me protegeram. As vossas advertências não serviram de nada.” Ele sabia como salvar-se em tempos de crise, mas não sabia como evitar o perigo desde o início. Se avaliares as coisas assim, não será o resultado incerto?

Um homem de Song estava prestes a casar a filha. Disse-lhe: “Este casamento pode não correr bem. Se fores expulsa, convém teres algumas poupanças. Se fores rica, será fácil voltares a casar.” A filha escutou o plano do pai, roubou algum dinheiro e escondeu-o. Quando o marido descobriu, expulsou-a de casa. O pai não a repudiou, pelo contrário, beneficiou do seu plano. Ele sabia que uma esposa expulsa devia ter economias, mas não compreendeu que tê-las podia ser a razão da expulsão. Avaliando assim os assuntos, não será o desfecho surpreendente?

Suponhamos que alguém procurava um carro para transportar carga e escolhia um único carro. Pensava que, se um só boi puxasse com toda a força, o eixo podia partir-se, por isso adicionou mais uma trave ao carro para o reforçar — sem saber que era precisamente essa pressão extra que fazia quebrar o eixo.

O rei de Chu usava um círculo de jade à cintura. Foi caçar coelhos e, com os movimentos, a joia partiu-se. Da vez seguinte, usou dois círculos de jade para estar prevenido. Mas os dois batiam um no outro, e partiram-se ainda mais depressa. Um governo caótico é muito semelhante a esses exemplos.

Os olhos da coruja são grandes, mas não vê melhor que o rato; os pés do milípede são muitos, mas não corre mais que a serpente. Entre as coisas do mundo, por vezes o que é grande não supera o pequeno, nem o que é numeroso supera o que é escasso.

A força escondida na fraqueza, a fragilidade que reside na força, o perigo contido na segurança, a sobrevivência que emerge da ruína — se não fosse pelo sábio, quem poderia ver tais subtilezas? Grandeza ou pequenez, honra ou desgraça, por si só não bastam para avaliar. Apenas o Caminho presente em cada coisa deve ser valorizado.

Como tornar isto claro? Quando o Filho do Céu se instala no seu pavilhão de subúrbio, os Nove Ministros acorrem a ele, os nobres acompanham-no; os sentados prostram-se, os encostados endireitam-se. E quando, para uma grande audiência no Mingtang, o Filho do Céu pendura o chapéu, retira a espada, solta o cinto e afasta-se — não é por o pavilhão ser largo ou o salão apertado, mas porque o mais honrado ali reside.

A nobreza do Caminho do Céu não depende daquilo que o Filho do Céu estima. Onde quer que o Caminho se manifeste, as massas acolhem-no. Quando os insetos saem da hibernação e os gaios fazem ninho, todos se voltam para o Supremo. A Harmonia Perfeita reside exatamente aí — e em nada mais.

Se o imperador abraçar sinceramente o Caminho e se mantiver na Harmonia Perfeita, então até aves e feras, relvas e árvores, não deixarão de cair sob a sua influência benevolente. Quanto mais o povo!

14.1

O Céu e a Terra, cavernosos e indiferenciados, o Bloco Bruto, caótico e não moldado, ainda não criado nem transformado em coisas: a isto chamamos o “Grande Um”. Quando tudo emergiu em conjunto desta unidade, e cada qual adquiriu as suas qualidades próprias, surgiram as aves, os peixes, os animais — a isto chamamos a “diferenciação das coisas”.

As regiões distinguiram-se pelas categorias; as coisas, pelas suas agrupações. As suas naturezas e destinos tornaram-se dissemelhantes; todas adquiriram forma no domínio do Ser. Separadas, não interligadas, diferenciadas como as miríades de coisas, nenhuma pôde regressar ao seu Antepassado. Assim, quando animadas, chamam-se vivas; quando mortas, dizem-se expiradas. Em ambos os casos, são coisas. Não é que não existisse o que fez as coisas serem coisas, mas aquilo que as faz ser não está entre elas.

Na antiguidade, no Grande Princípio, os seres humanos nasceram no Não-ser e ganharam forma no Ser. Com forma física, ficaram sujeitos às coisas. Mas aqueles que regressam à sua origem, como se ainda não tivessem adquirido forma, são chamados os “Verdadeiros”. São os que ainda não se separaram do Grande Um.

14.2

O sábio não se torna um cadáver por causa da fama; não acumula bens por causa de estratégias; não assume encargos por causa dos assuntos; não busca o governo por causa da sabedoria. Habita o Sem-forma, move-se no Sem-rasto, vagueia no Sem-princípio. Não inicia ações em busca da sorte, nem começa coisas para evitar o infortúnio. Permanece no Vazio e no Não-ser, e só se move quando não pode fazer de outra forma.

Os que desejam fortuna, por vezes colhem desgraça; os que buscam proveito, por vezes sofrem dano. Por isso, quem está seguro através da não-ação, põe-se em perigo ao perder o que o mantém seguro. Quem vive em ordem por não intervir, mergulha no caos ao perder o que mantém a ordem.

14.3

As estrelas dispostas no céu brilham. Por isso, as pessoas apontam para elas. A retidão manifesta na Potência Moral é evidente. Por isso, as pessoas observam-na. Aquilo para que se aponta manifesta-se porque se move; o que se observa deixa rasto porque age.

Quando há manifestação no movimento, haverá crítica; quando há rasto na ação, haverá julgamento. Por isso, o sábio oculta o seu brilho no Sem-forma e esconde os seus rastos na não-ação.

14.4

O Príncipe Qingji pereceu pela espada; Yi morreu sob a pancada de um bastão de madeira de pessegueiro; Zilu foi desmembrado em Wey; e Su Qin morreu por causa da sua eloquência.

Não há pessoa que não estime as suas forças e despreze as suas fraquezas. No entanto, ao se entregarem às suas forças, as fraquezas tornam-se evidentes. Assim, o que se valoriza assume forma concreta, e o que se despreza parece não deixar rasto.

Por isso, o poder de tigres e leopardos atrai arqueiros. A agilidade de macacos e símios convida à perseguição. Aqueles que sabem estimar as suas fraquezas e desprezar as suas forças podem participar nas discussões dos mais elevados princípios.

14.5

Os que confiam em si mesmos não se deixam mover pela calúnia ou pela lisonja. Os que possuem conhecimento suficiente não se deixam seduzir pelo poder ou pelo lucro.

Assim, aqueles que compreendem plenamente as qualidades genuínas da sua natureza não se esforçam por realizar aquilo que a sua natureza não pode cumprir. Aqueles que compreendem o seu destino não se preocupam com aquilo que está fora do controlo do destino.

Para quem compreende plenamente o Caminho, as coisas externas não bastam para perturbar a sua harmonia interior.

14.6

Zhan He disse: “Nunca ouvi falar de um governante que fosse ordenado na sua pessoa e cujo Estado estivesse em desordem. Nem ouvi dizer que alguém desordenado na sua pessoa tivesse o Estado bem governado.”

14.7

Se o esquadro do carpinteiro não é verdadeiro, não pode formar um quadrado. Se o compasso não é certo, não pode desenhar um círculo. A tua pessoa é o esquadro e o compasso de todas as tuas ações. Nunca ouvi dizer que fosse possível corrigir os outros corrompendo a si mesmo.

14.8

Traça até à origem o decreto do Céu, cultiva as técnicas da mente, regula gostos e aversões, segue a tua disposição e natureza — e o Caminho do autogoverno surgirá naturalmente.

Se traçares até à origem o decreto do Céu, não serás iludido pela sorte ou pelo azar. Se cultivares as técnicas da mente, não te perderás na alegria ou na ira. Se regulares os teus gostos e aversões, não cobiçarás o que é inútil. Se seguires a tua disposição e natureza, os desejos não ultrapassarão os limites apropriados.

Se não fores iludido pela fortuna, os teus movimentos e repouso seguirão os princípios naturais das coisas. Se não te perderes na alegria ou na ira, as tuas recompensas e punições não serão parciais. Se não cobiçares o inútil, não permitirás que o desejo prejudique a tua natureza. Se os teus desejos não ultrapassarem os limites, nutrirás a tua essência e conhecerás o contentamento.

Regra geral, estas quatro coisas não podem ser buscadas fora de ti, nem oferecidas aos outros. Só podem ser alcançadas retornando ao eu.

14.9

O mundo não pode ser moldado pelo conhecimento, nem discernido pela perspicácia; não pode ser governado por intervenção, nem subjugado por benevolência, nem conquistado pela força. Estes cinco são todos aspetos do talento humano.

Se a Potência não florescer, não serás capaz de realizar nenhum deles. Onde a Potência estiver estabelecida, os cinco não serão ameaçados. Mas onde estes cinco se manifestam por si mesmos, a Potência não se estabelece.

Assim, se alcançares o Caminho, até a estupidez será mais que suficiente; se o perderes, nem a sabedoria será bastante.

14.10

Ao atravessar um rio, se não tens a técnica de nadar, afogar-te-ás, mesmo que tenhas força. Se possuis essa técnica, cruzarás o rio, mesmo sendo fraco. Mas melhor ainda é confiar num barco.

14.11

A raiz do governo está em trazer segurança ao povo. A raiz da segurança está em usá-lo adequadamente. A raiz de o usar adequadamente está em não o afastar das tarefas sazonais. A raiz de não o afastar dessas tarefas está em reduzir as suas obrigações. A raiz da redução das obrigações está em moderar o desejo. A raiz da moderação do desejo está em retornar à natureza. A raiz de retornar à natureza está em remover os fardos da mente.

Se removeres os fardos da mente, o povo tornar-se-á vazio. Sendo vazio, será equilibrado. O equilíbrio é o início do Caminho. O vazio é a morada do Caminho.

14.12

Aqueles que conseguem governar o mundo certamente não perdem os seus Estados. Quem governa um Estado certamente não negligencia a sua família. Quem governa a família não descurará a própria pessoa. Quem cultiva a si mesmo não se esquece da

mente. Quem rastreia a mente até à origem não danifica a sua natureza. Quem preserva a sua natureza não se confunde quanto ao Caminho.

Assim dizia o “Mestre da Perfeição Ampla”: “Preserva com reverência o que está dentro; fecha completamente o que está fora. Saber demais leva à derrota. Não olhes. Não ouças. Abraça o espírito através da quietude, e a tua forma física se endireitará por si.”

Não seres capaz de o alcançar em ti, mas achares que o podes conhecer nos outros — isso nunca foi possível. Assim dizem os *Mudanças*: “Amarra-o num saco. Sem censura, sem louvor.”

14.13

Os que conseguem tornar-se reis ou líders são aqueles que conquistam. Os que vencem os inimigos são poderosos. Os poderosos usam a força dos outros. Os que usam essa força ganham o coração do povo. Quem ganha o coração do povo compreende o seu próprio. Quem compreende o seu coração é suave e frágil.

A força triunfa quando a dos outros não é comparável. Mas quando a força é igual, há resistência. A suavidade, no entanto, triunfa sobre o mais forte, pois o seu poder é ilimitado.

Assim, só o sábio consegue grandes vitórias onde outros falhariam.

14.14

Os que são exímios nadadores não estudam como mover um barco com um mastro, e mesmo assim manuseiam-no com facilidade. Os de músculos fortes não aprendem a montar, e ainda assim montam com destreza.

Aqueles que consideram leve a posse do mundo não deixam que o corpo se enrede no que é externo; por isso, podem ocupá-lo.

Quando o Grande Rei Danfu residia em Bin, o povo Dee atacou-o.

Ofereceu-lhes peles, sedas, pérolas e jade, mas eles não lhe deram ouvidos.

Danfu então despediu-se dos seus anciãos e mudou a sua residência para o sopé do Monte Qi.

Carregando os filhos ao colo e amparando os idosos, o povo comum seguiu Danfu, e ele estabeleceu ali um Estado.

Por este princípio, não será adequado dizer que a casa de Zhou conquistou o mundo em quatro gerações?

Aqueles que nada fazem deliberadamente para tomar posse do mundo são seguramente os que o podem governar.

14.15

A geada, a neve, a chuva e o orvalho trazem vida e morte às miríades de seres.

O Céu não age deliberadamente nestes assuntos,

contudo, o Céu é venerado por os realizar.

Escravizar-se com documentos civis e preocupar-se com decretos legais; gerir os gabinetes e manter o povo em ordem: [tais coisas são tarefas] dos funcionários.

O governante não intervém nesses assuntos, contudo é honrado por os realizar.

Quem cultivou os campos e recuperou as terras incultas foi o Senhor Millet;

quem desobstruiu o Rio Amarelo e dragou o Yangzi foi Yu;

quem ouviu os casos judiciais e os resolveu adequadamente foi Gao Yao;

contudo, quem obteve reputação de sábio por os realizar foi Yao.

Assim, se te apoiares no Caminho para dirigir o mundo, mesmo que te falte capacidade, utilizarás inevitavelmente os que são capazes.

Mas se não te apoiares no Caminho, mesmo que possuas grande perícia e arte, nada disso te trará benefício.

14.16

Suponhamos que estás a atravessar o rio num barco de casco duplo e um barco vazio vem na tua direção, colide contigo e vira o teu barco.

Mesmo que tenhas um temperamento violento, certamente não demonstrarás raiva.

[Mas] se houvesse alguém no [outro] barco, poderias primeiro ter gritado: "Regula a vela", e depois, "Mantém-te ao lado".

E se tivesses chamado duas ou três vezes sem resposta, certamente uma torrente de palavras insultuosas teria seguido o rasto do barco.

[Assim], embora no primeiro caso não ficasses zangado, no segundo caso ficarás; embora no primeiro caso estivesses vazio [de emoção], no segundo estarás cheio.

Mas, quanto àqueles que conseguem esvaziar-se [de emoções] e flutuar pelo mundo, quem os poderá criticar?

14.17

Se desprezares o Caminho e te apoiares no conhecimento, inevitavelmente estarás em perigo.

Se abandonares a técnica e empregares apenas o talento, inevitavelmente enfrentarás dificuldades.

Houve quem perecesse por ter demasiados desejos; nunca houve quem se visse em perigo por estar livre de desejos.

Houve quem desejasse a ordem mas sofreu desordem; nunca houve quem preservasse o que é constante e ainda assim perdesse o seu Estado.

Assim, embora o conhecimento [por si só] não baste para evitar problemas, a estupidez [por si só] não bastará para ameaçar a paz.

Se preservares estas distinções e agires de acordo com estes princípios, quando perderes, não te sentirás aflito, e quando venceres, não te sentirás feliz.

Pois, ao realizares algo, não é por teres agido deliberadamente, e ao conquistares algo, não é por teres procurado algo.

O que recebes, tomas sem [conscientemente] aceitar; o que dás, concedes sem [conscientemente] distribuir.

Se [nutrires] a vida em consonância com a primavera, e matares em consonância com o outono, aqueles a quem concederes a vida não te verão como alguém a exercer Potência Moral, e aqueles a quem deres a morte não te verão como alguém a expressar raiva.

[Assim] terás chegado perto do Caminho.

14.18

O sábio não comete ações erradas mas não odeia os que lhe fazem mal.

Cultiva Potência Moral digna de louvor mas não busca o louvor dos outros.

Não pode impedir que a má sorte surja mas confia que não a atrairá pessoalmente.

Não pode garantir que a boa sorte lhe acontecerá sempre, mas confia que não se deixará levar por ela.

[Assim,]

se a desgraça lhe ocorrer, por não ser algo que procurou, se falhar, não sente ansiedade.

Se a boa sorte lhe ocorrer, por não ser algo que procurou, se tiver sucesso, não sente orgulho.

Sabe que o que determina a boa ou má sorte está para além do seu controlo.

Assim, alegra-se em repouso e governa através da não-ação.

14.19

O sábio preserva o que já possui e não busca o que ainda não alcançou.

Se busca o que ainda não alcançou, perderá o que já possui.

Se cultiva o que tem dentro de si, o que deseja será obtido.

Assim,

aqueles que empregam um exército asseguram primeiro que não podem ser derrotados e depois esperam o inimigo que pode ser vencido.

Aqueles que governam um Estado asseguram primeiro que ele não pode ser capturado e depois esperam o inimigo que pode ser capturado.

14.20

Shun cultivou-se no Monte Li, e todos os que habitavam dentro dos Quatro Mares foram transformados pela sua influência.

O Rei Wen cultivou-se no Monte Qi, e o mundo foi comovido pelo seu exemplo.

Se Shun tivesse corrido atrás do benefício [de governar] o mundo, se tivesse abandonado o Caminho do Cultivo Pessoal, não teria conseguido preservar-se.

Como poderia então ter conquistado [nem que fosse] uma polegada de território?

Assim,

se o teu governo ainda não for suficientemente estável para evitar a desordem, e ainda assim intervieres para criar ordem, certamente encontrarás perigo.

Se a tua conduta ainda não for suficientemente segura para evitar censura, e ainda assim procurares ansiosamente estabelecer uma reputação, falharás com certeza.

Não há fortuna maior do que estar livre de calamidades.

Não há benefício melhor do que evitar a morte.

14.21

A questão do movimento é:

se não ganhares, perderás;
se não tiveres sucesso, fracassarás;
se não fores beneficiado, serás prejudicado.

Estas coisas são perigosas; quem segue tal caminho está em risco.

Assim,

Qin venceu os Rong [tribo] mas foi derrotado no Monte Yao.

Chu venceu os Estados Centrais mas foi derrotado em Boju.

Portanto,

o Caminho não permite buscar benefício através da força,
mas permite evitar dano através da tranquilidade.

Assim,

evita constantemente a má sorte, mas não procures constantemente a boa sorte.

Evita constantemente a censura, mas não procures constantemente feitos.

14.22

O sábio não tem deliberações conscientes; não tem ideias fixas.

Não acolhe o que chega nem despede o que parte.

Embora outros ocupem posições a norte, sul, este e oeste, ele só se fixa no centro.

Assim, depara-se com vários caminhos tortuosos, mas não perde a retidão; o mundo flui para cá e para lá, mas ele não abandona o seu templo ancestral nem a cidade murada.

Assim,

não encoraja o que gosta, nem evita o que não gosta;
segue simplesmente o Caminho do Céu.

Não toma iniciativa, nem assume autoridade pessoalmente;
cumpre simplesmente os Princípios do Céu.

Não planeia antecipadamente, nem perde o momento oportuno;
segue simplesmente os Tempos do Céu.

Não procura obter coisas, nem evita a boa sorte;
acompanha simplesmente os Padrões do Céu.

Não busca o que não possui, nem perde o que obteve.

Interiormente não sofre desgraças inesperadas; exteriormente não experiencia boa sorte inesperada.

Uma vez que nem a má sorte nem a boa sorte surgem, como poderão os outros prejudicá-lo?

14.23

Se praticares o bem, serás admirado. Se fizeres o mal, serás criticado. A admiração gera honra. A crítica gera ressentimento.

Assim, as Técnicas do Caminho não podem ser usadas para avançar e buscar reputação, mas podem ser usadas para recuar e cultivar a própria pessoa.

Não podem ser usadas para obter benefício, mas podem ser usadas para se afastar do prejuízo.

Assim, o sábio não se apoia na sua conduta para procurar fama, não se apoia no seu conhecimento para demonstrar mérito. Imita e segue o natural, para que nada o perturbe.

14.24

A antecipação não é superior às técnicas; agir não é superior à Potência; intervir não é superior ao Caminho.

Se agires deliberadamente, haverá coisas que não alcançarás. Se procurares coisas, haverá coisas que não obterás. Embora os seres humanos tenham os seus limites, nada há que o Caminho não penetre. Se competires com o Caminho, sofrerás infortúnio.

Assim, dizem os Cânticos:

"Sem os reconhecer, sem os conhecer, segue as regras do arco."

14.25

Ter conhecimento mas não agir com propósito é estar de acordo com o Caminho do não-conhecimento; ter capacidade mas não intervir é estar de acordo com a Potência do não-ter-capacidade.

Este conhecimento é tal que só quando alguém vem relatar-nos, percebemos que ele já agiu. Esta capacidade é tal que só depois de alguém o vir empregar, percebemos que ele já realizou a tarefa.

Quando ter conhecimento se assemelha a não ter conhecimento, e ter capacidade se assemelha a não ter capacidade, os Padrões do Caminho estão corrigidos.

Assim,

quando o teu mérito se espalha pelo mundo mas não evoca louvor, e quando a tua beneficência alcança as gerações futuras mas não granjeia fama,

os Padrões do Caminho prevalecerão [no mundo], e a artimanha humana será eliminada.

14.26

A reputação e o Caminho não podem brilhar ao mesmo tempo. Quando os homens prezam a reputação, o Caminho torna-se inútil. Quando o Caminho prevalece sobre os homens, a reputação desaparece.

O Caminho e os homens competem pela prioridade. O que embeleza o humano diminui o Caminho. Quando o humano é embelezado e o Caminho desaparece, o perigo está próximo.

Assim, quando uma época é famosa pela sua sabedoria, o dia do declínio do Caminho já chegou.

14.27

Quem deseja ter reputação póstuma, inevitavelmente pratica boas ações; quem deseja praticar boas ações, inevitavelmente inicia empreendimentos.

Se empreendimentos são iniciados, abandonarás o bem público e perseguirás interesses próprios, rejeitarás as técnicas e confiarás em ti mesmo.

Desejando angariar louvor pelas boas ações e estabelecer reputação de mérito, o teu governo não seguirá o precedente, e os teus empreendimentos não seguirão as estações.

Quando o governo não segue o precedente, suscitará inúmeras críticas. Quando os empreendimentos não seguem as estações, não trarão mérito. Quando as críticas são muitas e o mérito raro, e não possuis os meios para travar tais tendências, então

incitarás a imprudência, mesmo tentando ser adequado, e agirás imprudentemente, mesmo tentando acertar no alvo.

Se os teus empreendimentos tiverem sucesso, não bastará para travar as críticas; se falharem, bastará para causar-te angústia.

Assim, se valorizares fazer o que é aprovado tanto quanto fazer o que é reprovado, estarás próximo do Caminho.

14.28

Não é que o mundo careça de homens dignos de confiança.

É apenas que, na gestão de bens e na distribuição de riquezas, quando procuras invariavelmente fazer cálculos e distribuir em conformidade, deves considerar que pretender ser justo não se compara a não ter intenção alguma.

Não é que o mundo seja desprovido de homens honestos.

É apenas que, ao preservar coisas valiosas e preciosas, ao fechares as portas e selar os tesouros, deves considerar que o desejo de ser honesto não se compara a estar livre de desejos.

14.29

Se alguém te apontar falhas, desprezarás essa pessoa.

Mas se for um espelho a revelar-te as imperfeições, elogiarás o espelho.

Aqueles que conseguem relacionar-se com as coisas sem as tomar como pessoais, conseguem assim evitar entraves.

14.30

Gongsun Long tinha o dom da palavra, mas comprou a sua fama;

Deng Xi era um hábil disputador, mas confundiu as leis;

Su Qin era excelente em persuasões, mas perdeu a vida.

Se seguires o Caminho, destacar-te-ás por não te tornares notório;

se cumprires os seus princípios, serás hábil em não obter fama.

Assim,

os que confiam na esperteza para competir pela supremacia começam com yang, mas acabam sempre em yin.

Os que confiam na inteligência para governar um Estado começam com ordem, mas acabam sempre em desordem.

Se deixares a água fluir para baixo, quem não será capaz de a regular?

Mas se a forçares a subir, sem habilidade [excecional], não o conseguirás fazer.

Assim,

quando o ornamento exterior prevalece, a substância interior fica escondida.

Quando a depravação engenhosa triunfa, a retidão é bloqueada.

14.31

A Potência Moral pode ser usada para cultivar a si mesmo, mas não pode ser usada para tornar os outros tirânicos.

O Caminho pode ser usado para ordenar a si mesmo, mas não pode ser usado para tornar os outros desordeiros.

Mesmo que possuas as qualidades interiores de um digno ou sábio, se não encontrares uma era tirânica ou desordeira, poderás aperfeiçoar-te, mas não te tornarás líder nem rei.

Os reis Tang e Wu depararam-se com a tirania de Jie e Djou.

Jie e Djou não foram tirânicos por causa da dignidade de Tang e Wu, mas Tang e Wu encontraram a tirania de Jie e Djou e assim tornaram-se reis.

Assim, por mais digno que sejas, tornar-te rei depende sempre de encontrares o momento oportuno.

Encontrar o momento oportuno significa obter algo por acontecer no tempo certo.

Não é algo que se possa procurar e aperfeiçoar com conhecimento e capacidade.

14.32

O Homem Superior cultiva a sua conduta mas assegura que a sua bondade não lhe traga fama.

Estende a sua generosidade mas assegura que a sua humanidade não lhe traga notoriedade.

Assim,

os estudiosos praticam o bem mas não conhecem a fonte da sua bondade.

O povo desfruta dos benefícios [que recebe] mas não conhece a origem dos seus benefícios.

Assim,

se não agires, as coisas regular-se-ão por si mesmas.

Se a tua bondade se tornar manifesta, os funcionários disputarão [por estabelecer] reputações.

Se os teus benefícios [forem vistos como tendo] uma origem, o povo competirá para os obter.

Quando surgem estes dois tipos de competição, mesmo sendo um governante digno, não conseguirás governar.

Assim, o sábio esconde os seus rastos ao fazer o bem e oculta a sua reputação ao agir com humanidade.

14.33

Associar-se a estados estrangeiros para buscar auxílio e servir grandes estados para buscar segurança não se compara com estabelecer ordem dentro das tuas fronteiras e aguardar o momento oportuno.

Como regra geral, ao servir os outros, se não te apoiares no jade e na seda, seguramente usarás palavras humildes.

Se servires os outros por meio de jade e seda, uma vez dados os bens, os desejos [deles] podem não ficar saciados.

Se te humilhares e usares fala servil, uma vez proferidas as palavras, a relação pode não se consolidar.

Se concluíres um tratado e jurares um voto, uma vez estabelecido o tratado, ele pode ser revogado nesse mesmo dia.

Mesmo que reduzas o teu Estado por um *zi* ou um *chui* para servir os outros, e não sigas o Caminho da autossuficiência, isso não será suficiente para manter o teu Estado intato. Se deixares de perseguir esquemas de política externa e verdadeiramente te dedicares a cultivar os assuntos internos do teu Estado, desenvolvendo plenamente os recursos da terra para aumentar as reservas estatais, exortando o povo a evitar a morte reparando as muralhas da cidade, [de modo que] superiores e subordinados estejam de acordo, e governante e ministros partilhem a mesma vontade, e que em conjunto com os teus ministros preserves os altares do solo e do grão, e o povo se inspire a permanecer dentro do Estado mesmo perante a morte, então aqueles que aspiram a estabelecer reputação não punirão os inocentes, e os que procuram trazer benefício não atacarão os que são difíceis de vencer.

Seguramente, este é o Caminho para manter [um Estado] intato.

14.34

O povo tem um Caminho que seguirá de forma uniforme; O povo tem leis que cumprirá de forma uniforme. A retidão não consegue garantir segurança entre as pessoas; a coerção não consegue fazer com que o povo se una.

Assim, um governante é instituído para unificar o povo. Quando o governante agarra o Um, há ordem; quando lhe falta constância, há desordem.

14.35

O Caminho do Governo não é o meio através do qual se age;

é o meio através do qual não se age.

O que significa “não-ação”? [Significa que] os sábios não usam a sua posição para intervir; os corajosos não usam a sua posição para recorrer à violência; e os humanos não usam a sua posição para conferir bondade.

Isto pode ser chamado “não-ação”. Através da não-ação, podes agarrar o Um. O Um é a raiz das miríades de coisas.

É o Caminho que não encontra oposição.

14.36

Como regra geral, a natureza humana é brilhante e indisciplinada quando jovem, violenta e vigorosa na maturidade, e procura o benefício na velhice.

No decurso da vida, a pessoa passa por estas várias alterações. Quanto mais não será o caso de os governantes mudarem as leis inúmeras vezes e de os Estados mudarem de governantes!

Se as pessoas confiarem na sua posição na vida para satisfazer gostos e desgostos, não conseguirão trazer ordem àqueles que percorrem o Caminho.

Assim, quando o governante perde o Um e há caos, é pior do que não haver governante algum.

Assim, dizem os Cânticos:

“Não erres. Não esqueças.

Segue os regulamentos antigos.” — Isso exprime a ideia.

14.37

Quando o governante favorece o conhecimento, desprezará a oportunidade e confiará em si mesmo; abandonará a técnica e confiará na antecipação.

Como as coisas do mundo são extensas e o conhecimento é limitado, não é possível confiar no que é limitado para lidar com o que é extenso.

Quando o governante confia apenas no conhecimento, os seus erros inevitavelmente multiplicar-se-ão.

Assim, favorecer o conhecimento é uma política inferior.

Quando o governante favorece a coragem, subestimará o inimigo e será negligente com os preparativos defensivos; confiará em si e desprezará a ajuda dos outros.

Ao enfrentar um inimigo poderoso com a força de [apenas] uma pessoa, sem recorrer à multidão mas confiando apenas nas suas próprias capacidades, não sobreviverá. Assim, favorecer a coragem é uma política perigosa.

Quando o governante favorece a caridade, faltará um critério fixo para fazer distribuições.

Quando não há um critério fixo de distribuição no topo, os ressentimentos não cessam em baixo.

Se aumenta os impostos e enche os armazéns com excedente, o povo que ajuda desprezá-lo-á. Se apropria pouco e dá muito, o excedente não será suficiente. Assim, favorecer a caridade é um Caminho que apenas gera ressentimento.

Humanidade, conhecimento, coragem e força — constituem capacidades notáveis dos seres humanos, mas nenhuma basta para governar o mundo. Considerando a questão nesta perspetiva, não basta confiar nos dignos e capazes.

Contudo, é possível seguir as Técnicas do Caminho.

Isto é claro.

14.38

O sábio torna vitoriosa a sua mente; o homem comum torna vitoriosos os seus desejos.

O Homem Superior dissemina *qi* reto; o homem vulgar dissemina *qi* nocivo.

Aquilo que exteriormente se conforma com a Retidão, segue os Padrões ao agir, e não se deixa sobrecarregar pelas coisas externas, é *qi* reto.

Aquilo que é atraído por aromas e sabores apetitosos, excitado por sons e cores, movido por alegria e raiva, e alheio aos perigos futuros, é *qi* nocivo.

Qi nocivo e *qi* reto ferem-se mutuamente; desejos e natureza prejudicam-se mutuamente.

Não podem coexistir.

Sustenta um e o outro cai.

Assim, o sábio rejeita os desejos e segue a sua natureza.

Os olhos gostam de cor, os ouvidos gostam de sons, a boca gosta de sabores; ao entrarem em contato com essas coisas, deleitam-se sem compreender o benefício ou o dano que contêm. [Isto são] os desejos.

Quando comer não é benéfico para o corpo, quando ouvir não se conforma com o Caminho, quando ver não se ajusta à natureza, e quando os três órgãos dos sentidos [paladar, audição e visão] estão em conflito, aquilo que se apoia na Retidão para os controlar é a mente.

Quando cortas um furúnculo, não pode deixar de ser doloroso.

Quando bebes uma poção amarga, não pode deixar de ser desagradável.

Mas fazes estas coisas porque são boas para o corpo.

Se tens sede e bebes [demasiada] água, será certamente agradável, e se tens fome e comes uma refeição enorme, será certamente satisfatório.

Mas não deves fazer tais coisas, pois são prejudiciais à natureza.

Nestes quatro casos, os ouvidos, olhos, nariz e boca não sabem o que aceitar e o que rejeitar. Quando a mente os controla, cada um atinge o que é adequado.

Considerando a questão nesta perspetiva, os desejos não podem ser tornados vitoriosos. Isto é claro.

14.39

Para regular o corpo e nutrir a natureza, modera o sono e o descanso, sê apropriado na comida e na bebida, harmoniza a alegria e a raiva, e ajusta o movimento e a quietude.

Quando realizares estas coisas dentro de ti, o *qi* nocivo não terá meio de se formar. Não será isto semelhante a quem, temendo uma crise asmática ou o rebentamento de uma úlcera cutânea, toma precauções antecipadamente?

14.40

Agora, carne de boi a ferver num tripé de *ding* mantém afastadas moscas e mosquitos.

O jade das Montanhas Kunlun é denso, por isso a sujidade e o pó não o mancham.

O sábio não tem uma mente que rejeita, e no entanto a sua mente está livre de imperfeições; não possui uma beleza aquisitiva, e no entanto a sua beleza nunca se perde.

Assim, ao oferecer sacrifícios, pensa nos seus pais mas não procura bênçãos; ao banquetear convidados, cultiva reverência mas não pensa em como será retribuído.

Só aqueles que não perseguem as coisas são capazes de as possuir.

14.41

Quando os que ocupam uma posição honrada seguem o caminho do bem público e abandonam preferências pessoais, são reconhecidos como honrados mas não como dignos.

Quando os que possuem vastos territórios se apoiam em técnicas duradouras e evitam estratagemas secretos, são tidos como justos mas não como conhecedores.

Dentro [dos seus Estados], evitam atos violentos que suscitem o ressentimento do povo. Fora [dos seus Estados], evitam condutas dignas que incitem o ciúme dos Senhores da Terra.

A propriedade entre superior e inferior é conforme e não se desvia [do que é apropriado].

Aqueles que os julgariam ficam em silêncio, pois o que observam não é visível. É isto que se entende por “esconder-se no Informal”. Se não forem os que se escondem no Informal, quem então poderá dar forma ao que tem forma?

14.42

O Caminho das Três Dinastias era “seguir o curso natural das coisas”.

Assim, quando Yu dragou os rios Yangzi e Amarelo, seguiu as propriedades naturais da água. Quando o Senhor Millet espalhou sementes e plantou grão, seguiu as propriedades naturais da terra.

Quando Tang e Wu reprimiram a violência e a rebelião, agiram de acordo com a oportunidade.

Assim, o império pode ser alcançado, mas não pode ser apropriado.

O título de líder ou de rei pode ser conferido, mas não pode ser procurado.

Se te apoiares no conhecimento, outros discutirão contigo.

Se te apoiares na força, outros contenderão contigo.

Embora não possas garantir que os outros careçam de conhecimento, podes garantir que não possam usar o seu conhecimento contra ti.

Embora não possas garantir que os outros careçam de força, podes garantir que não possam usar a sua força contra ti.

Estas duas técnicas existem há muito tempo e têm sido longamente observadas.

Assim, se o governante não revela a sua dignidade, os Senhores da Terra não estarão em guarda.

Se não revela a sua estupidez, o povo não sentirá ressentimento.

Se o povo não sentir ressentimento, é possível obter a sua utilidade.

Se os Senhores da Terra não estiverem em guarda, é possível aproveitar os momentos oportunos do mundo à medida que surgem.

Quando os empreendimentos estão em sintonia com os da multidão, e os feitos dependem do momento oportuno para terem sucesso, o sábio não terá nada a fazer.

Assim diz o *Laozi*:
“Os tigres não têm onde cravar as garras; os rinocerontes não têm onde investir com os cornos.”

Este trecho refere-se provavelmente a situações como esta.

14.43

Um tambor não absorve sons; por isso pode produzir [vários] sons.

Um espelho não retém formas; por isso pode refletir [várias] formas.

Os sinos de metal e as campainhas de pedra têm a capacidade de emitir som, mas se não os golpeares, não soarão.

A flauta e as flautas de Pã têm a capacidade de emitir tons, mas se não soprares nelas, não produzirão som.

O sábio interioriza o que deve permanecer oculto e não é arrastado pelas coisas.

Quando os assuntos surgem, o sábio regula-os; quando as coisas aparecem, o sábio responde-lhes.

Aqueles que enfeitam o exterior prejudicam o interior.

Aqueles que se apegam às emoções ferem o espírito.

Aqueles que manifestam o refinamento exterior obscurecem a substância interior.

Aqueles que por um instante não esquecem a sua dignidade inevitavelmente obstruem a sua natureza.

Aqueles que a cem passos não esquecem a sua aparência inevitavelmente sobrecarregam os seus corpos.

Assim, quando as penas e asas são belas, prejudicam o esqueleto e a medula.

Quando folhas e ramos são belos, prejudicam as raízes e os caules.

De ambos poderem ser belos, não há caso em todo o mundo.

14.44

Embora o Céu possua luz, não se preocupa com a escuridão do povo. O povo fura portas e abre janelas e, por iniciativa própria, apropria-se da luz do Céu.

Embora a Terra possua recursos, não se preocupa com a pobreza do povo. O povo corta árvores e ceifa ervas e, por iniciativa própria, apropria-se dos recursos da Terra.

[Assim,] aqueles que aperfeiçoam a Potência e o Caminho são como colinas e montanhas. Solitários e imóveis, os viajantes tomam-nos como guias. Corrigem-se a si mesmos e encontram suficiência nas coisas. Não oferecem caridade aos outros, e os que os usam igualmente não recebem a sua bondade. Por isso são pacíficos e capazes de perdurar.

14.45

Como o Céu e a Terra não conferem coisas, não há nada a tomar.

Como o sol e a lua não demonstram bondade, não há nada a ressentir.

Aqueles que gostam de demonstrar bondade aumentam inevitavelmente os ressentimentos; os que gostam de dar invariavelmente elogiam o receber.

Só aqueles que ocultam os seus rastos na não-ação e seguem a naturalidade do Céu e da Terra conseguem tornar vitoriosos os seus padrões e abandonar o amor pela reputação.

Onde floresce a reputação, o Caminho não opera.

Onde o Caminho opera, as pessoas não têm estatuto.

Assim, onde surge o elogio, segue-se a injúria.

Onde aparece o bem, o mal segue-se.

14.46

O benefício é o ponto de partida do dano. A boa fortuna é o prenúncio da má sorte. Só aqueles que não perseguem a vantagem estão livres da desvantagem. Só aqueles que não perseguem o benefício estão livres do prejuízo.

Um marquês que procura tornar-se líder perderá inevitavelmente o seu estatuto de marquês. Um líder que procura tornar-se rei perderá inevitavelmente o seu estatuto de líder.

Assim, um Estado considera manter-se intato como o normal, tornar-se líder ou rei como a exceção extraordinária. Uma pessoa considera a vida como o normal, tornar-se rica ou nobre como a exceção extraordinária.

Só aqueles que não prejudicam o seu reino pelo mundo, nem a si próprios por um reino, podem ser dignos de confiança para o mundo.

14.47

Aqueles que não compreendem o Caminho abandonam o que já possuem e perseguem o que ainda não possuem.

Com mente angustiada e pensamentos ansiosos, tentam realizar precedentes erróneos.

Quando surge a boa sorte, sentem-se felizes.

Quando surge a má sorte, sentem-se assustados.

O espírito esgota-se com vários estratagemas; a inteligência cansa-se com vários assuntos.

A má e a boa sorte brotam, mas até ao fim da vida não se desviam, pois culpam os outros por aquilo que causaram a si próprios.

Infelizes e ansiosos, o seu centro nunca está equilibrado. Apegam-se ao que é não examinado. Isto é chamado de “vida imprudente”.

14.48

Quando o governante do povo favorece a Humanidade, os que não têm mérito são recompensados, e os culpados são perdoados. Quando favorece os castigos, os que têm mérito são ignorados, e os inocentes são punidos.

Só o governante que não tem preferências castiga sem [provocar] ressentimento, demonstra bondade sem [provocar] gratidão, age de acordo com o nível e respeita o cordel de medição, e não intervém pessoalmente. Como o Céu e a Terra, não há nada que não cubra ou apoie.

Assim, o que unifica e harmoniza é o senhor; o que controla e pune é a lei. Quando o povo recebe os seus castigos sem ressentimento nem ódio, a isto se chama “O Caminho”. Onde o Caminho é vitorioso, o povo não tem nada a fazer.

14.49

A roupa do sábio não é nem longa nem curta. A sua conduta não é nem extraordinária nem invulgar. A sua indumentária não atrai atenção. A sua conduta não suscita observação, e o seu discurso não incita críticas.

Quando tem sucesso, não é ostensivo. Quando é pobre, não teme. Quando é honrado, não se exibe. Quando é ignorado, não se sente despojado.

É extraordinário sem parecer invulgar. Está sempre em conformidade, mas identifica-se com a multidão. Não há forma de lhe dar um nome. A isto se chama “Grande Fusão”.

14.50

Quer subas ou desças, faças vénia com as mãos juntas ou cedas a outro, te movas depressa ou devagar, avances ou recues, fá-lo espontaneamente.

Se não forem inatos na tua pessoa por natureza, nenhum dos teus sentimentos espontâneos estará de acordo com eles. Faz as coisas que surgem espontaneamente e não abandones o quadro prescrito. É isso. Para quê aplicar precedentes?

Assim, os que cantam espontaneamente não se esforçam por parecer tristes.

Os que dançam espontaneamente não se esforçam por parecer graciosos.

Os que cantam e dançam sem esforço por parecer tristes ou graciosos [podem fazê-lo] porque em todos os casos não há nada enraizado na sua mente.

14.51

O jogador hábil não deseja a vitória nem teme a derrota.

Com mente tranquila e vontade estável, lança os dados de forma uniforme, e os seus movimentos seguem padrões definidos. Embora não vença sempre, acumula invariavelmente muitas vitórias. Porquê? Porque vencer é determinado pela técnica, não pelo desejo.

14.52

O condutor da carruagem não cobiça ser o primeiro, nem teme ser o último. Regula o passo do cavalo com as mãos e harmoniza a sua mente com o cavalo. Embora nem sempre vença, fá-lo sempre dar o seu melhor. Porquê? Porque vencer depende da técnica e não do desejo.

Por esta razão, quando erradicas o desejo, a técnica prevalece. Quando afastas o conhecimento, o Caminho estabelece-se.

14.53

Demasiados negócios empobrecem o mercador.
Demasiada arte esgota o artesão.
É porque as suas mentes não estão focadas numa só coisa.

Assim, quando a copa de uma árvore é vasta, a sua altura é comprometida.
Quando o leito de um rio é largo, a sua profundidade é sacrificada.

Se possuis conhecimento mas careces de técnica, mesmo que perfures com uma sovela, nunca atravessarás nada.

Se possuis cem tipos diferentes de competências mas careces de um único Caminho, mesmo que realizes coisas, não conseguirás sustentá-las.

Assim dizem os Cânticos:

“O homem bom, o Homem Superior, a sua propriedade é una.
A sua propriedade é una.
O seu coração é como que atado.”

Quão ligado à unidade está o Homem Superior!

14.54

Shun dedilhou o *qin* de cinco cordas e cantou os poemas dos “Ares do Sul”, e com isso governou o mundo.

O Duque de Zhou, antes que as carnes finas fossem retiradas de diante de si e antes que os sinos e tambores fossem descidos das suas cordas, já tinha assistido o Rei Cheng na pacificação do mundo.

Se uma pessoa mantém cem *mu* de terra, não terá tempo para o lazer, mas também nada o levará a partir.

[Mas] se dependes de Um Só Homem para ouvir as petições do mundo inteiro, todos os dias haverá excesso [de trabalho], e a governação será insuficiente.

[Por isso] emprega outros para gerir os assuntos.

14.55

Quem ocupa uma posição venerada é como o que representa os mortos num sacrifício; quem tem um cargo oficial é como o invocador.

Ainda que o representante dos mortos saiba esfolar um cão ou assar um porco, não o faz. [Assim], se não for capaz de o fazer, nada se perde.

Ainda que conheça a disposição correta dos pratos e travessas e a ordem de oferenda dos vários milhetes, não instrui os outros. [Assim], se for incapaz de ensinar, nada se perde.

Alguém incapaz de fazer preces e invocações não pode ser forçado a ser invocador, mas não há mal que represente os mortos.

Alguém incapaz de conduzir uma carruagem não pode ser forçado a ser cocheiro, mas não há mal que ocupe o assento do lado esquerdo.

Por isso, quanto mais venerado o posto, mais ocioso o ocupante. Quanto mais importante o cargo, menos deveres acarreta.

É como afinar um *qin*: as cordas curtas são apertadas, mas as longas têm de ser afrouxadas.

14.56

A não-ação é a substância do Caminho.
Seguir atrás é a forma exterior do Caminho.

Aqueles que não agem controlam os que agem; a isto se chama técnica.

Aqueles que seguem atrás controlam os que tomam a dianteira; a isto se chama a ordem apropriada das coisas.

Se te apoiares na técnica, serás forte.
Se compreenderes a ordem apropriada, serás calmo.

No caso do disco de jade do Sr. Bian, antes de o obter, estava à frente. Quando insistiu em oferecê-lo e não desistiu apesar da indignação, ficou atrás.

Se três homens vivem juntos e dois começam a discutir, cada um pensa que tem razão, e nenhum ouve o outro. Ainda que o terceiro seja um tolo, resolverá inevitavelmente a

disputa à margem. Isso não se deve à sua inteligência, mas sim ao fato de não estar a lutar.

Se dois homens lutam e um fraco está ao lado, se ajudar um deles, esse vencerá; se ajudar o outro, esse evitará a derrota. Ainda que os dois combatentes sejam fortes, [o resultado] será controlado pelo único fraco.

Isso não se deve à sua coragem, mas sim ao fato de não lutar.

Visto sob esta perspetiva, aqueles que seguem atrás controlam os que lideram, e os que estão parados vencem os agitados, porque seguem a ordem apropriada das coisas.

Desafiar o Caminho e abandonar a ordem apropriada na esperança de encontrar sorte; alterar normas constantes e mudar precedentes confiando na inteligência e no desejo de ocultar falhas; ignorar os próprios erros e reivindicar mérito; agir na escuridão e mudar as coisas imprudentemente; viver uma vida inteira sem consciência — tais ações chamam-se "imprudência".

Estar insatisfeito com o infortúnio e satisfeito com a boa sorte, arrepender-se dos erros e sentir-se realizado pelos méritos, avançar sem saber recuar — isto também se chama "imprudência".

14.57

Quando os teus círculos coincidem com o compasso, quando os teus quadrados coincidem com o esquadro do carpinteiro, quando o teu avançar é feroz e o teu parar é cortês, serás capaz de liderar um pequeno grupo de pessoas, mas não conseguirás liderar as multidões.

Quando cultivas a *polygonum* em filas, quando os teus copos cerimoniais têm bases, quando medes o milhete e o pilas, quando contas o arroz para o cozer, serás capaz de governar uma casa, mas não conseguirás governar um Estado.

Quando lavas o copo antes de beber, quando limpas o cálice antes de o erguer, quando tomas banho antes de oferecer comida, serás capaz de nutrir os idosos da tua casa, mas não conseguirás oferecer um banquete aos Três Exércitos.

14.58

Se não fores modesto, não poderás governar o que é grande.
Se não fores simples, não poderás unir as multidões.

A música mais sublime é invariavelmente modesta.
Os rituais mais sublimes são invariavelmente simples.

Sendo modesto, poderás ser como o Céu.
Sendo simples, poderás ser como a Terra.

A música mais sublime [provoca] nenhum ressentimento.
Os rituais mais sublimes não [suscitam] censura.

Todos os que habitam dentro dos Quatro Mares unir-se-ão ao teu governo, e assim serás capaz de te tornar imperador.

14.59

Quando a mente está agitada, mesmo que tenhas uma boa cama com esteiras macias, não te sentirás confortável.

Mesmo com uma refeição de arroz silvestre e carne de vaca suculenta, não acharás o sabor bom.

Mesmo com a música do *qin* e do *se*, e o som da flauta, não sentirás alegria.

Só quando as inquietações desaparecem e as agitações se dissipam é que a comida saberá bem, a cama parecerá repousante, a casa será segura e as viagens serão alegres.

Visto desta forma, a Natureza tem os meios para sentir alegria, e os meios para sentir tristeza.

Se promoveres o que não pode alegrar a tua natureza e prejudicares o que lhe traz alegria, mesmo possuindo o mundo e sendo reverenciado como Filho do Céu, não evitarás tornar-te um homem infeliz.

A natureza humana aprecia a paz e o silêncio, e detesta a discórdia e o ruído; aprecia o descanso e o lazer, e detesta o esforço e a labuta.

Quando a mente está consistentemente livre de desejos, diz-se que está “em paz”.

Quando o corpo está consistentemente livre de tarefas, diz-se que está “em repouso”.

Se deixares a mente vaguear na tranquilidade e abandonares o corpo ao descanso, esperando assim o decreto do Céu, encontrarás alegria por dentro e estarás livre de preocupações por fora.

Nem algo tão grandioso como o mundo te fará mudar a tua visão unificada.

Se o sol ou a lua se eclipsarem, isso não será suficiente para te fazer mudar de intenções.

Assim, ainda que sejas humilde, é como se fosses honrado; ainda que pobre, é como se fosses rico.

14.60

O Caminho mais elevado não tem forma. A Humanidade mais elevada não tem afeição. A disputa mais elevada não tem som. A honestidade mais elevada não tem modéstia. A coragem mais elevada não tem arrogância. Se não abandonares estas cinco, estarás a caminhar na direção certa.

14.61

Quando os exércitos lidam com ordens em demasia, tornam-se caóticos.

Quando o consumo de vinho está sujeito a restrições excessivas, surgem disputas.

Quando os exércitos se tornam caóticos, são derrotados. Quando há disputas, ocorre dano mútuo.

Portanto, aquilo que começa como belo e elegante acaba sempre por se tornar vulgar e vil.

O que começa com alegria acaba inevitavelmente em tristeza. Mas as coisas que começam com simplicidade terminam invariavelmente em perfeita harmonia.

Imaginemos que preparas bom vinho e comida saborosa para celebrar com os teus convidados, e os recebes com modéstia e palavras humildes, esperando assim criar uma convivência alegre. Contudo, ao disputares quem deve encher a taça do convidado, surge uma contenda. No decurso da disputa, ambas as partes se ferem, despertando a inimizade entre os clãs de cada um por três gerações. Assim, contrariamente às tuas intenções, provocaste precisamente aquilo que desprezavas. Tal é o perigo do vinho!

14.62

A falha dos Odes reside na sua parcialidade; a falha da Música está nas suas críticas; a falha dos Ritos está nas suas censuras.

14.63

Não é verdade que o tom *zhi* careça do som *yu*, ou que o tom *yu* careça do som *zhi*.

Dos cinco tons, nenhum está isento de harmónicos, mas é o tom dominante que determina o nome de uma nota específica.

Assim também, a Humanidade e a Retidão, a sabedoria e a coragem são igualmente possuídas pelo sábio,

No entanto, todas contribuem para a única designação de "sábio"; todas manifestam a sua grandeza.

14.64

O *qi* yang nasce no nordeste e atinge o seu auge no sudoeste.
O *qi* yin nasce no sudoeste e culmina no nordeste.
Desde o seu início, as evoluções de yin e yang estão sincronizadas.
Diariamente, [o que está a crescer] fortalece-se [dentro da sua própria] categoria.
Movendo-se lentamente e mantendo-se equidistantes entre si,
Um torna-se quente o suficiente para derreter areia;
O outro torna-se frio o suficiente para congelar água.
Assim, o sábio é cauteloso e circunspecto quanto ao que acumula.

14.65

A água sai das montanhas e corre para o mar; o grão cresce nos campos e é armazenado nos celeiros.

O sábio observa o início das coisas e conhece o seu fim.

14.66

Oferecemos cogumelos adstringentes sobre um tapete; oferecemos vinho escuro num cálice *zun*; oferecemos peixe cru num suporte *m*; oferecemos sopa sem sal num vaso *dou*.

Tais alimentos não agradam nem aos ouvidos nem aos olhos, nem satisfazem o paladar ou o estômago, mas os antigos reis valorizavam-nos, porque prestavam atenção primeiro à raiz e só depois aos ramos.

14.67

Quando o sábio se depara com as coisas do mundo, no meio de mil alterações e inúmeras evoluções, apoia-se invariavelmente naquilo que nunca se transforma para responder ao que está em constante transformação.

O frio e o calor estão em oposição.
Na estação do frio intenso, o chão racha e a água congela, mas a capacidade do fogo de queimar não se vê diminuída por isso.

Na estação do calor intenso, as pedras derretem e o metal funde-se, mas a capacidade do fogo de queimar não é por isso aumentada.

As alterações de frio e calor nem prejudicam nem beneficiam a sua pessoa, pois a sua substância interior permanece inalterada.

14.68

O sábio segue sempre atrás e não toma a dianteira; responde constantemente e não inicia; não avança para procurar coisas, nem recua para as rejeitar.

“Segui os tempos durante três anos; quando os tempos passaram, fui onde eles me levaram.
Fugi dos tempos durante três anos, por isso os tempos ficaram para trás.

Não tenho rejeição nem desejo — no centro encontro o meu lugar.”

O Caminho do Céu é isento de afeto; dá apenas àqueles que possuem Potência. Aqueles que possuem o Caminho não perdem o momento oportuno de se ajustarem aos outros, e aqueles que não o possuem perdem esse momento.

Se te retificares e aguardares o teu destino, quando chegar o momento propício, não poderás nem recebê-lo nem rejeitá-lo. Quer o impeças, quer procures a sua convergência, uma vez passado o momento oportuno, não o poderás perseguir nem alterar.

Assim, não dirás: “Nada fiz e, no entanto, o império continua distante.”
Nem dirás: “Nada desejo, mas o império não vem até mim.”

14.69

Nos tempos antigos, aqueles que preservavam a si mesmos rejubilavam na sua Potência Moral e esqueciam a sua condição humilde; por isso, a fama não podia alterar a sua vontade.

Rejubilavam no Caminho e esqueciam a sua pobreza; por isso, o lucro não perturbava as suas mentes.

Ainda que as preocupações com fama e lucro preenchessem o mundo, isso não era suficiente para alterar a sua vontade.

Assim,
eram puros e capazes de se alegrar;
eram tranquilos e capazes de viver em paz.
Assim, aqueles que governam a si mesmos são os com quem se pode falar do Caminho.

14.70

Ora, a diferença entre a tua própria vida e o tempo que remonta à Grande Vastidão é, de fato, enorme.

A diferença entre a tua morte e a eternidade do Céu e da Terra é imensa.

Gastar a duração da vida de uma única pessoa a preocupar-se com o caos do mundo é como preocupar-se com a falta de água num rio e tentar aumentá-la com as próprias lágrimas. A tartaruga vive três mil anos, enquanto a efémera não vive mais de três dias.

Se tentares prolongar a vida da tartaruga com a da efémera, as pessoas certamente se rirão de ti. Assim, aqueles que deixam de se preocupar com o caos do mundo e se alegram simplesmente em governar-se a si próprios são aqueles com quem se pode falar do Caminho.

14.71

Quando o Homem Superior pratica o bem, não pode garantir que isso lhe traga fortuna; quando recusa praticar o mal, não pode garantir que isso lhe evite a má sorte.

Se a boa fortuna chega, como não foi algo que procurou, não proclama os seus feitos; se a má fortuna chega, como não foi algo que provocou, não lamenta as suas ações.

Se cultivar o seu interior ao máximo e, mesmo assim, a adversidade e a má sorte surgirem, isso deve-se ao Céu e não à pessoa. Por isso, no seu íntimo, a mente está constantemente tranquila e serena, e a sua Potência Moral permanece desimpedida. Nem o ladrar de um cão o pode sobressaltar, pois confia naturalmente nas suas reações genuínas.

Assim, quem compreende o Caminho não se deixa confundir; quem compreende o destino está livre de ansiedade.

14.72

Quando o governante de um Estado com dez mil carros de guerra morre, enterram-se os seus ossos nas terras selvagens e presta-se culto ao seu espírito no *Mingtang*.

Isto porque o espírito é mais honrado do que a forma física.

Assim, quando é o espírito que regula, o corpo obedece; mas quando é o corpo que prevalece, o espírito dissipa-se.

A acuidade e a perspicácia podem ser utilizadas, mas é necessário regressar ao espírito. A isto se chama a “Grande Vacuidade”.

Traduzido por Sarah A. Queen

Quinze

UMA VISÃO GERAL SOBRE O MILITARISMO

15.1

Na Antiguidade, aqueles que recorriam ao poder militar não valorizavam a expansão territorial nem cobiçavam a posse de ouro e jade. Procuravam sustentar os que estavam a perecer, reviver linhagens extintas, pacificar o caos do mundo e eliminar o sofrimento das miríades de pessoas.

Todos os animais que possuem sangue e *qi*,

têm dentes e cornos.
Têm garras à frente e patas atrás.
Os que têm cornos, investem com eles;
os que têm dentes, mordem;
os que têm veneno, picam;
os que têm cascos, dão coices.

Quando estão felizes, brincam uns com os outros;
quando se irritam, ferem-se mutuamente;
esta é a sua natureza nascida do Céu.

Os humanos têm instintos de vestir e alimentar-se, mas os bens materiais são escassos.

Assim, agrupam-se em diferentes locais. Se a divisão não é equitativa, se as necessidades não são satisfeitas, surgem conflitos. Quando há conflitos, os fortes ameaçam os fracos e os corajosos atacam os covardes.

As pessoas não têm músculos e ossos fortes nem garras e dentes afiados, por isso:

cortam couro para fazer armaduras;
forjam ferro para fazer lâminas.

Os gananciosos e cruéis brutalizam e saqueiam o mundo. As miríades de pessoas ficam perturbadas; não conseguem viver em paz com o que têm. Então o sábio ergue-se com firmeza, punindo os fortes e os violentos, e pacificando a era conturbada. Ele reprime o perigo e elimina a desordem.
Torna o impuro em puro; torna o ameaçado em seguro.

Assim, o povo não é interrompido a meio da vida.

As origens do poder militar são remotas!
O Imperador Amarelo guerreou com Yan Di;
Zhuan Xu combateu Gong Gong.
O Imperador Amarelo lutou nos campos de Zhuolu;
Yao combateu nas margens do Rio Dan;
Shun atacou os Youmiao;
Qi atacou os Youhu.

Desde o tempo dos Cinco Imperadores, ninguém conseguiu abolir o uso do militar, muito menos numa era de decadência!

15.2

O exército existe para conter os violentos e punir os desordeiros.

Yan Di causou uma conflagração, por isso o Imperador Amarelo capturou-o;
Gong Gong provocou uma inundação, por isso Zhuan Xu executou-o.

Se se lhes ensina o Caminho e os se guia com Potência, mas eles não ouvem, então mostra-se-lhes o poder marcial.
Se, mesmo assim, não obedecem, controla-se com armas e armaduras. Assim, o uso do exército por parte do sábio é como pentear o cabelo ou arrancar ervas daninhas: os que elimina são poucos, os que beneficia são muitos.

Não há mal maior do que matar inocentes para sustentar um rei injusto; não há calamidade mais profunda do que esgotar as riquezas do mundo para satisfazer os desejos de um só homem.

Se [o rei] Jie de Xia e [o rei] Zhou de Yin tivessem enfrentado a calamidade logo ao prejudicarem o povo, não teriam chegado ao ponto de criar o “feixe de assar”.

Se [o duque] Li de Jin e [o rei] Kang de Song tivessem sofrido a morte pessoal e a destruição dos seus estados logo após um único ato de injustiça, não teriam chegado ao ponto de invadir, conquistar ou libertar tirania.

Estes quatro governantes cometeram pequenas transgressões e não foram punidos, e assim chegaram a perturbar o mundo, prejudicar o povo comum e prolongar a calamidade do reino, dando rédea solta ao desvio de um só homem. Isto é aquilo que o padrão do Céu não tolera.

Um governante é estabelecido para conter os violentos e punir os desordeiros. Ora, se alguém detém a força das miríades de pessoas e, em vez disso, pratica a crueldade e o roubo, é como um tigre que ganha asas.

Como não haveria de ser eliminado?

Quem cria peixes num lago tem de afastar as lontras;
quem cria aves e animais tem também de afastar os lobos.
Quanto mais aquele que governa pessoas!

Assim, o exército de um líder ou de um rei é antecipado segundo normas, planeado com base na estratégia, e aplicado segundo a Retidão.

Não é usado para destruir os que sobrevivem, mas para sustentar os que estão a perecer.

Ao saber que o governante de um estado inimigo está a ser cruel com o seu povo, levanta o exército e aproxima-se das suas fronteiras.
Acusa o inimigo pela sua falta de Retidão; critica-o pelos seus atos excessivos.

Quando o exército atinge os subúrbios da capital inimiga, ordena às tropas:

“Não cortem árvores;
não perturbem os túmulos;
não queimem os cinco cereais;
não destruam propriedades;
não escravizem o povo;
não roubem os seis animais domésticos.”

Então emite um édito e proclama:

“O governante do reino de X desprezou o Céu e insultou os espíritos.

Prendeu inocentes; executou injustamente os irrepreensíveis.

Isto é o que o Céu pune, o que o povo odeia.
A chegada do exército serve para afastar o injusto e restaurar o virtuoso.

Quem se opuser ao Caminho do Céu e conduzir aqueles que roubam o povo será morto e o seu clã exterminado.

Quem conduzir a sua família à obediência receberá rendimento para o seu lar;
quem conduzir a sua aldeia à obediência será recompensado com o controlo da aldeia;
quem conduzir a sua cidade à obediência receberá a cidade como feudo;
quem conduzir o seu distrito à obediência será feito marquês desse distrito.”

A conquista do reino não toca no povo; apenas remove o governante e altera o governo.

Honra os seus estudiosos excelentes e dá destaque aos dignos e bons; ampara os órfãos e viúvas e mostra compaixão pelos pobres e desesperados.

Liberta os injustamente presos; recompensa os que demonstraram mérito.

O povo comum abre as portas e espera-o; cozinham arroz e fornecem provisões, apenas temendo que ele não venha.

Foi assim que Tang e Wu se tornaram reis, e que [o duque] Huan de Qi e [o duque] Wen de Jin se tornaram líders.

Assim, quando o governante está sem o Caminho, o povo deseja o exército tal como anseia pela chuva na seca ou suplica por água na sede. Quem é que então erguerá armas contra tal exército? Por isso, concluir sem batalha é o supremo ideal de um exército justo.

15.3

Quanto ao exército nas eras posteriores, embora os governantes estejam sem o Caminho, nenhum deixa de cavar fossos, erguer muralhas e defender-se.

Os que atacam não o fazem para conter a violência ou eliminar o mal; querem invadir terras e expandir território. Por isso, os corpos amontoam-se e o sangue corre; enfrentam-se todo o dia, mas o feito de um líder não surge na época. Isso deve-se ao egoísmo.

Quem guerreia por território não pode tornar-se rei;
quem guerreia por si próprio não pode estabelecer o seu mérito.

Quem assume uma tarefa em nome de outros será ajudado pela multidão;
quem assume uma tarefa por conta própria será rejeitado pela multidão.

Quem é ajudado pela multidão tornar-se-á forte, mesmo sendo fraco;
quem é rejeitado pela multidão perecerá, mesmo sendo poderoso.

O exército é
fraco se perde o Caminho;
forte se o obtém.

O comandante é
inepto se perde o Caminho;
hábil se o obtém.

O que se chama Caminho incorpora o círculo e modela-se no quadrado,
apoia-se no yin e abraça o yang, é suave à esquerda e firme à direita,
caminha no obscuro e transporta a iluminação.

Altera-se e transforma-se sem constância; obtém a fonte do Uno e responde de forma ilimitada. A isto se chama “iluminação espiritual”.

O círculo é o Céu; o quadrado é a Terra.
O Céu é circular e sem fim — por isso, não se pode ver a sua forma;
a Terra é quadrada e sem limites — por isso, não se pode ver o seu portal.

O Céu transforma e nutre, mas não tem forma;
a Terra gera e cria, mas não tem medida.

Difusos e nebulosos — quem poderá conhecer a sua capacidade?

Todas as coisas têm aquilo que as vence;
apenas o Caminho é invencível.

É invencível porque não tem forma nem força constante.
Gira incessantemente, como o movimento do sol e da lua.

Tal como o verão e o outono se alternam, tal como o sol e a lua têm dia e noite, chega ao fim e recomeça; ilumina-se e escurece novamente.
Nenhum pode alcançar o seu padrão.

Controla a forma, mas é sem forma; por isso, o seu mérito pode ser completo.
Objetiva as coisas, mas não é um objeto; por isso, triunfa sem se submeter.

15.4

A forma/punição é o nível supremo do uso militar.
Chegar ao ponto de não haver forma nem punição pode ser chamado o supremo do supremo.

Por essa razão, o grande exército não fere; comunica com os fantasmas e os espíritos.
Não empunha as cinco armas e, mesmo assim, ninguém no mundo ousa opor-se-lhe.
Ergue os tambores mas não abre os arsenais, e todos os Senhores da Terra gelam de terror.

Assim,
quem guerreia a partir do templo torna-se imperador;
quem realiza a transformação espiritual torna-se rei.

O que se chama “guerrear a partir do templo” é moldar-se segundo o Caminho do Céu.
A transformação espiritual é moldar-se segundo as quatro estações.

Ele cultiva o governo dentro das suas fronteiras e os que estão longe anseiam pela sua Potência;
alcança a vitória sem combate, e os Senhores da Terra submetem-se à sua autoridade.
Isto porque, no seu interior, o governo está ordenado.

Na antiguidade, os que obtinham o Caminho na quietude modelavam-se no Céu e na Terra, e em movimento conformavam-se ao sol e à lua.
Na alegria e na ira correspondiam-se com as quatro estações; ao chamar e responder eram como o trovão e os relâmpagos.

A sua voz e respiração não se opunham aos oito ventos;
os seus movimentos de retração e expansão não excediam os cinco padrões.

Desde as criaturas com couraças e escamas, até às que têm pelagem e penas, tudo estava ordenado do início ao fim.
Entre os miríades de seres e as centenas de clãs, nenhum estava fora do seu devido lugar.

Por isso, o Caminho
entra no que é pequeno sem ser forçado,
aloja-se no que é vasto sem ser exposto.

Penetra o metal e a pedra;
lava as ervas e as árvores.

Desde o que se expande até aos limites das seis direções até à ponta de um fio de cabelo, nada se separa dele. A penetração do Caminho impregna o que é mais subtil.
Não há lugar onde não resida; é por isso que triunfa sobre os poderosos e os numerosos.

15.5

Na arte do arco, se a mira não estiver calibrada, o alvo não será atingido.

Num cavalo puro-sangue, se [mesmo] uma única tala não for usada, mil *li* não serão alcançados.

A derrota numa batalha não acontece no dia em que os tambores dão a ordem para avançar; o comportamento diário já há muito que está sem disciplina.

Assim, num exército que obteve o Caminho:

os calços não são retirados das rodas dos carros;
os cavalos não são selados;
os tambores não levantam pó;
as bandeiras não são desfraldadas;
as armaduras não saem das suas caixas;
as lâminas não provam sangue;
o tribunal não muda de local;
os mercadores não abandonam o mercado;
os agricultores não deixam os campos.

Quando o governante emite uma convocatória justa e os encarrega da missão, os grandes reinos prestam homenagem; as pequenas cidades submetem-se.

Ele segue os desejos do povo e canaliza a força popular eliminando a crueldade e expulsando os ladrões.

Assim,
os que valorizam o mesmo morrerão uns pelos outros;
os que partilham os mesmos sentimentos completar-se-ão mutuamente;
os que têm os mesmos desejos encontrar-se-ão;
os que odeiam o mesmo ajudar-se-ão.

Se alguém age em conformidade com o Caminho, o mundo responderá como um eco.
Se alguém planeia em conformidade com o povo, o mundo tornar-se-á sua arma.

Quando os caçadores perseguem caça, os carros correm e os homens correm também, cada um esgotando as suas forças. Não há ameaça de punição, mas repreendem-se por tropeçar e encorajam-se mutuamente, porque todos partilharão o benefício.

Quando pessoas na mesma embarcação atravessam um rio e de súbito enfrentam vento e ondas, os filhos dos cem clãs pegam rapidamente nos remos e remam o barco como se fossem as mãos direita e esquerda de uma só pessoa. Não competem entre si porque partilham o mesmo perigo.

Assim, o uso do exército por parte de um rei iluminado visa eliminar o sofrimento do mundo, e ele partilha os seus benefícios com o povo.
O povo trabalha como filhos para os pais, como irmãos mais novos para os mais velhos.
O impacto da sua força é como o colapso de uma montanha ou a ruptura de um dique — que inimigo ousaria enfrentá-lo?

Assim, aquele que é exímio no uso do exército usa [as pessoas] para bem delas próprias.

Se usares as pessoas para o bem delas, então ninguém no mundo deixará de poder ser usado.
Se as usares para o teu próprio bem, o que alcançarás será escasso.

15.6

O exército tem três fundamentos:

Para ordenar o reino, regula dentro das fronteiras.
Para efetivar Humanidade e Retidão, dissemina Potência Moral e Benevolência.
Para estabelecer leis corretas, bloqueia os caminhos desviantes.

Quando
os ministros reunidos estão intimamente unidos,
o povo comum vive em harmonia,
superiores e inferiores estão de acordo,
governante e ministro unem esforços —

os Senhores da Terra submetem-se à tua força, e os quatro cantos prezam a tua Potência Moral; governas a partir da sala do templo e exerces controlo além dos mil *li*; cruzas os braços, emites ordens, e o mundo responde como um eco.

Este é o uso mais elevado do exército.

Quando
o território é vasto e o povo numeroso;
o governante é digno e os comandantes leais;
o reino é rico e o exército forte;
os patos e proibições são confiáveis;
os éditos e ordens são claros —

os dois exércitos enfrentam-se;
os sinos e os tambores estão frente a frente;
mas o inimigo foge antes que os soldados se encontrem ou as lâminas se choquem.

Este é o uso intermédio do exército.

Quando
se compreende o que se adequa ao terreno,
se pratica o uso benéfico de passagens estreitas e obstruídas,
se discerne as variações entre o extraordinário e o habitual,
se investigam as regras de marcha e formação, dispersão e concentração —

amarram-se as baquetas aos antebraços e tocam-se os tambores...

As lâminas brancas cruzam-se;
as flechas voadoras são trocadas;
mergulha-se no sangue e pisa-se nas entranhas;
transportam-se os mortos e amparam-se os feridos;
o sangue corre por mil *li*;
cadáveres expostos cobrem os campos —
assim se decide a vitória.

Este é o uso mais baixo do exército.

Ora, todos no mundo sabem estudar os seus ramos, mas ninguém se resolve a cultivar a sua raiz.
Isto é abandonar a raiz e plantar os galhos.

São muitas as coisas que ajudam o exército a alcançar a vitória; mas são poucas as que garantem a vitória.

Se a armadura é resistente e as armas afiadas,
os carros sólidos e os cavalos excelentes,
as rações e equipamentos suficientes,
os oficiais e soldados numerosos —

estas são as grandes fundações do exército, mas a vitória não está aqui.

Se alguém compreende os movimentos das estrelas, planetas, sol e lua; as regras de rescisão e acumulação, e as artes ocultas;
as vantagens da retaguarda, frente, esquerda e direita —
são ajudas à guerra, mas a plenitude não está aqui.

Aquilo que assegura a vitória ao comandante excelente
é a sua posse constante de um saber sem origem,
um Caminho que não é Caminho.
É difícil de partilhar com a multidão.

15.7

Recrutar pessoal com meticulosidade,
agir com oportunidade no movimento e no repouso,
distinguir entre oficiais e soldados,
manter armas e armaduras,
ordenar os esquadrões em marcha,
organizar pelotões e companhias,
clarificar os sinais de tambores e bandeiras —
estas são funções do ajudante de campo.

Distinguir os acampamentos militares,
examinar minuciosamente o terreno,
escolher a localização do exército —
são tarefas do mestre de cavalaria.

Conhecer o terreno obstruído ou transitável à frente ou na retaguarda;
ao encontrar o inimigo, saber o que é difícil ou fácil;
emitir reprimendas para que não haja negligência nem indolência —
isto cabe ao comandante.

Assegurar que o deslocamento segue com rapidez,
que o transporte da bagagem é ordenado,
que o tamanho do acampamento é padronizado,
que a posição do exército é concentrada,
que os poços e fornos são cavados devidamente —
estas são tarefas do mestre-de-obras.

Recolher e armazenar suprimentos na retaguarda,
não deixar nada para trás ao mudar o acampamento,
garantir que não há carroças mal carregadas,
que não falta bagagem —
isto cabe ao intendente.

Estes cinco oficiais são para o comandante como os braços, pernas, mãos e pés para o corpo.
Deve escolher homens, avaliar os seus talentos,
e assegurar que cada oficial pode carregar a sua responsabilidade
e cada homem é capaz da sua tarefa.

Instrui-os com regulamentos;
aplica-os com ordens;
usa-os tal como

tigres e leopardos usam garras e dentes;
aves em voo usam as asas.

Nenhum é deixado de fora.
Contudo, todos são instrumentos que assistem a vitória;
não são aquilo que a garante.

15.8

A vitória ou derrota de um exército tem o seu fundamento no governo.

Se o governo domina o povo, os subordinados seguirão os superiores, e o exército será forte.
Se o povo domina o governo, os subordinados rebelar-se-ão contra os superiores, e o exército será fraco.

Assim,
se a Potência Moral e a Retidão bastam para abranger o povo do mundo,
se as tarefas e obras bastam para responder à urgência do mundo,
se a seleção e promoção bastam para conquistar os corações dos dignos e dos estudiosos,
se os planos e estratégias bastam para compreender o peso da força e da fraqueza —
esta é a raiz da vitória certa.

Território vasto e povo numeroso não bastam para tornar alguém forte;
armadura robusta e armas afiadas não bastam para garantir vitória;
muros altos e fossos profundos não bastam para assegurar segurança;
ordens severas e castigos complicados não bastam para conferir poder.

Aquele que pratica o governo da sobrevivência, ainda que o seu reino seja pequeno, certamente sobreviverá.
Aquele que pratica o governo da extinção, mesmo que o seu reino seja grande, certamente perecerá.

Na Antiguidade, o Reino de Chu tinha:

a sul, os rios Yuan e Xi a cercá-lo;
a norte, os rios Ying e Si a envolvê-lo;
a oeste, os estados de Ba e Shu como limite;
a leste, envolto pelos estados de Tan e Pi.

Com os rios Ying e Ru como valas defensivas;
os rios Yangzi e Han como fossos;
cercado pela Floresta Deng, protegido por muralhas.

As montanhas tocavam as nuvens;
os vales eram tão fundos que não havia sombras.
O terreno era vantajoso, as condições favoráveis;
os soldados e o povo corajosos e ousados.
Usavam couro de tubarão e peles de rinoceronte para fazer armaduras e elmos;
tinham alabardas longas e lanças curtas na vanguarda;
balestras repetitivas na retaguarda e carros em massa para proteger os flancos.

Ágeis como flechas, concentrados como trovões;
espalhados como vento e chuva.

Contudo,
os seus soldados tombaram em Chuisha;
as suas multidões foram desfeitas em Boju.

O poder de Chu estendia-se por metade do mundo.
Mas o Rei Huai, temendo o Senhor Mengchang a norte,
abandonou a defesa dos altares ancestrais e tornou-se refém do poderoso estado de Qin.

Com o exército derrotado e o território dilacerado, morreu sem voltar a casa.

O Segundo Imperador [de Qin] tinha a força do Filho do Céu e as riquezas do mundo.
Tudo o que era alcançado por pegadas humanas ou por barco fazia parte do seu domínio.

Mas caiu preso dos desejos dos olhos e dos ouvidos;
entregou-se à devassidão e à maldade.
Ignorou a fome, o frio, a pobreza e o sofrimento do povo.
Mobilizou dez mil carros de guerra e construiu o palácio de A-fang;
recrutou camponeses para guarnições e taxou mais de metade dos rendimentos.

Entre o povo, os que foram conscritos ou executados,
os que morreram agarrados ao eixo de uma carroça ou à beira da estrada,
eram miríades incontáveis todos os dias.

O mundo
estava febril como numa fornalha,
curvado como de tanto ser fustigado.

Superiores e inferiores não estavam em paz;
oficiais e povo não viviam em harmonia.

Chen Sheng, um soldado conscrito, ergueu-se em Daze.
Descobriu o braço direito e levantou-o proclamando:
“Grande Chu!” — e o império respondeu como um eco.
Naquele momento, ele não tinha armadura forte nem armas afiadas,
arcos potentes ou lanças endurecidas.

Cortaram tamareiras para fazer lanças;
limaram punções e cinzéis para fazer espadas;
afiaram bambu e pegaram em enxadas para enfrentar alabardas afiadas e balestras potentes —
e nenhuma cidade que atacaram ou terra que invadiram deixou de se render.

Agitaram-se e alastraram por vários milhares de *li*;
[Chen Sheng] tinha origem humilde e nenhuma vantagem em armas,
mas um homem ergueu a voz e o império harmonizou-se com ele.

Isto porque o ressentimento do povo tinha-se acumulado.

Quando o Rei Wu atacou Zhou, virou-se para leste e deu as boas-vindas ao ano novo —
quando chegou ao Rio Si, houve uma cheia;
quando chegou a Gongtou, uma montanha colapsou.

Um cometa surgiu e voltou a cauda em direção aos homens de Ying.
Durante a batalha, dez sóis agitavam-se no céu;
vento e chuva batiam em baixo.

Contudo,
na frente não havia recompensas pela coragem;
na retaguarda, não havia punições por fugir.

As lâminas limpas nunca chegaram a ser desembainhadas — e o império rendeu-se.

Por essa razão:
aquele que é exímio na defesa não pode ser superado;
aquele que é exímio no combate não pode ser atacado.

Ele compreende o Caminho de restringir entradas e abrir passagens.
Aproveita a força do momento, concorda com os desejos do povo,
e conquista o mundo.

15.9

Assim, quem é exímio a governar acumula Potência Moral;
quem é exímio no uso do exército armazena a cólera.

Quando a Potência Moral se acumula, o povo pode ser mobilizado;
quando a cólera é contida, o nosso temor pode ser estabelecido.

Assim, quando a nossa cultura é aplicada superficialmente, aquilo que se submete pela força será escasso.
Se a nossa Potência for exercida amplamente, aquilo que é controlado pelo nosso temor será vasto.

Quando o que é controlado pelo nosso temor é extenso, somos fortes e o inimigo é fraco. Portanto, quem é hábil no uso do exército enfraquece primeiro o inimigo, e só depois entra em batalha. Desta forma, o custo não chega à metade, e o efeito duplica naturalmente.

O território de Tang media setenta *li* de lado, e ele tornou-se rei. Isso porque cultivou a sua Potência Moral.
O Conde Zhi possuía mil *li* de terra — e pereceu.
Porque era exclusivamente marcial.

Assim, um estado com mil carros que pratica a civilidade e a Potência tornar-se-á rei;
um estado com dez mil carros que se deleita no uso do exército perecerá.

Assim, um soldado completo é vitorioso primeiro, e só depois procura a batalha;
um soldado derrotado entra primeiro na batalha e só depois procura a vitória.

Se a Potência for igual, os muitos vencem os poucos.
Se a força for igual, os inteligentes vencem os tolos.
Se a inteligência for igual, então quem tem números captura quem não os tem.

Em todo uso militar, é necessário lutar primeiro no templo.

De entre os adversários, qual o governante mais digno?
Qual o comandante mais capaz?
Qual o povo mais obediente?
Qual o estado melhor ordenado?
Quem preparou mais provisões?
Quais as tropas melhor treinadas?
Quais as armaduras e armas mais eficazes?
Qual o equipamento mais eficiente?

Dessa forma, movem-se as peças na sala superior do templo e decide-se a vitória a mais de mil *li* de distância.

15.10

Aquilo que tem forma e contorno será visto e elogiado pelo mundo;
o que tem capítulos e versos será transmitido e estudado pelas eras.

Tudo isto são formas que se sobrepõem umas às outras.
Aquele que é habilidoso com as formas não as toma como modelo.
O que enobrece o Caminho é a sua ausência de forma.
Por não ter forma, não pode ser controlado nem coagido;
não pode ser medido nem governado;
não pode ser enganado nem iludido;
não pode ser alvo de intrigas nem planeamento.

As pessoas fazem planos contra quem tem sabedoria visível;
atacam quem tem forma visível;
emboscam quem tem números visíveis;
defendem-se de quem tem armas visíveis.

Aqueles que se movem, iniciam, giram, se esticam ou contraem podem ser enganados — não são hábeis.
O movimento do hábil é tão visível quanto um espírito e, no entanto, desloca-se como um fantasma; tão brilhante quanto as estrelas, mas atua na obscuridade.

Avançando e recuando, contraindo e expandindo — ninguém vê a sua forma ou contorno.

Surge como um martim-pescador e ergue-se como um *qilin*;
voa como a fénix e salta como o dragão.

Surge como um vendaval; corre como um relâmpago;
vence a morte com a vida; supera o declínio com vigor;
derrota a letargia com velocidade; controla a fome com abundância.
É como a água a apagar o fogo; como o calor a derreter a neve.

Para onde se pode ir onde ele não vá atrás?
Para onde se pode mover onde ele não chegue?

Por dentro, é vazio e semelhante ao espírito; por fora, sem vontade;
move-se sem forma; surge onde não se espera;
retira-se tumultuosamente; regressa inesperadamente.

Ninguém conhece o seu destino.

Súbito como o trovão e o relâmpago, veloz como o vento e a chuva,
como se brotasse da terra, como se caísse do céu —
ninguém consegue reagir nem defender-se.

Rápido como flechas e raios, quem o poderá igualar?
Ora escuro, ora brilhante — quem pode conhecer o seu início e o seu fim?

Antes que se veja o seu lançamento, já chegou.

15.11

Assim, o perito nas armas, ao ver a fraqueza do inimigo, aproveita-a e não descansa,
persegue-o e não o larga, pressiona-o e não o deixa escapar.

Ataca-o quando hesita; invade-o quando duvida.

É como trovão súbito que não dá tempo para tapar os ouvidos,
como relâmpago veloz que não dá tempo para proteger os olhos.

O hábil nas armas é como o som para o eco, como o gongo para o tambor.

Se uma partícula entra no olho do inimigo, não o deixa limpá-lo;
se exala, não o deixa inspirar.

Nesse momento, não olha para o Céu, não olha para a Terra;
não levanta a lança com a mão, não desembainha totalmente a arma.

Ataca como trovão, acerta como o vento, queima como fogo, submerge como onda.

O inimigo não sabe onde ficar quando parado, nem o que fazer quando em movimento.

Assim, quando os tambores soam e as bandeiras ondulam, nenhum dos que o enfrentam
não desiste ou desmorona.

Quem no mundo ousará exibir força ou manter disciplina diante dele?

Portanto, quem antecipa os outros vence;
quem espera pelos outros perde;
quem é guiado pelos outros morre.

15.12

Aquele cujos soldados permanecem imóveis mantém-se firme;
quem está concentrado e unido é poderoso;
quem distribui bem os deveres é valente;
quem tem dúvidas na mente foge;
quem tem força dividida é fraco.

Assim, se conseguires dividir os soldados do inimigo e fazer a sua mente vacilar, uma pequena parte da tua força será suficiente.
Se não conseguires dividir os seus soldados nem fazer duvidar a sua mente, mesmo muitas vezes a sua força não será suficiente.

Os soldados de Zhou eram um milhão — e tinham um milhão de mentes;
os soldados do Rei Wu eram três mil — e todos estavam concentrados e unidos.

Assim, mil homens com a mesma mente têm a força de mil homens;
dez mil com mentes diferentes não têm sequer a utilidade de um.

Quando comandante e soldados, oficiais e povo, se movem e descansam como um só corpo, pode-se responder ao inimigo e entrar em batalha.

Assim, se partes após o plano estar firme,
avanças após os deveres estarem atribuídos,
o comandante não tem dúvidas, os soldados não têm mentes separadas,
no movimento não há laxismo, no discurso não há palavras vãs, nas tarefas não há hesitação —
então, seguramente responderás ao inimigo com rapidez;
seguramente iniciarás ações com velocidade.

Assim, o comandante toma o povo como o seu corpo, e o povo toma o comandante como a sua mente.

Se a mente for sincera, os membros e o corpo serão próximos e unidos;
se a mente for duvidosa, os membros e o corpo rebelar-se-ão e fugirão.

Se a mente não for concentrada e unida, o corpo não terá disciplina nas ações;
se o comandante não for sincero e firme, os soldados não serão corajosos nem ousados.

Assim, os soldados de um bom comandante são como os dentes do tigre, como o corno do rinoceronte, como as asas das aves, como os pés do centopeia.

Podem avançar; podem recuar; podem morder; podem investir.

São fortes sem se ferirem entre si; são numerosos sem se prejudicarem; uma só mente os move.

Assim, quando o povo obedece com sinceridade, mesmo sendo poucos, nada há a temer;
quando o povo não obedece, mesmo sendo muitos, comportam-se como se fossem poucos.

Portanto, quando os inferiores não estão próximos dos superiores, a mente do comandante é inútil;
quando os soldados não temem o comandante, as suas formações não entrarão em combate.

15.13

Entre as defesas há aquelas que certamente resistirão; entre os ataques, há aqueles que certamente triunfarão — antes que as armas se cruzem ou os gumes se toquem, o ponto crucial entre a sobrevivência e a destruição já se formou.

O exército tem três tipos de força e dois tipos de peso.

Há a força do *qi*;
há a força do terreno;
há a força da circunstância.

Quando o comandante está cheio de coragem e despreza o inimigo;
quando os soldados são ousados e se alegram com a batalha;
quando, entre os três exércitos e no seio das miríades de tropas, a vontade deles salta até ao céu;
o seu *qi* é como um redemoinho;
o seu som, como trovão.

A sua sinceridade acumula-se e a sua essência transborda,
de modo que o seu poder recai sobre o inimigo — isto chama-se “força do *qi*”.

Trilhos montanhosos e passagens pantanosas, grandes montanhas e obstruções famosas, “espirais de dragão”, “picos de guarda-sol”, “caminhos de tripa de carneiro”, “portas de armadilha de peixe”: quando uma única pessoa defende a passagem, mil homens não ousam atravessá-la — isto chama-se “força do terreno”.

Aproveitar-se do cansaço e da fadiga do inimigo, da negligência e desorganização, da fome e sede, do frio ou calor extremos, empurrá-lo onde é instável, apertá-lo onde está disperso — isto chama-se “força da circunstância”.

Usar espiões com habilidade, preparar planos com cuidado, estabelecer emboscadas, esconder a forma, surgir onde não é esperado, impedindo assim que os soldados inimigos tenham defesa adequada — isto chama-se “peso do conhecimento”.

Quando as formações são corretas, a linha da frente é de elite, avançam e recuam em conjunto;
as unidades e esquadrões mantêm-se coesos;
a frente e a retaguarda não se restringem mutuamente;
a esquerda e a direita não se atrapalham entre si.

Quando os próprios feridos são poucos e os inimigos feridos são muitos — isto chama-se “peso do treino”.

Quando a vantagem e a força estão claramente estabelecidas, os oficiais e soldados são concentrados e excelentes, os capazes são escolhidos e os talentosos são empregados; cada posto encontra a pessoa certa.

Quando os planos estão definidos e as estratégias decididas, a vida e a morte tornam-se claras.

Quando atacar e recuar ocorre no tempo certo e todos estão em alerta,
antes que se usem aríetes ou escadas de cerco, a cidade já está tomada;
antes que em combate as armas se cruzem ou os gumes se encontrem, o inimigo já está derrotado.

Isto é estar iluminado quanto às artes da vitória certa.
Assim, se não se tem certeza da vitória, não se cruzam lâminas precipitadamente;
se não se tem certeza da conquista, não se lança o ataque impulsivamente.

Só após a vitória ser segura se entra em batalha;
só após a balança pesar, se avança.

Assim, as massas formam-se e não se dispersam em vão;
os soldados partem e não retornam sem fruto.

15.14

Ao mover-se, só quem não faz um único movimento arranha o céu e abala a terra.

Ergue o Monte Tai, bloqueia os Quatro Mares, move e desloca fantasmas e espíritos, assusta aves e bestas — quando alguém assim se ergue, nas aldeias ninguém estuda as armas, e por todo o reino não há cidades fortificadas.

Enfrenta a agitação com calma, corresponde ao caos com ordem, não tenhas forma e controla o que tem forma, não tenhas propósito e responde às alterações.
Ainda que isso não te permita vencer o inimigo, certamente não lhe deixará caminho para a vitória.

Se o inimigo se move antes de mim, com isso vejo a sua forma.
Se ele se agita e eu permaneço imóvel, com isso posso obstruir a sua força.
Quando a sua forma é visível, a vitória pode ser construída.
Quando a sua força é impedida, o meu poder pode ser estabelecido.

Observa os seus propósitos e adapta-te a eles;
observa o seu desvio ou retidão e, com isso, controla o seu destino;
oferece-lhe o que deseja e bloqueia a sua satisfação.

Se tem uma fenda, penetra nela rapidamente.
Contorna as suas alterações e prende-o;
sonda os seus ritmos e desequilibra-o.

Se o inimigo retorna à quietude, apresenta-lhe o inesperado;
se não responde, extingue-lhe unilateralmente a sensação de segurança.

Se eu me movo e ele reage, posso ver os seus propósitos;
se ele hesita, provoco-o a mover-se;
se acumulou algo, certamente há algo que lhe falta.
Se as suas melhores tropas viram à esquerda, apanha o seu flanco direito;
se o inimigo rompe e foge, a sua retaguarda pode certamente ser atacada.

Quando o inimigo está pressionado e não se move, isso chama-se “estagnação”.

Ataca como trovão; corta como se corta erva ou árvores; queima como fogo ou relâmpago.

Tens de ser rápido — para que os seus homens não tenham tempo de fugir, os seus carros não rolem,
as suas armas pareçam paus, as suas balestras pareçam chifres de carneiro.

Mesmo que os seus homens sejam numerosos, a tua força será tal que ele não ousará atacar.

15.15

De todas as coisas que têm imagem, nenhuma existe que não possa ser vencida;
de todas as que têm forma, nenhuma existe para a qual não haja resposta.

É por isso que o sábio reside no Vazio e deixa a sua mente vaguear pela Ausência.

O vento e a chuva podem ser bloqueados, mas o frio e o calor não podem ser contidos — porque não têm forma.
Só o que é informe pode impregnar o subtil, penetrar o metal e a pedra, alcançar a maior distância, elevar-se acima dos Nove Céus e enrolar-se sob as Fontes Amarelas.

Aquele que é hábil no uso das armas deve atacar a desordem [do inimigo], não a sua ordem.
Não ataques filas bem alinhadas;
não investidas contra bandeiras firmes.

Se o comportamento do inimigo ainda não é visível, enfrenta-o com forças iguais.
Se ele apresenta a forma da morte, segue-o e controla-o.
Se tem vantagem numérica, permanece oculto enquanto te moves.
Se enfrentas a plenitude com a carência, serás certamente vencido.

Se tigres e leopardos não se movessem, não cairiam nas armadilhas;
se cervos e alces não se movessem, não seriam apanhados em redes;
se aves não voassem, não seriam apanhadas em armadilhas;
se peixes e tartarugas não se movessem, não seriam pescados.

Entre todas as coisas, nenhuma escapa ao controlo do movimento.
Por isso, o sábio valoriza a imobilidade.

É imóvel e assim pode responder à agitação;
segue e assim pode responder ao que lidera;

é astuto e assim derrota o grosseiro;
é vasto e assim captura o deficiente.

15.16

Assim, no uso dos soldados por parte do bom comandante, une-se a mente deles;
concentra-se a força deles;
os valentes não avançam sozinhos;
os medrosos não recuam sozinhos.

Em repouso, são como colinas e montanhas;
soltos, como vento e chuva.
O que atingem quebra-se com certeza;
nada escapa ileso ou seco.

Movem-se como um só corpo; ninguém consegue reagir nem defender-se.

Cinco dedos batendo em sequência não são melhores que a mão fechada em punho;
dez mil homens a avançar um a um não são melhores do que cem que chegam em conjunto.

Tigres e leopardos são mais rápidos;
ursos e grizzlies são mais fortes —
mas os homens comem a sua carne e fazem tapetes das suas peles porque não conseguem comunicar conhecimento nem unir a força.

A água vence o fogo —
mas se a Torre Zhanghua ardesse e se tentasse apagá-la com conchas e colheres, mesmo esvaziando um poço e drenando um lago, seria inútil.
Se se pegarem potes, jarras, tigelas e bacias para molhá-la, a extinção do fogo é apenas questão de tempo.

Ora, os humanos não têm em relação aos outros humanos a vantagem da água sobre o fogo,
e se quiserem que os poucos igualem os muitos, é claro que não conseguirão.

Um dos provérbios militares diz:
“Os poucos podem enfrentar os muitos.”
Isto refere-se ao modo de comando, não ao combate direto.

Alguns comandam muitos e usam poucos — por isso a sua força não corresponde ao número.
Quem comanda poucos e usa muitos aumenta a força funcional.

Se as pessoas empregarem plenamente os seus talentos e toda a sua força,
jamais se ouviu, desde a Antiguidade até hoje, que os poucos venceram os muitos.

15.17

Não há espírito mais nobre do que o Céu;
não há força mais versátil do que a Terra;
não há movimento mais veloz do que o tempo;
não há recurso mais vantajoso do que o povo.

Estes quatro são os pilares e troncos do exército,
mas devem apoiar-se no Caminho para operar —
porque o Caminho é o que une as suas funções.

A vantagem do terreno supera o Céu e o tempo;
estratégias engenhosas superam a vantagem do terreno;
a força supera o povo.

Assim,
quem confia no Céu pode ser desencaminhado;
quem confia na Terra pode ser apanhado;
quem confia no tempo pode ser pressionado;
quem confia nas pessoas pode ser enganado.
A humanidade, a coragem, a fiabilidade e a integridade são as qualidades mais elevadas entre os seres humanos. Contudo, o corajoso pode ser seduzido; o humano pode ser despojado;
o digno de confiança pode ser facilmente enganado;
o incorruptível pode ser facilmente alvo de intrigas.

Se o comandante de um exército tiver até mesmo uma destas [falhas], será feito prisioneiro.

Visto sob esta perspetiva, também se torna claro que a vitória nas armas é produzida pelo Padrão do Caminho, não pelo mérito do carácter humano.
Assim, cervos e alces podem ser apanhados com armadilhas; peixes e tartarugas podem ser capturados com redes; gansos e cisnes podem ser colhidos com o dardo e o fio.

Somente ao Sem Forma nada pode ser feito. Por esta razão, o sábio
habita no Sem Origem, para que os seus sentimentos não possam ser alcançados nem observados;
move-se no Sem Forma, para que as suas formações não possam ser atingidas nem rastreadas.

Ele não tem modelo nem protocolo;
faz o que é adequado ao que surge;
não tem nome nem forma;
modela uma nova imagem para cada mudança.

Quão profundo!
Quão distante!

Através do inverno e do verão, da primavera e do outono, acima alcançando o ramo mais alto,

abaixo sondando a profundidade mais funda, mudando e transformando, sem hesitar nem parar, fixa a sua mente no Campo do Profundo
Mistério e aloja a sua vontade na Fonte dos Nove
Retornos.
Mesmo com olhos aguçados, quem poderá detetar os seus sentimentos?

15.18

O que os soldados discutem em segredo é o Caminho do Céu;
o que traçam e desenham é o terreno;
o que falam abertamente são os assuntos humanos;
o que decide a vitória para eles é o peso e a força.

Assim, o uso de soldados por parte do comandante superior:
Acima alcança o Caminho do Céu, abaixo alcança o benefício do terreno;
entre ambos, alcança as mentes do povo. Move-os no momento crucial e lança-os repletos de força. É por isso que nunca tem exércitos desfeitos nem soldados derrotados.

Chegando ao comandante medíocre:
Acima, não compreende o Caminho do Céu; abaixo, não compreende o benefício do terreno; confia exclusivamente nas pessoas e na força. Embora não seja perfeitamente bem-sucedido, o seu saldo será, na maioria das vezes, de vitórias.

Quanto ao uso de soldados pelo comandante inferior:
É amplamente informado mas ele próprio está desordenado; tem muito conhecimento mas duvida de si mesmo; em repouso, tem medo; ao avançar, hesita.

Por esta razão, quando se move torna-se cativo do outro.

Agora, que duas pessoas cruzem lâminas. Se a sua habilidade ou desajeitamento não diferirem, o guerreiro mais corajoso vencerá certamente. Porquê? É pela sinceridade das suas ações. Se usares um grande machado em toros e lenha, não é necessário esperar por um momento propício ou por um bom dia para os cortar.
Se colocares o machado em cima dos toros sem esforço humano, ainda que estejas de acordo com a asterismo “Voo de Alcatraz” e em posse de corte e crescimento, nada cortarás porque não há força.

Assim,
quando a água se agita, seca-se;
quando uma flecha se agita, voa longe.

A ponta de uma seta feita de bambu Qiwei e revestida de prata e estanho não consegue, por si só, perfurar nem um colete de seda fina nem um escudo de folhas podres. Se lhe emprestares a força dos tendões e dos ossos, a potência do arco ou da besta, então perfurará armadura de rinoceronte e atravessará um escudo de couro!

A velocidade do vento pode chegar ao ponto de levar telhados ou partir árvores, mas se uma carroça vazia chega a uma grande via desde o alto de uma colina, alguém a empurrou. Por esta razão, a força de quem é hábil no uso das armas é

como libertar água acumulada de um dique com mil ren de altura, como fazer rolar pedras redondas para dentro de um desfiladeiro de dez mil zhang de profundidade.

Quando o mundo vê que os meus soldados serão certamente eficazes, então quem ousará enfrentar-me? Assim, cem homens dispostos a morrer valem mais do que dez mil que certamente fugirão; quanto mais o será a multidão dos três exércitos que entrarão no fogo e na água sem recuar! Mesmo que desafiasse o mundo inteiro a cruzar lâminas, quem ousaria ser o primeiro?

15.19

[Estes são] os chamados “divisões do Céu”:
O Dragão Verde-azulado à esquerda, o Tigre Branco à direita, o Pássaro Vermelhão à frente, o Guerreiro Negro atrás.
O que se chama “vantagens da Terra”?
Vida atrás e morte à frente, vales à esquerda e colinas à direita.
O que se chama “assuntos humanos”?
Recompensas fiáveis e punições certas, movimento e imobilidade oportunos, retirada e instalação céleres.

Estes são os modelos e sinais transmitidos pelas eras, e são veneráveis. Mas não são aquilo por que se sobrevive. Os [verdadeiros] modelos e sinais são aqueles que se alteram e transformam de acordo com os tempos. Assim,

Alguém está à sombra da sala superior e conhece o avanço do sol e da lua;
alguém vê o gelo no fundo do jarro e conhece as estações frias e quentes do mundo.
Aquilo por que as coisas dão forma umas às outras é subtil; só o sábio compreende o seu extremo.

Assim,
embora o tambor não esteja entre os cinco tons, é
o mestre dos cinco tons;
embora a água não esteja entre os cinco sabores,
mistura os cinco sabores;
embora o comandante não esteja entre os cinco oficiais, ele comanda os cinco oficiais.

O tambor pode harmonizar os cinco tons porque não está entre eles;
a água pode misturar os cinco sabores porque não está entre eles;
o comandante pode ordenar os assuntos dos cinco oficiais porque ele [próprio] não pode ser medido nem perscrutado.

Por esta razão, a mente do comandante é quente como a primavera, quente como o verão, fresca como o outono, fria como o inverno.
Conforma-se com as condições e transforma-se com elas, segue as estações e muda com elas.

15.20

Uma sombra não pode ser torta se a coisa [em si] for direita;
um eco não pode ser agudo se o som [em si] for grave.

Observa o que ele envia e responde a cada coisa com o que a derrota. Por esta razão, ergue a Retidão e move-te, promove a ordem e avança;

oculta os teus pontos nodais, e descarta os teus danos;
confia nas tuas forças e completa o teu objetivo.

Faz com que ele saiba a tua saída mas não o teu avanço;
que conheça a tua retirada mas não o teu acúmulo.

Sê primeiro como a raposa ou o cão-guaxinim, então ele avançará com facilidade.
Ao encontrar-te, sê como um rinoceronte ou um tigre, e então o inimigo fugirá.

Quando uma ave em voo mergulha, recolhe a cabeça; quando uma besta feroz ataca, esconde as garras.
O tigre e o leopardo não mostram os dentes; os cães que mordem não mostram os dentes.

Assim, o Caminho do uso das armas é
mostrar-lhes suavidade e enfrentá-los com dureza,
mostrar-lhes fraqueza e dominá-los com força,
fingir contrair e responder com expansão.

Quando o comandante quer ir para o oeste, mostra-lhes o leste.
Primeiro mantém-se distante, mas depois de envolver-se, à frente está escuro, atrás está claro.
Como fantasmas, sem deixar rasto; como a água, sem deixar marcas.

Assim,
para onde se dirige não é onde chega;
o que revela não é o que planeia.

Tomando, dando, movendo, descansando — ninguém o reconhece.

Como o estrondo do trovão, não se pode preparar para ele. Não repete [nenhuma táctica] que tenha usado, e por isso pode vencer sempre. Comunica com o Brilho Misterioso; ninguém conhece as suas entradas. Isto é o que se chama o Supremo Semelhante ao Espírito.

15.21

O que torna o exército forte é estar decidido à morte.

O que faz o povo decidir-se à morte é a Retidão.
O que permite que a Retidão seja praticada é o respeito reverente.

Por esta razão,
reúne-os com civilidade;
ordena-os com marcialidade.

Isto é o que se chama “obtenção segura”. Quando o respeito e a Retidão são praticados em conjunto, isto chama-se “força suprema”.
O que o povo valoriza é a vida, e o que teme é a morte.

Ainda assim,
diante de muros altos e fossos profundos, quando flechas e pedras caem como chuva; nas planícies abertas e pântanos largos, onde lâminas nuas se cruzam e chocam, os soldados competem para avançar e envolver-se com o inimigo. Não é que desprezem a morte ou se alegrem com ferimentos; é
porque as recompensas são fiáveis e os castigos são claros.

Por esta razão,
se os superiores considerarem os inferiores como filhos, os inferiores considerarão os superiores como pais.
Se os superiores tratarem os inferiores como irmãos mais novos, os inferiores tratarão os superiores como irmãos mais velhos.
Se os superiores virem os inferiores como filhos, certamente serão reis sobre os Quatro Mares;
se os inferiores virem os superiores como pais, certamente retificarão o mundo.

Se os superiores forem íntimos dos inferiores como irmãos mais novos, então [os inferiores] não acharão difícil morrer por eles.
Se os inferiores considerarem os superiores como irmãos mais velhos, então [os superiores] não acharão difícil morrer por eles.

Por esta razão, não se pode combater com oponentes que são [tão próximos como] pais, filhos, irmãos mais velhos e irmãos mais novos devido à benevolência acumulada ao longo de gerações.

Assim,
se os quatro cavalos não estiverem em harmonia, [mesmo] Zaofu não poderá viajar longe;
se arco e flecha não estiverem em harmonia, [mesmo] Yi não acertará sempre no alvo;
se governante e ministro tiverem mentes separadas, [mesmo] Sunzi não poderá enfrentar o inimigo.

Assim,
no interior, o governante cultiva a sua governação acumulando Potência;
no exterior, elimina o ressentimento fazendo com que o povo se submeta ao seu respeito.

15.22

Investiga o esforço e o alívio dos [soldados] para teres consciência da sua fartura ou fome, de modo que, quando chegar o dia da batalha, eles vejam a morte como um regresso a casa. O comandante deve partilhar com as tropas o doce e o amargo, correspondendo à sua fome e frio. Assim poderá conquistar-lhes a lealdade até à morte, mesmo até ao último homem.

Assim, na antiguidade, os comandantes hábeis tomavam sempre a dianteira pessoalmente.

No calor, não se abrigavam com dosséis;
no frio, não usavam peles, para igualar o calor e o frio [dos soldados].

Em passagens estreitas não cavalgavam; ao subir colinas, desmontavam sempre, para corresponder ao cansaço e alívio [dos soldados].

Quando a comida do exército estava cozinhada, só então se atreviam a comer;
quando o poço do exército estava escavado, só então se atreviam a beber, para partilhar a fome e a sede [dos soldados].
Ao entrar em combate, colocavam-se onde as flechas e pedras caiam, para partilhar a segurança e o perigo [com os soldados].

Assim, o bom comandante usava os soldados batendo o ressentimento acumulado com Potência acumulada, o ódio acumulado com amor acumulado.

Por que não triunfaria?

O que o governante exige do povo é duplo:
pede ao povo que trabalhe por ele;
quer que o povo morra por ele.

O que o povo espera do governante é triplo:
que, se estiverem com fome, os alimente;
que, se estiverem cansados, os deixe descansar;
que, se tiverem mérito, os recompense.

Se o povo cumpre os seus dois deveres e o governante falha nas suas três promessas, mesmo que o reino seja grande e o povo numeroso, o exército será fraco.

Os amargurados devem alcançar o que lhes traz alegria; os sobrecarregados devem alcançar o que lhes traz proveito.
O mérito de “cortar cabeças” deve ser totalmente [remunerado]; o serviço até à morte deve ser recompensado postumamente.

Se nestes quatro pontos se mantiver a fé com o povo, mesmo que o governante atire a pássaros nas nuvens, pesque peixes nas profundezas do abismo,
toque qin e se, ouça sinos e flautas, jogue liubo ou lance “potes altos”,
o exército continuará forte; as ordens continuarão a ser cumpridas.

Por esta razão, se os superiores forem dignos de reverência, os inferiores poderão ser usados; se a sua Potência for digna de admiração, a sua autoridade será estabelecida.

15.23

O comandante deve ter três guias, quatro éticas, cinco condutas e dez disciplinas.

O que se chamam os três guias?
Acima, compreender o Caminho do Céu; abaixo, estudar a forma do terreno; entre ambos, investigar os sentimentos do povo.

O que se chamam as quatro éticas?
Beneficiar o reino sem favorecer o exército;
servir o governante sem pensar em si mesmo;
enfrentar dificuldades sem temer a morte;
decidir dúvidas sem evitar punição.

O que se chamam as cinco condutas?
Ser brando mas não poder ser enrolado;
ser firme mas não poder ser quebrado;
ser humano mas não poder ser insultado;
ser fiel mas não poder ser enganado;
ser corajoso mas não poder ser vencido.

O que se chamam as dez disciplinas?

O teu espírito é puro e não pode ser maculado;
os teus planos são profundos e não podem ser antecipados;
o teu treino é firme e não pode ser abalado;
a tua consciência é lúcida e não pode ser bloqueada;
não és ávido por riqueza;
não és corrompido por bens;
não és enganado por disputas;
não és influenciado por artes ocultas;
não podes ser agradado;
não podes ser provocado à ira.

Isto é o que se chama o modelo perfeito. Obscuro! Misterioso!
Quem entende os seus sentimentos?
As suas iniciativas certamente concordam com o peso;
as suas palavras correspondem à medida;
as suas ações obedecem às estações;
as suas decisões acertam no padrão correto.
Compreende a ativação do movimento e da imobilidade;
está iluminado quanto ao ritmo da abertura e do fecho;
investigou o benefício e o dano da retirada e da implantação, como se unisse as duas metades de um talismã.

É rápido como uma besta engatilhada;
a sua força é como a de uma flecha disparada.

Ora é dragão, ora serpente; os seus movimentos não têm forma constante.
Ninguém vê o seu meio; ninguém conhece o seu fim.

Quando ataca, não há defesa;
quando defende, não pode ser atacado.

Diz-se que aquele que é hábil no uso das armas deve primeiro cultivá-lo em si mesmo [e] só depois procurá-lo nos outros. Deve primeiro tornar-se invencível e só depois procurar a vitória.

Buscar cultivo pessoal nos outros e mendigar vitória ao inimigo, sem ainda ser capaz de ordenar-se e tentando atacar a desordem alheia, é como apagar fogo com mais fogo, responder a uma inundação com mais água.

O que poderá isso conseguir?

Se um oleiro se transformasse em barro, não poderia moldar pratos e potes.
Se uma tecedeira se transformasse em seda, não poderia tecer tecidos com padrões.

Coisas semelhantes não bastam para se controlarem entre si; assim, só aquilo que é diferente pode ser extraordinário. Se dois pardais lutam entre si, a chegada de um falcão ou de um açor fá-los dispersar, porque são de natureza diferente.

Assim, a quietude é extraordinária perante a agitação, e a ordem é extraordinária perante o caos;
a fartura é extraordinária perante a fome, e o alívio é extraordinário perante o esforço.

A resposta mútua entre o extraordinário e o comum é como a forma como a água, o fogo, o metal e a madeira se alternam como servo e senhor.

Aquele que é hábil no uso das armas mantém as cinco condutas letais na resposta, e assim consegue completar a sua vitória. Aquele que é desajeitado persiste nas cinco falhas fatais e ultrapassa os seus limites; por isso, quando se move, torna-se cativo de outro.

15.24

O valor do exército reside em planos insondáveis e formações ocultas.

Emergir onde não se espera, para que [o inimigo] não consiga preparar a defesa.

Se os planos forem vistos, falharão; se as formações forem descobertas, serão controladas. Assim, quem é hábil nas armas esconde-as, acima, no Céu; abaixo, na Terra; entre ambos, entre as pessoas.

Quem as esconde no Céu pode controlar tudo. O que se entende por “escondê-las no Céu”? É alterar-se conforme o grande frio, o calor profundo, o vento súbito, a chuva violenta, o nevoeiro denso ou a noite escura.

O que se entende por “escondê-las na Terra”? É saber ocultar as formações entre montanhas, colinas, florestas e vales.

O que se entende por “escondê-las entre as pessoas”?
Bloquear-lhes a vista à frente, surgir por trás.

Ao produzir uma manobra inesperada ou mover uma formação, irromper como o trovão, precipitar-se como o vento e a chuva.

Recolher as grandes bandeiras, silenciar os tambores altos, de modo que o ir e vir não deixe rasto; ninguém conhece o início nem o fim.

Quando frente e retaguarda estão devidamente alinhadas, os quatro cantos são como se estivessem atados entre si;
quando se avança ou recua, separa ou continua, nada interfere;
quando tropas leves estão nas asas e soldados de elite nos flancos, uns à frente, outros atrás; quando se divide e funde, dispersa e concentra, as companhias e esquadrões não se quebram — isso é ser hábil a mobilizar formações em movimento.

Quando se compreendem bem os fenómenos invulgares e anómalos, o yin e o yang, o corte e o acréscimo, as Cinco Fases, a observação do qi, a astrologia — e a invocação dos espíritos — isso é ser hábil no Caminho do Céu. Quando se estabelecem planos, se colocam emboscadas, se usa o fogo e a água — e se produzem anomalias.

Quando se faz o exército gritar e bater tambores para confundir os ouvidos [do inimigo], quando se arrastam feixes de paus para levantar poeira e confundir os olhos — tudo isto é ser hábil na dissimulação.

Quando o chun— soa com firmeza, quando a vontade é decidida — e não se assusta facilmente, quando não se é atraído pela força ou pela vantagem, quando não se treme perante a morte ou a derrota — isso é ser hábil a reforçar a força interior.

Quando se é ágil e rápido a atacar, quando se é corajoso e despreza o inimigo, quando se é veloz como um cavalo a galope — isso é ser hábil no uso da velocidade e na criação do efeito surpresa.

Quando se avalia a forma do terreno, quando se descansa nos acampamentos adequados, quando se fixam muros e fortificações, quando se tem cuidado com depressões — e pântanos salgados, quando se ocupa terreno alto, quando se evitam posições expostas — isso é ser hábil no uso do terreno.

Quando se tira proveito da fome, sede, frio e calor do inimigo; quando se sobrecarrega o seu cansaço e se agrava a sua desordem; quando se aprofunda o seu medo e se impede o seu movimento; quando se ataca com tropas de elite, quando se golpeia de noite — isso é ser hábil em adaptar-se às estações e responder às mudanças.

Quando se usam carros em terreno fácil, cavaleiros em terreno obstruído, mais arqueiros ao atravessar água, mais besteiros em passagens estreitas, mais bandeiras de dia, mais fogueiras à noite, mais tambores ao entardecer — isso é ser hábil na logística.

Não se pode prescindir de nenhuma destas oito competências, ainda que não sejam o que há de mais valioso no exército.

15.25

O comandante deve ver singularmente e conhecer singularmente.
Ver singularmente é ver o que não é visto.
Conhecer singularmente é conhecer o que não é conhecido.
Ver o que os outros não veem chama-se “iluminação”.
Conhecer o que os outros não conhecem chama-se “semelhante ao espírito”.
O iluminado e semelhante ao espírito é aquele que triunfa antecipadamente.
Quem triunfa antecipadamente não pode ser atacado quando defende, não pode ser vencido em combate, não pode ser impedido quando ataca.

Isto acontece por causa do vazio e da plenitude.
Quando há desunião entre superiores e inferiores, quando o comandante e os oficiais não cooperam, quando aquilo que se sustenta não é reto, quando os soldados acumulam insubordinação — a isso se chama “vazio”.

Quando o governante é iluminado e o comandante competente, quando superiores e inferiores partilham o mesmo espírito, quando o qi e a intenção [dos soldados] se elevam — a isso se chama “plenitude”.

É como lançar água sobre fogo:
o que atinge em cheio colapsa; o que toca ligeiramente apenas se move.
O duro e o brando não se interpenetram; vitória e derrota são coisas distintas.
Isto fala do vazio e da plenitude.

Ser hábil em combate não depende de ser poucos; ser hábil na defesa não depende de ser pequeno;
a vitória reside na obtenção do respeito reverente;
a derrota reside na perda do qi.

O cheio deve combater, o vazio deve fugir; o florescente deve ser forte, o decadente deve retirar-se.

O território do rei Fuchai de Wu tinha dois mil li de largura, e ele possuía setenta mil guerreiros blindados.
A sul combateu com Tue e derrotou-os em Kuaiji.
A norte combateu com Qi e quebrou-os em Ailing.
A oeste defrontou o duque de Jin e capturou-o em Huangchi.

Isto foi usar o qi do povo quando estava cheio.
Depois, tornou-se arrogante e entregou-se aos seus desejos; desprezou a admoestação e alegrou-se com a calúnia; foi violento e seguiu conselhos errados; tornou-se impossível dialogar com ele.

Os grandes oficiais ficaram ressentidos; o povo tornou-se insubmisso.

O rei de Tue e três mil tropas de elite capturaram [Fuchai] em Gansui.
Isto foi tirar proveito do seu vazio.

Esse qi tem fases de vazio e de plenitude, como a escuridão que sucede à luz.
Assim, um exército vitorioso nem sempre está pleno; um exército derrotado nem sempre está vazio.

Quem é hábil consegue encher o qi do seu povo enquanto aguarda o vazio dos outros.
Quem é incapaz esvazia o qi do seu povo enquanto aguarda a plenitude alheia.

Assim, o qi do vazio e da plenitude é o que mais se valoriza no exército.

15.26

Sempre que o reino enfrenta dificuldades, desde o palácio o governante convoca o comandante, dizendo-lhe:
“O destino dos altares da terra e do grão está nas tuas mãos. O reino enfrenta uma crise. Desejo que tomes o comando e a enfrentes.”

Quando o comandante aceita o mandato, [o governante] ordena ao Suplicante e ao Grande Adivinho que jejuem e se isolem durante três dias. Vão ao Grande Templo consultar a Tartaruga Mágica para escolher um dia auspicioso para a recepção dos tambores e bandeiras.

O soberano entra pelo portal do templo, vira-se para oeste e permanece de pé.
O comandante entra pelo portal do templo, corre até ao sopé da plataforma, vira-se para norte e permanece de pé.

O soberano segura pessoalmente o machado *yue*. Segurando-o pela cabeça, oferece ao comandante o cabo, dizendo:
“Daqui até ao Céu está sob o teu controlo, comandante.”
Segura depois o machado *fu*. Segurando-o pela cabeça, oferece ao comandante o cabo, dizendo:
“Daqui até ao Abismo está sob o teu controlo, comandante.”

Quando o comandante aceita os machados *fu* e *yue*, responde:

“Assim como o reino não pode ser governado do exterior, o exército não pode ser comandado a partir do interior.
Assim como não se pode servir o governante com dois corações, não se pode responder ao inimigo com vontade dividida.

Tendo eu, vosso ministro, recebido o comando, exerço exclusivamente a autoridade sobre os tambores, bandeiras, e os machados *fu* e *yue*.
Nada peço em troca. Apenas espero que Vossa Alteza igualmente não me envie uma única ordem.

Se Vossa Alteza não concordar, não ouso aceitar o comando.”

Se Vossa Alteza concordar, tomarei a minha licença e partirei.”

[O comandante] então corta as unhas, veste trajes de luto e sai pelo portal “de mau agouro”.
Monta no carro do comandante e organiza as bandeiras e os machados, atados como se ainda não tivesse alcançado a vitória. Ao encontrar o inimigo e comprometer-se com a batalha, não dá importância à morte certa; não tem dois pensamentos.

Por esta razão, não tem Céu acima; não tem Terra abaixo; não tem inimigo à frente; não tem soberano atrás; não procura fama ao avançar; não evita castigo ao recuar; procura apenas proteger o povo; o seu benefício está unido ao do governante.

Este é o tesouro do reino, o Caminho do comandante superior.

Se for assim, os sábios farão planos por ele; os corajosos lutarão por ele; o seu qi tocará as nuvens azuis; serão velozes como cavalos a galope.

Assim, antes que as armas se cruzem, o inimigo já está aterrorizado.

Se a batalha for vitoriosa e o inimigo fugir, [o comandante] distribui amplamente recompensas por mérito. Realoca os seus oficiais, aumentando-lhes o posto e os estipêndios. Reserva terras e distribui-as, assegurando que fiquem fora dos montes feudais.
Por fim, julga os castigos dentro do exército.

No regresso, volta ao reino, baixa as bandeiras e guarda os machados *fu* e *yue*. Apresenta o relatório final ao governante, dizendo:
“Já não detenho controlo sobre o exército.” Depois veste seda grosseira e recolhe-se em retiro.

[O comandante vai] pedir perdão ao soberano. O soberano diz: “Perdoai-o.”

[O comandante] retira-se e veste trajes de jejum.
Por uma grande vitória, mantém-se recluso durante três anos; por uma vitória mediana, dois anos; por uma vitória modesta, um ano.

Contra quem o exército foi usado foi, seguramente, um reino sem o Caminho.
Assim, pode-se triunfar na guerra sem retribuição, tomar território sem devolução;
o povo não sofrerá doença; o comandante não morrerá cedo; os cinco cereais florescerão;
os ventos e as chuvas virão a tempo; a batalha é vencida fora — e a boa sorte nasce dentro.

Dessa forma se forma a reputação, e depois disso não haverá mais danos.

UMA MONTANHA DE PERSUASÕES
E
UMA FLORESTA DE PERSUASÕES

Dezasseis

16.1

O *po* [alma substancial] perguntou ao *hun* [alma etérea]:
"Como toma o Caminho uma forma física?" O *hun* respondeu:
"Toma como forma física o Nada Ali." O *po* perguntou:
"O Nada Ali tem, então, forma física?"
O *hun* respondeu: "Não tem." O *po* perguntou:
"Se não há nada ali, como pode alguém percebê-lo e dele ser informado?"
O *hun* respondeu: "Eu apenas tenho formas de o encontrar, nada mais. Quando olhamos para ele, não tem forma; quando escutamos, não tem som. Chamamos-lhe o Mistério Escuro.
O Mistério Escuro pode ser usado para referir-se ao Caminho, mas não é o Caminho."
O *po* disse: "Agora compreendo."
E assim voltou o seu olhar para dentro e regressou a si mesmo.
O *hun* disse: "Aqueles que alcançaram o Caminho têm formas que não se podem ver e nomes que não se podem exprimir. Tu ainda tens 'forma' e 'nome'. Como podes alcançar o Caminho?"
O *po* respondeu: "De que serve a fala, então? Regressarei ao meu Ancestral."

O *po* virou-se para olhar, e de repente o *hun* já não se via.
Então o *po* virou-se, firmou-se em si mesmo e também entrou no sem-forma.

16.2

Se não fosse por pequenos aprendizados, a pessoa não se deixaria enganar grandemente;
se não fosse por pequena inteligência, a pessoa não se iludiria profundamente.

16.3

Ninguém usa água corrente como espelho.
Antes, olha-se para si na água límpida porque ela está quieta e imóvel.

16.4

A perícia na pesca do Sr. Zhan podia capturar uma carpa com mil anos.

Tão forte puxou Zengzi o carro de madeira [que transportava o caixão do pai] que o condutor teve de parar.

Quando a sua mãe idosa passou a cantar, Shen Xi emocionou-se naquele exato instante.
Estes são exemplos claros da mais alta realização da Essência.

16.4a

Hu Ba tocava *se*, e os esturjões vinham à superfície para ouvir.

Bo Ya tocava *qin*, e os cavalos das quadrigas levantavam as cabeças enquanto pastavam.

Jie Zhitui cantava sobre o dragão e a serpente, e o Senhor Wen de Jin chorava em pranto.

Assim, se há jade nas montanhas, as plantas e árvores enriquecem-se;
se um lago produz pérolas, as suas margens não secam.

16.4b

A minhoca carece de força nos músculos e nos ossos, e não tem garras ou dentes afiados, mas acima come terra seca e abaixo bebe das Fontes Amarelas, pois usa a sua mente de forma unificada.

16.5

Com a clareza do que é puro, uma taça de água revela o reflexo de um olho.

Com a turvação do que é escuro, a água do rio Amarelo não mostra sequer o Monte Tai.

16.6

Se olhares fixamente para o sol, ficarás cego.
Se ouvires o trovão, ficarás surdo.
Se agires sem propósito, estarás bem ordenado.
Se agires com propósito, serás prejudicado.

Estar bem ordenado através da ausência de propósito depende do Nada.
Se agires com propósito, nada possuirás.
Se não fores capaz de agir sem propósito, nada do que faças com intenção terá propósito.

16.6a

Quem está sem palavras é semelhante ao espírito.
Quem tem palavras, é prejudicado.
Ser semelhante ao espírito através do silêncio depende do Nada.
Ter palavras prejudica o espírito.

16.6b

Aquilo por que o nariz respira, aquilo por que os ouvidos ouvem —
No fim de contas, é o seu vazio que os faz funcionar.
Entre as coisas, nenhuma deixa de depender do que tem e usar o que não tem.

Se não crês nisto, olha para a flauta e para os tubos de cana.

16.7

Aqueles que ponderam e se preocupam não conseguem dormir.
Se a ponderação e a preocupação cessarem, deve haver um meio para tal.
Quando ambas forem completamente extirpadas, pode-se alcançar um estado de Potência e Pureza.

16.8

Os sábios passam a vida a falar sobre o governo.
O que é útil não são as palavras em si, mas o que têm para dizer.
Os cantores usam letras, mas o que as pessoas realmente gostam de ouvir não são as letras.
Um papagaio pode falar, mas não pode envolver-se num discurso significativo.
Porquê?
Porque tem o poder da fala, mas não tem nada a dizer.

Assim, se alguém te segue e caminha nas tuas pegadas, não pode deixar as suas próprias marcas.

16.9

Uma serpente divina pode ser cortada ao meio e regenerar-se,
mas não pode evitar que a cortem.

Uma tartaruga divina pode aparecer em sonhos ao Rei Tuan de Song,
mas não conseguiu libertar-se da armadilha do pescador.

16.10

Os quatro pontos cardeais são os portões e janelas, portas e postigos do Caminho; por onde se entra determina a forma como se observa o mundo. Assim, pescar pode servir para ensinar equitação; equitação pode instruir alguém na condução de carros de guerra; e conduzir carros pode ensinar alguém a remar um barco.

16.11

Quando o povo de Yue aprendeu a arte (estranha para eles) do tiro ao arco a longa distância, olhavam para o céu e disparavam, mas as flechas só caíam a cinco passos de distância, porque não mudavam o ângulo da mira.
Apegarem-se aos modos antigos depois das mudanças dos tempos é como o povo de Yue a praticar tiro ao arco.

16.12

Quando a lua é vista durante o dia, o sol rouba-lhe o brilho. O yin não pode preceder o yang.
Quando o sol aparece, as estrelas deixam de ser visíveis. As estrelas não podem competir em brilho com o sol.

Assim, os ramos não podem ser mais fortes do que as raízes; os dedos não podem ser maiores do que os braços.

Se a base é leve e o topo é pesado, [o objeto] tombará com facilidade.

16.12a

Um lago não pode conter dois tubarões; um poleiro não pode abrigar dois machos.
Se há apenas um, há estabilidade; se há dois, há conflito.

16.12b

Quando a água está imóvel, é clara e uniforme; quando se move, perde essa uniformidade.
Assim, é apenas não se movendo que nada é movido.

16.13

A razão pela qual os rios Yangzi e Amarelo se estendem por cem vales é porque sabem descer por eles.
De modo geral, só ocupando uma posição inferior é que se pode alcançar o cimo.

16.14

No mundo, não há duas coisas tão mutuamente repulsivas como cola e alcatrão, nem duas mais atraídas uma pela outra do que gelo e carvão.

Cola e alcatrão diminuem-se mutuamente.
Gelo e carvão fortalecem-se mutuamente.

16.15

O desmoronamento de um muro é melhor do que a sua construção;
o derretimento do gelo é melhor do que o seu congelamento — porque assim retornam ao Ancestral.

16.16

O Monte Tai aparece imponente e elevado, mas se fores mil *li* para longe dele, parecerá mais pequeno que um montículo de terra. Isso deve-se à distância.

16.17

A ponta de um cabelo de outono pode perder-se no insondável.
Isto significa que aquilo que é tão pequeno que nada pode caber dentro é o mesmo que aquilo tão vasto que nada pode estar fora dele.

16.18

Orquídeas crescem em vales sombrios. Não são menos perfumadas só porque ninguém [por acaso] as usa.
Os barcos navegam rios e oceanos. Não são menos flutuantes só porque ninguém [por acaso] viaja neles.
O Homem Superior pratica a Retidão. Não deixa de o fazer só porque ninguém [por acaso] o reconhece.

16.19

Quando um pedaço de jade é humedecido, brilha. Quando é percutido, o seu som é lento e harmonioso.
Quão amplas são as suas qualidades! Sem interior nem exterior, não esconde os seus defeitos ou imperfeições.
De perto, é lustroso; de longe, brilha intensamente. Reflete como um espelho revelando a pupila do olho.
Capta com subtilidade a ponta de um cabelo de outono. Ilumina com nitidez o escuro e o obscuro.
Assim, o disco de jade do Sr. He e a pérola do marquês de Sui emergiram da essência de uma montanha e de uma nascente.
Quando o Homem Superior os usa, conforma-se à sua pureza e alcança repouso.
Quando príncipes e reis os valorizam, retificam o mundo.

16.20

A ameaça de Chen Chengheng a Ziyuan Jie;
a recusa de Zi Han ao que não desejava [uma valiosa peça de jade] e o alcance do que mais desejava [a reputação de desapego];
Confúcio ao ver um homem a apanhar cigarras;
o duque Sheng de Bo com a lança e o chicote virados ao contrário;
a filha do rei de Wey a pedir ao duque Huan de Qi que a punisse [em vez de invadir o seu estado];
Zengzi a olhar para Zi Xia e perguntar: “Porque estás tão gordo?”;
o duque Wen de Wei a ver um homem com o lado de couro e o lado de pelo da roupa trocados e a carregar palha [e a fazer pouco dele];
Ni Yue a desfazer o nó fechado para o rei de Song:

Todos estes são casos em que, a partir de um pequeno gesto, se percebe toda a situação.

16.21

Um homem casava a filha e aconselhou-a:
“Vai, mas tem cuidado em não fazeres nada de bom.”
Ela respondeu: “Se não devo fazer nada de bom, devo fazer algo de mau?”
O pai respondeu: “Se nem sequer deves fazer o bem, quanto menos o mal!”
Assim é que ela poderia conservar intactas as suas qualidades naturais.

16.22

Quem está na prisão considera um dia muito longo.
Quem está prestes a ser executado no mercado considera um dia muito curto.
A duração de um dia tem um padrão fixo, mas para uns é curto, para outros longo.

Isto deve-se ao fato de o centro não estar equilibrado. Assim, quando se usa algo desequilibrado para avaliar o que é equilibrado, então aquilo que se toma por equilibrado já não o será.

16.23

Se casas uma filha com um homem que sofre de uma doença que o torna impotente, então, quando o marido morrer, dirão: “A mulher é que o rejeitou.”
Depois, será difícil para ela voltar a casar-se.

Assim, não te sentes perto de uma casa prestes a ruir;
não te coloques junto de uma parede prestes a desabar.

16.24

Um homem preso não tem doenças.
Um homem condenado à execução é gordo e saudável.
Um homem castrado vive muito tempo.
As suas mentes estão livres de amarras.

16.24a

Um médico trata constantemente doenças que ainda não surgiram; por isso, previne as doenças.
Um sábio lida com calamidades que ainda não se manifestaram; por isso, previne as calamidades.

16.25

Quem domina a carpintaria não precisa de régua angular nem de fio de marcação;
quem é excelente em manter-se isolado não precisa de porta nem de tranca.

O aviso de Chunyu Kun sobre o perigo de incêndio é exemplo do mesmo tipo.

16.26

Quando o que é claro se mistura com o que é turvo, a turvação é atenuada e diluída.
Quando o que é turvo se mistura com o que é claro, a clareza é subvertida e anulada.

16.26a

Quando o Homem Superior habita no Bem, é como o lenhador que, ao ver um galho, o apanha, e ao ver uma cebola verde, também a colhe.

16.27

Quando os dois *qi* se confrontam no Céu, causam arco-íris;
quando se confrontam na Terra, causam exsudações;
quando se confrontam no corpo humano, causam doenças.

O yin e o yang não podem tornar o mundo simultaneamente inverno e verão.
A lua não conhece o dia; o sol não conhece a noite.

16.28

Um bom arqueiro dispara e não falha o alvo.
Isso é bom para o arqueiro, mas não é bom para o alvo.

Um bom pescador nunca perde um peixe.
Isso é bom para o pescador, mas não é bom para o peixe.

Assim, onde há aquilo que é bom, também há aquilo que não é bom.

16.29

Se compararmos o som dos sinos e das pedras sonoras, de perto o som dos sinos é mais rico, mas de longe o som das pedras é mais claro.

Há certamente coisas que são melhores de perto do que de longe — e outras que são melhores de longe do que de perto.

16.30

Diz-se que o arroz cresce na água, mas não pode crescer em águas turbulentas.

O fungo *zhi* cresce nas montanhas, mas não em rochedos estéreis.

A pedra imantada pode atrair ferro, mas se for colocada perto de bronze, não se moverá.

16.31

Quando as águas são vastas, os peixes são grandes;
quando as montanhas são altas, as árvores são altas.

Mas se se estender demasiado a área, a sua Potência será diminuída.
É como o oleiro que molda um vaso: se o fizer grande mas não espesso, estará mais sujeito a partir-se.

16.32

O sábio não sopra antes que o vento sopre por si;
não destrói antes do trovão.

Age apenas quando não pode evitá-lo, e assim não se enreda.

16.33

À medida que a lua cresce e mingua no céu, caracóis e moluscos respondem cá em baixo.

Aquilo que partilha o mesmo *qi* agita-se mutuamente; não pode afastar-se muito.

16.34

Se empunhares uma besta e chamares um pássaro, ou brandires um bastão e acenares a um cão, aquilo que queres que venha, certamente fugirá.

Assim, um peixe não pode ser fisgado sem isco;
um animal não pode ser atraído com uma armadilha vazia.

16.35

Se arrancares a pele de um boi e a esticares para fazer um tambor, podes usá-lo para comandar as multidões dos Três Exércitos.
Mas do ponto de vista do boi, seria melhor usar o jugo e continuar a trabalhar.

Um manto de pele de raposa branca é usado pelo Filho do Céu no tribunal.
Mas do ponto de vista da raposa, seria melhor estar a correr pelos campos.

16.36

Se perdes uma ovelha mas ganhas um boi, ninguém deixaria de considerar isso uma perda benéfica.

Se cortas um dedo para evitar ser decapitado, ninguém deixaria de considerar isso uma ação sensata.

Assim, a emoção humana, rodeada de benefícios, luta por ganhar o máximo possível; rodeada de danos, luta por sofrer o mínimo possível.

16.37

Um general não ousa montar um cavalo branco.

Um prisioneiro fugido não ousa carregar uma tocha à noite.

Um dono de taberna não ousa manter um cão que morde pessoas.

16.38

O galo conhece a aproximação do amanhecer;
o grou conhece o meio da noite;
mas nenhum dos dois pode escapar ao tacho e à travessa.

16.39

Se há uma fera feroz nas montanhas, por causa disso as árvores da floresta não são cortadas.

Se há insetos venenosos no jardim, por causa disso as hortaliças não são colhidas.

Assim, se um estado tiver ministros virtuosos, pode defender-se de ataques mesmo a mil *li* de distância.

16.40

Ser confucionista e mesmo assim agachar-se nas vielas da aldeia;
ser moista e mesmo assim tocar flautas de afinação na corte —
é como alguém que quer esconder os rastos mas caminha sobre neve, ou alguém que tenta salvar um homem a afogar-se sem molhar as roupas.

Renega o que pratica e pratica o que renega.

16.41

Se alguém bebe no escuro, inevitavelmente derramará a bebida.
Se lhe permites segurar o copo direito, ele não entornará nada, mesmo que seja um tolo.

Por esta razão, aquele que não se alinha com a harmonia e ainda assim consegue ter sucesso nos seus assuntos — no mundo, nunca existiu tal coisa.

16.42

Se procuras a beleza, não a obterás.
Se não procuras a beleza, alcançarás beleza.
Se procuras a fealdade, não a encontrarás.
Se não procuras a fealdade, adquirirás fealdade.
Se não procuras nem beleza nem fealdade, então estarás sem beleza ou fealdade.
Isto chama-se “Misteriosamente o Mesmo”.

16.43

Shen Tudi amarrou uma pedra às costas e atirou-se a águas profundas.
Mas afogar-se não pode ser considerado protesto.

Xian Gao usou o engano para preservar Cheng.
Mas o engano não deve ser tomado como norma.

Algumas ações funcionam como resposta única, mas não devem ser repetidas.

16.44

Uma pessoa efusiva é como o som da ave de cem línguas.
Uma pessoa reticente é como uma porta com dobradiças por lubrificar.

16.45

Se um dos seis animais domésticos nascer com uma orelha ou um olho a mais, é sinal de azar — mas é registado nos livros de presságios.

16.46

Cem homens a tentar levantar uma cabaça não valem tanto como uma única pessoa que a agarre e fuja com ela.
Assim, há situações em que a multidão não vale tanto como poucos.

Duas pessoas puxam um carro, e seis empurram por trás.
Assim, há assuntos em que a cooperação mútua é essencial para o sucesso.

Se duas pessoas se afogam, não podem salvar-se mutuamente;
mas se uma estiver na margem, pode salvar a outra.
Assim, coisas idênticas não se podem ordenar entre si.
É necessário depender da diferença; só então haverá um bom resultado.

16.47

Onde há “musgo oculto” debaixo da terra, acima haverá penugem de coelho.
Onde há um tufo de mil-folhas à superfície, debaixo estará escondida uma tartaruga.

O sábio reconhece, a partir das aparências externas, o que está oculto no interior.
Ele usa o visível para conhecer o invisível.

16.48

Apreciar assuntos militares não faz de alguém um soldado;
apreciar literatura não faz de alguém um confucionista.

Gostar de fórmulas não faz de alguém um médico;
gostar de cavalos não faz de alguém um condutor de bigas.

Conhecer música não faz de alguém um percussionista da corte;
conhecer sabores não faz de alguém um cozinheiro.

Isto é ter uma aproximação [à habilidade], mas ainda não ter alcançado a reputação de mestre.

16.49
A armadura não [protege contra setas] a uma distância inferior a dez passos. Para além de cem passos, [as setas] disputam [com a armadura a capacidade de perfurar] profundamente ou superficialmente.
Se for profunda, penetrarão nos cinco órgãos vitais; se for superficial, rasparão a carne e pararão.
A distância entre a vida e a morte não pode ser atribuída aos princípios do Caminho.

16.50
O rei de Chu perdeu o seu macaco [de estimação] — e para o recapturar destruiu todas as árvores da floresta.
O príncipe de Song perdeu a sua pérola — e para a recuperar exterminou todos os peixes ao drenar o lago.

Assim, quando um prado arde em chamas, a floresta preocupa-se.

16.51
Quando o governante quer uma tábua, os seus oficiais cortam uma árvore.
Quando o governante quer um peixe, os seus oficiais secam um vale.
Quando o governante quer um remo, os seus subordinados entregam-lhe um barco inteiro.
Quando as palavras do governante são como fios, as palavras dos seus subordinados tornam-se cordas.
Quando o governante aprecia uma coisa, os seus subordinados louvam-na em dobro.
Quando o governante culpa três pessoas, os seus subordinados matam nove.

16.52
O Grande Oficial Zhong sabia como fortalecer The, mas não sabia preservar a sua própria vida.
Chang Hong sabia porque Zhou perduraria, mas não discernia porque pereceria.
[Ambos] sabiam o que estava longe, mas não percebiam o que estava diante dos olhos.

16.53
Temer que um cavalo te derrube e por isso não ousares montá-lo; temer que uma carroça se vire e por isso não ousares nela andar — são casos de uma “calamidade vazia” a levar-te a evitar benefícios reais.

16.54
Aqueles que não são filiais ou fraternos por vezes repreendem pai e mãe.
Quando se tem filhos, não se pode contar que sejam necessariamente filiais, mas mesmo assim cuida-se deles e educa-se-os.

16.55
Quando o clã Fan foi derrotado, alguém roubou o seu sino, pô-lo às costas e fugiu.
O sino fez um som metálico. Com medo de que alguém o ouvisse, o ladrão tapou os ouvidos.
Temer que outros o ouçam é razoável — mas tapar os próprios ouvidos é absurdo.

16.56
Um *sheng* não pode ser maior que um *dan*, porque um *sheng* está contido dentro de um *dan*.
A noite não pode ser mais longa que um ano, porque a noite está contida no ano.
A Humanidade e a Retidão não podem ser maiores que o Caminho e a sua Potência, porque estão contidas neles.

16.57
Se a agulha vai à frente e o fio a segue, pode-se fazer uma tenda.
Se o fio for à frente e a agulha o seguir, não se faz nem sequer uma peça de roupa.
A agulha torna possível a cortina; o cesto torna possível a parede.

Se uma obra é bem-sucedida ou falha, tudo começa a partir do pequeno.
Isto é dizer que tudo é gradual.

16.58
Ao tingir tecidos, se algo for primeiro azul e for depois tingido de preto, é possível;
mas se algo for primeiro preto e quiseres tingi-lo de azul, isso não é possível.
Se o artesão aplicar primeiro o verniz e depois o cinábrio, é possível;
se aplicar primeiro o cinábrio e depois o verniz, não é possível.

Tudo é assim: não se pode deixar de atender ao que vem primeiro e ao que vem por último, ao que está por cima e ao que está por baixo.

16.59
Quando a água está turva, os peixes vêm à tona ofegantes.
Quando o corpo está exausto, o espírito fica desordenado.

16.60
Confia-se num casamenteiro para unir duas pessoas, mas não se pode confiar nele para fazer com que o casamento resulte.
Confia-se nas pessoas para se relacionarem, mas não se pode confiar nelas para serem próximas.

16.61
Se as ações das pessoas coincidem e as suas inclinações são iguais, mesmo que estejam separadas por mil *li*, podem seguir-se mutuamente.
Se as inclinações não forem iguais e as ações forem diferentes, mesmo que os seus portões se enfrentem, não se comunicarão.

16.62
Embora as águas do mar sejam vastas, não aceitam carniça nem ervas daninhas.
O sol e a lua não respondem ao que não partilha o mesmo *qi*;
o Homem Superior não se associa com aqueles que não são do seu tipo.

16.63
As pessoas não amam a mão do lendário artesão Chui, mas amam os seus próprios dedos.
As pessoas não amam as pérolas do Yangzi e do Han, mas adoram os seus próprios ganchos de cinto.

16.64
Pode-se confundir um feixe de lenha com um fantasma, ou fogo e fumo com uma emanação de *qi*.
Se se confunde a lenha com um fantasma, pode-se virar e fugir.
Se se confunde fumo com uma emanação, pode-se matar um porco e cozer um cão [em sacrifício].

Julgar precipitadamente é pior do que refletir depois.

16.65
Um bom artesão é hábil a medir com precisão.
Uma pessoa sábia é hábil a preparar-se para o que está por vir.

16.66
Quando [o grande arqueiro] Yi foi morto [numa emboscada] por homens armados com bastões de madeira de pessegueiro, não teve tempo de disparar as suas flechas.
Quando [o poderoso lutador] Qingji foi morto por espadas e lanças, não teve tempo de agarrar os seus adversários.

16.67
Alguém que queria pôr fim à calúnia foi de porta em porta dizendo: “Eu juro que não tive um caso com a minha cunhada!”
A calúnia aumentou ainda mais.

Tentar parar palavras com mais palavras, ou problemas com mais problemas,
é como empilhar terra para afastar o pó, ou usar braçadas de lenha para apagar o fogo.
Usar palavras para apagar calúnia é como usar tinta preta para limpar algo branco.

16.68
Uma seta a dez passos perfura armadura de pele de rinoceronte.
A trezentos passos, não consegue perfurar sequer a seda branca de Lu.

O grande cavalo Qiji pode percorrer mil *li* num dia,
mas quando usa toda a sua força e lhe tiram o arreio, colapsa.

16.69
Se uma grande família ataca uma pequena família, isso é tido como opressão;
se um grande estado anexa um pequeno estado, isso é tido como virtude.

16.70
Cavalos pequenos pertencem à mesma categoria que cavalos grandes, [mas] conhecimento insignificante não pertence à mesma categoria que o grande conhecimento.

16.71
Vestir pele de ovelha e trabalhar por salário é algo bastante comum; vestir pele de leopardo e carregar um cesto de bambu [como um trabalhador] seria algo muito estranho.

16.72
Usar algo puro e branco para fazer algo imundo e repugnante é como tomar banho e depois limpar um chiqueiro, ou perfumar-se com artemísia e depois carregar um porco para o mercado.

16.73
Se tratares um abscesso sem distinguir entre a carne boa e a carne má e repulsiva, e simplesmente cortares tudo, ou se cultivares os campos sem distinguir entre rebentos e ervas daninhas, cavando indiscriminadamente — não será isto infrutífero?

16.74
Estragar um lago para procurar uma tartaruga, destruir uma casa para procurar uma raposa, escavar [o chão de] uma sala para procurar um rato, cortar os lábios para curar uma dor de dentes:
Estes são os modos de [o tirano] Jie e [o Ladrão] Zhi. Um Homem Superior não faz tais coisas.

16.74a
Matar um cavalo de guerra para apanhar uma raposa, adquirir duas tartarugas vulgares e perder uma tartaruga divina, cortar o braço direito mas lutar por um único fio de cabelo, partir a espada [lendária] Moye para lutar por uma faca vulgar:
Como pode o uso deste tipo de conhecimento ser considerado elevado?

16.75
É preferível ser picado cem vezes por uma agulha do que ser cortado uma vez por uma faca.
É preferível puxar algo pesado uma vez do que carregar algo leve por muito tempo.
É preferível comer parcamente durante um mês do que passar fome durante dez dias.
É melhor que dez mil tropeçam do que que um caia num poço.

16.76
Havia uma pessoa que elogiava alguém por trabalhar muito além da capacidade, descascando grãos até ao nascer do sol. Mas ainda assim a quota não foi cumprida, e por isso parecia que merecia censura. Ao investigar o caso, descobriu-se que a pessoa [que executara o trabalho e fora elogiada fraudulentamente] era sua mãe. Assim, quando pessoas mesquinhas elogiam outras, isso pode ser prejudicial.

16.77
Numa família a leste, a mãe morreu. O filho chorou, mas não estava verdadeiramente pesaroso. Um filho de uma família a oeste viu isto e regressou a casa para junto da mãe, dizendo: “Mãe, porque não morres já? Eu certamente choraria com muito pesar por ti!”
Ora, se alguém realmente deseja que a mãe morra, se ela de fato morresse, certamente não conseguiria chorar com pesar por ela.
[Do mesmo modo,] se alguém diz: “Não tenho tempo livre para estudar”, mesmo que tivesse tempo, ainda assim não conseguiria estudar.

16.78
Poderás ver um tronco oco a flutuar e perceber como construir um barco; ou ver folhas a girar no ar e entender como fazer uma roda de carroça; ou ver um pássaro a raspar com as patas e perceber como desenhar caracteres:
Isto é adquirir coisas por meio de categorias correlativas.

16.79
Tomar o que não é justo para fazer justiça; usar o que não é apropriado para fazer o que é apropriado:
É como correr nu atrás de um louco, roubar coisas para dá-las a mendigos, furtar tiras de bambu para escrever leis, agachar-se para recitar os Clássicos e os Documentos.

16.80
Se estiver partida e for descartada, a grande espada Moye nem carne conseguiria cortar.
Segurada com força e não solta, um único pelo da cauda de cavalo pode cortar jade.
O sábio não tem [um ponto fixo de] paragem ou começo.
[Considera] este ano mais valioso que o passado e o hoje melhor que o ontem.

16.81
Um cavalo que se assemelha a um veado pode valer mil peças de ouro, mas não há veado no mundo que valha mil peças de ouro.
O jade precisa de ser trabalhado com abrasivo para se tornar uma obra de arte.
Há discos de jade que valem mil peças de ouro, mas nenhum abrasivo vale sequer uma quantia insignificante.

16.82
Se receberes luz através de uma fenda [na parede], ela pode iluminar um canto; se for através de uma janela, pode iluminar a parede norte; se for pela porta, pode iluminar toda a sala, sem omitir nada.
Quanto mais [seria iluminado] se a luz recebida fosse de todo o universo! Não haveria nada no mundo que não fosse iluminado.
Vendo as coisas desta forma: se aquilo de onde provém a luz for pequeno, o que se vê é superficial; se for grande, o que se ilumina é vasto!

16.83
O rio Yangzi nasce nas montanhas Min;
o rio Amarelo nasce em Kunlun;
o rio Ji nasce em Wangwu;
o rio Ying nasce em Shaoshi;
o rio Han nasce em Bozhong.
Correndo separadamente, rodopiando ou rugindo, acabam por desaguar no Mar do Leste.
[Os locais] de onde fluem são diferentes;
[o local] para onde regressam é um só.

16.84
Aqueles que são penetrantes nos estudos são como o eixo de uma carroça. No centro das rodas giratórias, ele próprio não se move, mas com ele percorrem-se mil li. Ao terminar [a rotação], [a roda] recomeça, girando como uma corrente inesgotável.
Aqueles que não são penetrantes nos estudos são como alguém confuso e desorientado. Se lhe disseres [a localização do] leste, oeste, sul e norte, quando está de frente percebe, mas quando vira costas já não entende. Não compreende o essencial.

16.85
O frio não pode produzir frio; o calor não pode produzir calor.
Aquilo que não é frio nem calor pode produzir ambos. Assim, o que tem forma provém do informe, e o que ainda não é Céu e Terra deu origem ao Céu e à Terra — quão profundamente subtil e vastamente expansivo isto é!

16.86
A queda da chuva não consegue ensopar nada. Só quando pára [ao atingir algo] é que consegue molhar.
O disparo de uma flecha não consegue perfurar nada. Só quando pára [ao atingir algo] é

que perfura.
Só o parar pode parar todos os parar.

16.86a
Conforme o terreno elevado, constrói-se um terraço.
Seguindo o terreno baixo, escava-se um lago.
Em cada caso segue-se a tendência natural; não se ousa fazer mais.

16.87
A forma como os sábios utilizam as coisas é como usar fita vermelha para atar cães de palha, ou fazer dragões de barro para pedir chuva.
Cães de palha: usa-os para procurar prosperidade.
Dragões de barro: usa-os para obter alimento.

16.88
Um homem de Lu era hábil a fazer chapéus; a sua esposa era exímia a fazer sapatos de pano. Quando foram [para o sul] até Yue, ficaram profundamente angustiados e empobreceram.
Levar a habilidade para um lugar onde ela não pode ser utilizada é como plantar lótus no cimo de uma montanha, ou acender fogo dentro de um poço; segurar uma cana de pesca e escalar uma montanha, ou carregar um machado e entrar num abismo.
É difícil conseguir o que se deseja dessa forma.
Levar uma carruagem até [as terras pantanosas de] Tue,
Ou montar uma jangada até [as terras secas de] Hu:
Ainda que tenhas um desejo inesgotável [de o fazer], não conseguirás realizá-lo.

16.89
O rei de Chu tinha um macaco branco. Quando o próprio rei atirava-lhe flechas, o macaco apanhava-as para se exibir. Então ordenou a Yang Youji que o atingisse. Quando [Yang] começou a esticar o arco e a apontar a flecha, [ainda] antes de disparar, o macaco abraçou uma árvore e gritou.
Isto é acertar no alvo antes de disparar.

16.90
Quanto aos [símbolos rituais como] o disco de jade do Sr. He e o meio-disco de jade do clã Xiahou,— se [os cortesãos] se curvam cortesmente e os apresentam, criam harmonia e amizade. [Mas] à noite, por causa de ladrões, criam ressentimento. Tal é a diferença entre o momento certo e o momento errado.

16.91
Quando se pinta [um retrato] do rosto de Xi Shi, é belo mas não agrada;
quando se desenham com um compasso os olhos de Meng Ben, são grandes mas não inspiram temor;
A regra da forma— está ausente neles.

16.92
Há pessoas como irmãos mais velhos e mais novos que dividem coisas entre si sem medir. As multidões louvam isso como Retidão. A isto só se pode chamar de “sem medida”; por isso, não pode ser obtido por medição.

16.93
Subir a um lugar alto faz as pessoas quererem observar; aproximar-se de um local profundo faz querer espreitar.
É o local que assim o determina.
O arco e flecha tornam as pessoas precisas.
A pesca torna as pessoas circunspectas.
É a atividade que assim o determina.

16.94
Se alguém dissesse que matando um boi desgastado se poderia evitar a morte de um bom cavalo, ninguém o faria. Se se matar um boi, quem o matar será executado. Enfrentar a execução certa para salvar uma morte que talvez nem ocorra — nunca houve quem agisse assim.

16.95
O clã Jisun tomou o controlo da casa ducal. Confúcio ficou satisfeito. Primeiro alinhou-se com os Jisun e depois entrou para o governo sob a sua autoridade. Disse: “Usar o torto para fazer algo direito — o que há de errado nisso? Usar o direito para fazer algo torto — essa é uma política que não se pode seguir.”
Isto chama-se seguir caminhos diferentes até à mesma maldade.

16.96
Quando a maioria é tortuosa, não consegue tolerar o reto; quando a maioria é inclinada, não consegue tolerar o íntegro.
Assim:
quando as pessoas estão em maioria, comem lobos;
quando os lobos estão em maioria, comem pessoas.

16.97
Aqueles que querem ser maus precisam parecer irradiar retidão; aqueles que querem ser tortuosos precisam parecer estabelecer retidão.
Desde os tempos antigos até hoje, nunca se ouviu dizer que o Caminho Público não tenha sido estabelecido e os desejos privados tenham prevalecido — exceto quando o bem foi confiado aos perversos.

16.98
O rumor popular é como uma floresta: voa sem asas.
Se três pessoas disserem que há um tigre no mercado, toda a aldeia sairá para o caçar.

16.99
[Os animais] que flutuam e afundam não tentam lavar-se ou banhar-se; já é suficiente estarem no meio da água.
Assim, os animais que comem erva não se apressam a mudar de pasto; os insetos aquáticos não se apressam a mudar de rio.
Podem fazer pequenas alterações, mas não se afastam dos seus hábitos constantes.

16.100
Há crenças falsas; há quebras de conveniência.
Wei Sheng morreu debaixo das colunas de uma ponte.
Este foi um caso de crença falsa.

O Sr. Kong [Kong Bo] não lamentou a morte da sua mãe repudiada.
Este foi um caso de quebra da conveniência.

16.101
Zengzi firmou-se na piedade filial. Não passava por uma aldeia chamada Mãe Derrotada.
Mozi opunha-se à música. Não entrava na cidade de Canção do corte.
Confúcio firmou-se na integridade. Não bebia do Poço dos Ladrões.
A isto se chama “fazer florescer a vontade”.

16.102
O [tirano] Djou usava pauzinhos de marfim e Jizi suspirou; o povo de Lu usava estatuetas nos funerais e Confúcio suspirou.
Assim, os sábios veem a geada e antecipam o gelo.

16.103
Quando as aves estão prestes a chegar, as pessoas espalham redes para as esperar. O que apanha a ave é um único olho da rede, mas uma rede de um único olho nunca apanhará uma ave.
Ora, uma pessoa que veste armadura prepara-se para ser atingida por uma flecha. Se soubesse com certeza onde a flecha o atingiria, poderia usar apenas uma pequena escama de armadura.
Há assuntos que às vezes não se podem medir com antecedência; há coisas que não se podem prever.
Assim, os sábios cultivam o Caminho e aguardam o momento certo.

16.104
Uma vaca mal pintada, manchada, sem cornos nem cauda, ainda assim teve o nariz furado e foi posta ao cabresto. Deu à luz uma cria, e esta foi sacrificada. Quando o imitador dos mortos e o invocador realizaram a cerimónia sacrificial e a afogaram no rio, será que o Conde do Rio Amarelo se envergonharia da sua origem e recusaria o sacrifício?

16.105
Adquirir um exército de dez mil homens não se compara a ouvir uma única palavra apropriada; adquirir a pérola do marquês de Sui não se compara a compreender de onde surgem os acontecimentos.
Adquirir o disco de jade do Sr. Gua não se compara a compreender para onde conduzirão os acontecimentos.

16.106
Aquele que escolhe um bom corcel não o utiliza para perseguir uma raposa ou um guaxinim se se está a preparar para caçar um veado ou um cervo.
Aquele que afia uma espada com pedra de amolar não a usa para cortar simples túnicas de seda se se está a preparar para rasgar uma armadura de couro de rinoceronte.

Assim,
“Com montanhas elevadas, ele olha para o cume; com caminhos pitorescos, ele segue até ao fim.” —
É a tal pessoa que esta [oda] se refere.

16.106a
Ver uma bala de besta e esperar um mocho assado; ver um ovo e esperar que a madrugada termine a noite; ver uma semente de cânhamo e esperar tecido pronto: embora haja aqui um princípio, ainda assim não se pode apressar o pôr do sol.

16.107
Se um elefante perde as presas, não guarda rancor de quem delas beneficia; se uma pessoa morre e deixa o seu tapete de dormir, não se ressente de quem o aproveita.
Se alguém consegue usar o que não tem utilidade para os outros em seu próprio benefício, isso é aceitável.

16.108
Um louco corre para o leste. A pessoa que o persegue também corre para o leste. Ambos correm na mesma direção, mas as razões pelas quais correm são diferentes.
Uma pessoa que se afoga entra na água. A pessoa que a resgata também entra na água. Ambas entram na água, mas os motivos são diferentes.
Assim, os sábios equiparam a vida e a morte; os tolos também equiparam a vida e a morte.
Os sábios equiparam vida e morte porque compreendem plenamente a razão das distinções; os tolos equiparam vida e morte porque não sabem onde residem o benefício e o prejuízo.

16.109
Por causa da Humanidade e da Retidão, o Rei Yan de Xu perdeu o seu estado. [Mas] perder um estado não é necessariamente por causa da Humanidade e da Retidão.
Por causa da lealdade, Bi Gan perdeu a vida. [Mas] ser executado não é necessariamente por causa da lealdade.
Assim, alguém com frio treme; alguém com medo também treme.
São iguais no nome, mas diferentes na essência.

16.110
A Pérola Brilho-de-Lua veio de uma ostra-grilo.
O grande tablete de jade de Zhou veio de uma pedra suja.
A tartaruga divina de Dazai veio do fosso de uma cidade.

16.111
O governante de um estado com dez mil carruagens usa um chapéu que não vale mais do que um grama para conduzir uma carruagem que vale cem peças de ouro.
A pele de um boi transformada em tambor comanda as multidões dos Três Exércitos.

16.112
Quem quer aprender canções e baladas deve começar pelos zhi e yu [afinações], e pelos yue e feng [aires clássicos].
Quem deseja beleza e harmonia deve começar pelas composições clássicas “Yang’a” e “Cailing.”
Em ambos os casos, é necessário estudar aquilo que não se deseja estudar para chegar àquilo que se deseja.

16.113
Para atrair cigarras, torna-se o fogo brilhante; para apanhar peixe, torna-se a isca perfumada.
Ao tornar o fogo brilhante, atrai-se e apanha-se; ao tornar a isca perfumada, atrai-se e tira-se proveito.
Se se deseja apanhar peixe, é preciso primeiro conduzir a água; se se deseja apanhar aves, é preciso primeiro plantar árvores.
Onde a água se junta, há abundância de peixe; onde as árvores florescem, as aves reúnem-se.
Se gostas da caça com arco, deves começar por preparar cordas e hastes de flechas; se gostas de pescar, deves começar por preparar redes de malha fina e grossa.
Não é possível obter vantagem alguma sem o equipamento adequado.

16.114
Quando se oferece um cavalo a alguém mas se retira o arreio, quando se oferece uma carruagem mas se retiram os engates do jugo, o que se reteve vale pouco, e o que se deu vale muito.
Assim dizem os camponeses: “Se ferveres carne de vaca sem sal, perdes o propósito.”

16.115
O [tirano] Jie teve alguns feitos.
O [sábio] Yao teve alguns desvios do Caminho.
A feia Mo Mu teve alguns traços de beleza.
A grande beleza Xi Shi tinha alguns pontos feios.
Assim,
entre as leis de um estado extinto, há algumas que podem ser seguidas;
entre os costumes de um estado bem governado, há alguns que podem ser rejeitados.

16.116
As jades rituais, redondas ou pontiagudas,— colocadas entre imundície e lama, não seriam rejeitadas nem por pessoa exigente.
Uma armadilha para peixe ou panela de arroz gasta, colocada sobre almofadas de feltro, não seria levada nem por um ganancioso.
Aquilo em que há beleza, mesmo que sujo, não pode ser desprezado pelas gerações; aquilo em que há fealdade, mesmo que elevado, não pode ser valorizado pelas gerações.

16.117
Se emprestares na primavera e cobrares impostos no outono, o povo ficará satisfeito.
Se cobrares impostos na primavera e emprestares no outono, o povo ficará ressentido.
Os ganhos e perdas são os mesmos, mas a felicidade e a raiva são distintas; são as estações que fazem a diferença.

16.118
Se “mimas” um peixe, não o apanhas, apenas o deixas mergulhar nas profundezas;
se “recompensas” um macaco, não o levas contigo, apenas o deixas balançar-se nas árvores.
Deixas que sigam aquilo que lhes traz benefício, nada mais.

16.119
A pele de zibelina manchada não se compara à pele de raposa uniforme.
Assim, nada é mais detestado do que alguém cuja conduta não é consistente.

16.120
Quem julga cavalos pode falhar na escolha de um [bom] cavalo, mas o valor do cavalo permanece durante o julgamento.

16.121
Agora alguém acende fogo; alguns acrescentam lenha para o alimentar; outros despejam água para o apagar.
Antes que qualquer um deles tenha efeito, o ressentimento [que segue um] e a gratidão [que segue o outro] já se distanciaram amplamente.

16.122
Um homem de Ymg [em Chu] procurava uma viga para uma casa e procurava uma trave com três palmos de diâmetro. Alguém deu-lhe o eixo de uma carroça. Ajoelhando-se para o medir, descobriu que embora fosse espesso o suficiente, não era suficientemente comprido.

16.123
Qu Boyu usou a Potência para transformar;
Gongsun Yang usou a punição cortante.
O seu objetivo era o mesmo.
Quando um doente está deitado no tapete, o que o médico usa são agulhas e pedras; o que o xamã usa são grãos [sacrificiais] e juncos; os seus objetivos são compatíveis.

16.124
A planta cabeça-de-raposa cura mordedura de rato; a planta cabeça-de-galo cura tumores;—
mosquitos em pó coagulam o sangue; madeira bicada cura dor de dentes.
Estes são exemplos de coisas que se estendem dentro de categorias semelhantes.
Usar gordura para matar uma tartaruga, dardos emplumados para atingir um ouriço, cinza de madeira podre para criar moscas,
[e o fato de que] se exposta ao olhar de caranguejos, a laca não seca——
Estes [são exemplos de] coisas que não se podem estender dentro de categorias semelhantes.
O que pode ou não pode ser estendido [dentro de categorias] assemelha-se ao que “não é” mas [na verdade] é; ou ao que “é” mas [na verdade] não é.
Quem pode compreender tais subtilezas?

16.125
Não existem raposas totalmente brancas no mundo, e ainda assim existe pele de raposa branca; é composta por muitos pedaços de pelo branco.
Uma pessoa que ama o estudo assemelha-se ao rei de Qi quando comia frango. Precisava de comer várias dezenas de patas de frango antes de ficar satisfeito.

16.126
Uma faca é útil para cortar cabelo, mas para derrubar uma árvore grande, sem um machado não a conseguirás cortar.

Assim, entre instrumentos de corte, há certamente uns apropriados e outros que não o são.

16.127
Se olhares apenas uma polegada quadrada de um boi, não saberás que é maior do que uma ovelha. Mas ao observares o corpo inteiro de ambos, saberás que a diferença entre os dois é muito grande.

16.128
Se uma mulher grávida vê um coelho, a criança nascerá com lábio leporino.
Se vê um veado, o bebé nascerá com quatro olhos.

16.129
Se um cavalinho tem olhos grandes, não se pode chamar cavalo grande.
Se um cavalo grande tem um olho cego, pode chamar-se cavalo cego.—
Há coisas que parecem ser e coisas que parecem não ser.
Assim,
se cortares um dedo, podes morrer;
se cortares um braço, podes sobreviver.
Categorias de coisas semelhantes não podem necessariamente ser estendidas.

16.130
Se quiseres afiar uma espada, deves ter uma pedra de amolar macia.
Se quiseres percutir sinos e pedras sonoras, deves ter um martelo de madeira húmida.
Para que o cubo da roda seja forte, os raios têm de ser fracos.
Duas coisas duras não se harmonizam; duas coisas fortes não se submetem uma à outra.
Assim, madeira de wutong [macia] pode cortar chifre, e pelo de cavalo pode cortar jade.

16.131
Uma casamenteira não estuda o engano, mas quando faz o seu trabalho, gera desconfiança.
Um homem de bravura íntegra não estuda a guerra, mas ao manter-se firme, gera indomabilidade.
Assim,
o Homem Superior não entra numa prisão, pois isso pode prejudicar a sua bondade;
não entra num mercado, pois isso pode prejudicar a sua pureza.
O efeito acumulado das coisas não pode ser ignorado.

16.132
Quando as pessoas andam, não usam as mãos, mas se as mãos estiverem atadas, não conseguem caminhar depressa.
Quando os pássaros voam, não usam a cauda, mas se a cauda estiver torcida, não conseguem voar longe.
Naquilo que é usado, usamos aquilo que não é usado.
Assim,
o que se usa para ver não vê por si só;
o que se usa para percutir um tambor não faz som por si só.

16.133
Ao provar um pedaço de carne, podes conhecer o sabor de um tacho inteiro.
Ao suspender penas e carvão [numa balança], podes conhecer a humidade do ar.
Usa-se o pequeno para iluminar o grande.
Ao ver cair uma folha, sabes que o ano está a terminar;
ao notar gelo num jarro, sabes a temperatura do mundo.
Usa-se o próximo para avaliar o distante.

16.134
Se três pessoas andarem lado a lado, não conseguem sair pela porta; se duas caminharem em fila, podem ir a qualquer lugar do mundo.

16.135
Ao pisar o chão, deixam-se pegadas [que ficam]; ao andar à luz do sol, criam-se sombras [que não ficam].
Isto é fácil de observar, mas difícil de explicar.

16.136
Quando o rei Zhuang [de Chu] executou [o seu ministro] Li Shi,— Sunshu Ao consertou o seu chapéu oficial e lavou a túnica.—
O duque Wen [de Jin] descartou os esteiras gastas e relegou para o fim da coluna [os soldados] cujos rostos estavam marcados pelo sofrimento e pela idade. O Tio Materno Fan, por isso, recusou regressar com ele.—
Quando as folhas da amoreira caem, os idosos lamentam.

16.137
Panelas comuns são usadas diariamente mas não têm grande valor.
Os ding reais da dinastia Zhou não são usados para cozinhar, mas não se pode dizer que não têm valor.
Certamente há coisas cuja utilidade está precisamente em não serem usadas.
Se o terreno é plano, a água não flui; se os pesos são iguais, a balança não se inclina.
Excesso de qualquer coisa provoca inevitavelmente uma reação.
Assim, há coisas que têm grande utilidade por não serem usadas.

16.138
Despirmo-nos e depois lavar-nos é possível.
Lavar-nos e depois despirmo-nos não é possível.
Oferecer sacrifício e depois festejar é possível.
Festejar e depois sacrificar não é possível.
Na ordem das coisas, há sempre [um modo] que é o apropriado.

16.139
No dia de um sacrifício, chamar alguém de “filho da mãe”;
na noite de núpcias, falar de roupas de luto;
no dia de uma festa com vinho, falar de erguer um altar fúnebre —
é como atravessar o Yangzi ou o Rio Amarelo e falar das ondas do marquês de Yang.

16.140
Alguém disse: “Se se soubesse que num certo dia haveria uma grande amnistia, muitas pessoas seriam mortas [antes disso].”

Outro disse: “Se se soubesse que num certo dia haveria uma grande amnistia, muitas pessoas permaneceriam vivas [graças a isso].”
Ao considerarem a amnistia, eram semelhantes; mas ao julgarem se ela era benéfica ou prejudicial, diferiam.
Assim,
por vezes sopras o fogo e ele arde mais;
por vezes sopras o fogo e ele apaga-se.
A razão por que se sopra é diferente.

16.141
Se alguém cozinhou uma vaca e ofereceu um banquete à aldeia, mas depois amaldiçoou a mãe do senhorio,— não só a sua bondade não seria retribuída, como colocaria a sua vida em risco.

16.142
O rei Wen [de Chu] tinha o peito afundado.
Bao Shen era corcunda.
Juntos trouxeram bom governo a Chu.
Pi Chen tornou-se sábio ao deixar a capital; com isso, contribuiu para o sucesso dos assuntos de Zichan.—

16.143
Um anão perguntou a um homem alto sobre o céu. O homem alto disse: “Não sei.” O anão respondeu: “Mesmo que não saibas, ainda estás mais próximo do que eu.”
Assim, sempre que se pergunta sobre assuntos, é preciso perguntar a quem está próximo deles.

16.144
“Os ladrões dificultam o caminho”, disse o coxo ao cego. O cego carregou o coxo às costas e seguiram caminho; ambos chegaram vivos. [Isto foi porque] cada um usou a sua própria capacidade.
Forçar um mudo a falar ou um coxo a andar [seria] desperdiçar as suas verdadeiras capacidades.

16.145
Um homem de Ymg queria vender a sua mãe. Disse ao comprador: “Esta mãe é idosa. Por favor, alimenta-a bem e não deixes que [a vida dela] seja amarga.”
Isto é cometer uma grande ofensa contra a Retidão ao mesmo tempo que se tenta realizar um pequeno ato de Retidão.

16.146
O movimento de insetos com couraça [como as cascas de mo ou tartarugas] facilita a rigidez;
o movimento de insetos assexuados [como abelhas e vespas] facilita a picada venenosa.
O movimento dos ursos pretos e castanhos facilita o agarrar;
o movimento de rinocerontes e bois facilita o investido.
Nenhum animal abandona os seus pontos fortes para usar as suas fraquezas.

16.147
Governar um país é como mondar um campo. Apenas se removem as plantas nocivas.
Quando se toma banho, alguns cabelos caem, mas não se deixa de tomar banho por isso.
O que se perde é pouco, e o que se ganha é muito.

16.148
Uma pedra de amolar não é afiada, mas pode afiar metal.
A armação do fabricante de arcos não é reta, mas pode endireitar o arco.
Assim, há certamente coisas que [embora] não sejam retas podem endireitar; que [embora] não sejam afiadas podem afiar.

16.149
Com a força valorizamos a agilidade; com o conhecimento valorizamos a acuidade.

16.150
Quando os resultados são os mesmos, a rapidez é considerada superior; quando a vitória é igual, a lentidão é considerada inferior.
A razão por que valorizamos [a grande espada] Moye é porque responde às coisas cortando de forma limpa e precisa.
Mas um limiar pode partir-se de repente com as vibrações constantes das carroças de bois.

16.151
Embora Confúcio tenha enfrentado dificuldades nas [terras fronteiriças de] Chen e Cai, abandonar as seis artes por essa razão seria imprudente.
Embora os médicos às vezes não consigam curar as suas próprias doenças, não usar remédio ao adoecer seria insensato.

UMA FLORESTA DE PERSUASÕES

Dezassete

17.1
Aplicar os padrões de uma era passada para governar o mundo [hoje] é como o passageiro de um barco que perdeu a espada a meio do rio. De imediato fez uma marca no barco, pretendendo voltar à noite para procurar a espada.
A sua falta de discernimento em resolver as coisas era realmente profunda!
Seguir as pegadas num canto do mundo e não saber como vaguear em conformidade com o Céu e a Terra — não há confusão maior do que essa.
Só porque algo é adequado a uma determinada época, não significa que seja sempre valioso.
É como fazer dragões de barro em tempo de seca, ou cães de palha sacrificiais durante uma epidemia. Só têm poder num momento específico.

17.2
Os restos rasgados de uma fralda de bebé têm valor para tratar mordeduras do insecto *qiu*,— mas não são o meio-disco de jade do clã Xiahou.—

17.3
Não tem antiguidade nem presente, nem começo nem fim.
Antes de haver Céu e Terra, já havia gerado o Céu e a Terra.
É profundamente subtil e grandiosamente vasto.

17.4
Onde os pés pisam é superficial, mas [devemos] confiar naquilo que não pisamos antes de podermos caminhar.
O que uma pessoa sábia sabe é limitado, mas [devemos] confiar no que não sabemos antes de podermos compreender.

17.5
Um nadador usa os pés para bater e as mãos para deslizar [na água]. Mas se não dominaste a técnica de nadar, quanto mais te agitares, mais te vais atrapalhar. Quando aprendes a nadar, não é [só] uma questão de mãos e pés.

17.6
As aves voltam ao seu ninho;
os coelhos regressam à sua toca;
as raposas moribundas dirigem-se à sua cova;
os mosquitos pairam sobre a água.
Todas as coisas dependem daquilo que lhes deu origem.

17.7
Não se dá um espelho a quem perdeu a visão;
não se dão sapatos a quem perdeu um pé;
não se oferece um chapéu cerimonial a alguém de Yue;
não lhes servem de nada.

17.8
Embora um martelo tenha cabo, não consegue martelar a si mesmo;
embora os olhos vejam a cem passos de distância, não conseguem ver as próprias pálpebras.

17.9
Cães e porcos não comem de pratos nem de chávenas. Engordam os corpos descuidadamente; [consequentemente], o amor-próprio acelera a própria morte.
As fénix voam a mais de mil *ren* de altura; por isso, ninguém as consegue alcançar.

17.10
A lua ilumina o céu, mas é engolida pelo sapo;
o réptil *deng* vagueia no nevoeiro, mas é ameaçado pelo grilo;
a força do corvo vence o sol, mas submete-se ao pássaro *zhuizha*.
[As coisas] podem possuir [tanto] forças como fraquezas.

17.11
Ninguém vive mais do que uma criança que morre na infância;
o Ancestral Peng teve vida curta.—

17.12
Se a corda for curta, não se pode tirar água das profundezas;
se o instrumento for pequeno, não serve para coisas demasiado grandes.
Não está dentro da sua capacidade.

17.13
A raiva surge da não-raiva,
a ação surge da não-ação.

17.14
Procura o informe e verás o que procuras.
Escuta o inaudível e ouvirás o que escutas.

17.15
O melhor sabor não sacia;
a linguagem mais elevada não embeleza.
A maior alegria não provoca riso;
o som mais elevado não clama.
O maior artista não talha;
o melhor cozinheiro não corta;
o maior herói não combate.
Quando se alcança o Caminho, a sua Potência segue. Isto é como
a correspondência entre a nota *Huangzhong* (Sino Amarelo) e a nota *gong*, ou entre a nota *Dabao* (Grande Brotação) e a nota *shang* — a sua consonância não pode ser alterada.

17.16
Se alguém aposta uma telha, o seu passo é comedido.
Se aposta ouro, fica excitado.
Se aposta jade, fica profundamente inquieto.
Por esta razão, se aquilo que valorizas é externo, o que está dentro de ti tornar-se-á embotado.

17.17
Quando persegues um animal selvagem, os teus olhos não notam o Monte Tai.
Quando desejas algo externo com avidez, a tua percepção enfraquece.

17.18
Aqueles que ouvem o som de um som são surdos.
Aqueles que ouvem o som do silêncio são perspicazes.
Aqueles que não são nem surdos nem perspicazes penetraram
na iluminação espiritual.

17.19
O adivinho segura o casco da tartaruga;
o xamã dispõe os paus de milefólio.
Ao consultar os seus cálculos, será de números que se trata?

17.20
Aqueles que dançam marcam o compasso, e os que estão sentados

batem inconscientemente as palmas em uníssono.
O que os leva a esse ponto é o mesmo.

17.21
O sol nasce no Vale Luminoso
e põe-se no Abismo da Angústia.—
Ninguém repara nos seus movimentos,
mas num instante
faz-te virar a cabeça.

17.22
Ninguém quer aprender a montar um dragão,
mas todos querem aprender a montar um cavalo.
Ninguém quer aprender a governar fantasmas,
mas todos querem aprender a governar homens.
[As pessoas] correm atrás do que tem utilidade.

17.23
Derrubar um portão para fazer lenha;
tapar um poço para fazer um almofariz:
Quando as pessoas fazem coisas, por vezes são assim tão tolas.—

17.24
A água e o fogo repelem-se mutuamente, mas quando um pequeno
caldeirão está entre eles, os cinco sabores harmonizam-se.
O osso e a carne atraem-se, mas quando a calúnia intervém,
a relação pai-filho é ameaçada.

17.25
Quando os meios pelos quais nutres algo prejudicam o que nutres,
é como rapar o pé para caber no sapato ou cortar a cabeça para caber no chapéu.

17.26
O cálamo repele pulgas e piolhos, mas atrai centopeias.—
Alivia uma irritação menor mas convida a um grande mal.
Assim, pequenos prazeres [podem] minar grandes benefícios.

17.27
Uma parede em colapso não se compara a uma que não colapsa.—
Mas é melhor do que uma casa a desmoronar-se.

17.28
O fato de o *bi* e o *yuan* [objetos rituais de jade] se tornarem instrumentos
deve-se ao mérito do abrasivo;—
o fato de a espada *Moye* cortar tão bem deve-se
à força da pedra de amolar.

17.29
Quando o coelho astuto é capturado, o cão de caça é cozinhado.

Quando a ave de voo alto é abatida,
a besta forte é arrumada.

17.30
As mutucas que seguem um cavalo puro-sangue percorrem mil *li* mas não voam.
Não armazenam grãos, e ainda assim não passam fome.

17.31
Imagina que há um incêndio acidental e, por acaso, começa a chover.
Ter o incêndio é azar, mas a chuva é sorte.
Assim, dentro do infortúnio pode haver fortuna.

17.32
O vendedor de caixões deseja doenças e pragas humanas;
o acumulador de cereais deseja secas e fomes anuais.

17.33
Quando a água está parada, está nivelada.
Quando está nivelada, está clara.
Quando está clara, revela as formas das coisas.
Nada se pode esconder; assim, pode ser usada para corrigir as coisas.

17.34
Quando os riachos secam, os vales ficam vazios.
Quando as colinas se aplainam, os desfiladeiros deixam de fluir.
Quando os lábios secam, os dentes arrefecem.

17.35
[Embora] a água do rio corra profunda, o lodo assenta nas montanhas.

17.36
Do mesmo pedaço de seda branca simples,
uma parte pode ser usada para um chapéu de luto,
e outra para meias.
O chapéu é usado na cabeça,
mas as meias são usadas nos pés.

17.37
Se conheces a ti mesmo, não podes ser seduzido pelas coisas.
Se compreendes a vida e a morte, não podes ser dissuadido pelo perigo.
Assim, um bom nadador não se assusta com águas rasas.

17.38
Nenhuma relação de sangue é mais próxima do que os próprios ossos e carne; eles unem juntas e tecidos. Mas quando a mente perde o controlo sobre eles, podem virar-se e causar dano a si mesmos. Quanto mais isso não será verdade com relações mais distantes?

17.39
A relação do sábio com o Caminho é como a do girassol com o sol.
Embora não comece nem termine com ele, volta-se para ele com total sinceridade.

17.40
O reservatório imperial transborda em tempos de cheias e seca em tempos de seca,
[mas] as nascentes do Yangzi são mananciais profundos que não secam.

17.41
Uma cobertura sem estrutura não protege do sol.
Uma roda sem raios não gira rapidamente.
Ainda assim, estruturas e raios, por si só, não são suficientes para serem fiáveis.

17.42
O metal vence a madeira, mas não se pode destruir uma floresta com uma única faca.
A terra vence a água, mas não se pode tapar o Yangzi com um único torrão de terra.

17.43
Quando um aleijado vê um tigre e não foge, isso não se deve à sua coragem, mas à sua condição, que não o permite.—

17.44
O que está inclinado facilmente tomba.
O que está torto facilmente desaba.
Uma pessoa próxima é facilmente ajudada.
Um lugar húmido facilmente atrai chuva.

17.45
Quando o rato é apanhado, a armadilha move-se;
quando o peixe é fisgado, a bóia estremece;
quando a carga é movida, a carroça range.

17.46
Cães de palha podem estar de pé, mas não conseguem andar.
A planta “cama de serpente” assemelha-se à planta *miwu*,— mas não exala perfume.

17.47
Ninguém que diga
que Xu You não tinha Potência
ou que Wu Huo não tinha força
pode deixar de mostrar vergonha no rosto.
Ninguém deixa de revelar as próprias deficiências.

17.48
Imagina que o salto de um coelho fosse tão grande como o de um cavalo. Poderia acompanhar o sol e perseguir o vento. Mas se [um coelho] se tornasse realmente [do tamanho] de um cavalo, não conseguiria correr de todo.

17.49
No inverno pode haver trovões e relâmpagos,

e no verão pode haver geada e neve.
No entanto, as tendências inerentes ao calor e ao frio não mudam.
Pequenas variações não são suficientes para alterar os princípios constantes.

17.50
O Imperador Amarelo produziu o yin e o yang.
Shang Pian produziu os ouvidos e os olhos;
Sang Lin produziu os ombros e os braços.—
Nuwa usou tudo isto para realizar as setenta transformações.—

17.51
Para falar todo o dia, seria preciso ter as qualidades de um sábio;
para acertar no alvo cem vezes seguidas, seria necessária a perícia de um [Arqueiro] Yi ou de um Peng Meng.—
Mas a era atual não os louva; tal apego aos padrões é desprezado.

17.52
Tanto o casco do boi como o crânio do porco são osso, mas o mundo não os queima para adivinhação. A razão pela qual devemos consultar a tartaruga sobre se algo será bom ou mau é porque as pessoas o fazem há gerações.

17.53
Se viveres perto do celeiro de Ao, não comerás mais por causa disso;
se viveres perto do Yangzi ou do Rio Amarelo, não beberás mais por isso.—
Queres apenas encher o estômago — e isso basta.

17.54
A orquídea e o lírio exalam o seu perfume — mas nunca chegam a ver a geada.
A coruja — escapa às armas dos seus atacantes, mas morre no quinto mês.—

17.55
A língua ou os dentes — qual apodrece primeiro?
O cabo da lança ou a lâmina — qual se desgasta primeiro?
A corda do arco ou a flecha — qual se parte primeiro?

17.56
A enguia e a cobra,
o bicho-da-seda e a lagarta —
Na aparência pertencem à mesma categoria. Mas a forma como são apreciadas ou rejeitadas torna-as diferentes.

17.57
O estado de Jin usou o disco de jade Chuiji para conquistar [os estados de] Yu e Guo;
o chefe Rong, Li, usou uma bela mulher para destruir o estado de Jin.—

17.58
Os surdos não podem cantar, pois não têm como imaginar a música.
Os cegos não podem observar, pois não têm como discernir as coisas.

17.59
Se observares apenas o arqueiro, perderás de vista a sua destreza.
Se observares apenas o calígrafo, perderás de vista a sua paixão.
Se focares no que está presente [no exterior], perderás de vista o que está preservado [no interior].

17.60
Se nada do passado pudesse ser melhorado, as rodas maciças das carroças nunca se teriam tornado rodas com cubos separados.—

17.61
Se uma musicista sopra as flautas de palheta e [outra] coloca os dedos nos orifícios, mesmo que mantenham o compasso, ninguém suportaria ouvir.
À música faltaria a sua forma dominante.—

17.62
Se tiveres a mesma doença de quem está a morrer, será difícil seres bom médico para ele.
Se partilhares o mesmo Caminho de um estado em declínio, será difícil traçar planos para ele.

17.63
Se preparas arroz para o teu convidado mas comes vegetais tu mesmo,
[estás a mostrar que] valorizas mais a reputação do que a realidade.

17.64
Uma cadela a amamentar morderá um tigre;
uma galinha a chocar bicará uma raposa.
Quando a sua preocupação [maternal] é despertada, não consideram forças relativas.

17.65
O que torna a sombra torta é a forma original;
o que distorce o eco é o som de origem.
Quando as emoções se manifestam, o sentimento interior torna-se fácil de inferir;
quando as flores surgem fora de tempo, os frutos tornam-se intragáveis.

17.66
Se fores até Yue, podes ir de barco ou de carroça.
Os caminhos são diferentes, mas o destino é o mesmo.

17.67
Homens bem-parecidos não têm [todos] o mesmo corpo.
Mulheres bonitas não têm [todas] o mesmo rosto.
Mas todas são agradáveis ao olhar.
Peras, laranjas, tâmaras e castanhas não têm o mesmo sabor,
mas todas agradam ao paladar.

17.68
Há pessoas que roubam e ficam ricas, mas nem todos os ricos são ladrões.
Há pessoas puras e pobres, mas nem todos os pobres são puros.

17.69
A fibra de junco assemelha-se à de seda, mas não pode ser usada como enchimento.
O cânhamo não pertence à categoria dos tecidos, mas pode ser transformado em tecido.

17.70
Se saíres de uma floresta, não conseguirás seguir um caminho reto.
Se atravessares um desfiladeiro, não conseguirás caminhar em linha reta como por um cordel.

17.71
O que permitiu a Yi disparar ao longe e atingir o centro de alvos minúsculos não foi o arco e flecha.
O que permitiu a Zaofu conduzir rápido e ao longe não foram as rédeas e o freio.

17.72
O mar retém aquilo que expeliu; por isso é vasto.
A roda regressa de onde partiu; por isso é abrangente.

17.73
A carneiro não deseja formigas, mas as formigas são atraídas pelo carneiro porque cheira mal.
A salmoura não deseja mosquitos, mas os mosquitos são atraídos por ela porque é azeda.

17.74
Ao provar um pequeno pedaço de carne, conheces o sabor do tacho inteiro.
Ao suspender uma pena sobre brasas, conheces a secura ou humidade do *qi*.
Pelo pequeno, julga-se o grande; pelo próximo, extrapola-se o distante.

17.75
Um reservatório de dez *qing* pode irrigar quarenta *qing* de terra,—
[mas] um reservatório de um *qing* não pode irrigar quatro *qing*.
A redução de escala do grande para o pequeno é assim.

17.76
Sob a luz de uma lua brilhante, podes ver longe,
mas não podes escrever em letra minúscula.
Numa manhã muito enevoada, podes escrever em letra miúda,
mas não vês além de alguns passos.

17.77
Um artista preocupado com um único fio de cabelo perde de vista o rosto.
Um arqueiro que mira um ponto pequeno falha o alvo grande.

17.78
Escavar um buraco de rato e arruinar o portão da aldeia,
rebentar uma borbulha e provocar uma grande infeção
assemelha-se a uma pérola com um defeito, um jade com uma falha:
Se o deixares em paz, permanecerá inteiro;
se o tentares remover, estragarás tudo.

17.79
A ave que constrói um ninho faz a sua casa na floresta densa porque é segura.
O animal que escava uma toca escolhe um aterro elevado porque é conveniente.

17.80
O príncipe Qingji corria tão depressa quanto cervos com ou sem cauda, e apanhava rinocerontes e tigres com as próprias mãos. Mas, colocado numa sala escura, nem sequer conseguia apanhar uma tartaruga, porque as condições não eram favoráveis.—

17.81
Tang exilou o seu governante e alcançou uma reputação gloriosa.
Cui Shu assassinou o seu príncipe e foi profundamente desprezado.
O que fizeram foi comparável; a razão por que o fizeram é que foi diferente.

17.82
Lii Wang incentivava os idosos a serem vigorosos.
Xiang Tuo fazia com que os jovens se tornassem orgulhosos.
As pessoas admiram os que são semelhantes a si.

17.83
O que faz as folhas caírem é o vento que as sacode.
O que turva a água são os peixes que a agitam.

17.84
As marcas de tigres e leopardos atraem os arqueiros;
a agilidade dos macacos atrai os caçadores.—

17.85
Mover uma peça de xadrez não é suficiente para mostrar sabedoria.
Dedilhar uma corda [de instrumento] não é suficiente para expressar tristeza.

17.86
Se um tubo de três polegadas não tiver tampa no fundo, nem o mundo inteiro o conseguirá encher.
Se um recipiente de dez *dan* tiver uma tampa no dreno, cem medidas serão suficientes.

17.87
Medir a profundidade do Yangzi com uma vara de bambu e, quando a vara atinge o fundo, considerar que se mediu toda a profundidade da água é [realmente] ilusão.

17.88
Os que pescam apressam-se para as profundezas;
os que derrubam árvores apressam-se para as montanhas,
porque [sabem] que aquilo que procuram está lá.
De manhã, as pessoas apressam-se para o mercado;
ao entardecer, passeiam tranquilamente para casa,
porque aquilo que procuravam já se foi.

17.89
A pele de zibelina manchada não se compara à de raposa uniforme.—
Um disco de jade branco com manchas não é muito valorizado.
Isto ilustra a dificuldade de alcançar a pureza.

17.90
Os fantasmas dos mortos em batalha odeiam os xamãs espirituais;
ladrões e salteadores odeiam cães que ladram.

17.91
É fácil oferecer sacrifícios de milho e carne num altar da terra sem aldeia;
é fácil orar pela prosperidade num altar de cereais sem estado.—

17.91a
A tartaruga não ouve, mas a sua visão não pode ser enganada; a sua essência está na visão clara.
Um músico cego não vê, mas a sua audição não pode ser bloqueada; a sua essência está na acuidade auditiva.

17.92
O filho póstumo não sente saudades do pai, pois não guarda qualquer impressão mental.
Não o vê nos sonhos, porque nunca viu o seu rosto.

17.93
Uma cobra não pode crescer pernas;
tigres e leopardos não podem ser ensinados a trepar árvores.—

17.94
Um cavalo não se banqueteia com banha;
um tentilhão não debica milho;
[mas] não é por serem abstémios.

17.94a
Quando Qin atravessou o Desfiladeiro de Yao, Wei fortificou as suas muralhas.

17.95
Cavalos esfomeados no estábulo estão imóveis e silenciosos, mas basta atirar-lhes palha ao lado para que nasça o coração cobiçoso.

17.96
Quando puxas o arco e disparas, sem toda a corda o projétil não voaria.
Mas a parte da corda que realiza o disparo é apenas uma entre cem.

17.97
O Caminho e a sua Potência podem ser tomados como modelo constante;
a conveniência não pode ser tomada como modelo constante.
Assim,
[quem] escapa por um desfiladeiro [e foge do país] não pode [ser autorizado a] regressar;
um prisioneiro fugitivo não pode ser reintegrado.

17.98
Um anel pode ser usado para ilustrar um círculo, mas nem sempre serve como roda.
Um cordão de seda pode servir de orla para uma sandália, mas nem sempre serve como fita.

17.99
O sol e a lua não nascem juntos.
As raposas não formam pares de machos.
O dragão espiritual não tem par.
Bestas ferozes não andam em rebanhos.
Aves de rapina não se emparelham.

17.100
Se seguires um cordel de marcação para cortar, não cometerás erro.
Se suspenderes uma balança para pesar, não te enganarás.
Se instalares um gnómon para observar à distância, não te confundirás.—

17.101
Se subtraíres anos à tua idade, incitarás o ciúme do teu irmão mais novo.
Se adicionares anos à tua idade, incitarás a suspeita do teu irmão mais velho.
É melhor simplesmente seguir princípios e agir de acordo com o que é apropriado.

17.102
As pessoas não veem o dragão em voo. Ele pode subir tão alto porque o vento e a chuva o servem.

17.103
Onde as larvas proliferam, as árvores quebram.
Onde as fendas se alargam, os muros desmoronam.

17.104
As coisas penduradas acabam por cair.
Os membros que se projetam acabam por se partir.

17.105
Se suportares frio extremo sem morrer, não prejudicas a tua robustez.
Se enfrentares calor escaldante sem sofreres uma insolação, não perdes a tua resistência.
Mas se nunca tiveste falta de robustez, acabarás por a perder.—

17.106
Quando o banho é preparado, os piolhos consolam-se uns aos outros;
quando um grande edifício é concluído, as andorinhas congratulam-se mutuamente.
A tristeza e a alegria estão distantes uma da outra.

17.107
Quando Liuxia Hui viu os doces, disse: “[Isto] pode nutrir os idosos.”
Quando o Ladrão Zhi os viu, disse: “[Isto] pode lubrificar o trinco da porta.”
O que viram foi o mesmo; o uso que lhes dariam foi diferente.

17.108
O bicho-da-seda come mas não bebe. Em trinta e dois dias transforma-se.—
A cigarra bebe mas não come. Em trinta dias muda de pele.
A formiga não come nem bebe. Em três dias morre.

17.109
Quando as pessoas comem pedras de rio, morrem;
quando os bichos-da-seda as comem, evitam a fome.
Quando os peixes comem feijões *ba*, morrem;
quando os ratos os comem, engordam.
As categorias correlativas não podem ser inferidas necessariamente.

17.110
O tijolo é feito com fogo, mas não se pode obter fogo dele;
o bambu cresce na água, mas não se pode obter água dele.

17.111
Espalhar pó e querer não se sujar;
enrolar-se em peles e ao mesmo tempo abanar-se com leque;
—não seria melhor usar roupa apropriada?

17.112
O bambu seco contém fogo [em potência], mas sem pederneira não se inflama;
no interior da terra há água, mas sem nascente não brota.

17.113
As doenças das ostras e dos elefantes— são tesouros para os humanos.
Mas as doenças humanas — quem as desejaria?

17.114
Se tiveres tanto receio do lucro do vendedor de vinho que não compras o vinho, acabarás com sede.
Se tiveres tanto receio do lucro do cocheiro que não alugares a carruagem, não chegarás ao destino.
Se apanhares fogo para o lançar a outro, primeiro queima-te a ti próprio.

17.115
Se morresse a mãe do teu vizinho, irias até lá derramar lágrimas com ele.
Mas se morresse a tua própria esposa, não chorarias [em público], pois [as pessoas] considerariam isso uma violação [da etiqueta].

17.116
Na Terra dos Nus, nas regiões ocidentais, aves, feras e humanos não se evitam uns aos outros;
todos coexistem como um só.

17.117
Se agarrares um único pedaço de carne assada, queimarás os dedos.
Se estiveres a dez passos de dez mil *dan* de carne assada, não morrerás queimado.

Embora idênticos quanto ao *qi*, diferem na concentração acumulada.
[A diferença entre] grande e pequena coragem é assim.

17.118
Com uma esteira de seis pés,
se a estenderes no chão para ser pisada, até um desajeitado consegue;
se a colocares na vertical para ser saltada, até um talentoso terá dificuldade.
Isto porque as condições foram alteradas.

17.119
Cem ameixas bastam para fazer vinagre para cem pessoas,
[mas] uma única ameixa não basta para fazer vinagre para uma pessoa.

17.120
Proibir o mundo de comer porque [uma pessoa] morreu por causa de comida,
proibir o mundo de andar de carroça porque [uma pessoa] se feriu numa, seria perverso.

17.121
Se usas um anzol, és silencioso;
se usas arbustos, bates no barco;
se usas uma armadilha, pressionas para baixo;
se usas uma rede, levantas para cima.
Os métodos diferem, mas em apanhar peixe, são iguais.

17.122
Ao veres a presa de um elefante, sabes que era maior do que um boi.
Ao veres a cauda de um tigre, sabes que era maior do que uma raposa.
Uma parte aparece, e as cem restantes tornam-se conhecidas.

17.123
Pequenos estados não combatem no espaço entre grandes estados;
dois veados não lutam quando há um rinoceronte por perto.

17.124
Se auxiliares o sacrificador, provarás a oferenda.
Se ajudares um brigão, sairás ferido.
Se procurares abrigo debaixo de uma árvore maldita, serás atingido por um raio.

17.125
Alguns chamam-lhe *zhong*, outros chamam-lhe *long*.
Alguns dizem *li*, outros dizem *deng*.
O nome é diferente, mas a realidade é a mesma.
Se, significando “mentira e piolhos”, e *se*, significando “instrumento musical feito de madeira oca”:
o nome é o mesmo, mas a realidade é diferente.

17.126
O sol e a lua querem brilhar, mas nuvens errantes podem cobri-los.
Orquídeas e lírios querem perdurar, mas os ventos de outono hão de vencê-los.

17.127
Se uma tigresa tem uma cria que não consegue agarrar nem dilacerar [a presa com as garras], matá-la-á imediatamente — porque não é feroz o suficiente.

17.128
Um selo de jade em forma de tartaruga é algo que o virtuoso transforma em ornamento;
terra fértil espalhada pelos campos é algo que os capazes transformam em riqueza.
Dar ouro e jade a alguém que se afoga não é tão útil quanto alguns metros de corda.

17.129
Ao observar escritos, se o carácter “vinho” está acima,
certamente o carácter “carne” estará abaixo.
Se “ano” está acima, “mês” estará abaixo.
Podemos reconhecê-los conforme as suas categorias.

17.130
Se estás coberto de pó e semicerras os olhos, isso é razoável;
mas se tapas os olhos antes mesmo de saíres pela porta, isso contraria o Caminho.—

17.131
O talhante alimenta-se de legumes grosseiros.
O fabricante de carroças caminha a pé.
O oleiro usa tigelas rachadas.
O carpinteiro vive em espaço apertado.
Quem faz não é necessariamente quem usa;
quem usa não está disposto a fazer.

17.132
Com o cubo da roda bem montado, cada um dos seus trinta raios usa toda a sua força sem prejudicar os outros.
Se colocares apenas um raio no cubo e descartares todos os outros, como seria possível percorrer dez mil *li*?

17.133
Se caminhares à noite, fechas os olhos e estendes a mão à frente.—
Se atravessares um corpo de água, soltas os cavalos e tomas um barco.
Ao fazer as coisas, há ações apropriadas e há coisas que não devem ser feitas.

17.134
Tangerinas e toranjas têm os seus lugares de origem.
Os juncos e as trepadeiras *metataxis* têm locais onde se concentram.
Animais selvagens com patas idênticas migram juntos.
Aves com asas idênticas voam em formação.

17.135
A água da chuva que vem dos campos desagua no mar;
as palavras sussurradas ao ouvido podem ser ouvidas a mil *li*.

17.136
Quando Su Qin andava devagar, diziam: “Porque anda tão devagar?”

Quando apressava o passo, diziam: “Porque tanta pressa?”
Quando galopava a cavalo, diziam: “Porque galopa ele?”
O que quer que fizesse, era comentado. Muitas atividades geram muitas críticas.

17.137
Se a pele não é visível, onde procurarás os pelos?—
Se receias a cabeça e a cauda,
e quanto ao que está escondido no corpo?

17.138
Querer ver os nove continentes [do mundo] — sem sequer ter caminhado mil *li*;
ignorar as origens do governo e da educação mas desejar reinar sobre miríades de pessoas —
estas coisas são difíceis!

17.139
Se [a presa] é demasiado óbvia, será levada;
se [a ave] é demasiado lenta, será abatida.
Grande Pureza é como se estivesse maculada;
Grande Potência é como se estivesse em falta.—

17.140
Se nunca plantaste nem colheste, mas os teus celeiros estão cheios de grão;
se nunca criaste amoreiras nem bichos-da-seda, mas os teus sacos estão cheios de seda,
então obtiveste isso de forma não condizente com o Caminho, e o seu uso será igualmente contraditório.

17.141
O mar não aceita carniça flutuante;
o Monte Tai não exalta o homem vil.—
A bexiga não é oferecida num altar;
o cavalo malhado não serve para sacrifício.

17.142
Usar um leque para se refrescar no pico do verão, mas não saber guardá-lo quando chega o inverno;
levantar a bainha das roupas ao atravessar um ribeiro, mas não a baixar ao chegar à outra margem —
[algumas pessoas] não sabem reagir às mudanças.

17.143
Há montanhas sem florestas.
Há vales sem vento.
Há rochas sem metais.

17.144
As pessoas sentadas numa sala têm todas ganchos de cinto diferentes, mas todas seguram as faixas da mesma forma.

17.145
O mérito do duque Xian [de Jin] não o salvou de ser enganado por Lady Li. — O conhecimento de Shusun [Bao] não o livrou de ser ludibriado por Shu Niu. — Assim, quando Zheng Zhan entrou em Lu, os Anais da Primavera e Outono disseram: “Um homem enganador está a chegar, um homem enganador está a chegar!”

17.146
Quando o homem nobre tem vinho, o camponês bate na sua jarra de cerâmica. — Ainda que [o homem nobre] não mostre aprovação, também não mostra desprezo.

17.147
Por natureza, as pessoas acham a seda adequada, mas quando são alvejadas, vestem armadura. Assim, descobrem que aquilo que não lhes parece adequado acaba por servir muito bem.

17.148
Quando os raios são inseridos no cubo de uma roda, cada um encaixa no seu respectivo orifício e não se cruzam. Isso assemelha-se aos oficiais, cada um ocupado com os seus deveres, sem interferir nos dos outros.

17.149
Por ter evitado uma flecha usando armadura, usou-a também para entrar na água; por ter atravessado um rio agarrado a uma cabaça, usou-a para abafar um incêndio. Podemos dizer que não compreendia como categorizar as coisas.

17.150
Quando o Homem Superior governa o povo, é como usar uma corda podre para conduzir um cavalo de corrida, pisar em gelo fino com um dragão *jiao* debaixo dele ou entrar numa floresta e deparar-se com uma tigresa a amamentar.

17.151
Usar os outros com destreza é como os pés de um milípede; embora numerosos, não se prejudicam entre si. Ou como os lábios e os dentes: o duro e o mole tocam-se, mas não se vencem um ao outro.

17.152
A beleza do vinho límpido começa com o arado e a enxada; a beleza do brocado fino começa com a lançadeira e o tear.

17.153
O linho áspero, quando novo, não é tão bom como o estopa; o estopa, quando velho, não é tão bom como o linho áspero. Algumas coisas são melhores quando novas; outras, quando velhas.

17.154
Uma covinha é atraente numa face, mas na testa é feia; o bordado é apropriado num manto, mas num boné é reprovável.

17.155
Dentes de cavalo não são cascos de boi. Raízes de sândalo não são ramos de catalpa.

Assim, se vires a raiz da sua singularidade, as miríades de coisas podem ser compreendidas.

17.156
Quando é formado, o rochedo é duro; quando emerge, a orquídea é perfumada. Quando jovens, [essas coisas] já possuem essas qualidades; quando amadurecem, [tornam-se] evidentes.

17.157
Erguer ou derrubar, agradecer ou repreender, ganhar ou perder, permitir ou proibir — estão separados por mil *li*.

17.158
Sujar o nariz mas em polvilhar o rosto; ter ratos mortos a apodrecer no pátio mas queimar incenso no palácio; entrar na água mas odiar molhar-se; abraçar o malcheiroso mas procurar o perfumado — nem alguém habilidoso consegue gerir estas contradições.

17.159
Não se colhem os segundos rebentos; plantas com flores que crescem demasiado cedo perdem o seu tempo [adequado] e murcham.

17.160
Não digas que as coisas são azaradas. Afinal, uma panela de arroz não cai sozinha num poço. Se tiras um gancho de cabelo e sai uma faísca, por que haverias de te surpreender?

17.161
É possível impedir alguém de atravessar um rio, mas se a pessoa já chegou ao meio do rio, não é possível impedi-la de o atravessar.

17.162
Ao ver uma única risca de um tigre, não se sabe o quão feroz ele é. Ao ver um só pêlo de um corcel, não se sabe o quão bem corre.

17.163
Larvas produzem libélulas; ovos minúsculos produzem mosquitos; insetos com dentes de coelho produzem formigas-dragão. O que as coisas têm para a sua formação surge do que não pode ser explicado racionalmente. Aqueles que não sabem isto ficam maravilhados; os que sabem não acham estranho.

17.164
O bronze cintila em verde; o ouro cintila em amarelo; o jade cintila em branco. Uma lâmpada de óleo brilha fracamente; uma de sebo brilha intensamente. Pode-se usar o obscuro para conhecer o evidente e o exterior para conhecer o interior.

17.165
Carne simulada — não pode ser saboreada pela boca; a aparência de fantasmas e espíritos não pode ser percebida pelos olhos; o prazer de agarrar uma sombra não se pode tornar realidade no coração.

17.166
O gelo do inverno pode estalar; as árvores do verão podem dar fruto. O momento certo é difícil de alcançar e fácil de perder.

17.167
Quando as árvores são densas e luxuriantes por todos os lados, pode-se cortá-las o dia inteiro sem que ninguém note [diferença]. Mas quando os ventos de outono trazem a geada, numa só noite, [todas] morrem de frio.

17.168
Forçar comida a alguém com febre, dar bebidas frias a alguém com insolação, puxar a corda para salvar um enforcado, atirar uma pedra para salvar um afogado: [Embora] se deseje ajudar, [estas coisas] acabam por fazer mal.

17.169
Ainda que queiras evitar cavalos desgovernados, não é preciso correr à porta por cada carro que estremece; mesmo querendo ser cuidadoso ao beber vinho, não é necessário agarrar-se ao tapete de dormir.

17.170
Quando Meng Ben enfia a mão num buraco de rato, os ratos morrem num instante; [ainda assim], certamente lhe mordem os dedos, pois perdeu a vantagem da sua posição.

17.171
Quando as nuvens sobem nas montanhas, as bases das colunas tornam-se húmidas. Quando o fungo *fuling* é escavado, a trepadeira parasita *convolvula* morre.

17.172
Quando uma casa se perde ao fogo, cem casas ardem. Quando mentirosos conspiram em segredo, os “cem apelidos” tornam-se ossadas branqueadas pelo sol.

17.173
Quando o grão se molha, aquece; quando os potes de barro são cozidos, libertam água. Na água há fogo; no fogo há água.

17.174
Um relâmpago veloz quebra a pedra. O *yin* e o *yang* corroem-se mutuamente. — Estas são forças naturais.

17.175
Quando se despeja água quente de banho num rio, não aumenta muito o seu volume. Quando as cheias desaguam no mar, embora não aumentem a sua vastidão, acrescentam algo ao que já lá estava.

17.176
Uma rede com buraco não apanha um pássaro. Um anzol sem isco não apanha um peixe. Se encontrares um erudito e careces de respeito, não obterás o seu apreço.

17.177
A trepadeira *convolvula* não tem raízes, mas cresce. A serpente não tem patas, mas

move-se. Um peixe não tem ouvidos, mas ouve. A cigarra não tem boca, mas canta. Todos têm aquilo que os torna o que são.

17.178
O grou vive mil anos, e pode cumprir os seus voos; a efémera nasce de manhã e morre ao entardecer, mas sacia-se de prazer.

17.179
Quando [o tirano] Djou esquartejou o Conde de Mei, o Rei Wen conspirou com os Senhores da Terra contra ele. Quando [o tirano] Jie não mostrou gratidão a quem o repreendeu, Tang fez o povo chorar por ele. Um cavalo selvagem não se atira a uma árvore; um cão louco não se lança a um rio; nem sequer um inseto surdo se imola a si próprio. Quanto mais razão têm as pessoas para evitar a autodestruição.

17.180
Se gostas de ursos mas dás-lhes sal; se gostas de lontras mas dás-lhes vinho para beber; ainda que queiras criá-los bem, isso contraria o seu Caminho.

17.181
Se isso te alegrasse, talvez destruísses um barco para obter o leme; se fosse o desejo do teu coração, talvez destruísses um sino para obter o badalo.

17.182
Por cada pequena desonra, o Mestre Guan alcançava algo glorioso. Por cada cem enganos, Su Qin praticava um ato honesto.

17.183
Onde se exibe um alvo, acumulam-se arcos e flechas. Onde floresce a floresta, entram machados e machadinhas. Não é que alguém os tenha chamado. A força das circunstâncias atrai-os.

17.184
A expectativa de uma recompensa pode levar-te a salvar um homem que se afoga; ainda assim, também beneficia certamente o homem que se afoga.

17.185/186
Se um barco tem tantas hipóteses de afundar como de flutuar, nem um tolo nele poria os pés. Mesmo [o famoso cavalo] Qiji, se não avançasse quando esporeado, ou se não parasse quando travado, não seria escolhido pelo governante dos homens para viajar [nem um só passo].

17.187
Os que criticam a minha conduta desejam ser meus amigos; os que desprezam os meus bens desejam negociar comigo.

17.188
Água misturada com água não vale a pena beber. Um *se* de uma só corda não vale a pena ouvir.

17.189
Um bom cavalo morre por estar amarrado; um erudito honesto empobrece por ser íntegro. Um homem digno é desprezado na corte; uma mulher bela é rejeitada no palácio.

17.190
Quando o viajante pensa [na pessoa amada] durante o caminho, a que ficou em casa sonha com ele na cama. Quando a mãe afetuosa suspira em Yan [no norte], o filho sente saudades dela em Jing [no sul]. Estes são casos da Essência a ir e voltar.

17.191
Onde há carne vermelha pendurada, juntam-se corvos e pega-rabudas. Onde pairam gaviões e abutres, as aves em bando dispersam-se. Se os seres se reúnem ou se dispersam, depende da forma como respondem uns aos outros.

17.192
Se comes a comida de alguém, não destruas os seus utensílios; se comes fruta [de uma árvore], não quebres os seus ramos.

17.192a
Se bloqueares uma nascente, ela secará; se voltares costas às tuas raízes, apodrecerás.

17.193
Traços entrelaçados não se podem prolongar muito. Anéis ligados não se podem separar. A forma de “resolver” isso é não os separar.

17.194
Descer ao rio esperando por um peixe não é tão bom como voltar a casa e tecer uma rede.

17.195
Uma pérola luminosa como a lua é uma doença para a ostra, mas um lucro para mim. Garras de tigre e presas de elefante são boas para os animais, mas nocivas para mim.

17.196
Uma estrada fácil e um bom cavalo fazem as pessoas querer galopar. Beber vinho e sentir-se feliz faz as pessoas querer cantar.

17.197
Fazer o que sabes ser certo pode seguramente chamar-se decisão. Fazer o que sabes ser errado pode seguramente chamar-se ilusão.

17.198
A velocidade de uma flecha não a leva além de dois *li*. Mas se fores cem etapas sem descansar — podes percorrer mil *li*.

17.199
Os sábios vivem no *yin*; as massas vivem no *yang*. Os sábios caminham na água sem deixar rasto; as massas caminham na geada, deixando pegadas.

17.200
Notas diferentes não podem sair do mesmo tubo afinador; formas diferentes não cabem num mesmo corpo.

17.201
Os camponeses trabalham arduamente, e é disso que o nobre se alimenta; os tolos falam, e o homem sábio escolhe a partir daí.

17.202
Se abandonas uma floresta florescente para colher entre árvores mortas; se não disparas contra um cisne mas sim contra um corvo, será difícil fazer planos contigo.

17.203
Se uma colina larga não tem ravinas, as nascentes e ribeiros não podem ser muito extensos. Mas até um riacho estreito pode encher um pântano de mil *qing*.

17.204
Se virmos as coisas à luz clara, podemos distingui-las [tão claramente] como jade e pedra. Se as virmos à luz ténue, teremos de permanecer na dúvida.

17.205
Tomar a imensidão do mundo e confiá-la ao talento de uma só pessoa é como pendurar um peso de mil *jun* num único ramo de árvore.

17.206
Carregar o filho enquanto se escala um muro é considerado azarado. Se uma pessoa cair, duas ficarão feridas.

17.207
Alguém que é excelente a iniciar coisas é como uma pessoa que navega num barco e canta uma canção triste. Uma pessoa canta, e mil outras juntam-se.

17.208
Não sabes lavrar mas queres grão; não sabes tecer mas queres roupa fina. Não fazer o trabalho mas querer o benefício — isso é difícil.

17.209
Se há quem prospere, tem de haver quem decline; se há quem vista seda fina, tem de haver quem use cânhamo grosseiro.

17.210
Há uma ave que agita as ondas. Por causa disso, [até] o Conde do [Rio] Amarelo evita as marés, pois teme a sinceridade da ave. Se mesmo um único guerreiro aparecer disposto a morrer, [um exército de] mil carros de combate não o tomará de ânimo leve.

17.211
Se fores mordido por uma cobra e a tratares com a planta *hejin*, — recuperarás. Certamente há coisas que são muito nocivas — mas que podem, em vez disso, ser benéficas.

17.212
Um sábio que vive em tempos de desordem é como alguém sob o sol abrasador do verão, à espera do crepúsculo. Entre a amoreira e o ulmeiro, o caminho torna-se mais fácil de suportar.

17.213
Embora a água seja nivelada, certamente terá ondas. Embora a balança seja exacta, certamente terá erros. Embora as marcas da régua sejam consistentes, certamente haverá discrepâncias.

17.214
O que não é compasso nem esquadro não pode definir quadrados e círculos; o que não é nível nem cordel de marcação não pode determinar o torto e o direito. Assim, aqueles que usam compassos, esquadros, níveis e cordéis também os têm dentro de si.

17.215
Só quando o barco vira é que vemos quem são os nadadores hábeis. Só quando os cavalos se desgovernam é que vemos quem são os bons cocheiros.

17.216
Se mastigas algo sem sabor, não conseguirás engoli-lo. Se olhas para algo sem forma, não conseguirás concebê-lo na mente.

17.217
Com um rinoceronte e um tigre atrás de ti e a pérola do marquês de Sui à tua frente, não tentes agarrar a pérola. Evita primeiro a calamidade e só depois procura o lucro.

17.218
Se persegues um veado, não prestas atenção aos coelhos; se negocias mercadoria no valor de mil peças de ouro, não regateias por um tostão ou uma onça de prata.

17.219
Os arcos devem primeiro ser ajustados; só depois se procuram os fortes. Os cavalos devem primeiro ser treinados; só depois se procuram os excelentes. As pessoas devem primeiro provar ser fiáveis; só depois se procuram as capazes.

17.220
O oleiro descarta uma corda, mas o fabricante de carros aproveita-a. O talhante deita fora um pedaço de metal, mas o ferreiro aproveita-o. As prioridades são diferentes.

17.221
O brilho de cem estrelas não se compara ao fulgor de uma única lua. A luz de dez janelas abertas é incomparavelmente mais clara do que a de uma única porta.

17.222
Uma flecha disparada a dez passos pode perfurar a couraça de rinoceronte. No entanto, no seu limite, não consegue atravessar a seda branca de Lu.

17.223
Mesmo algo mais alto que o Monte Tai não pode ser visto se lhe virarmos as costas; já a ponta de um fio de cabelo de outono pode ser examinada se a olharmos de frente.

17.224
As montanhas produzem metais, mas são cortadas por eles. As árvores geram larvas, mas são devoradas por elas. As pessoas criam os assuntos, mas são prejudicadas por eles.

17.225
Nem um fundidor hábil consegue moldar madeira; nem um carpinteiro mestre consegue esculpir metal. A forma e a natureza dos materiais assim o determinam.

17.226
Não se esculpe jade puro; não se grava uma pérola bela. O material básico já é mais do que suficiente. Assim, se avançar sem parar, até uma tartaruga coxa pode percorrer mil *li*; se amontoares coisas sem cessar, podes acumular um grande monte.

17.226a
Se um muro é feito de terra, árvores crescerão por baixo dele. Não é por algum propósito específico; simplesmente há uma afinidade natural.

17.227
Empregar pessoas é como acender fogo com um espelho: se estiveres demasiado longe [da isca], não obterás nada; se estiveres demasiado perto, não funcionará. A distância certa está entre o longe e o perto.

17.228
Observando o amanhecer, [ele calcula] o movimento do sol ao entardecer; medindo o torto, determina quanto se afasta do reto e do nivelado. Quando um sábio ajusta as coisas, é como se segurasse um espelho diante da sua forma; a partir da distorção, alcança a natureza.

17.229
Yang Zhu chegou a uma encruzilhada e chorou porque podia seguir tanto para sul como para norte. Mo Di viu seda crua e chorou porque podia ser tingida tanto de preto como de amarelo.

17.230
A harmonia entre quem parte e quem fica é como a de um sino e uma pedra-sonora afinados da mesma forma — depois de mil anos de separação, ainda assim soariam a mesma nota.

17.231
As aves que não fazem mal não são abatidas, mesmo que estejam por perto; as aves que causam transtorno não são deixadas escapar, mesmo que estejam longe.

17.232
Se compras vinho azedo, se compras carne estragada, e ainda assim voltas à taberna ou ao talho perto de casa, é porque és mesmo alguém que gosta de procurar as coisas próximas.

17.233
Se respondes à fraude com fraude, e ao engano com engano, é como usar uma capa de palha para apagar um incêndio ou cavar uma vala para deter a água. Os teus problemas só irão multiplicar-se.

17.234
Xi Shi e Mao Qiang não eram semelhantes na aparência, mas ao julgar os seus pontos fortes, o mundo considerava-as igualmente belas.
Yao, Shun, Yu e Tang fizeram leis diferentes, mas ao conquistar o coração do povo foram iguais.

17.235
Os sábios levantam questões no momento certo e realizam as coisas seguindo as tendências naturais. Quando chove muito, preparam barris para a água da chuva; quando há seca, constroem um dragão de barro [para orar por chuva].

17.236
Enquanto tecia, uma mulher de Linzi pensava no amante ausente; assim, o pano que tecia saía grosseiro. Se houver uma bela mulher deixada em casa, o tecido será como fios desfiados.

17.237
[Música] nos modos *zhi* e *yu* — não é algo que os ouvidos vulgares consigam compreender. Mas se tiver uma consonância apelativa e um ritmo rápido, eles sentam-se e desfrutam.

17.238
Se passas por um celeiro com as mãos cruzadas nas costas, seria estranho se não tivesses roubo em mente. Da mesma forma, quem foi desrespeitoso com o espírito de alguém passa pelo santuário ancestral e faz tremer os seus ramos.

17.239
Yang Chufu, de Jin, atacou Chu e salvou Jiang. — Assim, libertar um cativo não depende de lhe remover o jugo, mas de atacar quem empunha o bastão.

17.240
Se a árvore é grande, as suas raízes agarram com força; se a montanha é alta, a sua base é firme. Quanto mais longos os passos, mais longe se vai; quanto maior o corpo, mais espalhados os ossos e articulações estarão.

17.241
Se um louco fere alguém, ninguém lhe guarda rancor pessoal. Se uma criança pequena repreende um idoso, ninguém a odeia. A intenção de fazer mal está ausente.

17.242
A fidelidade de Wei Sheng — não foi tão eficaz quanto o engano de Sui Niu [que salvou o seu país]. — Ainda assim, quanto menos digno é alguém que nunca é digno de confiança?

17.243
Quem se preocupa com a doença do pai é o filho, mas quem o cura é o médico. Quem apresenta os sacrifícios é o celebrante, mas quem os prepara é o cozinheiro.

ENTRE OS OUTROS

Dezoito

18.1
A natureza humana é pura, límpida, pacífica e satisfeita. Os reguladores dos assuntos são os modelos, os gnómones, o compasso e o esquadro. Se compreendes a natureza humana, não errarás no teu cultivo pessoal. Se compreendes os reguladores dos assuntos, não te confundirás ao dar e receber.

Quando uma ponta emerge, compreende sem limites. Vagueando pelos oito limites, reúne tudo num único fio de palha. A isto se chama “mente”.
Olhar para a raiz e conhecer os ramos, observar o dedo e ver o caminho de volta, manter-se no Um e responder ao múltiplo, agarrar o essencial e ordenar os pormenores: a isto se chama “técnica”.
Onde o sábio repousa, para onde o sábio se move, o que o sábio maneja nos assuntos, aquilo de onde o sábio age — isto é conhecido como o Caminho.

O Caminho:
Coloca-o à frente e o carro não se inclinará para diante; coloca-o atrás e o carro não se inclinará para trás.
Coloca-o num espaço apertado e ele não o preencherá, espalha-o pelo mundo e ele não se estenderá em excesso.
Por isso, aquilo que leva os outros a exaltar-te e louvar-te são as forças da mente.
Aquilo que leva os outros a denegrir-te e caluniar-te são as falhas da mente.

Palavras que saem da boca não podem ser travadas entre os outros; ações que se manifestam perto não podem ser escondidas ao longe.
Os assuntos são difíceis de concluir e fáceis de arruinar; a reputação é difícil de estabelecer e fácil de perder.
Mil diques podem ceder por causa de uma toca de grilo ou formiga; um telhado de cem *xim* pode arder por uma faísca numa fenda da chaminé.
As Admoestações de Yao dizem: “Treme e treme, toma cuidado dia após dia. As pessoas não tropeçam numa montanha; tropeçam num montículo de formigas.”
É por isso que aqueles que desprezam pequenos males e escarnecem de pequenos assuntos terão muitos arrependimentos. Preocupar-se com a calamidade apenas depois de ela ter chegado é como um doente procurar um bom médico já em estado crítico. Mesmo que [o médico] tenha a perícia de Bian Que ou de Yu Fu, [o doente] não viverá.

A vinda da calamidade é gerada pelos seres humanos; a chegada da boa fortuna é efetuada pelos seres humanos.
Calamidade e boa fortuna partilham a mesma porta; benefício e prejuízo são vizinhos. Ninguém que não seja espírito ou sábio pode distingui-los.
Em todos os empreendimentos humanos, ninguém se atreve a avançar sem primeiro

refletir com inteligência.
Alguns levam ao benefício, outros ao prejuízo — essa é a diferença entre o tolo e o sábio.
Aqueles que pensaram conhecer claramente o fulcro entre sobrevivência e extinção, o portal da calamidade e da boa fortuna, e que, tendo-o usado, acabaram presos em dificuldade, são incontáveis.
Se sempre que se soubesse o que é certo, o assunto se resolvesse com sucesso, não haveria empreendimentos inacabados no mundo.
Por esta razão, a inteligência e a reflexão são os portais da calamidade e da boa fortuna; o movimento e a quietude são os fulcros do benefício e do prejuízo.

As alterações e transformações dos cem assuntos, a ordem e o caos do Estado e da casa, aguardam que [elas] se realizem. Por isso, não se pode deixar de lhes prestar atenção.

18.2
O mundo tem três perigos:
Ter pouca Virtude mas [usufruir de] grande favor é o primeiro perigo.
Ter pouca capacidade mas alta posição é o segundo perigo.
Não ter grande mérito pessoal mas receber avultadas recompensas é o terceiro perigo.

Assim, quanto às coisas, algumas aumentam ao serem diminuídas; outras diminuem ao serem aumentadas.
Como sabemos que é assim?
Em tempos antigos, o Rei Zhuang de Chu acabara de derrotar Jin entre o [Rio] Amarelo e Yong. Ao regressar, ofereceu a Sunshu Ao um feudo, mas este recusou. Quando [Sunshu Ao] adoeceu e estava prestes a morrer, disse ao filho:
“Quando eu morrer, o rei certamente te concederá um feudo. Deves recusar as terras ricas e férteis e aceitar terras arenosas e pedregosas. Entre Chu e Yue estão as colinas de Qin. A sua terra é pobre e a sua reputação é má. Os povos de Wu e Yie consideram-na assombrada. Ninguém a vê como proveitosa.”
Sunshu Ao morreu, e o rei de fato ofereceu ao filho terras férteis como feudo.
O filho recusou-as e pediu as colinas de Qin. Segundo os costumes de Chu, os oficiais meritórios recebiam títulos e emolumentos na segunda geração, [e mesmo assim] só Sunshu Ao sobreviveu.
Isto é o que se chama “aumentar ao diminuir”.

E o que se chama “diminuir ao aumentar”?
Na antiguidade, o Duque Li de Jin atacou Chu a sul, Qi a leste, Qin a oeste e Yan a norte. Os seus exércitos marcharam por toda a terra sem serem derrotados; impôs respeito às quatro direções sem se render.
Depois reuniu os Senhores da Terra em Jialing.
O seu *qi* estava pleno, a sua vontade era arrogante, tiranizou os povos. Internamente, não tinha ministros de apoio; externamente, não tinha auxílio dos outros senhores.
Assassinou os seus grandes ministros; aproximou-se de manipuladores e caluniadores. No ano seguinte, foi visitar o feudo da família Jiangli.
Luan Shu e Zhonghang Yan prenderam-no.
Nenhum Senhor da Terra o salvou; nenhum do povo lamentou a sua morte. Três meses depois, morreu.
Ora, vitória em batalha, conquistas e expansão do território são o que todos desejam, mas [para o Duque Li] isso terminou com o corpo morto e o estado perdido.
Isto é o que se chama “diminuir ao aumentar”.

Sunshu Ao pediu as colinas de Qin, território arenoso e pedregoso — por isso não foi cobiçado pelas gerações seguintes.
O Duque Li reuniu os Senhores da Terra em Jialing — e por isso morreu no feudo da família Jiangli.

O povo em geral sabe ver o benefício como benefício e a doença como doença; só o sábio compreende que a doença é benefício, e o benefício é doença.
O tronco de uma árvore que é duplamente sólido será certamente ferido; a família que profana túmulos sofrerá certamente desgraça.
Estas são grandes vantagens que se tornam, inversamente, em prejuízos.
Zhang Wu aconselhou o Conde Zhi a tomar os territórios de Haim e Wei, e [o Conde Zhi] foi capturado em Jinyang.
Shenshu Shi aconselhou o Rei Zhuang [de Chu] a investir os descendentes do clã Chen, e [o Rei Zhuang] tornou-se líder.

Quando Confúcio leu o *Livro das Mutações*, ao chegar aos hexagramas da "Perda" e do "Ganho", nunca deixava de suspirar profundamente, dizendo:
"Ganho e perda — não são estes os assuntos de um rei?"

18.3
Ações:
Algumas são feitas com a intenção de beneficiar alguém e acabam por apenas prejudicá-lo;
outras são feitas com a intenção de prejudicar alguém e, inversamente, acabam por beneficiá-lo.
Estas inversões entre benefício e dano são a porta da calamidade e da boa fortuna. Não podem deixar de ser investigadas.

Yang Hu rebelou-se em Lu. — O governante de Lu ordenou ao povo que fechasse os portões da cidade e o capturasse. Quem o apanhasse seria grandemente recompensado; quem o perdesse seria severamente punido. Cercado três vezes, Yang Hu estava prestes a erguer a espada e cortar a própria garganta. Um dos porteiros deteve-o, dizendo:
"Eu deixo-te sair."
Yang Hu foi então contra o cerco e dispersou os inimigos; ergueu a espada, levantou a lança e correu. O porteiro deixou-o sair. Yang Hu voltou-se, regressou ao porteiro, feriu-o com a lança, agarrou-lhe a manga e bateu-lhe na axila. O porteiro disse, ressentido:
"Não tinha razão para ser teu amigo. Por ti, arrisquei a morte e incorri em punição, e ainda assim voltas-te contra mim e magoas-me. Mereces bem este infortúnio!"

Quando o governante de Lu soube que Yang Hu escapara, ficou furioso. Perguntou por qual portão ele havia saído e ordenou aos oficiais que prendessem o porteiro. Pensando que, se estivesse ferido, era porque lutara, e se não estivesse ferido, era porque o deixara escapar, determinou: se estivesse ferido, receberia grande recompensa; se não, seria severamente punido.
Isto é o que se chama "prejudicar e, ainda assim, beneficiar".

O que se chama "tentar beneficiar e, no entanto, prejudicar"?
O rei Gong de Chu e o povo de Jin combateram em Yanling. — Quando a batalha se intensificou, o rei Gong foi ferido e recuou.
O comandante Zifan estava sedento e pediu uma bebida; o seu pajem, Yang Gu, trouxe-

lhe vinho. Zifan gostava de vinho, e ao prová-lo, não conseguiu parar de beber, embriagando-se e deitando-se.
O rei Gong queria retomar o combate e mandou chamar Zifan. Este justificou-se dizendo ter uma afecção cardíaca. O rei foi vê-lo; ao entrar na tenda, sentiu o cheiro a vinho. O rei Gong, indignado, disse:
"Na batalha de hoje fui ferido pessoalmente. Contava contigo, e estás neste estado. Abandonas os altares do solo e dos cereais de Chu e não te importas com o meu povo. Não combato mais ao teu lado!"
Interrompeu então a campanha e retirou-se, mandando decapitar Zifan como castigo.
Assim, o pajem Yang Gu, ao dar vinho a Zifan, não pretendia causar-lhe mal algum. Amava-o verdadeiramente e queria agradar-lhe — e isso acabou por matá-lo.
Isto é o que se chama "querer beneficiar e acabar por prejudicar".

"Se têm febre, força-os a comer;
se têm calafrios, dá-lhes bebida fria."
Isto é o que a maioria das pessoas considera terapêutico, mas um bom médico considera prejudicial.

O que agrada à vista, o que agrada à mente — são o que os tolos consideram benéfico, mas o sábio evita.
Assim, o sábio examina antes de aceitar;
o povo aceita antes de examinar.

18.4
Ter mérito é dever de todo o ministro; ser incriminado é o que todos os ministros temem. [Ainda assim,] alguns com mérito caem sob suspeita; alguns que cometem faltas são ainda mais confiados. Porquê?
Porque os que têm mérito se afastaram da Justiça com compaixão; os que cometeram erros não ousaram perder o coração humano.

O general Wei, Yue Yang, atacou Zhongshan. — O seu filho estava na cidade, e os que lá estavam penduraram o rapaz para que Yue Yang o visse. Yue Yang disse:
"A Justiça entre soberano e ministro não me permite preocupar-me egoistamente com o meu filho."
Atacou então com mais vigor. Zhongshan mandou matar o rapaz, cozinhá-lo e enviou-lhe uma caldeira de sopa com a cabeça do filho. Yue Yang tocou nela, chorou e disse:
"Este é o meu filho."
Ajoelhou-se perante o emissário e bebeu três taças da sopa.
O emissário regressou e relatou.
O governante de Zhongshan disse:
"Este é um homem firme e persistente até à morte; não o conseguimos vencer."
E assim se rendeu.
[Yang] havia expandido amplamente o território do marquês Wen de Wei; tinha mérito. [Ainda assim,] a partir desse momento, passou a ser cada vez menos confiado.
Isto é o que se chama "ter mérito e cair sob suspeita".

O que se chama "cometer um erro e ainda assim ser mais confiado"?
Meng Sun estava a caçar e apanhou uma cria de veado. Ordenou a Qinxi Ba que a levasse para casa e a cozinhasse.
A mãe do veado seguiu-o a chorar. Qinxi Ba não teve coragem de suportar aquilo, libertou

a cria e devolveu-a à mãe.
Meng Sun voltou e perguntou pela cria. Qinxi Ba respondeu:
“A mãe seguiu-me a chorar. Não consegui suportar, então libertei-a.”
Meng Sun irritou-se e exilou Qinxi Ba. Um ano depois, nomeou-o tutor do seu filho.
Os que o rodeavam disseram:
“Qinxi Ba transgrediu contigo, e agora fazes dele o tutor do teu filho, porquê?”
Meng Sun disse:
“Se ele não conseguiu suportar o sofrimento de uma simples cria de veado, quanto menos suportará o de um ser humano.”
Isto é o que se chama “cometer um erro e ainda assim ser confiado”.

Assim, não se pode deixar de ser cauteloso ao tomar ou rejeitar algo.
Foi por isso que, quando Gongsun Yang foi incriminado em Qin, não pôde entrar em Wei.
Não foi por lhe faltar mérito, mas porque lhe faltava justiça — não tinha onde assentar os pés.

18.5
Ações:
Algumas são feitas para tomar algo e, inversamente, acabam por o dar;
outras são feitas para dar algo e, inversamente, acabam por tomá-lo.

O Conde Zhi exigiu terras ao Visconde Huan de Wei. — Este não queria cedê-las.
Ren Deng disse:
“O poder do Conde Zhi é tal que espalha o temor pelo mundo. Se exige terras e não lhas deres, será atrair calamidade diante dos Senhores da Terra. É melhor dá-las.”
O Visconde Huan disse:
“E se ele continuar a exigir terras sem fim, que farei?”
Ren Deng respondeu:
“Dá-lhas. Deixa-o satisfeito. Certamente exigirá terras aos outros Senhores da Terra, e eles alinharão. Quando unirmos as nossas mentes com o mundo, o que ganharmos não será apenas o que perdemos.”
O Visconde Huan cedeu-lhe território.
[E o Conde Zhi] exigiu então terras ao Visconde Kang de Han.
Este não se atreveu a recusar.
Todos os Senhores da Terra temiam.
[E o Conde Zhi] exigiu também terras ao Visconde Xiang de Zhao — que recusou.
Então o Conde Zhi aliou-se a Han e Wei e sitiou o Visconde Xiang em Jinyang.
Os três Estados uniram-se, capturaram o Conde Zhi e dividiram o seu Estado em três.
Isto é o que se chama “tomar e, inversamente, dar”.

O que se chama “dar e, inversamente, tomar”?
O duque Xian de Jin queria passagem livre por [o Estado de] Yu para atacar [o Estado de] Guo.
Enviou a Yu um cavalo de Qu e um disco de jade de Chuiji.
O duque de Yu ficou encantado com os presentes e quis permitir a passagem.
Gong Zhiqi advertiu-o:
“Não podes. Yu e Guo são como carroça e rodas — uma depende da outra. Se deixarmos passar, Guo cairá de manhã e Yu cairá à noite.”
O duque de Yu não ouviu e permitiu a passagem.

Xun Xi atacou Guo e derrotou-o. Ao regressar, atacou também Yu e tomou-o.
Isto é o que se chama “dar e, inversamente, tomar”.

O rei-sábio espalha a sua Virtude e aplica a sua compaixão, sem nunca exigir retribuição ao povo.

Os diversos sacrifícios — são sempre realizados, sem nunca pedir boa fortuna aos espíritos e fantasmas.

18.6
As montanhas atingem a sua altura e ali surgem nuvens e chuva; a água atinge as suas profundezas e ali nascem serpentes marinhas e dragões; o homem nobre alcança o seu Caminho, e a boa fortuna e os emolumentos vêm ao seu encontro.
Assim, a Força do *yin* certamente encontrará a resposta do *yang*; quem se conduz nobremente na obscuridade terá certamente um nome resplandecente.

Na Antiguidade, não havia canais nem diques; as cheias prejudicavam o povo. Yu escavou Longmen e cercou Yinque. Nivelando e ordenando a água e a terra, deu ao povo terra seca onde habitar.
O povo comum não mantinha laços próximos; os cinco graus de parentesco — não eram respeitados.

Qi ensinou-lhes a Justiça entre soberano e ministro, a proximidade entre pai e filho, a distinção entre marido e mulher, a ordem entre mais velhos e mais novos.

Os campos estavam abandonados e não cultivados; o povo não tinha o suficiente para comer.
O Senhor Milho ensinou então como lavrar a terra e limpar as plantas, fertilizar o solo e semear o grão, dando a cada família comum o suficiente para viver.

Depois das Três Dinastias, não houve [governante] que não fosse “rei”; era essa a sua Força de *yin*.
A casa Zhou declinou; o Ritual e a Justiça foram abandonados.
Confúcio instruiu e guiou a era com o Caminho das Três Épocas. Os seus descendentes continuaram a linhagem até hoje sem interrupção; ele conduziu-se nobremente na obscuridade.

O rei de Qin, Zhao Zheng — anexou o mundo e pereceu. O Conde Zhi conquistou território e foi exterminado. Shang Yang foi esquartejado; Li Si — foi dilacerado por carros de guerra.

As Três Épocas cultivaram a sua Força e tornaram-se reis; o Duque Huan reavivou linhagens quebradas e tornou-se líder.
Assim, quem semeia milho glutinoso não colherá painço; quem semeia rancor não será recompensado com Força Moral.

18.7
Em tempos antigos, entre o povo de Song havia uma família cujos membros eram muito unidos. Três gerações — nunca se separaram. Sem aviso, a vaca preta da casa deu à luz um bezerro branco.
Consultaram o avô, que disse: “Isto é um bom presságio. Ofereçam-no aos fantasmas e espíritos.”
Um ano depois, o pai ficou subitamente cego, e a vaca deu à luz outro bezerro branco.
O pai mandou o filho consultar novamente o avô. O filho disse:
“Da primeira vez ouvimos o avô, e perdeste a visão. Se o consultarmos de novo, o que acontecerá?”
O pai respondeu:
“Segundo os sábios, primeiro deve examinar-se, e só depois adoptar-se. O assunto ainda não está claro; devemos tentar perguntar novamente.”
O filho voltou a consultar o avô. O avô disse:
“Isto é um bom presságio. Instrui-vos de novo a oferecê-lo aos fantasmas e espíritos.”
O filho voltou com a mensagem. O pai disse:
“Cumpre as instruções do avô.”
Um ano depois, o filho também ficou subitamente cego.

Mais tarde, Chu atacou Song e sitiou a cidade. Nessa altura, trocavam-se filhos por comida; cortavam-se cadáveres e cozinhavam-se.
Os fortes e aptos estavam mortos; os idosos, doentes e crianças tiveram de subir às muralhas.
Defenderam-nas sem falhar. O rei de Chu ficou furioso. Quando as muralhas foram derrubadas, todos os que as defendiam foram massacrados.
Foi apenas por o pai e o filho estarem cegos que não subiram às muralhas.
Quando o exército se retirou e o cerco terminou, ambos recuperaram a visão.

Quanto às reviravoltas e à geração mútua de calamidade e boa fortuna, as suas transformações são difíceis de discernir.
Na fronteira próxima, havia uma família de adivinhos experientes cujo cavalo desapareceu entre os Hu.
Todos os consolaram. O pai disse: “Isto logo se tornará boa fortuna!”
Meses depois, o cavalo voltou com um excelente cavalo Hu.
Todos os felicitaram. O pai disse: “Isto logo se tornará calamidade!”
Agora com muitos bons cavalos, o filho tornou-se apaixonado por montaria, mas caiu e partiu uma perna.
Todos os consolaram. O pai disse: “Isto logo se tornará boa fortuna!”
Um ano depois, os Hu invadiram a fronteira em força; os aptos e fortes prepararam os arcos e combateram.
Entre o povo da fronteira, nove em cada dez morreram. Foi apenas por estarem coxos que pai e filho se protegeram mutuamente.

Assim,
a boa fortuna torna-se calamidade,
a calamidade torna-se boa fortuna;
as suas transformações são ilimitadas,
tão profundas que não se podem sondar.

18.8
Alguns são corretos nas palavras mas não completos na ação;
outros têm falhas de ouvido e teimosia de espírito, mas estão em conformidade com a essência.

Gaoyang Tui estava prestes a construir uma casa e consultou um carpinteiro. O carpinteiro disse:
“Não pode ser feito ainda. A madeira ainda está viva. Se se aplicar argamassa, certamente entortará. Quando se cobre material verde com argamassa pesada, pode parecer pronto agora, mas colapsará mais tarde.”
Gaoyang Tui respondeu:
“Não é assim. À medida que a madeira seca, torna-se mais dura; à medida que a argamassa seca, torna-se mais leve. Quando se cobre um material duro com argamassa leve, mesmo que esteja mal agora, certamente ficará melhor depois.”
O carpinteiro ficou sem palavras. Aceitou a ordem e construiu a casa. Quando terminada, parecia boa — mas de fato desabou.
Isto é o que se chama “correto nas palavras mas incompleto na ação”.

O que se chama “defeituoso de ouvido e teimoso de espírito, mas de acordo com a essência”?
O Senhor Jingguo estava prestes a fortificar Xue.
A maioria dos seus conselheiros tentou dissuadi-lo, mas ele não os escutou.
Disse aos arautos: “Não recebam mensagens dos meus conselheiros.”
Um homem de Qi pediu audiência, dizendo:
“Direi apenas três palavras. Se ultrapassar as três, podem cozer-me vivo.”
O Senhor Jingguo achou curioso e concedeu-lhe audiência.
O visitante avançou, curvou-se duas vezes e disse:
“Grande peixe do mar.” E recuou.
O Senhor Jingguo deteve-o e disse:
“Quero ouvir o teu argumento.”
O visitante respondeu:
“Não ouso morrer por diversão.”
O Senhor disse:
“Nobre senhor, vieste de longe, quero que expliques.”
O homem disse:
“O grande peixe do mar — redes não o apanham, anzóis não o seguram. Mas se encalhar e ficar fora de água, até grilos e formigas o dominarão. Agora, Qi é o teu mar. Se perderes Qi, achas que Xue pode sobreviver sozinho?”
O Senhor Jingguo disse: “Excelente.” E assim, suspendeu a fortificação de Xue.
Isto é o que se chama “defeituoso de ouvido e teimoso de espírito, mas com ação substancial”.

Agora, usar “não fortifiques Xue” como argumento não foi tão eficaz como dizer “grande peixe do mar.”
Assim,
às vezes as coisas estão distantes, mas próximas do alvo;
às vezes estão próximas, mas afastadas do ponto essencial.

18.9
Alguns têm conselhos ou persuasões corretas e avaliações precisas, mas acabam afastados do governante;
outros têm palavras rejeitadas e juízos ignorados, mas aproximam-se cada vez mais.
Como ilustrar isto?

Três estados atacaram Qi, sitiando Pinglu.
Kuozi relatou a Niuzi:
“O território dos três estados não confina com o nosso; atravessaram estados vizinhos para sitiar Pinglu. O ganho nisso não vale a cobiça — vieram apenas ganhar fama às nossas custas. Peço que entreguemos o marquês de Qi.”
Niuzi achou correto.
Kuozi saiu, e Wuhaizi entrou.
Niuzi contou-lhe as palavras de Kuozi. Wuhaizi disse: “Isso é diferente do que ouvi.”
Niuzi respondeu: “O Estado está em perigo e não pode ser seguro; a calamidade persegue-nos e não pode ser evitada. Que sabedoria tens a oferecer?”
Wuhaizi disse:
“Já ouvi falar em ceder território para proteger os altares do solo e do grão; já ouvi falar em matar-se a si mesmo e destruir a família para salvar o Estado — mas nunca ouvi falar em entregar o próprio soberano para proteger um feudo.”
Niuzi não escutou Wuhaizi e executou o plano de Kuozi.
Os exércitos dos três estados retiraram-se, e o território de Pinglu foi preservado.

Desde então, Kuozi foi-se afastando do seu senhor; Wuhaizi foi-se aproximando.
Assim, ao planear e resolver calamidades, ao preservar o Estado, a sabedoria de Kuozi foi eficaz.
Os pensamentos de Wuhaizi não conduziram ao plano adequado, e as suas estratégias não beneficiaram o Estado — mas o seu espírito estava alinhado com o do governante.
Tinha a conduta certa.

Agora, as pessoas esperam um chapéu para adornar a cabeça, e sapatos para pisar o chão.
Mas chapéus e sapatos
não aquecem quando faz frio,
não protegem do vento,
não fazem sombra do calor.

Ainda assim, [as pessoas] usam chapéus e sapatos — porque se habituaram a esperá-los.

18.10
Jiu Fan conquistou Chengpu, e [na batalha] Yong Ji não obteve uma única onça de mérito.
— Ainda assim, Yong Ji foi o primeiro a ser recompensado, e Jiu Fan foi considerado só depois. Isso deveu-se à nobreza das palavras de Yong Ji. Assim, a Justiça é aquilo que o mundo considera nobre.
Falar corretamente cem vezes em cem discursos não é melhor do que escolher bem o rumo e ser cuidadoso na conduta.

Alguns não têm mérito e são promovidos primeiro;
alguns têm mérito e são recompensados por último.

Como ilustrar isto?
Na Antiguidade, quando o Duque Wen de Jin se preparava para combater Chu em Chengpu, consultou Jiu Fan:
“O que devemos fazer?”
Jiu Fan respondeu:
“Em assuntos de Humanidade e Justiça, nunca se é suficientemente leal e fiel. Em assuntos de formação de batalha, nunca se é suficientemente enganador ou astuto. Deveis enganá-los, só isso.”
O Duque Wen dispensou Jiu Fan e perguntou a Yong Ji. Yong Ji respondeu:
“Se ao caçar queimássemos a floresta, apanharíamos mais animais — mas depois não haveria mais. Se enfrentares os outros com engano e artifício, poderás aumentar o lucro imediato, mas depois nada mais colherás. Devemos corrigi-los, só isso.”
Mas o Duque Wen não seguiu o plano de Yong Ji e, usando a estratégia de Jiu Fan, derrotou Chu decisivamente.
Ao regressar, quando chegou a hora de recompensar os que obtiveram mérito, Yong Ji foi colocado antes de Jiu Fan.
Todos perguntaram:
“A batalha de Chengpu foi travada segundo a estratégia de Jiu Fan; por que razão Sua Majestade recompensou primeiro Yong Ji?”
O Duque Wen respondeu:
“As palavras de Jiu Fan foram a conveniência de um momento; as de Yong Ji foram o benefício de mil gerações. Como poderia colocar a conveniência do instante acima do bem de mil gerações?”

O Conde Zhi liderou os estados de Han e Wei num ataque a Zhao. Cercaram Jinyang e libertaram o rio Jin para o inundar.
Dentro da cidade, as pessoas subiam às árvores para sobreviver e penduravam panelas para cozinhar.
O Visconde Xiang disse a Zhang Mengtan:
“A força dos que estão na cidade está exausta, os mantimentos escassos, e a maioria dos oficiais militares está doente. Que devemos fazer?”
Zhang Mengtan disse:
“O que está perdido não pode ser preservado; o que está em perigo não pode ser salvo. Não tenho sabedoria valiosa [a oferecer]. Peço permissão para tentar sair secretamente e negociar com os senhores de Han e Wei.”

Encontrou os dois senhores e convenceu-os, dizendo:
“Ouvi dizer: ‘Se os lábios são perdidos, os dentes ficam frios.’
Agora, o Conde Zhi conduz-vos num ataque a Zhao, e Zhao será perdido.
Se Zhao cair, vós dois sereis os próximos. Se não planearmos agora, a calamidade atingirá ambos.”
Os dois senhores disseram:
“O Conde Zhi é um homem que suspeita até dos próximos e tem poucos íntimos. Se o plano se revelar, a ação falhará. Que podemos fazer?”
Zhang Mengtan disse:
“As palavras saíram da vossa boca e entraram nos meus ouvidos. Quem saberá delas? Além disso, quem sente o mesmo, vence junto; quem partilha interesses, morre junto. Pensem bem!”
Os dois senhores conspiraram então com Zhang Mengtan e marcaram um dia.
Zhang Mengtan informou o Visconde Xiang, e na noite marcada, os soldados do clã Zhao

mataram os guardas da barragem, libertando o rio que inundou o exército do Conde Zhi. Enquanto o exército do Conde Zhi lutava contra a enchente em pânico, Han e Wei atacaram pelas alas, e o Visconde Xiang conduziu o assalto frontal.
O exército do Conde Zhi foi completamente derrotado; ele foi morto e o seu estado dividido em três partes.

Ao recompensar os que se distinguiram no levantamento do cerco, Gao He foi o primeiro a receber recompensa.
Os ministros presentes perguntaram:
"A sobrevivência de Jinyang deve-se ao mérito de Zhang Mengtan; por que razão foi Gao He recompensado primeiro?"
O Visconde Xiang respondeu:
"Durante o cerco de Jinyang, o meu estado e a minha casa estavam ameaçados, e os altares do solo e do grão em risco. Nenhum dos ministros estava sem arrogância ou espírito de afronta. Só He não abandonou a dignidade própria entre soberano e ministro. Por isso o coloquei em primeiro lugar."
— Visto sob esta luz, a Justiça é o grande fundamento da humanidade.

Mesmo que se tenha o mérito de vencer uma batalha ou de salvar um Estado da extinção, isso não se compara ao esplendor de praticar a Justiça.

Assim diz o *Laozi*:
"Palavras belas podem comprar prestígio;
atos belos podem elevar um homem acima dos outros."

18.11
Alguns são incriminados mas merecem recompensa;
alguns têm mérito, mas merecem repreensão.

Quando Ximen Bao administrava Ye,
não se acumulava painço nos celeiros;
não se recolhia dinheiro nos armazéns;
não havia armas ou armaduras nos depósitos;
não havia reuniões de planeamento entre os oficiais.

O povo falou várias vezes ao Marquês Wen [de Wei] sobre as falhas de Ximen Bao. O marquês foi pessoalmente ao distrito, e de fato era como diziam.
Disse então:
"Di Huang nomeou-te para pôr Ye em ordem, e está grandemente desordenado. Se podes liderar, fá-lo. Se não, castigar-te-ei."
Ximen Bao respondeu:
"Ouvi dizer:

'O governante régio enriquece o povo;
o governante líder enriquece o exército;
um estado perdido enriquece os armazéns.'

Agora, porque desejais ser líder ou régio, acumulei recursos entre o povo.
Se não acreditais, permiti-me subir à muralha e bater o tambor. Armaduras, armas, painço e grão aparecerão imediatamente."

Subiu então à muralha e bateu o tambor.
Ao primeiro toque, o povo surgiu com armaduras, arcos e lanças.
Ao segundo, vieram empurrando carros de mão carregados de painço.
O Marquês Wen disse:
“Mandai-os parar.”
Ximen Bao respondeu:
“Ganhar esta confiança do povo não foi obra de um só dia.
Se agora os mobilizardes em vão uma só vez, nunca mais os podereis usar.
Yan ocupou oito cidades de Wei — peço licença para marchar para norte e recuperá-las.”
Assim, levantou tropas, atacou Yan e regressou após reconquistar o território.
Isto é um exemplo de “ser incriminado mas merecer recompensa”.

Xie Bian administrava o feudo oriental e entregou ao Estado três vezes mais receita do que o previsto. Os oficiais da corte pediram que fosse recompensado.
O Marquês Wen disse:
“O meu território não cresceu; o meu povo não aumentou. Como arrecadou três vezes mais?”
Responderam:
“No inverno ele corta lenha e armazena-a; na primavera, faz flutuar a madeira pelo rio para vendê-la.”
O Marquês Wen disse:
“O povo usa o seu esforço na primavera para lavrar; na verão para plantar; no outono para colher.
Fazê-los também cortar e transportar madeira no inverno, quando deviam descansar, é negar-lhes o repouso.
Se o povo está exausto, que utilidade têm até receitas triplicadas para mim?”
Isto é “ter mérito e ainda assim ser digno de repreensão”.

18.12
Um governante digno não alcança [nada] de forma indigna;
um ministro leal não obtém proveito de forma indigna.

Como se ilustra isto?

O Conde Mu de Zhonghang atacou Gu mas não conseguiu tomá-la. — Kui Wenlun disse:
“Conheço o chefe de Gu. Peço apenas que não retireis os oficiais militares; nesse caso, Gu pode ser tomada.”
O Conde Mu não aceitou. Os seus subordinados disseram:
“Se Gu pode ser tomada sem partir uma única alabarda ou ferir um único soldado, por que não o enviais?”
O Conde Mu respondeu:
“Wenlun é um tipo manhoso e desumano. Se eu o mandar tomar Gu, poderei deixar de o recompensar? E se o recompensar, estarei a premiar um homem de má índole.
Se um homem depravado alcança os seus objetivos, os guerreiros do Estado de Jin abandonarão a Humanidade e adotarão a astúcia. Mesmo que tomasse Gu, de que me serviria?”
Atacou a cidade com o desejo de expandir território, mas recusou conquistá-lo quando o poderia ter feito — porque olhou para a raiz e conhecia os ramos.

O Duque Mu de Qin enviou Meng Meng para levantar tropas e lançar um ataque surpresa contra Zheng. — Ao passar por Zhou, em direção ao leste, dois comerciantes de Zheng, Xian Gao e Jian Tuo, conspiraram juntos:
"O exército percorreu milhares de *li*, evitando os territórios de vários Senhores da Terra. Certamente marcha contra Zheng. Quem lança um ataque surpresa assume que o alvo está desprevenido. Se agora criarmos a aparência de que Zheng conhece a sua disposição, eles não ousarão avançar."
Forjando ordens em nome do conde de Zheng, ofereceram doze cabeças de gado ao exército de Qin.
Os três comandantes deliberaram:
"Num ataque surpresa, o alvo não deve estar alerta. Como já sabem, as defesas estarão reforçadas. Se prosseguirmos, falharemos."
E assim, voltaram atrás.
Xian Zhen de Jin levantou tropas, atacou-os e derrotou-os severamente em Yao. —

O conde de Zheng ofereceu então uma recompensa a Xian Gao pelo serviço meritório de ter salvo o Estado. Xian Gao recusou, dizendo:
"Se eu recebesse uma recompensa depois de ter mentido, destruiria a credibilidade do Estado de Zheng.
Governar um Estado sem credibilidade arruinaria os costumes.
Arruinar os costumes por recompensar um só homem não é algo que um homem humano faria.
Obter grandes recompensas pela falsidade não é algo que um homem justo faria."
Depois, levou os seus dependentes e partiu para viver entre os *Yi* do Leste, nunca mais regressando até ao fim da sua vida.

Assim,
um homem humano não fere vidas por desejo;
um homem sábio não fere a Justiça por lucro.
O sábio pensa no longo prazo;
o tolo pensa apenas no imediato.

18.13
Um ministro leal trabalha para exaltar a Força do seu soberano;
um ministro bajulador trabalha para expandir o território do seu soberano.

Como se ilustra isto?

Xia Zhengshu, de Chen, assassinou o seu soberano. — O rei Zhuang de Chu atacou-o; o povo de Chen acatou as ordens. Quando o rei Zhuang já havia punido o criminoso, enviou tropas para guarnecer Chen. Todos os nobres o felicitaram.
Na época, Shenshu Shi estava em missão diplomática em Qi; ao regressar, não felicitou o rei.
O rei Zhuang disse:
"Chen estava sem o Caminho. Eu levantei os Nove Exércitos para puni-los. Marchámos contra um rebelde cruel e castigámos um criminoso; todos os nobres me felicitaram. Só tu não o fizeste. Porquê?"
Shenshu Shi respondeu:
"Suponhamos que um homem leva um boi para o campo de outrem. O dono mata o homem e fica com o boi.

Um crime foi cometido, mas a punição foi pior.
Agora achais que Chen está sem o Caminho; pegais em armas e corrigis.
Castigais o criminoso e enviais tropas para guarnecer Chen.
Quando os Senhores da Terra ouvirem isto, não pensarão que o fizestes por justiça, mas que cobiçastes o Estado de Chen.
Ouvi dizer que 'o homem nobre não abandona a Justiça por lucro.'"
O rei disse: "Excelente!"
Retirou então a guarnição de Chen e restaurou os descendentes da casa governante de Chen.
Quando os Senhores da Terra souberam, todos prestaram homenagem a Chu.
Isto é um exemplo de quem exalta a Força do seu soberano.

Zhang Wu planeou para o Conde Zhi, dizendo:
"Dos seis comandantes de Jin, o Visconde Wen de Zhonghang é o mais fraco. Está afastado dos seus subordinados; podemos atacá-lo para expandir território."
Atacaram então Fan e Zhonghang. Depois de os exterminar, Zhang Wu aconselhou o Conde Zhi a exigir terras de Han, Wei e Zhao.
Han e Wei cederam; Zhao recusou.
O Conde Zhi aliou-se então a Han e Wei para atacar Zhao.
Sitiaram Jinyang durante três anos.
Os três estados conspiraram e atacaram o clã Zhi, exterminando-o.

Quem exaltou a Força do seu soberano tornou-o líder;
quem expandiu o seu território levou-o à extinção.

Assim,
os estados de mil carros que se tornaram reis por via da Força civil foram os de Tang e Wu;
o estado de dez mil carros que pereceu ao expandir território foi o do Conde Zhi.

18.14
Não assumas assuntos que não são teus;
não reclames fama que não te pertence.
Não permaneças na riqueza e na honra se não tens mérito.

Quem assume a fama alheia será descartado;
quem empreende os assuntos de outrem falhará.
Quem goza de grande lucro sem mérito acabará por se prejudicar.

Compara-se a subir a uma árvore alta e olhar nas quatro direções.
Embora se sinta alegria e entusiasmo, se se levantar vento forte, ninguém deixará de sentir medo.
Se só te preocupas com a calamidade quando ela já chegou até ti, nem uma parelha de seis cavalos velozes te permitirá apanhá-la.

Por isso, ao servir o seu soberano, o ministro leal:

— aceita recompensa apenas após medir o seu mérito;
— não obtém nada de forma desmedida;

— aceita cargo apenas após avaliar a sua força;
— não cobiça posto nem emolumento.

O que é capaz de fazer, aceita sem hesitação.
O que é incapaz de fazer, recusa sem vergonha.

Recusar o que se é capaz de fazer é dissimulação;
desejar o que se é incapaz de fazer é engano.

Se recusar o que não pode e aceitar o que pode, adquirirá uma força persistente e não haverá tarefa em que fracasse.

Na Antiguidade, o Conde Zhi era arrogante; depois de atacar e conquistar Fan e Zhonghang, extorquiu ainda mais terras de Han e Wei.
Mas ainda se sentia insatisfeito, e pegou em armas para atacar Zhao.
Han e Wei voltaram-se contra ele; o seu exército foi derrotado em Jinyang.
Foi morto a leste de Gaoliang; a sua cabeça foi transformada em taça para beber.
O seu estado foi dividido em três partes; foi alvo de riso por todo o mundo.
Isto é a calamidade de quem não conhece o contentamento.

O *Laozi* diz:
“Conhece o contentamento e não sofrerás vergonha;
sabe quando parar e não perecerás —
assim poderás perdurar muito tempo.”
Isto diz tudo.

18.15
Alguns louvam os outros e acabam por levá-los à ruína;
outros caluniam os outros e, inversamente, trazem-lhes sucesso.

Como sabemos isto?

Fei Wuji disse ao rei Ping de Jing:
“Jin tornou-se líder por se aproximar de todos os estados Xia. Jing não pode competir, pois estamos muito afastados. Se quiser reunir os Senhores da Terra numa aliança, nada será tão eficaz como fortificar grandemente Chengfu e ordenar ao Príncipe Herdeiro Jian que o guarneça, para receber o tributo do norte. Vós, Majestade, recolhereis pessoalmente o tributo do sul.”
O rei de Chu aprovou a ideia e ordenou ao príncipe herdeiro que guarnecesse Chengfu, designando Wu Zishe como seu assistente.

Um ano depois, Wu Zishe foi à residência real e disse que o príncipe herdeiro era extremamente humano e corajoso, tendo conquistado o coração do povo.
O rei contou isto a Fei Wuji. Este respondeu:
“Sempre ouvi dizer que o príncipe herdeiro cultiva o povo por dentro e negocia com os Senhores da Terra por fora. Qi e Jin apoiam-no também — estão prestes a atacar Chu. A ação já está em marcha.”
O rei disse: “Mas ele já é o meu príncipe herdeiro. O que mais deseja?”
Fei Wuji respondeu: “Ele guarda rancor por causa da mulher de Qin.”

O rei então mandou matar o Príncipe Herdeiro Jian e executou Wu Zishe.
Isto é o que se chama “ser elogiado e sofrer calamidade.”

O que se chama “ser caluniado e, inversamente, ser beneficiado”?

Tangzi caluniou Chen Pianzi diante do rei Wei de Qi. —
O rei quis matá-lo, e Chen Pianzi fugiu com os seus para Xue.
O Senhor Mengchang soube do caso e enviou homens com uma carruagem para o receber.
Depois da sua chegada, eram-lhe servidas três vezes por dia refeições com carnes alimentadas a pasto e grãos, painço e sorgo.
No inverno, usava peles e penas quentes; no verão, vestia cânhamo leve.
Quando viajava, era puxado por cavalos de qualidade numa carruagem robusta.

O Senhor Mengchang perguntou-lhe:
“Vós, mestre, nascestes e crescestes em Qi. Lembras-te de algo de lá?”
Ele respondeu: “Lembro-me de Tangzi.”
O Senhor Mengchang perguntou: “Mas não foi Tangzi quem vos caluniou?”
Chen Pianzi respondeu: “Foi.”
Mengchang replicou: “Então por que o recordas?”
Ele respondeu:
“Quando vivia em Qi, comia grão grosso e ervas daninhas como refeição. No inverno, gelava; no verão, sufocava. Desde que Tangzi me caluniou e vim para aqui, como carne boa, painço e sorgo, visto roupas leves ou quentes conforme a estação, ando em carruagem puxada por bons cavalos.
É por isso que penso nele.”
Isto é o que se chama “ser caluniado e, inversamente, ser beneficiado.”

Por isso, não se pode ser descuidado com o elogio ou a calúnia.

18.16
Alguns cobiçam a vida e, no entanto, morrem;
alguns desprezam a morte e, mesmo assim, sobrevivem;
alguns vão devagar e, ainda assim, aceleram.

Como sabemos isto?

Entre o povo de Lu, havia um homem que vingou o pai em Qi.
Depois de abrir o abdómen do inimigo e expor-lhe o coração, sentou-se e endireitou o chapéu, levantou-se e ajustou as vestes.
Saiu lentamente pela porta, montou a carruagem e conduziu os cavalos — sem alterar a expressão.
O cocheiro quis galopar; ele agarrou-o e disse:
“Hoje saí com a intenção de morrer para vingar o meu pai. Agora que o ato está feito, que razão tenho para fugir?”
Os perseguidores disseram: “Este é um homem disciplinado. Não o podemos matar.”
Abriram caminho e deixaram-no partir.
Se ele não tivesse ajustado a roupa e o chapéu; se tivesse rastejado para fora e fugido apressado, não teria sobrevivido dez passos.

Ora,
sentar-se e endireitar o chapéu,
levantar-se e ajeitar a roupa,
sair a andar calmamente,
montar a carruagem e andar devagar —
com expressão serena — é o que o povo comum diria que conduz à morte.
Mas, de fato, foi o que lhe salvou a vida.

Isto é o que se chama “cavalgar é mais lento do que andar.”

Correr é aquilo que o povo considera rápido;
andar é aquilo que consideram lento.
Neste caso, ele usou o que parece lento para ir depressa — e entendeu a diferença.

Quem compreende a rapidez da lentidão e a lentidão da rapidez está próximo do Caminho.

Quando o Imperador Amarelo perdeu a Pérola Escura, enviou Lamenta-Pérola e Agarra-Grão para a procurar.
Não a encontraram.
Então enviou Esquece-Tristeza — e só então a recuperou.

18.17
O sábio respeita o pequeno e é cauteloso com o subtil; na ação não perde um só instante.
Faz cem preparativos e toma o dobro de precauções — assim, a calamidade nunca surge.
Ao planear a boa fortuna, subestima; ao considerar a calamidade, exagera.

Se a geada cai no mesmo dia para todos,
os que se abrigaram não sofrem dano.
Se até o tolo se tiver preparado,
o seu mérito será igual ao do sábio.

Quando a chama ainda crepita, um só dedo pode apagá-la.
Quando a brecha no dique tem o tamanho de um buraco de rato, um punhado de terra pode selá-la.
Mas se o fogo já incendiou Mengzhu e alastrou a Yunmeng;
se a água já rompeu os Nove Rios e inundou Jingzhou —
nem que se mobilize todo o exército, será possível salvar a situação.

O amor acumulado gera boa fortuna;
o rancor acumulado gera calamidade.
Uma vez rebentado o furúnculo, o pus será abundante.

Zhuyu Yang disse ao Duque Jian de Qi:
“Chen Chengchang e Zai Yu odeiam-se profundamente. Temo que isto se torne num problema que ameace o Estado. O melhor é demitir um deles.”
O duque não ouviu. Pouco depois, Chen Chengchang atacou Zai Yu no salão do palácio e assassinou o Duque Jian em plena corte.
Isto é um exemplo de não saber respeitar as pequenas origens dos assuntos.

O clã Ji e o clã Hou fizeram uma luta de galos.
O clã Hou blindou o seu galo; o clã Ji equipou o seu com esporas de metal.
O galo Ji não venceu. Ji Pingzi ficou furioso e invadiu o palácio do clã Hou.

O Conde Zhao do clã Hou ficou indignado e queixou-se ao Duque Zhao de Lu:
“Durante o sacrifício *di* ao Duque Xiang no templo ancestral, há apenas duas filas de dançarinos — todos os restantes dançam pelo clã Ji.
A falta de Caminho do clã Ji e a ausência de respeito pela autoridade duram há muito tempo.
Se não os punirdes, colocarão em risco os altares do solo e do grão.”
O duque enfureceu-se e falou com Zijia Ju.
Zijia Ju disse:
“O clã Ji tem o apoio das massas; é o primeiro dos Três Clãs.
A sua Força é grande, o seu poder é forte — o que pode Vossa Majestade fazer?”
O duque Zhao não ouviu e enviou o Conde Zhao de Hou com tropas para atacar o clã Ji.
Os clãs Zhongsun e Shusun conspiraram, dizendo:
“Sem o clã Ji, a nossa morte não tardará.”
Então levantaram tropas para salvar o clã Ji.
O Conde Zhao de Hou morreu em derrota; o Duque Zhao de Lu fugiu para Qi.

Assim,
o nascimento de uma calamidade pode começar com o pé de um galo e, no extremo,
terminar com a perda dos altares do solo e do grão.

Quando a mulher de Cai balançou o barco,
o exército de Qi invadiu Chu.

Dois homens criaram um rancor,
e Zai Yu foi morto no salão do palácio.

O Duque Jian pereceu,
morrendo sem deixar sucessor.

Quando o clã Chen o substituiu,
Qi perdeu a casa dos Lii.

Duas casas lutaram galos;
o clã Ji usou esporas de metal.

O clã Hou provocou conflito;
o Duque Zhao de Lu fugiu.

Por isso se diz:
“Onde o exército acampa, crescerão espinhos e silvas.”

Uma vez nascida, a calamidade não desaparece depressa —
é como fogo que atinge solo seco, ou água que invade zona alagada.
Regá-la só a fará crescer.
Um furúnculo brota num dedo, mas a dor espalha-se por todo o corpo.
Assim,

traças e formigas podem derrubar pilares e pontes;
mosquitos e mutucas podem fazer fugir gado e ovelhas.
Isto diz tudo.

18.18
Todos se dedicam diligentemente a preparar-se para os desastres, mas ninguém é capaz de compreender como os prevenir. Prevenir um desastre é mais fácil do que preparar-se para ele, e ainda assim ninguém se dedica a essa tarefa — por isso, ainda não há ninguém com quem se possa discutir essa arte.

O descendente ducal de Jin, Chong'er, atravessava o território de Cao.
O governante de Cao queria ver se tinha costelas unidas, e por isso ordenou-lhe que pescasse nu.
Xi Fuji interveio, dizendo:
"O descendente ducal não é um homem comum. Os três que o acompanham poderiam todos ser assistentes de um líder ou de um rei. Se o tratardes sem respeito, isso trará certamente ruína ao Estado."
O governante não o escutou.
Quando Chong'er regressou ao seu Estado, levantou um exército e atacou Cao, exterminando-o. A morte do governante às mãos de outro, a destruição dos altares do solo e do grão — todas estas calamidades tiveram origem em forçá-lo a pescar nu.
Qi e Chu quiseram salvar Cao, mas não conseguiram preservá-lo.
Se tivessem escutado Xi Fuji, o desastre da extinção não teria ocorrido.

Ora, se não te dedicas a prevenir os desastres, mas tentas lidar com eles apenas depois de surgirem, nem com a sabedoria de um sábio conseguirás planear para tal. Além disso, as origens do desastre e da calamidade têm mil pontos de partida e nenhum rumo certo. É por isso que o sábio se mantém à distância e evita a desonra, permanece em quietude e serenidade e aguarda o momento.

Os homens vulgares não compreendem os portais da calamidade e da boa fortuna.
Movem-se erraticamente, presos em redes e armadilhas.
Ainda que tomem muitas precauções, como poderão com isso preservar-se?

É como cavar uma cisterna depois de a casa já ter ardido,
ou usar um leque depois de vestir o casaco.
Além disso,

se as paredes da cisterna tiverem dez mil fendas
e tapares apenas uma, o peixe não encontrará logo por onde escapar?

Se a casa tiver cem portas
e trancares apenas uma, o ladrão não encontrará logo por onde entrar?

O colapso da parede começa com uma fenda;
se a espada parte, é porque havia já uma lasca.

O sábio vê estas coisas desde o início — por isso, nenhuma das miríades de coisas o pode ferir.

O Mordomo-mor Zizhu servia comida ao Primeiro-ministro Ziguo.
Ziguo provou o guisado e achou-o quente, por isso pegou numa taça de água de grão e despejou-a sobre o prato.
No dia seguinte, Zizhu renunciou ao cargo e regressou a casa.
O cocheiro perguntou-lhe:
“Ser mordomo-mor em Chu não é tarefa fácil — por que renunciou?”
Zizhu respondeu:
“O primeiro-ministro é descuidado na conduta e negligente na etiqueta; não tardará em causar desonra aos outros.”
No ano seguinte, o primeiro-ministro derrubou o diretor dos cortesãos e açoitou-o com trezentos golpes.
Um alto oficial começa por evitar a calamidade e só depois busca o benefício; primeiro afasta-se da desonra e só depois procura a reputação.
A perceção de Zizhu sobre o início e o fim era subtil!

Antes de o ganso ou o cisne sair do ovo, se o picares com um dedo, ele desfaz-se e perde a forma.
Mas quando os tendões e ossos já estão formados e as penas e asas amadurecidas, então:

bate as asas e levanta voo,
eleva-se até às nuvens flutuantes.
Leva o céu azul nas costas;
roça as névoas vermelhas com o peito.

Eleva-se acima da atmosfera;
vagueia entre os arco-íris.
Mesmo que se tenha um arco firme, flechas afiadas, uma boa corda e a perícia de Bo Juzi, ainda assim não se consegue atingi-lo.

Onde nascem as águas do Yangzi, nas montanhas de Min, pode-se erguer a túnica e saltar por cima.
Mas ao chegar a Dongting, passando por Shicheng e atravessando Dantu, levanta ondas e vagas; nem de barco se atravessa em um só dia.

Por isso, os sábios tratam de assuntos que vão além do Sem Forma e não fixam o pensamento nem esgotam o espírito em eventos materiais.
Assim, desastre e calamidade não os podem tocar.

18.19
Alguém perguntou a Confúcio:
“Que tipo de homem é Yan Hui?”
Ele respondeu:
“Um homem humano. Eu não o igualo.”
“E Zigong?”
“Um homem eloquente. Eu não o igualo.”
“E Zilu?”
“Um homem corajoso. Eu não o igualo.”
O visitante perguntou:
“Esses três são mais virtuosos que vós. Porque é que os liderais?”

Confúcio respondeu:
“Posso ser humano ou severo, eloquente ou silencioso, corajoso ou temeroso.
Se eu pudesse trocar as qualidades dos meus três discípulos pelo meu Caminho, não o faria.”
Confúcio sabia aplicar essas qualidades.

Niu Que de Qin atravessava as montanhas quando encontrou bandidos.
Roubaram-lhe a carruagem, os cavalos, os sacos e até a roupa.
Quando olharam para ele, não mostrava expressão de medo ou aflição; parecia alegre, como satisfeito.
Os bandidos perguntaram:
“Roubámos os teus bens à força, e ainda assim não estás perturbado. Porquê?”
Niu Que respondeu:
“A carruagem e os cavalos transportam o corpo; as vestes cobrem o corpo físico. O sábio não prejudica o que cultiva por causa do que o reveste.”
Os bandidos olharam uns para os outros e riram:
“Se ele não prejudica a vida por desejo, nem sobrecarrega o corpo por lucro, é um sábio desta geração.
Se alguma vez encontrasse o rei, faria de nós o seu alvo.”
Voltaram atrás — e mataram-no.

Isto mostra que se pode ser sábio com os sábios, mas não se pode sê-lo com os ignorantes.
Pode-se ser corajoso com os valentes, mas não com os covardes.
Todos os que têm o Caminho sabem responder a tudo, sem falhar.
Diante da dificuldade, sabem evitá-la — por isso o mundo os honra.

Neste caso, [Niu Que] compreendia como agir consigo mesmo, mas não como agir com os outros.
A sua razão ainda não penetrava o suficiente.
Quando as pessoas sabem mover-se da claridade para a sombra, estão próximas do Caminho.

Os *Odes* dizem:
“Diz-se entre o povo:
'Não há sábio que não seja também um tolo.'”
— Isso diz tudo.

18.20
Ações:

Algumas são feitas para provocar algo — e acabam por o arruinar;
outras são feitas para evitar algo — e acabam por o provocar.

Como sabemos isto?

O Primeiro Imperador de Qin divulgou os “registos e mapas.”
O texto dizia: “Os Hu destruirão Qin.”
Assim, enviou quinhentos mil soldados sob o comando de Duque Meng e Yang Wengzi.
Construíram a Grande Muralha desde Liusha no oeste até ao rio Liao no norte, terminando

no leste na Coreia.
Os cidadãos das regiões internas do Reino do Meio puxavam carroças para os abastecer.

Valorizava também os chifres de rinoceronte, o marfim, o jade e as pérolas de Yue.
Por isso, enviou o comandante Tu Sui com outros quinhentos mil soldados, divididos em cinco exércitos:

— Um fortificava o pico em Xincheng;
— Um defendia o desfiladeiro de Jiuyi;
— Um guarnecia Fanyu;
— Um defendia a fronteira de Nanye;
— Um acampava no rio Yugan.

Durante três anos, não tiraram a armadura nem afrouxaram o arco.
O supervisor Lu foi enviado para levar provisões, escavando canais com os soldados para abrir rotas de abastecimento.

Lutaram contra o povo de The e mataram Yi Xusong, o soberano de Xi'ou.
Mas todo o povo The refugiou-se nas florestas e viveu com os animais.
Nenhum quis ser capturado por Qin.
Uniram-se para eleger um homem corajoso e atacaram Qin de noite, esmagando-o.
Mataram o comandante Tu Sui — e os cadáveres ensanguentados contavam-se aos milhares.
Qin enviou mais guardas para os conter.

Naquele tempo, os homens não podiam cultivar os campos;
as mulheres não podiam colher cânhamo nem fiar.
Os fracos empurravam carroças pelas estradas;
nobres cruzavam-se nos cruzamentos carregando cestos.
Os doentes não eram tratados; os mortos não eram enterrados.

Foi então que Chen Sheng se ergueu em Daze.
Levantou o braço, deu um grande brado — e enrolou o mundo como um tapete até Xi.
Liu Bang e Xiang Tu levantaram exércitos justos e seguiram-no, consolidando a vitória.

Como quem parte um ramo seco ou sacode frutos pendentes, Qin perdeu o império.
A calamidade nasceu ao tentar defender-se dos Hu e buscar lucro em Yue.
Queriam que construir a Muralha evitasse o colapso —
não sabiam que era essa construção que o causaria.
Enviaram guardas para se proteger de Yue —
não sabiam que o mal viria de dentro.

Quando a pega nota que o ano se torna ventoso, deixa as copas altas e constrói o ninho nos ramos baixos.
Os adultos que passam levam os filhotes; as crianças roubam os ovos.
Sabe precaver-se dos males distantes, mas esquece os perigos próximos.
Assim, as precauções de Qin igualaram a sabedoria da pega.

18.21

Alguns disputam por lucro e, paradoxalmente, fortalecem o adversário;
outros escutam e obedecem, mas acabam por dificultar a liderança.

Como sabemos que isto é assim?

O Duque Ai de Lu queria expandir a sua residência para o oeste. O escriba da corte opôs-se, dizendo que tal expansão seria auspiciosamente desfavorável. O duque corou de raiva. Muitos dos seus assistentes o repreenderam, mas ele não quis ouvir. Então, perguntou ao seu tutor, Zai Zhesui: “Quero expandir a minha residência, mas o escriba da corte diz que isso é desfavorável. Que pensas tu?” Zai Zhesui respondeu: “No mundo há três maus presságios, e expandir a residência para o oeste não é um deles.” O duque ficou muito satisfeito.

Passado um momento, perguntou: “Quais são esses ‘três maus presságios’?” Zai respondeu: “Não praticar o Ritual e a Retidão é um mau presságio. A ganância desmedida é o segundo. Não escutar admoestações vigorosas é o terceiro.” O Duque Ai ficou em silêncio e mergulhado em pensamento. Suspirando, reconsiderou a decisão e não expandiu a residência para oeste.

O escriba pensava que o confronto travaria o duque, mas não compreendeu que a persuasão indireta poderia ser mais eficaz. Os sábios afastam-se do caminho e alcançam o Dao; os tolos apegam-se ao Dao e perdem o rumo. A destreza de Ni era tal que não havia nó que não pudesse "desatar". Não era que ele desfizesse todos os nós, mas que não se ocupava com o que não podia ser desfeito. Aquele que chega ao ponto de “desatar sem desatar” é alguém com quem se pode alcançar o mais alto raciocínio.

18.22

Alguns manifestam o Ritual e a Retidão e promovem a essência do Dao, mas não têm sucesso.
Outros abandonam a estrutura e falam sem cuidado, mas acertam no alvo.

Como ilustramos isto?

Confúcio viajava pelo campo oriental quando o seu cavalo fugiu e comeu colheitas de uns camponeses. Os aldeões, furiosos, prenderam o cavalo. Confúcio enviou Zigong para os persuadir. Zigong usou expressões polidas, mas não foi compreendido. Confúcio disse: “Se usas palavras que as pessoas não conseguem ouvir, é como oferecer o grande sacrifício *Iao* a um animal selvagem, ou tocar as 'Nove Harmonias' a aves em voo. Este erro é meu, não teu.” Então, enviou o tratador do cavalo. Ao chegar, este disse aos camponeses: “Lavrais desde o Mar do Leste até ao Mar do Oeste. Se o meu cavalo se perde, para onde poderia ir senão comer as vossas colheitas?” Os camponeses ficaram muito satisfeitos, libertaram o cavalo e ainda lho deram de volta.

Uma persuasão assim não tinha técnica, mas funcionou. Chega-se a um ponto em que a habilidade é inferior à ineptidão; assim, o sábio “mede a espiga e corrige o encaixe”.

Se cantares “A Colheita de Castanhas de Água” e tocares “Margem Norte” para camponeses, não acharão essas canções tão harmoniosas como “Orvalho Tardio”. Não é que o cantor seja inepto; os ouvintes é que são diferentes. Assim, traços cruzados não se estendem; um círculo contínuo nunca se rompe.

Quando as coisas não comunicam entre si, o sábio não luta contra elas.

18.23

A Benevolência é o que o povo comum admira;
a Retidão é o que as massas exaltam.

Fazer o que o povo admira, praticar o que o povo exalta:
é isso que o pai austero ensina aos seus filhos
e o modo como o ministro leal serve o seu soberano.

Contudo, em qualquer época há quem use estas virtudes e, ainda assim, sofra a morte pessoal e a perda do seu estado — porque não compreendem o tempo em que vivem.

Na Antiguidade, o Rei Yan de Xu prezava a Benevolência e a Retidão. Trinta e dois estados lhe prestavam homenagem. Wangsun Li disse ao Rei Zhuang de Chu: “Se não atacardes Xu, então vós é que deveis prestar-lhe homenagem.” O rei respondeu: “O Rei Yan é um governante com o Dao; pratica a Benevolência e a Retidão. Não devo atacá-lo.” Wangsun Li disse: “Ouvi dizer: ‘A disputa entre o grande e o pequeno, o forte e o fraco, é como atirar uma pedra a um ovo ou um tigre devorar um leitão. Que dúvida há quanto ao desfecho?’ Além disso, não há confusão maior do que praticar civilidade sem conseguir expandir a sua Potência, ou praticar militarismo sem poder confiar na sua força.” O rei de Chu disse: “Excelente!” E então atacou Xu, exterminando-o. Eis um exemplo de compreender a Benevolência e a Retidão, mas não compreender as alterações dos tempos.

O jasmim e a angélica são ornamentos preferidos pelas beldades; mas, se mergulhados em água rançosa usada para lavar arroz, não conservam a sua fragrância. Na Antiguidade, os Cinco Imperadores valorizavam a Potência; as Três Dinastias Reais usavam a Retidão; os Cinco Líders confiavam na força.

Aplicar os Caminhos dos Imperadores e dos Reis na era dos Líders é como cavalgar um corcel veloz a perseguir alguém no mato, ou realizar uma cerimónia envergando roupa de chuva. Se plantares após a geada e colheres quando o gelo ainda derrete, e esperas alimento, estarás em apuros.

Assim diz o Clássico das Mutações (Yi Jing):

“O dragão submerso não atua” —
Isto indica que os tempos não podem ser movidos.

E também:

“O cavalheiro é diligente durante todo o dia,
cauteloso como se cercado pela noite;
[por isso] não incorre em culpa.”

“Diligente todo o dia” é agir durante o yang. “Cauteloso como se cercado pela noite” é repousar durante o yin. Agir de acordo com o dia e repousar de acordo com a noite — isso só quem tem o Dao consegue fazer.

O Rei Yan de Xu praticava a Retidão e foi exterminado; Zikuai de Yan praticava a Benevolência e foi deposto. O Duque Ai amava os confucianos e perdeu território; o senhor de Dai tornou-se mohista e foi aniquilado.

Extermínio, deposição, perda de território e aniquilação são o destino dos cruéis e rebeldes — no entanto, estes quatro governantes perderam-se sendo Benevolentes, Justos, Confucianos e Mohistas. A razão é que os tempos que enfrentaram exigiam ações diferentes. Não é que a Benevolência, a Retidão e os ensinamentos de Confúcio e Mozi não funcionem — mas usá-los na época errada é cair na sua armadilha.

18.24

A alabarda serve para atacar fortificações;
o espelho serve para refletir a figura física.

Se um eunuco tiver uma alabarda, usá-la-á para cortar girassóis;
se um cego tiver um espelho, usá-lo-á para tapar a bilha de água.
Isto porque não sabem como essas coisas devem ser usadas. Assim,
[a distinção entre] excelência e mediocridade é a mesma,
mas a crítica e o elogio são determinados pelo costume.

O que é escolhido e o que é rejeitado pode ser o mesmo,
mas o que é considerado desvio ou conformidade é ditado pelos tempos.

Kuang Jue recusou um estipêndio e foi punido;
Duangan Mu rejeitou o cargo de primeiro-ministro e tornou-se célebre.

As suas ações foram idênticas, mas os ganhos e prejuízos diferiram porque os tempos assim o exigiram. Por isso, mesmo que o sábio tenha ambição, se não encontrar a sua era, os seus esforços apenas bastarão para preservar a sua pessoa. Que mérito ou reputação pode alcançar?

Se compreenderes o que faz o Céu e compreenderes o que realizam os homens, então terás o necessário para fazer o teu caminho na época em que vives. Se compreenderes o Céu mas não os humanos, não conseguirás relacionar-te com as pessoas comuns. Se compreenderes os humanos mas não o Céu, não poderás ser companheiro do Caminho.

Shan Bao afastou-se da época e recusou o vulgar. Viveu numa falésia e bebeu de um riacho no vale. Não usava seda nem cânhamo; não comia os cinco cereais. Aos setenta anos, ainda tinha o rosto de uma criança. No fim, encontrou um tigre faminto que o matou e o devorou.

Zhang Yi era amante da cortesia.
Sempre que atravessava o pátio do palácio, apressava-se;
sempre que encontrava alguém da sua aldeia, fazia uma vénia.

Tratava todos os criados e cocheiros com a máxima propriedade. Mas não chegou ao fim da sua vida; adoeceu com febre e morreu.

Bao cultivou o seu interior, e um tigre devorou o seu exterior;
Yi cultivou o seu exterior, e a doença atacou-lhe o interior.

Assim, aquele que corrigiu os seus pensamentos e harmonizou os sentimentos foi vencido pelo duro e forte; aquele que se dedicou ao exterior foi consumido pelo yin e yang. Ambos persistiram nas suas tarefas, mas faltou-lhes equilíbrio. Um cavaleiro com o Caminho transforma-se externamente mas não internamente. Transformar-se por fora é como se aproxima dos outros; não se transformar por dentro é como preserva a si mesmo. Assim, no interior mantém uma disciplina unificada e estável; no exterior, pode recuar e avançar, expandir e contrair, fechar e abrir. Move-se e adapta-se às circunstâncias, e por isso, em dez mil empreendimentos, nunca é apanhado de surpresa. O sábio é venerado porque pode transformar-se como um dragão. Neste caso, [Shan Bao e Zhang Yi] mantiveram uma única disciplina e promoveram uma única conduta. Mesmo que isso os destruísse, não a mudaram. Isto é estar preso a pequenas afeições e impedido de alcançar o Grande Caminho.

18.25

Zhao Xuanmeng salvou um homem faminto debaixo de uma amoreira retorcida, e o mundo chamou-lhe benevolente.

Ci Fei de Jing foi cercado no meio do Yangzi; não perdeu o seu tesouro, e o mundo chamou-lhe corajoso.

Por isso, ao ver uma conduta pequena, pode-se discernir um padrão maior.

Tian Zifang saiu e viu um cavalo velho na estrada. Suspirou, teve um pensamento e perguntou ao cocheiro: “Que cavalo é aquele?” O cocheiro respondeu: “Era do estábulo da casa ducal. Agora está reformado e não é mais usado, por isso venderam-no.” Tian Zifang disse: “Na juventude, desejam a sua força; na velhice, abandonam o seu corpo — um homem benevolente não faria isso.” Comprou o cavalo por um pedaço de seda. Ao ouvirem isto, todos os guerreiros reformados souberam a quem deviam confiar os seus corações.

O Duque Zhuang de Qi foi caçar e viu um insecto que erguia as patas contra a roda do seu carro. Perguntou ao cocheiro: “Que insecto é este?” O cocheiro respondeu: “Chama-se louva-a-deus. Entre os insetos, é o que só sabe avançar e não recuar. Sem avaliar a sua força, despreza o adversário.” O duque Zhuang disse: “Se fosse humano, seria dos mais bravos do mundo!” E desviou o carro para não o esmagar. Quando os guerreiros corajosos ouviram isto, souberam por quem valia a pena morrer.

Assim,

Tian Zifang protegeu um cavalo velho, e o reino de Wei exaltou-o;
o Duque Zhuang de Qi poupou um louva-a-deus, e os bravos voltaram-se para ele.

Tang ensinou a abençoar as redes, e quarenta estados prestaram-lhe homenagem.
O Rei Wen sepultou ossos dos mortos, e os Nove Yi submeteram-se.
O Rei Wu protegeu um homem com insolação à sombra de uma árvore, embalando-o com o braço esquerdo e abanando-o com o direito, e o mundo venerou a sua Potência.
O Rei Goujian de Yue libertou um inocente da prisão. Empunhou a espada Abismo do Dragão e cortou a própria coxa, deixando o sangue escorrer até aos pés, para se punir, e os seus guerreiros decidiram morrer com ele. Como não seriam movidos pela sua misericórdia?

Assim, os sábios agem em pequena escala para abranger o grande; são cuidadosos com o próximo para abarcar o distante.

Quando Sunshu Ao abriu o rio em Qisi e irrigou os campos de Tulou, o rei Zhuang soube que ele podia ser primeiro-ministro.
Quando Zifa dividiu as tarefas de forma justa entre trabalho e lazer, o estado de Qi soube que ele podia comandar o exército.
Estes são casos de moldar o pequeno e subtil e penetrar no Grande Padrão.

18.26

Quando o sábio empreende uma tarefa, não presta atenção excessiva aos detalhes. Investiga a base — e basta. Se dez mil pessoas tentassem afinar um sino, não conseguiriam obter o tom certo. Mas se encontrares alguém que realmente compreenda música, uma só pessoa basta. O mesmo se passa com os argumentos dos persuasores: se atingem verdadeiramente o seu objetivo, não é preciso mais. A essência que permite a um carro percorrer mil milhas está em três polegadas de eixo. Se exortas as pessoas e não as consegues mover, se as avisas e não as consegues deter, é porque a base das tuas palavras não é razoável.

Antigamente, o senhor de Wey foi prestar homenagem a Wu e o rei de Wu aprisionou-o, tencionando lançá-lo ao mar. Os conselheiros e oficiais opuseram-se, mas não conseguiram dissuadi-lo. Quando o senhor de Lu soube disto, desmontou os sinos e tambores, e apresentou-se na corte em roupas brancas de luto. Confúcio viu-o e perguntou: “Porque pareces tão angustiado?” O senhor de Lu respondeu: “Os senhores da terra não têm parentes; os outros senhores da terra são os nossos únicos parentes. Os nobres não têm companheiros; só os outros nobres o são. Agora o senhor de Wey prestou homenagem a Wu, e o rei de Wu prendeu-o e quer lançá-lo ao mar. Quem diria que alguém tão Benevolente e Justo como o senhor de Wey passaria por tal provação?

Gostaria de o salvar, mas não consigo. Que posso fazer?” Confúcio disse: “Se desejas salvá-lo, então envia Zigong.” O senhor de Lu convocou Zigong e deu-lhe o selo de general. Zigong recusou, dizendo: “O posto não ajuda a resolver calamidades; isso reside no Caminho que se toma por base.” Viajando incógnito, chegou a Wu e encontrou-se com o Grande Intendente Pi. Este ficou muito satisfeito com ele e quis recomendá-lo ao rei.

Zigong disse: “Não és capaz de persuadir o rei; porque não me deixas fazê-lo por ti?” O Intendente Pi respondeu: “Como sabes que não sou capaz?”

Zigong respondeu: “Quando o senhor de Wey chegou, metade do seu povo achava melhor prestar homenagem a Jin, e a outra metade preferia Wu. No entanto, o senhor de Wey confiou a própria carne e ossos a Wu, atou-se por juramento e aguardou ordens. Agora que o recebes e aprisionas, e ainda queres lançá-lo ao mar, estás a recompensar os que apoiavam Jin e a punir os que apoiavam Wu.

Além disso, todos os senhores da terra consideram a chegada do senhor de Wey um presságio. Se ele presta homenagem a Wu e não é recompensado, todos transferirão o seu coração para Jin. Queres tornar-te líder? Não será difícil assim?” O Intendente Pi relatou isto ao rei, que emitiu uma ordem aos cem oficiais: “Durante os próximos dez dias, quem não tratar o senhor de Wey com absoluta cortesia será executado!” Zigong pode dizer-se que compreendia a arte da persuasão.

O Duque Ai de Lu estava a construir aposentos, e eram muito grandes. Gongxuanzi advertiu-o: “Se os quartos forem grandes, quando neles estiver muita gente, tornam-se barulhentos; se estiverem poucos, tornam-se sombrios. Aconselho-o a modificá-los.” O duque respondeu: “Ouço e obedeço.” No entanto, a construção continuou. Gongxuanzi voltou a adverti-lo: “Se o estado é pequeno e os aposentos são grandes, quando o povo ouvir, certamente odiará o meu governante; e quando os outros senhores da terra souberem, certamente desprezarão o meu estado.”

O senhor de Lu respondeu: “Ouço e obedeço.” Ainda assim, a construção não parou. Gongxuanzi teve nova audiência e disse: “À esquerda está o templo ancestral do Duque Zhao, à direita o do Duque Mu. Construir quartos tão grandiosos junto aos templos dos antigos senhores — não será prejudicial ao filho?” O duque então ordenou parar as obras e desmontar a estrutura.

O senhor de Lu insistia em construir os aposentos; Gongxuanzi insistia em detê-lo. Das três persuasões, só uma foi ouvida; as outras duas não estavam em harmonia com o Caminho. Se lanças o anzol à beira-rio e, após um dia inteiro, não pescas um único peixe branco, não é que os peixes não comam — é que a isca não é a que desejam. Quando uma mão hábil segura a vara, lança o anzol e perfura os lábios que mordem, é porque usou o que eles desejam.

Não há coisa sobre a qual nada se possa fazer — apenas pessoas que não sabem como o fazer. O chumbo e o cinábrio pertencem a categorias diferentes e têm cores distintas. No entanto, se se consegue fazer escarlate com ambos, é porque se dominou a técnica. Por isso, fórmulas complicadas e frases elegantes não ajudam a persuadir. Investiga aquilo que o outro toma por base — e isso basta.

18.27

As justaposições entre categorias de coisas próximas mas pertencentes a famílias diferentes são numerosas e difíceis de reconhecer. Assim,

algumas são colocadas em categorias às quais não pertencem;
outras são excluídas de categorias às quais pertencem.

Algumas parecem ser e não são;
outras não são e parecem ser.

Diz o provérbio: “Quando um falcão deixou cair um rato podre, a casa dos Yu perdeu-se.” O que significa isto? Diz-se que os Yu eram magnatas de Liang. A sua casa estava cheia de riquezas; possuíam ouro e moedas em abundância, bens e fortuna imensuráveis. Construíram uma torre alta junto à estrada principal, onde apresentavam espectáculos musicais, serviam vinho e jogavam ao xadrez.

Enquanto uns espadachins errantes passavam por baixo da torre, um dos jogadores de xadrez lá em cima fez um lance contra a posição do amigo e riu-se ao virar duas peças. Nesse instante, um falcão em voo deixou cair um rato podre que atingiu os espadachins.

Os espadachins disseram entre si: “A casa dos Yu já vive há muito em riqueza e felicidade, e muitas vezes despreza a vontade dos outros. Nós não ousámos perturbá-los, e mesmo assim insultam-nos com um rato morto. Se isto não for vingado, não poderemos apresentar-nos ao mundo. Unamos a força com um único propósito, reunamos os nossos seguidores e exterminemos a sua casa.” Nessa noite, atacaram os Yu e exterminaram-nos. Isto é o que se chama “colocar algo numa categoria à qual não pertence.”

E o que é “excluir algo de uma categoria à qual pertence”? Qu Jian disse a Shi Qi: “O Duque Sheng de Bo está prestes a rebelar-se.” Shi Qi respondeu: “Impossível. O Duque Sheng de Bo humilha-se a si próprio e exalta os cavaleiros; não ousaria tratar os dignos com arrogância. A sua casa não tem trancas nem ferrolhos; usa medidas grandes de dou e hu para distribuir os cereais e medidas pequenas de jin e liang para os cobrar. A tua avaliação está errada.” Qu Jian replicou: “Essas são precisamente as razões pelas quais ele se rebelará.” Três anos depois, o Duque Sheng de Bo rebelou-se de fato, matando o primeiro-ministro Zijiao e o ministro da guerra Ziqi. Isto é o que se chama “ser excluído de uma categoria à qual pertence.”

E o que é “parecer ser e não ser”? Zifa era magistrado em Shangcai. Um homem do povo cometeu um crime e enfrentava punição. O caso foi disputado e argumentos foram apresentados. Quando a decisão chegou ao magistrado, Zifa suspirou com um coração piedoso. Quando o criminoso foi punido, não se esqueceu da bondade de Zifa. Mais tarde, Zifa cometeu um crime contra o rei Wei e fugiu. O homem que tinha sido punido disfarçou aquele que fora bondoso para com ele e escondeu-o numa cabana junto às muralhas da cidade. Quando os perseguidores chegaram, o homem bateu o pé e disse furioso: “Zifa julgou-me e puniu-me; o meu ódio por ele dói-me nos ossos e na medula. Se pudesse devorar a sua carne, nunca me bastaria!” Os perseguidores acreditaram na sua raiva e não revistaram o interior. Assim, Zifa sobreviveu. Isto é “parecer ser e não ser”.

E o que é “não parecer ser e no entanto ser”? Na Antiguidade, o rei Goujian de Yue humilhou-se perante o rei Fuchai de Wu. Pediu para o servir pessoalmente como ministro e ofereceu-lhe a própria esposa como concubina. Fornecia sacrifícios sazonais e entregava tributo na primavera e no outono. Derrubou os altares do solo e do grão, trabalhava como um plebeu, vivia recluso e combatia na linha da frente. Era extremamente humilde em todas as cortesias e submisso em todas as palavras. Distanciava-se profundamente da mentalidade de rebelde — e, com apenas três mil homens, capturou Fuchai em Guxu.

É indispensável examinar estes quatro casos. O que dificulta a compreensão dos assuntos é que as pessoas ocultam as origens e disfarçam os rastos; colocam os interesseiros no lugar dos imparciais; favorecem o desvio em vez do correto e confundem as mentes dos outros com a vitória. Se aquilo que os homens guardam no íntimo coincidisse com o que expressam exteriormente, o mundo não teria estados perdidos nem lares destruídos. Quando a raposa caça o faisão, primeiro prostra o corpo e baixa as orelhas, esperando que o faisão se aproxime. O faisão vê isto e acredita — e por isso é atraído e apanhado. Se a raposa arregalasse os olhos e encarasse diretamente o faisão, revelando a sua intenção letal, o faisão assustar-se-ia e fugiria para longe, escapando assim à ira da raposa.

O engano mútuo da artimanha humana
não é apenas astúcia de aves e feras.

As semelhanças entre coisas e categorias que não podem ser avaliadas externamente são numerosas e difíceis de reconhecer. Por isso, não podem deixar de ser investigadas.

Traduzido por Andrew Meyer

DEZANOVE
CULTIVAR O ESFORÇO

19.1
Algumas pessoas dizem que aqueles que não agem são silenciosos na solidão, permanecem imóveis com indiferença, que se puxados não vêm, e se empurrados não vão. Segundo eles, só os que assim são aparentam ter alcançado o Caminho.

Mas acredito que isso não é verdade. Pergunto: será possível referirmo-nos a figuras como o Agricultor Divino, Yao, Shun, Yu e Tang como sábios? Mesmo quem defende esta visão da não-ação dificilmente poderia dizer o contrário. E, ao examinarmos estes cinco sábios, é evidente que nenhum deles alcançou tal não-ação.

Nos tempos antigos, o povo alimentava-se de plantas herbáceas e bebia apenas água, colhia frutos de arbustos e árvores e comia carne de ostras e amêijoas. Sofriam frequentemente com doenças febris e venenos nocivos. Por isso, o Agricultor Divino foi o primeiro a ensinar o povo a cultivar os cinco cereais. Avaliou as terras segundo fossem secas ou húmidas, férteis ou estéreis, altas ou baixas. Experimentou o sabor de centenas de plantas e das águas dos rios e nascentes, distinguindo entre o doce e o amargo. Emitiu orientações para que o povo soubesse o que evitar e o que aceitar. Nessa altura, chegou a sofrer envenenamentos até setenta vezes num só dia.

Yao estabeleceu a piedade filial, a compaixão, a humanidade e o amor, inspirando o povo a comportar-se como filhos e irmãos. A oeste, ensinou os Povos das Terras Férteis; a leste, alcançou os Povos dos Dentes Pretos; a norte, pacificou os Povos de Yudu; e a sul, chegou até Jiaozhi. Exilou Huan Dou no Monte Chong, perseguiu os Três Miao até às Três Montanhas Perigosas, baniu Gong Gong para Yiuzhou e executou Gun no Monte da Pena.
Shun construiu casas, ergueu muros e cobriu telhados, abriu terras e plantou cereais. Orientou todo o povo a abandonar as cavernas e a estabelecer habitações familiares. Estas foram as práticas que introduziu. No sul, combateu os Três Miao, falecendo a meio do caminho, em Zangwu.

Yu, enfrentando chuvas torrenciais e ventos violentos, limpou os cursos de água, dragou rios, perfurou o Portão do Dragão, abriu o Passo de Ym, reparou os diques de Peng Li (o atual Lago Boyang), subiu aos quatro veículos, percorreu as montanhas e marcou as árvores, nivelando e organizando a água e a terra para definir os limites dos dezoito estados.

Tang levantava-se cedo e deitava-se tarde para aproveitar ao máximo a sua inteligência perspicaz. Reduziu os impostos e aliviou os encargos para melhorar a vida do povo. Demonstrou virtude e concedeu favores para socorrer os pobres e desamparados. Lamentou os mortos, preocupou-se com os doentes e cuidou de órfãos e viúvas. Por tudo isto, o povo aproximou-se dele e aderiu-lhe. As suas políticas espalharam-se e circularam amplamente. Assim, mobilizou tropas em Mingtiao, cercou Jie dos Xia em Nan Guo, puniu-o pelos seus abusos e exilou-o no Monte Li.

Estes cinco sábios foram governantes que fizeram o mundo prosperar. Trabalharam com o corpo e com a mente em benefício do povo, sempre com o objetivo de trazer proveito e eliminar o sofrimento, sem nunca se cansarem.

Ora, se ergueres uma taça de vinho, ninguém notará esforço no teu rosto. Mas se levantares um tonel com o peso de um *dan*, o suor correrá em abundância. Quanto mais se te encarregares das preocupações do mundo e assumires responsabilidades por todos os assuntos dentro dos Quatro Mares! Isso é bem mais pesado do que um tonel de um *dan*.

Estes sábios não se envergonhavam das suas origens humildes, mas lamentavam que o Caminho não fosse seguido. Não se angustiavam com a brevidade da vida, mas preocupavam-se com a miséria do povo.

Por isso, quando Yu trabalhou nos cursos de água, usou o próprio corpo para romper as margens do rio Yangxu, e Tang, durante a grande seca, ofereceu-se em sacrifício à beira da Floresta de Amoreiras.

Se a solicitude dos sábios para com o povo foi tão evidente, não será absurdo acusá-los de serem “inativos”?

Além disso, nos tempos antigos, os imperadores e reis não foram instituídos para servir os seus desejos, nem os sábios tomaram cargos para se deleitarem. Fizeram-no porque no mundo os fortes oprimiam os fracos, os numerosos exploravam os poucos, os astutos enganavam os ignorantes e os corajosos despojavam os tímidos. Aqueles que tinham conhecimento não o partilhavam, e os que acumulavam riquezas não as distribuíam. Assim, o Filho do Céu foi instituído para restabelecer o equilíbrio.

Como a inteligência de um só homem não bastava para iluminar tudo dentro dos Quatro Mares, criaram-se os Três Duques e os Nove Ministros para o auxiliar. E como os estados mais distantes, com costumes variados, não conseguiam beneficiar da virtude do soberano, estabeleceram-se os Senhores da Terra para os instruir e advertir.

Dessa forma, nenhuma terra ficou abandonada, nenhuma estação sem resposta, nenhum oficial ocultou os seus atos, e nenhum estado negligenciou o bem do povo. Assim, vestiram os que passavam frio, alimentaram os famintos, cuidaram dos idosos e enfermos e deram descanso aos exaustos.

Se olharmos para os sábios através dos olhos do povo comum, vemos que Yi Yin, com o caldeirão às costas, procurou servir Tang; Lü Wang, com a faca de trinchar na mão, entrou em Zhou para se tornar alto funcionário; Baili Xi foi vendido de volta a Qin; Guan Zhong foi preso e levado à corte do Duque Huan de Qi. O fogão de Confúcio não estava enegrecido, e a esteira de Mozi não estava aquecida.

Assim são os sábios: não acham as montanhas demasiado altas nem os rios demasiado largos. Suportam insultos e humilhações para poderem servir os governantes do seu tempo. Não desejam salários elevados nem ambicionam cargos, mas sim contribuir para o bem do mundo e aliviar o sofrimento do povo.

Assim é que os sábios não consideram as montanhas demasiado altas, nem os rios demasiado largos. Suportam insultos e humilhações para poderem servir os governantes do seu tempo. Não desejam altos salários nem ambicionam cargos oficiais; antes, querem trabalhar para promover os benefícios do mundo e aliviar as dificuldades do povo comum. Numa obra que nos foi transmitida, está escrito:

"O Agricultor Divino estava macilento e abatido;
Yao, emagrecido e desalentado;
Shun, marcado pelo tempo e de pele escura;
Yu, com calos nas mãos e nos pés."

Vista por este prisma, a labuta ansiosa dos sábios em prol do povo é verdadeiramente profunda. Assim, desde o Filho do Céu até ao mais simples dos homens, quando os quatro membros não são exercitados e o pensamento e a reflexão não são aplicados, e mesmo assim os assuntos de governo são resolvidos — tal coisa nunca foi ouvida.

19.2

A inclinação natural do terreno faz com que a água corra para leste, mas é preciso que o ser humano trabalhe para que as águas das cheias sigam pelos vales. Os cereais crescem na primavera, mas é necessário o esforço humano para que os cinco grãos amadureçam. Se tivessem deixado que a água seguisse o seu curso ou esperado que as plantas crescessem sozinhas, as realizações de Gun e Yu não teriam sido alcançadas, nem a sabedoria do Senhor Mijo teria sido aplicada.

O que eu chamo de não-ação significa não permitir que ambições pessoais interfiram no Caminho público, nem que desejos lascivos distorçam métodos justos. Significa agir de acordo com os padrões intrínsecos das coisas ao iniciar uma tarefa, respeitar as qualidades naturais dos seres ao alcançar resultados e promover as tendências naturais dos processos, para que precedentes desviados não possam prevalecer.

Desta forma, as ações de governo terão sucesso, mas tu pessoalmente não serás glorificado. As tuas realizações serão estabelecidas, mas não procurarás reputação. Não-ação não significa que um estímulo não provocará resposta ou que um empurrão não causará movimento.

Por exemplo, se usares fogo para secar um poço ou tentares irrigar uma montanha com o rio Huai, estarás a aplicar esforço humano contra o curso natural das coisas — e eu chamaria a isso "ação deliberada". Mas se, ao navegar na água, usares um barco; na areia, usares um *shu*; no

lodo, um *chun*; nas montanhas, um *lei*; se no verão escavares canais e no inverno ergueres diques; se fizeres um monte num local elevado e escavares um tanque num local baixo — estas atividades, alinhadas com as condições naturais, não são aquilo a que eu chamo “ação deliberada”.

19.3

Quando os sábios realizam os seus feitos, podem diferir nos detalhes, mas concordam nos princípios. Podem partir de caminhos distintos, mas chegam ao mesmo destino. Ao protegerem os seus estados do perigo e estabilizá-los contra a ruína, são unânimes, e a sua vontade nunca se desvia do desejo de beneficiar os outros. Como posso ilustrar este ponto?

Em tempos antigos, o Estado de Chu queria atacar o Estado de Song. Mozi soube disto e ficou profundamente abalado, pelo que partiu de Lu e dirigiu-se apressadamente a Chu, viajando durante dez dias e dez noites. Apesar das bolhas nos pés, não parou; rasgou a própria roupa para enfaixar os pés. Quando chegou a Ying, teve audiência com o rei de Chu e disse:

"Ouvi dizer que o grande rei está a preparar-se para atacar Song. Vai atacar Song porque tem a certeza de o conquistar? Ou fá-lo apesar de tornar a vida amarga para o povo, sobrecarregar os trabalhadores, exaurir o exército e destruir as armas, ganhando uma reputação de injustiça no mundo, mesmo sem conquistar um palmo de terra?”

O rei respondeu: “Se eu tiver a certeza de que não conseguirei conquistar Song e, além disso, for visto como injusto, por que haveria de atacá-lo?”

Mozi respondeu: “Excelente! Permitirei mostrar-lhe que, ao atacar Song, o grande rei prejudicará certamente a sua reputação de justiça e ainda assim não conquistará Song.”

O rei então disse: “Mas Gongshu Ban, o mais hábil artesão do mundo, está a construir uma 'Escada de Nuvens' para o ataque. Como poderia eu não tomar Song?”

Mozi disse: “Peço então que, se permitires que Gongshu prepare o ataque, me concedas autorização para defender Song.”

Assim, Gongshu Ban preparou o engenho de assalto e Mozi preparou os meios para a defesa. Gongshu atacou nove vezes, e Mozi repeleu-o nove vezes. Chu não conseguiu conquistar Song. Por fim, as tropas de Chu recuaram e cancelaram o ataque.

Noutra ocasião, Duangan Mu recusou um salário oficial e permaneceu em casa. Quando o Marquês Wen de Wei passou pelo portão da sua aldeia, curvou-se no seu carro. O cocheiro perguntou: “Meu senhor, por que se curvou ao passar?”

O Marquês Wen respondeu: “Duangan Mu está aqui. Foi por isso que me curvei.”
O cocheiro replicou: “Mas Duangan Mu é apenas um estudioso de trajes simples. Para que o meu senhor se curve ao seu portão — não será excessivo?”

O Marquês respondeu: “Duangan Mu não persegue poder nem lucro. Segue o Caminho do Homem Superior; retirado numa rua pobre, a sua reputação espalha-se por mil *li*. Como poderia eu ousar não me curvar?

Duangan Mu brilha pela sua virtude; eu, pelo meu poder. Ele é rico em Justiça; eu, em riqueza. O poder não é tão nobre como a virtude; a riqueza não é tão elevada quanto a Justiça. Mesmo que Duangan Mu pudesse trocar de lugar comigo, não o faria. Todo o dia me sinto entristecido e envergonhado com a minha própria sombra. Como poderia eu desprezá-lo?"

Algum tempo depois, Qin mobilizou tropas para atacar Wei, mas Sima Yu advertiu o soberano de Qin: "Duangan Mu é um homem digno, e o seu governante tratou-o com respeito. Não há quem no mundo não reconheça isso. Nenhum dos Senhores da Terra deixou de ouvir falar dele. Se agora levantares tropas para atacar esse estado, não estarás a obstruir a Justiça?"
E assim, Qin desmobilizou o exército e desistiu do ataque a Wei.

Mozi, tropeçando e cambaleando, percorreu dez mil *li* para preservar Chu e Song, enquanto Duangan Mu, apenas fechando a porta e recusando sair, trouxe paz entre Qin e Wei. Um partiu, o outro permaneceu; as suas inclinações eram opostas, mas ambos conseguiram proteger um Estado. É isso que quero dizer com "partem de caminhos diferentes, mas chegam ao mesmo lugar".

Quando se apaga um incêndio, cada um corre ao poço para buscar água. Uns usam jarras ou garrafas; outros, alguidares ou bacias. Uns são quadrados, outros redondos; alguns têm arestas, outros são suaves; a quantidade de água que carregam também varia. Mas no apagar do fogo, todos são igualmente úteis. Do mesmo modo, os estilos musicais de Qin, Chu, Yan e Wei seguem tradições distintas, mas todos exprimem alegria. Os lamentos das nove tribos Yi e das oito tribos Di têm sonoridades diversas, mas todos exprimem tristeza. Ora, o canto é sinal de alegria, e o lamento é produto da dor. Um sentimento ardente no interior manifesta-se externamente numa resposta. A causa da resposta está no próprio sentimento. Assim, o coração dos sábios nunca se desvia, dia e noite, do desejo de beneficiar os outros. E como o alcance da sua benevolência é tão vasto, os resultados são proporcionalmente grandes.

19.4

Quando os costumes de uma época caem em desuso e declínio, e os que rejeitam o estudo se tornam numerosos, dizem: "As naturezas humanas têm forças e fraquezas, como os peixes são velozes e os grous são coloridos. Isso é natural e não pode ser mudado." Mas eu não creio que seja assim. Que os peixes sejam velozes e os grous vistosos é como o que torna os humanos humanos e os cavalos cavalos — ou seja, trata-se de músculos, ossos, estrutura e corpo, dons do Céu que não se podem alterar. Visto deste ângulo, as naturezas não são todas da mesma ordem.

Um potro salta e dá coices, levanta a cauda e corre, sendo indomável no seu estado bruto. A sua mordida é forte o suficiente para rasgar carne e partir osso, e o seu coice capaz de esmagar um crânio ou um peito. Mas, quando um tratador o doma ou um bom cocheiro o treina, ele passa a obedecer ao freio e ao bridão, e mesmo que tenha de cruzar um precipício ou saltar uma vala, já não se atreverá a recuar. A forma do cavalo faz dele cavalo — não pode ser transformado noutro ser.

Mas que se torne montável e obediente é resultado de treino. E se um cavalo, sendo um animal mudo, pode ter a sua energia e vontade moldadas com treino, quanto mais o ser humano!
Além disso, houve os que, sendo de natureza reta e bondosa, irradiaram o seu fervor para aperfeiçoar a Humanidade, usaram o seu descontentamento para agir com Justiça, e cuja

natureza e destino foram, por si, fontes de virtude — sem depender de estudo ou investigação para seguir o Caminho. Estes foram Yao, Shun e o Rei Wen.

E houve os que se entregaram profundamente ao vinho e ao prazer, cuja conduta era desenfreada, que não podiam ser instruídos pelo Caminho nem tocados pelo exemplo da virtude, que nem um pai severo corrigia, nem um mestre digno transformava — como Dan Zhu e Shang Jun.

Houve também os belos de rosto delicado, dentes brancos e feições elegantes, que não precisavam de maquilhagem ou perfumes para agradar — como Xi Shi e Yang Wen. E houve os que eram feios e desajeitados, com bocas largas e dentes tortos, barrigas volumosas e costas arqueadas, que usavam pó branco e tinta negra mas não podiam tornar-se belos — como Mo Mu e Bi Sui.

Aqueles que não atingem a nobreza de Yao e Shun, nem caem na vileza de Shang Jun; que não chegam à beleza de Xi Shi, nem à fealdade de Mo Mu — são os que beneficiam com o ensino e a instrução, e que precisam de perfume e bálsamos para melhorar.

Além disso, um filho pode matar o pai, mas os pais do mundo não rejeitam os seus filhos. Porquê? Porque a maioria dos filhos ama os seus pais. Um confucionista pode ser perverso ou corrupto, mas não se abandona por isso o Caminho dos Reis Antigos. Porquê? Porque a maioria dos confucionistas o pratica.

Rejeitar o estudo porque alguns estudantes têm falhas é como deixar de comer porque alguém se engasgou com arroz, ou recusar andar por medo de tropeçar. Isto é um grande erro.
Um bom cavalo não precisa de esporas nem de chicote para avançar. Um cavalo fraco, mesmo que se redobrem os castigos, não sairá do lugar. Mas, por isso, deixar de usar chicote em todos os casos seria absurdo. Um cobarde pode empunhar uma espada afiada, mas se golpeia, não corta; se espeta, não penetra. Já um guerreiro corajoso, com um só golpe, rasga carne e fere o corpo. Se, com base nisso, decidires abandonar as espadas lendárias de Gan Jiang e Mo Ye e lutar com os punhos, estarás a ser insensato. O que quero dizer é: segue a maioria e respeita o costume. Quando não estás a louvar os cumes dos Nove Céus, estás a falar dos abismos das Fontes Amarelas. Isso é falar apenas dos extremos. Como podem os extremos servir de base para juízos universais?

As laranjas e os toranjas crescem no inverno, e ainda assim dizem que o inverno traz a morte, pois é quando a maioria das coisas morre. A erva-de-pastor e o trigo morrem no verão, e ainda assim dizem que o verão é tempo de crescimento, porque a maioria das coisas cresce no verão. Os meandros dos rios Yangzi e Amarelo ora correm para norte, ora para sul, e ainda assim dizem que correm para leste. Júpiter e Saturno deslocam-se para leste dia após dia, mês após mês, mas ainda assim dizem que as estrelas e planetas se movem para oeste. As pessoas baseiam-se na maioria.

Entre os povos Hu, há quem seja sábio e íntegro, mas ainda assim dizem que são ignorantes.

Entre os povos Yue há quem seja lento e pouco sagaz, mas são chamados de inteligentes. Isso acontece porque se seguem as opiniões da maioria ao fazer tais juízos.

Agora, Yao tinha sobrancelhas de oito cores, e os nove orifícios do seu corpo comunicavam entre si. Era imparcial, justo e livre de preferências pessoais. Com uma só declaração, unia as multidões.

Shun tinha duas pupilas em cada olho. A isto se chamava “Dupla Discernimento”. O que ele fazia tornava-se lei, o que ele dizia transformava-se em estatuto.

Yu tinha três aberturas nos ouvidos. Isso era chamado de “Grande Penetração”. Aumentava os benefícios e eliminava os danos, abrindo caminhos fluviais e dragando os rios.

O rei Wen tinha quatro mamilos. Isto era conhecido como “Grande Humanidade”. O mundo reunia-se em torno dele, e o povo comum sentia-se próximo da sua presença.

Gao Yao tinha a boca parecida com a de um cavalo. Chamavam-lhe “Confiança Absoluta”. Julgava com clareza e sabedoria, analisando cuidadosamente as emoções humanas.

Xie nasceu de um ovo; Qi nasceu de uma pedra. Shi Huang nasceu já sabendo escrever. Yi nasceu com o braço esquerdo mais comprido, tornando-se um arqueiro de excelência.

Nove homens ilustres como estes surgem apenas uma vez em cada mil anos, e mesmo assim pareceram suceder-se como se caminhassem lado a lado.

Hoje, estamos privados das bênçãos celestes desses cinco sábios, bem como do talento florescente desses quatro virtuosos. Desejar abandonar o estudo e “seguir a natureza” nestas circunstâncias é como largar um barco e esperar caminhar sobre a água.

Quando espadas preciosas como Chun’gou e Yuchang foram retiradas do molde pela primeira vez, se alguém tentasse cortar, não cortavam; se espetasse, não perfuravam. Mas, depois de polidas, afiadas e refinadas, conseguiam cortar através de um barco-dragão na água ou rasgar uma armadura de couro de rinoceronte em terra firme.

Um espelho, ao sair do molde, é opaco e não reflete imagem alguma. Mas ao ser coberto com pó de estanho escuro e friccionado com pano de feltro limpo, permite distinguir com nitidez os fios mais finos das sobrancelhas e das têmporas.

O estudo é a pedra de amolar e o estanho do ser humano. Dizer que o estudo não aperfeiçoa a pessoa é uma afirmação que se refuta a si própria.

19.5

A fraqueza de um sábio numa área pode torná-lo inferior a um tolo que seja forte nessa mesma área. As limitações de um homem virtuoso podem deixá-lo atrás de uma pessoa comum que sobressaia nesse domínio.

Como sei que isto é verdade?
Em Song, a arte de pintar; em Wu, a fundição de metais; os moldes entalhados e os padrões gravados — todos esses trabalhos são tão complexos e refinados que nem mesmo os sábios Yao e Shun os conseguiriam executar.

As jovens de Cai e os rapazes talentosos de Wey, ao tecerem cintos vermelhos, ao misturar cores maravilhosas, ao formar fundos pretos e ao exibir padrões carmesim, faziam algo que nem a sabedoria de Yu e Tang poderia alcançar.

Tudo o que o Céu cobre e a Terra sustenta está contido nas seis direções e abarcado dentro do universo. O que o yin e o yang produzem, a partir da essência do sangue e do *qi*, são criaturas que têm uma boca cheia de dentes ou uma cabeça com cornos; garras dianteiras ou cascos traseiros; asas para voar ou garras para agarrar; rastejam ou se arrastam.

Quando felizes, são harmoniosos. Quando zangados, tornam-se agressivos. Se veem um benefício, correm para ele. Se encontram perigo, afastam-se. Nessas reações instintivas, todos são iguais.

Nas suas preferências e aversões, não diferem dos humanos. No entanto, por mais afiadas que sejam as garras e os dentes, por mais fortes que sejam os ossos e os músculos, não conseguem evitar ser dominados pelas pessoas. Porquê?

Porque não conseguem comunicar a sua inteligência uns com os outros,
e as suas capacidades e forças não se podem coordenar.

Cada ser tem uma inclinação natural que não lhe foi ensinada nem transmitida do exterior. Por isso, as suas forças têm limites, e as suas realizações também.

O ganso selvagem voa seguindo o vento, para conservar a energia. Leva palha no bico para se proteger de flechas amarradas. As formigas sabem construir montículos; os texugos cavam túneis sinuosos; os tigres e leopardos constroem tocas de erva. Os javalis fazem ninhos de palha e cavam túneis que se interligam como palácios e aposentos — abrigam-se da chuva e protegem-se do sol escaldante.

Até os pássaros e as feras sabem procurar o que lhes traz proveito.
Agora imagina alguém nascido num estado isolado e remoto, que cresceu num quarto com telhado a pingar, sem irmãos mais velhos ou mais novos, órfão desde criança. Se os seus olhos nunca viram ritos adequados, se os seus ouvidos nunca ouviram falar de tempos antigos, se viveu sempre fechado em casa sem sair além da porta — mesmo que não fosse estúpido por natureza, o seu conhecimento seria, inevitavelmente, limitado.

Em tempos antigos:
Cang Jie inventou a escrita.
Rong Cheng criou o calendário.
Hu Cao fez vestuário.

O Senhor Mijo introduziu a agricultura.
Yi Di inventou o vinho.
Xi Zhong criou os carros de transporte.

Estes seis homens possuíam todos o Caminho da iluminação espiritual e deixaram pegadas de sabedoria. Cada um deles inventou algo e legou-o à posteridade. Não se trata de um único homem ter sido capaz de fazer tudo: cada um aplicou plenamente o seu conhecimento, valorizando o que pretendia alcançar, e assim todos contribuíram com algo para o mundo.

Se esses seis homens tivessem trocado de tarefas entre si, o seu brilho não teria sido evidente. Porquê? Porque as coisas do mundo são incontáveis e o conhecimento não é suficiente para as abarcar todas. Desde a era Zhou, não surgiram outros sábios como estes seis, e mesmo assim as pessoas continuaram a exercer os seus ofícios. Nos tempos atuais, não há ninguém da mesma estatura, e mesmo assim as pessoas chegaram a conhecer o Caminho dos Seis Sábios.

A educação e o treino prolongaram a sua obra, permitindo que o seu conhecimento se propagasse e dialogasse com as gerações futuras. A partir disto, torna-se claro que o estudo não pode cessar.

No caso de uma pessoa cega, os olhos não distinguem o dia da noite, nem o branco do preto; ainda assim, ao pegar no qin e dedilhar as cordas — triplamente dedilhando, pressionando em pares, tocando e soltando —, as suas mãos movem-se como um borrão e nunca falham uma corda. Se pedíssemos a alguém que nunca tocou qin que fizesse o mesmo, ainda que tivesse a visão límpida de Li Zhu ou os dedos ágeis de Jue Duo, seria como se não conseguisse sequer mexer um dedo. Porquê? Porque tais capacidades só surgem com prática contínua, até se tornarem hábito.

Do mesmo modo, o arco precisa da estrutura antes de ser encordoado, e a espada precisa da pedra de afiar antes de ser afiada. O jade, embora mais duro que qualquer outro material, pode ser esculpido em formas de animais, com cabeças e caudas que tomam as suas formas verdadeiras — graças à pedra abrasiva. A madeira pode ser tão reta como um fio de prumo, mas ao ser moldada numa roda, curva-se conforme o compasso — graças ao molde. Se até o jade pode ser trabalhado e transformado em objetos úteis, quanto mais o pode ser o coração e a mente humanos.

Além disso, o Espírito Quintessencial é penetrante e subtil, delicado e refinado. De forma súbita e veloz, altera-se e adapta-se às coisas; move-se e transforma-se como nuvens que se erguem e ventos que se dispersam. Estabelece-se e atua onde é mais útil.

Entre os Homens Superiores, há os que conseguem despertar a essência e examinar o ínfimo, polir e aprimorar os seus talentos, exercer espontaneamente a sua iluminação espiritual, observar a imensidão das coisas, ultrapassar os seus entraves, perceber os sinais do princípio e do fim, compreender o que não tem exterior, vaguear livremente no ilimitado, e transcender o pó do mundo. Brilhantemente, mantêm-se sós; elevadamente, afastam-se do mundo.

Assim vagueia a mente do sábio. Contudo, os homens das gerações seguintes não tiveram o tempo ou o sossego para aquietar os pensamentos, tocar qin, ler livros, reflectir sobre a antiguidade, conviver com homens justos e grandes, estudar e debater, alcançar diariamente o domínio de si, analisar os assuntos do seu tempo, distinguir o branco do preto, avaliar êxitos e fracassos, prever desastres e bênçãos, estabelecer normas e regras, investigar profundamente as raízes e ramificações do Caminho, estudar a essência das coisas, afirmar o que é verdadeiro e eliminar o que não é, iluminar e instruir as gerações futuras, deixar um legado após a morte, e viver com uma reputação honrosa.

Isto é o que o talento humano pode alcançar. Se ninguém o consegue fazer, é porque as pessoas são preguiçosas, indolentes e desperdiçam os seus dias.

Nas regiões onde o solo é árido, há muitas pessoas de espírito aguçado — porque as suas vidas são árduas. Nas regiões férteis, por outro lado, há muitos desprovidos de talento — porque as

suas vidas são fáceis. Visto assim, um sábio que não se esforça não se compara a um ignorante que ama aprender. Dos governantes e ministros ao povo comum, nunca houve um caso de sucesso sem esforço extremo. Como dizem os Cânticos:

"Os dias passam e os meses avançam;
pelo estudo da claridade e do brilho,
alcanço luz e resplendor."

Isto é o que se pretende aqui dizer.

A reputação constrói-se com esforço; o mérito conquista-se com fortaleza. Assim, o Homem Superior firma a sua vontade e compromete-se com a retidão, busca com afinco mestres brilhantes, cultiva a moderação e valoriza a elevação, afastando-se das convenções do seu tempo.

Como poderei ilustrar isto?
Antigamente, Nanrong Chou sentia vergonha por ser o único a não possuir o Caminho dos sábios. Por isso, suportando geadas e orvalho, calçou as sandálias e apressou os passos, subiu montanhas e atravessou rios, protegeu os olhos dos espinhos e silvas, percorreu cem etapas, os pés cobertos de bolhas, sem ousar parar para descansar.

Chegou ao sul e encontrou-se com Lao Dan. Ao receber o seu ensinamento, mesmo que fosse uma só palavra, o seu Espírito Quintessencial iluminou-se subitamente; o seu coração, antes sombrio e obtuso, tornou-se claro e ordenado.

Ficou tão encantado que, durante sete dias, não comeu — como se tivesse participado de um grande banquete.

Assim, o seu brilho iluminou tudo dentro dos Quatro Mares, e a sua fama foi passada às gerações futuras. Compreendia o Céu e a Terra de forma imediata e analisava até algo tão delicado como um fio de outono.

O reconhecimento e o louvor pelos seus méritos não cessaram até hoje. É isto que se entende por “a reputação pode ser construída através do esforço”.

Quando Wu e Chu se enfrentaram em guerra, o sub-secretário de Chu, Cheng Daxin, segurou a mão do seu cocheiro e disse: “Hoje enfrentamos um inimigo poderoso. Repeliremos as lâminas brilhantes e proteger-nos-emos de flechas e pedras. Se eu morrer em batalha, ainda assim conquistarei a vitória ao preservar o povo inteiro, para que os nossos altares de terra e grão possam permanecer intatos.” Em seguida, avançou sem recuar, sendo apunhalado no abdómen e decapitado em combate. Nunca virou costas — morreu ali mesmo.

Shen Baoxu afirmou: “Se eu me entregar por completo, combater este inimigo terrível e cair como um cadáver ensanguentado, mostrarei apenas a capacidade de um soldado comum. Isso não será tão digno como humilhar-me, falar com modéstia e procurar auxílio junto dos Senhores da Terra.” Assim sendo, carregou cereais às costas e partiu descalço.

Atravessou riachos e vales, subiu aos cumes mais altos, desceu às ravinas mais profundas, cruzou rios e correntes, desafiou rápidos e passos de montanha, passou por armadilhas ocultas, tropeçou em areia e pedras, até que a zona entre os pés e os joelhos ficou inchada e coberta de bolhas. Viajou sete dias e sete noites até chegar à corte de Qin.

Ali, ficou em pé, como uma garça, recusando alimento. De dia, gemia; de noite, lamentava-se. O rosto parecia cinza morta, o tom de pele escurecido, as lágrimas escorriam-lhe pela face, formando uma poça. Quando se encontrou com o rei de Qin, declarou: “Wu é como um Porco de Monte ou uma Serpente Longa — quer devorar os Estados do Norte. O desastre começou em Chu. O nosso soberano perdeu os seus altares de terra e grão. Fugiu para viver entre os juncos.

A população dispersou-se; maridos e esposas, homens e mulheres, nem sequer têm tempo de avisar os outros do seu paradeiro. Fui enviado para comunicar esta emergência.” O rei de Qin então mobilizou mil carros de combate e setenta mil soldados de infantaria, nomeando Zihu como comandante. Cruzaram o desfiladeiro a leste, atacaram Wu no rio Zhuo, derrotaram-no com facilidade e assim preservaram Chu. O feito de Shen Baoxu foi registado na corte, nas leis e proclamações oficiais. Eis um exemplo de mérito alcançado através da fortaleza.

Para aqueles cujo corpo mede sete pés, mas cujo coração suportou ansiedade, tristeza, trabalho e provações, e cuja pele sentiu dor, doença, calor e frio — as reações instintivas do ser humano são as mesmas. Os sábios sabem como é difícil alcançar o momento oportuno e que o esforço deve ser rápido.

Por isso, mortificam os seus corpos e extenuam as suas formas; cansam o coração e afligem o fígado; nunca evitam o esforço ou a dificuldade; jamais fogem ao perigo ou à adversidade.

De fato, ouvi que, quando Zifa combateu, avançou como uma flecha voadora, enfrentou o inimigo como trovão e relâmpago, e dispersou-os como chuva e vento.

Era redondo como o compasso e reto como o esquadro do carpinteiro. Derrotava os inimigos, rompendo as suas formações — ninguém lhe resistia. Nos pântanos, era sempre vitorioso; ao atacar uma cidade, esta caía inevitavelmente.

Não que desprezasse a vida ou se regozijasse com a morte — pelo contrário, colocava a responsabilidade à frente e deixava o proveito para trás. Assim, a sua reputação foi firmada e nunca se desfez. Este é outro exemplo de mérito conquistado pela própria fortaleza.

Por esta razão:

Se os lavradores não forem fortes, os celeiros e armazéns não ficarão cheios.

Se os funcionários e assistentes não forem disciplinados, os seus corações e mentes não alcançarão a essência.

Se generais e oficiais não forem vigorosos, os seus méritos e bravura não triunfarão.

Se príncipes e reis forem preguiçosos, nas gerações seguintes não terão reputação.

Nos Cânticos diz-se:

"Os meus cavalos são malhados;
as rédeas, suaves como seda;
cavalgo, avanço,
sempre em busca de sábio conselho."

Isto significa que todos têm algo a que podem aplicar o seu esforço.

19.7

Aqueles que compreendem verdadeiramente as coisas não se deixam perturbar pelo que é incomum.

Aqueles versados no Caminho não se deixam abalar pelo estranho.

Os que examinam as palavras não se deixam deslumbrar pelos nomes.

Os que investigam as formas não se deixam enganar pelas aparências.

As pessoas que seguem os costumes da sua época tendem a reverenciar os antigos e desprezar o presente. Por isso, quem formula ensinamentos sobre o Caminho sente necessidade de os atribuir ao Agricultor Divino ou ao Imperador Amarelo — só assim se atrevem a continuar. Governantes confusos em épocas caóticas veneram o que é distante e o que provém daí, e por isso valorizam tais coisas. Aqueles que estudam deixam-se cegar pelas suas teorias e respeitam apenas o que ouviram dizer. Quando se encontram:

Sentados com ar solene — louvam os antigos;
Pescoços rígidos — recitam os textos.

Isto mostra que a distinção entre o verdadeiro e o falso não está clara.

Ora, sem esquadro nem compasso, até Xi Zhong não conseguiria determinar o que é quadrado e o que é redondo.

Sem um nível e uma linha de marcação, nem mesmo Lu Ban conseguiria endireitar o que está torto.

Assim, quando Zhongzi Qi morreu, Bo Ya quebrou as cordas e destruiu o seu qin, pois sabia que no seu tempo já ninguém seria capaz de apreciar a sua música.

Quando Hui Shi faleceu, Zhuangzi deixou de falar, percebendo que já não havia com quem pudesse verdadeiramente conversar.

Xiang Tuo, com apenas sete anos, tornou-se mestre de Confúcio. De tempos a tempos, Confúcio escutava-lhe as palavras. No entanto, se um menino tão novo tentasse persuadir um ancião da aldeia, provavelmente não teria tempo de se desviar de um golpe na cabeça. Como poderia ele iluminar o Caminho nestas circunstâncias?

Antigamente, Xiezi foi recebido em audiência pelo Rei Hui de Qin, que ficou agradado com ele. Mais tarde, perguntou sobre ele a Tang Guliang, que respondeu: “Xiezi é um argumentador de Shandong que recorre a persuasões engenhosas para conquistar a confiança de jovens príncipes.” O rei Hui então escondeu a sua ira e aguardou Xiezi. No dia seguinte, quando este teve uma segunda audiência, o rei rejeitou-o e não lhe deu ouvidos. Não foi a persuasão de Xiezi que mudou, mas a forma como o rei a escutou.

Se confundires a nota *zhi* com a nota *yu*, não é culpa da corda. Se confundes um sabor doce com um amargo, o erro não está no sabor.

Um homem de Chu tinha carne de macaco cozida e ofereceu-a aos vizinhos. Estes, pensando que era carne de cão, acharam-na deliciosa. Mais tarde, ao saberem que era carne de macaco, ajoelharam-se e vomitaram tudo o que tinham comido. Isto demonstra que nem sequer haviam começado a compreender o sabor.

Um mestre de música de Handan compôs uma nova melodia e afirmou que tinha sido escrita por Li Qi. Todos correram a aprendê-la. Mais tarde, ao descobrirem que não era de Li Qi, todos a abandonaram. Isto é não compreender sequer o princípio da música.

Um camponês encontrou um pedaço de jade em bruto. Satisfeito com o seu brilho, julgou tratar-se de algo precioso e escondeu-o. Quando o mostrou a outras pessoas, disseram-lhe que era apenas uma pedra, e ele deitou-o fora. Isto é não compreender sequer o que é jade.

Assim, quando a tua visão se alinha com o essencial, passas a valorizar o que é verdadeiro, dando igual atenção ao presente e ao passado. Se não tens os meios para ouvir persuasões com clareza, então valorizarás aquilo que vem do passado apenas por ser distante. É por isso que Bian He chorou até sangrar aos pés do monte Jing.

Hoje,

uma espada pode estar partida e torta, riscada e baça, lascada e torcida, mas se se disser que pertenceu ao rei Qingxiang de Chu, ela será estimada, e as pessoas disputarão a honra de a usar à cintura.

Um qin pode ter som estridente, estar empenado, com ressonância fraca e ecos excessivos, mas se se afirmar que foi o qin do rei Zhuang de Chu, será valorizado, e os favorecidos lutarão para o tocar.

Ainda que as lanças curtas do monte Miao e as pontas de ferro fundido do monte Sheepshead sejam capazes de cortar um barco dragão ou atravessar couraça de pele de rinoceronte, ninguém as leva à cintura.

Mesmo que um qin feito de madeira de *tong* de montanha, com tampo de madeira *catalpa* de vale, soe de forma pura, duradoura e clara como a música de Mestre Tang ou Bo Ya, ninguém o toca.

Mas aqueles que têm discernimento penetrante não são assim.

O espadachim procura uma lâmina afiada — não deseja necessariamente a perfeição de Moyang ou Moye.

O cavaleiro deseja um corcel de mil *li* — não espera o ideal de Hualiu ou Lii'er.

O tocador de qin deseja um som puro, duradouro e claro — não aspira à perfeição de Lanxie ou Haozhong.

Quem estuda os *Cânticos* e os *Registos* espera alcançar uma compreensão abrangente do Caminho e um conhecimento geral das coisas — não persegue apenas a perfeição de um "Grande Plano" ou de um "Guia de Shang".

Os sábios distinguem o verdadeiro do falso, assim como os olhos distinguem o branco do preto, e os ouvidos distinguem o agudo do grave.

Mas a maioria das pessoas não é assim. Dentro de si, falta-lhes um "mestre" que oriente essas distinções. É como um homem que nasce depois de o pai já ter morrido. Quando mais tarde sobe ao túmulo, chora e lamenta como manda a cerimónia, mas os sentimentos não lhe tocam verdadeiramente o coração.

Assim, quando um rapaz e o seu gémeo são idênticos, só a mãe os distingue.

Quando jade e pedra comum se assemelham, só um bom artesão os reconhece.

Quando textos e crónicas relatam fatos estranhos, só os sábios os compreendem.

Hoje, se recebêssemos um novo texto de um sábio mas o atribuíssemos a Confúcio ou a Mozi, os discípulos que apontam frase a frase e aceitam o texto como autêntico seriam certamente numerosos.

Portanto,

uma beleza não precisa de ser como Xi Shi;

um verdadeiro conhecedor não precisa de ser como Confúcio ou Mozi.

Se a sua mente tiver capacidade penetrante e perspicaz, ele escreverá livros para esclarecer os assuntos, e estes serão acolhidos pelos estudiosos. Um sábio que atinge uma compreensão lúcida e clara, que segura um espelho profundo no espírito, iluminando as coisas com clareza, sem se deixar influenciar por serem antigas ou modernas, proporá os seus escritos com firmeza e mostrará com nitidez as suas ideias. Assim, mesmo que o caixão se feche, não terá arrependimentos.

Antigamente, o duque Ping de Jin ordenou aos seus oficiais que fabricassem um conjunto de sinos. Quando os sinos ficaram prontos e foram apresentados ao Mestre de Música Kuang, este declarou: "Os sinos não estão afinados."

O duque Ping respondeu: "Mostrei-os a pessoas hábeis — todas acham que estão afinados. E tu dizes que não estão. Porquê?"

Kuang respondeu: “Se forem para gente futura sem conhecimento das notas, então servirão; mas para quem compreende as notas, saber-se-á com certeza que estão desafinados.”

Assim, o desejo do Mestre Kuang por sinos afinados destinava-se àqueles que, no futuro, soubessem reconhecer as notas musicais.

Os povos das Três Dinastias agiam tal como nós hoje, e os Cinco Líders tinham um grau de inteligência igual ao nosso. Contudo, só eles possuíam a realidade do saber dos sábios, enquanto nós nem sequer alcançamos a reputação de uma aldeia rural ou o saber comum de um beco pobre.

Porquê? Porque eles endireitaram a si próprios e firmaram a sua integridade, enquanto nós somos rudes vadios e preguiçosos indolentes.

Agora, Mao Qiang e Xi Shi foram reconhecidas por todos como beldades. Mas se fossem forçadas a transportar ratos podres na boca, envoltas em peles de ouriço-cacheiro, vestindo peles de leopardo com cintos feitos de serpentes mortas — até mesmo os camponeses de túnica grosseira e cinto de couro, ao passarem, desviariam o olhar e tapariam o nariz.

No entanto, se as deixássemos usar perfumes e bálsamos, ajustar as sobrancelhas arqueadas como asas de traça, prender os cabelos com presilhas, colocar brincos, vestir seda fina e arrastar mangas de gaze de Qi, com o rosto coberto de pó branco e rímel negro, braceletes de jade à cintura, passos leves e flutuantes, ramos de angélica perfumada ao peito, olhares sedutores, sorrisos encantadores, expressões envolventes, palavras suaves e delicadas, dentes brancos à mostra e covinhas a cintilar — então, mesmo entre os mais respeitáveis estadistas da corte real, cujos modos se regem por vontade firme e ar altivo, não haveria um só que não as cortejasse, as desejasse e ansiasse por deitar-se com elas.

Hoje, uma pessoa de talento mediano, obscurecida por uma sabedoria ignorante e ilusória, envolta em conduta vergonhosa e desonrosa, sem treino na sua profissão nem domínio das técnicas que são da sua responsabilidade — como poderia ela não causar repulsa, fazendo os outros desviar o olhar e tapar o nariz?

Agora, as bailarinas rodopiam como argolas de jade, curvando-se até ao chão e girando com leveza e rapidez. Ao moverem-se, torcem e contorcem-se, graciosas e ágeis, imitando os espíritos. Os seus corpos são tão leves quanto penugem de outono levada pelo vento, os cabelos ondulam como estandartes ao vento, os passos são velozes como os de um cavalo de corrida.

Os acrobatas, ao erguerem varas de madeira *tong* ou catalpa, e ao segurarem ramos curvos, movem-se livremente como macacos. Rindo, puxam folhas para si; agacham-se e estendem-se como dragões, pousam nas árvores como andorinhas. Seguram grossos ramos com naturalidade, erguem-se sem esforço. Ao dançarem, elevam-se como dragões ou pássaros em voo. Agarram e soltam — e movem-se com espantosa velocidade.

Entre os espectadores, não há quem não sinta o coração vacilar e os joelhos fraquejarem. E ainda assim os artistas mantêm o sorriso e prosseguem, trocando de trajes para a dança das penas.

Mas as bailarinas não nasceram com corpos tão flexíveis e ágeis; os acrobatas não nasceram com tamanha destreza e força. Foi o treino gradual e prolongado que os tornou assim.

Do mesmo modo que, quando uma árvore cresce, ninguém repara no seu progresso — até que, de súbito, se reconhece que se ergueu alta. E quando um objecto duro é afiado continuamente numa pedra de amolar, ninguém percebe que diminui — até que, de repente, se torna mais fino.

As ervas daninhas crescem aos saltos, aumentando vários centímetros por dia, mas não servem de vigas para um edifício. Já madeiras duras, como o *lindera*, o *southernwood* ou o cânfora, só após sete anos revelam crescimento útil — e podem então ser usadas para caixões ou embarcações.

Assim, as tarefas fáceis garantem pequena fama a quem as realiza; já as difíceis, concedem grande mérito.

O Homem Superior cultiva as suas boas qualidades. Ainda que não obtenha proveito imediato, a boa fortuna virá depois. Como dizem os *Cânticos*:

“Os dias passam e os meses avançam;
pelo estudo da claridade e do brilho,
alcanço luz e resplendor.”

É a isto que se refere o poema.

VINTE
A LINHAGEM EXALTADA

20.1

O Céu instituiu o sol e a lua, ordenou as estrelas e os planetas, harmonizou o yin e o yang e revelou as quatro estações.

O dia serve para banhar as coisas com luz solar;
a noite oferece repouso;
o vento serve para secá-las;
a chuva e o orvalho, para as humedecer.

Ao conceder vida às coisas, ninguém vê o meio pelo qual as nutre — e, mesmo assim, elas amadurecem.

Ao retirar-lhes a vida, ninguém vê o meio pelo qual as conduz à morte — e, mesmo assim, elas deixam de existir.

A isto se chama “iluminação espiritual”. Os sábios tomam-no como modelo.

Assim, ao darem origem à boa fortuna, ninguém vê de onde ela surge — e ainda assim ela aparece.

Ao eliminarem a calamidade, ninguém vê como o fazem — e ainda assim ela desaparece.

Afastamo-nos, e ela aproxima-se.
Aproximamo-nos, e ela afasta-se.
Procuramo-la, e não se deixa encontrar.
Examinamo-la, e não é imaterial.
Contamo-la por dias — e é incalculável.
Contamo-la por anos — e há abundância.

20.2

Quando chega a humidade, ninguém vê a sua forma, mas o carvão já se tornou mais pesado.

Quando sopra o vento, ninguém vê a sua imagem, mas as árvores já começaram a agitar-se.

O sol move-se, mas não vemos o seu movimento. [O grande cavalo] Qiji galopa com as costas voltadas para o sol, e a erva e as árvores são esmagadas sob os seus cascos. Antes que haja tempo de acender luzes de alerta para anunciar a sua chegada, o sol já está adiante dele.

Quando o Céu está prestes a libertar um vento forte, antes mesmo de a erva e as árvores se moverem, as aves já começaram a voar alto.

Quando está prestes a chover, antes de as nuvens escuras se juntarem, os peixes já começam a arfar à superfície da água.

Pois o *qi* do yin e do yang move-se mutuamente. Assim, frio e calor, secura e humidade seguem-se em função da sua natureza.

Os sons e os ecos respondem-se mutuamente segundo o seu tom.

Assim se diz no *Livro das Mutações* (*Yi Jing*):
"Quando o grou canta no topo da árvore, os seus filhotes respondem-lhe."

20.3

Quando os Altos Antepassados entravam em luto, passavam três anos sem falar, e em todo o território dentro dos Quatro Mares reinava o silêncio absoluto. No entanto, mal proferiam uma só palavra, comoveram profundamente o mundo. Isto porque guiavam-se pelo Coração Celestial ao abrir e fechar a boca.

Assim, ao estimular-se a raiz, os cem ramos respondem. É como a chuva da primavera que rega as dez mil coisas: flui com ímpeto, espalha-se em abundância — não há lugar que não seja humedecido, nem planta que não floresça.

Deste modo, quando o sábio acolhe o seu Coração Celestial, a sua voz pode comover e transformar o mundo. Quando a sua Sinceridade Quintessencial se manifesta por dentro, um *qi* encarnado responde no Céu:

Estrelas de sorte aparecem,
dragões amarelos descem,
ventos auspiciosos sopram,
brotam fontes doces,
os cereais crescem viçosos,
os rios não enchem nem transbordam,
os mares não se agitam nem tumultuam.

Como dizem os *Cânticos*:

“As cem entidades espirituais nutrem e cedem,
mesmo aos rios e cimos das montanhas.
Quando se contraria o Céu e se oprime o que vive,
o sol e a lua sofrem eclipses parciais;
os cinco planetas perdem o seu curso;
as quatro estações atropelam-se mutuamente.
Durante o dia há escuridão; à noite, claridade;
as montanhas desmoronam-se e os rios transbordam;
no inverno há trovões, e no verão geadas.”

E também:

“No primeiro mês, há geadas em abundância;
o meu coração está ansioso e triste.”

O Céu e a humanidade comunicam entre si. Por isso,

quando um Estado está em perigo e perece,
o padrão do Céu altera-se.

Quando uma era está iludida e caótica,
surgem arco-íris.

As dez mil coisas estão interligadas; a Quintessência e a energia nociva combatem-se mutuamente. Assim, os assuntos da iluminação espiritual

não podem ser criados por astúcia ou artimanha,
nem alcançados por destreza ou força física.

Aquilo que o Céu e a Terra acolhem,
que o yin e o yang nutrem,

que a chuva e o orvalho humedecem —
são as dez mil coisas que nascem e vivem.

Penas de martim-pescador e carapaças de tartaruga-marinha,
pérolas e jade —
são coloridas e brilhantes,
resplandecentes e lustrosas.

Se forem polidas, não se riscam;
mesmo após muito tempo, não se alteram.

Xi Zhong não poderia tê-las criado;
Lu Ban não poderia fabricá-las.
A isto se chama “a grande arte”.

20.4

Um homem de Song esculpiu uma folha de amoreira em marfim para o seu governante. Levou três anos a terminá-la.

Tinha talo e veios, pêlos finos e reentrâncias,
pontas delicadas e cor lustrosa.

Quando era colocada entre folhas reais de amoreira, era impossível distingui-la. Ao ouvir isto, Liezi comentou: “Se o Céu e a Terra levassem três anos a criar uma folha, entre as dez mil coisas, muito poucas teriam folhas!

Hoje, quando o Céu e a Terra operam as suas transformações:

sopram — e nascem folhas;
respiram — e as folhas caem.

Porque razão [esse homem de Song] gasta tanto esforço?”

Assim,

tudo o que pode ser medido é pequeno;
qualquer quantidade que se possa contar é diminuta.

Nenhuma medida pode abarcar o imensamente grande;
nenhuma contagem pode somar o extremamente numeroso.

Por isso:

O território das nove províncias não pode ser medido em *qing* e *mu*;
os oito pontos cardeais não podem ser traçados em distritos ou *li*.

O Monte Tai não pode ser calculado em *braças* ou *pés*;
os rios e os mares não podem ser medidos em *alqueires* ou *litros*.

Deste modo, o Grande Homem

alinha a sua Potência com o Céu e a Terra,
alinha a sua claridade com o sol e a lua,
alinha a sua eficácia espiritual com os espíritos e os fantasmas,
e alinha a sua fiabilidade com as quatro estações.

Assim, os sábios

acolhem o *qi* do Céu e encerram em si o Coração do Céu,
apegam-se à centralidade e incarnam a harmonia.

Sem descer do templo ancestral, viajam até aos Quatro Mares. Por toda a parte, alteram os hábitos e mudam os costumes, de tal forma que as pessoas se transformam e se tornam boas como se fosse da sua própria natureza. Isto acontece porque [os sábios] têm o poder de transformar como se fossem espíritos.

Nos *Cânticos* diz-se:

“Os espíritos ouvem,
se no fim houver harmonia e paz.”

20.5

Quanto aos fantasmas e espíritos:

procuramo-los, mas não têm forma;
escutamo-los, mas não têm voz.
Mesmo assim, realizamos o Sacrifício Suburbano ao Céu e os rituais devidos às montanhas e rios.

Com orações e oferendas buscamos prosperidade;
com invocações e encantamentos buscamos a chuva;
com cascos de tartaruga e hastes de milefólio decidimos os assuntos.

Dizem os *Cânticos*:

“Quando os espíritos podem descer
não pode ser calculado.
Como podes tratá-los com desdém?”

20.6

O Céu estende-se até ao mais alto;
a Terra estende-se até ao mais espesso.

A lua ilumina as noites;
o sol ilumina os dias.

As estrelas dispostas brilham nítidas e claras;
yin e yang transformam-se mutuamente.

Não há intenção deliberada nisto — se os seus Caminhos forem corrigidos, as coisas acontecerão por si mesmas. Assim,

yin e yang percorrem as quatro estações, mas não o fazem com o propósito de gerar as dez mil coisas.

A chuva e o orvalho caem no tempo certo, mas não com o propósito de nutrir ervas e árvores.

O espírito e a iluminação unem-se,
yin e yang harmonizam-se,
e as dez mil coisas nascem.

Deste modo,

montanhas altas e florestas densas
não existem para beneficiar tigres e leopardos.

Árvores maciças e ramos frondosos
não existem para o proveito de aves voadoras.

Fontes fluem por mil *li*
e lagoas descem a cem *ren*,
mas não para os dragões aquáticos.

As coisas atingem a sua altura e grandeza,
alcançam largura e massa;
montanhas servem para habitar, árvores para pousar,
ninhos para abrigo, cavernas para refúgio,
água para embeber, terra para viajar —
cada coisa alcança o seu equilíbrio.

Agora,

o que é grande gera o que é pequeno;
o que é numeroso gera o que é escasso.
Este é o Caminho do Céu. Assim,

um pequeno monte de terra não pode produzir nuvens e chuva;
um riacho estreito não pode gerar peixes e tartarugas — é demasiado pequeno.

O vapor quente dos bovinos e cavalos
gera vermes e piolhos,
mas o vapor dos vermes e piolhos
não gera bovinos e cavalos.

Portanto,

a transformação é gerada a partir do exterior,
não a partir do interior.

Hoje, os dragões aquáticos permanecem em poças profundas, mas os seus ovos eclodem em montes de terra. O dragão macho canta com voz aguda, e a fêmea com voz grave; através da transformação, atingem a forma. Isto é a **Essência Suprema**. Assim, quando o sábio cultiva o seu coração, nada é superior à sinceridade. Com **Sinceridade Suprema**, ele consegue mover e transformar os outros.

Aqueles que possuem o Caminho
acumulam a essência no interior
e albergam o espírito no coração.

São serenos e indiferentes, tranquilos e imperturbáveis,
com júbilo e profundidade no peito.
Dessa forma, o *qi* da depravação não tem onde se instalar nem como obstruir.

As articulações dos quatro membros estão bem coordenadas;
o vapor que emana dos pelos dissipa-se de forma ordenada.

Assim, os eixos principais do corpo estão em harmonia e operam com vantagem, de modo que nenhum dos cem canais nem das nove aberturas deixa de fluir livremente. Onde o espírito habita, ali encontrará o seu lugar adequado. Como se poderia dizer que isto é apenas uma questão de aliviar articulações ou pentear os cabelos?

20.8

Quando um governante sábio está no poder, ele é
sem limites e sem forma,
silencioso e sem voz.

Os funcionários parecem não ter tarefas;
a corte parece não ter pessoas.

Não há
eruditos em reclusão,
nem exilados,
nem condenados a trabalhos forçados,
nem mutilados injustamente.

Dentro dos Quatro Mares, não há quem não

admire a Potência Moral do governante
ou imite os seus mandamentos.

Os estados “bárbaros” dos *Yi* e dos *Di* chegam com os seus intérpretes, mas o governante sábio recusa envolver-se em disputas com os seus clãs ou persuasões com as suas

famílias. Limita-se a estender a sinceridade do seu coração e a aplicá-la ao mundo — e isso basta.

Dizem os *Cânticos*:

“Haja bondade nos Estados Centrais,
e haverá tranquilidade nas quatro direções.”

Quando o interior está em harmonia, o exterior estará em paz.

20.9

Quando o Grande Rei Danfu habitava em Bin, as tribos Dee atacaram-no. Ele partiu apenas com o seu bastão e o seu chicote. O povo comum seguiu-o: carregavam os filhos ao colo, apoiavam os idosos, levavam às costas os machados e os potes de barro. Atravessaram os montes Liang e fundaram um Estado em Qizhou. Isto não é algo que pudesse ter sido conseguido por uma ordem formal.

O Duque Mu de Qin sofreu a afronta de ver camponeses locais comerem a carne dos seus cavalos de raça. Em vez de puni-los, ofereceu-lhes vinho fino. Mais tarde, na batalha de Hanyuan, esses camponeses lutaram até à morte para retribuir a benevolência do duque Mu. Isto não é algo que pudesse ter sido exigido por um contrato escrito.

Mizi governava a terra de Danfu. Wuma Qi foi ver de que forma ele havia transformado o povo. Observou que, quando as pessoas pescavam à noite, se apanhavam um peixe pequeno, soltavam-no. Isto não é algo que pudesse ser imposto por leis severas.

Quando Confúcio foi ministro da justiça no Estado de Lu, ninguém deitava lixo nas estradas e os preços nos mercados não subiam. Na lavoura e na pesca, os mais jovens cediam aos idosos, e os de cabelos grisalhos não carregavam fardos. Estes comportamentos não são fruto da legislação.

Ora, a razão pela qual uma flecha pode ser lançada a grande distância e penetrar uma substância dura é porque o arco é forte. Mas a razão pela qual acerta no centro minúsculo do alvo deve-se ao coração humano.

Recompensar a virtude e punir o mal é tarefa dos decretos do governo, mas a sua execução depende da **Sinceridade Quintessencial**.

Assim, por mais forte que seja um arco, não pode acertar sozinho.
Por mais iluminado que seja um decreto, não se cumpre por si só.

Ambos precisam de estar fundamentados na Sinceridade Quintessencial para serem eficazes. Assim, se o governante aplicar o Caminho ao povo e este não o seguir, é porque não exerceu um coração sincero.

20.10

O Céu, a Terra e as quatro estações não produzem as dez mil coisas com propósito consciente.

O espírito e a iluminação unem-se,
yin e yang harmonizam-se,
e as dez mil coisas nascem.

Quando um sábio governa o mundo, ele não muda a natureza das pessoas, mas suaviza e cultiva aquilo que já nelas existe, purificando e elevando. Assim, seguir a natureza das coisas pode ser considerado grandioso; fabricá-las ou forçá-las, menor.

Yu escavou a Porta do Dragão, rompeu Yique, demarcou o rio Yangzi e canalizou o rio Amarelo, levando-os a correr para o mar — tudo seguindo o fluxo natural das águas.

O Senhor Mijo recuperou terras cobertas de ervas e iniciou o cultivo, fertilizou o solo e semeou grãos, permitindo que os cinco cereais crescessem como deviam — seguindo a aptidão do solo.

Tang e Wu, com trezentos carros blindados e três mil soldados armados, subjugaram os violentos e rebeldes e dominaram os Xia e Shang — seguindo o desejo do povo.

Assim, se fores capaz de seguir a natureza das coisas, serás inigualável no mundo.

Ora, se as coisas possuem primeiro uma natureza própria, então os assuntos humanos podem ser governados. Por isso:

Um bom carpinteiro não pode talhar metal.
Um ferreiro hábil não pode fundir madeira.
A natureza do metal é não ser talhável;
a natureza da madeira é não ser fundível.

Podes:

moldar o barro e fazer um vaso,
escavar madeira e fazer um barco,
forjar ferro e fazer uma lâmina,
fundir metal e fazer um sino —
porque segues o potencial de cada matéria.

Podes:

conduzir um cavalo e guiar um boi,
usar um galo para anunciar o fim da noite,
e mandar um cão guardar o portão —
porque segues a sua natureza.

O ser humano tem uma natureza que aprecia o sexo — por isso existe o casamento.
Tem uma natureza que exige alimento e bebida — por isso há banquetes.

Tem uma natureza que se alegra com a música — por isso há sinos, tambores, flautas e cordas.
Tem uma natureza que sente tristeza — por isso existem lutos, gritos e gestos nos funerais.

Assim, as instituições e leis dos antigos reis seguiram aquilo de que o povo gostava, mas também estabeleceram limites e refinamentos civilizadores:

Seguindo o gosto pelo sexo, instituíram os ritos do casamento, para separar adequadamente homens e mulheres.

Seguindo a alegria na música, corrigiram os sons do “Ya” e do “Song”, para que os hábitos não se tornassem desenfreados.

Seguindo a preferência por viver em família e encontrar alegria em esposas e filhos, ensinaram a piedade filial, para que pais e filhos fossem afetuosos.

Seguindo a inclinação para a amizade, ensinaram o amor fraterno, para que os mais velhos e mais novos se respeitassem mutuamente.

Só depois disso usaram as cerimónias de corte para distinguir altos de baixos, e as libações rurais e os concursos de arco para distinguir adultos de jovens.

Na altura certa, os jovens praticavam com armas ou entravam na escola conforme o seu estatuto, aprendendo a cultivar as artes das relações humanas.

Tudo isto são exemplos de qualidades que o povo já possuía por natureza e que os sábios aperfeiçoaram e completaram.

Assim, se a natureza não estiver presente, não é possível educar ou formar alguém.
Se a natureza está presente mas não é cultivada, não se pode seguir o Caminho.

É da natureza do bicho-da-seda produzir seda,
mas sem uma trabalhadora hábil que ferva o casulo e desenrole os fios,
não há seda.

Um ovo transforma-se num pintainho,
mas sem uma galinha que o aqueça e incube,
não há nascimento.

A natureza humana é dotada de Benevolência e Retidão,
mas sem um sábio que estabeleça leis e normas, ensinando e guiando,
as pessoas não encontrarão o caminho correto.

Assim, o ensino dos antigos reis consistia em:

seguir o que o povo aprecia, para incentivar a virtude,
e seguir o que o povo abomina, para proibir o mal.

Por isso,

as punições e sanções não eram necessárias,
porque uma conduta imponente irradiava por toda a parte.

As políticas e regulamentos eram mínimos,
mas a sua luz transformadora espalhava-se como se fosse espiritual.

Deste modo, se seguires a natureza, o mundo inteiro acompanhar-te-á.
Se a contrariares, mesmo que publiques todas as leis, de nada te servirão.

20.11

Antigamente, quando os Cinco Soberanos e os Três Reis estabeleceram as suas políticas e instituíram os seus ensinamentos, recorreram inevitavelmente aos procedimentos dos "três" e dos "cinco". Mas o que são esses procedimentos?

Olhando para cima, escolheram imagens do Céu.
Olhando para baixo, escolheram modelos da Terra.
Ao centro, tomaram os seres humanos como referência.

Assim instituíram as audiências no Salão da Claridade (Mingtang) e promulgaram os seus éditos dali.

Olhando para o alto, regularam o qi do yin e do yang, harmonizaram os pontos sazonais das quatro estações, evitando as calamidades de doenças e febres.

Olhando para o solo, estudaram os padrões da Terra a fim de criar normas e medidas. Avaliaram a adequação de montanhas e planícies, rios e várzeas, terras férteis e estéreis, áreas altas e baixas, definindo tarefas que gerassem riqueza e eliminassem a fome e o frio.

Ao centro, estudaram as virtudes humanas para estabelecer os rituais e a música, implementando assim o Caminho da Humanidade e da Retidão, com o objetivo de governar as relações humanas e erradicar a violência e o caos.

Dessa forma, definiram e classificaram as naturezas do metal, madeira, água, fogo e terra para estabelecer a afeição entre pais e filhos e aperfeiçoar a família. Distinguiram os sons altos e baixos dos cinco tons e a numerologia da geração mútua das seis notas dos tubos sonoros para instaurar a Retidão entre soberano e ministro, aperfeiçoando assim o Estado. Estudaram a sucessão das quatro estações para instituir a Propriedade entre idosos e jovens, aperfeiçoando a hierarquia administrativa.

A isto se chama os "três".

Regular a retidão entre governante e ministro, a afeição entre pais e filhos, a distinção entre marido e mulher, a precedência entre velho e novo, e a intimidade entre amigos — é o que se chama os "cinco".

Depois disso, os reis sábios: dividiram a terra e criaram províncias, repartiram funções e governaram-nas, construíram cidades muradas e estabeleceram habitações, delimitaram bairros e distinguiram grupos, repartiram riquezas, providenciaram vestuário e alimento,

fundaram academias e promoveram o ensino, acordavam cedo e recolhiam-se tarde, para aplicar o esforço do povo.

Estas são as cordas e malhas da governação. Assim, se obtiverem as pessoas certas, terão sucesso; se não as obtiverem, fracassarão.

Por isso, quando [o sábio] Yao governava o mundo, o seu governo e ensinamento eram justos, e a sua Potência Moral saturava e nutria. Reinou por setenta anos e depois procurou um sucessor. Enviou ordens às quatro montanhas sagradas para que recomendassem homens de baixo estatuto mas com potencial. As quatro montanhas indicaram Shun e apresentaram-no a Yao. Este casou as suas duas filhas com Shun para observar como ele administraria os assuntos domésticos. Depois, colocou-o à frente de cem funcionários para ver como lidaria com os assuntos externos.

Certa vez, Shun entrou numa floresta densa durante uma tempestade com ventos fortes, trovões e chuva, mas não se perdeu. Então Yao confiou-lhe os seus nove filhos, entregou-lhe o jade de Zhaohua e passou-lhe o governo do mundo. Considerou que, apesar de existirem leis e regulamentos, Dan Zhu não era capaz de o suceder.

20.12

Agora, não há coisa alguma que: apenas cresça e nunca diminua, apenas tenha sucesso e nunca fracasse.

Só os sábios conseguem: florescer sem decair, estar plenos sem se tornarem insuficientes.

Quando o Agricultor Divino inventou o qin (instrumento de cordas), foi para levar as pessoas de volta ao espírito, reprimir a luxúria e retornar ao Coração Celestial. Mas na era da decadência, os excessos fluiram sem contenção, e o retorno ao Coração Celestial não ocorreu. O povo tornou-se lascivo e obcecado pelo sexo — e o Estado caiu.

Quando Kui criou a música, harmonizou os seis tons dos tubos sonoros e afinou as notas pentatónicas para conduzir os oito ventos. Mas na era da decadência, reinavam a embriaguez e a libertinagem. Ninguém prestava atenção ao governo — e o Estado foi aniquilado.

Quando Cang Jie criou a escrita, foi para advertir e governar os funcionários e ordenar os assuntos do povo. Os tolos usaram a escrita para não se esquecerem das coisas, os sábios usaram-na para registar os assuntos de Estado. Mas na era da decadência, os ímpios inscreviam falsidades para absolver culpados e condenar inocentes.

Quando Tang construiu parques de caça, foi para providenciar oferendas raras ao templo ancestral e para treinar oficiais e nobres no tiro com arco e no manejo do carro de combate, prevenindo assim ataques inesperados. Mas na era da decadência, perseguiam-se animais em corridas de carros e competições inúteis, desperdiçando o tempo do povo e esgotando-lhe a energia.

Quando Yao elevou Yu, Xie, o Senhor Mijo e Gao Yao, o governo e a instrução tornaram-se justos; a maldade e a vilania diminuíram; os castigos e os litígios cessaram; o alimento

e o vestuário eram suficientes. Os virtuosos esforçavam-se por fazer o bem, e mesmo os menos dotados seguiam a Potência Moral. Mas quando a era terminou, os funcionários formaram fações e camarilhas. Cada um favorecia apenas os seus; desprezavam o bem comum e perseguiam lucros pessoais. De dentro e de fora do palácio, promoviam-se mutuamente. Os perversos ocupavam a corte, e os justos retiravam-se para o eremitério.

O Caminho do Céu e da Terra é tal que:

Quando as coisas chegam ao extremo, sobrevém a inversão.
Quando algo se enche demasiado, vem o esvaziamento.

As cinco cores, por mais vivas, acabam por esmorecer.
As árvores viçosas e a erva exuberante acabam por apodrecer.
As coisas têm abundância e extinção — não podem manter-se sempre iguais.

Assim, os sábios:

quando os assuntos chegam ao limite, ajustam as ações;
quando as leis se corrompem, reformam os regulamentos.

Não é que tenham prazer em alterar os costumes antigos ou em mudar regras perenes — mas fazem-no para salvar o Estado da ruína e impedir o declínio.

Eliminam a lascívia e travam o mal, para se harmonizarem com o *qi* do Céu e da Terra e respeitarem o que é adequado às dez mil coisas.

20.13

O sábio

cobre como o Céu, sustém como a Terra,
ilumina como o sol e a lua,
harmoniza como o yin e o yang,
transforma como as quatro estações.

Trata as dez mil coisas de modo distinto,
não tem precedentes nem inovações,
não distingue entre estranho e parente.

Por isso, o sábio toma o Céu como modelo.

O Céu não tem apenas uma estação.
A Terra não oferece apenas um benefício.
A humanidade não se ocupa apenas de um único assunto.

Logo,

os múltiplos empreendimentos devem necessariamente ter múltiplas origens,
e os passos apressados devem inevitavelmente tomar caminhos diferentes.

As Cinco Fases são feitas de diferentes *qi*, mas todas se harmonizam.
As Seis Artes são de categorias distintas, mas todas se conectam.

O calor e a benevolência, a gentileza e a bondade
são as influências dos *Cânticos* (*Odes*).

A pureza e a grandeza, a nobreza e a generosidade
são os ensinamentos dos *Documentos*.

A clareza e o brilho, a perceção e a penetração
são os princípios dos *Mutações* (*Yi Jing*).

A deferência e o autocontrolo, o respeito e a humildade
são os comportamentos rituais dos *Ritos*.

A amplitude de espírito e a magnanimidade, a simplicidade e a serenidade
são as qualidades transformadoras da *Música*.

As reprimendas e críticas, a censura e o juízo
são os tecidos de polimento dos *Anais da Primavera e Outono*.

Contudo, se confiarmos apenas num deles: o defeito dos *Mutações* é a superstição; o defeito da *Música* é a lascívia; o defeito dos *Cânticos* é a tolice; o defeito dos *Documentos* é a rigidez; o defeito dos *Ritos* é a obstinação; o defeito dos *Anais da Primavera e Outono* é o excesso de censura.

O sábio emprega os seis em conjunto, valorizando-os e instituindo-os.

Se perde a sua raiz, surgirá desordem;
se a adquire, haverá ordem.

A beleza destes clássicos reside na harmonia;
os seus defeitos, no uso expedito e isolado.

A água, o fogo, o metal, a madeira, a terra e os cereais são diferentes entre si,
mas todos são úteis.

O compasso, o esquadro, o peso, a balança, o nível e o fio de marcação têm formas distintas,
mas todos têm aplicação.

O cinábrio, o verdete, a cola e a laca não são idênticos,
mas todos são usados.

Cada coisa tem uma utilidade própria; cada uma serve a um propósito.

As rodas são redondas; as caixas das carroças são quadradas;
os eixos correm em cruz; as hastes seguem paralelas —
as suas formas são adequadas às suas funções.

Os cavalos laterais de uma parelha querem galopar;
os do meio preferem andar.
O cinto nunca pode ser suficientemente novo;
o gancho nunca pode ser demasiado antigo —
se cada um estiver no lugar certo, tudo estará em harmonia.

O poema *Guanju* teve origem no canto de um pássaro. O Homem Superior louva-o porque defende que macho e fêmea não devem abandonar o seu ninho.

O poema *Lu Ming* teve origem no brado de um animal. O Homem Superior exalta-o porque descreve como os veados, ao encontrar alimento, chamam uns aos outros para partilhá-lo.

Na batalha de Hong, o exército de Song foi derrotado e o príncipe capturado. Os *Anais da Primavera e Outono* exaltam-no porque não atacou o inimigo antes de este formar as suas linhas.

Bo Yi, de Song, permaneceu no palácio em chamas e morreu. Os *Anais* exaltam-na porque não quis fugir à custa da Propriedade.

Para aperfeiçoar ações e estabelecer princípios, como poderiam estes exemplos ser considerados excessivos? Cada um aponta numa direção, mas todos fornecem uma estrutura a partir da qual se pode inferir um princípio geral.

20.14

Wang Qiao e Chi Song

afastaram-se do mundo sujo e poluído,
deixaram para trás o pó do mundo.

Inalaram a harmonia do yin e do yang,
absorveram a essência do Céu e da Terra,
expirando o velho e corrompido,
inspirando o novo e puro.

Dançando no vazio, elevaram-se com leveza,
montando nas nuvens, flutuando na névoa.

Podemos dizer que cultivaram a sua natureza —
mas não se pode dizer que foram filhos piedosos.

O Duque de Zhou executou Guan Shu e Cai Shu
para pacificar o reino e terminar a rebelião.
Pode-se dizer que foi um ministro leal —
mas não se pode dizer que foi um bom irmão.

Tang exilou o tirano Jie,
e o Rei Wu de Zhou executou o tirano Zhou
para eliminar a crueldade e erradicar o mal.

Podemos dizer que foram governantes compassivos —
mas não que foram ministros leais.

Yue Yang atacou o Estado de Zhongshan mas não conseguiu conquistá-lo. Os governantes de Zhongshan mataram e cozinharam o seu filho. Yue Yang comeu a sopa para demonstrar a sua grandeza.
Pode-se dizer que foi um general exemplar —
mas não que foi um pai afectuoso.

Assim,

se o sábio pode fazer algo, fá-lo;
se não pode, não o faz.

Se não pode, não o faz;
se pode, fá-lo.

Shun e Xu You agiram de modo distinto, mas ambos foram sábios.
Yi Yin e Bo Yi seguiram Caminhos diferentes, mas ambos foram Humanitários.
Jizi e Bi Gan tinham inclinações distintas, mas ambos eram dignos.

Assim, ao usar tropas:

algumas são leves, outras pesadas;
algumas são gananciosas, outras honestas.

Estas quatro categorias são opostas — mas nenhuma pode ser descartada.

Tropas leves querem avançar;
tropas pesadas querem manter posição.

Tropas gananciosas desejam conquistar;
tropas honestas recusam aproveitar-se do alheio.

Assim,

as corajosas podem ser ordenadas a atacar —
mas não a defender posição.

As pesadas podem ser ordenadas a manter posição —
mas não a avançar.

As gananciosas podem ser levadas a conquistar —
mas não a defender.

As honestas podem ser fiéis à sua posição —
mas não avançar.

As fiáveis mantêm-se firmes nas suas funções —
mas não se adaptam a mudanças repentinas.

Estas quatro são contrárias entre si. Os sábios utilizam todas,
conforme o que for mais adequado à situação.

Ora,

o Céu e a Terra não abraçam uma só coisa;
yin e yang não geram apenas uma forma de vida.

O mar não rejeita rios nem torrentes —
e por isso é vasto.

A montanha não rejeita a terra nem as pedras —
e por isso é alta.

Se agarrares um só canto e abandonares as dez mil coisas,
se escolheres uma só coisa e rejeitares todo o resto —
o que obténs é pouco, e o que consegues controlar é superficial.

20.15

O Caminho de quem governa um grande Estado
não pode ser pequeno;

os regulamentos de quem comanda um vasto território
não podem ser estreitos.

As preocupações de quem ocupa posição elevada
não devem ser mesquinhas;

os ensinamentos de quem governa um povo numeroso
não devem ser fastidiosos.

Ora,

quando os assuntos são insignificantes, é difícil controlá-los;
quando as leis são excessivas, é difícil aplicá-las;
quando as exigências são muitas, é difícil satisfazê-las.

Se medires algo em polegadas, ao chegares a uma braça,
haverá inevitavelmente discrepâncias.

Se pesares algo em *zhu*, ao chegares a um *dan*,
certamente haverá erro.

Mas se pesares por *dan* e medires por braça,
será rápido e com poucos enganos.
Se inspecionares fio a fio e contares grão a grão,
será trabalhoso e impreciso.

Por isso,

se te manténs no trilho principal, é fácil pareceres sábio;
se te enredas em debates tortuosos, é difícil pareceres inteligente.

Assim,

o que nada contribui para o governo mas apenas acrescenta complicação,
o sábio não faz.

O que nada acrescenta à utilidade mas apenas aumenta o custo,
o sensato recusa aplicar.

Por isso:

as tarefas nunca devem ser demasiado detalhadas;
os assuntos nunca devem ser demasiado dispendiosos;
as exigências nunca devem ser demasiado numerosas.

Quando as tarefas são específicas, é fácil realizá-las;
quando os assuntos são frugais, é fácil controlá-los;
quando as exigências são poucas, é fácil satisfazê-las.

Se todos acharem fácil, então também será fácil delegar.

Confúcio disse:

“Pequenas disputas destroem o discurso;
pequenas vantagens destroem a Retidão;
pequenas retidões destroem o Caminho.
Se o próprio Caminho se tornar pequeno, não pode prevalecer.
E se prevalece, é necessariamente simples.”

20.16

Os rios, porque serpenteiam como serpentes,
podem alcançar grandes distâncias;

as montanhas, porque se erguem em degraus,
podem atingir grandes alturas;

yin e yang, porque não atuam com intenção,
podem harmonizar-se;

o Caminho, porque flutua sem destino,
pode transformar.

Mas se compreendes apenas um único assunto,
investigas apenas uma ideia,
ou dominas apenas uma arte,

serás capaz de oferecer uma explicação parcial,
mas não uma resposta completa.

Se sabes
alinhar ervas aromáticas como a *smartweed* e a *knotweed*,
colocar os vasos *bian* e *ou* com as respetivas bandejas,
pesar a lenha para acender o fogo,
medir o grão e cozê-lo a vapor,

então poderás lidar com pequenas tarefas,
mas ainda não serás capaz de lidar com grandes empreendimentos.

Se em dar voltas, te guias pelo compasso;
em traçar ângulos, pelo esquadro;
em moveres-te, ages como um animal;
em repouso, tornas-te refinado;

poderás dançar com graça —
mas não comandar um exército.

Se
limpas as taças e comes,
lavas os copos e bebes,
limpas as mãos e serves a comida,

poderás alimentar poucos —
mas não nutrir multidões.

Nos sacrifícios,

aquele que abate, cozinha, esquarteja o cão, assa o porco,
e ajusta os cinco sabores — é o matador.

Aquele que dispõe os vasos com arroz e painço,
os copos com vinho e os pratos com carne,
as tigelas com frutas e doces — é o invocador.

Aquele que veste trajes esplêndidos e uniformes,
que permanece em silêncio profundo e não fala,
em quem os espíritos se apoiam —
é o representante dos mortos.

Mesmo que o matador ou o invocador sejam inaptos,
o representante dos mortos não salta sobre os copos ou os suportes de carne para os substituir.

Assim,

ao encordoar o *se*, as cordas mais curtas são mais tensas,
e as mais longas, mais frouxas.

Na condução dos assuntos, os inferiores trabalham,
e os superiores permanecem em repouso.

Quando Shun era Filho do Céu,
dedilhava o *qin* de cinco cordas e entoava os poemas dos “Ares do Sul” —
e com isso governava o mundo.

Antes de o Duque de Zhou ter reunido víveres
ou retirado os sinos e tambores dos seus ganchos,
as quatro tribos Yi já se haviam submetido.

Zheng de Zhao (Qin Shihuangdi), de dia resolvia processos
e de noite revia documentos.
Funcionários percorriam distritos e condados,
investigavam, espiavam, desmontavam conspirações e prendiam criminosos.

Fortificou os Cinco Picos para defender contra os Yue,
e construiu a Grande Muralha para proteger contra os Hu.

Contudo,

surgiram perversões e libertinagem,
ladrões e salteadores formaram bandos.
Quanto mais trabalho teve, maior foi a desordem.

Assim, a lei é um instrumento de governo —
mas não é o fim pelo qual se governa.

É como arcos e flechas: são instrumentos para atingir o alvo,
mas não são a razão pela qual se acerta no alvo.

20.17

O Imperador Amarelo disse:

“Vasto e infinito,
[Sigo] o Caminho do Céu,
e o meu *qi* é idêntico à
Origem.”

Assim,

aqueles cujo *qi* se identifica com a Origem são imperadores;
aqueles cuja Retidão se identifica com a Origem são reis;
aqueles cuja força se identifica com a Origem são líders;
aqueles que não possuem sequer uma dessas qualidades estão perdidos.

Por isso, quando um governante nutre a firme intenção de atacar outro Estado,

os cães ladram em uníssono nas aldeias,
os galos cantam fora de hora,
as armas no arsenal agitam-se,
e os cavalos de guerra mostram-se inquietos.

Mas se a ira se dissipa e as tropas são desmobilizadas,

os anciãos dormem em paz nas suas casas,
as ruas ficam livres de multidões agitadas,
e nenhuma calamidade se levanta.

Isto não são respostas à lei, mas manifestações do *qi* quintessencial.

Assim, se tu:

não falas, mas és digno de confiança;
não ages, mas és Humano;
não te iras, mas inspiras temor —
então o teu Coração Celestial moveu-se e transformou os outros.

Se tu:

ages e és Humano,
falas e és digno de confiança,
iras-te e inspiras temor —
então a tua Sinceridade Quintessencial moveu os outros.

Mas se tu:

ages sem Humanidade,
falas sem fiabilidade,
iras-te sem inspirar respeito —
então a causa é externa.

Portanto:

Se governas com o Caminho,
mesmo com poucas leis, será suficiente para transformar o povo.

Se governas sem o Caminho,
mesmo com muitas leis, apenas gerarás desordem.

20.18

Para governar a si mesmo,
o melhor é cultivar o espírito.
A seguir, vem o cultivo do corpo.

Para governar o Estado,
o ideal é fomentar a transformação.
Depois disso, vem a correção das leis.

Um espírito claro e uma vontade equilibrada,
com todas as articulações em ordem,
constituem a raiz do cultivo da vitalidade.

Engordar os músculos e a pele,
encher os intestinos e o estômago,
satisfazer desejos e apetites —
são os ramos do cultivo da vitalidade.

Se o povo:

cede mutuamente e disputa a humildade no habitar,
partilha os benefícios e disputa a modéstia na receção,
trabalha com afinco e disputa o esforço nas tarefas,
e é diariamente transformado pelos superiores,
tornando-se virtuoso sem saber como —
isto é a raiz do governo.

Com recompensas úteis para incentivar a virtude
e castigos dissuasores para conter o mal,
com leis corrigidas no topo
e submissão ordenada na base —
estes são os ramos do governo.

As gerações anteriores cultivaram a raiz;
as gerações posteriores serviram-se dos ramos.
É por isso que a Grande Paz não se manifesta.

Agora, um governante que deseja governar bem
não surge em todas as eras,
e um ministro capaz de o acompanhar na virtude
não aparece entre dez mil.

Confiar num ministro que só aparece uma vez em dez mil
para encontrar um governante que só surge numa era
— eis porque raramente se encontram num milénio!

20.19

A natureza da água
é saturar e ser límpida.
Nos vales onde estagna,
dá origem a algas verdes —
não porque a sua natureza mude,
mas porque não é guiada de acordo com ela.

Se escavares canais para a dirigir e aprofundares o leito,
ou ergueres diques para conter as cheias,
a água fluirá em conformidade com a sua tendência,
seguindo adiante, livremente.

Mesmo que carniça e ossos apodrecidos se misturem com a corrente,
não conseguirão poluí-la.

A natureza da água não mudou —
o que importa é se pode ou não fluir.

Os costumes e hábitos são iguais.

Se a **sinceridade** do governante:

transbordar para o coração virtuoso,
erigir diques contra a depravação,
abrir os caminhos da bondade
e bloquear as vias do mal —

então a sinceridade transformar-se-á num só Caminho,
e a natureza do povo tornar-se-á boa,
os costumes e os hábitos, belos.

20.20

A razão pela qual respeitamos Bian Que
não é porque prescrevia remédios conforme as doenças,
mas porque, ao colocar a mão sobre a respiração
e sentir o pulso do sangue,
reconhecia de onde provinha a doença.

Respeitamos os sábios
não por aplicarem castigos segundo a gravidade dos crimes,
mas porque sabiam de onde vinha a desordem.

Se não cultivares os costumes e os hábitos das pessoas,
mas as deixares cair na libertinagem e na perversão,
e depois tentares controlá-las com punições e leis,
ainda que mutiles e pilhes o mundo inteiro,
não conseguirás detê-las.

Quando Yu surgiu, a dinastia Xia prosperou;
quando Jie surgiu, a Xia perdeu-se.
Quando Tang surgiu, os Yin prosperaram;
quando Zhou surgiu, os Yin pereceram.

Não foi por falta de leis ou padrões —
mas porque as “cordas e malhas” da boa ordem

não foram estendidas,
e os costumes e os hábitos degeneraram.

20.21

As leis das Três Dinastias não se perderam.
Se uma época não é bem governada,
é porque os seus governantes não possuem a sabedoria das Três Dinastias.

Os seis tubos sonoros duplos ainda existem.
Se ninguém os ouve,
é porque lhes falta o ouvido de Mestre Kuang.

Assim:

Mesmo que existam leis, elas precisam de um sábio —
só então haverá bom governo.

Mesmo que os tubos sonoros estejam completos, precisam de um ouvido —
só então podem ser escutados.

Portanto:

A razão por que um Estado subsiste
não é porque possui leis,
mas porque tem homens virtuosos.

A razão por que um Estado perece
não é porque lhe faltam leis,
mas porque lhe faltam sábios.

O Duque Xian de Jin queria atacar Yu, mas Gong Zhiqi estava presente.
Por causa disso, o duque não conseguia dormir,
a comida perdia o sabor —
mas ainda assim, não ousou enviar as tropas.

Ofereceu jade precioso e cavalos finos.
Gong Zhiqi tentou dissuadir o soberano de Yu, mas não foi escutado.
Como as suas palavras não foram postas em prática, atravessou a fronteira e abandonou o Estado.
Xun Xi atacou, e os soldados de Jin, sem sujar as lâminas de sangue,
capturaram os tesouros e trouxeram os cavalos de volta.

Assim:

Preservar um Estado não depende da solidez dos fossos e muralhas;
o sucesso de um ataque não depende de aríetes e carros de cerco —
mas sim da presença ou ausência de um homem virtuoso.

Zang Wuzhong usou a sua sabedoria para preservar Lu —
e ninguém no mundo o conseguiu derrubar.

Qu Boyu usou a sua Humanidade para manter Wey intato —
e ninguém no mundo o conseguiu ameaçar.

Nos *Mutações* (Yi Jing), lê-se:

"Luxuriante é a mansão,
empobrecida, a família.
Espia-se pelo portão:
solidão — ninguém está lá."

Esse "ninguém" não se refere ao povo,
mas sim à ausência de um sábio para governar os padrões intrínsecos das coisas.

20.22

Se o povo não tem honestidade nem vergonha,
não pode ser bem governado.

Se não cultivam a Propriedade e a Retidão,
a honestidade e a vergonha não se estabelecem.

Se o povo não conhece a Propriedade e a Retidão,
as leis não os podem corrigir.

Se não valorizam os bons e rejeitam os maus,
não se podem inclinar à Propriedade e à Retidão.

Sem leis, não há bom governo.
Sem conhecimento da Propriedade e da Retidão,
não se pode aplicar a lei.

A lei pode executar os impiedosos —
mas não inspira ninguém a alcançar a conduta de Confúcio ou de Zengzi.

A lei pode punir ladrões —
mas não inspira ninguém a atingir a honestidade de Bo Yi.

Os discípulos de Confúcio eram setenta,
e reuniam três mil seguidores.
Todos eram piedosos no seio familiar, fraternos fora de casa.
A sua fala era refinada e elegante,
a sua conduta, ritual e exemplar.
Isto foi alcançado pela **educação**.

Os seguidores de Mozi eram cento e oitenta.
Ele podia enviá-los a caminhar sobre fogo e lâminas,
enfrentar a morte —

e não recuavam.
Isto foi alcançado pela **transformação moral**.

Agora,

cortar músculo e carne,
perfurar pele e couro,
abrir feridas com sangue —
é extremamente penoso.

Mas o povo de Yue fazia isso em busca da **glória**.

Quando um rei sábio governa,

define o gosto e o desgosto para instruir o povo,
estabelece elogio e censura para o guiar,
admira os dignos e promove-os,
despreza os indignos e rebaixa-os.

Não sofre a dor de feridas ou sangue,
mas conquista uma reputação elevada,
respeitada e evidente ao longo dos tempos.

Quem, entre o povo, não o seguiria?

20.23

Antigamente,

as leis eram estabelecidas — mas não eram violadas.
Os castigos eram detalhados — mas raramente usados.

Não é que **não pudessem** punir —
simplesmente **não era necessário** punir.

Os cem tipos de artesãos respeitavam as estações,
e as suas muitas obras eram, sem exceção, brilhantes.

Cultivava-se a Propriedade e a Retidão;
os virtuosos e os dignos eram promovidos.

Assim,

os mais ilustres do mundo tornavam-se os Três Duques;
os mais destacados do Estado, os Nove Ministros;
os mais nobres dos condados, os vinte e sete Grandes;
os mais competentes das prefeituras, os oitenta e um Funcionários.

Aqueles cujo saber superava o de dez mil homens, chamavam-se “talentosos”.
Aqueles cujo saber superava o de mil homens, chamavam-se “eminentes”.

Aqueles cujo saber superava o de cem homens, chamavam-se “valentes”.
Aqueles cujo saber superava o de dez homens, chamavam-se “notáveis”.

Os que:

compreendiam o Caminho do Céu,
investigavam os padrões da Terra,
penetravam os sentimentos humanos;
cuja grandeza bastava para acolher as multidões,
cuja Potência Moral bastava para abraçar os distantes,
cuja confiança bastava para unificar a diversidade,
cujo saber bastava para compreender a mudança —
eram os verdadeiros “talentosos” entre os homens.

Aqueles cuja **potência moral** era suficiente para transformar o povo através da educação, cuja conduta estava em conformidade com a Retidão, cuja Humanidade bastava para conquistar as multidões, e cujo brilho bastava para iluminar os mais humildes, eram considerados os “eminentes” entre os homens.

Aqueles cuja conduta era cerimoniosa e exemplar, cujo conhecimento bastava para discernir as aparências enganosas, cuja honestidade lhes permitia distribuir os recursos, cuja confiança inspirava os outros a honrarem os seus compromissos, cujos feitos podiam ser imitados, e cujas palavras serviam de orientação, eram considerados os “valentes” entre os homens.

Aqueles que mantinham os seus deveres sem os abandonar, que habitavam na Retidão sem tomar partido, que enfrentavam dificuldades sem as evitar ilegitimamente, e que reconheciam vantagens sem delas se aproveitarem de forma ilícita, eram os “proeminentes” entre os homens.

Os “talentosos”, os “eminentes”, os “valentes” e os “proeminentes” ocupavam, cada um segundo o grau das suas capacidades, o cargo correspondente e alcançavam o que lhes era apropriado. Da raiz aos ramos, usando o peso para governar o leve, quando o governante chamava, o povo harmonizava-se; quando o governante se movia, os humildes seguiam. Dentro dos Quatro Mares, todos se submetiam com um só coração, afastando-se da cobiça e voltando-se para a Humanidade e a Retidão. Na transformação do povo, assemelhavam-se ao vento que agita a relva e as árvores, não deixando nada por tocar.

Agora, se os tolos educam os sábios e os indignos lideram os dignos, mesmo que se agravem as penas e castigos, o povo não os seguirá. O pequeno não pode prevalecer sobre o grande; o fraco não pode dominar o forte. Assim, o governante sábio promove os dignos para estabelecer o mérito, enquanto o governante indigno promove aqueles cujas opiniões coincidem com as suas.

O Rei Wen promoveu o Grande Duque Wang e o Duque Shi de Zhao — e tornou-se rei. O Duque Huan de Qi nomeou Guan Zhong e Xi Peng — e tornou-se líder. Estes são exemplos de promoção dos dignos para estabelecer mérito.

Fuchai de Wu empregou o Grande Intendente Pi — e foi destruído. Qin empregou Li Si e Zhao Gao — e pereceu. Estes são casos de promoção de quem partilha das mesmas opiniões, sem consideração pelo mérito.

Assim, ao observar quem é promovido, pode-se discernir a ordem ou desordem; ao examinar com quem se formam alianças, avaliam-se os dignos e os indignos.

Quando um sábio se recolhe, é porque procura estender-se; quando se curva, é porque deseja endireitar. Assim, mesmo caminhando por uma estrada tortuosa ou por um caminho sombrio, é porque pretende elevar o Grande Caminho e alcançar grande mérito.

De igual modo, se saíres de uma floresta densa, não poderás seguir um rumo reto; se salvas alguém que se afoga, não poderás evitar molhar os pés. Yi Ym, inquieto com o mau governo do mundo, harmonizou os cinco sabores e, com caldeirão e tábua de cortar às costas, viajou cinco vezes até Jie, cinco vezes até Tang, na esperança de clarificar o turvo e de proteger o que estava em perigo.

O Duque de Zhou foi os braços e pernas da Casa de Zhou, o apoio e abrigo do Rei Cheng. Guan Shu e Cai Shu apoiaram o Príncipe Lufu para iniciar uma rebelião, mas o Duque de Zhou executou-os para estabilizar o mundo — o destino não lhe deixou alternativa.

Guanzi, preocupado com o declínio da Casa de Zhou e a agressividade dos Senhores da Terra, viu os povos Yi e Di atacar os Estados Centrais, impedindo que o povo vivesse em paz. Por isso, suportou vergonha e insulto para sobreviver, pois, ansioso com o caos dos Yi e Di, esperava apaziguá-los.

Confúcio aspirava implementar o Caminho dos Verdadeiros Reis. Viajou de leste a oeste, de sul a norte, fez setenta tentativas de persuasão, sem jamais encontrar um governante que o compreendesse. Assim, seguiu a Senhora de Wey e Mi Zixia, na esperança de realizar o Caminho. Todos estes são exemplos de sábios que desejaram trazer paz e erradicar a decadência, tentando passar da escuridão profunda à luz brilhante, atuando com pragmatismo para alcançar o bem.

Avalia-se quem procura pelo que traz de volta; avalia-se quem foge pelo destino que encontra. Assim, Shun baniu o seu irmão mais novo; o Duque de Zhou executou os seus irmãos mais velhos — e ambos foram considerados humanos. O Duque Wen de Jin plantava arroz; Zengzi conduzia cabras — e ambos foram considerados sábios.

Hoje em dia, o mal finge ser o bem para se justificar; a depravação disfarça-se de retidão para se desculpar. Quando se vagueia como conselheiro errante, evita-se avaliar o Estado anfitrião; ao servir, não se escolhe o cargo; ao agir, não se evita a contaminação — a isto chamam “o Caminho de Yi Ym”.

Quando há divisão, diferenciação e competição por recursos; quando parentes e irmãos guardam rancor; quando os próprios laços de sangue se traem, a isso chamam a “Retidão do Duque de Zhou”.

Quando se age sem integridade ou vergonha, quando a desonra não leva à morte, chamam-lhe a “Submissão de Guanzi”.

Quando circulam subornos, se corre para os portões dos poderosos, se abandona o bem público pelo interesse privado, se formam camarilhas para agradar ao governante, chamam-lhe as “Técnicas de Confúcio”.

Estas práticas confundem a distinção entre o Homem Superior e o homem vulgar, tornando indistinto o certo e o errado. Assim, cem riachos podem correr, mas se não fluem para o mar, não são considerados vales de rio. Alguns correm, outros caminham, mas aqueles que não se dirigem para o bem não se tornarão Homens Superiores.

Por isso, um bom discurso resume-se ao que pode ser realizado; uma boa ação resume-se à Humanidade e à Retidão. Tian Zifang e Duangan Mu desprezaram cargos e salários, valorizando a sua integridade. Não permitiram que o desejo prejudicasse a sua vida, nem que o lucro os escravizasse. Li Ke esgotou as forças dos braços e pernas para organizar os cem oficiais e manter boas relações com o povo, permitindo que o seu soberano vivesse sem desperdício e morresse sem deixar inquietações.

Estes eram homens com ações diferentes mas que se dirigiam igualmente para o bem.

Zhang Yi e Su Qin não tinham residência fixa, nem serviam nenhum governante em particular, mas negociavam as Alianças Verticais e Horizontais, concebendo planos que derrubavam Estados, confundiam e desordenavam o mundo, perturbavam e iludiam os Senhores da Terra, fazendo com que o povo comum nem tivesse tempo de anunciar o seu paradeiro. Ora seguiam a Aliança Vertical, ora a Horizontal, ora uniam os fracos, ora apoiavam os poderosos — estes eram homens cujos atos diferiam, mas que igualmente se dirigiam à decadência.

Assim, os erros do Homem Superior são como eclipses do sol ou da lua — que mal fazem à sua luz? Os louvores do homem vulgar são como cães a ladrar ao nascer do sol ou corujas ao pôr do sol — de que modo aumentam o seu brilho?

Agora, o homem sábio não se comporta de forma imprudente; o homem corajoso não age de maneira precipitada. Escolhe o que é bom e fá-lo; calcula o que é justo e pratica-o. Assim, quando termina as suas obras, os seus méritos são dignos de confiança; quando o seu corpo perece, a sua reputação merece ser louvada.

Ainda que possuas sabedoria e capacidade, deves tomar a Humanidade e a Retidão como fundamento; só assim é possível estabelecer um governo. Sejam os acontecimentos rápidos ou lentos, e surjam cem situações em simultâneo, o sábio usa invariavelmente a Humanidade e a Retidão como nível e cordel de marcação.

Aquele que faz disto o centro é chamado de Homem Superior; aquele que não o faz é um homem vulgar. Ainda que o Homem Superior morra, a sua reputação não desaparece; ainda que o homem vulgar alcance o poder, as suas transgressões não se dissipam.

Pedir a alguém que, com a mão esquerda, tome posse do mundo e, com a direita, corte a própria garganta — é algo que nem um tolo faria, pois a sua vida vale mais do que o mundo. Contudo, se morrer por causa de uma calamidade que atinge o seu soberano ou os seus entes queridos, o Homem Superior encara a morte como um regresso, pois a Retidão pesa mais do que a sua própria vida. Obter o mundo é um grande benefício, mas

comparado com a vida, é insignificante; e ainda assim, o valor da vida, face à Retidão, é leve. A Retidão é o que deve ser preservado intato.

Os “Odes” dizem:
“Bondoso e amável é o Homem Superior,
na procura da prosperidade, não tem arrependimentos.”
Isto refere-se a tomar a Humanidade e a Retidão como o seu nível e cordel de marcação.

Aqueles que têm capacidade para exercer o papel de líder ou de rei são, sem exceção, aqueles que conquistam a vitória; e os que vencem são, sem exceção, aqueles que possuem poder; e os que possuem poder são, sem exceção, aqueles que utilizam a força do povo; e os que conseguem utilizar a força do povo são, sem exceção, aqueles que conquistam os corações do povo; e os que conquistam os corações do povo são, sem exceção, aqueles que dominaram a si mesmos.

Assim, o coração é a raiz do eu; o eu é a raiz do Estado. Nunca existiu alguém que tivesse conquistado a si próprio e perdido o povo; nunca existiu alguém que tivesse perdido a si próprio e conquistado o povo. Portanto, para estabelecer a base da ordem, é necessário esforçar-se por assegurar o bem-estar do povo.

A raiz de assegurar o povo reside na suficiência dos recursos; a raiz da suficiência está em não os retirar dos seus trabalhos sazonais; a raiz de não os afastar do seu trabalho está na redução de empreendimentos; a raiz da redução de empreendimentos está na regulação dos desejos; e a raiz da regulação dos desejos está no retorno à natureza.

Nunca foi possível agitar a raiz e acalmar os ramos; poluir a fonte e purificar o curso do rio.

Assim, aqueles que compreendem a essência da natureza não tentam forçá-la a fazer o que não pode fazer. Aqueles que conhecem a essência do destino não se afligem com aquilo que o destino não pode controlar.

Dessa forma, os que não constroem palácios nem terraços elevados não o fazem por amor às árvores; os que não fundem sinos e trípodes maciços não o fazem por amor ao metal. Simplesmente põem em prática as qualidades essenciais da natureza e do destino, para que as suas regras e medidas possam servir de modelo para os inúmeros povos.

Agora, quando os olhos se deleitam com as cinco cores, a boca saboreia os sabores tentadores, e os ouvidos se encantam com os cinco sons, os sete orifícios do corpo competem entre si e prejudicam a natureza, atraindo diariamente desejos perversos e perturbando a harmonia celeste. Se não és capaz de governar a ti próprio, como poderás governar o mundo? Assim, se ao cultivar o eu alcanças regulação, ao cultivar o povo conquistarás os seus corações.

A expressão “tomar posse do mundo” não se refere a ocupar cargos, aceitar títulos hereditários ou ser tratado com reverência. Significa unir-se à força do mundo e conquistar os corações do mundo.

O território do tirano Djou estendia-se à esquerda até ao Mar do Leste e à direita até ao Mar de Areia. À sua frente estava Jiaozhi e atrás Youdu. Os seus exércitos subiram o Desfiladeiro de Rong e chegaram ao Rio Pu. Os guerreiros contavam-se às dezenas e

centenas de milhar, mas todos disparavam flechas para trás e lutavam com alabardas voltadas contra si próprios. O Rei Wu de Zhou segurava na mão esquerda um machado de batalha amarelo e na direita uma bandeira branca para comandar os seus exércitos, e os inimigos quebraram-se como telhas partidas e fugiram, colapsando como um monte de terra.

Djou tinha o título de “aquele que se senta voltado para o sul” — o governante — mas não contava com o louvor de um único homem. Foi assim que perdeu o mundo. Por isso, não se pode considerar que Jie e Djou tenham sido verdadeiros reis, nem que Tang e Wu os tenham simplesmente deposto — pois já não eram reis no coração do povo.

O povo de Zhou habitava nas terras de Feng e Hao. O seu território não ultrapassava os cem li, mas juraram um voto contra Djou no Campo das Amoreiras e atacaram e ocuparam o Estado de Tin. Prestaram homenagens no templo ancestral de Tang, o Vitorioso, colocaram uma placa nos portões da aldeia onde viveu Shang Rong, ergueram o túmulo de Bi Gan e libertaram o prisioneiro Jizi. Só então quebraram as baquetas e destruíram os tambores de guerra, retiraram as cinco espécies de armas, libertaram os bois e os cavalos, recolheram os selos de jade e aceitaram a lealdade do mundo.

O povo cantava baladas em sua celebração, e os Senhores da Terra, levando presentes com aves exóticas, acorreram à sua corte — pois os corações do povo tinham sido conquistados.

Helii, rei de Wu, atacou Chu e, após cinco batalhas, entrou na capital, Ying. Queimou os grãos armazenados nos celeiros altos, destruiu os Sinos dos Nove Dragões, flagelou o túmulo do Rei Ping e ocupou o palácio do Rei Zhao.

O Rei Zhao fugiu para Sui. Com pais e irmãos mais velhos a carregarem os jovens e a apoiarem os idosos, o povo — os cem apelidos — seguiu-o. Incitaram-se mutuamente à coragem e lançaram-na contra o inimigo. Arriscando as próprias vidas, ergueram os braços nus e lutaram com eles. Naquele momento, mesmo sem um general que os comandasse, alinharam-se em formação por iniciativa própria, cada homem disposto a morrer, forçando os exércitos de Wu a recuar e recuperando o território de Chu.

O Rei Ling de Chu construiu a torre Zhanghua e iniciou a expedição de Ganqi. Dentro e fora do Estado, todos estavam inquietos e perturbados. O povo comum encontrava-se exausto e sobrecarregado. Qiji, aproveitando-se do ressentimento popular, estabeleceu o Príncipe Bi como rei, mas o povo rejeitou-o e abandonou-o. Assim, acabando por morrer de fome em Ganqi, alimentando-se apenas de ervas e bebendo água, usou um monte de terra como almofada e faleceu.

As montanhas e os rios do Estado de Chu não tinham mudado; a terra e o território permaneciam os mesmos; o povo e a sua natureza eram os de sempre. Contudo, com o Rei Zhao, o povo uniu-se e sacrificou-se por ele; com o Rei Ling, o povo virou-lhe as costas e rebelou-se.

Eis a diferença entre conquistar o povo e perdê-lo.

Assim, quando o Filho do Céu alcança o Caminho, está seguro mesmo entre os quatro povos bárbaros (Yi); mas quando o Filho do Céu perde o Caminho, só está seguro entre

os Senhores da Terra. Quando os Senhores da Terra seguem o Caminho, podem estar seguros mesmo entre os quatro Estados vizinhos; quando o perdem, só estão seguros dentro dos limites do seu próprio território.

O Rei Tang começou com a região de Bo, que abrangia setenta li; o Rei Wen governava originalmente cem li em Feng, mas ambos conseguiam fazer cumprir os seus decretos e erradicar o que proibiam em todo o mundo. Quando a dinastia Zhou entrou em decadência, os Rong atacaram o Conde Fan em Chuchou, capturaram-no e levaram-no embora.

Assim, aquele que alcança o Caminho pode comandar os Senhores da Terra, mesmo que possua apenas cem li de território; aquele que perde o Caminho, ainda que governe o mundo, sente-se profundamente aterrorizado no seu próprio domínio.

Por isso se diz: “Não confies no fato de os outros não te tomarem; confia no fato de não poderes ser tomado.” Se aplicares o Caminho de alguém que pode ser capturado, mesmo que não te comportes como alguém vulnerável a usurpações ou assassinato, isso de nada servirá para manter o controlo do mundo.

Como regra geral, os seres humanos sobrevivem através da roupa e da comida. No entanto, se os trancares numa sala escura, ainda que lhes dês os mais delicados manjares e roupas bordadas, não sentirão alegria — pois os seus olhos nada têm para ver e os ouvidos nada para ouvir. Se espreitassem por uma fenda e vissem apenas chuva ou nevoeiro, ainda assim dariam risadas de felicidade. Quanto mais se abrissem as portas e escancarassem as janelas, saindo da escuridão total para verem a luz viva — a sua felicidade seria ainda maior. Se saindo da escuridão total vissem a luz, alegrar-se-iam enormemente; e se, além disso, saíssem do quarto e se sentassem no salão, onde pudessem ver a luz do sol e da lua, a sua alegria não teria limites.

E se vissem a luz do sol e da lua, quão mais feliz ainda seria subir ao Monte Tai, pisar o pico rochoso, olhar para as Oito Extensões e ver a constelação Tiandu como o seu dossel, e os rios Yangzi e Amarelo como cintos à cintura, com as miríades de coisas espalhadas entre eles? A sua alegria não seria absolutamente indescritível?

Além disso, uma pessoa surda possui a forma completa dos ouvidos, mas não consegue ouvir. Uma pessoa cega possui a estrutura dos olhos, mas é incapaz de ver. Agora, com a fala comunicamos com os outros; com a audição, os outros comunicam connosco. Um mudo não pode falar; um surdo não pode ouvir. Se alguém for surdo e mudo, o Caminho humano não pode ser transmitido. Por isso, aqueles que sofrem dessas aflições, ainda que empobreçam as suas famílias à procura de cura, não poupam esforços ou despesas.

Mas será que apenas o corpo e a forma sofrem de surdez e mudez? O coração e a mente também podem padecer destes males. Se um dedo estiver torto, ninguém deixaria de tentar endireitá-lo. Mas se o coração estiver bloqueado, ninguém sabe como tentar desobstruí-lo. Isso é confundir as categorias das coisas.

Suponhamos que compreendias a vastidão e a elevação das Seis Artes, penetrando a profundidade e a essência do Caminho e da sua Potência; que alcançasses o ponto onde nada está acima, que fosses onde nada está abaixo, que te unisses ao que não tem limites, que pairasses onde não há formas, sendo mais vasto que os Quatro Mares, mais

elevado que o Monte Tai, mais rico que os rios Yangzi e Amarelo, penetrando sem fronteiras, brilhando com esplendor — e que entre o Céu e a Terra nada te pudesse impedir. Se tivesses os meios para observar e contemplar o mundo assim — não seria essa alegria indescritível?

20.31

O que as pessoas sabem é superficial, e contudo as coisas mudam incessantemente. Se antes não sabias algo e agora sabes, não é que a tua capacidade de saber tenha aumentado, mas sim que houve um acréscimo de investigação e de aprendizagem.

Aquilo que se vê com frequência torna-se conhecido. Aquilo que se pratica com frequência torna-se exequível.

Assim, se passaste por calamidades, tornar-te-ás mais prudente. Se suportaste adversidades, serás capaz de encontrar soluções.

Ora, se tentasses, com a duração de uma única vida, abarcar o conhecimento de mil anos e as teorias do passado e do presente — mesmo que esse saber não se expandisse e que o Caminho e os seus padrões estivessem todos claramente à vista —, ainda assim não se poderia afirmar que existe um método para o fazer.

Se alguém quiser saber a altura de algo e não conseguir, e lhe ensinares o uso do tubo de visada e do nível, ficará satisfeito. Se alguém quiser saber o peso de algo e não souber como, e lhe ensinares a usar a balança com contrapeso, alegrar-se-á. Se alguém quiser medir distâncias e não souber como, e lhe ensinares a usar “olhos de metal” (instrumentos de medição), ficará encantado. Quanto maior seria a satisfação se alguém aprendesse como responder a todas as coisas de forma ilimitada?

Enfrentar grandes dificuldades sem medo, ver muitos erros sem confusão, manter-se tranquilo e seguro de si — como poderia uma alegria assim ser meramente a de um único prazer?

Ora, no que respeita ao Caminho: tudo o que tem forma nasce dele — não será, então, o seu mais próximo parente? Aqueles que se alimentam de grãos e respiram o qi recebem-no dele — não será, pois, o mais generoso dos soberanos? Aqueles que possuem sabedoria aprenderam com ele — não será, então, o mais vasto dos mestres?

Se um arqueiro disparar muitas vezes sem atingir o alvo e alguém lhe ensinar a usar um dispositivo de mira, ficará feliz. Quanto mais se alguém lhe ensinasse aquilo que dá origem ao próprio dispositivo de mira!

20.32

Hoje, ninguém ignora que estudar é benéfico. Contudo, alguns não conseguem estudar porque foram prejudicados pelos divertimentos e passatempos. As pessoas frequentemente sacrificam o que é útil em favor do que é inútil. Por isso, o seu conhecimento não se expande e os seus dias não são suficientes.

Se usares a energia empregue em escavar um lago artificial para lavrar os campos, então os campos tornar-se-ão cultiváveis. Se usares a terra empilhada como montanhas para construir diques, então a água será suficiente para o uso. Se canalizares os recursos gastos a alimentar cães, cavalos, cisnes e gansos para sustentar estudiosos, a tua reputação será certamente ilustre. Se dedicares os dias antes consumidos em caçadas, jogos e apostas em liubo à recitação dos Odes e à leitura dos Documentos, então a tua compreensão e sabedoria tornar-se-ão imensas.

Assim, quando comparamos não estudar com estudar, é como comparar o surdo-mudo com uma pessoa em plena posse dos sentidos.

20.33

De forma geral, aqueles que estudam são capazes de distinguir entre o que é celeste e o que é humano, compreendendo a raiz da ordem e da desordem.

Sustentados por um coração calmo e uma mente clara, observando os começos e os fins das coisas, pode-se dizer que o seu conhecimento é abrangente.

O que o Céu cria inclui aves, feras, plantas e árvores. O que os humanos criam inclui rituais, cerimónias, regulamentos e medidas. Ao construir, criam palácios e aposentos; ao fabricar, constroem barcos e carroças.

As raízes da ordem residem na Humanidade e na Retidão; os seus ramos, nas leis e nas normas. Aquilo com que as pessoas servem os vivos é a raiz; aquilo com que servem os mortos são os ramos. Raiz e ramo fazem parte de um só corpo. O que ambos valorizam é uma só natureza.

Aquele que coloca a raiz antes e os ramos depois é chamado de Homem Superior. Aquele que sacrifica a raiz em favor dos ramos é chamado de homem vulgar. A natureza do Homem Superior e do homem vulgar não difere — o que difere são as suas prioridades.

Nas plantas e nas árvores, aquilo que é vigoroso e floresce vem das raízes; aquilo que pode secar são os ramos. Na natureza dos animais, a cabeça é grande e a cauda pequena. Se os ramos forem maiores do que a raiz, quebram-se. Se a cauda for maior do que o corpo, não se moverá.

Assim, se alimentares a boca, todas as articulações do corpo estarão saudáveis; se regares as raízes, os ramos e as folhas florescerão. É da natureza do Céu e da Terra que todas as coisas tenham raiz e ramo. No cuidado das coisas há prioridades. Como poderia, no governo dos humanos, não haver princípio e fim?

A Humanidade e a Retidão são a raiz da ordem. Se não procuras cultivar a raiz e apenas te ocupas dos ramos, isso é como negligenciar as raízes e regar os ramos.

Além disso, a génese da lei foi como suporte para a Humanidade e a Retidão. Se valorizas apenas a lei e desprezas a Humanidade e a Retidão, é como dar mais importância ao chapéu e aos sapatos do que à cabeça e aos pés. Assim, a Humanidade e a Retidão devem reforçar o alicerce.

Se prolongares uma estrutura sem aumentar a sua espessura, ela colapsará. Se a elevares sem reforçar os alicerces, tombará.

Zhao Zheng (Qin Shihuangdi) não aumentou a sua Potência Moral, apenas acumulou prestígio — e por isso foi destruído.

O Conde Zhi não praticava a Humanidade nem a Retidão, mas esforçava-se por expandir o seu território — e por isso perdeu tudo.

Nos **Discursos dos Estados**, lê-se:

"Se não usarmos uma trave robusta, ela não pode suportar o peso.
Nada é tão pesado como um país,
e nenhuma trave se compara à Potência Moral."

Se o governante de um Estado tiver o povo a seu lado, é como uma muralha com fundação ou uma árvore com raízes. Se as raízes forem profundas, a árvore será estável; se a fundação for sólida, o topo da muralha estará seguro.

20.34

O Caminho dos Cinco Imperadores e dos Três Reis constitui a urdidura e a trama do mundo, as regras e os padrões da ordem. Já os textos como *"Abrir e Fechar"* de Shang Yang, *"Os Três Testes"* de Shenzi, *"Indignação Solitária"* de Han Feizi, ou os sistemas de alianças *Horizontal e Vertical* de Zhang Yi e Su Qin — todos foram expedientes circunstanciais, meros fragmentos da arte de governar.

Não são a grande raiz da ordem, nem a norma constante do serviço que possa ser amplamente ouvida e transmitida através das gerações.

Zinang, primeiro-ministro de Chu, recuou e assim preservou o Estado de Chu — mas o recuo não pode ser tomado como princípio universal.

Xian Gao usou o engano para salvar o Estado de Zheng — mas o engano não pode ser tratado como norma constante.

Agora, os sons dos "Ya" e dos "Song" nasceram como expressões verbais e estão enraizados na emoção humana. Por isso, servem para estabelecer harmonia entre governante e ministro, e afeição entre pai e filho. A música do "Shao" e do "Xia" é tão penetrante que alcança metais e pedras, infundindo-se até nas plantas e árvores.

Se alguém pegar nos sons do pesar e da saudade e os expressar com cordas e sopros, então quem ouvir tais sons tornar-se-á lascivo ou melancólico. Se for lascivo, perturbará a distinção entre homem e mulher; se for melancólico, agitará o qi do desejo e da saudade.

Como poderá isso ser chamado de "música", ou de "alegria"?

Quando o rei Youmu de Zhao vagueava exilado em Fangling, escreveu o poema *"Montanhas e Árvores"* cheio de saudade. Nenhum dos que o ouviram conseguiu conter as lágrimas.

Quando Jing Ke partiu para tentar assassinar o rei de Qin, Gao Jianli e Song Yi tocaram o *zhu* e cantaram nas margens do rio Yi. Todos os que escutaram aquela música arregalaram os olhos de fúria e sentiram os cabelos eriçarem-se sob os seus chapéus.

Se se usassem sons como esses para compor música cerimonial para os salões ancestrais, como poderia isso ser a *música/alegria* referida pelos antigos?

Assim como os chapéus cerimoniais e as carruagens de Estado são objetos que podem ser usados mas não desfrutados, e como a mistura de sabores no *taigeng* pode ser comida mas não saboreada, também os instrumentos de laca vermelha e cordas de seda que gotejam emoção — em que cada nota traz três suspiros — podem ser ouvidos, mas não trazem felicidade.

Portanto:

Aquilo que não tem som estabelece o padrão do que deve ser ouvido.
Aquilo que não tem sabor define o padrão do que deve ser saboreado.

Sons lascivos agradam ao ouvido, sabores intensos agradam à boca — mas não são dignos de apreço.

Deste modo:

Os assuntos que não têm por base o Caminho e a sua Potência não podem ser tomados como modelo.
As palavras que não se harmonizam com as dos antigos reis-sábios não podem ser tomadas como Caminho.
As melodias que não derivam das expressões verbais dos “Ya” e dos “Song” não podem ser consideradas verdadeira música.

Por isso, pode-se selecionar e adaptar os ditos desses cinco mestres como auxílio em persuasões, mas eles não são os princípios que permeiam o mundo.

20.35

Quando os reis-sábios estabeleceram o governo e implementaram a educação, examinaram sempre os fins e os começos. Ao publicar leis e definir padrões, traçaram sempre as raízes e os ramos até à origem. Não formulavam uma política para cada caso isoladamente e deixavam o resto ao acaso.

Ao observar os começos, meditavam sobre os resultados.
Ao conhecer as fontes, sabiam para onde corriam os fluxos.

Deste modo, aplicavam políticas amplamente sem se esgotarem; perduravam por muito tempo sem se corromperem.

Ora, a água nasce nas montanhas mas corre para o mar. As colheitas nascem no campo mas são guardadas nos celeiros.

Os sábios, ao verem onde as coisas nascem, sabem onde acabarão. Assim:

Shun enterrou ouro nas falésias perigosas para frustrar os desejos dos gananciosos.

Yi Di criou vinho. Yu provou-o, achou-o saboroso, e por isso exilou Yi Di e proibiu a vinificação para evitar a decadência.

O Mestre Yan tocou para o Duque Ping a música das regiões fronteiriças do norte. Mas o Mestre de Música Kuang disse: “Esta é a música que pode arruinar um Estado.” O duque suspirou profundamente e baniu essa música para conter o avanço da lascívia e da desordem.

Assim:

Quando o povo começou a conhecer a escrita, a Potência começou a declinar.
Quando o povo passou a contar números, a generosidade começou a diminuir.
Quando começaram a depender de contratos, a confiança mútua diminuiu.
Quando conheceram truques e técnicas, a espontaneidade desapareceu.

Quando a astúcia e o engano se escondem no coração, a inocência e a pureza não podem ser completas, e a Potência que brota do espírito não se mantém intacta.

20.36

O *se* não emite som, mas cada uma das suas vinte e cinco cordas responde ao seu tom específico. O eixo de uma carroça não gira, mas cada um dos seus trinta raios contribui com a sua força para o movimento da roda.

Só quando todas as cordas têm a tensão e o tamanho adequados é possível criar uma melodia. Só com a tração ajustada, o empurrar e parar adequados, é que uma carroça pode viajar longas distâncias.

Aquilo que faz com que as coisas emitam som não tem som.

Aquilo que permite às coisas viajar mil *li* não se move.

Assim, quando superiores e inferiores seguem Caminhos diferentes, há ordem. Quando seguem o mesmo Caminho, há desordem.

Quando os que estão no alto seguem o Grande Caminho, tudo corre bem;
quando os assuntos são grandes mas o Caminho é pequeno, tudo corre mal.

Assim:
Pequenos prazeres prejudicam a Retidão;
pequenas astúcias prejudicam o Caminho;
pequenas discussões prejudicam a ordem;
rigores injustificados ferem a Potência Moral.

Uma boa administração não é precipitada — e por isso o povo é fácil de guiar.
Um governo supremo é magnânimo — e por isso os inferiores não se pilham entre si.
A Potência Moral suprema retorna à simplicidade — e por isso o povo não desenvolve vícios.

20.37

Shang Yang, em nome do Estado de Qin, instituiu leis de responsabilidade coletiva — e o povo comum passou a odiá-las.

Wu Qi, em nome do Estado de Chu, estendeu reformas que aboliam títulos e salários — e os funcionários meritórios rebelaram-se.

A aplicação das leis por Shang Yang e o uso do poder militar por Wu Qi foram aclamados pelo mundo. No entanto, Shang Yang destruiu Qin com as suas leis. Ele estudava os traços das facas e dos pincéis (escritos), mas não conhecia a raiz do governo nem da desordem. Wu Qi enfraqueceu Chu com a sua força militar. Dominava as formações militares, mas não compreendia a eficácia de “combater a partir do templo” (isto é, planeamento antecipado).

O Duque Xian de Jin atacou os Li (Rong) e tomou a sua princesa — o que não era, em si, um erro — mas o historiador Su suspirou ao ver que isso traria desastre a quatro gerações da sua casa.

O Rei Fuchai de Wu derrotou Qi em Ailing e derrotou Jin em Huang Chi. As vitórias não lhe faltaram, mas Wu Zixu entristeceu-se com elas, pois via que o seu soberano acabaria cativo em Yue.

Gongzi Xiao Bo fugiu para Ju, e Chong’er para Cao. Não estavam a salvo, mas Bao Shuyu e o Tio Materno Fan seguiram-nos e apoiaram-nos, pois sabiam que viriam a tornar-se líders.

O Rei Goujian de Yue refugiou-se em Guiji, trabalhando incessantemente nos assuntos políticos e elaborando planos sem descanso, pois sabia que a calamidade podia ser transformada em fortuna.

O Marquês Xiang de Zhao venceu em sucessivas batalhas, mas mantinha um semblante sombrio, temendo que a boa sorte se transformasse em desgraça.

O Duque Huan de Qi perdeu os campos de Wenyang, mas tornou-se líder.

O Conde Zhi tomou as terras dos três Estados de Jin, mas foi destruído.

Os sábios

conseguem ver a fortuna mesmo por detrás de múltiplas cortinas,
conseguem pressentir a desgraça mesmo oculta por nove véus.

20.38

O bicho-da-seda *yuantian* pode ser colhido duas vezes num ano. Não que isso não seja rentável, mas as leis reais proíbem-no devido aos danos causados às amoreiras.

Os caules de arroz que crescem de sementes dispersas do ano anterior amadurecem primeiro — mas o agricultor arranca-os, pois não sacrificaria uma grande colheita por um pequeno ganho.

Com os anciãos da família, usam-se grãos diferentes para os alimentar; utensílios diferentes são usados para preparar-lhes a comida.

Filhos e esposas sobem ao salão descalços, ajoelham-se e servem o caldo aos mais velhos. Não que estas práticas sejam isentas de custos, mas não se pode poupar nelas sem ferir a Retidão.

Aguardar o casamenteiro para selar o contrato nupcial;
trocar presentes para escolher a esposa;
vestir os trajes cerimoniais para levar a noiva à casa dos parentes —
nada disto está isento de incómodos, mas não são costumes que se devam alterar, pois servem para impedir a licenciosidade.

É possível fazer com que os vizinhos vigiem uns aos outros e denunciem crimes. Como método para revelar traidores, pode ser eficaz — mas práticas assim ferem os corações tranquilos e harmoniosos, gerando ódio e ressentimento.

Assim, nos empreendimentos:

Mesmo que abras apenas um buraco, podes criar cem fendas.
Mesmo que plantes só uma árvore, poderás gerar dez mil folhas.

Aquilo que perfuraste não é suficiente para ser útil,
mas o que abriste pode ser suficiente para causar a ruína.

Aquilo que plantaste não é bastante para gerar lucro,
mas o que produziste pode ser o bastante para criar desordem.

O tolo deixa-se encantar por pequenos ganhos e esquece o grande mal que trazem. Isso não pode ser tomado como exemplo.

O cálamo afasta pulgas e piolhos — mas não se fazem esteiras com ele, pois atrai centopeias.
As raposas caçam ratos — mas não se soltam no pátio, pois apanham galinhas.

Há, pois, certos empreendimentos que trazem pequeno benefício mas grande prejuízo; ganham algo aqui mas perdem mais acolá.

Assim, ao jogar xadrez:
pode-se capturar duas peças e ainda assim perder a partida;
pode-se sacrificar uma peça e ainda assim alcançar a vitória.

20.39

Tirar vantagem de forma furtiva não pode ser prática aceitável;
compreender a técnica não pode ser tomado como modelo.

Por isso, a **Humanidade** e a **Sabedoria** são os aspetos mais nobres do talento humano.

“Humanidade” significa amar os outros;
“Sabedoria” significa compreender os outros.

Se amas os outros, evitarás punições cruéis.
Se compreendes os outros, evitarás um governo caótico.

Quando a ordem política nasce da cultura e dos princípios, não haverá atos perversos nem enganosos.
Quando os castigos não forem excessivos, não haverá condutas violentas e cruéis.

Se no alto não houver desgoverno nem perturbação,
então em baixo não haverá corações ressentidos ou expectantes,
e assim, as cem formas de crueldade serão erradicadas,
estabelecendo-se centralidade e harmonia. Foi por este meio que floresceram as Três Dinastias.

Por isso, os **Documentos** dizem:

“Se [o governante] for sábio e bondoso,
o povo de cabelos negros irá estimá-lo.
Por que temer Huan Dou?
Por que banir os Miao?”

O Conde Zhi possuía cinco talentos superiores aos dos outros, mas não conseguiu evitar morrer pela mão de outro — pois não amava os outros.

O rei de Qi tinha três talentos que ultrapassavam os de qualquer outro, mas foi feito prisioneiro em Qin — pois não compreendia os homens dignos.

Assim:

Não há Humanidade maior do que amar os outros.
Não há Sabedoria maior do que compreender os outros.

Se não possuíres nenhuma das duas, mesmo que sejas perspicaz e inteligente, astuto e hábil, diligente e incansável, não evitarás o caos.

VINTE E UM

UMA VISÃO GERAL DO ESSENCIAL

21.1

Compusemos estes escritos e discursos como forma de
atar a rede do Caminho e da sua Potência
e tecer a teia da humanidade e dos seus assuntos;

acima, investigando-os no Céu,
abaixo, examinando-os na Terra,
e, no meio, compreendendo-os através dos padrões.

Ainda que não possamos extrair plenamente o cerne do Mistério Profundo, são abundantemente suficientes para observar os seus começos e fins.

Se apenas resumíssemos os essenciais ou oferecêssemos uma visão geral, sem distinguir o Bloco Puro e Não Talhado, nem diferenciar o Grande Ancestral, isso faria com que as pessoas, na sua confusão, não conseguissem compreender.

Assim:

numerosas são as palavras que escrevemos,
extensas são as ilustrações que fornecemos,
e, ainda assim, receamos que as pessoas abandonem a raiz e sigam os ramos.

Por isso:

se falássemos do Caminho sem falar dos assuntos,
não haveria forma de adaptar-se aos tempos.

Se, inversamente, falássemos apenas dos assuntos sem tratar do Caminho,
não haveria forma de acompanhar os processos da transformação.

Foi por isso que compusemos os vinte ensaios que constituem este livro:

Contém “A Origem no Caminho”,
contém “Activar o Autêntico”,
contém “Padrões Celestes”,
contém “Formas Terrestres”,
contém “Regras Sazonais”,
contém “Examinar as Obscuridades”,
contém “Espírito Quintessencial”,
contém “A Urdidura Fundamental”,
contém “As Técnicas do Governante”,
contém “Preceitos Profundos”,
contém “Integrar os Costumes”,
contém “Respostas do Caminho”,
contém “Discursos Sem Limite”,

contém “Explicação dos Ditos”,
contém “Uma Visão Geral do Militar”,
contém “Uma Montanha de Persuasões”,
contém “Uma Floresta de Persuasões”,
contém “Entre Outros”,
contém “Cultivar o Esforço”,
e contém “A Linhagem Exaltada”.

21.2

“A Origem no Caminho”

começa com as seis coordenadas
contraídas e comprimidas,
e com as miríades de coisas em caos e confusão.

Depois, delineia as características do **Grande Uno**,
e sonda as profundezas do **Escuro Invisível**,
erguendo-se assim além da estrutura do **Vazio Absoluto**.

Confiando no pequeno, abraça o grande;
protegendo o que é contraído, ordena o que é vasto.

Permite-te compreender
a sorte ou o infortúnio de tomar a dianteira ou ficar para trás,
bem como o benefício ou o dano de agir ou permanecer imóvel.

Se compreenderes sinceramente o seu significado, poderás, como uma cheia, alcançar uma visão grandiosa.

Se desejas uma única expressão que te desperte para isso:

“Reverencia o celeste e preserva a tua genuinidade.”

Se desejas uma segunda expressão que te leve à compreensão:

“Desvaloriza as coisas e honra a tua pessoa.”

Se desejas uma terceira expressão para aprofundar o entendimento:

“Externaliza os desejos e regressa às tuas disposições autênticas.”

Se compreenderes os seus princípios fundamentais,
no íntimo, harmonizarás os Cinco Órgãos
e enriquecerás a carne e a pele.

Se seguires os seus modelos e padrões
e deles fizeres parte até ao fim dos teus dias,
terás os meios
para responder e atender aos múltiplos aspetos do mundo,

e para observar e acompanhar as suas inúmeras transformações,
como quem rola uma bola na palma da mão.

Sem dúvida, isso bastará para te proporcionar alegria!

“Activar o Autêntico” traça exaustivamente a transformação das coisas desde os seus fins até aos seus começos;

preenche e infunde a essência do Ser e do Não-Ser;
distingue e diferencia as transformações das miríades de coisas;
unifica e iguala as formas da vida e da morte.

Permite-te:
– saber descartar as coisas e regressar ao eu;
– investigar as distinções entre Humanidade e Retidão;
– compreender os padrões de identidade e de diferença;
– observar o fio condutor da Potência Suprema;
– conhecer os laços que ligam as mudanças e as transformações.

As suas explicações correspondem ao cerne do Mistério Profundo
e alcançam o conhecimento da mãe da criação e da transformação.

“Padrões Celestes” fornece os meios para:
– harmonizar o *qi* do yin e do yang,
– ordenar os brilhos do sol e da lua,
– regular as estações de abertura (primavera/verão) e de fecho (outono/inverno),
– registrar os movimentos dos astros e planetas,
– conhecer as variações dos seus movimentos retrógrados e diretos,
– evitar os infortúnios associados a proibições e tabus,
– seguir as respostas dos ciclos sazonais,
– e imitar a constância dos Cinco Deuses.

Permite-te possuir os meios para olhar para o alto, para o Céu,
manter aquilo que deve ser seguido,
e assim evitar perturbar as regularidades celestes.

“Formas Terrestres” fornece os meios para:
– abranger a extensão de norte a sul,
– alcançar a largura de este a oeste,
– examinar a topografia das montanhas e colinas,
– demarcar os cursos dos rios e vales,
– iluminar o senhor das miríades de seres,
– conhecer a multiplicidade das categorias de seres vivos,
– tabular a enumeração das montanhas e abismos,
– e traçar os caminhos próximos e distantes.

Permite-te circular de forma abrangente e preparar-te com exaustividade,
de modo que não te deixes agitar pelas coisas,
nem te perturbes perante estranhezas.

“Regras Sazonais” fornece os meios para:
– seguir, acima, as estações celestes,
– utilizar, abaixo, os recursos da Terra,
– determinar padrões e estabelecer correspondências,
– alinhando-os com as normas humanas.

Divide-se em doze secções que servem como modelos e guias.
Começando e recomeçando,
repetem-se sem fim,
adaptando-se, conformando-se, imitando e regulando
na previsão da boa ou má fortuna.
Tomar e dar, abrir e fechar — cada ação tem os seus dias proibidos;
emitir ordens e governar,
instruir e advertir segundo a estação.

[Ela] permite ao governante da humanidade conhecer os meios adequados para gerir os assuntos.

“Explorar as Obscuridades” fornece os meios para discorrer sobre:

– a Essência Suprema a penetrar os Nove Céus,
– a Subtileza Suprema a afundar-se no informe,
– a Pureza Imaculada a entrar na Claridade Suprema,
– e o Brilho Luminoso a atravessar a Escuridão Profunda.

21.3

Começa por
agarrar as coisas e deduzir as suas categorias,
observá-las, compreendê-las,
erguê-las e organizá-las,
posicionando-as amplamente como categorias de semelhança,
pelas quais as coisas podem ser entendidas como ideias
e visualizadas como formas.

Em seguida,
penetra diversas obstruções,
rompe bloqueios de variada natureza,
para guiar a tua consciência
e ligá-la ao Ilimitado.

Ilumina então
os estímulos das várias categorias de coisas,
as respostas do *qi* idêntico,
as uniões do yin e do yang,
e as complexidades das formas e das aparências.

É isto que te conduz a observar e discernir de modo vasto e profundo.

21.4 – “Espírito Quintessencial”

Fornece os meios para
rastrear até à fonte a raiz de onde surge a vida humana
e compreender aquilo que anima o corpo, a estrutura
e os nove orifícios do ser humano.

Tomando as suas imagens do Céu,
coordena e identifica o sangue e o *qi* humano
com os trovões e os relâmpagos, o vento e a chuva;
correlaciona e classifica as emoções humanas — alegria e ira —
com o amanhecer e o crepúsculo, o frio e o calor.

Julgando as distinções entre vida e morte,
distinguindo os traços da identidade e da diferença,
regulando o funcionamento do movimento e da quietude,
leva-te de volta ao Ancestral da natureza e do destino.

Permite-te:
– estimar e nutrir a essência e o espírito;
– pacificar e aquietar as almas etérea e terrestre;
– não te alterares por causa das coisas;
– fortalecer e preservar a morada do Vazio e do Não-Ser.

21.5 – “A Urdidura Fundamental”

Oferece os meios para
iluminar a Potência dos grandes sábios
e penetrar o Caminho da Origem Única.

Delineando e resumindo
a decadência progressiva das eras passadas até ao presente,
louva assim a prosperidade florescente das idades anteriores
e critica os governos corruptos dos tempos posteriores.

Permite-te:
– dispensar a acuidade da audição e da visão,
– silenciar as respostas e os movimentos da essência e do espírito,
– conter os pontos de vista efusivos e transitórios,
– moderar a harmonia na nutrição da natureza,
– distinguir a conduta dos Cinco Imperadores e dos Três Reis,
– estabelecer as diferenças entre o pequeno e o grande.

21.6 – “As Técnicas do Governante”

Diz respeito aos assuntos do soberano da humanidade.
Fornece os meios para adaptar tarefas aos indivíduos
e escrutinar as responsabilidades,
de modo a garantir que cada um dos inúmeros funcionários
exerça plenamente as suas capacidades.

Ilumina
como exercer autoridade e manejar os instrumentos do governo
e, assim, regular as multidões abaixo;
como fazer coincidir os títulos oficiais com o desempenho real
e investigá-los com os métodos dos "três e cinco" (isto é, múltiplas camadas de verificação).

Permite ao governante
compreender as técnicas e sustentar os princípios,
não agindo impulsivamente por alegria ou ira.

As suas técnicas
endireitam o torto e corrigem o desviado,
põem de lado o interesse pessoal e estabelecem o bem comum,
permitindo que os cem oficiais comuniquem de forma ordenada
e se reúnam em torno do governante como os raios de uma roda,
cada um dando o seu máximo na tarefa que lhe cabe,
enquanto o povo prospera nas suas realizações.

Tal é o brilho das técnicas do governante.

21.7 – “Preceitos Profundos”

Analisa e interpreta avaliações diversas sobre o Caminho e a sua Potência,
classifica e ordena as distinções entre Humanidade e Retidão,
resume e contrapõe os assuntos do reino humano,
trazendo-os em geral para a conformidade com a Potência da iluminação espiritual.

Propõe símiles e escolhe justaposições,
associando-os a analogias e ilustrações;
divide-os em partes e organiza-os em secções
para responder a máximas breves.

É isto que permite encontrar falhas em persuasões
e refutar argumentos, respondendo a provocações sem erro.

21.8 – “Integrar os Costumes”

Fornece os meios para
unificar as fraquezas e forças das várias criaturas vivas,
igualar os costumes e hábitos das nove tribos Yi,
compreender os discursos do passado e do presente,
e entrelaçar os padrões das miríades de coisas.

[Ela] regula e administra a adequação entre Ritual e Retidão
e delimita e traça os começos e fins dos assuntos humanos.

21.9 – “Respostas do Caminho”

Recolhe e reúne os vestígios dos assuntos antigos,
segue e examina os traços da antiguidade remota
e investiga as inversões da sorte e do azar, do benefício e do prejuízo.

Põe tudo à prova e verifica à luz das técnicas de Laozi e Zhuangzi,
ajustando os resultados às trajetórias do ganho e da perda.

21.10 – “Discursos Sem Limite”

Fornece os meios para
costurar os espaços das bainhas desgastadas,
tapar as falhas entre os dentes tortos e tagarelas.

Acolhe o que é direto e corrige o que é desviado,
para assim prolongar o Não-Talhado Original
e antecipar as alternâncias entre sucesso e fracasso,
benefício e prejuízo.

Permite-te:
– não te deixares submergir pelas vantagens do poder político,
– não te deixares seduzir e confundir pelas urgências dos assuntos,
– estar em harmonia com a constância e a mudança,
– discernir as alterações do tempo e das gerações,
– prolongar e ajustar [as tuas políticas] conforme as transformações.

21.11 – “Explicação dos Ditos”

Fornece os meios para
comparar, por analogia, os princípios dos assuntos humanos
e esclarecer, através de ilustrações, a substância da ordem e da desordem.

Classifica os significados ocultos dos ditos subtis,
explicando-os com expressões literárias que refletem os princípios supremos.

Deste modo, remenda e corrige
as lacunas resultantes de erros e omissões.

21.12 – “Uma Visão Geral do Militar”

Fornece os meios para esclarecer
as técnicas de batalha, vitória, assalto e conquista;
a força das formações e dos movimentos;
as variações do engano e da dissimulação,
incorporando o Caminho da Adaptação e da Conformidade
e sustentando a Teoria do Retraimento.

Permite-te saber que:
– se entrares em combate ou te lançares à luta fora do Caminho, não terás sucesso;

– se assaltares e conquistares ou edificares e defenderes contra a Potência Moral, não serás formidável.

Se compreenderes verdadeiramente o seu significado,
seja a avançar ou a recuar,
a mover-te à direita ou à esquerda,
não haverá lugar onde possas ser atacado ou posto em risco.

Toma como substância o apoio na força,
e como constante, a clareza e a quietude.
Evita o excesso e segue o vazio,
como quem conduz um rebanho de ovelhas.

Tais são os meios para tratar dos assuntos militares.

21.13 – “Uma Montanha de Persuasões” e “Uma Floresta de Persuasões”

Demonstram como
penetrar de forma hábil e elegante os bloqueios e obstruções de múltiplos assuntos,
e atravessar, de forma completa e minuciosa, as barreiras das miríades de coisas.

Propõem analogias e selecionam símiles,
distinguem categorias e diferenciam formas.

Deste modo:
– conduzem e ordenam a tua consciência,
– soltam e desfazem o que está atado,
– desembaraçam e desenrolam o que está enredado,
de modo a iluminar os limites dos assuntos.

21.14 – “Entre Outros”

Fornece os meios para
observar as mudanças entre boa e má fortuna,
discernir as reversões entre benefício e prejuízo,
diagnosticar os sintomas do sucesso e do fracasso,
e delimitar claramente os começos e os fins.

[Ela] distingue e separa as subtilezas dos cem assuntos,
revela e expõe os mecanismos da preservação e da perda,
permitindo-te compreender:

a má sorte como boa sorte,
a perda como ganho,
o sucesso como fracasso,
e o benefício como prejuízo.

21.15 – “Cultivar o Esforço”

Fornece os meios pelos quais aqueles
cuja entrada no Caminho não é profunda
e cuja compreensão da argumentação não é refinada
podem, ao observar estas expressões literárias, reorientar-se,
tomando a clareza e a pureza como constantes
e a brandura e serenidade como raízes.

Mas aqueles que
põem de lado os estudos com indolência e preguiça,
dão livre curso aos desejos
e se entregam aos sentimentos,
procurando apropriar-se do que não possuem,
serão impedidos de alcançar o Grande Caminho.

Agora,
os loucos não têm ansiedade,
e os sábios também não têm ansiedade.

Os sábios não têm ansiedade
porque harmonizam-se por meio da Potência;
os loucos não têm ansiedade
porque não conhecem a diferença entre o bem e o mal.

Assim, a não-ação
dos que compreendem plenamente o Caminho
e a não-ação dos que estão dele afastados
são semelhantes quanto ao estado de não-ação,
mas diferem quanto ao modo pelo qual são inativos.

Portanto, por eles, tudo o que podia ser ouvido foi tornado visível,
proclamado, divulgado e explicado,
de modo a inspirar os estudiosos a apropriarem-se diligentemente destes princípios.

21.16 – “A Linhagem Exaltada”

Percorre os oito extremos,
alcança as alturas supremas,
ilumina os três astros celestes acima,
e harmoniza a água e a terra abaixo.

Alinha o Caminho do passado e do presente,
organiza a hierarquia das relações e padrões humanos,
resume os princípios das miríades de regiões
e recondu-los a uma única raiz.

Deste modo,
ata a rede do Caminho do Governo
e tece a teia dos assuntos do Rei Verdadeiro.

[Em seguida,]
traça até à origem as técnicas da mente,
organiza o instinto e a natureza,
e assim
proporciona morada ao espírito da Clareza e da Equanimidade.
Esclarece e purifica a quintessência da iluminação espiritual,
unindo-se e fundindo-se com a harmonia do Céu.

Permite observar como os Cinco Imperadores e os Três Reis
abraçaram o *qi* celeste,
estimaram o Coração Celeste,
e compreenderam a centralidade e saborearam a harmonia.

Tendo a sua Potência Moral tomado forma no seu interior,
essa Potência
uniu o Céu e a Terra,
desencadeou e despertou o yin e o yang,
ordenou as quatro estações,
corrigiu as direções mutáveis,
pacificou os seres com a sua tranquilidade,
e estendeu-se através da sua eficácia.

Essa Potência Moral, então,
fundiu e moldou as miríades de seres,
sustentou e transformou as incontáveis formas de vida.
Cantando, harmonizavam-se;
movendo-se, acompanhavam-se;
de tal modo que todas as coisas dentro dos Quatro Mares, com um só coração,
ofereciam unanimemente a sua lealdade.

Assim:
apareceram estrelas auspiciosas,
chegaram ventos favoráveis,
o Dragão Amarelo desceu,
ninhos de fénix cobriram as árvores,
e o *qilin* demorou-se nos campos abertos.

Se a Potência Moral não tivesse tomado forma dentro deles,
ainda que as suas leis e tributos fossem aplicados,
e os seus regulamentos e medidas fossem seguidos com exclusividade,
os espíritos e divindades não lhes teriam respondido,
a boa fortuna e as bênçãos não teriam regressado até eles,
e as miríades de seres sob os Quatro Mares não se lhes teriam submetido,
nem os súbditos teriam sido transformados por eles.

Portanto:

A Potência Moral que toma forma interiormente
é o grande alicerce do governo.

Esta é a mensagem de **"A Linhagem Exaltada"** dos Profundamente Ilustres.

21.3

No seu todo, estes escritos interligados são o meio para focar-se no Caminho e remover os obstáculos, permitindo às gerações futuras saber o que é apropriado sustentar ou abandonar, e o que convém aprovar ou rejeitar.

Exteriormente, ao interagir com as coisas, não se deixarão confundir;
interiormente, possuirão os meios para albergar o espírito e nutrir o *qi*.

Viverão com tranquilidade e fundir-se-ão com a harmonia suprema,
regozijando-se com o que receberam do Céu e da Terra.

Por isso:

Se tivéssemos falado do Caminho ("Origem no Caminho")
sem iluminar começos e fins ("Ativar o Autêntico"),
não saberias os modelos a seguir.

Se falássemos de começos e fins
sem esclarecer Céu, Terra e as quatro estações ("Padrões Celestes", "Formas Terrestres" e "Regras Sazonais"),
não conhecerias os tabus a evitar.

Se falássemos do Céu, da Terra e das quatro estações
sem apresentar exemplos e explicar categorias,
não reconhecerias as subtilezas do *qi* Quintessencial ("Explorar as Obscuridades").

Se falássemos da Essência Suprema
sem rastrear até à fonte o *qi* espiritual dos seres humanos,
não conhecerias o mecanismo para nutrir a tua vitalidade ("Espírito Quintessencial").

Se rastreássemos as disposições genuínas do ser humano
sem falar da Potência dos grandes sábios,
não reconhecerias as imperfeições humanas associadas às Cinco Fases ("A Urdidura Fundamental").

Se tratássemos do Caminho dos Imperadores
sem abordar os assuntos do governante,
não saberias como distinguir o que é pequeno do que é grande ("As Técnicas do Governante").

Se abordássemos os assuntos do governante
sem fornecer preceitos e ilustrações,
não saberias quando agir e quando permanecer imóvel ("Preceitos Profundos").

Se falássemos de preceitos e ilustrações
sem tratar das transformações nos costumes,

não saberias como coordenar e igualar os seus princípios centrais (“Integrar os Costumes”).

Se discutíssemos alterações nos costumes
sem evocar os acontecimentos do passado,
não compreenderias as respostas do Caminho e da Potência (“Respostas do Caminho”).

Conhecer o Caminho e a Potência
sem conhecer as perversões da época
impedir-te-ia de adaptar-te aos múltiplos aspetos do mundo (“Discursos Sem Limite”).

Conhecer os “Discursos Sem Limite”
sem conhecer os “Ditos Explicados”,
impedir-te-ia de alcançar serenidade.

Compreender os escritos e composições
sem conhecer os princípios dos assuntos militares
impedir-te-ia de responder às tropas inimigas (“Uma Visão Geral do Militar”).

Conhecer grandes visões
sem conhecer analogias e ilustrações
impedir-te-ia de esclarecer os assuntos por meio do desenvolvimento (“Montanha de Persuasões” e “Floresta de Persuasões”).

Conhecer o Caminho Público
sem conhecer as relações interpessoais
impedir-te-ia de responder à boa e má fortuna (“Entre Outros”).

Conhecer as relações interpessoais
sem conhecer o esforço cultivado,
impedir-te-ia de inspirar os estudiosos a darem o seu máximo (“Cultivar o Esforço”).

Se desejares
encurtar forçadamente esta composição,
limitando-te a observar e resumir apenas os seus elementos essenciais,
sem percorrer os seus caminhos sinuosos nem penetrar nos seus domínios subtis,
isso não bastará para esgotar os significados do Caminho e da Potência.

Por isso, compusemos estes escritos em vinte capítulos.
Assim,
os padrões do Céu e da Terra são examinados a fundo,
os assuntos do mundo humano são plenamente tratados,
e o Caminho dos Imperadores e Reis Sábios é descrito em toda a sua extensão.

As discussões são,
por vezes, detalhadas, por vezes gerais,
por vezes subtis, por vezes evidentes.

Os princípios apresentados em cada capítulo são diferentes,
e cada um possui uma razão para ser expresso.

Ora, se falássemos exclusivamente do Caminho, não haveria nada que não estivesse contido nele.
Contudo, apenas os sábios são capazes de alcançar a sua raiz e, por ela, conhecer os ramos.

Hoje, os estudiosos carecem das capacidades dos sábios.
Se não lhes fornecermos explicações minuciosas,
passarão os seus dias a vaguear na escuridão e na obscuridade,
sem conhecer o grande despertar proporcionado por estas técnicas luminosas e brilhantes.

Agora, os trigramas “Qian” e “Kun” do *Yi Jing* bastam para compreender o Caminho e revelar os seus significados.
Com os oito trigramas, pode-se compreender o auspicioso e o inauspicioso, conhecer a boa e a má sorte.
Ainda assim, Fu Xi compôs as sessenta e quatro permutações (hexagramas),
e a casa de Zhou acrescentou seis linhas de texto a cada hexagrama.

Estes são os meios para:

rastrear até à origem e sondar o Caminho da Pureza e Clareza,
e alcançar e seguir o Ancestral das miríades de coisas.

O número das cinco notas não excede gong, shang, jue, zhi e yu. Contudo, não se pode tocá-las todas nas cinco cordas soltas de um *qin*. É necessário controlar e harmonizar as cordas finas e espessas; só então se pode produzir uma melodia.

Se apenas desenhares a cabeça de um dragão, quem o observar não saberá que animal é. Mas se lhe adicionares o corpo, não haverá dúvida quanto à sua identidade.

Assim:

Se as nossas referências ao “Caminho” fossem numerosas,
mas as referências às “coisas” fossem escassas;
se falássemos extensamente de “técnicas”,
mas de forma superficial sobre os “assuntos”,
e se isso se prolongasse por toda a obra,
ficaríamos sem palavras.

Quem quisesse estudar e firmemente construir sobre esta base, também se veria sem nada a dizer.

Ora,

as discussões sobre o Caminho são extraordinariamente profundas;
por isso escrevemos muitas composições sobre ele, para revelar as suas qualidades verdadeiras.

As miríades de coisas são imensamente numerosas;
por isso oferecemos amplas explicações, para comunicar o seu significado.

Ainda que estas composições sejam
complexas e extensas,
lentas e intrincadas,
entrelaçadas e numerosas,
longínquas e pausadas,

mantivemo-las e não as rejeitámos — para destilar e purificar os seus significados mais profundos,
de modo a que não sejam obscuras nem impenetráveis.

Embora os detritos e carcaças pútridas que flutuam nos rios Yangzi e Amarelo não possam ser contados, ainda assim é desses rios que se retira a água para os sacrifícios — porque os rios são vastos.

E embora uma taça de vinho possa ser doce, se nela cair uma mosca, mesmo os plebeus não a beberão — porque a taça é pequena.

Se compreenderes sinceramente os discursos destes vinte capítulos, poderás:

observar os seus padrões gerais e captar os seus fundamentos,
penetrar os Nove Campos,
atravessar os Dez Portões,
exteriorizar Céu e Terra,
e estender-te para além de montanhas e rios.

Percorrendo com leveza a extensão de uma única era,
governando e moldando as formas das Miríades de Coisas —
certamente será uma jornada notável!

Assim,

segurarás o sol e a lua sem te queimares,
ungirás as miríades de coisas sem te secares.
Quão vasto! Quão límpido!
Basta apenas ler isto!
Quão longe chega! Quão vasto!
Quão ilimitado!

Aqui podes vaguear livremente.

21.4

Na era do Rei Wen,
o tirano de Shang, Djou, tornou-se o Filho do Céu.

As taxas e tributos não tinham medida,
as execuções e matanças não tinham fim.
Djou entregava-se aos prazeres sensuais
e afogava-se em bebidas intoxicantes.

Dentro do seu palácio,
construiu um mercado público
e instituiu o castigo da trave ardente.

Desmembrou aquele que o censurou
e arrancou o feto de uma mulher grávida.

O mundo inteiro partilhava o mesmo juízo ao condená-lo.

Já o Rei Wen, com a bondade acumulada ao longo de quatro gerações, cultivou a Potência Moral e praticou a Retidão enquanto habitava a região de Qizhou. Embora o seu território não ultrapassasse cem *li* quadrados, dois terços do mundo lhe prestavam fidelidade.

Rei Wen esperava, através da humildade e brandura, conter os poderosos e violentos, livrar o mundo da brutalidade e purificá-lo da tirania e do saque — para assim estabelecer o Caminho Real.

Foi então que nasceram as **Estratégias do Grande Duque**.

O Rei Wen deixou a sua obra inacabada,
e o Rei Wu continuou os seus esforços.

Empregando as estratégias do Grande Duque,
mobilizou um pequeno destacamento de tropas,
e, pessoalmente, vestiu armadura e elmo
para castigar os ímpios e punir os injustos.

Derrotou as tropas inimigas em Muye
e ascendeu à posição de Filho do Céu.

Naquele tempo, o mundo ainda não estava pacificado,
e as terras dentro dos Quatro Mares ainda não estavam estabilizadas.

Contudo, o Rei Wu esperava que, iluminando a excecional Potência Moral do Rei Wen, pudesse inspirar os povos Yi e Di a virem prestar tributo com as suas riquezas. E como os mais distantes ainda não tinham chegado, o Rei Wu declarou três anos de luto e sepultou o Rei Wen numa câmara real, onde os seus restos aguardaram a vinda dos povos distantes.

Rei Wu reinou durante três anos e depois faleceu.
O seu filho, o Rei Cheng, ainda era criança, incapaz de assumir os assuntos do governo.

Cai Shu e Guan Shu apoiaram o Príncipe Lufu, herdeiro do tirano Djou, e quiseram fomentar uma rebelião.

O Duque de Zhou, no entanto, continuou a obra do Rei Wen.
Preservou o governo do Filho do Céu ao apoiar a casa de Zhou e assistir o Rei Cheng.

Temendo que, se o caminho da guerra não fosse cessado,
os ministros e súbditos colocassem o soberano em perigo, ele:

– retirou os cavalos de guerra para o Monte Hua,
– pastoreou os bois de guerra no Pomar de Pessegueiros,
– destruiu os tambores de guerra e partiu as baquetas,
– e, empunhando o símbolo de um ministro, apresentou-se em audiência,

apaziguando e estabilizando a casa real
e acalmando os Senhores da Terra.

21.5

Quando o Rei Cheng atingiu a maioridade e passou a cuidar dos assuntos do governo, o Duque de Zhou foi investido com o Estado de Lu, onde reformou os hábitos vigentes e transformou os costumes locais.

Confúcio,
cultivou o Caminho dos reis Cheng e Kang,
e transmitiu os ensinamentos do Duque de Zhou,
ensinando os seus setenta discípulos
e inspirando-os a envergar os trajes e chapéus oficiais
e a administrar os documentos e registos.

Assim nasceu o **ensinamento dos confucianos**.

Mestre Mo,
estudou a obra dos confucianos
e recebeu as técnicas de Confúcio.
No entanto, considerava:

– os seus rituais preocupantes e inadequados,
– os seus funerais luxuosos como um desperdício de recursos,
empobrecendo o povo,
– e os longos períodos de luto como prejudiciais à vida e obstáculos à ação.

Assim, Mestre Mo rejeitou o Caminho da dinastia Zhou
e adotou os regulamentos da dinastia Xia.

Na era de **Yu**,
quando o mundo foi assolado por uma grande cheia,
Yu, pessoalmente,
pegou em cesto e pá,
e colocando o povo em primeiro lugar,
dragou o rio Amarelo e canalizou os seus nove afluentes,
perfurou o rio Yangzi e abriu os seus nove canais,
escavou os cinco lagos e estabilizou os limites do Mar do Leste.

Naquele tempo,
como o calor ardente era implacável

e a humidade da inundação não era absorvida,
aqueles que morriam nas terras altas eram enterrados nas terras altas,
e aqueles que morriam nos pântanos eram enterrados nos pântanos.

Foi assim que nasceram:
a contenção nos gastos,
os funerais frugais
e os lutos breves.

Na era do **Duque Huan de Qi**,
o Filho do Céu estava enfraquecido e desonrado,
os Senhores da Terra eram violentos e agressivos.

As tribos do sul (*Yi*) e do norte (*Di*)
invadiam sucessivamente os Estados Centrais,
e a continuidade dos Estados Centrais
suspendia-se por um fio.

O território do reino de Qi
estava sustentado pelo mar a leste
e protegido pelo rio Amarelo a norte.

Embora o território fosse estreito
e os campos cultiváveis escassos,
o povo era muito inteligente e engenhoso.

O Duque Huan
estava aflito com as calamidades dos Estados Centrais
e amargurado pelas rebeliões das tribos Yi e Di.

Esperava que, preservando os reinos já extintos
e continuando as linhagens que haviam sido cortadas,
o prestígio do Filho do Céu fosse restaurado
e os esforços dos reis Wen e Wu fossem ampliados.

Assim nasceram os **escritos do Mestre Guan**.

O Duque Jing de Qi,
entregava-se à música e ao prazer no interior do palácio,
e aos cães e cavalos no exterior.

Quando caçava ou disparava, esquecia-se de regressar.
Quando buscava prazer sexual, fazia-o indiscriminadamente.
Construiu uma plataforma com uma câmara esplendorosa
e mandou fundir um grande sino.

Quando este era tocado na sala de audiências,
o som era tão estrondoso que todos os faisões fora das muralhas gritavam.

Num único momento de audiência matinal,
distribuía três mil *bushels* de grão em dádivas.
Liangqiu Ju e Zijia Kuai conduziam-no, um à esquerda e outro à direita.
Assim nasceram as admoestações do Mestre Yan.

Na decadência da era Zhou,
com os senhores dos seis Estados,

os desfiladeiros foram divididos,
os vales separados,
os rios repartidos,
e as montanhas parceladas.

Cada senhor
governava o seu próprio território
e defendia os seus domínios
se apropriando das alavancas do poder
e impondo os seus regulamentos.

Em baixo, não havia governadores regionais;
em cima, não havia Filho do Céu.

Lançavam campanhas militares violentas
nas suas lutas pelo poder,
e quem vencia tornava-se o mais honrado.

Eles
apoiavam-se em alianças entre Estados,
vinculavam-se por meio de importantes trocas,
dividiam talhas de compromisso,
e estabeleciam relações com regiões distantes.

Deste modo,
preservavam os seus principados
e mantinham os altares ancestrais.
Assim nasceram as Alianças Verticais e Horizontais,
bem como as Coligações de Curto e Longo Prazo.

Mestre Shen foi assistente do Marquês Zhaoxi de Han
quando o Estado de Han se separou do Estado de Jin.
As terras destes Estados eram áridas, e os seus súbditos hostis,
espremidos entre potências poderosas.

Os rituais antigos do Estado de Jin
ainda não tinham sido destruídos,
enquanto as novas leis do Estado de Han
eram repetidamente promulgadas.

Os éditos dos governantes anteriores
ainda não tinham sido revogados,

enquanto as ordens dos governantes posteriores
também continuavam a ser transmitidas.

Como o novo e o antigo se contradiziam,
e o anterior e o posterior se minavam mutuamente,
os vários funcionários do Estado de Han
entravam em conflito e confusão —
não sabiam que práticas adotar.

Assim nasceram os escritos sobre função e título.

Os costumes do reino de **Qin** eram gananciosos e lupinos,
forçados e violentos.
Desprezavam a Retidão e perseguiam o Lucro.
Embora pudessem intimidar através dos castigos,
não conseguiam transformar através da virtude.
Embora incentivassem através de recompensas,
não conseguiam refrear pelos apelos à reputação.

Protegido por precipícios e rodeado pelo rio Amarelo,
os quatro limites de Qin encontravam-se fortificados.

A terra era fértil e a topografia favorável,
o que permitiu a Qin acumular reservas
e multiplicar a sua riqueza.

Duque Xiao de Qin desejava devorar os Senhores da Terra
com a ferocidade de um tigre ou lobo.
Assim nasceram as leis de Shang Yang.

Neste livro da **casa Liu** (*isto é*, o *Huainanzi*),
observámos os fenómenos do Céu e da Terra,
penetrámos os debates do passado e do presente,
ponderámos os assuntos e estabelecemos regulamentos,
medimos as formas e aplicámos o que é apropriado,
rastreámos até à fonte o coração do Caminho e da sua Potência,
e unificámos os costumes dos **Três Reis**,
reunindo-os e fundindo-os.

No âmago do Mistério Profundo,
os movimentos infinitesimais da essência foram revelados.

Ao afastarmo-nos dos limites e fronteiras
e ao recorrermos ao puro e ao sereno,

fizemos com que:
– o mundo fosse unificado,
– as miríades de coisas fossem ordenadas,
– as alterações e transformações recebessem resposta,
– e as suas distinções e categorias fossem compreendidas.

Não seguimos um caminho traçado por uma única pegada,
nem aderimos a instruções vindas de uma só perspetiva,
nem nos deixámos prender ou acorrentar pelas coisas
ao ponto de não avançarmos nem nos adaptarmos à época.

Assim:

Coloca este livro nas circunstâncias mais estreitas — e nada o impedirá.
Estende-o ao mundo inteiro — e não deixará espaços vazios.